UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

BRENDON HUSLEY RIMUALDO RODRIGUES

PELAS VEREDAS DOS CRISTAIS DE ROCHA: AS REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO GARIMPEIRO DO ANTIGO NORTE GOIANO NA LITERATURA REGIONAL

GOIÂNIA
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

[ ] Dissertação [X] Tese [ ] Outro*:_____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Brendon Husley Rimualdo Rodrigues

3. Título do trabalho

PELAS VEREDAS DOS CRISTAIS DE ROCHA: AS REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO GARIMPEIRO DO ANTIGO NORTE GOIANO NA LITERATURA REGIONAL

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [ ] NÃO[1]

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:
a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.
Casos de embargo:
- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Documento assinado eletronicamente por **Marcos Antonio de Menezes**, **Usuário Externo**, em 12/03/2025, às 12:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

Documento assinado eletronicamente por **Brendon Husley Rimualdo Rodrigues**, **Discente**, em 14/03/2025, às 02:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5226684** e o código CRC **2ABDF115**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

BRENDON HUSLEY RIMUALDO RODRIGUES

PELAS VEREDAS DOS CRISTAIS DE ROCHA: AS REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO GARIMPEIRO DO ANTIGO NORTE GOIANO NA LITERATURA REGIONAL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás como requisito para a obtenção do título de Doutor em História

Área de Concentração: Culturas, Fronteiras e Identidades
Linha de Pesquisa: Poder, Sertão e Identidades

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio de Menezes

GOIÂNIA
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Rimualdo, Brendon Husley Rimualdo Rodrigues
Pelas veredas dos cristais de rocha [manuscrito] : as representações do sertão garimpeiro do antigo norte goiano na literatura regional / Brendon Husley Rimualdo Rodrigues . - 2025.
ccclxxxvi, 386 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio de Menezes.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2025.
Bibliografia.
Inclui siglas, mapas, fotografias, abreviaturas.

1. Sertão. 2. Garimpo norte goiano. 3. Literatura. 4. Representação. 5. Identidades. I. Menezes, Marco Antonio de, orient. II. Título.

CDU 94

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata nº **008/2025** da sessão de **Defesa** de **Tese** de **BRENDON HUSLEY RIMUALDO RODRIGUES**, que confere o título de **Doutor(a) em História**, na área de concentração em **Culturas, Fronteiras e Identidades**.

Ao/s **dez dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e cinco**, a partir da(s) **14h00min**, via **Videoconferência**, realizou-se a sessão pública de **Defesa de Tese** intitulada **"PELAS VEREDAS DOS CRISTAIS DE ROCHA: AS REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO GARIMPEIRO DO ANTIGO NORTE GOIANO NA LITERATURA REGIONAL"**. Os trabalhos foram instalados pela Presidente da banca, Professor(a) Doutor(a) **Marcos Antônio de Menezes (PPGH/UFG)**, com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor(a) Doutor(a) **Rildo Bento de Souza (PPGH/UFG)**, membro titular interno; Professor(a) Doutor(a) **João Alberto da Costa Pinto (PPGH/UFG)**, membro titular interno; Professor(a) Doutor(a) **Moisés Pereira da Silva (UFNT)**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **Maria Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro (PUC-Goiás)**, membro titular externo. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta, a fim de concluir o Julgamento da **Tese**, tendo sido(a) o(a) candidato(a) **aprovado(a)** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo(a) Professor(a) Doutor(a) **Marcos Antônio de Menezes**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **dez dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e cinco**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

Documento assinado eletronicamente por **Cristiano Pereira Alencar Arrais**, **Coordenador de Pós-Graduação**, em 10/03/2025, às 16:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

Documento assinado eletronicamente por **Marcos Antonio de Menezes**, **Usuário Externo**, em 10/03/2025, às 18:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

Documento assinado eletronicamente por **Joao Alberto Da Costa Pinto**, **Professor do Magistério Superior**, em 11/03/2025, às 07:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

Documento assinado eletronicamente por **Rildo Bento De Souza**, **Professor do Magistério Superior**, em 12/03/2025, às 15:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5156524** e o código CRC **05F4DC95**.

Ao ar que respiro e como a água que bebo, Neuza Rimualdo Silva, minha mãe, meu amor eterno. Teus braços são o porto seguro para a minha existência. E foram essenciais para a conclusão deste trabalho.

A meus antepassados, os Rimualdo, os Barbosas Nunes e Ribeiros Rodrigues, que ao longo da história triste desta República sofrida viveram à margem da sociedade. Eles estão ao meu lado me dando forças. Foi por meio de suas memórias que (re)encontrei o significado das minhas raízes e a consciência do meu presente.

A todos os trabalhadores e trabalhadoras, de todas as idades, homens, mulheres, crianças e idosos que passaram pelo setentrião goiano em sua luta tirânica contra os maiores males desta República: a fome e a miséria. São tantas lutas sem vitórias. São heróis anônimos desses Gerais.

AGRADECIMENTOS

Tenho dito que esta é uma das partes mais difíceis de todo trabalho científico: lembrar daqueles que fizeram e fazem parte da minha trajetória social e acadêmica. É um exercício tremendo — como dizem, é um garimpo ativo e melindroso.

Agradeço imensamente à Universidade Federal de Goiás (UFG) por me possibilitar chegar em um lugar onde jamais imaginei que pudesse estar, e ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), principalmente em um momento tão delicado de crise política no qual a Universidade tem sido sucateada.

Agradeço ao meu orientador, professor doutor Antônio Marcos Menezes, pessoa compreensiva que me ajudou bastante nesse percurso de discussões e pesquisas. Obrigado por tudo.

Minha gratidão aos professores do Programa de Pós-Graduação em História. Agradeço ao professor doutor Rildo Bento de Souza, que se tornou um grande amigo com o qual compartilhei leituras e experiências dentro e fora da academia. Ao professor doutor João Alberto da Costa Pinto que, grande professor e amigo, de um jeito todo particular, abriu um leque de possibilidades para se entender esse imenso Brasil.

Ao professor doutor Noé Freire Sandes, com carinho eterno, ao professor doutor Elias Nazareno. À professora doutora Heloisa Selma Fernandes Capel, pelo carinho e pela gentileza. Agradeço profundamente à professora doutora Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante, que me esclareceu, de maneira singela, dúvidas sobre o andar de uma pesquisa, acalmando meu coração. Todos se tornaram grandes amigos dentro e fora da academia.

Ao trabalho árduo e invisíveis dos técnicos e administrativos do PPGH: Margarida Costa, Cintila Garcia, Marcos Aurélio Neves e Jean Hardy.

Aos professores que se tornaram amigos ao longo de minha caminhada dentro e fora da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Eles me ensinaram a ter um olhar mais humano e sensível para questões de nossas vidas e me orientaram sobre os primeiros passos de pesquisa.

Agradeço a Arlete Ana Motter, e Olívia Macedo Miranda Cormineiro que me fizeram mergulhar em um mar de sensações, ao meu orientador de mestrado, Jean Carlos Rodrigues, que se tornou um amigo. Meu agradecimento a: Airton Sieben, Alex Ratts Braz Batista Vaz, Dernival Venâncio Ramos Júnior, Euclides Antunes de Medeiros, Kênia Goncalves Costa, Márcio Araújo de Melo, Luiza Helena Oliveira da Silva Mariseti Cristina Soares Lunckes. Marivaldo Cavalcante da Silva, Moisés Pereira da Silva, meu grande conterrâneo, Martha

Victor Vieira, Plábio Marcos Martins Desidério, Rejane Cleide Medeiros de Almeida, Rosária Helena Ruiz Nakashima, e Vasni de Almeida. Muitíssimo obrigado pelas orientações e pelo tempo que me foi dado.

A meus professores do ensino médio e parceiros que nunca deixaram de acreditar em mim e que eu jamais esquecerei: José Alberto Freire, Ângela Freire, José Wilton e José Lindomar Filho.

A meus amigos e minhas amigas de Goiânia e do curso de pós-graduação em História, que me ajudaram, segurando nas mãos um do outro, ouvindo e sendo ouvidos nos momentos de lamentações, ajudando nas pesquisas, proporcionando prazer, dividindo angústia, cultivando uma belíssima amizade.

À Manuela Cerqueira Martins, que nem mesmo Gustav Klimt ousaria representá-la em *O Beijo* — que no afago sutil de uma mão sensível tocou e escorreu sobre a rigidez de um semblante árido, e no corpo, sobre o corpo que estremeceu os alicerces do sensível e transfigurou as representações do mundo inteiro, germinou-se uma experiência ímpar — epifânica — a desvelar os sentimentos mais profundos do amor, esse afeto absoluto que jamais ousara ser sonhado. E repousa agora, na parede da memória, a persistência silenciosa de dois destinos que um dia se entrelaçaram, embora dissolvidos no abismo do presente lacerante –.

À cigana, bruxa, médica e humanitarista Mariana Morais — ser translúcida, alada como a pluma, mas de estofo pétreo, montanhoso, imune ao tempo — a vida, com seus labirintos exige-lhe a coragem.

Ao belíssimo casal que a vida me proporcionou com muito amor e carinho Ana Paula Profiro e Gustavo Reis; ao artista ideário e de coragem que o mestrado me deu a satisfação, Edimar Pereira Silva, o condutor que me proporcionou conhecer o bairro São Francisco em Goiânia-GO, tão falado; ao russo-foucaultiano das terras goianas, Ruan Lucas Marciano; ao imperador da província, Augusthus Luiz de Souza Barbosa; obrigado pelo carinho Lara Damiane e Júlio Cesar Kohler Damasceno Baron.

Ao irmão em vida e filósofo da calmaria, Gabriel Cruz Queiroz, cuja presença serena dissipava as tormentas da minha alma, e à sua companheira e cúmplice de silêncios e afetos, Natália Ribeiro, que os caminhos que trilham juntos floresçam em harmonia e sabedoria, como dois rios que se encontram sem jamais perderem a profundidade. Ofereço minha mais terna gratidão.

Ao roqueiro mais psicodélico da paz, Raphael Costa Pereira Primo; a Oslan Costa Ribeiro, amigo que acolheu minhas lamentações; ao grande e invejável intelectual Paulo Afonso dos Santos Tavares, sempre me salvando.

À minha família materna: meu bisavô, João Rosa Nunes, vulgo João Peteca (*in memoriam*) e minha bisavó, Maria Rosa Nunes (*in memoriam*). Aos meus avós Lourival Rimualdo Silva (*in memoriam*) e Maria Rimualdo Silva (*in memoriam*). A meus tios da relação materna que, por razões e circunstâncias da vida, não tiveram a oportunidade de estudar e muito menos de ingressar em uma universidade: Ismar Rimualdo Silva, Isael Rimualdo Silva (*in memoriam*), Isaildo Rimualdo Silva, Inclenilson Rimualdo Silva e Isaias Rimualdo Silva. À minha irmã, Sandra Maysa Silva. Ao meu padrasto Lourivan Valadares Cruz, homem que aprendi a respeitar.

A meus avós: Nilo Ribeiro Rodrigues (*in memoriam*), que sempre acreditou em mim e me proporcionou deleitosas leituras sobre o sertão e o garimpo, e Maria Josefa Ribeiro Rodrigues (*in memoriam*). Às minhas tias e aos meus tios paternos: Lucinele Ribeiro Rodrigues, Marilene Ribeiro Rodrigues, Rosilene Ribeiro Rodrigues, João Luís Ribeiro Rodrigues, Osvaldo Ribeiro Rodrigues, Francisco Ribeiro Rodrigues, Antônio Marcos Ribeiro Rodrigues, Pedro Ribeiro Rodrigues e José Wilson Ribeiro Rodrigues. À José Grigório Ribeiro Rodrigues.

Obrigado aos amigos de infância que fizeram e continuam fazendo parte da minha vida: Glilbson Barbosa, o meu mestre que sempre puxa minha orelha quando rogo por socorro; grande amigo Thiago Araújo, advogado receoso que às vezes me faz passar bastante raiva, mas sempre está comigo em momentos delicados de nossas vidas; Ruan Pablo, Ruan Felipe, Natalino (*in memoriam*), Jane Nascimento, Marcos Paulo Dias, Maysa Lucenna, Kárita Mendes, Leycinha Mendes, Eduardo Mendes, Jucyermes Almeida, Ronaldo Silva, meu grande amigo carteiro, e Hudson Francisco Saraiva, companheiro forte.

Agradeço imensamente, do fundo do meu coração, a Júnior Martins, que me cedeu espaço em sua chácara para a escrita deste trabalho e para incalculáveis encontros a fim de refletir acerca da vida. Obrigado por tudo o que tem feito por mim, por sempre acreditar nos meus passos.

Ao meu grande amigo, irmão, que plantou a semente das inquietações da vida estudantil. A você, meu estimado Océlio Nobre da Silva, obrigado por tudo, por ajudar a escrever neste momento mais uma página e a subir mais um degrau importante da minha vida. Sem seus conselhos eu jamais seria quem escreve hoje.

Eterna gratidão pelo carinho e pela simplicidade que habitam o coração do professor Sergio Abranches, cuja presença se fez luz e palavra acolhedora em cada gesto.

Brena Soares, grande mulher, negra e advogada, aguerrida, amiga para todos os momentos de minha vida. Obrigado pela amizade que o tempo fortificou, laços agora inquebrantáveis. Lutar? Sim, às vezes cair. Desistir? Jamais!

À ti, excelsa advogada Renata Ramos, dirijo minha perpétua gratidão — por teu ombro cúmplice, por cada lágrima partilhada, por cada riso ecoado na delicadeza dos instantes que a vida nos ofertou.

Ao meu querido amigo Maciano Silva, grande geógrafo da educação que me possibilita entender os meandros da vida.

José Cândido, filho do garimpo de cristal de rocha em Xambioá-TO. Seu vasto conhecimento sobre nossa realidade, misturando-se com nossas conversas e troca de leituras regionais, ajudaram-me por demais a compreender a realidade dialética do garimpo.

Aos nobres colegas do mestrado Juscelino Laurino, Wiris Orimar e Laison Duarte, que trago em meu peito.

Aos velhos companheiros de longas e deleitosas conversas sobre o existir da vida garimpeira na quitanda do Toim Gato. Foi nesse espaço que pude aprender muito sobre o sertanejo e o garimpeiro com seu irmão, senhor Dedê. Entre um gole de pinga e uma boa risada, reuniam-se os anciões da garimpeirama, como senhor Espedito, e os causos do garimpo se revelavam diante de nossos olhos.

Ao meu gigante amigo Ricardo Kotscho, pelo imenso respeito que tenho e cultivo de uma amizade mantida por décadas. A Eduardo Reina, jornalista de coragem. Ao senhor João Neri, conhecido como João Cego na cidade de Xambioá. Tive o imenso prazer de estar em sua residência com o senhor Raimundo Caboclo, proseando sobre o grande sertão do nortão goiano. Não posso deixar de agradecer imensamente aos pioneiros da cidade de Xambioá, senhor Nazaro Fernandes e dona Emília Fernandes. Do grande garimpeiro piauiense Antônio Martins, que me deu grandes aulas em sua residência sobre a vida garimpeira em Xambioá.

Agradeço, com a alma tocada pela gratidão, ao pastor e ex-chefe da Assembleia do Tocantins, Carlos Roberto Rocha — homem de honra serena, luz tranquila e carisma raro, que Deus me permitiu encontrar no caminho, assim como à sua companheira de fé e ternura, a pastora Aldaires Dias Soares Rocha. Gratidão eterna a minha missionária Marivalda.

Ao professor, deputado, amigo e quase pai, Issam Saado, vai minha reverência sincera, pela presença generosa que sempre me acompanhou na travessia. E nesta mesma estrada, onde tantos encontros se fizeram preciosos, reconheço os diálogos fecundos e os saberes

partilhados com o ex-governador Marcelo Miranda, vice-governador Laurez da Rocha Moreira — irmão de Juarez Moreira Filho, ambos filhos dos garimpos de Dueré — e o deputado Everaldo Barros, nascido nas barrancas do garimpo do Chiqueirão de Xambioá,

Nas minhas andanças, tenho muito a agradecer ao senhor Bento Barros, um sertanejo que mora em sua grande fazenda na Terra Nova, nos confins de Lizarda, divisa com o Maranhão. Ele foi garimpeiro e me contou, de maneira pedagógica, como os garimpeiros lidavam na busca dos diamantes em Gilbués no Piauí.

Ao sertanejo Thomaz Ribeiro de Oliveira (*in memoriam*), pelas histórias que viveu nos garimpos do Mato Grosso e outras vivências das quais ouviu falar pelo setentrião goiano, como as tramas com os inúmeros derramamentos de sangue na região do Jalapão, no município de Lizarda, a saga de amor e vingança que deixou marcas profundas nas memórias dos sujeitos por esses capoeirões.

A todos os colaboradores, professores e educadores da Escola da Zona Rural Ayrton Senna, em Lizarda, na qual ingressei como servidor efetivo no meu primeiro concurso como educador em uma região bastante distante e cheia de dificuldades: Albetiza Fonseca, Ana Luiza Ribeiro, Cleusimá Ferreira, Deuziano Quixabeira que me acolheu como um pai, Elizabeth Fonseca, Emerson Batista, Gildean Alves, Ednalva Torres, Magnólia Barros e Marcela Costa. Ao nobre enfermeiro Welisson Moreira, do povoado Alto Bonito, que me aceitou como irmão. À dona Inácia Moura Fonseca, a sertaneja que me acolheu como um filho. Aos meus colegas de concurso, Cleide Novaes, Daniel Lima, Bruna Reges e Ana Luzia Ribeiro e seu companheiro Guilherme Osmarini.

Enfim, meus singelos agradecimentos a todos os amigos e amigas, sertanejos e sertanejas com quem cruzei pelas incontáveis veredas do Tocantins, onde brotaram amizades profundas como raízes no cerrado; aos que ainda caminham sob o sol ardente e àqueles que já partiram para o plano espiritual, levo comigo suas memórias como estrelas que nunca se apagam — minha eterna gratidão.

“O cristal encandeou meus olhos e os dinheiros escorregavam entre os meus dedos feitos sabões”.
(Lourival Rimualdo Silva).

“Existem ventanias para organizar as folhas nos quintais. As ventanias são os ocorridos da vida. As folhas somos nós, e os quintais são nossas vidas”.
(Maria Rimualdo Silva)

“[...] O Tocantins tem belezas, é um paraíso natural
Com belo Jalapão, e a Ilha do Bananal
E a lagoa da Confusão, que é um cartão postal.

Está no meio do Brasil, é o centro geodésico
Sendo bem localizado, como ponto estratégico
E devido seus grandes rios, é grande potencial energético”.
(Cultura, Poesia e Tradução: versos do sertanejo Inácio de Loiola dos Santos, Xambioá)

“Os sertanejos [...] Admiremo-los como os pioneiros silenciosos, mas teimosos da verdadeira ‘marcha para o Oeste’”.
(Frei José Maria Audrin)

RESUMO

Em quatro décadas do século XX, entre 1940 e 1980, o norte goiano foi palco de intensa extração de cristal de rocha que (trans)formou o magma social desse imenso espaço geográfico. O sertão garimpeiro atraiu pessoas de vários estados brasileiros e do exterior que adentraram o centro-norte do Brasil embriagadas, embaladas pela louca e desenfreada busca da gema cobiçada. Com o romance *Dueré: pelos garimpos de cristal de rocha* (2020), Juarez Moreira Filho resgata as paisagens e as representações do sertão garimpeiro por meio de sua trama literária. Da mesma forma, evoca os substratos socioeconômicos e culturais dos sujeitos e das instituições presentes no "nortão goiano". O escritor fala como seria sua vida e a experiência de outros sujeitos com o sertão e com o garimpo de cristal. A exploração de cristal de rocha foi muito impactante na região, mas pouco ou quase nada sobre ela foi registrado em documentos oficiais ou em trabalhos acadêmicos. Nesta tese, problematizo as vivências e os costumes do sertão garimpeiro por meio da obra *Dueré*, que reúne traços de historicidade das práticas socioeconômicas e culturais relativas ao garimpo de cristal de rocha no antigo norte goiano, que atraiu milhares de pessoas, movidas loucamente pelos sonhos de enriquecimento fácil e fez germinar vilas, povoados e cidades. Para a produção desta tese, que enfatiza as representações do sertão garimpeiro, coletei informações e dizeres em diversas fontes: narrativas de pessoas que contaram experiências vividas e acontecimentos observados no sertão garimpeiro, livros, teses, artigos acadêmico-científicos, notícias publicadas em jornais e até fotografias. Dialoguei com muitos autores que discutem o tema que este trabalho se propôs a explorar e dos quais selecionei falas que contribuíram para reforçar os sentidos do meu discurso. Foram muitos os textos/discursos que se entrecruzaram no processo de construção desta tese, pontos de vista plurais sobre o mundo, notadamente sobre o garimpo e suas múltiplas facetas. Nesse exercício de interdiscursividade, reuni, entre muitos outros autores, Juarez Moreira Filho (2020, 2013, 2012, 2010, 2009), Júlio Paternostro (1945), José Maria Audrin (1963, 1946), Carmo Bernardes (2005), Eli Brasiliense (1977, 1964, 1960), Luís Sabóia Ribeiro (1959), Sálvio Dino (1981), Bernardo Guimarães (1951), Maria de Lourdes Janotti (1992), Euclides Antunes de Medeiros (2012) e Sandra Jatahy Pesavento (2014, 2001, 1999). A tese se configura como um estudo histórico, apoiado em contribuições da literatura, sobre o vasto sertão do antigo norte de Goiás (hoje Tocantins), com ênfase em aspectos históricos, sociais, políticos e econômicos que se imbricam a sistemas simbólicos que conferem sentido às identidades sertanejas e garimpeiras. Objetividade e subjetividade habitam o discurso desta tese, sustentado pelo encontro de uma linguagem histórica com uma linguagem literária. Essa mescla de história e literatura ofereceu -me argumentos para falar sobre os inúmeros elementos constituintes dos sistemas do vasto sertão goiano e principalmente sobre o garimpo de cristal de rocha. Foi nesse sertão garimpeiro que se construíram identidades plurais tocantinenses.

Palavras-chave: sertão, garimpo antigo norte goiano, literatura, representação, identidades.

ABSTRACT

Over four decades of the twentieth century, between 1940 and 1980, northern Goiás was the stage of intense rock crystal extraction, a process that (trans)formed the social fabric of this vast geographical region. The *sertão* of mining camps attracted individuals from various Brazilian states and abroad, who entered the central-northern territory of Brazil driven by the frenzied and unrestrained pursuit of the coveted gemstone. In the novel *Dueré: pelos garimpos de cristal de rocha* (2020), Juarez Moreira Filho revives the landscapes and representations of the mining *sertão* through his literary narrative. At the same time, he evokes the socioeconomic and cultural substrata of the subjects and institutions present in the "great northern Goiás." The author reflects on how his life and the experiences of others were shaped by the *sertão* and by the crystal mining enterprise. Although the exploitation of rock crystal left a profound mark on the region, little to no documentation about it exists in official records or academic research. In this dissertation, I problematize the lived experiences and customs of the mining *sertão* through the lens of *Dueré*, a work that brings together traces of the historicity of socioeconomic and cultural practices related to rock crystal mining in the former northern Goiás—an area that attracted thousands of people, wildly driven by dreams of easy wealth, and where villages, settlements, and cities came to life. To support the development of this dissertation, which emphasizes representations of the mining *sertão*, I gathered data and testimonies from diverse sources: narratives of people recounting lived experiences and witnessed events, books, dissertations, academic and scientific articles, newspaper reports, and even photographs. I engaged in dialogue with numerous authors whose work addresses the themes explored here, selecting excerpts that enriched and supported the meanings conveyed in my discourse. A multitude of texts and discourses intersected in the construction of this thesis, offering plural perspectives on the world, particularly on mining and its multifaceted dimensions. Through this exercise in interdiscursivity, I draw from, among others, the works of Juarez Moreira Filho (2020, 2013, 2012, 2010, 2009), Júlio Paternostro (1945), José Maria Audrin (1963, 1946), Carmo Bernardes (2005), Eli Brasiliense (1977, 1964, 1960), Luís Sabóia Ribeiro (1959), Sálvio Dino (1981), Bernardo Guimarães (1951), Maria de Lourdes Janotti (1992), Euclides Antunes de Medeiros (2012), and Sandra Jatahy Pesavento (2014, 2001, 1999). This dissertation is configured as a historical study, supported by literary contributions, of the vast *sertão* of the former northern Goiás (now the state of Tocantins), with an emphasis on the historical, social, political, and economic aspects that intertwine with symbolic systems which give meaning to *sertanejo* and mining identities. Objectivity and subjectivity coexist in the discourse of this

work, sustained by the convergence of historical and literary languages. This blending of history and literature provided me with the analytical tools to explore the multiple elements constituting the systems of the vast *sertão* of Goiás, and most notably, of the rock crystal mining context. It was within this mining *sertão* that plural Tocantins identities were constructed

Keywords: *sertão*, mining former northern Goiás, literature, representation, identities

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa dos garimpos de cristal de rocha no antigo norte goiano.....33

Figura 2 – Mapa dos garimpos de cristal de rocha no Tocantins.....34

Figura 3 – Fotografia da cidade de Xambioá em 1950.....238

Figura 4 – Fotografia que mostra a extração de minério da cidadã de Xambioá.....311

Figura 5 – Fotografia de um grupo de garimpeiros procurando cristal em Xambioá.....318

Figura 6 – Fotografia de garimpeiros na exploração de cristal dentro de barranco.....323

Figura 7 – Fotografia de garimpeiros comemorando o achado do cristal na cidade.....332

LISTA DE SIGLAS

Adesg	Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra
ATL	Academia Tocantinense de Letras
Esefego	Escola Superior de Educação Física de Goiás
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IHGG	Instituto Histórico e Geográfico de Goiás
Metago	Metais de Goiás S/A
PPGH	Programa de Pós-Graduação em História
PSD	Partido Social Democrático
PUC	Pontifícia Universidade Católica
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Tecnológica e Inovação
Seplan	Secretaria de Estado do Planejamento
SPI	Serviço de Proteção aos Índios
UCG	Universidade Católica de Goiás
UDN	União Democrática Nacional
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFNT	Universidade Federal do Norte do Tocantins
UIB	Universidade Internacional de Illes Balears
Unicef	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - O SERTÃO GARIMPEIRO FALADO POR MÚLTIPLAS VOZES.....16

CAPÍTULO 1 - ASPECTOS GEOGRÁFICOS E CULTURAIS DO SERTÃO GARIMPEIRO DO ANTIGO NORTE GOIANO.....42

1.1 Rios e chuvas no sertão: a dinâmica das águas 49

1.2 Variações climáticas: do calor sufocante à época das chuvas 60

1.3 Biodiversidade de fauna e flora 68

1.4 Misticismo, lendas e religiosidade 81

1.5 Da caça à economia do espichado.....93

1.6 Entre o couro e a borracha 102

1.7 O vaqueiro no sertão goiano.....112

1.8 Violência e banditismo: os jagunços e os pistoleiros.....122

1.9 Território de gente poderosa: os patrões da violência.....140

CAPÍTULO 2 - DUERÉ: UMA CIDADE MULTIFACETADA DO SERTÃO GARIMPEIRO EM (DES)ILUSÕES 156

2.1 A sedução do cristal de rocha.....163

2.2 Casarões para os ricos, casebres e ranchos para os pobres.....176

2.3 Uma cidade de lugares plurais, de sonhos e medos.....188

2.4 Política e coronelismo no sertão garimpeiro.....198

2.5 Machismo, prostituição e violência contra mulheres.....209

2.6 Na pólvora ou na ponta da faca: bares, bebedeiras e mortes.....225

2.7 Uma cidade entre dois mundos: o rural e o urbano.....237

2.8 Tristes finais: moléstias e enterros.....245

CAPÍTULO 3 - AS (DES)ILUSÕES NA OPULÊNCIA DA EXPLORAÇÃO DO CRISTAL DE ROCHA NO SERTÃO GARIMPEIRO.....262

3.1 Crianças e mulheres inseridas na cultura do sertão garimpeiro.....274

3.2 Intensificação da economia garimpeira.....283

3.3 A efervescência da extração de cristal.....293
3.4 Vida e trabalho negociados no garimpo de muitas escavações.....304
3.5 Barrancos e engenhocas rudimentares: os perigos nas catras.....314
3.6 Sonhos misturados num sertão de cristal e de fome.....324
3.7 Ganância, violência e ignorância.....338
3.8 Sorte e azar: da riqueza à indigência.....350
3.9 A decadência do garimpo de cristal.....362
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....377
REFERÊNCIAS.....387

INTRODUÇÃO
O SERTÃO GARIMPEIRO FALADO POR MÚLTIPLAS VOZES

Desde o início de minha caminhada, acadêmica em 2013, conversei com muitas pessoas — homens, mulheres, sertanejos e garimpeiros — ao percorrer alguns locais do antigo norte goiano (hoje Tocantins) nos quais houve garimpo de cristal, ouro e diamantes. E foram esses diálogos que me ajudaram a compreender com mais exatidão as relações sociais dentro do sertão e, mais especificamente, no garimpo. Não à toa, inseri no texto desta tese, notas de rodapé que contêm informações importantes e que completam "a bibliografia honesta, a citação exata" (Gay, 1990, p. 188) e precisa.

Essas notas acrescentam dados que contribuem para uma compreensão mais ampla de situações e conceitos extraídos das fontes teóricas e literárias consultadas e das conversas que tive com inúmeros sertanejos e garimpeiros. Também compõem o texto vários ditados populares da vida sertaneja e garimpeira. Essas expressões, muitas delas em linguagem metafórica, transmitem conhecimentos da cultura da região estudada, indicando valores, tradições e comportamentos. Lúcio Alcântara (2022) afirma que elas sintetizam dizeres adaptados a determinadas circunstâncias.

Das muitas conversas que me ajudaram a entender o universo do garimpo, memorizei aquelas que tive com meu avô, Nilo Ribeiro Rodrigues, que foi garimpeiro em Gilbués (Piauí), percorreu as garimpas do Mato Grosso em busca de ouro, mas só conseguiu pegar malária a qual lhes deixou sequelas até o fim de sua vida. Depois se tornou barbeiro e pequeno investidor de meia nos garimpos de Xambioá na busca de cristal.

Outro interlocutor importante foi meu outro avô, Lourival Rimualdo Silva, que saiu da seca de 1930 em Pernambuco em busca de água com uma metade de sua família. Atraído pelo rio Parnaíba e movido pelo sonho de riqueza, começou a garimpar diamantes. Depois foi para o Maranhão e lá trabalhou em fazendas de coronéis — políticos do estado. Também procurou ganhar a vida nos garimpos de cristal de Xambioá (Tocantins). Bamburrou várias vezes, mas foi mais um entre tantos que gastaram tudo da noite para o dia.

Quando meus avós se reuniam em rodas de bate-papo com seus amigos, recordavam os tempos das vivências garimpeiras, as dificuldades experimentadas e as façanhas para ganhar a vida, sempre proferindo adágios populares. Falavam sobre os achados de cristais, os tratamentos machistas com suas companheiras, a situação das mulheres, os namoros, as doenças, as violências, as mortes por causas naturais e os assassinatos que abalavam as

estruturas do sertão. Essas vivências se mesclavam com as do cotidiano sertanejo presentes nos Gerais.

Quando criança, por vezes me achei brincando e caindo com amigos nas velhas catras e barrancos dentro de uma antiga fazenda do senhor João Saraiva, um velho coronel e político conhecido na cidade de Xambioá e no estado. E na cidade, também percorríamos bairros com várias casas e comércios abandonados que lapidavam os cristais e crateras que no inverno ficavam alagadas, cheias de sapos cantando dia e noite.

No mesmo cenário, via pequenos casebres de taipas em cima dos buracos e nas encostas de morros, casinhas que evocavam a pobreza, mas sustentavam as esperanças de velhos e velhas garimpeiros(as) que persistiam em sonhar com a riqueza ou ao menos viver o resto de suas vidas em paz.

Na minha infância, achava engraçado e, ao mesmo tempo, ficava horrorizado com aquelas conversas travadas nas mesas de baralho, entre alguns goles de cachaça e gargalhadas escandalosas debaixo das árvores. Espantava-me com a riqueza de detalhes das narrativas, muitas entrelaçadas a sentimentos que vinham à tona ao reviver experiências do passado.

Confesso que muitas vezes não acreditava no que estava sendo contado sobre o garimpo de cristal. Revi todas essas experiências quando ingressei na universidade e tive acesso à literatura regional ao estudar o tema enquanto bolsista no PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Tecnológica e Inovação). Hoje tenho certeza de que aquelas memórias narradas eram reais.

Entre essas emaranhadas lembranças, posso afirmar que não sou filho do garimpo, mas sim neto dele, neto da pobreza, da desigualdade regional, social, econômica, de cor. Entendo agora, que “a história se faz presente para o historiador quando ele a estuda” (Gay, 1990, p. 85). Quando olho para o passado através das narrativas que me antecedem, percebo que não carrego apenas o sangue, mas também cicatrizes de um sertão profundo e complexo.

Venho construindo minha história de vida não no garimpo de cristal, mas nos bancos escolares. Concluí os ensinos fundamental e médio em escolas públicas e sou o primeiro neto das famílias Rimualdo Silva e Ribeiro Rodrigues, de Xambioá, a ingressar em uma universidade federal e a trilhar os caminhos do ensino superior em instituições públicas até chegar ao doutorado, sem abandonar as minhas raízes “sertanejas”, “cristalíferas” e “garimpeiras”.

Sou também o primeiro neto dos Rimualdo a prestar concurso em âmbito estadual e a ser efetivado como professor de história para trabalhar em um vilarejo chamado Alto Bonito, da cidade de Lizarda, região do Jalapão, no extremo leste do estado do Tocantins. O lugar fica

bem distante de centos urbanos e, nele, os aspectos econômicos e as relações sociais ainda se mostram como nos livros dos viajantes e religiosos dos séculos XIX e XX que estiveram por esse sertão. E eu ao adentrar por essas brenhas, me fez rever muitos conceitos deste trabalho.

Muito aprendi com minhas experiências como neto de garimpeiros e sertanejas negros e analfabetos, com a participação como ouvinte das conversas entre velhos garimpeiros que se reuniam embaixo dos pés de cajás na rua de suas residências, com os deleitosos bate-papos com garimpeiras e com muitas leituras e pesquisas que desenvolveram em mim uma ligação forte com o garimpo. Todo esse aprendizado me leva a constatar, assim como faz Peter Gay ao afirmar que:

> [...] as emoções secretas do historiador provocam amiúde uma cegueira parcial ou distorções involuntárias, mas [...] também podem proporcionar ao historiador uma visão clara de ações passadas, as quais não são entendidas por outros historiadores despreparados demais, indiferentes demais até para vê-las (Gay,1990, p. 179).

Reconheço que, por vezes, as emoções podem embaçar a visão do historiador, mas aprendi, ao longo de minha experiência, que enquanto pessoa e principalmente no ofício do historiador "não louva nem condena; procura apenas entender [...] por dentro, adotando critérios do período estudado" (Gay, 1990, p. 85). O historiador, ao adotar uma postura ética e sensível, aproxima passado e presente, permitindo que narrativas antes esquecidas ou invisibilizadas ganhem novo olhar e lugar.

Deste modo, considero que as memórias afetivas das conversas que eu ouvia atentamente quando criança no colo dos meus avós, as tramas literárias que interpretei e os documentos que li na minha caminhada de pesquisador me motivaram a estudar o grande sertão garimpeiro do antigo norte goiano. Foi nesse emaranhado de tramas que germinou minha curiosidade sobre os modos de vidas sertanejos e garimpeiros.

Para este trabalho, percorri instituições públicas, como o Arquivo Histórico de Goiás, o Museu das Bandeiras, o Museu Histórico e Cultural de Arraias, o Museu Cultural de Araguaína, o Departamento de Arquivos de História na Universidade Federal do Tocantins (UFT) dos campus de Palmas, Porto Nacional e Araguaína, em busca de fontes que pudessem me auxiliar na pesquisa, mas foi em vão.

As fontes que encontrei referentes ao antigo norte goiano faziam menção aos garimpos de ouro do século XVIII ou continham narrativas relacionadas somente ao imaginário do grande sertão do norte goiano com representações que fugiam da minha ossada. Na sede da prefeitura de Xambioá, denominada Palácio dos Cristais, passei longos meses verificando

arquivos e garimpando documentos com informações sobre as vivências garimpeiras. Foi uma tarefa nada fácil.

Encontrei algumas fotografias de suma importância dos tempos áureos da exploração de cristal que inseri e historicizei nesta tese. Nesse árduo garimpo de fontes, constatei que a tarefa do historiador "é uma empreitada sempre difícil" (Gay, 1990, p. 109), não obstante, afável, ainda mais quando se ver o trabalhando ganhando forma.

A falta de documentos, ditos oficiais por muitos historiadores, possibilitou-me abrir um espaço maior e mais profundo para a literatura no meu campo de pesquisa. Entrarem nele as narrativas de Juarez Moreira Filho, que se coloca ao lado de alguns nomes importantes da literatura regional, não apenas pela familiaridade e amizade que tinha com eles, mas porque a sua estética literária evoca elementos significativos a serem problematizados.

Selecionei, especialmente, as histórias que compõem os livros *Cristal de rocha: pelos garimpos de Dueré*, de Moreira Filho (2020), *Pium: nos garimpos de Goiás*, de Eli Brasiliense[1] (1960), *Caçadores de diamantes*, de Luís Sabóia Ribeiro (1959), e *Xambioá: paz e guerra*, de Carmo Bernardes[2] (2005). Narrativas que ajudem a compreende a vida dos garimpos no norte goiano.

A eles, juntaram-se obras de muitos outros autores citados nesta tese, como *Viagem ao interior do Brasil* (1942)**,** do britânico George Gardner, que esteve no Brasil e visitou a região goiana em meados da metade do século XIX; *Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste*

[1] Eli Brasiliense é considerado um dos mais importantes escritores goianos. Ouso dizer que foi o primeiro escritor do norte goiano (atual estado do Tocantins) no século XX. Nasceu em 1915 no município de Porto Nacional e morreu em 1998 na cidade de Goiânia. Suas obras revelam meandros do antigo norte goiano e muito do que foi conhecido sobre essa região veio de suas tramas, como *Bom Jesus do Pontal* (1954), *Uma sombra no fundo do rio* (1977), *Rio Turuna* (1964) e *Pium: nos garimpos de Goiás* (1960). Em *Chão Vermelho* (1993), o autor evidencia as relações do homem com o sertão goiano e o surgimento de Goiânia. São também de sua autoria o livro *Cidade sem sol e sem lua* (1977), as obras de cunho filosófico *A morte do homem eterno* (1971) *Um grão de mostarda* (1972) e o romance *O Perereca* (1973).

[2] Carmo Bernardes da Costa nasceu em Patos de Minas em 1915, mudou-se para Formoso (Goiás) em 1921 e em 1927 foi para Anápolis, vivendo no meio rural boa parte da sua vida e realizando atividades como carpinteiro, pedreiro, pintor e depois jornalista. A partir de 1959 trabalhou em vários órgãos do estado de Goiás. Após o golpe civil-militar de 1964, foi indiciado por subversão e se tornou alvo de Inquérito Policial Militar, o que o levou à clandestinidade, refugiando-se na Ilha do Bananal, onde trabalhou como guia turístico. Depois se tornou garimpeiro e faisqueiro na cidade de Xambioá (Goiás) no período de ebulição da Guerrilha do Araguaia. Foi a partir da experiência entre a guerrilha e o garimpo que ele produziu o livro de memórias *Xambioá*: *paz e guerra*, que foi publicado, a seu pedido, após a sua morte, pois ele tinha medo que, mesmo com a redemocratização, fosse perseguido e que isso resultasse em uma memória traumática por tudo o que passou. Essa sua trama foi de suma importância para historicizar alguns elementos do garimpo. Carmo Bernardes é autor de várias outras obras, como os livros de contos: *Vida mundo* (1966), *Regaça* (1972), *Areia branca* (1975), *Idas e vindas: contos e causos* (1977) e *A ressurreição de um caçador de gatos* (1997), e de crônicas: *Rememórias* (1968), *Rememórias II* (1969) e *Selva, bichos e gente* (2001). E também dos romances *Jurubatuba* (1994), *Nunila* (1984), *Memórias do vento* (1986) e *Santa Rita* (1995). Outros títulos de autoria de Carmo Bernardes são *Força da Nova*: *relembranças* (1981), *Quarto crescente: relembranças* (1986), *Jângala: complexo Araguaia* (1995) e *Quadra da cheia: textos de Goiás* (1995).

de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás (1984)**,** de autoria dos médicos Artur Neiva e Belisário Pena[3]; e *Viagem ao Tocantins* (1945), escrita pelo médico Júlio Paternostro.

Grande parte desses livros, embora tenha sido produzida anos – décadas – atrás, reúnem elementos ainda presentes em nossos dias. Apesar de, em muitos casos, esses autores manifestarem uma visão por vezes preconceituosa sobre a região, tentei extrair, das obras, elementos culturais que pudessem dizer sobre os sujeitos do sertão garimpeiro.

Foi uma leitura árdua, guiada pela tese de Walter Benjamin de que é preciso "escovar a história a contrapelo" (1987, p. 225) para enxergar nela os sujeitos subestimados, esquecidos ou desprezados, entendendo, como Benjamin que "o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história" (1987, p. 222).

No mais, a seleção dessas fontes remete às palavras do historiador Marc Bloch:

> Seria uma grande ilusão imaginar que a cada problema histórico corresponde um tipo único de documentos, específicos para tal emprego. Quanto mais a pesquisa [...] se esforça por atingir os fatos profundos, menos lhe é permitido esperar a luz a não ser dos raios convergentes de testemunhos muitos diversos em sua natureza (Bloch, 2001, p. 80).

De fato, à medida que a pesquisa foi se aprofundando, novas fontes surgiram para mostrar e lembrar que "a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele" (Bloch, 2001, p. 79) e esta pesquisa não foi diferente.

Tratei todas as informações que encontrei e todos os livros, artigos acadêmico-científicos, teses, dissertações e textos de jornais que li como "peixes na tábua do peixeiro", seguindo o conselho de Edward Hallett Carr, "o historiador deve reuni-los, depois levá-los para casa, cozinhá-los e então servi-los da maneira que o atrair melhor" (Carr, 1996, p. 13). E foi assim que fiz ao longo da minha trajetória e desta pesquisa.

Num trabalho de escavação de fontes literárias, encontrei obras de autores regionais, conhecidos por muitos como memorialistas, entre elas: *Breve história de Xambioá* (2006) de

[3] Partindo do Rio de Janeiro, amparados pelo Instituto Oswaldo Cruz, os médicos Artur Neiva e Belisário Pena estiveram no norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e norte e sul de Goiás em 1912, viajando durante nove meses e escrevendo um diário de viagem. Quatro anos depois, seus escritos foram publicados em um amplo documento, tendo um levantamento da fauna, flora, relações humanas, folclore, doenças, enfim, dos sertões, resultando no livro *Viagem cientítica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás* (1916).

Assis Fortes Sobrinho, *Setentrião goiano* (1990) de Othon Maranhão e *O golpe em Goiás: história de uma grande traição* (1965) de Mauro Borges.

Sobre esse gênero literário, é importante acentuar que ele sofre certo preconceito de pesquisadores que o consideram, pois, conforme Reverson Nascimento Paula e Maria Adaiza Lima Gomes, de um "saudosismo existente em sua escrita tornando suas memórias quase que mágicas e fantasiosas, muitas vezes idealizando um mundo visível entre seus olhos" (2014, p. 3).

Mesmo assim, aproximei-me da literatura memorialista porque os autores a ela dedicados estavam "diretamente ligados ao grupo social em que [...] estavam inseridos, à camada da população a que pertenciam e, principalmente, à maneira com que vivenciaram aqueles momentos" (Paula e Gomes, 2014, p. 3) e trazendo elementos significativos para a pesquisa.

Entendo, assim como que "ao narrar suas lembranças a partir do que viu e do que ouviu, moldando sua narrativa com o que aprendeu, entendeu e interpretou de toda sua vivência" (Silva, 2016, p. 11). O escritor memorialista fornece, nas entrelinhas, possibilidades de leitura que vão além das subjetividades e permitem ao historiador-pesquisador localizar as narrativas em determinados espaços e tempos que interessam à pesquisa que desenvolve.

Penso que cabe ao historiador, a partir "das hipóteses criadas e de um rigoroso método, analisar como estas subjetividades poderiam ser compreendidas e como poderiam contribuir para a compreensão do cotidiano estudado" (Paula e Gomes, 2014, p. 3). Foi nesse movimento que adotei obras de cunho memorialista como fontes para uma tese cuja proposta é explorar a discutir as dimensões sociais, culturais, políticas e econômicas do sertão garimpeiro do antigo norte goiano.

Em outra garimpagem, procurei fontes jornalísticas relevantes para minha investigação e as encontrei na Hemeroteca Digital do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG). Principalmente edições do jornal *Folha de Goiaz* ofereceram acréscimos importantes à investigação com reportagens que narravam o aparecimento do garimpo, o seu pulsar no antigo norte goiano e suas variações culturais.

Vale destacar que o texto jornalístico, que por muito tempo foi, segundo a historiadora Maria Helena Rolim Capelato, "considerado fonte suspeita e de pouca importância", hoje "é reconhecido como material de pesquisa valioso para o estudo de uma época" (1988, p. 13). A autora diz que o jornal como "documento não pode ser estudado isoladamente, mas em relação com outras fontes" (Capelato, 1988, p. 24). E foi dessa maneira que o usei como fonte para me auxiliar para compreender as vivências do sertão garimpeiro.

Do arquivo do senhor José Cândido, filho de João Cândido, que foi faisqueiro e garimpeiro, vieram fontes iconográficas (fotografias) que representam práticas relativas à exploração do cristal de rocha e que incorporei à tese. Esses documentos fotográficos revelam aspectos culturais e técnicos da extração artesanal dos cristais, possibilitando reflexões sobre a epistemologias do garimpeiro em relação com o sertão.

Considerando, o que destacou o historiador Boris Kossoy, que "a iconografia fotográfica, [pode] fornecer um amplo painel de informações visuais para a nossa melhor compreensão do passado em seus múltiplos aspectos" (2012, p. 30). Nesse mesmo ritmo, pode-se afirmar através das palavras de Peter Burke que "imagens, assim como textos e testemunhos orais, são uma forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular" (2017, p. 25).

É justamente esse argumento que defendo para incluir tais fontes na produção desta tese. Apesar de serem poucas às quais tive acesso, as fotografias trazem elementos da cultura do sertão garimpeiro e expressam as relações de poder problematizadas neste trabalho. As imagens representam algumas práticas cotidiano, usos dos corpos, e marcas de uma imensa e histórica desigualdade social no espaço garimpeiro.

A reunião de tantas relevantes fontes delineou os contornos discursivos desta tese. No meu discurso há vozes, como, que "podem ser infinitamente longínquas, anônimas, quase despersonalizadas [...] inapreensíveis, e vozes próximas que soam simultaneamente" (Bakhtin, 2003, p. 313). Todas dialogam e tecem polifonicamente o meu dizer, num jogo de vozes cruzadas, complementares, concorrentes concomitantes e contraditórias que me ajudam a falar sobre as representações do sertão garimpeiro que convulsionou o antigo norte goiano.

Em quatro décadas do século XX, entre 1940 e 1980, "o nortão goiano" foi palco de intensa extração de cristal de rocha que (trans)formou o magma social desse imenso espaço geográfico. O sertão garimpeiro atraiu pessoas de vários estados brasileiros e do exterior que adentraram o centro-norte do Brasil embriagadas, embaladas pela louca e desenfreada busca da gema cobiçada e da saída da pobreza que tanto lhes perturbavam.

A literatura regional, na qual se inserem obras do escritor e advogado Juarez Moreira Filho, a exemplo do livro *Cristal de rocha: pelos garimpos de Dueré* (2020), contribui para a compreensão desse processo exploratório, impregnado do cotidiano político, social, cultural e econômico do sertão garimpeiro. Autores desse gênero oferecem ricas representações do garimpo de cristal de rocha que são problematizadas neste trabalho. É importante destacar, usando as palavras de João Claudio Arendt, que o regionalismo desenvolve e faz:

> [...] elaborar representações de si e dos outros, afirmar certas particularidades, delimitar um território e definir relações com o meio ambiente. São comuns [...], a ritualização da história e os mitos fundadores, o culto aos heróis e a criação de monumentos e de lugares de memória. Da mesma forma, podem ser estabelecidas crenças comuns, estipuladas posições e papéis sociais, bem como identidades. (Arendt, 2014, p. 113)

Estou de total acordo, e mais, nesta tese que "o regionalismo literário, comporta-se [...] de forma programática e comprometida com determinadas regionalidades" (Arendt, 2015, p. 115), acentuando particularidades, como os costumes de uma época, a linguagem, os tipos humanos com seus laços sociais. Até mesmo estabelecendo um tipo de "relação telúrica com a terra" (Arendt, 2015, p. 115), o regionalismo literário ajuda a traçar elementos marcantes de exclusões, inclusões e negociações entre os jogos de poder.

A literatura regional, portanto, fala de e representa peculiaridades geográficas, personagens que compõem narrativas e que, na maioria das vezes, são apresentadas pelo autor por meio de casos reais. Ela "costuma qualificar uma região por meio da representação, de suas regionalidades" (Arendt, 2015, p. 115), e vários autores com os quais dialogo, notadamente Juarez Moreira Filho, de certa forma, fazem isso.

A partir de suas observações e memórias, eles evocam, pelas veredas da linguagem do mundo literário, o sertão garimpeiro, contribuindo com uma "íntima relação com os juízos historicamente emitidos acerca das próprias regiões, que costumam ser qualificadas, [...] às margens dos [...] acontecimentos históricos" (Arendt, 2015, p. 118). Sobre isso, o historiador Euclides Antunes de Medeiros acentua:

> Uma das características fundamentais da denominada Literatura Regional é a aspiração a um realismo, um compromisso com que o literato assume consigo mesmo e com a realidade onde está inserido. Dizendo de outra forma, um compromisso em expressar essa realidade, geralmente se valendo da memória, da história e da historiografia e nesse expressar conjuga os acontecimentos por ele acessado como um desejo de devir. É nessa interface entre o que foi e o desejo do que poderia vir a ser que atua o gênio criativo do literato (Medeiros, 2012, p. 67).

A literatura se vale de mecanismos epistemológicos que se relacionam com as demais formas elementares das representações sociais. É importante lembrar que a "literatura regional se relaciona com outros sistemas literários e se insere em uma trama maior da literatura nacional e, às vezes, transnacional" (Arendt, 2015, p. 121), abarcando as mais variadas formas e estilos literários.

Tramas regionalistas, como as de Moreira Filho, parecem ter um cordão umbilical que as liga com a literatura nacional, traçando um caminho de mão dupla. Por meio de seus

escritos, esse autor — filho de faisqueiro, político e pecuarista muito bem sucedido na cidade de Dueré[4] — apresenta um discurso que pode ser considerado coerente com suas experiências de vida quando fala sobre o garimpo no antigo norte goiano.

Nesse ponto é interessante falar um pouco sobre a vida do escritor Juarez Moreira Filho. Ele nasceu em 3 de julho de 1953 na cidade de Ribeiro Gonçalves, antiga vila chamada Remansinho, no sudoeste do estado do Piauí. Sua família adentrou uma das incontáveis veredas dos cristais do antigo norte goiano, hoje sudoeste do Tocantins, quando Juarez tinha apenas dois meses de vida.

Concluiu a primeira fase de estudos no colégio Álvaro de Melo, em Ceres, Goiás, e a segunda no Instituto Brigadeiro Eduardo Gomes em Goiânia. Terminou o ensino médio no Colégio Estadual Rui Barbosa, também em Goiânia. Gradou-se em educação física pela Escola Superior de Educação Física de Goiás (Esefego) e em direito pela Universidade Católica de Goiás (UCG) — hoje Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Goiás.

Diplomado pela Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (Adesg) em 1997 em Palmas, Tocantins, recebeu certificado de docência de doutorado em direito internacional público e privado pela Universidade Internacional de Illes Balears (UIB) na Espanha. É pós-graduado em literatura brasileira pela Universidade Candido Mendes do Rio de Janeiro.

Juarez Moreira Filho é membro fundador da Academia Tocantinense de Letras (ATL), na qual ocupa a cadeira número 4. Integra a Academia de Letras e Artes de Porto Nacional, Tocantins, e a União Brasileira de Escritores, Seção do Tocantins. Foi conselheiro de Cultura no estado do Tocantins por quatro vezes.

Publicou várias obras que fazem menção às suas vivências e memórias do antigo norte goiano, envolvendo vários aspectos geográficos e culturais: os romances *Infância e travessura de um sertanejo* (2009), *Oco do mundo* (2010) e *Cristal de rocha*: pelos garimpos de Dueré (2020); os livros de memórias *Mangaratiba:* peões. boiadas. tropas & bruacas (1994), *Rancho Alegre* (2012) e *Risos & lágrimas* (2004); as coletâneas de contos *Tipos de rua* (2011), *Tipos pitorescos* (2013) e *Tipos populares* (2017); a crônica *À sombra do Ipê* (2011); e as obras históricas biográficas *Perfil da Academia Tocantinense de Letras* (2005) e *Patronos da Academia Tocantinense de Letras* (2006), além de *Arte literária (*2024).

[4] A família de Juarez Moreira Filho tem forte influência política em Tocantins. Seu irmão, advogado Laurez da Rocha Moreira, foi vereador, deputado estadual, deputado federal, prefeito de Gurupi, e atualmente exerce o cargo de vice-governador do Tocantins.

Essas tramas se valem das memórias e como diz o sociólogo Stuart Hall, “em certos momentos históricos algumas pessoas têm mais poder de falar sobre determinados assuntos do que outros” (2016, p. 78) e parece ser este o caso de Moreira Filho. Ele começou a escrever seus livros numa época em que os debates em torno da formação do estado do Tocantins ganhavam efervescência e sua trama literária ajudou a construir sentidos paras as identidades tocantinenses.

Considerando o entendimento do filósofo Gaston Bachelard de que, “para confirmar cientificamente a verdade, é preciso confrontá-la com vários autores de diferentes pontos de vista” (1996, p. 14), busquei dialogar não apenas com Juarez Moreira Filho, mas com muitos autores como Eli Brasiliense e Carmo Bernardes, que discutem o tema que este trabalho se propôs a explorar e dos quais selecionei falas e tramas que contribuíram para reforçar os sentidos do meu discurso. Nessa direção, compartilho do seguinte entendimento de Hall:

> Os discursos são maneiras de se referir a um determinado tópico da prática ou sobre ele construir conhecimento: um conjunto [...] de ideias, imagens e práticas que suscitam variedades no falar, formas de conhecimento e condutas relacionada a um tema particular, atividade social ou lugar instrucional da sociedade. Essas formações discursivas, como assim são conhecidas, definem o que é ou não adequado em nosso enunciado sobre um determinado tema ou área de atividade social (Hall, 2016, p. 26).

Foram muitos os textos/discursos/linguagens/narrativas que se entrecruzaram no processo de construção desta tese, pontos de vista plurais sobre o mundo, notadamente sobre o garimpo e suas múltiplas facetas. Nesse exercício de interdiscursividade, reuni um grupo de autores que me ajudaram a elaborar o meu discurso, que se pode comparar a uma colcha de retalhos. Carmén Agustini, explica essa analogia:

> Comparando-os, posso perceber que o dizer resulta de recortes do interdiscurso (memória do dizer) que o sujeito-falante, imbuído histórica e ideologicamente por um lugar de significação, (re)corta e costura. Em alguns pontos da colcha, o acabamento perfeito não permite visualizar os arremates, mas há outros lugares em que os arremates são visíveis (dobras interdiscursivas). Os arremates não são, portanto, acidentes do/no tecido. São processos interdiscursivos próprios do funcionamento do dizer. São tecidos interdiscursivos que se torcem [...] e se dobram no processo de confecção da colcha. A unidade da colcha reside, por conseguinte, no sistema que torna possível e que rege a colcha. Essa analogia dizer-colcha me permite compreender e explicitar que todo dizer se constrói por um retorno constante a outros dizeres presentes no interdiscurso (Agustini, 2000, p. 15).

A autora utiliza a metáfora da colcha de retalhos para explicar como o dizer, o narrado, é construído dentro do interdiscurso. Ele é entendido como uma memória do dizer, um imenso tecido de anúncios, vivências anteriores que permeiam e sustentam toda a narrativa —

inclusive deste trabalho. O sujeito-falante, ao (re)produzir o seu discurso, não faz do zero, mas sim de um (re)corte, uma costura, que lhe oferece novos arranjos, meios de vivência.

O que quero dizer é que esta tese foi composta a partir da organização e da articulação de recortes narrativos e descritivos, de fragmentos textuais intencionalmente selecionados que atravessam o meu discurso e lhe dão conteúdo e significado. Não obstante, é importante lembrar que o interdiscurso ou a memória discursiva seria, de acordo com Michel Pêcheux,

> [...] aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem reestabelecer os implícitos (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição legível em relação ao próprio legível (Pêcheux, 1999, p. 52).

Em outras palavras, é o dizível que circula na sociedade, o tecido de já-ditos que sustenta todo dizer. Assim, a leitura e a própria tessitura do texto não fluem de modo isolado, mas dentro de um contexto, de uma vivência já construída. O que ele chama de "acontecimento a ler" faz do texto um feito que se apresenta ao leitor como algo a ser desvendado. Mas, para que isso aconteça, é preciso (re)tecer os implícitos que lhe dão sustentação.

E para a produção desta tese, coletei informações e dizeres em diversas fontes: narrativas de pessoas que contaram experiências vividas e acontecimentos observados no sertão garimpeiro do antigo norte goiano, livros, teses, artigos acadêmico-científicos, notícias publicadas em jornais impressos e até em fotografias.

Esta tese se configura como um estudo histórico, apoiado em contribuições da literatura, sobre o vasto sertão do antigo norte de Goiás (hoje Tocantins), com ênfase em aspectos históricos, sociais, políticos e econômicos que se imbricam a sistemas simbólicos que conferem sentido às identidades sertanejas e garimpeiras.

Essa mescla de história e literatura me ofereceu argumentos para falar sobre os inúmeros elementos constituintes dos sistemas do vasto sertão goiano e principalmente sobre o garimpo de cristal de rocha. Essa foi a forma que encontrei, seguindo a recomendação de Katlyn Woodward, para "compreender os significados envolvidos nesses sistemas" (2014, p. 17).

Assumindo que, nessas problematizações que "todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é o incluído e quem é o excluído" e que "a cultura molda a identidade ao dar sentido à

experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade" (Woodward, 2014, p. 19).

Objetividade e subjetividade habitam o discurso desta tese, sustentado pelo encontro de uma linguagem histórica com uma linguagem literária que "carrega alguma semelhança à coisa do real ou parece com ela de alguma forma" (Hall, 2016, p. 39). Procuro, na interlocução com diversos autores, compor uma narrativa portadora de representações e significados.

Nesse ponto, compartilho do entendimento de que "o ponto de intersecção mais sensível entre a história, a literatura e a sociedade estão concentradas evidentemente na figura do escritor" (Sevcenko, 2003, p. 244), porque o literato tem um ponto receptível donde ele "vê a vida com uma compreensão abrangente ou com um olho sensível; identifica-se empaticamente com diversas condições e abarca o dilema da vida" (Gay, 1990, p. 174).

E foi por meio da literatura que autores como Juarez Moreira Filho, com esse olhar sensível, exploraram o que Raymond Williams, em *Marxismo e literatura* (1979), chama de estruturas de sentimentos, que "podem ser definidas como experiências sociais em solução, distintas de outras formações semânticas sociais que foram precipitadas e existem de forma mais evidente e imediata" (1979, p. 134).

Essas estruturas de sentimentos, permeadas de várias experiências, as quais envolvem "todas as complexibilidades conhecidas, as tensões experimentadas, desvios e incertezas, as formas intricadas da desigualdade e confusão" (Williams, 1979, p. 132). Esse magma existencial, sentimental e social está embutido na estética e na forma da arte literária.

Em acréscimo a essa cosmovisão, de que "o conjunto de valores e características cristalizado como típico de um determinado grupo, também pode ser compreendido como uma estrutura de sentimento" (Soares, 2012, p. 98). Todos esses elementos se associam no processo de representação do multifacetado universo do sertão garimpeiro, ligado ao imaginário da literatura regional.

Isso sem esquecer, que "a história não é a relojoaria ou a marcenaria. É um esforço para conhecer melhor: por conseguinte, uma coisa em movimento" (Bloch, 2001, p. 46), e que pesquisar implica considerar, "as questões, as problematizações, as indagações, as dúvidas, as hipóteses, e [...] elas são históricas, datadas, fruto de uma condição de possibilidade que não se repete" (Lopes, 2012, p. 110).

Todos esses elementos pautaram meu esforço da pesquisa acerca das representações e significados do sertão garimpeiro presentes nas metamorfoses de um garimpo repleto de tensões, negociações, harmonias, riquezas, pobrezas, dores, e felicidades, ou seja, tudo que

envolvem as complexibilidades humanas. Ao problematizar o cenário nas mais variadas narrativas que entrelaçam o sujeito em seu mundo particular e social, revelando formas diversas de resistência e adaptação diante da diversidade e principalmente das identidades.

Elegi a literatura como fonte primordial de meu estudo porque entendo que ela é permeada dessa estrutura de sentimentos e de estilo, sendo, portanto, como afirma Antônio Cândido, "um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre [...] na medida em que ela descreve os modos de vida e interesses de tal classe ou grupo" (2006, p. 28-29). No entendimento do autor, a trama literária é:

> [...] uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade. Gratuidade tanto do criador, no momento de conceber e executar, quanto do receptor, no momento de sentir e apreciar (Cândido, 2006, p. 62).

Há que se admitir, como que "vezes há, naturalmente, em que a ficção toma algumas das responsabilidades da história" (Gay, 1990, p. 173) e que o historiador, ao buscar rastros da história na literatura, cria suas hipóteses, possibilidades de interpretação ou seja, desenvolve sua trama histórica. E também levar em consideração de que "a beleza do estilo do historiador, sem medo de negar sua cientificidade" (Chiappini, 2000, p. 27) nas múltiplas variações de sua escrita.

A crítica literária Ligia Chiappini assevera que literatura e história "se associam frequentemente, com pequenas variações" (2000, p. 20), sendo estas detectadas na narrativa e no método (Pesavento, 2014). Contudo, é fundamental que, mesmo tendo, nas palavras de Carlo Ginzburg, "um profundo respeito pelas crenças, pelos sentimentos" (2007, p. 281), ou seja, pela cosmovisão que se encontra na trama literária, em seu bojo "termos como 'ficção' ou 'possibilidade' não devem induzir a erro" (Ginzburg, 2007, p. 333). O historiador argumenta:

> A questão da prova permanece mais que nunca no cerne da pesquisa histórica, mas seu estatuto é inevitavelmente modificado no momento em que são enfrentados temas diferentes em relação ao passado, com a ajuda de uma documentação que também é diferente. [...] Hoje, ao contrário, o entrelaçamento de verdades e possibilidades, assim como a discussão de hipóteses de pesquisa contrastantes, em alternância com páginas de evocação histórica, não desconcertam mais (Ginzburg, 2007, p. 333-334).

No exercício de pesquisador, elaboro meu discurso entrelaçando tramas – verdades – e possibilidades interpretativas a fim de "relacionar, pôr em contato, entrelaçar linhas de

diferentes cores, eventos de diferentes características, para que se tenha um desenho bem ordenado no final" (Albuquerque Júnior, 2019, p. 37).

Produzo uma tecitura a partir de "diferentes formas de dizer o mundo, que guardam distintas aproximações com o real. [...] participam da criação do mundo como narrativas que falam do acontecido e do não acontecido, tento a realidade como referência a confirmar, a negar, a ultrapassar, a deformar" (Pesavento, 2014, p. 80).

E nesta mesma senda, devo concordar com Marc Bloch quando ele diz que a história "têm por objetivo o espírito humano, [...] sob a forma embrionária da narrativa, de há muito apinhada de ficções, há mais tempo ainda colada aos acontecimentos mais imediatamente apreensíveis, ela permanece, como empreendimento racional de análise" (2001, p. 47). Defendo minha imersão na literatura, e reconhecendo de que "a história é uma arte durante boa parte do tempo, e é uma arte por ser um ramo da literatura" (Gay, 1990, p. 168).

A relação entre história e literatura permitiu-me compreender o imaginário sociocultural, as histórias individuais e coletivas que podem ser representadas e, sobretudo, historicizadas no contexto do sertão garimpeiro. Por meio das representações literárias, é possível captar e historicizar as sensibilidades, os valores e os conflitos que moldaram os sujeitos desse vasto espaço. Desse modo, a literatura torna-se não apenas uma forma de expressão artística, mas também um documento fértil para a análise histórica do grande sertão garimpeiro.

Nesse sentido, a literatura deve ser tomada "como fonte e documento, enquanto expressão de uma representação coletiva de uma época determinada, mas também enquanto algo mais, que ultrapassa o documento e a faz antecipar o caráter problemático do real" (Chiappini, 2000, p. 24). Para a autora, "a literatura seria, assim, uma forma de conhecimento que nos ensinaria a ler o real" (Chiappini, 2000, p. 24).

É dessa forma que a literatura se torna uma primorosa fonte de pesquisa e, nessa direção, é preciso "reconhecer a força reveladora da perfeição estética na obra literária" (Chiappini, 2000, p. 27) como portadora de elementos significativos a serem pesquisados, pois, "os discursos literários e históricos são formas diferentes de dizer o real. Ambos são representações construídas sobre o mundo e que traduzem sentidos e significados inscritos no tempo" (Pesavento, 2006, p. 21).

O tempo de meu trabalho é aquele vivido entre 1940 e 1980 no antigo norte goiano por pessoas de diferentes classes sociais, com distintas condições econômicas, ocupadas com múltiplas atividades sertanejas e garimpeiras, incluídas na literatura regionalista — todas elas fornecedoras de informações que "outras fontes não fornecerão" (Pesavento, 2014, p. 82).

Neste sentido, o imaginário social está embutido na íris da representação literária, e neste sentido, é importante compreender que:

> [...] o imaginário é histórico e datado, ou seja, em cada época os homens constroem representações para conferir sentido ao real. Essa construção de sentido é ampla, uma vez que se expressa por palavras/discursos/sons, por imagens. [...]. O imaginário comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores, é construtor de identidades e exclusões, hierarquiza, divide e aponta semelhanças e diferenças no social (Pesavento, 2014, p. 43).

Assim, a narrativa literária (literatura) se torna uma fonte com potencial – importante – para problematizar os Gerais do sertão garimpeiro com suas inúmeras vivências, essências e práticas sociais, culturais, políticas e econômicas. Ainda mais quando se entende e considera que a "literatura e história são narrativas que têm o real como referente para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão ou ainda para ultrapassá-lo. Como narrativas, são representações que se referem à vida e que a explicam" (Pesavento, 2006, p. 14).

Portanto, as obras de autores com os quais dialogo, principalmente Juarez Moreira Filho, configuram-se como fontes relevantes para historicizar as complexas e muitas vezes conflitantes tramas vividas no sertão garimpeiro. Estabeleci com esses autores um diálogo que se construiu do modo "interdiscursivo das formas de conhecimento sobre o mundo, onde a história pergunta e a literatura responde" (Pesavento, 2006, p. 20). Importa, então, como ressalta Nicolau Sevcenko, considerar:

> [...] o potencial da criação literária como documento, não apenas como análise das referências esporádicas e episódios históricos ou do estudo profundo de seus processos de construção formal, mas uma instância complexa, repleta das mais variadas significações e que incorpora a história e todos os seus aspectos, específicos ou gerais, formais ou temáticos, reprodutivos ou criativos, de consumo ou produção (Sevcenko, 2003, p. 299).

A criação da arte literária revela-se, portanto, como uma gama de possibilidades do real para que, assim, seja problematizada, sentida e acessada por toda uma sociedade. Afinal de contas, lembra João Guimarães Rosa, "o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia" (2019, p. 85). Essa travessia é a trama literária. Dentro de sua íris literária, pode incorporar várias formas elementares das epistemologias humanas, sobretudo, aqui, o sertão garimpeiro.

E para ler esse real, a literatura abarca o imaginário e o histórico. Há que se considerar que "em cada época os homens constroem representações para conferir o sentido ao real. Essa

construção de sentido é ampla, uma vez que se expressa por palavras, [...] sons, por imagens, [...] materialidades e por práticas" (Pesavento, 2014, p. 34). A literatura torna-se um espelho duplo, a qual revela e ao mesmo tempo representa todo um complexo existencial humano que atravessou as vidas do sertão garimpeiro. Ela cria camadas de significação que conectam o passado e o presente (re)configurando a experiência humana em sua mais sensível linguagem do real.

A realidade, "não é uma pura materialidade que carregaria em si mesma um sentido a ser revelado ou descoberto, a realidade além de empírica é simbólica, ela é produto da dotação de sentido trazida pelas várias formas de representação" (Albuquerque Júnior, 2019, p. 24).

Nas diversas formas de evocar as problemáticas humanas, as "obras literárias [são] como sistema de valores [...] com horizontes [..] entre [...] o discurso historiográfico cujas as fronteiras com a literatura e com a antropologia frequentemente se confundem" (Chiappini, 2000, p. 19).

Portanto, a de se comungar que "a literatura se presta como um índice admirável e em certos momentos mesmo privilegiado para o estudo da história social" (Sevcenko, 2003, p. 22), o que nos interessa na medida em que literatura e história se encontram para estudar o sertão garimpeiro, seus simbolismos e suas representações — aqui entendidas, na visão como "parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura" (Hall, 2016, p. 31).

Importante entendermos, que "a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos [...]. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentidos à [...] experiência" (Woodward, 2014, p. 17-18). E, nesta tese, trato exatamente das representações e da construção de sentidos/significados que envolvem o sertão garimpeiro do antigo norte goiano.

Mas "afinal, o que é o sertão?" (1998, p. 57). A pergunta, feita por Nísia Trindade Lima (1998), conduz a uma reflexão acerca do que se entende por sertão. Por muito tempo, ele foi, nas palavras de Moura Lima, "caracterizado pelo atraso, pelo abandono e, naturalmente, pela doença" (1998, p. 86). Essa visão estigmatizada foi consolidada ao longo do tempo com representações negativas, alimentadas por vários discursos, eurocêntricos, econômicos, políticos, na maioria todos excludentes.

Essa visão estigmatizada do sertão foi desenvolvida principalmente por olhares estrangeiros que estiveram por essas brenhas, por estar ele longe das metrópoles e do litoral. Mas o sertão que chamamos de antigo norte goiano não estava atrasado, porque, a região "se

povoou e se organizou durante o século XIX seguindo seu próprio ritmo" (Palacín, 1990, p. 19), dentro de suas esferas econômicas, culturais e políticas.

Definir o sertão é uma tarefa árdua e quase impossível de se fazer, pois, "na sociedade brasileira há vários sertões" (Sena, 2014, p. 41). Temos os sertões que, na visão do padre dominicano José Maria. Audrin, "aparecem-nos como um vasto mostruário, ou antes como um relicário nacional" (1963, p. 6). Cada, sertão carrega em sim pluralidade de práticas culturais, que se transformam com o tempo e com o espaço.

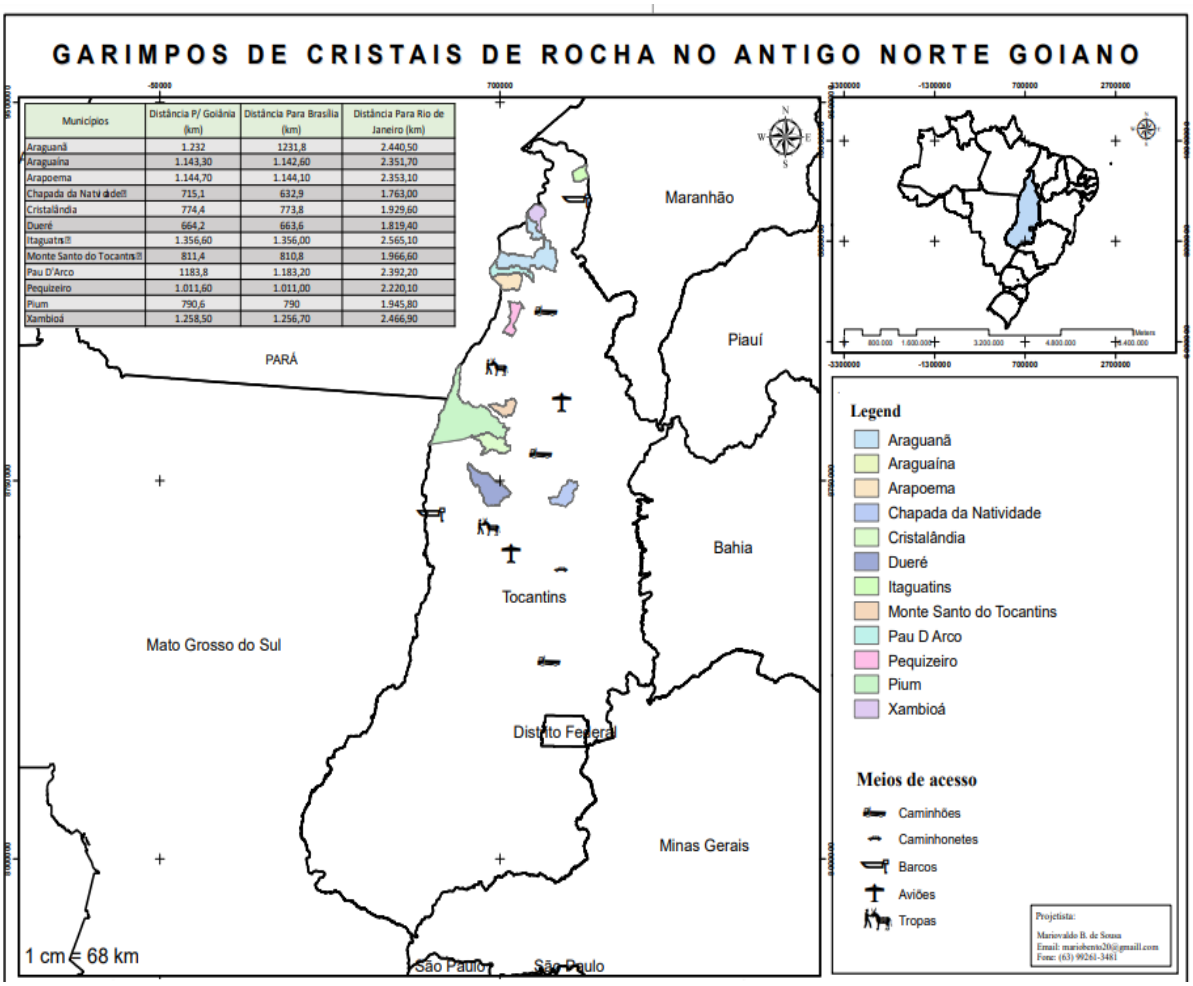
O sertão na sua composição se faz um espaço simbólico repleto de memórias ressoa em lutas e (re)invenções cotidianas. Por essa razão, compreendo o sertão aqui como uma categoria que envolvem gamas de sentidos humanos e representações que misturam dimensões das epistemologias; sociológicas, culturais, geográficas, históricas, antropológicas, políticas, médicas e econômicas.

Nesses vários sertões existem incontáveis particularidades geoespaciais e de condutas humanas — de "tantos nomes" (Rosa, 2019, p. 51) — de lugares, de pessoas, de lendas. Penso especificamente o antigo sertão goiano como, um "espaço simbólico, cujos contornos geográficos seriam de difícil delimitação" (Lima, 1998, p. 44). Portanto, neste trabalho, esforço-me para tentar defini-lo.

Falo e descrevo o sertão garimpeiro — Gerais cristalíferos —, localizado na área denominada por Moreira Filho de "nortão goiano" (2020, p. 45) e visto por Astolfo Serra como uma "terra sertaneja [na] vasta região de transição entre o Amazonas e o Nordeste" (1946, p. 25) um território que fazia divisa com o Maranhão ao sul, Piauí e Bahia ao leste e Pará e Mato Grosso a oeste, fazendo fronteiras com os rios Araguaia e Tocantins e as serras gerais.

As fronteiras desse imenso sertão garimpeiro não estavam apenas nos espaços físicos distantes, onde se podia "torar dez, quinze léguas, sem topar com uma casa de morador" (Rosa, 2019, p. 3). O território sertanejo que estudei era composto por limites entre terras áridas e úmidas, entre varjões, espaços arenosos e labirínticas veredas, cenários de vilas que se tornaram cidades por conta da busca incansável do cristal de rocha, como Araguaína (garimpo do Garimpinho), Araguanã (garimpos da Pedra Branca e Pedra Preta), Arapoema, Chapada da Natividade, Cristalândia, Dueré, Itaguatins, Monte Santo do Tocantins, Pau D'Arco, Pequizeiro, Pium e Xambioá na Chapada do Xiqueirão, todas mostradas na Figura 1.

Figura 1 – Mapa dos garimpos de cristal de rocha no antigo norte goiano



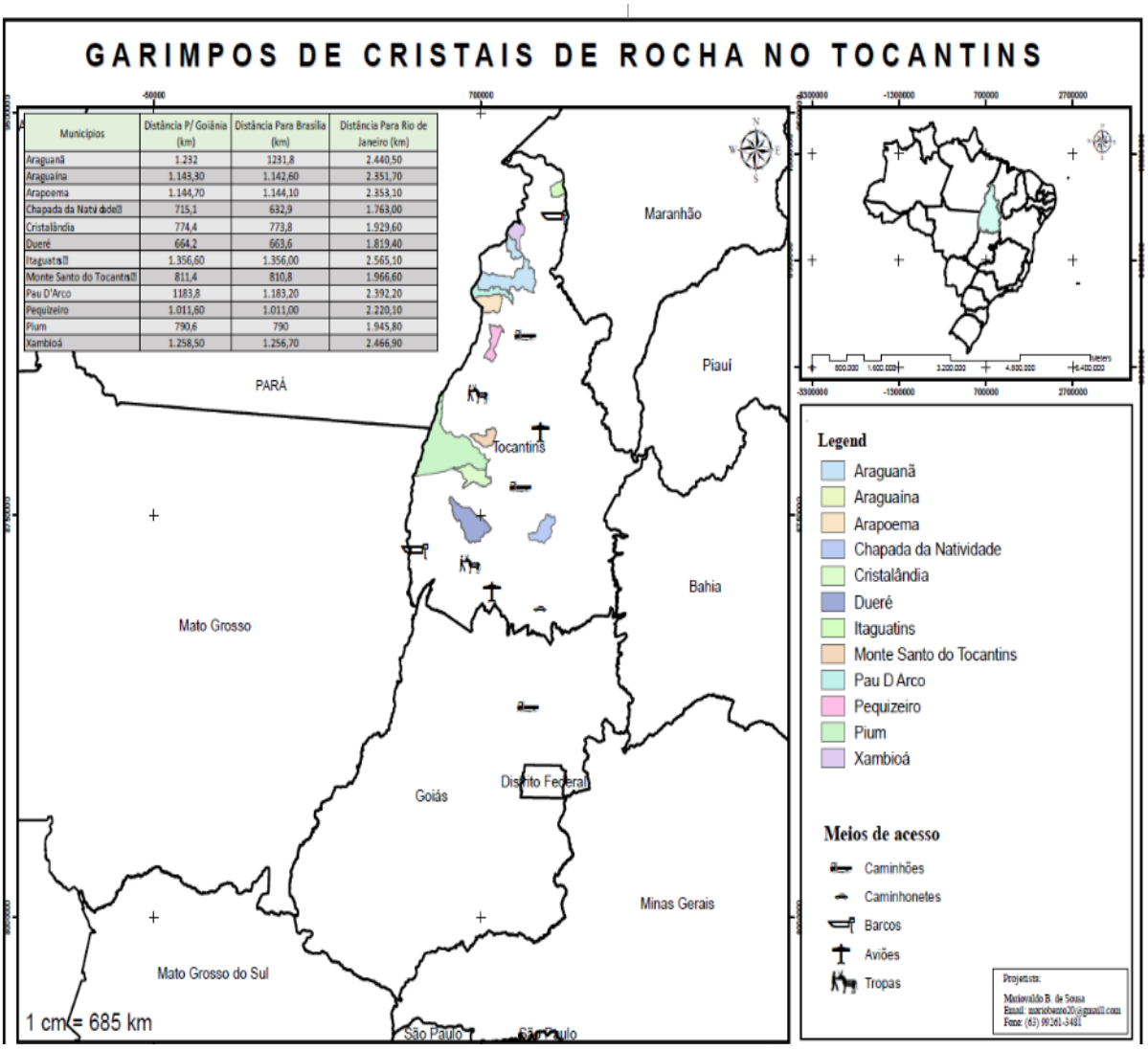
Municípios	Distância P/ Goiânia (km)	Distância Para Brasília (km)	Distância Para Rio de Janeiro (km)
Araguanã	1.232	1231,8	2.440,50
Araguaína	1.143,30	1.142,60	2.351,70
Arapoema	1.144,70	1.144,10	2.353,10
Chapada da Natividade	715,1	632,9	1.763,00
Cristalândia	774,4	773,8	1.929,60
Dueré	664,2	663,6	1.819,40
Itaguatins	1.356,60	1.356,00	2.565,10
Monte Santo do Tocantins	811,4	810,8	1.966,60
Pau D'Arco	1183,8	1.183,20	2.392,20
Pequizeiro	1.011,60	1.011,00	2.220,10
Pium	790,6	790	1.945,80
Xambioá	1.258,50	1.256,70	2.466,90

Fonte: Elaborado por Mariovaldo B. de Sousa com dados do Seplan (2012) e do IBGE (1960)

Comparando esse mapa com o apresentado na figura 2, vemos que o estado Goiás tinha uma extensão territorial bem maior do que a de hoje. Atualmente, ocupa área de 340.106,492 quilômetros quadrados, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2024), Todas as localidades listadas na Figura 1 se tornaram cidades do estado do Tocantins, criado em 1988 — junto com a Constituição Federal — ao ser desmembrado de Goiás. Elas compõem um território de 277.423,627 quilômetros quadrados.

Podemos constatar, na comparação entre os dois mapas, que Goiás perdeu, com esse desmembramento, áreas importantes de exploração de cristal de rocha que ficaram concentradas no estado do Tocantins. Com novas fronteiras, o sertão garimpeiro do antigo norte goiano se transformou no estado mais novo da federação. O garimpo de cristal não foi mais um elemento que (re)desenhou o território, mas também ajudou a modificar dinâmicas socioeconômicas locais, nacionais e internacionais.

Figura 2 – Mapa dos garimpos de cristal de rocha no Tocantins



Fonte: Elaborado por Mariovaldo B. de Sousa com dados do Seplan (2012) e do IBGE (1960)

Quando falo do sertão garimpeiro me refiro a um lugar de múltiplas fronteiras simbólicas atravessadas de vida e morte, de festas religiosas, casamentos arranjados, superstições e crendices, prostituição, violência, riqueza concentrada nas mãos de poucos, paraíso-inferno, felicidade e, ao mesmo tempo, medo. É também um espaço onde o sagrado e profano se mesclam, alimentando o sonho de riqueza onde reinava a precariedade

Esses mesmo Gerais garimpeiros são interpostos por homens, mulheres, idosos, crianças, loucos, doentes, andarilhos, prostitutas, tropeiros, benzedores(as), cianos, aventureiros, trapaceiros, bêbados, caçadores, viajantes, poetas errantes, garimpeiros, vaqueiros, faisqueiros, empresários, políticos, coronéis, pistoleiros e jagunços.

Importa frisar, com atenção especial, a colocações desses pistoleiros e jagunços para compreendermos melhor sua triste e violenta vida e sua infeliz atividade pelo sertão. É preciso reconhecer as particularidades das origens e situações. Eric Hobsbawm, em seu livro

Bandidos (2010), narra isso em seu tempo e seu espaço e elenca algumas reflexões que podemos trazer à baile para o sertão:

> [...] bando de homens violentos e armados, fora do alcance da lei e da autoridade (tradicionalmente, mulheres são raras), impõe suas vontades a suas vítimas, mediante extorsão, roubo e outros procedimentos. Assim, o banditismo desafia simultaneamente a ordem econômica, a social e a política, ao desafiar os que têm ou aspiram ter o poder, a lei e o controle dos recursos. Esse é o significado histórico do banditismo. Esse é o significado histórico do banditismo nas sociedades com divisões de classe e Estados. O "banditismo social" é um aspecto desse desafio (Hobsbawm, 2010, p. 21).

É uma visão instigante, principalmente quando se observa a falta da manutenção mais presente de segurança do Estado nos rincões do Brasil, e o sertão garimpeiro não foge a regra. Esses sujeitos, também pela falta de oportunidades que o Estado poderia proporcionar, "para não passar fome, se apoderam pelas armas daquilo de que necessitam" (Hobsbawm, 2010, p. 43) ou seja, pegam em armas, fazem delas as suas ferramentas de trabalho – além das enxadas, foices, pás, picaretas –, do ganha o pão de cada dia, derramando sangue, juntando-se aos poderosos da localidade para manter suas relações de poder.

Segundo Hobsbawn, algumas situações conflituosas, extorsões, roubos e outros procedimentos criminosos fazem parte, pois é através dessas práticas que muitas vezes ocorrem a "ascensão de novas classes e o surgimento de novas estruturas sociais" (Hobsbawm, 2010, p. 43). É o que mais se aconteceu neste sertão.

Entretanto, outra realidade perpassa a vida desses jagunços e pistoleiros. Mais próximo de nossa realidade, o jornalista Manuel Benício, em seu livro *O rei dos jagunços* (1997), afirma que "o cangaceiro [o jagunço e o pistoleiro], no entanto, assassina por sugestão, de uma perversidade ingênita, por dedicação a seus protectores, por vingança, não mata para roubar e não se aproveita dos despojos de sua victima" (1997, p. 11).

Na cultura do jagunço no sertão garimpeiro, podemos perceber uma visão na qual "um assassino é um valentão; um ladrão é um ente desprezível" (Benício, 1997, p.11). Ao matar, paradoxalmente, ele ganhava fama positiva nas brenhas e respeito por todos; contudo, roubar era manchar a honra e isso sim era desprezível aos olhos de todos, até mesmo para os próprios familiares e em outros espaços sociais.

Destaco os espaços sociais e econômicos delimitados para separar pobres e ricos, colocando, de um lado, políticos, empresários, faisqueiros, fazendeiros e latifundiários, e de outro, pequenos comerciantes, prostitutas, trabalhadores escravizados, garimpeiros explorados, heróis anônimos, sem medalhas e desvalidos. Pessoas que ora e outra se

aproximavam conforme os interesses e situações para as quais a vida lhes empurrava em locais públicos ou particulares.

Este sertão não era estático, mas sim movido por contradições, metamorfoses permeadas de misticidade, pelas lutas e pela "história sanguinolenta das famílias [...] nos sertões, [que] ainda é cantada em noites de sambas sertanejos" (Benício, 1997, p. 10), pelo comércio entre os sujeitos que residiam e trafegavam pelos varjões e, consequentemente, pela busca desenfreada de cristal de rocha, nas vendas de bugigangas, compras, vendas e trocas de reses.

E para essa reflexão é compreensível e de suma importância entender que, sertão garimpeiro é "simultaneamente, singular e plural, é um e é muitos, é geral e específico, é um lugar e um tempo, um modo de ser e um modo de viver, é o passado sempre presente" (Sena, 1998, p. 23) — espaço vivido e permeado por múltiplos aspectos de uma cultura garimpeira.

O garimpeiro, por sua vez, também se faz presente na cultura e na história brasileira, sendo importante historicizar, ainda que brevemente, as tramas que representam a vida e a lida do garimpeiro brasileiro nos rincões deste vasto país, desde os primeiros lampejos das minas de ouro que despontaram no Brasil.

O livro *A cultura e opulência do Brasil*, de André João Antonil (2011), escrito em 1711, é um dos relatos mais significativos sobre a economia e sociedade do Brasil colonial. Dividido em seções, Antonil detalha aspectos dos engenhos de açúcar, o cultivo de tabaco, a criação de gado e, em especial, a exploração mineral, que inclui os garimpos. Nesse livro, destaco a parte dedicada aos garimpeiros, a qual descreve o contexto das minas, a organização do trabalho de extração de ouro e a vida dura desses sujeitos que buscavam riqueza nas regiões recém-descobertas de mineração, especialmente em Minas Gerais.

André João Antonil (2011), expõe as dificuldades e os riscos enfrentados em seus cotidianos, como doenças, fome e violência, além do controle rigoroso exercido pela Coroa Portuguesa, que cobrava altos impostos sobre a produção aurífera. A exploração mineral gerava não só opulência para alguns, mas também condições de trabalho precárias para muitos, refletindo as desigualdades sociais da época que por um lado ainda se perpetua nos dias atuais.

Outra obra importante na literatura brasileira, *O garimpeiro*, de Bernardo Guimarães (1951), explora a vida e os conflitos de um jovem garimpeiro chamado Elias, em uma Minas Gerais marcada pela exploração aurífera e pelas relações de poder. A história foca no romance entre Elias e Lúcia, uma moça de família rica que representa os obstáculos sociais entre o trabalhador humilde e a elite rural. Através desse relacionamento, Guimarães critica as

convenções sociais, expondo as barreiras impostas pelo preconceito e pela diferença de classes.

Elias, como tantos outros, sonha com a fortuna que a terra parece prometer, mas que raramente cumpre. Tal ilusão o aprisiona a uma vida de esforços incessantes e de vulnerabilidades na qual a promessa resplandece como miragem diante de suas mãos vazias. Guimarães traçou um retrato crítico e sensível do destino do garimpeiro, revelando o contraste entre os sonhos de opulência e a dura realidade de um trabalho que, em vez de enobrecer, reduz ao peso de uma labuta árida e desumanizante.

A obra é considerada um marco do realismo no Brasil por abordar as condições de vida dos garimpeiros e o contexto econômico e social da época. Guimarães utiliza uma linguagem acessível para explorar temas como o amor idealizado e as injustiças sociais, revelando, no cotidiano, os sonhos e as dificuldades dos trabalhadores.

Com um estilo que alia a narrativa romântica à descrição realista, o autor retrata as em por menores as complexidades da sociedade mineira e questiona os valores vigentes, dando ao romance um tom de denúncia das condições de injustiça social, desigualdade e exploração que perduram até os dias atuais neste país que carrega sem seu bojo uma lamentável história contra os seus verdadeiros filhos.

Nessas narrativas, um aspecto se destaca: ao longo dos tempos e espaços, a atividade garimpeira foi quase exclusivamente masculina. Porém, no sertão garimpeiro do antigo norte goiano, em meados da primeira metade do século XX, mulheres e crianças emergiram como protagonistas dessas cenas trágicas, repletas de luta desde o nascer até o pôr do grande astro-rei.

Entre o calor tórrido e seco e as chuvas torrenciais, essas mulheres trabalharam nas mesmas condições precárias, lado a lado com os homens, em uma igualdade marcada pela força e pela coragem. A vida sofrida desses garimpeiros parecia não ter fim; era de uma longa duração permeada de misérias, desigualdades, lutas e resistências titânicas. E assim como os homens, elas tinham as mãos calejadas e os rostos queimados pelo sol e o arder da vida, construíram além de suas vidas uma memória, de um grupo que teima em sobreviver.

Dentro desse aspecto da cultura garimpeira, é importante que se faça uma reflexão sobre a cultura, na medida em que há uma dificuldade imensa em definir cultura. O sociólogo Stuart Hall diz tratar-se de “um dos conceitos mais complexos das ciências humanas e sociais” (2016, p. 19), é de fato, mas se pode dizer que essa expressão é “utilizada para se referir a tudo o que seja característico sobre o ‘modo de vida de um povo, de uma comunidade, de uma nação ou de um grupo social” (Hall, 2016, p. 19).

Ao modo de vida podemos associar, ainda conforme o autor, “um conjunto de práticas [...] entre um grupo ou sociedade” (Hall, 2016, p. 20) de determinado espaço e tempo, incluindo a linguagem e significados compartilhados, sentimentos, emoções, sentidos e valores. E tudo isso conformou uma cultura garimpeira, marcada pelo desejo de enriquecimento fácil, por conflitos envolvendo terras e catras, pela religiosidade, pelo misticismo, pela luta de muitos sertanejos para fugir da miséria e da fome.

O misticismo se mesclava com uma antiga lenda indígena da época da colonização da América que falava de uma cidade toda feita de ouro maciço e puro, com muitos outros tesouros, e que fascinou os primeiros conquistadores espanhóis nos anos 1500. Esse imaginário de riqueza foi se misturando, com o passar dos séculos, com os modos de vida sertaneja e garimpeira, que são complexos por sua excelência.

Segundo o jurista Sálvio Dino, “o novo Eldorado chamou gente. Seduziu milhares de levas humanas. [...] Autêntico êxodo histérico” (1981, p. 51) para o sertão garimpeiro do norte goiano, onde supostamente havia, de acordo com Juarez Moreira Filho, “toda a fortuna desejada pelos garimpeiros, o minério precioso, que os tornaria ricos, afortunados, independentes” (2020, p. 220).

O mito de um Eldorado no sertão foi, ao longo do tempo, impregnando-se no imaginário das pessoas que fantasiavam com a riqueza brotando à flor da terra, como era encontrado o cristal de rocha por viajantes em décadas anteriores (Ramos, 1984). Essa visão fantasiosa da realidade, produzida no imaginário social por meios simbólicos, fornecia, “uma explicação dos acontecimentos e fatos, realizando um papel de mobilização social” (Girardet, 1987. p. 13) e fortalecia a imagem “dos nossos eldorados, que iam surgindo pelos sertões a dentro” (Moreira Filho, 2020, p. 89) como um chamativo, um canto de sereia que a todos embriagava.[5]

Envolvendo a todos nesses sertões, a economia do baronato político do estado se destacou no governo de Mauro Borges, que impulsionou a criação de uma estatal. Segundo ele “a principio funcionando apenas na compra, atuava a METAGO [Metais de Goiás S/A] no Norte do Estado, onde poderia comprar, tendo em vista o cristal produzido em Chambioá, Pau

[5] Nesse período, o Brasil estava passando por uma série de mudanças. O golpe do Estado Novo ganhava vida e, concomitante, o movimento a cidade de Goiânia estava sendo gerada, era filha desse golpe e na mesma proporção chamado Marcha para Oeste que “começou a construir as primeiras estradas no interior do Brasil. O propósito destas ações era integrar as localidades isoladas com o restante do país, colonizando as novas terras próximas à rodovia BR-153, ou Belém-Brasília” (Rodrigues; Arruda, 2013, p. 49). Tamanho foi esse movimento social, cultural, econômico e político que “estas medidas são continuadas no governo do presidente Juscelino Kubitschek (1956-1961), que através do Plano de Metas, iniciou no atual município de Barrolândia/TO” (Rodrigues; Arruda, 2013, p. 49).

d’Arco, Pium, Cristalândia, etc., [...] que provocou tremenda luta contra o grupo PANAMBRA” (Borges, 1965, p. 71).

Foi nesse sertão garimpeiro, território do Brasil que o próprio Brasil não conhecia — e desconhecido de si mesmo — que se (re)construíram identidades plurais, marcadas por semelhanças e diferenças, mas, “parece que algumas diferenças [...] são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares” (Woodward, 2014, p. 11).

Nesse aspecto essas identidades se (des)fazem em espaços privados, sociais, em acontecimentos em que muitos elegeram importantes e na mesma medida os não importantes, os que incluem e excluem. Foi por esse caminho — e outros — que as identidades garimpeiras, e consequentemente tocantinenses, desenvolveram-se.

Seria incoerente imaginar que, com tantas pessoas de origens diferentes, com níveis socioeconômicos distintos e trajetórias de vida (de)semelhantes, o sertão cristalífero não engendraria identidades heterogêneas. No mais se construiriam identidades com mais semelhanças que diferenças.

O meio social, que separava pobres garimpeiros e abastados e poderosos coronéis e fazendeiros, contribuiu para que se desse mais importância às diferenças, em algumas ocasiões essas semelhanças eram colocadas de lado, como nos momentos de conflitos políticos, negociações da vida e econômicas – como a venda e compra de cristais – em instituições públicas e lugares privados. Interessantes são as concepções de identidades e diferenças apresentadas por Tomaz Tadeu da Silva, que colocam ambas no universo de práticas sociais e culturais:

> A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (Silva, 2014, p. 76).

Isso envolve tomar a literatura como representação dessas práticas sociais e culturais em um jogo de antíteses de uma sociedade —, aqui, da sociedade do sertão garimpeiro —, haja vista que essa identidade não pode ser entendida e problematizada fora dos sistemas que davam sentidos aos garimpeiros, vaqueiros, ciganos, benzedores, tropeiros, mulheres, crianças, idosos, coronéis, enfim, que envolviam todos em um sistema simbólico que as compunha como sujeitos portadores de várias identidades, ora são incluídas, ora excluídas.

É importante compreender que “a identidade está vinculada também a condições sociais e materiais. Se um grupo é simbolicamente marcado como um inimigo ou como tabu, isso terá efeitos reais por que o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais” (Woodward, 2014, p. 14).

Essa concepção se aproxima do que entendo nesta tese como identidades: processo de construções que envolvem as pessoas com as mais variadas essências humanas em seu cotidiano, pois nele estão envolvidos, segundo Ágnes Heller, “todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias” (2014, p. 31). E tudo isso se misturou no sertão como peças de um mosaico de relações garimpeiras que exploro nos três capítulos deste trabalho.

No capítulo 1, intitulado *Aspectos geográficos e culturais do sertão garimpeiro do antigo norte goiano*, busco reconstruir aspectos do sertão garimpeiro em sua dimensão física, seu imenso território no antigo norte goiano, com um bioma que transita do Cerrado para a Floresta Amazônica e que comporta uma incrível diversidade de ambientes e múltiplas manifestações culturais.

Além do texto introdutório, nove blocos textuais compõem este capítulo: rios e chuvas no sertão: a dinâmica das águas; variações climáticas: do calor sufocante à época das chuvas; biodiversidade de fauna e flora; misticismo, lendas e religiosidade; da caça à economia do espichado; entre o couro e a borracha; o vaqueiro no sertão goiano; violência e banditismo: os jagunços e os pistoleiros, território de gente poderosa: os patrões da violência.

No capítulo 2 — *Dueré: uma cidade multifacetada do sertão garimpeiro em (des)ilusões* —, discuto as representações de uma vila que se fez pautada pela violência e pelo desejo de enriquecimento fácil, sendo o cristal de rocha uma das maiores forças promotoras do desenvolvimento da cidade.

O texto inicial deste capítulo cria conexões com oito temas que se complementam: a sedução do cristal de rocha; casarões para os ricos, casebres e ranchos para os pobres; uma cidade de lugares plurais, de sonhos e medos; política e coronelismo no sertão garimpeiro; machismo, prostituição e violência contra mulheres; na pólvora ou na ponta da faca: bares, bebedeiras e mortes; uma cidade multifacetada: entre o rural e o urbano; tristes finais: moléstias e enterros.

No capítulo 3 — *As (des)ilusões na opulência e decadência da exploração do cristal de rocha no sertão garimpeiro* —, abordo o cotidiano das pessoas que estavam na vida garimpeira (homens, mulheres, crianças), todas movidas pelo sonho e o desejo de enriquecer e sair do mar da miséria que assolava essa triste República.

Em dez blocos textuais que precedem o texto introdutório do capítulo, dou ênfase aos seguintes temas: crianças e mulheres inseridas na cultura do sertão garimpeiro; intensificação da economia garimpeira; a efervescência da extração de cristal; vida e trabalho negociados no garimpo de muitas escavações; barrancos e engenhocas rudimentares: os perigos nas catras; sonhos misturados num sertão de cristal e de fome; ganância, violência e ignorância; sorte e azar: da riqueza à indigência; a decadência do garimpo de cristal.

CAPÍTULO 1
ASPECTOS GEOGRÁFICOS E CULTURAIS DO SERTÃO GARIMPEIRO DO ANTIGO NORTE GOIANO

> *Eu acredito que o sertão seja uma área diserta que num habita gente, aparece algum por acauso. É distância. Essa coisa toda, eu acredito que seja isso* (Sr. Nazaro Fernandes, garimpeiro e sertanejo. Xambioá-Tocantins, 23/01/2023).

> *Sertão é dor, luta, briga de gente graúda e felicidade, ele deixa saudade... Sertão é saudade* (Sra. Emília Fernandes, garimpeira e sertaneja. Xambioá-Tocantins, 23/01/2023).

> *O sertão é a vereda de água com pés de buritis aqui, diserto ali... Um lugar pra eu caçar. O sertão é minha casa onde eu reuni com amigos para contar estórias do garimpo de cristal. É memória. O sertão é um lugar de vida* (Sr. Raimundo Nonato, garimpeiro e sertanejo. Ananás-Tocantins, 28/04/2022).

Neste capítulo estão reunidas representações do sertão do antigo norte goiano — hoje estado do Tocantins — que fizeram parte da cultura do sertão garimpeiro e engendraram toda a materialidade e a carga simbólica dessa região. Foi a partir de múltiplos aspectos geográficos, históricos, culturais e econômicos que o sertão garimpeiro se configurou como espaço econômico, político, cultural, ou seja, um espaço além do físico, humano.

Longe dos trópicos e do litoral do vasto território brasileiro, no coração do país, próximo ao Planalto Central, estendiam-se os Gerais[6], vasto e imenso sertão garimpeiro. Na memória coletiva e no imaginário social, essa região, era conhecida como o "nortão goiano" (Moreira Filho, 2020, p. 45), um espaço carregado de mistérios, desafios e promessas incertas.

Para muitos, porém, tratava-se ainda de "um sertão desconhecido, mas que era quase do tamanho do Brasil" (Lima, 1998, p. 89). Ali, entre as matas amazônicas, chapadas do cerrado, lagos, lagoas, pântanos, e os rios, revelavam-se histórias e um cenário que viesse a ser um palco de lutas, persistências, negociações, tristezas e felicidades, ou seja, de vidas que resistiam à vastidão deste Brasil.

No Brasil Central estava e pulsava o sertão garimpeiro, um território que era "delimitado ao norte pela imensa planície amazônica" (Rodrigues, 2001, p. 21). Nesse espaço geográfico estavam embutidos diversos biomas e formas de relevos, desde os vastos tambores arenosos que eram "tão volumosos que parecem serras de areia" (Carvalho, 2000, p. 60). Além deles, desdobrava-se um cenário onde, "desata-se em chapadões" (Cunha, 1975, p. 11)

[6] De acordo com Sandro Dutra e Silva *et al.*, a expressão Gerais é a "forma coloquial de referir-se ao cerrado" (2017, p. 99), e, na mesma, proporção o conceito poderá ser estendido para outras formas e fórmulas geológicas do sertão e as vivências humanas.

— extensões desérticas, que como “chapada, lugar seco, arenoso, quase privado de vegetação” (Tonini, 1959, p. 42).

Esculpia-se assim, na visão o “sertão — quase um deserto — quer se aperte entre as dobras de serrinhas nuas ou se estire, monotonamente, em descampados grandes” (Cunha, 1975, p. 24). Era uma paisagem de contrastes, onde “morros de encostas” (Cunha, 1975, p. 11), despontavam na imensidão do norte do Maranhão, compondo a serra da Chapada das Mangabeiras.

Ali a natureza se entrelaçava com a geografia, “coadunando com o terreno arenoso desses campos e despenhadeiros de muitas mangabas” (Carvalho, 2000, p. 62). O horizonte, por sua vez, alargava-se para um distante desconhecido, onde, “lá, longe, nos descampados das serras” (Moreira Filho, 2020, p. 45), o sertão revelava sua intensa vastidão.

Diante desse vasto e enigmático cenário, o escritor João Guimarães Rosa, ao percorrer com jagunços, sertanejos, tropeiros e camaradas nesse “nortão goiano”, expressou em palavras a essência dessas terras: “é preciso de saber os trechos de se descer para Goiás, o chapadão por lá vai terminando, despenha. Tem quebra-cangalhas e ladeiras vermelhas terríveis [...]. Por aí, extremando, se chegava até no Jalapão” (2019, p. 73). O olhar do escritor desvenda não apenas as dificuldades do sertão — da Terra —, mas também o fascínio de uma geografia que desafia e ao mesmo tempo acolhe, onde cada ladeira e cada despenhadeiro aparece como palco das lutas, hierarquias, negociações e dos sonhos de quem os atravessa.

Dentro do semiárido da microrregião que percorria, abriu-se “o Jalapão, vasto triângulo entre o Tocantins e os limites do Maranhão, Piauí e Bahia” (Audrin, 1946, p. 63). Marcado pelo imenso chapadão arenoso, revelava contrastes de cores e texturas: barros vermelhos, pretos, fofos e areias brancas e amarelas que sustentavam – e ainda sustenta – a vida pulsante.

No verão, as águas cristalinas serpenteavam tímidas, quase escondidas entre os grãos de areias e as grandes e pequenas pedras à mostra. No inverno, porém, corriam com vigor e violência nos pequenos e médios rios como o Peba, o Prata, o Perdido, o Mutum e o rio Vermelho. Nestes deslizavam “águas sobre areia, sendo as barrancas bem altas e as margens cobertas de espessas matas” (Santos, 1940, p. 10).

No mesmo instante, já se fundiam, em dunas quilométricas, areias de vários núcleos — pretas, brancas, amarelas —, entrelaçando-se aos barros vermelhos e pretos, compondo, “um terreno de transição onde a ossada da serra é formada de chistos, talco e rochas metamórficas” (Santos, 1940, p. 10). Nesse vasto chapadão, as serras gerais, imponentes,

erguiam-se como sentinelas naturais, traçando as divisas entre os estados e delineando as fronteiras de uma geografia de contrastes.

Assim o sertão garimpeiro ia se expandindo, estendendo-se em direção aos morros do sul do estado de Goiás, abraçando aspectos do pantanal mato-grossense e, da mesma forma, características da floresta amazônica, rumo ao norte, traçando percursos vastos e diversos, a esse movimento como o que muitos chamavam de "sertão adentro" (Amado, 1995, p. 149) ou, de até o "oco do mundo" (Moreira Filho, 2020, p. 70). Nesse lugar distante, o Planalto Central se localizava em meio ao cerrado, que, nas palavras da historiadora Lena Castello Branco Ferreira Costa:

> [...] estende-se a perder de vista. São numerosas árvores de porte médio, folhas grandes e pilotas, caules retorcidos, galhos cobertos por casca espessa. A espaços irregulares, esta vegetação agreste cede lugar à floresta tropical, sob a forma de matas, galerias ou de manchas isoladas no meio da paisagem dominante (Ferreira Costa, 1978, p. 18).

A região destacada pela autora abrangia o leste do antigo norte goiano, descrita como "a região do vale do Tocantins e [o sudeste], cujos rios descem das contravertentes do Tocantins para o Paranaíba" (Paternostro, 1945, p. 313). Era o sertão do Jalapão, que insiste em aparecer em uma parte do todo o território estudado. Nessas paragens, os lugares eram inóspitos, locais distantes, ermos, nos quais, durante horas de andança, não se enxergava viva alma.

Em alguns lugares, por esses "sertões desabitados não há cevas, bebedores, retiros, ceros das feras, como acontece nas zonas onde o homem as escorraça, fincando definitivamente os seus domínios" (Silva, 1948, p. 121-122). Há grandes vargens desabitadas, distantes umas da outras, restando apenas uma "tapera velha de beira de estrada cheia de melão-de-são-caetano" (Moreira Filho, 2009a, p. 41) caindo aos poucos esquecida pelo tempo. Há ainda fazendas esquecidas, largadas às pressas, movidas pelo medo da violência ou pela amarga desilusão com a terra, onde, como jazem "curral abandonado carcomido pelos cupins" (Moreira Filho, 2009b, p. 87).

Na mesma situação também existem ruínas de cidades e vilas abandonadas, como as ruínas na Chapada dos Negros, onde se erguia, em meados de 1730, um antigo arraial de mineração de ouro sob a exploração da mão de obra escrava dos negros, agora lembrado em fragmentos de pedra em cima uma das outras e de tijolos de adobes em memórias. É importante compreendermos aqui como eram essas fazendas. Tonini fez a seguinte descrição:

> No Goiás, uma fazenda significava uma casa de palha, com um vasto curral de madeira para reunir os animais na hora da venda; um pedaço de terra cultivada para o sustento da família que ali habitava, depois uma imensa área de algumas centenas de quilômetros de estepe ou mato, onde pastam os animais, livres e soltos. Geralmente aquelas vastas extensões de terra são ainda do Estado. Poucos se preocupam em comprar terras (Tonini, 1959, p. 123-124).

Era assim a grande maioria das fazendas do norte goiano. Por fim, caminhando debaixo de chuva forte ou sob o sol escaldante, "no agreste, os gritos das seriemas e as corridas das emas eram os únicos sinais de vida, quando não os chamavam a atenção os vôos do urubu-tinga, êsse raro acciptre de côr branca" (Paternostro, 1945, p. 221) e sinais de vida humana se observavam pelas poucas casas de adobe, dispersas e distantes, pois, "a casa vizinha distava 20 km" (Tonini, 1959, p. 42). Imenso espaço, pode-se afirmar, onde "as habitações são muitos raras" (Paternostro, 1945, p. 221) e o cenário era marcado pelo "terreno [...] coberto de uma areia branca como a do mar" (Santos, 1940, p. 12).

As árvores dominantes, como o pau-terra, retorcidas e tortas, pareciam pedir clemência, outras são fossilizadas[7]. Essas árvores, de raízes profundas, sobreviviam a todas as estações do ano; na seca permaneciam secas, mas vívidas e no inverno, verdejantes. Essas mesmas árvores dividiam espaço com os barbatimões. Aqui, ali e acolá apareciam pés de marolo[8], com frutos que matavam a fome de várias espécies de animais — podendo servir como um espaço de espera para caça —, inclusive das pessoas que por aquelas brenhas se adaptaram e dos viajantes.

Todos esses aspectos — como muitos outros — ajudaram a compor o sertão garimpeiro que era rasgado pelos vales dos rios Araguaia e Tocantins. Entre "os baixões do Araguaia, o grande rio[9], que já se faz anunciar" (Santos, 1940, p. 12), havendo o deslizar "na sua imensa mansidão, com as águas escuras, meio turvas, meio barrentas, meio preguiçosas, lentas no correr" (Moreira Filho, 2020, p. 49) nas mais complexas passagens do sertão.

E, no entanto, "o Araguaya dá certa impressão de monotonia, com o silencio profundo de suas águas mortas. [Mas de repente, em alguns espaços] tudo muda, tudo se faz febril e agitado. E' outro mundo, um novo mundo de lufa-lufa affictivo, forçando o viajante a actividade absorvente" (Almeida, 1935, p. 21). E desse modo são os rios entre a calmaria e o

[7] Essas arvores encontradas no atual Estado do Tocantins tem aproximadamente 280 milhões de anos, datadas do período. Localizadas no município de Filadélfia ao norte do Estado, abrigando um dos mais importantes sítios paleobotânico do Brasil.

[8] O nome científico dessa planta é *Annona crassiflora* e ela é comumente conhecida como araticum — nome de origem tupi que significa árvore rija e dura, fruto do céu, saboroso, ou ainda fruto mole. Dependendo da região, recebe os nomes de pinha, ata, marolo, condessa, bruto, cabeça-de-negro, entre outros.

[9] Com extensão de 2.627 quilômetros, o Araguaia é o sétimo maior rio do Brasil e sua nascente se encontra na Serra do Caiapó, no atual município de Mineiros em Goiás.

fervor, compondo o sertão garimpeiro em suas veias líquidas que pulsavam histórias dos seres humanos na Terra.

Nesse movimento, o rio Araguaia sofria constantes transformações, ora nas específicas de sua calmaria, ora nas agitações tenebrosas que surgiam quando recebia as forças de outros afluentes, nas imensas lagoas, grotas e riachos. E eram esses "rios e córregos cheios de surpresa, de funis, de armadilhas, de jacarés, de jibóias, peixe elétrico que com o choque imobiliza até um boi, fazendo-o afogar-se" (Tonini, 1959, p. 62).

Tudo isso esculpia sua forma, e sua fama se espalhava. Assim, o Araguaia é "um rio formado de lagos" (Santos, 1940, p. 22) e, em sua veia principal, vai seguindo seu destino serpenteado por diversos estados como Goiás, Mato Grosso, Tocantins e Pará, "com sua mansidão e o cristalino de suas águas" (Santos, 1940, p. 23), o Araguaia se eterniza no espaço e no tempo, marcando, como um véu, os contornos de seu sertão.

Esse gigante aquático nomeado de Araguaia é "um rio que corre ordinariamente entre praias de areia fina, além das quais cresce o mato. A água é turva" (Santos, 1940, p. 21) e ajuda na formação de múltiplos aspectos da natureza e da vida humana. Vagueia com a "grandeza das águas [n]uma serenidade [...] grande como a que se observa no ocaso visto ao longe" (Santos 1940, p. 22). É o rio que transcende o horizonte, costurando margens e tempos, enquanto guarda, em sua profundidade, os mistérios da mãe natureza com a vida sertaneja.

O rio Araguaia segue seu curso paralelamente ao rio Tocantins[10], que "em ⅔ da extensão, é um rio goiano. Atravessa o centro do Estado e estabelece o limite de Goiás com o Maranhão" (Paternostro, 1945, p. 291). Esses dois gigantes moldam não apenas geografias da Terra, mas também destinos, as vidas daquelas pessoas que por aquele sertão viviam.

São rios que, em seus cursos, moldam os sertões e imprimem na paisagem os limites da vida humana – juntam e separam –, onde a vastidão de águas se entrelaça com as histórias do homem do chão, do sertão garimpeiro. E por essa perspectiva, é importante destacar as palavras de Júlio Paternostro:

> Goiás ocupa o centro da extensão territorial do país e nêle nascem rios que correm para as três bacias brasileiras: amazônica, platina e do São Francisco. Com o critério antropomórfico de analizar-se a natureza não é sem razão que chamamos Goiás de coração do Brasil: é o ponto de onde partem artérias fluviais. (Paternostro, 1945, p. 291)

[10] O Tocantins tem extensão de 2.699 quilômetros, sendo o sexto maior rio do Brasil.

Esses rios que correm “lado a lado, como se estivessem de mãos dadas, unidos rumo ao mar, sem misturar as suas águas” (Moreira Filho, 2020, p. 49), iam transfigurando os cenários do sertão garimpeiro, onde as planuras cobertas pelo cerrado áspero deixavam expostos os grandes arenitos, os seus cursos de águas releriam o céu emprazado e pingadas nuvens refeitas, enquanto nas suas margens existem filhas de animais e humanas.

Córregos que apareciam e desapareciam dentro da terra, entre as pequenas e grandes matas, rios largos e estreitos, de águas profundas e rasas, calmas e violentas, quentes e frias, transparentes, limpas e sujas, claras e escuras. Cada curva, cada movimento da água, revelava a força silenciosa e barulhenta da natureza que provoca a existência sertaneja.

Todas essas características do sertão garimpeiro ajudaram a delimitar, nas dimensões físicas e humanas, os contornos da luta pela sobrevivência. Para esta reflexão, o “espaço é a prisão original, [um] território é a prisão que os homens [mulheres, crianças e idosos] constroem para si” (Raffestin, 1993, p. 144). Uma prisão sem muros que está sempre em transformações.

Nesse sentido, na vastidão do sertão do antigo norte goiano, o sertanejo e o garimpeiro estavam enraizados, criando suas prisões, e a imensidão do espaço se tornou um campo de negociações, lutas e resistências, em meios às quais, enfrentando a adversidade, eles puderam firmar-se em qualquer canto do mundo. O sertão garimpeiro, em sua dureza, moldava os seres humanos, tornando-os resistentes, negociantes e (i)mortais em sua essência.

Com referência ao Tocantins, ele é um rio “agitado e nervoso, possui águas claras, cristalinas, límpidas, com maior fluência em sua correnteza” (Moreira Filho, 2020, p. 40), sem esquecer que esse mesmo rio “possui muitos sumidouros, escoadouros, funis, rochedos e encostas de pedras em seu leito” (Moreira Filho, 2020, p. 49). O Tocantins, em sua essência, é um rio de contrastes, onde a beleza pura de suas águas se mistura com a força selvagem de seu leito, criando um espetáculo inconstante de vida e desafio para aquele que ousa navegá-lo.

Nessas particularidades geográficas da Terra, entrelaçavam-se os Gerais do grandioso sertão garimpeiro que coexistia com o rio Tocantins, no qual se encontravam as “verdadeiras armadilhas [...] nas cachoeiras, corredeiras surpreendentes, onde muitos navegantes, canoeiros, barqueiros, pescadores, turistas, curiosos de suas belezas naturais perdem a própria vida” (Moreira Filho, 2020, p. 49). O Tocantins, com suas águas indomáveis, guardava “canais estreitos, pois chegam a ter apenas uns 6 palmos no ponto mais largo” (Santos, 1940, p. 24).

São por ermos cristalíferos do sertão garimpeiro “no extremo norte do Estado, [que se chega] à confluência dos dois grandes rios amazônicos” (Audrin, 1946, p. 63), destacando-se,

nesse imenso espaço geográfico, “o rio Tocantins [que] se junta com o rio Araguaia, lá no Bico do Papagaio, o chamado Encontro das Águas” (Moreira Filho, 2020, p. 49). Rios que juntam e também separam.

Ao escrever sobre o encontro do Araguaia com o Tocantins, o aviador Lysias Rodrigues descreveu a cena como “dois gigantes que se abraçam” (1987, p. 243). Esse ponto de convergência entre duas imensas correntes de água doce — o Bico do Papagaio — ajuda a concluir a demarcação territorial do sertão garimpeiro e indica uma área de transição entre a fauna e a flora do sertão e da região amazônica.

Especificamente em relação ao rio Araguaia, “nasce perto do centro geográfico brasileiro e se mantém no rumo norte até desaguar no Rio Pará, unido ao Rio Tocantins, que corre a seu lado, quase em paralelo. Sua nascente está no limite sul dos Estados de Goiás e Mato Grosso, aos dois separa em extensão de 1.465 km” (Borges, 1987, p. 24) que abraçava um globo de vida.

O Araguaia, é “rico de representações culturais. Com diferentes significados, suas águas podem representar [...] encantamento, mistério, inspiração e paisagem. Mas ele representa muito mais para as populações ribeirinhas. Ele brota da terra, alimenta e gera vida” (Cavalcante; Carvalho, 2009, p. 1-2). Esse imenso rio “embalou, criou, transportou e moldou a todos e a todos transmitiu entendimento telúrico” (Borges, 1987, p. 118). O Araguaia é um ser que pulsa, molda e se entrelaça com os destinos de quem perto dele nasce, vive e morre.

Nesse gerar da vida que ia transfigurando a existência do sertão garimpeiro, os rios e seus afluentes desenhavam um “vale fertilíssimo” (Paternostro, 1945, p. 315) nos capoeirões, revelando que “em Goyaz, é proverbial a abundância dos cursos d’água” (Neiva e Pena 1999, p. 77). E, com isso “o sertão é um vale fértil” (Cunha, 1975, p. 55). Revelando vidas em meio o sertão garimpeiro ali entre pedras, matas barrancos, cabeceiras dos rios.

Esses rios, como veias pulsantes, ajudavam na elaboração da vida e na fertilidade do sertão garimpeiro, mostrando que o sertão, mesmo em sua dureza, guardava em seu ventre a promessa de abundância e renovação com suas estações. A terra, ao ser tocada pelas águas, transforma-se, revelando a sua capacidade de gerar, alimentar e sustentar a vida de animais e de sertanejos e garimpeiros.

Em algumas regiões, muitos diziam, e com orgulho, que “água aqui não falta” — isso onde o veredão esverdeado não era escasso. Nesse sentido, cabe salientar que no norte goiano se encontra a Ilha do Bananal, ou ilha Sant’Ana como é conhecida no sertão garimpeiro. Ela é “formada pelo rio Araguaia e pelo seu braço direito, o cognominado rio Javaés” (Moreira Filho, 2008, p. 33). É a maior ilha fluvial do mundo que “equivale, por exemplo, ao território

ocupado pela Bélgica" (Silva, 1943, p. 265). E para se saber mais sobre a Ilha, destaca-se a narrativa de Leolídio Caiado:

> Na Ilha não existe floresta, mas, esparsos capões de matas espalhados por toda área. A região é na maioria baixa, alagadiça e arenosa. Os inúmeros rios que cortam a Ilha do Bananal, na época das chuvas, se emendam com os lagos e lagoas e constituem um imenso pantanal que alaga aproximadamente dois terços de toda a área, onde pontilham centenas de pequenas áreas enxutas que são chamadas de torrões (Caiado, 1974, p. 24).

É importante ressaltar que "o solo de toda a ilha, excessivamente baixo, submete-se a vastas inundações anuais na época das chuvas, cobrindo-se de água por ⅔ da superfície" (Silva, 1948, p. 267). E em épocas de chuva, conhecidas na vida sertaneja como as cheias de março, a Ilha do Bananal e outras que estão espalhadas pelos Gerais garimpeiros são engolidas.

São as estações das águas que sacodem e devoram tudo, e a "a ilha fica recoberta pela enchente, corichos e riachos originados dos rios goianos, Peixe, Mercês, Formoso, Crixás, Açu, Dueré, Pium e Coco, do mato grossense amoedando a planura da ilha em fase encantada" (Borges, 1987, p. 358). A cada cheia, a ilha (re)nasce em uma versão diferente, como um eterno ciclo de renovações e destruições das vidas daqueles Gerais sertanejos e garimpeiros.

1.1 Rios e chuvas no sertão: a dinâmica das águas

São os rios que "com seus barcos incômodos, seus pobres toldos de palmeiras, seus tipos de remeiros e pilotos, seus enjôos e perigos, fazem-nos pensar nas penosas jornadas" (Audrin, 1963, p. 6) que por décadas regeram a economia do sertão garimpeiro. Essas águas testemunham, em barulhos e em silêncios, as lutas diárias de um povo que carrega histórias, resistências e coragem. Desse modo, as forças dos rios não apenas sustentam a vida, mas também inspiram sonhos de dias melhores repletos de esperança e transformação.

Para Jacques Lambert, "os rios constituem [...] um instrumento de penetração do país" (1984, p. 154). Esses rios serpenteavam pela vastidão do território cristalífero, abrindo caminhos, entrelaçando histórias e integraram, uma "saga sertanista pelos sertões" (Flores, 2011, p. 61) que englobava uma série de atividades subsidiárias. Em suas margens, erguiam-se os projetos de vida, as esperanças líquidas, e se animava o trabalho árduo que envolvia, de acordo com a historiadora Katia Maia Flores:

> A construção de embarcações, vendas e armazéns para equipagem das embarcações, [...] o desenvolvimento de profissões ligadas à navegação, como piloto, proeiro, proeiro e remador. Somando-se a isso, foram estabelecidos alguns pontos de embarque e desembarque de mercadorias que vinham de toda região. Esses portos deram origem a povoados, que com o tempo progrediram a vilas e cidades, como é o caso de Pedro Afonso[11] (Flores, 2011, p. 79).

O conjunto de atividades ligadas à navegação fluvial e a portos de embarque e desembarque impulsionou o estabelecimento de formas criativas de negociação, donde muitos "levavam encomendas e medicamentos e, para manutenção da viagem, realizavam barganhas com peles silvestres, penas de emas" (Brasiliense, 1964, p. 33). E mais, outros produtos, visto que "transportavam cerais, frutas, aves, porcos, cabras e carneiros, carne seca, toucinho, rapadura, doces de leite, de coco e de buriti" (Jadão, 1984, p. 49).

Nesse sentido, o pulsar dos rios se transformava em um mercado vívido, onde o escambo trazia a subsistência e tecia relações de troca que sustentavam as comunidades, vilas e cidades. Esses rios eram os corredores aquáticos da economia do sertão, conectando gentes, culturas, esperanças, desenvolvendo e amenizando conflitos, em um movimento constante que refletia a pulsação do sertão garimpeiro.

Muito consideram esses barqueiros, "heróis que zingavam seus batelões e remavam suas ubás em roteiros de mais de mil quilômetros e assim mascateavam tranquilamente [...] para vender couros, arroz, borrachas e petrechos para garimpeiros" (Borges, 1987, p. 122). Assim, diversos ribeirinhos, navegadores, pescadores e comerciantes, como aponta Brasiliense, "conheciam o rio como estrada de sua casa" (1964, p. 33). Esses inúmeros sujeitos tinham grande astúcia e experiência.

Os barqueiros eram figuras emblemáticas do "nortão goiano" e eram mais que condutores: foram, e são, guardiões dos rios, de histórias, carregando em suas embarcações não apenas mercadorias, mas também ilusões, memórias permeadas de travessias. Assim, os rios se tornavam não apenas caminhos aquáticos, mas testemunhas de conflitos, negociações, medos e coragens que singravam suas águas. Paulo Bosco Rodrigues Jadão, explica que o barqueiro:

> [...] era o encarregado de tripular as embarcações que faziam o transporte fluvial, de gente e mercadorias. Era uma classe numerosa, já que intenso era o movimento por águas. [...] a quasi sobrenatural habilidade dos pilotos, navegando em noites de

[11] Localizada no coração do Brasil, entre os rios Tocantins e Sono e a 206 km da capital tocantinense, Palmas, a cidade de Pedro Afonso foi fundada em 1847.

> escuridão cerrada, dificilmente batendo em pedras ou errando o canal. (Jadão, 1984, p. 201)

E sobre os veículos de transporte hidroviário, a historiadora Flores, salienta:

> As embarcações mais apropriadas para a navegação em rios, considerando a velocidade das águas e o enfrentamento de pedrais e corredeiras, deviam ser menores, mais leves e de cascos mais rasos. Utilizava-se para tais viagens, de acordo com seu propósito, diferentes tipos, ou apenas variação de nomes, a saber: falúas[12], botes, ubá[13], baiteira[14], igaritié[15], canoas de pau, entre outras (Flores, 2011, p. 80).

Para terem uma navegação razoável por esses rios, esses barcos — ou balsas, como os chamavam os sertanejos —, recebiam adaptações moldadas pela geografia austera e desafiadora. Os materiais para construção eram extraídos da própria natureza, do sertão onde viviam; eram frutos da criatividade e da luta pela sobrevivência. Essas embarcações eram talhadas pelo engenho sertanejo como testemunhas da simbiose entre o homem e a natureza que o acolhia. Jadão lembra como que essas balsas eram construídas:

> [...] do braço da palma do buritizeiro, que era reunido em feixes, e estes juntados uns aos outros até formarem uma superfície plana, com tamanho que varia entre vinte e cinco e cinquenta metros lineares. Por cima, armava uma cobertura de palhas de piaçaba para abrigar a carga e a tripulação, sendo que esta se constituía de três a cindo homens (Jadão, 1984, p. 49).

Diferentes tipos de embarcação — muitos eram construídos pelos sertanejos com troncos de "vasto buritizal" (Santos, 1940, p. 12) e navegavam do Araguaia até o alto Tocantins para Belém do Pará. Eram "seis meses de ida, um ano de volta" (Brasiliense, 1960, p. 53). Essas embarcações, com suas formas rústicas, navegavam sertão adentro, seguindo os inúmeros cursos d'água que riscavam a vastidão do sertão garimpeiro.

Navegar, porém, não era uma tarefa isenta de perigos e em "cada viagem rio abaixo constituía uma epopéa. Cada homem da tripulação tinha de ser um heróe com nervadura de aço e coração de bronze" (Almeida, 1935, p. 46). O tenente Umberto Peregrino, em seu livro *Imagens do Tocantins e da Amazônia* destaca:

> A utilização do Tocantins não é menor demorada e penosa. As antigas viagens entre Palma e Belém eram feitas na descida em 20 e 30 dias, pelos batelões carregados de couro, e consumiam de volta 6 meses, quando as mesmas embarcações vinham

[12] Embarcação de pequeno porte, geralmente usada para transporte de carga e passageiros entre as duas margens de um rio.
[13] Embarcação de uma só peça escavada em tronco de árvore ou feita de uma casca inteiriça de tronco de árvore.
[14] Pequeno barco de madeira muito utilizado por pescadores artesanais.
[15] Embarcação destinada a carga, movida a remo ou motor.

> pesadas de sal. Estes batelões, pesados e lentos, equivaliam na estrada lustrosa dos rios, ao carro-de-boi na sarja vermelha dos velhos caminhos (Peregrino, 1942, p. 13-14).

A sanha dos cursos d'água fazia parte da rotina dos comerciantes sertanejos que desbravavam os rios. E é por essa realidade que surgiam ditados populares sobre as águas, como o de que "água não tem cabelo". Isso significa que mesmo que se tenha vastas experiências nas águas dos rios, é de onde menos se espera, algo pode acontecer, e quem navega por essas águas deve estar sempre pronto para enfrentar qualquer desventura que o destino possa trazer. Paradoxalmente, a violência das águas influenciava a vida de muitos.

A dura faina dos barqueiros traçava caminhos entre águas e esperanças, onde o comércio deslizava ao sabor do vento e das correntezas, pois "muitos barqueiros contraíram doenças, como bexiga, varíola, malária, sífilis etc., e eram obrigados a parar ou abandonar a viagem. Outros eram atacados por índios ou sofriam acidentes e morriam" (Nunes, 2014, p. 95). Não obstante, alguns barqueiros, ao retornarem para suas casas, tinham por hábito "dá uma lambada na militriz qui tem por conta" (Brasiliense, 1960, p. 54). Infelizmente, naquele varjão de águas, riachos, grotas, lagos e rios não só a natureza imperava com sua força, mas também a violência humana.

A partir de todas essas particularidades geográficas, culturais, históricas e econômicas, os rios ajudaram, a formar "a população ribeirinha das cidades, povoados, vilas, vilarejos, corrutelas, cabarés, fazendas, sítio, garimpos" (Moreira Filho, 2020, p. 50) que se mantiveram por muitas décadas. Deste modo, "as cidades, vilas e povoações às margens de um rio, são-lhe relevo e significação especial como fatores do comércio e comunicações maiores, que não podem ser deixados de lado no cômputo dos valores de fixação" (Rodrigues, 2001, p. 30).

Esses rios não eram apenas caminhos de águas, mas uma das composições da vida sertaneja que iam (trans)formando as suas existências e desenvolvendo as possibilidades de continuidades e resistências. Essas margens ribeirinhas eram, portanto, mais que um ponto geográfico; eram o cerne da formação e perpetuação de uma cultura e de uma economia profundamente ligadas ao fluxo das águas dos rios do sertão do norte de Goiás, de encontros e desencontros.

Assim, vilas, povoados e cidades multifacetadas se formaram nas proximidades dos rios que possibilitariam navegar no antigo norte do sertão goiano. Existe um ditado popular pelas vargens do sertão garimpeiro que diz: "onde há água existe moradia". Mas há também empecilhos quando se trata de um contexto comercial mais amplo que depende da navegação fluvial, como aponta Carlota Carvalho em seu livro *O sertão*:

> Obstáculos irremovíveis [...] impedem que o Tocantins, um dos maiores rios do mundo, talvez, o mais belo, seja o caminho preferido para importação de mercadorias manufaturas do país e para exportação de riquezas naturais do vasto sertão de Goiás, Mato Grosso e Maranhão geograficamente uno (Carvalho, 2000, p. 155).

Lysias Rodrigues (1987) lembra que muitos entraves foram removidos por explosões com dinamite que os viajantes faziam e traziam. Isso aconteceu na "bacia do rio Araguaia, com os seus piscosos rios, [...] lagos, lagoas" (Moreira Filho, 2020, p. 48). Fato é que, "a navegação do rio Tocantins [e do Araguaia] deu vida e movimento a novas cidades e povoados ribeirinhos" (Flores, 2011, p. 79) que, por sua vez, constituíram mais um movimento a impulsionar toda a economia vibrante do sertão garimpeiro.

Os rios têm histórias, símbolos e cultura; são, como já ressaltei, "as veias da Terra" (Rimualdo, 2021, p. 85). Além de demarcar territórios dentro do espaço cultural do sertão, eles ofereciam alimentos aos ribeirinhos em forma de peixes de diversas espécies, algumas como "surubis, algum fidalgo ou barbado, além de outros peixes menores" (Brasiliense, 1964, p. 32) como pacu, piau, avoante, mandi e lambari, pirosca ou pirarucu, jaú e pirarara, e ainda "piraíba com dois metros e pouco de comprimento" (Amorim, 1973, p. 54).

Além disso, "o peixe elétrico, o poraquê, longo e sinuoso, até dois metros, capaz de derrubar cavalos e homens e imobilizar cardumes para sua refeição, como o tucunaré, o príncipe do Araguaia" (Borges, 1987, p. 157). Os rios, portanto, são mais do que meras correntes de água; são fontes de vida, palco de lutas, lendas e ajudam a alimentar a economia social, regional, nacional e internacional.

Até mesmo as lendárias piranhas vermelhas, pretas e amarelas serviam de comida para a população ribeirinha do sertão goiano. E sobre as temidas piranhas, "esses peixes, alguns bem grandes, de inúmeros dentes afiadíssimos, eram tão vorazes e em cardumes tão grandes, que numa vez jogando a carcaça de um veado no rio, em instantes só estavam os ossos brancos no fundo" (Amorim, 1973, p. 35).

Não apenas animais, mas também corpos humanos — mortos ou ainda vivos, feridos gravemente por alguma contenda — eram jogados dentro dos rios e as piranhas os devoravam ferozmente em questão de minutos, "bastam aparecer poucas gostas de sangue para se atirarem à prêsa consumindo-a em breves minutos" (Silva, 1948, p. 63-64). A selvageria das águas se abraçava com as ações das pessoas na terra, em um ciclo implacável no qual a vida e a morte se entrelaçavam de forma indissociável.

Esses e outros peixes ajudaram a matar um pouco a fome e gerar uma pequena economia familiar por essas glebas. E assim viviam “aquela gente comendo peixe do rio” (Paternostro, 1945, p. 340). Eram pescados, de “pacu, papa-terra, piau, matrinchão, corimbatá, mandubé, mandi, fidalgo, sardinha, jaraqui, cachorra, bicuda, barbado, surubim, tucunaré, ladina e douradinha” (Moreira Filho, 2004, p. 77).

Os pescadores faziam escambo, trocando peixe por outras mercadorias, ou negociavam um preço por quilo com o comprador. A vida à beira dos rios se sustentava nas trocas, no trabalho pesado e na convivência com as águas, que, embora impiedosas, garantiam o sustento de quem buscasse desvendar seus segredos e entender a linguagem desse vasto território aquático.

Esses rios eram os espaços nos quais as “lavadeiras na beira rasa batendo roupa” (Borges, 1987, p. 133) podiam exercer suas atividades e ganhar dinheiro para ajudar na economia da família, mas representavam risco de morte, tendo em vista que no inverno que as águas destruíam tudo o que encontrava pela frente. Naufragavam barcos com seu “banzeiro [naquela] agitação na torrente, chega a produzir ondas de meio metro” (Silva, 1948, p. 152). A beleza e a força do rio eram, assim, ambíguas: enquanto as águas traziam sustento, também exigiam o preço do perigo.

As águas de rios e córregos iam engolindo ranchos, vegetação, arrastando e matando animais, criações, vacas, porcos e pessoas. E por esses sertões, no inverno “o rio parecia pedir mais vidas” (Sales, 1986, p. 23). A natureza é assim, bela e estranha; mistura calmaria e medo, onde torna-se “capaz de tudo: logra os seus próprios filhos” (Rangel, 1920, p. 101).

Essas águas traziam tanto a promessa de vida quanto o medo da destruição — a morte. Por esses varjões, as pessoas aprenderam que; o que parecia seguro poderia se transformar em um grande risco de vida. Nesse sertão garimpeiro o sertanejo convivia com a incerteza, sabendo que cada amanhecer poderia ser o último, dependendo da fúria das águas.

O medo e a felicidade se misturavam quando os rios e seus afluentes subiam com a chegada do inverno nos Gerais garimpeiros. Os pingos de chuva caíam, “sem piedade [...] com rajadas de ventos, trovões, raios, coriscos. Relâmpago rasgando os ares” (Moreira Filho, 2020, p. 45) e demonstrando o seu poder para os corações daquelas pessoas dos gerais garimpeiro.

Com essa mesma intensidade, em que as “chuvas grossas [faziam as águas do rio subirem], o barranco, de uma noite para o dia, pegava gente de surpresa, levava casas e desmanchava roças” (Brasiliense, 1964, p. 36). Por isso, muitos construíam suas “casas e currais encostados nos limites previsíveis das enchentes” (Borges, 1987, p. 23). Era nesse

período das chuvas e das enchentes brabas que muitos animais morriam, vítimas do furor das águas que não escolhiam o que devorar. Sobre isso, Durval Rosa Borges informa:

> Morreram na época milhares de cabeças de gado simplesmente por não terem qualquer elevação de abrigo e as caravanas de socorro reportam o encontro de animais selvagens, cervos, veados, pacas até mesmo as semi-aquáticas capivaras, mortos em triste boiar ou em desespero, facilmente recolhidos ou arrastados para perto da terra. Até as aves de porte como anhumas, garças e colhereiros se perderam no pouco sem saída e os jaós, que sonorizam as tardes e manhãs com seus picos chororós, não mais se ouviram por duas estações (Borges, 1987, p. 35-36).

Era a enchente furiosa dos Gerais garimpeiros que ia arrastando tudo o que via pela frente, como uma força motriz que nada conseguia parar. E sobre esse movimento, "as terras caídas, a que se prendem arbustos eretos e floridos, rodopiam e descem pelo meio daquela grande corrente, apostando corrida. As águas volumosas de janeiro arrastam detritos vegetais, toras de buriti e corpos de rêses descuidadas, que rolaram dos barrancos" (Paternostro, 1945, p. 341-342). A cada estação, a força da natureza aniquilava, mas também reconstituía o sertão, dando-lhe um novo rosto a cada ciclo das chuvas.

Esse tipo de chuva trazia águas que arrastavam tudo naquele sertão garimpeiro. Os ventos arrepiavam absolutamente quase tudo e todo o sertão, como "a poeira [que] cobria todo o garimpo com muitos casebres indo pro ar. Era o prenúncio de uma bruta tempestade" (Moreira Filho, 2020, p. 100). Na presença de nuvens investidas, "o céu fica escuro e se fecha [...] passando semanas chovendo" (Silva, 1948, p. 68). A força das águas parecia engolir pedaços do sertão e tudo se tornara líquido sob a pressão da tempestade.

E era a "chuva braba, com trovões e ventania. Um aguaceiro que alagava tudo, [...] por dias e noites" (Brasiliense, 1964, p. 111). Chuvas fortes de arrancar árvores grandes e lançá-las ao longe. Essa situação durava apenas alguns minutos e chuvas fracas, que muitos chamavam de "engana bobo", atravessavam o(s) dia(s) e a(s) noite(s) toda(s) da semana[16].

A cada troar do trovão, perto e distante, o sertão garimpeiro já sacodia e se preparava para transformar tudo ao seu redor. Há uma rima popular que expressa a chegada da chuva no

[16] Na década de 1980, um inverno intenso, lembrado como *o inverno de 80 ou a cheia de 80*, marcou para sempre o imaginário sertanejo. Durante esse tempo, as chuvas persistiam por dias e semanas, renovando a paisagem e impondo sua força. Algumas cidades próximas aos rios foram tomadas por águas, como Marabá, no estado do Pará. O rio Araguaia tomou significativamente cidades no antigo estado de Goiás – hoje Tocantins –, como Araguatins, Araguanã e Xambioá. O rio Araguaia avançou quase 400 metros além de suas margens, tocando um dos pontos da cidade. Já no vasto município de Lizarda, a sertaneja Inácia Alencar me contou que os dias eram de chuvas densas e rios transbordantes. Ao longe, ouviam-se estrondos, que pareciam trovoadas, mas eram grandes morros desmoronando sob o peso das águas, fechando estradas, abrindo outras e transformando caminhos. Existem inúmeras fontes jornalísticas e imagens que representam esse fenômeno. Não encontrei nenhuma pesquisa acadêmica referente à temática na região. Isso ficará para pesquisas futuras.

sertão garimpeiro, como se a terra e as águas celebrassem juntas a dança do ciclo da vida sertaneja:

> Quando chove no sertão,
> O sol deita e a água rola,
> O sapo vomita espuma,
> Onde um boi pisa se atola,
> E a fartura esconde o saco,
> Que a fome pedia esmola.
> (Zé Bernardino & João Paraibano)

Os versos traduzem a importância da chegada da chuva no grandioso sertão garimpeiro que antes estava seco, agora molhado ou "aguado" como diziam os sertanejos. Nesse sentido, "a verdade é que, com chuvas regulares, com as águas transbordando das margens de seus rios e fecundando suas terras trabalhadoras, o sertanejo vive mesmo uma época de abundância e de fartura" (Castro, 1967, p. 74).

Assim se fazia o impacto da água como força vital no sertão, transformando a aridez em promessa e colheita. Na fartura da terra molhada, o sertanejo encontrava não só alimento, mas também a renovação de esperanças – que em outros lugares áridos não as mais tinha – e a certeza de que a natureza, ao seu tempo, provê tudo em suas vidas.

Por esses Gerais, nas vozes de quem esperava água cair do céu, apresentava-se o período da estação chuvosa com algumas chuvas que por vezes varavam os dias, as tardes e noites, ajudando a produzir as "mutações fantásticas" (Cunha, 1975, p. 48) de um marrom morto, com ar quente, para um verde reinante e vívido com temperatura amena, trazendo, "o perfume das flores silvestres da paisagem colorida" (Moreira Filho, 2012, p. 56). E, neste momento vê-se que "os vales secos fazem-se rios" (Cunha, 1975, p. 48). Esse ciclo revigora a paisagem e a alma do sertanejo, que se reconciliava com a força dos elementos.

A chuva esverdeava as plantações e a mata, fazendo brotar a semente no chão antes seco e estéreo, agora encontrava-se molhado e fértil, diferentemente de outras regiões do Brasil, e "em Goyaz, chove geralmente de Setembro ou Outubro a Dezembro; deste mez em diante i. é, em espaço de cerca de 20 dias, há interrupção que dizem nunca falar é que é conhecida por *veranico de janeiro*; passando esse chove. Então copiosamente até Março" (Neiva e Pena, 1999, p. 76).

Desse modo, o ciclo da chuva no sertão se apresentava e a água, que antes era escassa, transformava-se em fonte de vida, alterando para sempre a forma, o ritmo da natureza e a produção do sertão garimpeiro, renovando a terra e o espírito das pessoas que na imensa

região habitavam, os riachos voltavam a serpentava, os açudes encher, possibilitando a vida com mais pujança

No entanto, durante esse período chuvoso, nos meados do "mês de fevereiro a situação em geral está estabelecida, a sequência de chuvas nas cabeceiras do rio [vai] provocando o primeiro pico da enchente geralmente chamada pelos ribeirinhos de Enchente de São José" (Borges, 1987, p. 33). Esse momento de transição das águas alterava não só a paisagem do sertão, mas também a vida das pessoas, forçando os sertanejos a se adaptarem à força do próprio sertão. A enchente, embora temida, era vista com certo respeito, como se fosse parte do ciclo eterno da terra.

Nesse interior de clima chuvoso, onde as nascentes, lagos e cacimbas transbordavam, e "árvore[s] gigantesca[s] [eram] tombada[s] pelas águas" (Tournier, 1942, p. 177). O que era, nessa ocasião, visto como "um riachinho-de-nada [...]. Um filete d'água que corria preguiçosamente entre os pés de buritis" (Moreira Filho, 2009a, p. 43), tornava-se imenso córrego que se alargava denominado por muitos de ribeirão, ou em "grotões escandalosos" (Cunha, 1975, p. 48), impedindo a passagem de pessoas e animais e, em alguns casos, mudando até mesmo a rota de passagem. E com tais efeitos desses efeitos chuvosos, "os brejos vão virando rios" (Rosa, 2019, p. 30) e, "ás águas [iam] vazando pelas margens" (Moreira Filho, 2020, p. 250).

Dificultando passagens, mudando rotas, alagando o agreste, carregando pontes e pinguelas sem dificuldade alguma, a chuva encharcava tudo. Eram "chapadões de alagadiços sem fim, na época das enchentes" (Caiado, 1969, p. 27). E era nesses meses chuvosos que as "nuvens [iam] carregando trovões no bojo" (Brasiliense, 1960, p. 12), provocando, como "as vazantes [...], as enchentes malucas, deixando somente lama, lodo, saudade e solidão" (Moreira Filho, 2012, p. 66). A água tomava de conta do sertão garimpeiro.

Pela observação da natureza e a vivência no varjão garimpeiro, o sertanejo sabia que "nuvem na serra é chuva na certa" e confiava em adágios populares, como os destacados por Herman Lima: "nuvem na serra, chuva na terra; nuvem baixa é sol que racha, ou névoa na serra, chuva na terra; névoa na baixa, sol que racha" (1977, p. 27).

Essas epistemologias da vida sertaneja eram passadas de geração em geração e carregavam a sabedoria do sertão. Cada vento, cada nuvem, cada raio de sol trazia e levava, para aquelas pessoas, experiências de vida, entre promessa de vida ou de luta num ciclo eterno que segue o ritmo das estações. Os sertanejos, atentos aos sinais, liam o céu, liam a terra, liam as águas, liam todo o espaço no qual construíam as suas cadeias de vidas.

Juarez Moreira Filho prefere o ditado: “bugio na serra, chuva na terra” (2012, p. 63). Era nessas observações que o sertanejo e o garimpeiro baseavam sua existência e era nelas que identificavam os climas e as estações do ano nos vales garimpeiros. Entre o verão e o inverno, entre a estação da seca e a chuvosa, o sertanejo seguia o ritmo da natureza com seus sinais, como bússolas que indicavam a direção a seguir, onde “dilatam-se os horizontes” (Cunha, 1975, p. 48). O sertão garimpeiro, de acordo com suas sabedorias de ancestralidades, revelava, em sua vastidão, esses ciclos que moldavam a vida e a luta diária.

Cabe pontuar que, quando ocorriam chuvas torrenciais, o trânsito se tornava impraticável e as estradas desapareciam, ou seja, “a estrada atravessa extensa zona de alagados, restos de enchentes, varjões e poços” (Borges, 1987, p. 23). Muitos, então, viam-se forçados a atravessar esses caminhos por dentro, e, por “debaixo de verdadeiros brejos” (Tournier, 1942, p. 57). Contudo, resistiam frágeis pinguelas, e eram as “raras ainda as pontes lançadas sobre um curso d’água” (Tournier, 1942, p. 117). Essas passagens brejosas, quando penetradas, forjavam a coragem e a tenacidade daqueles que enfrentavam os desafios do sertão garimpeiro.

Os riachos — antes esqueléticos —, transbordando com as cheias, arrebentavam tudo, fazendo “atoleiro de morte” (Lima, 1977, p. 24) em imensas porções de areia e despenhadeiros que engoliam tudo e todos que ousavam desafiá-las. As correntezas iam destruindo casas, tragando vidas das criações e levando sonhos. É o sertão aguado, como quem carrega a vida. Era a natureza, implacável e cega, (re)escrevendo sua colossal fúria.

Assim eram as águas do veredão garimpeiro do norte goiano; era o “quadro temeroso de chuva, vento e tempestade” (Moreira Filho, 2020, p. 100) que amedrontava o “nortão goiano”. E dentro deste período “as águas do majestoso Araguaia agigantadas pelas enchentes, vão alagando os baixos, vão ocupando léguas de varjões. Atestando os desmoronamentos das barrancas, descem pela caudal barrenta, amontoada de galharias e de arvores, como visões de navios fantasmas” (Silva, 1948, p. 271).

Mas, apesar do medo das chuvas fortes que se alongavam por noites e dias, o povo do sertão reconhecia os benefícios da estação das águas, pois via as veredas mortas reviverem e o verde retornar os “buritizais buliçosos, sombreando as veredas [...] perfilando rentes aos córregos das várzeas, sob o céu [...] daquele sertão bruto” (Moreira Filho, 2020, p. 46).

As chuvas, que traziam tantos temores, também significavam o renascimento do sertão, da vida que, nas palavras do sertanejo, era a própria razão de sua existência. Assim, entre o temor, esperança, medo e coragem, o sertanejo se reconectava com o próprio sertão

que, apesar das fúrias das chuvas e das águas, ofereciam os retornos das abundâncias nas vidas daquelas pessoas.

Percorrendo léguas por lugares vistos como “campos, mais e menos ondulados, brejos de buritizeiros dão origem a riachos [...] que vestem fluentes do rio” (Carvalho, 2000, p. 62), a paisagem revela sua intimidação com os buritis, sentinelas da vida nas veredas, pois, “a presença dos agrupamentos de buritis [...] é considerada como indício da existência de água” (Neiva e Pena, 1999, p. 77). Esses majestosos buritizeiros tinham raízes mergulhadas na umidade dos brejos, tornando-se bússolas do mapa natural do sertanejo e dos garimpeiros que poderiam ser guiados pelos caminhos das sobrevivências e de esperanças nesse varjão garimpeiro difuso[17].

No “fundo dos gerais de Goiás, onde tem vagarosos grandes rios” (Rosa, 2019, p. 23), gigantes líquidos serpenteavam os vales, transformando e sendo transformados pelo sertão garimpeiro. Lá havia, “lugar formoso, de águas fartas” (Moreira Filho, 2020, p. 90). Lugar, onde a “chuva desencadeando-se sobre a mata, formara uma verdadeira torrente, que seguindo cegamente sua inclinação natural” (Tournier, 1942, p. 142), desaguava no vale dos rios Araguaia e Tocantins e delineava um sertão das águas a partir do qual, “estende-se uma grande planície ponteada de buritis” (Paternostro, 1945, p. 339).

Os caminhos das chuvas eram acompanhados pelos ventos que chegavam “assobiando forte dentro da boca da noite tempestuosa” (Moreira Filho, 2020, p. 101), muitas vezes varando até o adentrar do dia na composição da estação das águas. Nesse movimento “a floresta [era] afogada na cheia” (Rangel, 1920, p. 29). Deste modo, as águas invadiam os inúmeros varadouros, fazendo reboliço e (re)vivendo tudo, fazendo escorrer as vidas nas folhas e nos troncos das árvores.

Era tanta chuva que “quando chove, nasce planta até em cima da pedra” (Brasiliense, 1964, p. 72-73). Brotando, minando água das paredes rochosas e aquela “grotinha estava transbordando de cheia com as águas se engolfando nos arbustos, nas ramagens, e banhando a imensidão dos varjões com trombas d’água, de enchente temporã” (Moreira Filho, 2012, p. 56).

---

[17] O antigo norte goiano é vasto e paradoxal. No mesmo instante que se tem água em abundância em outros lugares — como destacaram os médicos Arthur Neiva e Belisário Pena em seu relatório intitulado *Viagem científica* (1999) — “em muitos povoados goianos, a escassez d’agua é verdadeiramente notável; em Almas a exploração de ouro não poude ir adiante por falta deste elemento; no Descoberto, a zona é tão sêca que há necessidade de se abrirem grandes e profundas *cacimbas* á procura d’agua, tal qual, como fazem nas zonas consideradas sêcas; o proprio Rio Vermelho que banha a Capital de Goyaz antigamente dava acesso a grandes embarcações” (Neiva; Pena, 1999, p. 77). O sertão garimpeiro era assim, cheio de água e por vezes seco, e nesse difuso existencial, fez-se o setentrião goiano.

1.2 Variações climáticas: do calor sufocante à época das chuvas

Calor escaldante e chuvas torrenciais caracterizavam as duas estações climáticas do sertão garimpeiro — a das águas e a da seca, eram “designações de inverno e verão” (Neiva e Pena, 1999, p. 76). Não obstante, ao retratar essa mesma estação, Moreira Filho explica que “se chama inverno a estação as águas, que regra geral, vai de outubro a abril [e] se chama verão a estação da seca, que regra geral, vai de maio a setembro” (2020, p. 57).

Em outras circunstâncias, “a seca vai de Maio a Dezembro e mesmo a Janeiro, quando ocorre a primeira chuva; nos anos favoráveis começa a chover em fins de Setembro. Isso é o que ocorre normalmente” (Neiva e Pena, 1999, p. 76). É na estiagem que o verão tórrido, “o sol chega a derreter pedras” (Rodrigues, 1987, p. 77), e nessa mesma estação escaldante, o sol vira “um inimigo que é forçoso evitar, iludir ou combater” (Cunha, 1975, p. 38).

Eis que nos primeiros sinais de chuva, as saúvas rompiam o solo em filas indianas, deixando o formigueiro, como se limpassem a casa ou buscassem um novo abrigo. Esse gesto, quase ritual, oferecia ao sertanejo um presságio: o inverno se aproximava, anunciado no trabalho silencioso das pequenas criaturas que, como ele, também buscavam refúgio e proteção no ciclo das águas.

Nas mesmas áreas onde as águas haviam desaparecido nos meses de seca, a estação das chuvas transformava a paisagem, ajudando na formação de lagos, lagoas, rios e riachos. Era o renascimento das águas, que deixava “cacimbas cheias” (Cunha, 1975, p. 44) e olhos d’água que brotavam da terra nos meses de inverno. Sertão outrora seco e rachados ganhavam tons verdes, tornava-se aguado.

Tudo surgia “debaixo da chuva miúda e continuada” (Bernardes, 2005, p. 3) que parecia cair duradouramente sobre o solo, encharcando-o por horas a fio. Nas chapadas de pedra, a atmosfera se transfigurava e os tambores de areia se tornavam movediços, acompanhando as mudanças impostas pela força das águas e os bancos de areia iam mudando de lugar “de acordo com as enchentes” e deixavam “perigosa a navegação” (Almeida, 1935, p. 44) entre os rios.

Mas tudo parecia se misturar ao longo dos territórios sertanejos. Se, em determinado lugar, o sol insistia em queimar impiedosamente, em outro, desabavam chuvas brabas com trovões, raios e ventos furiosos; enquanto, mais adiante, uma chuva miúda caía sob o mesmo céu onde o sol ainda rachava o chão. E queimava tudo. Mesmo no verão abrasador, algumas chuvas se manifestavam, acompanhadas por tempestades repentinas.

Esse cenário do “ronco longínquo do trovão. Os raios riscavam o horizonte. Ao longe subia o ruído surdo de uma vaga de vento e de chuva, que fazia vergar a floresta” (Tournier, 1942, p. 110-111), sacudindo o sertão com a força brutal de um temporal que tudo alcançava. E assim, o sertão vivia sua dualidade: ora escaldante e árido, ora selvagem e inundado, em ciclos imprevisíveis que moldavam sua essência e seu povo.

Nesse contexto, o “temporal era violento, persistente, os estrondos não davam tréguas, ao contrário, retorciam e esmiuçavam as folhudas copas das cajazeiras e dos pequizeiros que abundavam os cerrados” (Moreira Filho, 2020, p. 100) evidenciando o poder indomável da mãe natureza sobre aquele imenso gerais cristalíferos e na mesma medida sobre os sertanejos que por lá viviam.

Eram os “relâmpagos rápidos de seca” (Élis, 2005, p. 13) que anunciavam as chuvas fortes que eram rápidas ou duradoras, com fúrias dos ventos, aliadas aos espetáculos brilhosos dos raios, que pareciam acordar e sacudir o sertão garimpeiro, e nisso, renovando seus ciclos. Desse modo, o sertão, em sua complexidade existencial, transformava-se em um palco de acontecimentos naturais e humanos que marcavam a vida de todos os seres vivos daqueles Gerais.

Depois desse momento chovedio, quando o céu desabava em aguaceiro intensos, o astro rei (re)aparecia com seus raios pujantes e ardentes, acompanhado por um “bafo quente que subia da terra” (Élis, 1974, p. 59), nesse momento, “o azul meigo do céu tomou uma profundidade confusa” (Élis, 2005, p. 175), como se a natureza estivesse em transição.

Com a mesma impetuosidade, o sol queimava com mais vigor tudo o que estava ao seu alcance — relvas secas, capins agrestes, folhas e árvores —, marcando o retorno do calor inclemente. No antigo norte do sertão goiano, ecoava uma estrofe que traduzia poeticamente a dança das estações, celebrando o ciclo incessante de vida e resistência naquela terra bruta:

> O sabiá no sertão,
> Quando canta me comove,
> Passa seis meses cantando,
> E sem cantar passa cinco,
> Porque tem a obrigação,
> De só cantar quando chove.[18]

[18] Esses versos foram adaptados da quintilha original dos repentistas Zé Bernardinho e João Paraibano, que diz o seguinte: “O sabiá no sertão/ Quando canta me comove/ Passa três meses cantando/ E sem cantar passa nove/ Porque tem a obrigação/ De só cantar quando chove”. Há nesses versos uma referência às estações do ano na Paraíba. Como, na antiga região garimpeira de Goiás, a duração dos períodos de seca e de chuva era diferente, é de considerar que os sertanejos dali modificaram parcialmente os versos dos de lá para se referirem à sua própria realidade.

Os cinco meses sem a cantoria do sabiá correspondiam ao período da estiagem, uma estação em que "a chuva deixa de cair e sobrevem a sêca com o classico cortejo de horrores" (Neiva e Pena, 1999, p. 76). As chapadas ficavam ressequidas, o ar assumia um tom cinza, austero e abafado, e toda a paisagem ia se transformando sob a tirania do astro rei escaldante. Nesse cenário, que "nos meses sem chuva o céu é azul e profundo como se fora pintado e os filetes de água quase secam nos varjões" (Borges, 1987, p. 18-19).

Nessa vastidão do sertão garimpeiro, havia, "regiões alagadiças [...] na bacia do Araguaia que permanecem submersas, vários meses, centenas de quilômetros" (Caiado, 1964, p. 46) e, mesmo com as chuvas na entrada do inverno, quando o sertão se inundava de água, ainda era possível encontrar uma "região mista, constituída de cerradões, capim agreste, terras tapiocangas, parte alagadiça e com aguadas firmes no mais agudo verão, é possível que preste para a criação de gado e ao plantio de pequenas lavouras nos esparsos capões" (Caiado, 1964, p. 46). Desse modo, o sertão garimpeiro em sua existência paradoxal, ora alagado, ora ressecado, revelava sua dualidade, exigindo resiliência das pessoas que ali faziam suas moradas, mesmo que temporárias.

Na entrada da estiagem "do vale subia um bafo quente, úmido, feito uma boca de febrento" (Élis, 1974, p. 60) queimando com intensidade e sapecando tudo ao seu alcance. Ao adentrar o chapadão com suas luzes incandescentes, "o sol queima[va] feito brasa" (Júnior, 2010, p. 127), fazendo com que o sertão garimpeiro se tornasse um forno vivo. Era o período em que a natureza suportava o peso do calor tenebroso e escaldante, quando todos os aspectos geográficos em forma de vida pareciam se curvar e se dobrar à força inquebrantável do astro rei.

É tamanho o impacto da atividade do sol que o "chão vibra num ondular vivíssimo de bocas de fornalhas" (Cunha, 1975, p. 30). Olhos d'água transparentes que brotavam nos chapadões pedregosos no inverno, na estação da seca eram carreiros de águas mortas, de caminhos de riachos temporárias. Era um cenário tão árido que, "as cacimbas secavam como olhos em desespero. Os homens e os bichos morreriam, se não largassem logo aquela banda do mundo transformada numa nesga do Purgatório" (Brasiliense, 1977, p. 32). Mesmo assim, o sertanejo permanecia resiliente ao calor escaldante.

Ainda que a estiagem marcasse profundamente o sertão, havia "lagoa que nunca secava e desafiava a mais dura estação de estio", tornando-se o espaço onde "o gado mais frequentava e onde o capim era sempre verde e viçoso" (Caiado, 1964, p. 53). Essa resistência da natureza dialogava e faz parte com outras regiões do sertão goiano que "não conhecem o flagelo da sêca periódica. Submetidas às influências do clima amazônico, recebem chuvas

abundantes que alimentam grande número de mananciais e caudais de todos os volumes" (Audrin, 1963, p. 3).

Entretanto, não se pode esquecer que o sertão garimpeiro era a composição de vastos ermos gerais e que, dentro dele, existiam outros sertões que sofriam com intensidade os suplícios da seca — e do inverno — mais que outros lugares dentro do próprio sertão. A seca no sertão garimpeiro tinha outra roupagem, diferente da de outros estados do Nordeste.

Nas veredas cristalíferas de Goiás, as pessoas conviviam com as estiagens, enquanto, em outras "regiões sertanejas, [com] as apreensões da seca" (Serra, 1946, p. 48). Para refletir sobre isso, Castro destaca que, "com suas planícies descampadas, o seu solo pedroso, o seu céu [às vezes] sem nuvens e o sol de fogo" (1967, p. 39) o sertão garimpeiro se agarrava-se a essas planícies, onde homens, mulheres, crianças, idosos e os animais tinham que enfrentar os desconfortos de um verão escaldante.

Em períodos de verão ardente, "no céu, o sol tremia" (Élis, 1974, p. 59), como que querendo incendiar o "sertão ressequido e escaldante" (Élis, 1974, p. 89), lançando raios para tudo queimar. Ao mesmo tempo, sobre o abrangente sertão garimpeiro, em cima da terra, havia "vento soprava, como se estivesse saindo da boca da fornalha, e a temperatura ia se elevando cada vez mais naquela terra sáfara" (Lima, 2011, p. 15) parecendo existir um sol para cada habitante, esquentando tudo em seu existir como o ar e a terra.

Esse mesmo "vento soprava forte, desregradamente chegava a zunir nos ouvidos das criaturas" (Moreira Filho,2020, p. 100), mexendo nos baixões, derrubando folhagens e galhos de árvores. E onde antes corriam riachos e bicas, no verão se viam estreitas veias de água "com muitas areias brancas e amarelas à mostra que serviam até mesmo para ariar as panelas" (Moreira Filho, 2020, p. 245).

Em noites enluaradas, "a lua na estrada era um riscado branco como um nevoeiro de prata" (Lima, 2002, p. 49). O brilho dela era semelhante ao do sol e alguns garimpeiros a chamavam de lua de sol da noite, o "sol acabava de sumir no horizonte" (Moreira Filho, 2020, p. 100) e a luz da lua, na imensidão do céu, donde "passeava por cima das copas das árvores" (Lima, 2012, p. 16) dos vales, depressões, planaltos, morros e das serras.

Esses eram os quadros do sertão garimpeiro e seus espaços plurais e contrastantes entre si. Exemplo disso se via no "povoado do Duro, no alto da serra, [onde] havia um terreno de excelentes pastagens durante a seca. Cheio de taquaral, furnas frescas e cambaúbas. [...] subia o gado no ardor da seca, onde permanecia comendo o capim verdinho" (Bernardes, 1974, p. 62). O sertão, que parecia seco, tórrido, escondia, em suas entranhas, a força da vida que permanecia se renovando e resistindo às estações.

Como um caleidoscópio que se move para formar combinações variadas de imagens, o sertão garimpeiro consubstanciava uma admirável diversidade de cenários, como um verdejante, de “grande lago, abundante em peixes, tartarugas e jacarés” (Santos, 1940, p. 12), e alguns contendo pequenos rios, avizinhando-se de “cratera das cacimbas [...] com águas lamacentas, malcheirosas” (Moreira Filho, 2020, p. 247), ou de barro ressecado em meio a árvores que sugavam a umidade de uma veia de riacho.

Ainda existia vasto bosque que isolava “os campos altos, arenosos e ondulados do sertão maranhense-goiano. E riquíssimo em madeiras de construção e de tinturaria e produtos vegetais exportáveis: andiroba, copaíba, breu, baunilha, cumaru, cravo, borracha e outros menos conhecidos” (Carvalho, 2000, p. 63). Nessas matas densas e quase impenetráveis sustentavam rica biodiversidade e também serviam de abrigo e recursos para as sociedades tradicionais.

Foi nesse sertão de existência centrífuga que “árvores sujas, inúteis, esqueléticas e opiladas, semelhantes a uma longa fila de mendigos à espera de esmola” (Brasiliense, 1960, p. 9). Sujas porque seguravam, nas folhas, a poeira que os ventos jogavam ao longe, e pretas porque, queimadas pelo fogo, revelavam a face destruidora da seca e da própria mão humana no sertão garimpeiro.

Era o calor tórrido que fazia essas árvores ficarem com o aspecto de retorcidas, parecendo pedir socorro, e que também fazia com que no período da “seca se desenhe outra vez nas ramagens mortas das árvores decíduas” (Cunha, 1975, p. 52). Simultaneamente, apareciam em “várias ilhotas, praias, vazios, sumidouros, olhos-d’água [alguns semivivos], fontes, baixios, nascentes d’água, cachoeiras, pequeninas quedas d’água” (Moreira Filho, 2010, p. 56).

Há que se acrescentar, a essa pluralidade de paisagens, as dunas de areia, as matas fechadas, os morros, abismos e baixões. E por esses capoeirões, existiam “praias arenosas de margens baixas com capões de mato ou campinas, onde se viam variedades de aves [...] da fauna araguaiana” (Santos, 1940, p. 20), que iam compondo o vasto sertão garimpeiro em sua maior e mais significada dimensão natural e geográfica complexa.

Essa era a essência multifacetada do vale do sertão garimpeiro, feito de contrates entre morros e serras, alto e baixo, frio e quente, abafado e ventoso, estreito e largo, fundo e raso, oblíquo e reto, visto e invisível, seco e molhado, barroso e arenoso, chuvoso e seco, deserto e habitado, calmo e sangrento, tristonho e festivo, rico e pobre, vivo e morto, céu e inferno. O sertão é um horizonte sempre distante e dilatante. Afinal, no sertão “tudo é e não é” (Rosa,

2019, p. 16). Nessa mesma senda, o imenso sertão “aceita todos os nomes: aqui é o Gerais, lá é o Chapadão, lá acolá é a caatinga” (Rosa, 2019, p. 506).

Um sertão composto por cerrados, campinas, vales, planícies, várzeas, veredas e vargedos e banhados também pelas “águas puras e cristalinas que fluem naturalmente das encostas das serras, das copas dos morros” (Moreira Filho, 2020, p. 63) e que contrastavam com espaços lôbregos, cavernosos, com pinturas rupestres e grutas imensas e profundas. No mesmo espaço se estendiam os “estirões [que] se sucedem e de um ou de outro lado [e] surgem vegetação robusta ou florestas, algumas se prolongando terra-a-dentro em terreno seco, alagado nas enchentes” (Borges, 1987, p. 31).

Terra de penhascos, rochas e pedregulhos, onde o cristal era “apanhado na superfície da terra” (Moreira Filho, 2020, p. 79), onde viajantes e tropeiros cruzavam terras, acompanhados pelo “trote leve da burrada, que se detinha por momentos a retouçar a babugem das margens [...] com carregamento de cristal de rocha” (Ramos, 1984, p. 38), e onde, como comenta Eli Brasiliense (1960), as crianças brincavam com cristais nos mochões que reluziam à luz do sol. Assim, “o sertão é do tamanho do mundo” (Rosa, 2019, p. 94). Portando, o sertão, sobretudo o garimpeiro, engloba toda as possíveis formas da terra e axiologias humanas.

Misturando-se com os cristais que emergiam à flor da terra, viam-se morros largos, estreitos, despenhadeiros e serras. Esses relevos fundiam-se aos “espigões denudados constituídos de rochas argilo-gresosas, arenitos e conglomerados diversos, cuja consistente adesão resistiu à erosão da água que escavou os vales em que defluem veios fluviais” (Carvalho, 2000, p. 64).

O sertão garimpeiro era um grande mosaico de contrastes naturais no qual a firmeza das rochas se misturava pacientemente com o trabalho do tempo das estações, do calor, das águas e dos ventos. A cada curva, nos contornos dos morros e nas linhas sinuosas das serras, gravavam-se os vestígios dessa obra incessante, onde o tempo deixava sua assinatura imortal.

Havia água em abundância e ela seguia “correndo lentamente” (Moreira Filho, 2010, p. 90), abrindo caminhos e carreiros por entre as matas. Essa paisagem se desdobrava em “um cerrado arenoso que ficava num plano pouco mais elevado, constituindo uma vegetação baixa e rala” (Caiado, 1964, p. 75) e descendo entre morros pedregosos e serras, como a do Espírito Santo, conhecida, como serra “do Jalapão projeta-se, azulada, na linha do horizonte a léguas de distância, lá pelas bandas do rio Caracol” (Lima, 2011, p. 15).

O Jalapão é “uma espécie de deserto que dava uma estocada na serra da divisa de Goiaz com a Bahia” (Brasiliense, 1964, p. 85), a areia do Tocantins era tão limpa que soltava

[...] sons quando atritada" (Brasiliense, 1964, p. 162) com as patas dos animais e dos pés das pessoas que por ela trafegavam. Aquela região era cercada de pequenos rios que, tanto no inverno quanto no verão, estavam vívidos entre os inúmeros pés de buritis e as relvas verdes desde o baixo até o cume da serra do Espírito Santo.

A presença de despenhadeiros resultantes do intemperismo gerou léguas de planaltos residuais nas "grandes chapadas" (Maranhão, 1990, p. 15) ocupadas por vastas fazendas com medidas a perder de vista, concentradas nas mãos de poucas pessoas, ou de uma família, com "espíritos de senhores feudais" (Rimualdo, 2021, p. 147) — que representavam a continuidade de um poder oligárquico. E como os "coronéis e mandões do interior assemelhavam-se aos barões feudais" (Brasiliense, 1959, p. 193) que colocavam em prática o seu imenso poder senhorial.

As terras, dominadas por chapadões com paredões de arenitos, argilas e solos de barro preto e vermelho, eram "salpintadas de lagos, solapadas de sumidouros e ribeirões, onde se abrem cavernas" (Cunha, 1975, p. 14) e grutas. E não tão distante, encontravam-se misturados os "campos, cerrados, matas, várzeas, arvoredos, lagoas, lagos, rios, riachos, [...] córregos" (Moreira Filho, 2020, p. 46-47) com águas quentes, mornas ou frias que percorriam sertão adentro. E não se poderia esquecer do cerradão fechado descrito por Moura Lima:

> [...] os paus-terras, desgrenhados, retorcidos, brotam arreião em todas as direções. Os bitus, alvoroçados nas janelas rusticas dos cupinzeiros, ensaiam vôos sem surupangos invisíveis, chamando o inverno. O cerradão, no ápice do espião, abre rasgão puxado, dando uma visão lépida do verdejante descamado que se perde de vista (Lima, 2002, p. 116).

Em suas variadas formas, o "nortão goiano" ia mudando de aspecto nas viradas de estações. Quase tudo que era verdejante no verão, transformava-se em amarelo-queimado ou marrom-castanho — cores que se formavam pela ação do ar quente e seco. Nesse cenário, as árvores foram construídas de "galhos mortos e secos, nus e esgrouvinhados, onde vem pousar [...] muito raramente alguma alma-de-gato ou anum preto com seus pios cinzentos e pardavascos num período propício às queimadas" (Élis, 1978, p. 66), que eram tão frequentes quanto inevitáveis.

Parecia que o "capim estava como pólvora" (Brasiliense, 1964, p. 121), pronto para explodir em chamas naquele grandioso sertão abrasador. Nesse ambiente extremo parecia ocorrer "uma mutação de apoteose" (Cunha, 1975, p. 44) na qual o sertão se (re)fazia, em meio as labaredas de fogo e ao calor intenso que penetrava nas vegetações e nos corpos humanos.

O sol escaldante chamuscava tudo ao seu alcance: relvas, matos, folhas. As matas, antes densas e verdejantes, abriam-se em sequidões ressequidas onde os "boiadeiros [...] passavam, na estrada batida" (Ramos, 1984, p. 35). Onde antes se avistavam águas vazantes de um ribeirão que serpenteava, formava-se um canal estreito com laterais de barro duro e batido em meio à poeira que se levantava com a passagem da tropa. Nesse cenário áspero, Paternostro captou a essência do lugar: "nessa localidade de terra vermelha, barrenta nas águas e poeirenta na sêca" (1945, p. 303).

Com o passar dos dias, o verão se tornava mais tórrido, sufocante, e, lá "pelos dias de agôsto, todo o horizonte [era] um vasto mar de chamas" (Ramos, 1984, p. 127), com fogo se alastrando pelos Gerais. Durante a noite "a grinalda de fogo dava a impressão de um vulcão" (Paternostro, 1945, p. 204) donde explodia labaredas de mais de metros de altura.

Em lugares onde o vento ajudava a espalhar o fogaréu, parecia até que o sertão estava sendo tragado por um "eitão de fogo" — expressão usada na linguagem sertaneja — que queimava loucamente e poderia durar até horas, dias, semanas, mês e meses, isto é, "por léguas e léguas a fio, a paisagem reflete a sanha devoradora do fogo. [...] labaredas volumosas, alteadas pelo vento, ouvindo o estralar de arbustos secos, que se retorcem no fogo e lembram o pipocar de metralhadoras" (Paternostro, 1945, p. 203).

Agosto era "o mês do fogo [...] mês das queimadas nos campos" (Serra, 1946, p. 31). Nesse período o sertão garimpeiro era uma fornalha viva. O fogo arrastava tudo, como se fosse um manto vermelho a deitar em cima dos vastos campos e, ao sair, ia deixando rastros de árvores no chão reduzidas a pó de cinzas. Sobre isso, escreve Hugo de Carvalho Ramos:

> Pelos dias de agôsto, todo o horizonte goiano é um vasto mar de chamas: fogo das queimadas que ardem, alastrando-se pelos "gerais" dos tabuleiros e chapadões a afugentar a fauna alada daqueles campos; fogo dos cerrados que esbraseiam, estadeando à noite os seus longos listrões de incêndio nas cumeadas das serras, intrometendo-se léguas e léguas pelo mato grosso e travessões do curso dos rios e subindo, carbonizadas as folhas secas que o vento acamara, pelo cipoal e trepadeiras dos troncos seculares, cuja casca rugosa tisna de sobreleve para ir em fúria crepitar nas grimpas, entre as galharadas verdes, reduzindo a cinzas os ninhos balouçantes do sabiá nativo, as caixas extravagantes da borá e mandaçaia, quando não enxota de pouso em pouso as guinchantes guaribas, os velozes caxinguelês, das alturas prediletas do tamboril, jatobá, aroeira ou barriguda — os mais comuns — daquelas matas (Ramos, 1984, p. 127-128)

Na época das queimadas as labaredas "apareciam coroas de fogo no pico das serras [...] esses fogos levavam diversos dias e noites a mastigarem o capim sêco e a vegetação [...]. Sumiam-se nos boqueirões, nos vales, para depois surgirem avermelhando o horizonte durante a noite" (Brasiliense, 1964, p. 152). Algumas árvores resistiam às queimadas mesmo com

brasas vivas por dias em seus troncos e galhos. Essa atividade do fogo constituía uma "praxi antiquíssima" (Élis, 1974, p. 62), quase – ou sendo – uma tradição do fogo e das derrubadas pelos Gerais garimpeiros.

O fogo, correndo pela coivara na "porção da mata destruída pelo fogo, onde se semeiam alguns litros de milho [, arroz, fava, mandioca] e feijão" (Neiva e Pena, 1999, p. 77). Não eram apenas alguns litros, pois, quando a queimada era feita para a roça, a produção dos cerais se fazia em grandes volumes de estoque no paiol para serem consumidos entre familiares, criações, amigos e comercializados. Esse fogo, quando não queimava, sapecava, e, pela impiedosa ação dele "as madeiras ficam carbonizadas, o solo torna-se ressequido, milhares de filhotes de pássaros e animais silvestres morrem abrasados" (Caiado, 1964, p. 85).

Diante deste cenário dantesco, via-se um céu "azul celeste [...] sombrio, com nuvens emaciadas, num horizonte meio turvo, mas com nuvens bem compactadas, parecendo sumirem nos contrafortes da serra" (Moreira Filho, 2020, p. 47), com chão de barro vermelho, tambores de areias brancas, douradas e, "uma evaporação quente, pulverulenta, como que parecia subir da terra rescaldada" (Ramos, 1984, p. 100), tremendo e ardendo nos olhos daqueles que lá viviam e por lá peregrinavam.

Existiam somente duas coisas que acabavam com o fogo no sertão goiano: "muita chuva e reza braba". Entre julho e agosto, o sertanejo rezava pela chegada dos aguaceiros conhecidos como as "chuvas dos cajueiros" (Neiva e Pena, 1999, p. 76) e das mangas, na esperança de ver o capim brotar e a gramínea crescer depois da coivara.

Afinal, "nos *geraes* [...] de quando em quando, [...] lança o fogo a pretexto de preparar melhor o pasto para as coivaras que lhes sucederem, pois o *agreste* depois de queimado ao repontar serve de melhor alimentação aos animais" (Neiva e Pena, 1999, p. 77). Depois do fogo, o sertão se tornava fértil novamente. No inverno, "o sertão abre-se [na] manhã de junho" (Ramos, 1984, p. 35) vívido como "os festões multicores das bignônias" (Cunha, 1975, p. 51).

1.3 Biodiversidade de fauna e flora

Nem só humanos ocupavam o sertão garimpeiro. Esse complexo ecossistema — atualmente dividido em caatinga, cerrado e floresta amazônica — era habitado por diferentes outros seres vivos que compunham a fauna e a flora. À medida que, "a fauna em qualquer setor, era abundante e os animais eram encontrados, em grande quantidade, às margens dos rios, dos lagos e nas campinas" (Caiado, 1964, p. 67).

Mas não se limitava a isso, havia desde “mutucas ferroando a gente” (Rosa, 2019, p. 30) até mesmo muitas “muriçocas e pernilongos” (Ramos, 1984, p. 42) que atentavam o dia a noite toda. Contudo, não faltava a presença de papagaios, tucanos e araras-azuis que enchiam o sertão garimpeiro de vida e beleza, compondo uma sinfonia natural que ecoava no horizonte daqueles Gerais.

Pessoas, animais e plantas se adaptavam à natureza agreste e seus fatores abióticos, a exemplo de relevo e temperatura. Tudo girava em torno de sol e água, seca e chuva. Relativamente à fauna, comecemos pelos insetos com a presença do “terrível mutuca, a muriçoca e besouros” (Santos, 1940, p. 17), alguns quase invisíveis aos olhos humanos e outros enormes, maiores que as mãos de seres humanos.

Outros mosquitos também existiam, como os “borrachudos, as moscas bisogôs, pretas [...], e os carrapatinhos pólvora [...] ferretoam impiedosamente” (Silva, 1948, p. 58). Mais um temido inseto na região era o pium, que picava pessoas e bichos para sugar-lhes sangue. Ele deu nome a um afamado garimpo do antigo norte goiano e a um município do Tocantins criado em 1953. Esses mosquitos eram tantos e tão robustos que “possuem ferrões tão fortes, que atravessam os mais grossos tecidos das vestes” (Santos, 1940, p. 17), dos lençóis e das redes.

Hermano Ribeiro da Silva registrou em seu diário de viagem, intitulado *Nos sertões do Araguaia*, uma forma de afugentar os insetos: “com o fumo de rôlo fortíssimo, construo valentes cigarros de palha que evitam de algum modo a perseguição dos sugadores terríveis” (1948, p. 140). Outra maneira de afastar os mosquitos era recorrer às fezes secas do gado, queimando-as para que a fumaça, lenta e espessa, se erguesse pelo ar.

Como uma névoa improvisada, essa fumaça rudimentar preenchia o espaço, espantando os pequenos, médios e grandes invasores com seu toque áspero e ancestral. Na ausência das fezes de gado, folhas verdes eram lançadas ao fogo, espalhando aromas e também tinham a mesma função de afastar os intrusos. Entre elas podemos citar o eucalipto e a hortelã, que, ao queimarem, libertavam essências frescas, espantando os mosquitos e perfumando o ar.

Haja vista que “a presença das anofelinas transmissoras da malária [...] aumenta a mortalidade infantil daquela população” (Paternostro, 1945, p. 60), apontando que a malária era a doença predominante no sertão garimpeiro. A situação de doenças e mortes ocasionadas pelos mosquitos se complicava na estação das águas, pois, a “proliferação dos mosquitos depende da temperatura e das chuvas. Ambos êsses fatôres climáticos lhe são favoráveis no

Tocantins [...] de janeiro a março, quando as chuvas atingem ao máximo" (Paternostro, 1945, p. 233).

Assim, o ciclo das estações do sertão, principalmente das águas, em sua complexidade, não trazia apenas a fertilidade, mas os perigos que rondavam o ambiente geográfico local. Paradoxalmente, cada chuva, além de carregar a promessa de revitalização, trazia o prenúncio — muitas vezes escondido — de sofrimento.

Perigosas e temidas eram também as cobras venenosas, como a cascavel e, na mesma intensidade, era a "jaracuçu-de-brejo de quase dois metros de comprimento" (Moreira Filho, 2009a, p. 105). Outra serpente que despertava temor, era a "sucuri colossal" (Santos, 1940, p. 19). Essas cobras, por essas brenhas do sertão garimpeiro, "são também conhecidas por sucurijus, sucuriús ou cobras-grandes" (Morse, 1968, p. 32), que chegavam a engolir uma pessoa, uma vaca inteira por esses brejos. Essas criaturas, com seus mistérios, eram os símbolos de um sertão garimpeiro totalmente selvagem, onde a vida e a morte — vida e perigo — se mesclavam.

Com som agudo emitido pelos machos com objetivo de atrair fêmeas para reprodução, as cigarras integravam o mesmo ecossistema. Assim, as "cigarras rugiam, com seus cantos estridentes, ecoando pelos mochões, clamando pelas chuvas ou para o acasalamento, a procriação" (Moreira Filho, 2020, p. 98) e, na mesma medida, assevera Assis Júnior:

> As cigarras [...] zuniam escondidas no alto de suas copas, enquanto as aves se abrigavam por entre as folhas dos ipês e das palmas dos babaçus ainda aquecidas pelo resto do sol que reluzia sobre o lombo das pessoas, fazendo o suor escorrer pelo corpo como uma nascente, gotejando sobre o chão pedregosos (Assis Júnior, 2010, p. 101)

Outros seres alados, bem diferentes dos insetos, apareciam com frequência pelas bandas do sertão. Era comum que regessem uma verdadeira orquestra natural, como um "bando de pássaros-pretos que cantam ao largo quase pelado de capim, pela seca" (Bernardes, 2005, p. 13). O canto deles se fundia harmoniosamente ao dos papagaios, tucanos e sabiás, ecoando entre os galhos dos jequitibás e das árvores sucupiras em flor.

Perto dos brejos encontram-se "os tetéus elegantemente revoavam aos bandos com suas coreografias e, no mesmo espaço brejoso, estavam as "garças placidas ou araras gritalhonas", que passavam e desfilavam, "espalmando as asas adventícias ás lufadas" (Rangel, 1920, p. 96). Essas aves não eram de uma única cor; eram de "todas as cores" (Santos, 1940, p. 12) e tamanhos, e ali dividiam o espaço também com patos selvagens, mergulhões e garças.

Dentro desse mesmo espaço brejoso, contém espetáculo de rara beleza: “pousam as garças morenas na água rasa, repetindo a imagem no espelho natural e quando se amedrontam afastam-se majestosas em elegância de modelos” (Borges, 1987, p. 27) sobre os matos flutuantes que boiavam nas águas profundas dos pequenos e grandes grotões. E no vasto céu acima que o voo das “curicacas [que] passam em pequenos bandos, longo bico [...] barulhentas e resmungonas” (Borges, 1987, p. 27). Essas cenas transformaram — ainda mais — um espaço brejoso em um quadro vivo.

Voando sob o mesmo céu azul, com o sol radiante que irrompia no chapadão “surgem os varzeados arenosos e quase planos” (Santos, 1940, p. 12), onde apareciam as araras-azuis com “os bandos de até 5 não são raros, em geral, porém voam aos casaes; o vôo é muito rápido e grasnam de modo diferente da canindé. [...] Pousam nos buritizaes onde geralmente dormem” (Neiva e Pena, 1999, p. 104).

O voo das araras-azuis cortando o céu era a orquestra e a dança que o sertão garimpeiro fazia para mostrar a sua grandiosidade. Nas árvores frutíferas, os pousos das aves se transformavam em poesia viva, enquanto seus grasnados ecoavam, naqueles baixões, um cântico milenar que sempre estivera conectado com a terra.

E neste mesmo cenário de fauna, esse bando de araras, “a arara-azul, [é] desconhecida nos Estados da Bahia, Pernambuco e Piauhí, [era] encontrada [...] somente em Goiaz” (Neiva e Pena, 1999, p. 116), principalmente na região do Jalapão, onde viviam livremente, fazendo buracos nos paredões dos morros das serras gerais para construir seus ninhos. Esses refúgios tinham o formato de pequenos buracos nominados de tocas ou eram “chamadas de cuiabanas” (Santos, 1940, p. 12).

A avifauna era pulsante e rica no antigo sertão goiano, com quero-queros gritando para dar alarme quando algum intruso invadia seus domínios. Nos ares do chapadão garimpeiro, “um gavião bico-de-ferro cruza os ares, num vôo rasante, e mergulha no cerrado; [...] eleva-se com uma cobra no bico, balançando e vai pousar num arvoredo bem longe, para saborear seu petisco” (Lima, 2011, p. 56), saciando sua fome e reafirmando o implacável ciclo da vida selvagem, onde o mais forte prevalecia.

Parente dos falcões e facilmente reconhecido por sua vocalização característica que parece o próprio nome, o carcará, ave que faz voos rasantes e certeiros, sempre foi temido no sertão. Em roças queimadas ou áreas verdejantes, realizava sua caçada, capturando cobras e, de maneira implacável, perfurando os olhos de garrotes recém-nascidos, matando-os para se alimentar. Outra ave de rapina, é o “*gavião de penacho* chega a atacar os bezerros *mijolos*, os

quaes muitas vezes vem a falecer em consequência dos ferimentos; filhos de veados, mutuns, seriemas e tatús são prezas facilmente carregadas pela ave" (Neiva e Pena, 1999, p. 104).

Ao romper da aurora nos campos gerais "as sericoias vibrantes, cantam nos balsedos, à fímbria dos banhados onde vem beber o tapir estacando um momento no seu trote, brutal, inflexivelmente retilíneo" (Cunha, 1975, p. 51) e, com elas, o canto de pássaros como o bem-te-vi durante todo o dia e no entardecer e anoitecer os gritos dos caborés.

O cantar de uma lambu ou de uma galinha d'água anunciava a chegada da noite no sertão, e "os pássaros festejando as águas e as árvores; as ariranhas que os acompanhavam com seus gritos estridentes e saltos acrobáticos; o sol morrendo entre o verde das matas e a lua majestosa vagando entre um turbilhão de estrelas" (Jadão, 1984, p. 46). E assim ia compondo o "banhado pelo clarão da lua" (Moreira Filho, 2020, p. 244).

Desse modo, o sertão garimpeiro se transformava em um palco iluminado pela lua, onde a natureza adentrava outro cenário – desta vez a noite –. O cantar dos pássaros no entardecer e, à noite, cada estrela no céu estava constituindo a sinfonia de sons e de luz que contia a vida assim como o dia.

Por essas ribeiras garimpeiras, quando "as trevas começam a arrepanhar de sobre a natureza e a sua mortalha, a passarada [...] escapole, [...] alterando as partituras infindáveis. Passaros os mais variados; symphonias as mais esplendidas movem a vida noturna do sertão" (Almeida, 1935, p. 21) e assim como o dia a noite no sertão garimpeiro mantinha-se em movimento.

Nas noites sertanejas, tinham "os morcegos animados chiavam no meio dos frutos da gameleira, os sapos coaxavam no breu da escuridão" (Moreira Filho, 2020, p. 221). E, na mesma amplitude da escuridão, "o agouro das corujas, o zunir dos grilos [...] o brilho das lanternas fosforescentes dos pirilampos nos confins da serrania" (Moreira Filho, 2009a, p. 51) também fazia a composição complexa das melodias desses Gerais.

No tempo transcorrido entre o ocaso e o nascer do sol, eram esses sons e visões que embalavam o sertanejo. Ao romper da aurora que "os pássaros logo começam a irromper a cantoria anunciando a chegada do dia" (Lima, 2011, p. 64), fosse ele quente ou ventoso, fatigante ou de calmaria. Cada dia começava não apenas com o astro rei, mas com os cânticos das aves que obviamente conversavam com o sertão em sua plena existência, anunciando a continuidade das lutas diárias dos sertanejos e dos garimpeiros.

Todo esse passaredo revelava a proximidade e a influência da natureza na vida sertaneja, a interação das pessoas que ali tinham suas vivências com o ambiente, pois, "os pássaros não são devedores dos frutos e da água da fonte. Eles testificam, perante a natureza,

a continuidade da missão cultural" (Cascudo, 1968, p. 20) e, por essa visão, os pássaros também iam ajudando na metamorfose constante do sertão garimpeiro.

Essa missão dos pássaros era cumprida em todos os dia e noites e em todas as estações do ano no sertão garimpeiro, frequentado por "periquitos em algazarra" (Moreira Filho, 2012, p. 56), papagaios selvagens, bem-te-vis, anus, pipiras azul-cinzentas ou pardo-escuras, quero-queros, canários, e, por "jaburus, socós, gaivotas, colhereiros e toda a fauna penífera apreciadora dos deliciosos habitantes das águas" (Caiado, 1974, p. 83). Cada espécie de ave tinha seu modo próprio de anunciar acontecimentos e mudanças por esse grande varjão dos Gerais, como as chuvas, estiagem, o anoitecer e o amanhecer. Algumas eram alvos de superstição, como a seriema.

Quando o sertanejo se deparava com uma seriema, torcia para que a ave corresse para a direita do caminho, porque assim teria sorte. Já a mocoan — ave de rapina conhecida em outras localidades como acauã — vivia à espreita e causava temor, emitindo um som triste e incansável ao final do dia, adentrando a noite.

Por medo de ouvir o canto da ave, a pessoa pegava uma faca e enfiava no chão, apontando para o lado de onde vinha o som da ave. Acreditava-se que, com isso, logo a mocoan deixaria de cantar e a sorte viria em seguida. Outra narrativa lendária sobre mocoan dizia que o canto dela prenunciava a chegada de forasteiro e de chuva. Se a ave cantasse em cima de uma árvore seca, a estação seria de pouca chuva, mas se cantasse em uma árvore florida, seria de bastante chuva.

Em outras ocasiões, a melodia da mocoan poderia anunciar a morte de alguém da casa, da família, ou de algum desconhecido próximo da região. Por isso ela era considerada uma ave de mau-agouro pela esdrúxula interpretação de seu canto como "Deus quer um", indicando que a morte estaria próxima de vir a quem o escutasse. Mas todos reconheciam o bom serviço que ela fazia ao se alimentar quase exclusivamente de cobras, tão temidas pela população sertaneja.

Os cantos de aves e os sons de outros animais continham simbolismos e "falavam" aos seus ouvintes. Eram vozes da natureza que ajudavam a reger o cotidiano dos sertanejos. No sertão garimpeiro, as galinhas tinham a mesma importância de outras aves. Nas criações em quintais e terreiros dos garimpeiros, a galinha que cantava como o galo e o galo que cantava igual à galinha eram sinais de coisa ruim. Para livrar-se do azar, esses animais eram executados — coisa que não acontecia com os galos de briga, submetidos à crueldade de combates violentos para satisfazer o interesse de apostadores com valores altíssimos, não

apenas em dinheiro, mas com suas casas, chácaras, cabeças de gados e outros animais de tropas.

Longe das rinhas de galos sanguinolentas — onde serviam de apostas entre as pessoas do sertão —, o relógio biológico programado no cantar dessa ave indicava o romper das "noites bonitas, claras, enluaradas" (Moreira Filho, 2020, p. 98) e anunciava o nascer do dia, quando, "a luminosidade da manhã começa a penetrar os galhos folharudos do robusto pequizeiro" (Lima, 2012, p. 17). Também sinalizava o fim da "tarde no horizonte do céu limpo" (Lima, 2002, p. 41).

Entre os cantos dos pássaros e outras aves nas brenhas do antigo norte goiano, a brisa da tarde "entrava, suavemente, à boca da noite" (Moreira Filho, 2020, p. 133). E com que rapidez caía a noite nessas paragens (Tournier, 1942), instigando as fantasias e superstições da gente sertaneja. Pela madrugada adentro "a rasga-mortalha, com voo balofo, emitia o pio funéreo" (Moura Lima, 2002, p. 84), espalhando a lenda de que trazia consigo o anúncio da morte, onde as "corujas que batiam azas [...] como quem rasga mortilaha para defuntos" (Benício, 1997, p. 119), envolvendo o sertão em um véu de mistério e presságio.

A mortalha é pano ou vestimenta com que se envolve o cadáver de uma pessoa. Ao rasgar-se, o tecido da mortalha emite um som quase idêntico ao grito e do atrito das asas da coruja ao voar. Como a ave tem garras grandes e afiadas que penetram na sua presa, matando-a facilmente, ficou conhecida como rasga-mortalha.

E por esse efeito, enfatiza o "triste som das corujas que cortavam mortalha em cima do telhado sobre a madeira carcomida, pobre, a desabar" (Moreira Filho, 2012, p. 66) era ouvido, o sertanejo ia logo avisando: "aqui não tem tesoura nem pano, não tem ninguém morando aqui". Acreditava-se que, fazendo essa oração três vezes, a pessoa afastava o perigo de morte.

Outros pássaros, viviam "saboreando os frutos pelas copas daquela aglomeração de árvores" (Moreira Filho, 2020, p. 132) e fazendo sempre (re)viver a natureza e o imaginário do povo sertanejo. Eram verdadeiros arquitetos do sertão a dispersar sementes de plantas para que elas pudessem propagar sua espécie e germinar em muitas regiões, entrelaçando passagens pelas matas que ajudavam a plantar. Essas sementes eram de "arvores frutíferas nativas, dentre elas, o cajuí, jenipapeiro, pequizeiro, puçazeiro, mangabeira, muricizeiro, bacupari, cajazeira" (Moreira Filho, 2020, p. 88), perpetuando o ciclo da vida e do sertão garimpeiro.

Capivaras faziam e traçavam trilhas labirínticas seguidas por caçadores, jagunços, garimpeiros, boiadeiros, roceiros, pistoleiros, ciganos, viajantes, fugitivos, andarilhos,

riscando o vasto chão do sertão com pegadas ora escondidas pelo capim agreste, ora interrompidas “pelos paus-terra que saem do agreste sem medo de mostrar os traços da terra escarambada” (Lima, 2011, p. 15). Ou talvez pelas chuvas que vinham lavar tudo, enquanto ventos fortes dançavam sobre as flores das trilhas.

Na época das chuvas, algumas árvores se carregavam de vida, atraindo animais em busca de alimento e entravam de abaixo delas “o veado mateiro, a anta e as varas de caititus. Logo após o cair da noite, era comum entrarem debaixo das fruteiras, muitas pacas de uma só vez” (Caiado, 1964, p. 29). Esses sertões, moldados pela fartura do período frutífero, tornavam-se, palcos para que os “caititus esquivos” que passavam “em varas, pelas tigueras, num estrídulo estrepitar de maxilas percutindo” (Cunha, 1975, p. 51). O som dos animais, da natureza em movimento, combinado ao murmúrio das folhas e ao pulsar dos frutos, criava um ambiente onde o caçador poderia arquitetar sua caçada e encontrava o seu sustento e de suas família e amigos.

Esse vasto ambiente do sertão garimpeiro era rico em flora e fauna e lá se podiam encontrar um numeroso habitat de seres vivos, entre aves e “tamanduás, graxains, tatus, macacos, cutias, veados, antas, pacas, onças guarás, que são os lobos brasileiros — tudo isso é fácil de encontrar na chapada [...], mormente perto das aguadas, onde as capivaras — comida predileta das onças — são particularmente numerosas” (Morse, 1968, p. 49).

Plantas e bichos mantinham relação simbiótica mutuamente vantajosa. Árvores frutíferas ofereceriam alimentos para animais que espalhavam sementes por todo o território, contribuindo para a reprodução das espécies vegetais, como o “ipê florido, na quadra da seca” (Moreira Filho, 2020, p. 110) que, além de adornar a paisagem com sua beleza, acolhia e abrigava em suas “copas floridas” (Élis, 1974, p. 89), o que era de um exuberante “festival de bem-te-vis, sábias, tico-tico, socós, viuvinhas, fogo-apagou, tucanos, mutuns, pássaros-pretos, periquitos, curicacas, papagaios, araras” (Moreira Filho, 2020, p. 132).

No verão tórrido, viam-se bichos se protegendo do sol e descansando debaixo de “galhos dos frondosos pequizeiros” (Moreira Filho, 2020, p. 64), com raízes profundas em decorrência da ação do tatu que levou, para a sua toca funda, o fruto[19] (o pequi) para se alimentar. O pequizeiro era uma das árvores típicas do sertão — símbolo do sertão garimpeiro — e se multiplicava em incontáveis pés que cresciam em vários lugares viam-se “os cerrados

[19] Obtive essa informação sobre a raiz do pé de pequi em uma conversa que tive com uma sertaneja fabricante de sabão caseiro na cidade de Babaçulândia em 2011. Nunca me esqueci de suas palavras que diziam sobre o mistério da raiz do pé de pequi que, quando brotava no solo, já tinha anos que vinha rasgando o interior da terra.

cheios de pequizeiros" (Moreira Filho, 2020, p. 247), compondo a vastidão natural dos gerais cristalíferos.

Nesses vastos Gerais, a biodiversidade se desdobrava em paisagens que iam do cerrado à caatinga, misturando-se, pouco a pouco, com os ecos da floresta amazônica, entrelaçando-se na imensidão do "norte goiano". Como relata Carlota Carvalho (2000), na frondosa caatinga, a flora do sertão era formada de grandes árvores, como angico, aroeira, ipê ou pau d'arco, jatobá, cedro, muito espaçadas.

Já no varjão dos cristalíferos compunha-se "a vegetação das margens de sarans, arbustos peculiares de alagadiços, e das matas raquíticas emaranhadas de lianas, que nas passagens apertadas se enlaçam nas copas, impressionando à maneira de extensos abobadários claustrais. [...] de campos belíssimos" (Silva, 1948, p. 61-62), compondo um cenário de vastidão e mistério.

Por esses imensos Gerais, entre o cerro e os alagadiços, encontravam-se, as "florestas de palmeiras de babaçu [...], dilatando-se até o Maranhão e ao Piauí" (Folha de Goiaz, 1947a, p. 2). Essa árvore era reverenciada como "rinha", sendo também chamada de "árvore-mãe" ou, em outras nas palavras, a "mãe-palmeira [...] devido ao afeto que se estabelece junto à palmeira de babaçu" (Santos, 2021, p. 80).

Esses afetos, em sua maior parte, eram desenvolvidos por mulheres em sua maioria negras que se reuniam para fazer do coco babaçu e outros, os produtos como artesanatos e óleo de babaçu e cocadas. Desse modo, aquele espaço se tornou um lugar de causos compartilhados e de afetos. Sobre isso, Durval Rosa Borges destaca:

> [...] o babaçu é o rei, coqueiro sinaleiro de bons terrenos e que forma ilhas vegetais envolventes, ocupando a planura e montando as elevações. [...] ao aproximar o Estado do Maranhão, estas ilhas se transformam em continentes de babaçu, riqueza vegetal. [...] Capital obvia deste Estado de coqueirais é a cidade goiana de Babaçulândia (Borges, 1987, p. 32).

A árvore do coco babaçu era utilizada na construção de casinhas de taipa nesses Gerais garimpeiros, eram construídos "ranchos, sob as galhas das frondosas árvores nativas" (Moreira Filho, 2020, p. 78). As folhas eram usadas para montar o telhado da casa de pau-a-pique. Os talos das folhas eram amarrados com cipó-do-mato para dar sustentabilidade ao esqueleto da casa e assim receber o barro que era pisado (amassado).

Assim eram, "as casas de palhas de piaçaba, com piso de chão batido, paredes de taipa de barro atirado com as mãos, portas e janelas fabricadas em talos de buriti" (Moreira Filho, 2020, p. 83). De estrutura simples, mas firme, resistente aos tempos do sertão essas moradias

expressavam a engenhosidade dos sertanejos diante do espaço em que existiam. Onde até as paredes guardavam as digitais de mãos grossas pelo árduo trabalho no campo.

Há que se ressaltar que as vassouras de palha de piaçaba eram fabricadas manualmente a partir de matéria-prima fornecida pela mesma árvore, além de cestas e esteiras feitas com as folhas "dessa presente palmeira, vulgaríssima no norte, se utilizam também os cocos, que se produzem em cachos [...] dos quais se retira o óleo, cujo emprego tanto serve para cozinha como para motores, estabelecendo verdadeira riqueza a ser explorada" (Silva, 1948, p. 57). A extração do óleo do coco era realizada durante todo o ano, mas se intensificava no período da seca – do verão – para uso culinário e para venda.

Esse ouro verde do sertão teve importância econômica na região do antigo norte goiano, tanto que, se antes da exploração do babaçu, o comércio de concentrava na negociação de couros, tempos depois passou a acrescentar o "babaçu, castanha e minérios" (Paternostro, 1945, p. 57). Além de pequi e de coco babaçu, o cerrado no sertão garimpeiro contava com grande diversidade de frutos, entre eles, destaca, Juarez Moreira Filho:

> [...] cajuí, cajá, puçá, mangaba, cagaita, pintomba, pitanga, marmelada, mutamba, mama-cadela, bacupari, jatobá, jenipapo, araçá, murici, maracujá do cerrado, ingá, buriti, buritirana, bacaba, resina-de-angico, cocos-de-palmeira [...] cocos-de-piaçaba, cocos-catolé e cocos-najá que eram abundantes pelos manchões (Moreira Filho, 2020, p. 71).

Por essas chapadas que descambavam em paisagens diversas do cerrado, avistavam-se "umas goiabeiras" (Ramos, 1984, p. 45) dando frutos aos pássaros e às pessoas que ali transitavam e que as colhiam. E, ainda "pelo caminho junto aos cerrados e capoeiras, o murici cheiroso, [...] as corriolas verdolengas, denunciadas a distância pela fragrância intensa, e mangabas e guabirobas, que trazia jacazinhos, sobre o gancho do silhão" (Ramos, 1984, p. 131).

Naqueles manchões, os frutos de tantas árvores matavam a fome daqueles pobres guerreiros(as) e heróis(ínas) anônimos(as) que vagueavam nos vales do Araguaia e do Tocantins por horas, dias, semanas e meses a fio. Pelo caminho faziam rastros e os sertanejos eram agraciados com a fartura da terra.

Eles encontravam "cajueiros carregados de frutos vermelhos" (Santos, 1940, p. 10), enquanto pés de macaúba lhes ofereciam sombra e sustento, matando a fome e destacam também o "*macambiral* de grande utilidade nas sêcas, pois os rizomas servem de alimentação para homem e animaes" (Neiva e Pena, 1999, p. 78). Isso representava uma das íntimas parcerias e relações entre o homem e o sertão desses rincões brasileiros.

E sobre a medonha e escabrosa realidade da fome que assola os sertões brasileiros, o pensador Josué de Castro, em seu livro *Sete palmos de terra e um caixão* (1967), retrata com maestria os dramas e a resistência daqueles sujeitos que habitam essas vastidões agrestes, afirmando:

> [...] a fome se apresenta com características bem diferentes, refletindo outro complexo geo-eco-nômico [...]. Não se trata da fome atuando de maneira permanente, condicionada pelos hábitos da vida cotidiana, mas da fome apresentando-se espisòdicamente em surtos epidêmicos. Surtos agudos de fome que surgem com as sêcas, intercaladas cìclicamente e com os períodos de relativa abundância que caracterizam a vida do sertanejo nas épocas de normalidade (Castro, 1967, p. 56).

Era exatamente nos períodos de seca que os sertanejos mais procuravam por plantas e frutas para matar a fome, entre elas, manga, buriti, murici, pequi, cagaita, guabiroba, olho-do-pati, macaúba, tucum, sambaida, mucuranba, laranjinha, jambu, cariru, folha de carne (ora-pronóbis), vinagreira, taioba, raízes das batatas do umbuzeiro, batatas-de-praia, conhecidas como batata-doce, e raízes como a do cipó branco, que contém água para saciar a sede.

Na dura caminhada da luta gigantesca contra a seca, o sertanejo saía em busca de sobrevivência; muitos encontraram refúgio nas terras garimpeiras do antigo norte goiano. Mas, durante esse percurso, constantemente se alimentavam de raízes que, muitas vezes, eram venenosas e não sabiam que acabavam tirando-lhes a vida.

Rachel de Queiroz retrata esse contexto em seu romance *O Quinze* (2012), onde homens, mulheres e principalmente crianças “arrancam uns pedaços de raiz” e seguiam em direção aos seus “rancho[s], trazendo numa trouxa os paus de mandioca obtidos” (2012, p. 24). Comendo, matavam sua fome momentânea, mas logo também poderiam vir a falecer pela intoxicação.

Toda essa flora era resistente durante as estações do ano no sertão, seguindo firme nos invernos, nas queimadas e também às “chuvas torrenciais ininterruptas” (Caiado, 1964, p. 67), que, iam “caindo por ali há séculos [em] fortes enxurradas” (Cunha, 1975, p. 15). A biodiversidade vegetal do sertão contribuiu na configuração de um novo espaço geográfico naquela região e, ao mesmo tempo, impregnou-a de mistérios e encantos que ainda ecoam nas lembranças dos que por ela passaram e viveram.

Bastava um caminhante passar nas proximidades de uma árvore desconhecida para o sertanejo, pudesse “sofrer o encantamento e perder o siso” (Silva, 1948, p. 85) ou seja, a direção de sua caminhada. Isso acontecia com a planta conhecida como pau-pombo, conhecida em outras regiões como pau-cachimbo.

Se essa arvore estivesse queimada e a pessoa passasse por cima das cinzas, perder-se-ia na mata, rodando e rodando sem sair do lugar. Esses encantos só eram quebrados ou evitados se o sujeito identificasse a planta e cortasse uma folha ou galho, e no caso da cinza, arrastasse o pé fazendo o ato simbólico de quebrá-la ao meio.

Outra planta que povoava o imaginário sertanejo tem o nome científico *Aclepias currassavica* e é conhecida popularmente como erva-de-rato, cafezinho e café-bravo[20]. Ao comê-la, o gado ficava "empanzinado", com a barriga cheia de gases. Para salvar os animais, faziam-se inúmeras batidas com raízes e, se não resolvesse, puxava-se o couro da barriga da rês e se fazia um pequeno furo de faca para o gás sair.

Também a planta mascagnia, conhecida como tingui, poderia matar o gado. Se a vaca estivesse empanzinada e o bezerro bebesse o leite, morreria também, e para tentar salvá-los, os donos usavam a sebereba, bebida feita com raízes de outras plantas. Muitas pessoas, ao tentarem matar essa erva, ficavam embriagadas com o seu cheiro e à noite tinham algumas alucinações e muitas dores de cabeça, chegando adoecer no outro dia. Essas experiências se mesclavam a lendas e superstições no sertão do norte goiano.

Muitas raízes serviam como medicamentos naturais que a sabedoria popular sertaneja desenvolveu ao longo dos anos em convívio com a natureza. Nesse contexto, segundo Francisco Edval Leite Tavares *et al*. (2009), entravam os raizeiros e as raizeiras, que representavam um elo entre a comunidade e os recursos vegetais, sendo detentores de relevantes conhecimentos sobre a utilidade de plantas.

O reconhecimento deles(as) se devia principalmente "à produção caseira de chás, garrafadas e remédios caseiros, baseadas pela relação proximal com a diversidade vegetal da região" (Machado, 2022, p. 52). Exemplos de medicamentos caseiros, um é o licor de jenipapo, consumido como fortificante, estimulante do apetite e para melhora da circulação sanguínea. Outro era o óleo de buriti que servia em algumas ocasiões para curar a pessoa de picada de cobra.

Outra árvore importante para o povo sertanejo era a mangabeira. Da sua casca era feito chá usado no tratamento de ferimentos pelo corpo e gastrite. Com o fruto ou a raspa da árvore puçá eram feitas garrafadas para tratar inflamações e feridas intestinais. E como preventivo ou

[20] Em uma das minhas andanças por um dos antigos garimpos de cristais na cidade de Xambioá (Tocantins) em 2023, conheci um local que foi muito explorado pelos garimpeiros no povoado Manchão do Meio e naquela caminhada nos chapadões de pedregulhos tive uma belíssima aula *in loco* com o sertanejo Carlos Rodrigues, que prontamente me falou sobre esse encanto da flora. Na região do Bico do Papagaio, essa erva é pouca, mas encontrei incontáveis pés dessa planta na região de Lizarda (Tocantins). Nas proximidades do Jalapão, muitos sertanejos, como o professor Deusiano Quixabeira, chamavam-na de praga do sertão.

curativo da febre braba. A imensa maioria dos sertanejos nos vastos gerais cristalíferos, lembra José Maria Audrin:

> "têm sempre à sua disposição a casca da quina. Utiliza-se dela em decocção, ou toma em pó diluído em tisana ou vinho. Com esse pó dissolvido no suco de ananás, na falta de vinho de uvas, obtém-se valioso reconstituinte, cujo uso metódico preserva dos ataques de malária" (Audrin, 1963, p. 86-87).

Desse modo, a natureza oferecia remédios simples, mas poderosos, que acompanhavam o sertanejo em sua lida diária contra as inúmeras adversidades da vida. Outro remédio caseiro, cuja essência brota da natureza do sertão, é a píula, também chamada de pirula. Sua composição vem da babosa e da tapioca, ou do polvilho extraído da mandioca, conhecida por muitos como o *Pão da Terra*[21].

Segundo a sabedoria sertaneja, esse remédio era usado para tratar a gripe, controlar a diabetes, aliviar o ressecamento intestinal e curar infecções em algumas feridas que se encontravam pelo corpo em virtude de alguma infecção no sangue. Em certos relatos, acrescentava-se ainda o fruto do guaraná, para que também servisse ao vigor e à libido dos sertanejos.

A produção e o consumo desses remédios representavam não apenas mais uma vez a interação do sertanejo com a natureza, cujos mistérios ele aprendeu a desvendar, mas também, em grande medida, a falta de serviços médicos e de produtos farmacêuticos que ajudassem no tratamento de doenças que acometiam aquela população abandonada pelas instituições de saúde.

É importante lembrar que "falar em abandono significa constatar uma atitude de desprezo das elites políticas e intelectuais pela vida do homem no interior" (Lima, 1998, p. 109). E sentido de perto essa amarga realidade, Audrin lembra que "falta habitual de médicos e de remédios, vêem-se, em seus sofrimentos físicos, obrigados a recorrer a tudo o que poderá trazer-lhes ao menos uma esperança de alívio" (1963, p. 136). Assim, o sertanejo, imerso em sua dor e necessidade, encontrava na própria terra o alívio, ainda que precário, para suas várias aflições.

E muito mais riqueza botânica havia no sertão goiano, sobretudo no norte com "surucupiras, amarela e roxa, faveiras de várias espécies, sendo mais frondosa a de *bolotas*, barbatimão, bacuri. [...], puçá, tingui, gonçalo-alves, [...] capitão-do-mato, sambaíba, e, noutro

[21] O título é do livro publicado em 1959 pelo agrônomo Carlos Borges Schmidt que dedicou boa parte da sua vida em pesquisas sobre a agricultura e o meio rural no Brasil. O livro faz uma profunda análise da mandioca frequentemente referida como "pão da terra" devido a sua importância como alimento nos mais variados sertões brasileiros.

tempo, mangabeiras que a extração do leite matou, são enfeites desses campos" (Carlota, 2000, p. 95).

Existia também a mirindiba-bagre e os veados campeiros passavam horas degustando as frutinhas que caíam da árvore. Tinha ainda a cega-machado, árvore resistente, de característica extremamente ornamental quando em flor, igualando-se à beleza dos ipês. Os sertanejos deram a ela esse nome porque era muito difícil cortá-la com machado. Borges faz referência à vegetação nativa:

> [...] rasteira, do tipo cerrado goiano, rarefeita nos campos, espessa e naturalmente elevada nas áreas florestadas. Na parte sul [...] verifica-se zona de transição entre o cerrado e a mata [...] [da] Floresta Amazônica e a formação do Cerrado. O binômio condiciona diversificação da paisagem e assim a forma e tamanho das árvores vão da vegetação rasteira e varjões com gramíneas altas até aos exemplares imponentes, muitas delas floridas. Destacam-se vários gêneros orquídeas, pertencentes umas ao cerrado terrestre e outras à floresta e nos varjões se elevam as palmeiras buriti, sua bandeira verde (Borges, 1987, p. 357-358).

Entre essas orquídeas estavam as *Cyrtopodium saintlegerianum*, conhecidas popularmente como bisturi-do-mato ou rabo-de-tatu, e a mais conhecida pelo antigo norte goiano e estados vizinhos, a sumaré (*Cyrtopodium confusum*), embelezando a paisagem dialética e existencial desses Gerais cristalíferos.

É importante destacar que, dentro dessa imensa floresta, não estavam apenas as orquídeas, mas também outras flores do sertão, "as resistentes bromeliáceas, — as suas macambiras, croás e croatás, exibindo as lâminas recurvas e afiadas de suas fôlhas em sabre" (Castro, 1967, p. 59-60), resistindo ao clima do sertão no inverno e no verão. Essas plantas compuseram o mundo do sertão garimpeiro em beleza e resistência.

1.4 Misticismo, lendas e religiosidade

O universo dos sertanejos e garimpeiros do sertão do antigo norte goiano envolvia uma "vida rude e cheia de superstições [que] constituem ainda muitos motivos entranhados" (Silva, 1948, p. 21), incluindo até mesmo mortes atribuídas à feitiçaria. Alguns feitiços eram realizados em "três sextas-feiras seguidas, numa encruzilhada, à meia-noite em ponto" (Brasiliense, 1964, p. 24). Rituais que iam do medo ao mistério permeavam a existência desses homens, mulheres, crianças e idosos, imersos nas lendas e nos encantos que moldavam sua realidade do sertão garimpeiro.

O místico povoava todo o imaginário dos Gerais do sertão garimpeiro, pois, o "sertanejo está sempre pronto a aceitar o sobrenatural" (Paternostro, 1945, p. 340), sendo a partir dessa misticidade que as glórias e as derrotas eram contadas, interpretadas nas vidas desses sujeitos. Lendas e mitos também influenciaram a realidade dos sertanejos. Assim, o sertão garimpeiro se revelou como um "universo de mistérios e de agressões" (Borges, 1987, p. 129), onde a linha entre o real e o sobrenatural se tornava uma via de mão única, entrelaçando-se nas experiências cotidianas desses sertanejos e garimpeiros.

Os povoados ribeirinhos ali existentes acreditavam que no lugar havia riquezas escondidas, "de pérolas [...] há de fato enormes quantidades de conchas" (Silva, 1948, p. 268), mas, até hoje, nada de valor monumental foi encontrado. Ainda assim, as "notícias correram, mundo a fora, que aquele [...] fim de mundo [...] era mesmo próspero, afortunado e venturoso" (Moreira Filho, 2020, p. 256). As lendas de riquezas perdidas, de um espaço de Eldorado, alimentavam o imaginário no sertão garimpeiro.

As notícias de um sertão rico, presente no Eldorado, ainda movia os sonhos das pessoas que viviam na região cristaleira. No sertão dos cristais, a região banhada pelos rios Tocantins e Araguaia continuava a ser povoada por lendas e mistérios que envolviam desde as águas douradas, a ilha dos martírios com suas pinturas rupestres[22], escuras e transparentes até as serras, como a Serra do Carmo.

Nesse vasto cosmos sertanejo, "Goiás, em sua geologia híbrida, feita de mosaicos dos rios" tinha inúmeros espaços ermos pelos quais se estendiam, serras, "montanhas — reservatórios de cristal, e de nikel, e de esmeraldas" (Folha de Goiaz, 1947a, p. 2), o que constituiu uma fonte inesgotável de curiosidade e mistério.

Do mesmo modo, as pedras de calcário e cristais expostas à flor da terra e a suposta possibilidade de exploração de ouro e diamantes nas encostas dos seus rios e afluentes instigavam a imaginação dos habitantes do sertão – era o maná da terra. E, nesse caso, o próprio sertão garimpeiro, em sua exuberância, mistérios e segredos, convidava as pessoas que ali habitavam e os que estavam longe a sonharem com riquezas ocultas, sempre à espera de serem descobertas para que, assim, o enriquecimento fácil fosse realizado.

O sertão era imponente e misterioso, cheio de superstições, surpresas e assombrações, desde a poesia do amanhecer, quando se levanta "o sol, incendiando o horizonte e

[22]A Ilha dos Martírios está localizada no rio Araguaia, entre São Geraldo do Araguaia (PA) e Xambioá (TO). Segundo lendas do século XIX, bandeirantes viram índios com ouro e acreditaram ter encontrado o Eldorado. As pedras da ilha revelam inscrições que lembram a Via Crucis e animais da região, visíveis no verão e submersos no inverno. O tema foi abordado por Manoel Rodrigues Ferreira em *O Mistério do Ouro dos Martírios* (1960).

purpureando a imensa superfície movediça do Araguaia" (Tournier, 1942, p. 133) até a chegada do manto negro que cobria tudo, o enegrecer do dia com a chegada do "breu" da "noite silenciosa" (Moreira Filho, 2020, p. 107).

Às vezes, o silêncio era quebrado com o barulho de um animal de hábitos diuturnos como do macaco gorgon, conhecido como guariba ou macaco barbado que poderia se ouvir quilômetros de distância mata a dentro e arrepiando a alma daqueles ouvissem, de algum estridular de grilo pedindo chuva ou inseto que ressoava contra ao vento no sertão.

Por essas brenhas do sertão garimpeiro, os mistérios nas matas faziam "emergir a mãe d'água domiciliando também a cobra grande aos roncos apavoradores e os bandos das janauahyras catingosas, que assaltam rabidas... Na matta, que o engasta, curupiras, caaponras, maty tapéres, boitatás, desasidos repassam numa sarabanda de terror e pânico" (Rangel, 1920, p. 44) que iam modificando a vida daqueles sujeitos.

Essas narrativas apavorantes evocavam o fantástico e o sobrenatural desde o romper da aurora até o pôr do sol "com nuvens navegando preguiçosamente lá no horizonte" (Moreira Filho, 2012, p. 53). Outras lendas também compunham o imaginário do sertão garimpeiro, como a do Nego D'água[23], um homem negro de estrutura baixa com mãos e pés de pato que às vezes se manifestava com gargalhadas estrondosas. Saía de dentro do rio e tombava canoa quando negavam dar-lhe peixes; batia nos pescadores, enganchava parte os anzóis, furava redes de pescaria, tarrafas. Em outros momentos, espantava os peixes e atrapalhava a pescaria.

Era nesses rios que o Nego D'água surgia. Ele surgia "da pedra, nas noites de luar" (Brasiliense, 1964, p. 17) ou nos galhos que se estendiam sobre as águas. Às vezes, aparecia em um "disforme, fazendo aceno e carantonhas das sombras do rio [...] surgia assim intocável por que era assombração, perigoso, porque era malvado e traiçoeiro" (Brasiliense, 1964, p. 24), atentava e punha medo em todos que ali viviam.

Ainda hoje, alguns pescadores levam uma garrafa de cachaça ou jogam alguma oferenda dentro do rio para que não tenham suas embarcações viradas ou sua pesca atrapalhada. Assim, a lenda se perpetua, entrelaçando-se com as águas e com a vida terrena daqueles sertanejos que das águas dependem para manter os sustentáculos de suas vidas.

Outra lenda, a do Rodeirão[24], conta a história de uma gigantesca e monstruosa arraia que habita o leito do rio Araguaia, conhecidas por esses Gerais garimpeiros como arraia-de-

[23] A lenda do Nego D'água, associada aos rios Araguaia e Tocantins e seus afluentes, percorre todos os meandros do sertão garimpeiro.

[24] Em uma de minhas andanças pelo estado do Tocantins em 2018, estive na cidade de Arapoema. Lá tive a oportunidade de conhecer Chico da Canoa, um velho pescador aposentado que me narrou a lenda do Rodeirão.

fogo, com pintas amarelas que reluziam como brasas sob a água. Apesar de ser usado como alimento a raia ou arraia era considerada o “mais perigoso de todos os peixes do Araguaia. [...] Animal de 30 a 50 centímetros de diâmetro, escuro com pintas simétricas, na cauda um ou dois estiletes com espinhos que se abrem a partir da ponta penetrando fácil mas saindo dilacerando os tecidos” (Borges, 1987, p. 157). Era mais uma das várias ameaças que se escondiam nas águas do sertão garimpeiro, onde a luta pela sobrevivência se misturava ao fascínio pelos mistérios dos rios, lagos e riachos. Durval Rosa Borges acrescenta:

> Nenhum dos analgésicos usuais tem qualquer efeito ao picado pela demoníaca raia pintada. Após a anestesia a limpeza da cratera é então possível, mas a sutura dificilmente poderá ser praticada com êxito. Barranqueiros acostumados com a raia afirmam que outro tratamento é fazer sentar uma mulher nua, sobre o ferimento (Borges, 1987, p. 158).

Por isso, esses animais eram temidos por viajantes, barqueiros e pescadores, porque sua ferroada contém uma toxina que chega a necrosar o local afetado, levando ao aleijo, à amputação do membro e, dependendo do lugar ferido, até à morte do sujeito. Há um ditado popular por esse varjão que diz: “quando a arraia espora uma pessoa, um animal, se não cagar ou se mijar na hora de tanta dor é porque não foi a arraia”.

A cura da ferroada desse peixe é lenta e muitas vezes dolorida. O membro ou a parte do afetado chega a gangrenar e o tratamento “consistia em trazer, em cima da ferida, na palma de um dos pés, uma espécie de compressa de brotos de bambu [ou] uma mulher sentar-se sobre a ferida, isso, como o processo de cura” (Santos, 1940, p. 17). Alguns sertanejos diziam que também se devia urinar ou, quando tinha, derramar gasolina sobre o local que foi ferroado.

Quando o animal chega a um tamanho grande, é referido como arraia gigante. Sua lenda povoava o imaginário dos vales garimpeiros da seguinte forma: ela se transformava em uma imensa ilha em qualquer lugar do rio e o pescador, ao atracar nela, via a arraia mergulhar. E lá, dento d´água, o Rodeirão sem dente se lançava sobre o pescador, que era sugado para dentro do rio.

Tem ainda a lenda do boto, um animal aquático que, semelhante ao peixe-boi, carrega em si o misticismo das margens ribeirinhas. Pois, “os caboclos tratam-no como animal sagrado e ninguém o mata, porque a lenda lhe atribui a virtude de proteger os náufragos, aos quais empurra com a cabeça para as margens do rio” (Silva, 1948, p. 51), e depois vai embora.

Se ele retornasse e as pessoas que estavam naufragando estivessem no mesmo lugar em que ajudou a salvar vidas, o peixe as devorava. Mais uma narrativa lendária sobre o boto no sertão é que ele se transfigura em um garimpeiro charmoso, de lábia sedutora, que engravida mulheres ao longo dos rios Araguaia e Tocantins e depois desaparece, dando a origem de muitos filhos sem pai.

Nesse imenso território do extremo norte goiano, banhado pelo extenso rio Tocantins, onde as "ilhas, praias e corredeiras, a mata virgem cheia de árvores de cores várias" (Rodrigues, 1987, p. 100), delineava-se uma paisagem formada também por regiões secas, onde existia um córrego com um filete de água e não tão distante dali um "córrego [...] completamente seco" (Santos, 1940, p. 10) que ficava cheio no período chuvoso, e outros, imensos, que resistiam amargamente o ano inteiro. Assim se configurava o quadro do sertão garimpeiro com seu grande rio que, em parte de seu percurso, como descreve Eli Brasiliense:

> [...] parecia um grande lago tranquilo. O rio enchia-se de cintilações quando a água se arrepiava com o vento brabo vindo dos lados do sul. [...] Naquele estirão o Tocantins lerdeava, como cavalo manhoso. Sua verdadeira força, numa fúria de escavar as pedranceiras e os barrancos, era denunciada pelo estrondear da cachoeira, alguns quilômetros abaixo (Brasiliense, 1964, p. 15).

Essas (in)tranquilas águas do rio Tocantins evocavam aquele fluxo inquieto que "corre rápido, acelerado, depressa, parecendo que tem um destino a cumprir, uma meta a ser alcançada" (Moreira Filho, 2020, p. 50) e que constituía o espaço geográfico aquático que ia criando lendas nas suas margens e correntezas. Ali, "o real era esfarinhado pelo fantástico" (Brasiliense, 1964, p. 15) que se movia pelas águas do antigo norte goiano do sertão garimpeiro.

Foi nesse fantástico cenário aquático que ganhou vida a lenda da boiúna, uma cobra grande que dava rabanada violenta e o banzeiro do rio subia, fazendo estrondoso tumulto. E por essas brenhas, os gerais cristalíferos iam se tornando "terras caídas [...] Era por isso que o Tocantins, com o passar dos anos, ia-se espraiando na caixa, com a queda dos barrancos" (Lima, 2003, p. 16), revelando como o rio, em sua pujança e persistência, moldava a paisagem geográfica e, ao mesmo tempo, inspirava histórias, lendas e vidas que misturavam o real ao imaginário.

Outra narrativa mítica que habita envolvendo serpentes, está em Porto Nacional é a da Boiuna, surgida no mesmo tempo em que se ergueu a igreja central de Nossa Senhora das Mercês. Sendo no fim do século XIX – 1984 –, na administração do ouvidor Joaquim

Teotônio Segurado e sob a direção do Frei Berto, quando os dominicanos franceses administravam a cidade e a região.

Nesse tempo, mãos negras de escravos e de pessoas livres, marcadas pelo labor e pela resistência, transportaram imensas rochas tornaram blocos de pedra canga e “quando estava fazendo a igreja, a extração de ouro era muito grande na região, de modo que cada um fazia questão de trazer uma garrafa de ouro em pó para misturar na argamassa das fundações da igreja” (Rodrigues, 1987, p. 117). Esses blocos eram carregados nas costas e em pesados carros puxados por juntas de bois, essas rochas, moldadas pelo suor, pelos gritos, gemidos e silêncios de pessoas e animais, deram forma à fé que ainda ecoa entre as paredes e as memórias do povo.

Em terras portuenses, conta-se que certa moça de família escondeu uma gravidez. No dia em que as dores anunciaram a chegada da criança, disse à mãe que ia lavar roupas no rio Tocantins. Lá, à sombra das árvores e ao som das águas, deu à luz e, num gesto trágico, lançou o recém-nascido ao rio. Mas a criança, segundo a lenda, não morreu — encantou-se. Transformou-se em uma imensa serpente que refletia o sol e o luar em suas escamas brilhantes, “de chifres bovinos” (Rodrigues, 1987, p. 118), seus olhos, duas tochas de fogo, iluminavam a escuridão e atraíam pescadores para a morte.

Dizem que o encanto só poderia ser quebrado se alguém de grande coragem derramassem leite materno na boca da gigante cobra ou cortasse um pedaço de sua cauda. Porém, sempre que um bravo se lançava à missão, banzeiros tomavam o rio, alagavam a canoa, atacava o corajoso e os que escapavam “testemunharam, [...] que a boiúna feriu-o com seus chifres, deu-lhe golpes com o esporão e ainda o mordeu. O que julga viver graças à proteção do santo de sua devoção” (Rodrigues, 1987, p. 118). E geralmente o medo fazia a pessoa recuar ao avistar a temida Boiúna.

Outra versão narra que os primeiros moradores de Porto Nacional — indígenas, negros, caboclos e sertanejos — conseguiram capturar a serpente encantada e a enterraram sob a Catedral ainda em construção: sua cabeça repousaria debaixo da igreja, e a cauda, do outro lado do rio Tocantins. Há quem diga que, se a Boiúna for desenterrada, as águas hão de engolir toda a cidade.

Essa lenda é tão viva e enraizada na região que, durante a construção da ponte sobre o rio Tocantins, entre 1976 e 1979 — batizada em homenagem ao religioso franciscano Dom Alano Marie du Noday —, contam que a serpente surgiu em noites de lua cheia, embora jamais tenha sido vista por olhos vivos.

Nos últimos vinte anos, uma nova tradição brotou da força desse mito: uma vez por ano, sempre na véspera do carnaval, a Boiúna desperta — não para espalhar medo, mas para dançar entre os foliões, ondulando pelas ruas com alegria e encantamento; e, quando a festa termina, ela retorna ao seu sono sob as pedras da igreja, aguardando, silenciosa, o chamado do próximo ano.

Nos Gerais, o sertão garimpeiro se configurava em composições de lendas e superstições que não habitavam apenas as águas, mas também o solo das relações humanas. Era um espaço onde havia "o diabo na rua, no meio do redemoinho" (Rosa, 2019, p.15). O místico estava fortemente ligado a vida daqueles sujeitos, moldando a vida, histórias aterrorizantes envolvendo causos da região e assombrações.

Eram comuns aparições em determinadas veredas sertanejas, indicando que ali tinha minério, atiçando o desejo do minerador para explorar e ficar rico ou um acontecimento de grande violência, marcado pela morte de alguém, fazia crer que aquela alma — a do falecido — não encontrara repouso; inquietava os vivos, perturbando lhes o espírito, clamando por clemência, implorando por um gesto de piedade que lhe concedesse, enfim, o descanso sereno da paz eterna no mundo dos mortos.

Por esse vale do sertão garimpeiro existia o homem e a mulher que "tinha uma oração forte que o protegia contra morte violenta, especialmente por arma de fogo ou faca" (Brasiliense, 1964, p. 83). Essa reza braba era o que o mantinha vivo num território onde se temia a violência e o banditismo, onde as sombras e os espíritos da morte emparelhavam sobre aqueles que ousavam ali residir.

Contava-se, lá belas bandas do sertão garimpeiro, que, com essa oração poderosa "meus inimigos não serão olhos pra me ver, em mãos para me pegar" (Brasiliense, 1977, p. 20). E, sobre o teor desse envolto encantamento, "as balas não penetravam o corpo e que nos momentos difíceis, transformavam-se num absurdo ou em um cupim para não ser visto pelo inimigo" (Othon Maranhão, 1990, p. 85).

Além de ter o corpo fechado contra faca e pólvora, havia nele outro mistério, um fetiche[25] que o tornava místico vivo. Dizem que, se porventura fosse perseguido, bastava-lhe

[25] Em minhas andanças pelo Tocantins, senti fortemente um imaginário poderoso: a crença de que certas práticas podiam "fechar o corpo" contra o mal. Ouvi muitas vezes histórias semelhantes, como a de alguém que, na sexta-feira, recusava um banho ou qualquer ganho, temendo abrir o corpo às coisas ruins. Na região do Cantão, na cidade de Alvorada (Tocantins), ouvi um caso pitoresco: o sertanejo Abelardo, exausto após um dia de roça, já despido para o banho no quintal, lembrou-se da sexta-feira. Vestiu-se às pressas e desistiu do banho, certo de que o banho traria riscos visíveis e invisíveis. Outro exemplo que se inscreve nessa íris religiosa é a da guerrilheira Dina que "tomando banho em um rio, foi cercada por militares e, por estar despida, pediu para que se virassem para que pudesse se vestir. Porém, mesmo estando cercada por todos os lados, teria desaparecido como que por

uma oração e então se desfazia aos olhos de quem o perseguia: virava toco de árvore, bicho do mato ou pura ausência, invisível ao olhar humano, escapando livremente da fúria do(s) seu(s) algoz(es).

Deste feito no "nortão goiano", pode se afirmar que "existe a crendice que muitos tem o corpo fechado, por artes sobrenaturaes com o diabo, o capeta temido, e que nenhuma bala é capaz de feri-los" (Silva, 1935, p. 185-185). O misticismo era – ainda é – dominante no imaginário do povo sertanejo. Deus e o diabo estavam sempre juntos nos sertões afora e adentro. Onde "Deus come escondido, e o diabo sai por toda parte lambendo o prato" (Rosa, 2019, p. 47).

A alusão a Deus e ao diabo dava sinais de uma misticidade religiosa fortíssima, sobretudo católica, mas é importante destacar que a igreja católica, até meados de 1950, era "inexistente do ponto de vista institucional, o extremo norte de Goiás, na metade do século passado, representou, do ponto de vista religioso, o espaço a ser conquistado tanto por líderes protestantes quando por líderes religiosos" (Silva, 2021, p. 59).

O sertão do norte goiano era um espaço onde a fé se (re)fazia e se expandia pelas veredas garimpeiras e sertanejas sem nenhuma estrutura tradicional institucionalizada que a sustentava. O resultado era uma semiose encantada, um hibridismo cultural[26] entre o sagrado e o místico sertanejo, onde o religioso católico institucionalizado se entrelaçava com o imaginário popular, dando forma a práticas culturais que desabrochavam em certos ritmos de fé, transbordando devoção e tradição como se dançassem no mesmo compasso.

Fica evidente que não eram apenas a política e os crimes que balançavam as estruturas, mas também a religiosidade, sendo esta uma manifestação cultural do sertão que movimentava, de maneira intensa, as entranhas dos vales do garimpo de cristal de rocha. Mesmo imersos em um mundo de tantas transgressões, os sertanejos nunca deixavam de

---

um encantamento" (Medeiros, 2013, p. 261) é a do Osvaldo Orlando da Costa, conhecido como Osvaldão, o guerrilheiro que percorreu Xambioá (Tocantins) nos tempos sombrios da Guerrilha do Araguaia e da ditadura militar, tornando-se lenda no imaginário popular como o homem capaz de se transmutar em toco na mata, inalcançável aos perseguidores – em algumas ocasiões, matando-os –. Seu encanto, porém, desfez-se apenas na morte, quando foi abatido por um sertanejo que o Exército moldara como mateiro. "Osvaldão e Dina, dois mais referidos pelos moradores e considerados por muitos como os mais valentes dentre todos, alguns afirmam que continuam vivos e que lá foram vistos na Serra das Andorinhas [no estado do Pará, que faz divisa com o atual Tocantins]" (Medeiros, 2013, p. 261).

[26]Não é o foco desta pesquisa e não tenho interesse em fazer discursão sobre o conceito de *Hibridismo cultural*, pois isso já foi feito pelo nobre historiador Peter Burke. Mas entendo e concordo com o ilustre pesquisador que nos alerta em dizer que "não existe fronteira cultural nítida ou firme entre grupos, e sim, pelo contrário, um *continuum cultural*" (Burke, 2003, p. 14). E por não ter essa coisa única e definida nas práticas culturas, elas podem e são modificar a todo instante.

clamar a Deus, recitando a prosa religiosa: “irmãos das almas, tende piedade de nós” (Moreira Filho, 2020, p. 180).

E essa religiosidade, transvestida de intensidade quase palpável, dado que “os sertanejos, em geral, são por demais tementes a Deus” (Audrin, 1963, p. 139) e devotos de santos, tanto que várias pessoas percorriam longas distâncias para participar das festas em honra a esses seres sagrados, alimentando, com suas preces e promessas, a força que os mantinha conectadas ao divino.

Destaca-se, na semiose de uma realidade entrelaçada à mística sertaneja, a figura de um sertanejo, feiticeiro de uma vila, chamado Alexandre, cujo o mesmo era um “velho mandingueiro nas artes do demo, agora transformado em jagunço com uma oração braba e jogando terra de cemitério no rastro [dos assassinos] para amarrá-los numa corrente invisível de força para evitar que eles escapulissem no círculo de morte” (Lima, 2002, p. 83) ou escrevendo com sangue o nome do assassino no pé do defunto sagrado.

O misticismo era carregado de lendas, como a da velha que “tinha mandinga” de mulher feiticeira e só seria curada quando se dava “nela uma surra com um pau de pinhão e depois sapecar ela, de perna aberta, numa fogueira” (Brasiliense, 1964, p. 41) para que o feitiço fosse quebrado. Outras narrativas se referiam a um vigário do sertão que se transformava em lobisomem e um caboclo do sertão, como destaca Leolídio Caiado:

> Pedro Sucupira, que nunca ninguém soubera de onde veio e nem para outro foi. Conta-se que, em certa época do ano, depois da meia noite, êle virava fera e uivava tal como o lobo. [...] o tempo em que era transformado em animal até as primeiras horas da madrugada, matava e destruía tudo que encontrava em sua frente (Caiado, 1964, p. 58).

Pedro Sucupira era apenas mais um entre tantos que habitavam o sertão, carregando no corpo lendas que, querendo ou não, teciam o cotidiano daqueles sujeitos. E segundo o “ensinamento dos antigos, a única forma de quebrar [...] o encantamento do lobisomem é arrancar-lhe sangue, num barreado de chumbo grosso ou na ponta de uma lapiana[27]” (Lima, 2003, p. 93). De acordo com Moreira Filho, (2020), na misticidade, nas realidades presente, principalmente na política, o sertão sempre derramou sangue com crimes hediondos. O sangue tinha e era o principal cenário de quase todo o cotidiano sertanejo e garimpeiro.

[27] Lapiana, na linguagem sertaneja, significa uma faca de ponta bastante afiada que pode ter dois cortes, em cima e em baixo, para ter o resultado mais preciso no corte.

Uma história conhecida pelas bandas de Lizarda — localidade do Tocantins —, era a do garoto Romãozinho[28], apelidado de espalha-brasas. Ele era um menino endiabrado, filho de camponeses, que não deixava ninguém sossegado no sertão, sempre aprontando com alguém, até mesmo fazendo malvadezas com os animais (Lima 2003).

Desobediente com seus pais, aprontava todas com eles. Certo dia, enquanto seu pai trabalhava no roçado, recebeu da mãe a tarefa de entregar a ele a comida que ela preparara para o marido. No meio do caminho, "ele não resistiu a sombra acolhedora e comeu a galinha-d'angola toda e, chegando após na roça, onde seu pai, curvado no cabo da enxada, faminto o aguardava, disse ao pai para se contentar com os ossos, pois a carne guardou para o padre, que vai passar em desobriga para o fundão" (Lima, 2003, p. 61).

Mal terminou de falar, o pai saiu possesso de raiva "com a boca espumando [...] chegando em casa, partiu a cabeça da mulher na facãozada, matando-a" (Lima, 2003, p. 61-62). No mesmo instante em que seu pai matava a esposa de maneira lancinante, a trama continuava, conforme Moura Lima:

> [...] o mau filho rapou, deixando no ar um terrível cheiro de enxofre. Daí desse dia pra frente, Romãozinho começou aparecer às pessoas, nas cidades, beiras das estradas [...] fazendo boiada estourar, arrebentando currais, virando panelas no fogo, furando botes de água, botando terra na comida [...] jogando pedras nos telhados das casas, pisando nos rabos de gatos, jogando brasa nos cachorros (Lima, 2003, p. 62).

O garoto era responsabilizado por todas as atrocidades que ocorriam nas redondezas dos vales do sertão garimpeiro, no fundão do agreste do antigo norte goiano. Seu espírito fazia diversas traquinagens, jogava "urina com fezes" nas pessoas e "outras vezes suspendia os vestidos das moças no meio da rua, derrubava as mercadorias das prateleiras dos armazéns, tocava o sino da igreja. Era um inferno" (Lima, 2003, p. 62).

As tramoias de Romãozinho só pararam quando surgiu uma menina. Era a filha do "vaqueiro Raimundo-Pé-de-Pranchão" (Lima, 2003, p. 63) que tinha poderes de ver Romãozinho, e certa vez, dentro de sua casinha, mostrou para o pai onde ele estava, e "o vaqueiro, pardaço, mocudo, cabelo espeta-caju, de sangue no olho, sentiu os bondes uma raiva profunda, pois aquele pé-de-fumaça vinha-lhe causando grandes prejuízos" (Lima, 2003, p. 63). Não deu outra: o vaqueiro deu-lhe uma surra que muitos ficavam em dúvida se foram as orações do padre Cícero, ou, "a surra no espalha-brasas pelo vaqueiro Raimundo-Pé-de-Pranchão" (Lima, 2003, p. 63) que dera fim às estripulias de Romãozinho.

[28] Ou conhecido por muitos como capetinha.

O vaqueiro descontou todas as raivas que passou durante os anos em que fora incomodado pelo garoto. E “bateu até cansar o braço. Romãozinho, apagou apertado que só massa em tapiti. E saiu fumaçando, deixando prá trás o cheiro mefítico de breu queimado. Nunca mais apareceu” (Lima, 2003, p. 64) com o sertão do “nortão goiano” estivesse excomungado.

É perceptível que quase todas essas lendas correntes no sertão do norte goiano traziam certo grau de violência, tanto na sua trama quanto no seu desfecho. Elas sacodiam os Gerais e se infiltravam em crenças e práticas do sertão. Tão intensas eram suas influências que havia quem sobrevivesse de “rezas de fazer olhos de cobras venenosas se esticarem por muito longe das fazendas de animais. Se pregasse o olhar por muito tempo numa cobra, ela viraria de barriga pra cima” (Brasiliense, 1977, p. 17).

Havia também os que, utilizavam benzeduras para curar as “doenças do espírito em geral” (Moreira Filho, 2020, p. 243), transformando a fé em um instrumento de misticismo quase inabalável em remédios para os males do corpo e da alma daquelas pessoas e da mesma forma eram reconhecidos neste imenso lugar, sua fama, no dizer popular “corria a solta”.

Benzedores e benzedeiras tinham grande poder de representação mística no sertão. Alguns ficavam admirados quando as ações deles(as) eram direcionadas para o bem. Outros tremiam de medo só de ouvir falar dessas práticas e pessoas, pois segundo muitos aqueles sujeitos que faziam as coisas para o mal tinha pacto com o *Sujo*[29].

Piorava a situação quando eles(as) não sabiam desatar os seus feitiços. Muitas vezes, “o benzedor [...] era o seu vizinho. Quando não havia meios para solucionar um problema, tinha-se que recorrer à ajuda do(a) benzedor(a) ou curandeiro(a) e essa pessoa era buscada por léguas de distância” (Caiado, 1964, p. 19) e muitos não mediam esforços para buscar a devida solução. Esses(as) curadores(as) populares tornavam-se referências de medo e confiança atribuídos aos poderes soberanos envolta da fé.

As situações mais corriqueiras na busca da cura, são “os picados de cobra são especialmente influenciados pelos referidos indivíduos e isto dá larga margem ao curandeirismo que explica os desastres, atribuindo-os à influência maléfica de alguém” (Neiva e Pena, 1999, p. 161). Se uma pessoa morria, “é porque faltava fé” (Caiado, 1964, p. 19), no trabalho feito pelo indivíduo com poderes sobrenaturais.

As mandingas, rezas e benzeduras ocupavam a imaginação dos vales cristalíferos como filões invisíveis que sustentavam crenças e mistérios. Acreditava-se que “o benzedor

[29] Era sinônimo de demônio.

tinha ligação com um sêr estranho e nunca falhava" (Caiado, 1964, p. 19). Os habitantes do sertão garimpeiro, das veredas de cristais, viviam cercados de "crendices, superstições e práticas esquisitas [...] aliadas a uma simplicidade mais do que ingênua" (Audrin, 1963, p. 135).

A felicidade e a prosperidade alheias atiçavam a inveja e a cobiça de muitos. Bastava "uma pessoa ver outra próspera; se ela não suporta a felicidade alheia, tenta 'amarrá-la' por meio de feitiço [...] um indivíduo [...] começa a de repente a fracassar em negócios, ou nas lavouras e criações. Conclui logo que está 'amarrado'" (Audrin, 1963, p. 138). Desse modo, a felicidade e o sucesso alheio se tornavam algo de forças que pareciam girar em torno das rezas, misturando-se nas histórias permeadas de fé, temor e mistério.

Essas "rezas, crendices e abduzçoes tem grande voga pelo prestijio que lhes empresta o maravilhoso" (Neiva e Pena, 1999, p. 161). Para evitar feitiços, amarras ou quebrantos, garimpeiros e sertanejos recorriam, a "diversos amuletos trazidos ao pescoço, amarrados aos punhos ou à altura dos tornozelos: cordões de algodão ou embiras, pedacinhos de enxofre, dentes de jacaré, chocalhos de cascavel" (Audrin, 1964, p. 139), dente de onça e porco-do-mato.

Alguns vaqueiros, por exemplo, levavam, nas ferraduras dos cascos dos cavalos – e dos animais de tropa para proteger a viagem – ou no seu gibão, misticismo e religiosidade que, juntos, constituíam aspecto cultural importante e forte, manifestado nas festas religiosas do catolicismo popular, como a Festa do Divino e a Folia de Reis. de couro, símbolos que evocavam o sagrado que supostamente o protegeria de todos os males.

Assim, o sertão garimpeiro ficava agitado nas "chegadas das folias, nas rodas de dança da sússia[30] e nas palavras animadas pelas portas das casas, no dia de lua cheia" (Lima, 2002, p. 85). Destacavam-se ainda, "os Bailes de S. Gonçalo, as Ceias de S. Lázaro" (Serra, 1946, p. 70). Os bailes, religiosos, como a de São Gonçalo, estendiam-se por dias, semanas inteiras, entre promessas e devoções, agradecimentos e preces por proteção aos violeiros e por casamentos para as moças das famílias.

Nessas celebrações, as ladainhas se misturavam às danças e a viola feita do buriti com pedaços da árvore nobre de nome candeia narrava histórias de fé e encantamento. Entre as

[30] É importante destacar que "a sússia tem sua origem nos descendentes dos africanos que vieram trabalhar nas minas de ouro no antigo norte da província de Goiás, permanecendo até os dias de hoje em algumas cidades do norte do Tocantins. Ao som do tambor homens e mulheres cantam e dançam trazendo em seus gestos parte da história deixada pelos negros escravizados, a maioria da matriz cultural africana banto, oriundos do Congo, da Angola e Moçambique. A dança conhecida como sússia atravessou os séculos e hoje não é somente uma tradição herdada, é a memória cultural de um povo" (Silva, 2018, p. 250).

figuras centrais, estavam as mulheres que, descalças, bailavam em pares — com amigas ou futuros esposos— diante do altar, entregues à música e à crença.

A festa de São Lázaro, por sua vez, ressoava no tom mais sagrado, invocando proteção e clemência para os enfermos e os pobres. Os sertanejos partilhavam alimentos que simbolizavam a solidariedade, o compromisso com aqueles que sofrem. Os pratos típicos da região eram preparados e generosamente distribuídos entre parentes, amigos e viajantes, fortalecendo laços de fé e companheirismo. Muitas vezes, a partilha e a ceia eram entremeadas de rezas e louvores, transformando o alimento em gesto de devoção e acolhimento.

Sobre as famosas Folias de Reis por esses vales cristalíferos, "cada folia recebia o nome de seu organizador ou mestre e os estandartes variavam de figuras, imagens de Cristo, de santos etc. Certos mestres não faziam outra coisa naquele sertão: eram crónicos na vida de trovadores errantes" (Paternostro, 1945, p. 334), varando os Gerais de cidade em cidade, de vila em vila. Carregavam instrumentos, suas vozes e devoções entre os cânticos a união da fé, festa e tradição.

O padre Reginaldo Tournier, no livro *Lá longe, no Araguaia*, se referiu a elas como "Epifania... Eis uma grande data. É a festa dos santos Reis Magos, protectores dos viajantes, dos prègadores, dos missionários, enfim, de todos quantos demandam qualquer país longínquo, levando a boa semente das divinas palavras" (1942, p. 120) e por onde passavam deixavam suas religiosidades em fé, alegria e saudades.

Outros eventos comuns no sertão garimpeiro eram os "festejos de São João, das comidas típicas, das brincadeiras, das superstições, dos casamentos caipiras, dos batizados: Viva o compadre, viva a comadre! São João quer que sejamos compadres" (Moreira Filho, 2020, p. 161). Entre festejos e rezas, o povo sertanejo plasmava uma existência plural permeada por uma multiplicidade de práticas que compreendia não apenas o garimpo, mas também a caça, o comércio de couro, a lida com o gado e outras atividades características de jagunços e pistoleiros.

1.5 Da caça à economia do espichado

O sertão do antigo norte goiano, para o caçador, era um paraíso, repleto de abundância e diversidade. Pois, havia "bastante caça, como veados (cervos ou catingueiros), perdizes, patos selvagens, papagaios" (Santos, 1940, p. 11). E dentro desse paraíso, poder-se-ia saborear algumas carnes de caça. Era possível, deleitar-se com a "de tatu ou veado no leite de

coco. A paçoca de carne de anta ou paca assada no forno [...] uma peba na pimenta" (Moreira Filho, 2004, p. 80).

Era em "noites adustas, quentes, esbraseadas, ou sob um vento branco e fresco do miolo da madrugada" (Moreira Filho, 2020, p. 133) adentrando nos breus do sertão garimpeiro, que a atividade da caça mais se desenvolvia, com a prática dos caçadores que se faziam acompanhar de um ou dois cachorros, às vezes de verdadeiras matilhas e "cada cachorro do caçador tinha sua própria história [...]. O seu próprio dossiê" (Moreira Filho, 2009a, p. 103). Isso ficava evidente nas cicatrizes pelo corpo; cada uma contava os acontecidos nas matas.

Astolfo Serra descreveu com precisão a relação visceral entre o homem sertanejo e seu fiel companheiro, afirmando: "o cão é o animal dedicado. Serve-se dêle para pastoreio e para as caçadas de mateiros e caitetús bravios" [...] si apanha a caça, dá-lhe as vísceras sangrentas; si o cão perde, corta-lhe um pedacinho da orelha para reanimar o faro" (1946, p. 38). Assim, o cão se tornou mais que um aliado; era um exímio caçador do sertão, feito e mantido na dureza da vida e pela cumplicidade com seu dono; sua bravura estava inscrita nas cicatrizes e em cada gesto de fidelidade à labuta diária.

As pegadas cheias de cálculo e astúcia da onça-parda davam sinais de que o temido felino andava pelas redondezas. Sem temer os humanos, "as próprias suçuaranas, aterrando os mocós espertos que se alinham aos pares nas luras dos fraguedos, pulam, alegres, nas macegas altas, antes de quedarem nas tocaias traiçoeiras os veados ariscos ou novilhos desgarrados" (Cunha, 1975, p. 51). Esses ataques eram frequentes, e não ficava apenas nas reses, pois, "a onça ataca todos os outros animais, inclusive os cavalos, a cuja carne vota a melhor preferência e o gado vacum, desfalcando-lhe as criações impiedosamente" (Silva, 1948, p. 93).

E por essas paragens garimpeiras existia não apenas um tipo de onça, mas várias por "estes cerradões daqui têm pintada [amarela e preta], puma, jaguaretêpixuna, suçuarana, jaguatirica, canguçu, este quase igual à pintada, mas de cabeça maior — enfim, tudo o que é espécie de onça" (Morse, 1968, p. 46). Todos esses felinos punham medo nas pessoas e davam prejuízos tanto para os sujeitos de grandes posses quanto para o sertanejo com pouca economia aplicada em suas reses e outras criações como porcos e bodes.

Desse modo, muitas pessoas viam na caça à onça uma profissão, fazendo fortunas por essas brenhas sertanejas[31], porque a região era "abundante em caça e em onça" (Santos, 1940, p. 12), tornando-se cenário ideal para essa empreitada. Havia aqueles que se vangloriavam "pela riqueza que possui na crescida matilha de cães de caça, em que se destacam alguns especialistas onceiros e veadeiros" (Silva, 1948, p. 115). Os homens que se dedicavam a essa atividade eram chamados de onceiros e, em algumas ocasiões, mulheres também entravam nessa profissão tão arriscada, como observou Audrin:

> Conhecemos nos campos gerais do Norte de Goiás, um velho casal, que durante muitos anos, realizou essa proeza. Mas de cinquenta onças o Velho Severino contava ter exterminado com a simples zagaia bem afiada, e auxiliado unicamente pela esposa que se encarregava de prender com a forquilha a cabeça da fera. Dêsse longo passado de valentias, tão benéficas para toda região circunvizinha, a velha Dona Joaquina conservava, com recordação gloriosa e indelével, enorme cicatriz no rosto (Audrin, 1963, p. 15).

A mulher que ajudava o seu companheiro na caçada de onças, cuidava dos seus filhos, desenvolvia diversas identidades por esses sertões de cristais, não era frágil; ao contrário, era tão forte quanto o homem sertanejo. Por aquelas bandas tinha, "mulher de muita coragem, acostumada a enfrentar sérias dificuldades ao lado do marido, sem nunca reclamar, sem jamais demonstrar sinais de esmorecimento" (Brasiliense,1964, p. 74). Muitas vezes, essas mulheres, ao perderem seus companheiros, assumiam a administração de toda a família, cuidando especialmente da fazenda, do comércio ou, em algumas ocasiões, das finanças do garimpo.

Nessa labuta diária, muitos se aventuraram a "caçar onça em costaneiras de serra" (Moreira Filho, 2009a, p. 83) e não demoravam muito para encontrar o tão temido felino porque estavam sempre acompanhados de espertos cães farejadores, treinados para a missão. Pois, o "cachorro bom de caçar é assim: Anda pouco [...] fareja certo [...] E não mexe com outra caça [...]. É só ela, a gata pintada" (Moreira Filho, 2009a, p. 104).

---

[31] Conheci, na cidade de Lizarda (Tocantins), uma família de descendentes de dois irmãos, João e José Candido Mendes, que eram matadores de onça. Vários fazendeiros da região os contratavam para executar os temidos felinos. Fiquei impressionado ao ouvir as histórias dos dois irmãos. Eram tão habilidosos que desenvolveram armas de ossos da cabeça do veado sussuapara: cortavam a cabeça ao meio com os chifres afiados divididos e faziam adaptação para um tipo de luva de espeto azagaia em cada um dos braços para, quando a onça viesse dar o bote certeiro, os caçadores aparecessem na ponta dos chifres da azagaia. Os fazendeiros pediam as provas da morte das onças e eles levavam uma das patas ou a cabeça do animal. À época esses dois irmãos ganharam fama na região do Jalapão e fizeram fortuna pela profissão de matadores de onças que exigia extrema habilidade, conhecimento do sertão e principalmente coragem.

Esses cachorros, movidos pelo instinto e pelo treinamento árduo e diário de seus donos, tornaram-se parceiros inseparáveis, guiando seus donos e donas, às vezes caminhando lado a lado pelas trilhas perigosas do sertão garimpeiro em um combate perpetuo de coragem e sobrevivência. Em sentidos aguçados vai farejando e capturando aquilo que os olhos humanos não conseguem ver, desde rastros de animais peçonhentos até de outros garimpeiros.

Nessas circunstâncias, os cachorros permaneciam "horas seguidas ou mesmo o dia todo, em perseguição à caça, o que [...] proporcionava momentos agradáveis e de distrações" (Caiado, 1964, p. 28). O sertão era uma "confusão em grande demasiado sossego" (Rosa, 2019, p. 326) e onde se vivia sempre à espreita. Os cachorros eram animais quase inseparáveis da vida agreste.

Nessa vivência conturbada e difusa era comum ver o fazendeiro(a), o comerciante, o sertanejo(a), o garimpeiro(a) ou o vaqueiro, sempre "acompanhado de seu fiel cachorrão" (Lima, 2002, p. 17). No imaginário sertanejo, "para o velho sertanejo, o seu cachorro amigo [era] um herói" (Caiado, 1964, p. 27). O cachorro no sertão garimpeiro se tornava uma figura emblemática que compartilhava com seus donos o peso das lutas, as derrotas e as glórias.

Os cães denunciavam a aproximação de gente estranha, desconhecida pelas veredas, e atacavam violentamente quando eram mandados. Estavam sempre de prontidão, os cachorros "avistam o seu dono de espingarda na mão, levantam-se ardentes e põem-se a correr na frente, farejando por todos os lados" (Audrin, 1963, p. 16) em busca do animal que lhes dá serviria de caça e sustento. Pois, "os sertanejos não se preocupam da alimentação dos cães; deixam-nos procurar por si o seu alimento" (Audrin, 1963, p. 15).

Às vezes, famintos, ficavam "magros, como costuma chamá-los, o povo" (Audrin, 1964, p. 16). Era costume alimentar os cães apenas com as vísceras das feras que abatiam na caça. Os onceiros devoravam as entranhas das onças, crendo que, assim, forjavam em si a essência dos grandes caçadores, tornando-se cães temíveis na arte de enfrentar o próprio e temido felino do sertão.

Nos Gerais, caçar era um "trabalho árduo e cansativo" (Caiado, 1964, p. 29), tanto quanto estender peles de animais e segurá-las com espichos (paus pontiagudos) para deixá-las secar. Daí a origem da atividade conhecida como economia do espichado ou, como define o botânico George Gardner, "retalhista" (1942, p. 266), que foi bastante forte no sertão goiano.

O frei José Maria Audrin no livro *Os sertanejos que eu conheci* (1963) comenta que havia grande interesse comercial em peles e penas de animais e os sertanejos as negociavam em troca de ferramentas indispensáveis para o seu trabalho no sertão, por outro lado, esses couros eram feitos de utensílios domésticos e peças para confecção de vestuário.

Garimpeiros e sertanejos eram exímios caçadores; ficavam dias, semanas e até meses na mata em busca de couros e penas de animais usavam “armas que eles mesmos podiam fazer — como as zagaias e armadilhas de origem indígena e africana” (Cormineiro, 2010, p. 170) ou armadilhas que pudessem capturar os animais como arapucas pequenas, médias e grandes.

Algumas armas eram financiadas ou vendidas – negociadas conforme a situação – por sujeitos que davam apoio a esses caçadores e muitas caças morriam, na “mira das armas mortíferas dos caçadores” (Caiado, 1964, p. 33). As caçadas se tornaram verdadeiras matanças e quem as praticava a elas, “iludido com a incessante alta dos preços das peles silvestres, intensificava a caça à ariranha e o número dos sem afazeres aumentava excessivamente” (Caiado, 1964, p. 33).

Leolídio Caiado em seu livro *Dramas do Oeste*, descreve a matança e a venda de ariranhas:

> [...] um velho que negociava peles de animais silvestres [...] matara noventa e seis ariranhas e vendeu as peles por um bom preço [...] é um homem que vivia tripudiando sobre a vida dos inocentes habitantes das selvas para lhes vender a pele. Este era o seu trabalho e esse pernicioso comércio, o meio que lhe facilitava ganhar a vida (Caiado, 1974, p. 124-125).

A intensificação da caça modificou até mesmo as construções das casas, pois muitos caçadores tinham depósitos de peles em seus ranchos e ficavam à espera de “gateiros ou mariscadores, como eram mais conhecidos” (Jadão, 1984, p. 184), — sujeitos que tinham vasta experiência e habilidade de caçar e pescar — e quem sabe até alguns faisqueiros[32] da própria região para “negociar uma partida de peles” (Brasiliense, 1977, p. 17). Em certas épocas do ano – principalmente no inverno – “vinham viajantes do Maranhão e levavam os couros nos batelões e balsas, deixando os comerciantes com novos estoques de tecido e sal” (Lima, 2011, p. 24).

Os comerciantes subiam e desciam os rios Araguaia, Tocantins e seus afluentes, passando pelas cidades de Marabá e Belém estado Pará e com destinos a outros estados. Eles chegavam para “vender couros e comprar artigos europeus de comercio. E alguns,

[32] O faisqueiro é também conhecido no sertão como capangueiro e tem como funções comprar cristais, diamantes e ouro por determinado preço, de valor baixo, e revender para outras pessoas, geralmente empresários, cobrando valores mais elevados, ou repassar a compra, ganhando a porcentagem em cima para seus patrões. Eram filhos daquele sertão ou chegavam de outro lugar e faziam da faiscagem um meio de ganhar dinheiro pelos mochões, comprando e negociando pedras preciosas. Alguns caçadores de peles de animais vendiam suas mercadorias aos fazendeiros – coronéis – da região e muitas eram assassinados por eles. Veremos com mais exatidão algumas de suas diferenças no terceiro capítulo.

frequentemente alguns moços do Duro[33], alugam-se para trabalhar nas canoas e com o salário que recebem compram no Pará machado e outras ferramentas" (Gardner, 1942, p. 266) e seguem em suas labutas diárias de vida no sertão garimpeiro.

Nessa dinâmica, a economia do espichado se desenvolvia e estimulava outras atividades no sertão garimpeiro, pois a compra de diferentes ferramentas possibilitava outras práticas econômicas, como o roçado e a exploração do cristal. Fato era que "a massa popular, que vivia do trabalho da terra e de pequenas ocupações, encontrava-se numa pobreza impressionante" (Tonini, 1959, p. 185) e a exploração das gemas se tornava mais um meio para sobreviver.

Contudo, o comércio de peles e de couro predominava. O estado das mercadorias e o formato delas determinavam o preço de compra e venda. Por isso, o caçador deveria ser certeiro, bom de mira, para não errar o local do tiro no animal — geralmente era na cabeça do animal — e, consequentemente, causar danos ao couro. Afinal, se apresentassem avarias, "os couros já não [possuíam] grande valor comercial[34], não por serem mal curtidos em geral, como ainda pelos estragos ocasionados pelas armas primitivas usadas pelo caçador" (Neiva e Pena, 1999, p. 108).

Marcada pela caça desenfreada de espécies da fauna nativa, a economia do espichado não poupou sequer grandes felinos. Como relata o médico viajante Júlio Paternostro em *Viagem ao Tocantins:* "Boa Vista exportava peles de animais silvestres. De dezembro de 1934 a maio de 1935 vendeu 6.554 peles de caetetus; 5.344 de veado; 1.700 de queixada; 517 de gato maracajá; 37 de lontra; 28 de onça. A caça de animais silvestres se faz desabridamente" (1945, p. 128).

O sertão garimpeiro, complexo e vibrante, tornava-se palco de devastação, transformando a vida dos animais em riqueza e criaturas em números para os mercados internos e externos. E nesse paradoxo, os caçadores se moviam entre a necessidade de sobreviver e a ganância dos mercados que pressionavam.

Rogério Júnior (2022) comenta que a atividade do espichado foi realizada sem controle em um extenso território compreendido entre Mato Grosso e Belém do Pará, estendendo-se por outros estados como o Piauí e, em pouco tempo, causou grandes danos ecológicos nesse capoeirão chamado sertão, tanto que alguns animais entraram em processo de extinção, como a ariranha.

---

[33] Localidade que corresponde hoje ao município de Dianópolis, no estado do Tocantins.
[34] Não tinha tanto valor comercial para aquele que era o último da pirâmide da exploração do comércio, mas para quem estava no topo o valor era altíssimo.

Mas isso não causou estranheza aos sertanejos, visto que, nos vales dos rios Araguaia e Tocantins, “a caça se via aos montes pelos caminhos: veado campeiro, paca, tatu, cutia, anta, porco queixada, caititu” (Moreira Filho, 2009b, p. 86). E não ficavam de fora “as cabeças de cervo, penas de emas, peles de ariranhas” (Caiado, 1964, p. 67). Já o caçador de peles “ao chegar a uma grota nem rastejada, isto é, com bastante rastro de gatos maracajá, as suas peças preferidas, lá se arranchava” (Jadão, 1984, p. 42).

Por esse imenso sertão garimpeiro, “o porco queixada é animal que anda muito e pode percorrer, num só dia, dezenas de quilômetros. [...] em grandes [...] varas. Resumidos [...] em formidáveis números [...] deveria ter aproximadamente duzentos porcos” (Caiado, 1964, p. 17). Velozes e barulhentos, esses animais “amassavam a vegetação por onde passavam e deixaram, bem visíveis, as pegadas nas vastas revoltas em terras e folhagens” (Caiado, 1964, p. 18). Essas pegadas não significavam apenas rastros, mas também sinais de uma vida selvagem no sertão garimpeiro que se transformaram em veredas, trilhas e estradas humanas futuras.

Outro animal cobiçado era a anta, cujo couro, “de extraordinária grossura, que nem os mais agudos espinhos e cipós das matas virgens podem rasgar, presta-se admiravelmente para a confecção de arreios, correias e calçados” (Audrin, 1963, p. 19). Os filhotes de anta não escapavam, pois, “os courinhos [...] listados de branco sobre o fundo castanho, empregam-se no feito de lindas chinelas usadas em dias de festa” (Moreira Filho, 2020, p. 161) — referidas por muitos da região, pois deles eram feitos as “alpercatas de couro cru” (Audrin, 1963, p. 19) — que poderiam ser usadas por muitos anos. Assim, a pele do animal tinha utilidade de uma vida no coração das matas do sertão garimpeiro.

Os sertanejos ligados às atividades campesinas, como o roçado, tornaram-se excelentes pescadores, estando “habituado[s] aos segredos do rio” (Amorim, 1973, p. 54), e também caçadores que matavam para se alimentar ao longo das viagens e aproveitavam as peles de animas para venda. E nisso eram motivados por comerciantes que, em suas viagens, traziam remédios, cereais e utensílios.

Esses comerciantes, com “tropas de jegue [queriam] voltar com as cargas cheias de pele de onça, gato do mato, jacaré e bastante pena de ema” (Moreira Filho, 2020, p. 225-226). Em alguns momentos, segundo principalmente peles “da onça, do jacaré e da sucuri” (Audrin, 1963, p. 14) eram tão cobiçadas quanto as pedras preciosas do sertão.

Nesse contexto, “o espichado aí era moeda e era sinal de movimento para ricos e pobres” (Cormineiro, 2010, p. 167), perpassando todo o horizonte econômico do sertão garimpeiro, envolvendo desde a criação de bovinos e suínos e a cultura de cereais até a

camaradagem entre os sujeitos daquele lugar e as relações de poder. As práticas do espichado não deixavam de ser perigosas tanto para aqueles que estavam na lida na caça quanto para as relações entre os compradores e vendedores. Sobre isso, a historiadora Olivia Macedo Miranda Cormineiro explica:

> [...] o comércio de peles era semelhante aos sistemas da agregação do coco babaçu ou da camaradagem da castanha-do-pará e do caucho[35] [...], o comerciante fornecia a arma de fogo, a munição e a farinha que seria o complemento da carne que o próprio sertanejo pobre/caçador iria matar. O coureiro, como era conhecido [...] vivia "para fazer pele de bicho pra vender", entrava na mata e só voltava quando completava o carregamento que havia ajustado com o comerciante. Nestas circunstâncias, realizada costumeiramente, os coureiros tinham nesta prática seu meio de vida [...] o coureiro organizava sua vida em torno desta atividade e tinha alguns meios para negociar. Era das pequenas quantidades que os agregados ou os camaradas das fazendas traziam para o comerciante que vinham os maiores lucros (Cormineiro, 2010, p. 169).

O ex-prefeito da cidade de Marabá, Jadão (1984), relata, em tons quase épicos, o cotidiano dos mariscadores no sul do Pará. Esses caçadores da selva, homens de coragem e determinação, adentravam as profundezas das matas, onde passavam horas, dias, semanas e até meses desafiando a solidão e os perigos ocultos sob grutas, cavernas e copa das árvores ou próximos das águas que continham alguma surpresa traiçoeira. Sustentados por comerciantes, cuja ambição traçava rotas aéreas, marítimas e terrestres, eles viviam na fusão entre sujeitos e mistérios das florestas.

Cada jornada era mais do que uma simples busca por subsistência — couros, vendas e compras de cerais e minérios —; era um encontro com a essência de um modo de vida intrépido, que se desenhava entre o silêncio, som humano vibrante e os da natureza, ora selvagem, ora harmoniosa, entre o isolamento e a parceria com os rios e trilhas ocultas que contornavam o horizonte. Nessa toada, continua o ex-chefe do Poder Executivo:

> O caçador de peles aviava-se com comerciantes, [...] dos quais lhe fornecia de tudo, especialmente a especialmente a espingarda e copiosa munição. Com pouquíssimos mantimentos, geralmente uns 30 quilos de farinha de mandioca, um quilo de sal e nada mais, passava três e quatro meses dentro da mata. Quando saía novamente era magro de fazer dó, cintura de macaco, no dizer pitoresco do gateiro. Compensando a pouca alimentação, nunca menos de 20 caixas de cartuchos completavam a carga pesadíssima (Jadão, 1984, p. 184).

As considerações feitas por Cormineiro e Jadão expõem a exploração dos caçadores, que não ganhavam sequer o básico para a realização dessa atividade ariscada que

[35] Árvore que atinge mais de 35 metros com madeira própria para pasta de papel e látex com o qual se faz borracha.

supostamente lhes garantia meios não apenas para sobreviver, mas também para enriquecer com o espichado, que teve a mesma intensidade da busca enlouquecida pelo cristal, pelas regiões do norte e centro-oeste goiano, o "vale araguaiano" (Caiado, 1964, p. 71) — hoje estado do Tocantins —, Leolídio Caiado descreveu, cenas dessa atividade:

> Algumas dezenas de homens esfarrapados [...] dia e noite, correm atrás dos jacarés ou espreitam o pirarucu. Habitam às margens dos rios e lagos, caçando e pescando, trabalhando relativamente pouco e passando muita miséria para dar determinado lucro aos que comparam barato a sua mercadoria. Muitos que se dizem profissionais, são inexperientes que, levados por histórias falsas, se estabelecem num ranchinho, à margem do rio ou geralmente na barreira, próximo de alguma lagoa ou na boca da entrada de algum lago, e tentam ganhar a vida (Caiado, 1964, p. 35).

Dentro dessa realidade, "os comerciantes da vila recebiam os espichados dos vaqueiros passando horas, ao ar livre" (Lima, 2011, p. 24) e que o comércio se dava na base de troca por sal e tecido. As peles de animais eram usadas para fazer bodoques, alforjes, chapéus, bornas e, acrescenta até "o tamborete de couro de veado" (Moreira Filho, 2021, p. 40), o gibão e o alforje do vaqueiro. Esses objetos carregavam consigo marcas de um trabalho árduo e também simbolizavam — mais uma vez — a luta pela sobrevivência.

As peles, antes, evocavam a vida selvagem; agora, transformadas pelas mãos daqueles sujeitos, iam se (re)configurando em utilitários que serviam tanto para o corpo nas lidas diárias do sertão quanto para a própria alma do sertanejo e garimpeiro. De certo modo, esses sujeitos eram artistas que, por suas mãos, traziam em si a história de suas vidas no tempo e das especialidades nos traços de suas artes.

Esses couros, ao serem levados para além das fronteiras, para outros estados e até mesmo outros países, eram transformados em peças que vestiam corpos distantes; convertiam-se em roupas e chapéus que aqueciam, em sapatos que percorriam novas terras, carregando consigo o mistério e a memória da terra de onde vieram.

Esse sistema de comércio se manteve no sertão por longos anos e se traduziu na exploração das pessoas mais pobres que tentavam ganhar a vida e extraíam, "milhares de peles de jacarés e de toda espécie de animais silvestres" (Caiado, 1964, p. 39). E foi financiado por fazendeiros que, muitas vezes, não apenas exploravam os caçadores por eles contratados, pagando valores bem inferiores ao preço de venda das peles, mas também os matavam depois de receber a mercadoria[36].

[36] Em uma noite de conversa com sertanejos idosos na casa de um ex-garimpeiro, hoje cego e enfermo, na cidade de Xambioá, Tocantins, eles me relataram que alguns de seus amigos foram contratados por fazendeiro na região

O comércio de peles foi tão lucrativo quanto cruel, não se restringindo à região do sertão garimpeiro. Era sustentado e mantido por uma série de redes espaciais, geográficas e humanas que se conectavam entre os sertões e os centros urbanos do país e do mundo, onde a demanda por esses produtos parecia tão requerida como as gemas. Os couros de grandes e famosos felinos e de outros animais foram muito visados e eram negociados como qualquer outro objeto de valor. Assim, os comerciantes construíram fortunas por essas glebas sertanejas, acrescentando a elas a riqueza obtida com a criação de gado.

1.6 Entre o couro e a borracha

Representando a lida do sertanejo com as atividades campesinas, a pecuária era bastante significativa, pois o gado bovino oferecia boa renda a criadores. Muitos "encerravam a vida aventureira, atraídos pelos lucros das fazendas de criação, abertas naqueles grandes latifúndios" (Cunha, 1975, p. 94). Com o declínio da mineração de ouro, "a criação de gado se tornou atividade econômica principal de Goiás. Situado no interior do Brasil, longe dos mercados consumidores, carente de estradas, a criação era, talvez, a única alternativa possível para a região" (Campos, 1987, p. 27).

A partir desse período, é coerente concordar a certa medida com Moura Lima quando ele afirma que a economia passou a ter "por base a pecuária e agricultura" (2002, p. 33) nos vales do sertão garimpeiro. A consequência disso foi que, por essas bandas, foram feitos "caminhos dos gados"[37], pelos quais se fez a conquista de terras do sul maranhense e todo o norte goiano.

E tal expansão "teve como fim a multiplicação dos rebanhos e consequente instalação das fazendas. Estas em grande número distribuíam-se ao longo dos numerosos rios e riachos" (Cabral, 1992, p. 141). A economia regional já estava ganhando outras rotas; entre as veredas dos ouros, cristais e diamantes, agora ganhava força as dos rebanhos pela fertilidade da terra. Consolidava-se, assim, uma paisagem geográfica de fartura dos gados e a luta. Era o período

---

e, logo depois de entregarem os couros de animais, foram assassinados por esse mesmo fazendeiro. Não eram raros os casos de latrocínio: bandidos que agiam no sertão, ao verem caçadores com couros, roubavam a mercadoria e ainda os matavam. Narrativas semelhantes se repetiram nas cidades de Arapoema e Peixes, ambas no atual estado do Tocantins.

[37] Essa expressão faz referência ao livro *Caminhos do gado: conquista e ocupação do sul do Maranhão*, publicado em 1992 pela historiadora maranhense Maria do Socorro Coelho Cabral. Nele, a autora relata como a ocupação do estado do Maranhão se fez por meio da criação de gado e, consequentemente, interligando-o com outros estados do país.

em que se ouvia o tinir das labancas e das picaretas em busca dos cristais e ao mesmo tempo o som dos cascos das reses que ressoavam pelos vales.

A história e a literatura conduzem reflexões pelas trilhas do passado, onde, "o clico do gado chegou primeiro que o ciclo do minério" (Moreira Filho, 2020, p. 104) e ganhou grandes proporções após a decadência das minas de ouro e do cristal. Muitos comerciantes que faziam "negócios nas compras e vendas de gados, demoravam meses, na transição do Piauí e Goiás" (Rogério Júnior, 2022, p. 79) e, assim, estabeleceram-se laços que uniam "os cruzamentos realizados no sertão e no litoral" (Cunha, 1975, p. 94). E nesse movimento, ressalta Rogério Júnior:

> [...] a compra de gado no Goiás tornou-se prática comum entre boiadeiros do sul piauiense, uma forma que muitos deles encontraram, certamente, para continuarem na atividade pecuária, devido à redução de bovinos no território piauiense, e para atender à demanda nos outros estados. Alguns [...] fizeram parte de comitivas de boiadeiros, que compravam bovinos no Goiás, recriavam-nos e engordavam-nos no Piauí, para revendê-los em outros estados (Rogério Júnior, 2022, p. 79).

A conquista do gado tornou-se uma ação corriqueira na vida daqueles sertanejos e atravessou "regiões desconhecidas, fazendo posse em novas terras, desenvolvendo a criação de gado e cultivando o solo" (Caiado, 1964, p. 75) pelas veredas do sertão garimpeiro, garantindo, aos criadores de gado, tendo condições "suficientes para produzirem manteiga e queijo em quantidade que só esta terra abastecesse o mundo" (Carvalho, 2000, p. 154). A rica culinária sertaneja era marcada por "leite e coalhada á vontade" (Neiva e Pena, 1999, p. 189).

A historiadora Luzia Bezerra Nunes observa, a importância da formação dos garimpeiros gerais. Ela argumenta que "a exploração do ouro [, cristal, diamante], a criação do gado e as missões religiosas anteciparam a abertura de caminhos" (Nunes, 2014, p. 20). Assim, os rastros da conquista dos minérios, das criações e das religiosidades se desenharam nas trilhas que marcaram as construções das identidades garimpeiras, sertanejas, religiosas.

Não obstante, a observação feita por Carlota Carvalho (2000) contraria o que diziam alguns visitantes que viam o serão goiano por um prisma eurocêntrico. Entre eles, Reginaldo Tournier que afirmou: "Goiás, ali!, quase não conhece o leite das vacas" (1942, p. 46). Ora, como não conhecia leite[38]?

[38]É importante destacar uma reflexão: como já apresentado, o vasto sertão garimpeiro, paradoxalmente, coexistia com outros sertões, por vezes contraditórios em suas próprias existências. Dentro do sertão havia regiões que se revelavam bastante semiáridas, onde o gado leiteiro era escasso, muitas vezes mal servindo ao consumo da própria família. Generalizar, portanto, a inexistência do hábito de consumir leite em Goiás me parece, sob outra ótica, uma interpretação algo equivocada da realidade.

Se havia, grandes “criadores de gados curraleiros” (Moreira Filho, 2020, p. 84), vacum, pé-duro e leiteiras. Era tão intensa essa atividade que “corrente povoadora, de penetração pelo interior com base na pecuária, entrou no Maranhão [...] a partir de 1730” (Cabral, 1992, p. 63) e maioria[39] das terras do antigo norte goiano não era diferente, à medida em que nas fazendas leiteiras de Goiás, o leite era “utilizado de várias maneiras em abundância” (Neiva e Pena, 1999, p. 164).

Uma dessas maneiras de aproveitar o leite, além das guloseimas já mencionadas, era cozinhá-lo com abóbora e açúcar, e, na falta deste, acrescentavam-se raspas ou pedaços de rapadura, adocicando o sabor agreste da terra sertaneja[40]. Essa iguaria simples, mas generosas, sustentavam temporariamente garimpeiros, sertanejos, viajantes, mulheres, crianças e idosos. Cada colherada e mastigada carregava o vigor da roça, um consolo que aquecia e fortalecia, alimentando corpos e almas em suas labutas e jornadas fatigantes pelo sertão garimpeiro.

O leite constituía um alimento constante na rotina do sertanejo e era consumido “misturando com café de manhãzinha, ou como coalhada fresca ou escorrida, ou sob a forma de derivados, manteiga ou queijo. Principalmente manteiga fresca e requeijão, tipo de queijo gordo que os sertanejos fazem largo uso cru ou assado” (Caiado, 1967, p. 69) ou misturado no cuscuz feito do milho maduro ralado e do milho verde a pamonha.

Na mesma linha reflexiva, o “leite, a manteiga e o queijo do sertão ficaram sendo [...] produtos de consumo local, elementos integrantes de dieta do sertanejo” (Castro, 1967, p. 69). Desse modo, na vida cotidiana do sertanejo e do garimpeiro, o leite nutria seus corpos e almas, assim como um rio que – pode até diminuir mais – nunca seca.

Toda essa imensa e abundante matéria-prima leiteira vinha das inúmeras criações de gado nessas planícies, várzeas, brejos, chapadões e capoeirões do grande sertão garimpeiro, pois “em todo esse pantanal, acolá, bem distante, havia sempre uma fazenda com muito criação de gado, pastando e berrando. Era comum se ver boi gordo, erado e de chifres dobrados, criado nessas pastagens nativas como na fazenda Capão de Coco, na Ilha do Bananal” (Moreira Filho, 2004, p. 54).

---

[39]Há uma pequena porção do norte goiano onde o consumo de leite é reduzido, nas regiões semiáridas — exemplo disso é o Jalapão, onde o cerrado e as várzeas arenosas. Nessas terras, o gado curraleiro, o pé-duro e o nelore são incontáveis, enquanto as vacas leiteiras são contadas, e o leite serve apenas ao consumo das famílias, isso é, quando há sorte de uma vaca estar parida e “dando leite”.

[40]Em algumas regiões ou situações, onde o leite era escasso, o coco surgia como uma alternativa nutritiva. Seu bago triturado e misturado à sua água, que se une à abóbora, criava um prato doce e acolhedor, revelando a resiliência e a criatividade de um povo que se transforma a cada situação.

Nesse sertão gigante, que continha inúmeros recursos dentro e fora de várias fazendas, muitas vezes pertencentes a um único dono, haja vista que "gado há, e bastante. Quase tudo ainda gado de antigamente, ordinaríssimo pé-duro. Progridem, todavia, algumas zonas, resultado de cruzado zebu" (Palmério, 1957, p. 8-9). Neste caso, revela-se uma terra farta, mesmo que marcada pelas desigualdades latifundiárias e pela imensa e esmagadora concentração de riqueza e poder nas mãos de poucos.

Neste período, o sertão garimpeiro era a "Meca do zebú no oeste brasileiro, empolgando-se pela alta crescente do seu valor econômico atraindo toda sorte de pecuaristas que se enriqueceram da noite para o dia" (Folha de Goiaz, 1944, p. 4). Essa atratividade fez com que muitos ocupassem terras, mas o gado zebu não deu lucro, ou, como diziam; "não vingou", porque o espaço geográfico e os hábitos culturais não permitiram adaptação do animal por esse varjão. Esse espaço era mais adequado e adaptado ao boi curraleiro, ao pé-duro e mais recente o nelore.

Muita gente no sertão tinha interesse em ter uma pequena fazenda e criar seus animais, inclusive os padres. Tão comum era esse desejo que "recém-chegado a Porto-Nacional, Frei Domingos começou a manifestar sua inclinação inata para a criação de gado e animais" (Audrin, 1946, p. 64). Não eram poucas as pessoas que possuíam, o "terreiro da fazenda coalhado de gado [...] emagotado" (Moreira Filho, 2012, p. 54). Expressando com mais profundidade Carmo Bernardes faz uma representação deste sertão repleto de gado e quem os detinham, pois:

> A fortuna de um criador é avaliada pelo número de reses que possui, e o quanto possui é calculado pelo tanto de logradouros da fazenda. Logradouro é o território onde é empastada uma determinada ponta de gado, que o vaqueiro visita regularmente, mantendo contato com as reses ali alongadas. Havia proprietários que nunca tiveram o prazer de ver reunido todo o seu rebanho. (Bernardes, 1995, p.34)

Muitas dessas riquezas estavam em terras devolutas, onde, havia "grandes fazendas de criação de gado apenas umas poucas de léguas distantes" (Gardner, 1942, p. 279) umas das outras, o fazendeiro ali "criava seus 3.000 e poucos curraleiros" (Élis, 2005, p. 130) tranquilamente. Geralmente, os bezerros e novilhas eram, "mansas de coçar. Muitas tinham nome: Moeda, Branca, Roxinha, Cara Preta, Doralice, Cambraia, Carreira e por aí a fora" (Moreira Filho, 2012, p. 54).

Outras reses andavam a esmo, bravas – de cabelos brutos –, soltas pelos brejos e "espalhados pelas caatingas" (Neiva e Pena, 1999, p. 189). As novilhas, ao receberem o nome, era como um carimbo, um sinal de afeto do sertanejo que reconhecia cada uma como um ente familiar. Já as reses bravas, soltas nos confins da caatinga, eram como almas errantes.

A atividade pecuária se associava também à venda de couro. Em algumas vilas do sertão encontrava-se "um quadro de paus fincados, como se fôssem um goal de campo de futebol. Serve para pendurarem a balança romana, onde pensam os couros de boi" (Paternostro, 1945, p. 190). Essa economia do couro possibilitou a construção de impérios semifeudais pelas áreas dos Gerais, a ponto de alguns fazendeiros serem chamados de rei do gado, rei couro ou rei do espichado. Fazia-se uma série de produtos com o couro, como aponta o historiador João Capistrano de Abreu:

> De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforje para levar comida, a mala para guardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as bruacas[41] e surrões, a roupa de entrar no mato, os banguês para curtume ou para apurar sal; para os açudes, o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o nariz. (Abreu, 1963, p. 149)

O couro era tanto que provavelmente não se tinha como contabilizar com exatidão. Mesmo assim, "o rebanho bovino está estimado em 120.00 cabeças, o cavalar 25.000 e o suíno 6.000 cabeças" (Folha de Goiaz, 1947a, p. 4), indicando a criação de animais como uma das molas econômicas do setentrião goiano. O periódico atestou ainda a forte contribuição econômica do "garimpo de cristal de rocha, uma das imensas fontes de rendas municipal" (Folha de Goiaz, 1947a, p. 4).

Apesar da grande quantidade de animais criados para corte, José Maria Audrin, é enfático ao dizer:

> [...] não podemos afirmar que a carne de gado, no sertão, esteja no alcance de todos. O seu consumo habitual é privilégio dos donos da fazenda. A maior parte dos moradores do interior não possui rebanhos; e quando dispõem de algumas reses, reservam-se para determinadas circunstâncias, como casamentos, batizados, festas de santos, passagem de folias, etc. (Audrin, 1963, p. 55-56).

Em outras situações por esse sertão garimpeiro, as poucas e minguadas reses criadas em seu pedaço de terra pelo sertanejo constituíam uma reserva a ser usada como um certo tipo de poupança para ser utilizada em momentos especiais em festas, comemorações, casamentos ou de muitas necessidades e ainda para custear, por exemplo, um tratamento em caso de

[41] É um tipo de mala artesanal feita de couro de vaca-boi ou de outros animais, bastante resistente a climas chuvosos e ensolarados.

doença.[42] Muitas vezes, essa criação era feita com um esforço volumoso e quase ignorado e invisível para muitos, a venda de uma – ou mais – vaca(s) ou de um – ou mais – bezerro(s) poderia significar uma a travessia de tempo difícil.

Moreira Filho salienta que "não só o garimpo de cristal de rocha chamou a atenção", mas principalmente "a vasta e rica criação de fato existente em toda a região", que reunia grandes criadores e outros "criadores de médio e pequeno porte se espalhavam pela vastidão do lugar" (2004, p. 54), sinalizando o horizonte da agropecuária na formação do estado do Tocantins. Em cada canto, os passos dos pequenos e grandes fazendeiros eram marcados pela busca incessante de prosperidade, moldando as identidades de um estado em construção.

Do couro para a borracha, outra faceta da economia do sertão, a exploração do leite da borracha ou "látex coagulado [que] é chamado de sernambi" (Jadão, 1984, p. 169) das seringueiras, extraído de "troncos imensos, a uma simples incisão no cortex, deixam correr em jacto abundante a seiva-milhão; [...] esse sangue branco [...] unicamente pegajoso" (Rangel, 1920, p. 43-44). Essa substância enchia os latões para ser comercializada. Nesse varjão garimpeiro, desenvolvia-se "a phase aurea da borracha – 1912" (Santos, 1935, p. 22). Vale destacar que por esses varjões, repetindo as palavras de Jadão, que o látex:

> é conseguido de muitas árvores, a mangaba, a seringueira, o caucho, a massaranduba, a maniçoba, a balata, todos os produtores de látex, a seiva branca que se transforma em borracha, quer pelo tempo (caucho, massaranduba), pela defumação (seringa) ou pela fervura (balata) (Jadão, 984, p. 169).

Essas árvores se tornaram cobiçadas entre todos que viam a possibilidade de extrair delas o leite pegajoso da borracha e com ele "fazer dinheiro fácil" – que na verdade não tinha nada de fácil –. Nessa fase, a borracha teve, o seu "bom preço [...] como o café em São Paulo, regulava a situação comercial e graduava a generosidade dos consumidores" (Santos, 1935, p. 44) e, por essas cercanias da Amazônia, chegou-se a um momento em que "negociar com a borracha era o melhor negócio da América do Sul. O ouro branco comprava-se a dois mil réis o kilo, para vender-se a quinze e vinte em Belém do Pará" (Santos, 1935, p. 45). Nesse ciclo econômico da borracha, de acordo com Josias de Almeida, observou-se um intenso movimento de sertanejos:

---

[42] A prática de ter o gado como poupança não era exclusiva das pessoas simples, sem poder político; também era comum entre aqueles que o possuíam. O ex-governador Pedro Ludovico Teixeira, ao enfrentar de perto a delicada situação de saúde de sua companheira, Gercina Borges Teixeira, precisou levá-la para exames e uma cirurgia. Dizia o ex governador: "Eu preciso de algum tempo [...] para levantar o dinheiro necessário. [...] E assim solicitou três semanas, durante as quais mandou vender o gado da fazenda Rio Verde" (Rocha, 2016, p. 531-531).

> Atraidas de todos os Estados nortistas, levas e levas de sertanejos chegavam lá em multidões de oito e dez mil seringueiros. Internavam-se pelas mattas a dentro, no incognoscível de regiões interminaveis, derrubavam as arvores gigantescas, toravam-nas e extraíram o leite precioso, que se coagulava em pranchas de cincoenta kilos. Depois, a massa era transportada em tropas aos sitios de embarque, nos grandes rios Xingú e Araguaya, no mez de janeiro, epoca em que as aguas transbordavam, engolindo as areias brancas e cobrindo as enormes cachoeiras (Almeida, 1935, p. 45).

Atraídos pelo latéx, garimpeiros, vaqueiros, tropeiros, mascates, ciganos e pessoas de várias idades e profissões migraram de outros Gerais para a Amazônia, iludidos pela promessa de enriquecimento com a extração da resina da borracha. A escritora Raquel de Queiroz, em *O Quinze* destacou esse sentimento do nordestino ao fugir da seca: "o mundo é grande e no Amazonas sempre há borracha" (2012, p. 15), com esperança de ficar rico. E ao chegarem por lá e por cá, os sertanejos encontroaram uma triste realidade: havia riqueza, sim, mas não para eles, e sim para os patrões.

Bastaram poucos dias para que o sertanejo que virou seringueiro pressentisse, trazendo o "que nunca mais se livrará da estrada que o enlaça, e que vai pisar durante a vida inteira, indo e vindo, a girar estonteadamente no monstruoso círculo vicioso de sua faina fatigante e estéril" (Silva, 2010, p. 318). Importante acréscimo a essa história sertaneja é dada pelo historiador Leandro Tocantins no livro *Amazônia: natureza, homem e tempo* (1982):

> Nada mais pungente do que a sorte de milhares de nordestinos seduzidos pela realidade traiçoeira de uma fortuna que existia, sim, naqueles profundos verdes – o verde nosso de cada hora – onde a vida era dada por inteira à floresta. Holocausto ao leite branco, espécie de licor maldito, porém sofregamente desejado, enchendo o cálice de quem o procurava, sorvido até a última gota, algumas vezes fatal (Tocantins, 1982, p. 104).

Eram milhares de pobres — como a maioria dos garimpeiros — que tiveram que suportar dificuldades de toda sorte em um país gritantemente desigual. Pelejaram pela vida desde crianças com pouquíssimo pedaço de pão e muito suor. Muitos adentravam as matas, sendo mais uma busca feita para sobreviver. E "a extração do caucho era uma ocupação solitária, raramente uma colocação permitia que dois ou mais homens trabalhassem em uma só barraca. Muitos caucheiros levavam suas mulheres" (Jadão, 1984, p. 170).

E longe do cerrado e da caatinga, na imensidão do sertão amazônico, entregaram-se a um ambiente para eles estranho e hostil. Havia ali uma "falta de estrutura sanitária" (Borges, 1987, p. 102) em um espaço de possível enriquecimento nas mãos de poucos, mas também de doença, fadiga, bandidagem, exploração e até morte, para muitos. A floresta de mata densa

ocultava tanto os perigos naturais quanto relações marcadas por abuso extremo, onde miséria, desigualdade, medo e riqueza coexistiam em meio à lama e ao sangue dos incontáveis varadouros.

Deste modo "os caucheiros eram aviados por patrões, isto é, proprietários de casas de comércio, que forneciam o necessário e compravam o produto, uma vez saído da mata" (Jadão, 1984, p. 170). Essa relação colocava o pobre do sertanejo em um endividamento contínuo, no qual raramente conseguia se sobressair dela. Por essa compra, como era de práxis, os trabalhadores pagavam valor maior que o preço de mercado, como informa Almeida:

> Aquella multidão, que formigava sob as florestas, mantinha durante mezes e impeto das batalhas, o éste imprimido nos sêres humanos pelo ardor das guerras. Era a ansia de amealhar o mais possível, pois os preços eram maravilhosos, a procura não tinha limites e a seára não havia multidão que, labutando dia e noite conseguisse colhel-a toda. Muitas vezes, as canastras, que tinham sido grandes demais para transportar a tralha modesta do sertanejo humilde e ambicioso, eram pequenas demais para transportar, em retorno, o dinheiro acumulado. Mas, muitas vezes tambem, as clareiras abertas na selva pela derribada das héveas não comportavam o numero de túmulos cavados para engulirem as victimas das febres, do cansaço e dos latrocínios (Almeida, 1935, p. 46).

Ferdinando de Sousa, no texto *Os seringueiros da Amazônia, ou seguindo o canto das sereias* (2019), argumenta que indústria do látex trouxe muita riqueza e prosperidade para as elites locais da Amazônia, "com o sangue de dezenas de milhares de migrantes trazidos, majoritariamente, dos sertões do Nordeste e largados à sua própria sorte nos confins da floresta" (Sousa, 2019, s/p). A mata era — como ainda é — cúmplice das dores, explorações e felicidades, ajudando a alimentar o imaginário do ouro branco da borracha.

Humilhados, derrotados, cheios de saudade – mesmo que por pouco tempo –, esperanças, mas sempre gananciosos, corajosos e cheios de fé — o combustível para se manterem vivos —, os sertanejos insistiram em viver nos seringais. A eles eram exigidos "esforço[s], em ambiente[s] totalmente desconhecido[s] e desguarnecido[s], sem recursos se não os da determinação, o que não impediu que se vissem enrolados em dívidas contraídas com os contratadores e comerciantes, que forneciam gêneros, alguma roupa e medicamentos" (Borges, 1987, p. 102).

Alguns desses comerciantes ascenderam ao poder, tornando-se coronéis ou usineiros, "até 1914, foi intenso ahi o comércio da borracha. Epoca houve em que a Amazonia era o sustentáculo da economia nacional" (Almeida, 1935, p. 71). Os seringais no meio da mata se tornaram cárceres a céu aberto, nos quais as ilusões e sonhos duravam como a vida de uma

borboleta, mas a resistência dos sertanejos permanecia profundamente viva como a vida de um jaboti. Nesse sentido, é importante destacar as palavras da goiana-tocantinense Luzia Bezerra Nunes ao dizer:

> Houve uma migração contínua de baianos e maranhenses para o Nordeste e Extremo Norte Goiano, em busca da matéria prima da borracha, produto procurado em larga escala no comércio de exportação, desde meados do século XIX, e que enriquecia rapidamente a quem o obtivesse (Nunes, 2014, p. 204- 205).

Neste sentido, o sertão garimpeiro foi sacodido pela busca do látex e no esquentar da borracha, "o ouro eslastico chegou a valer mais que o metal amarello" (Almeida, 1935, p. 71) sem que muitos seringueiros — da mesma forma que muitos garimpeiros — juntassem dinheiro suficiente para mudar definitivamente suas condições de vida. Muitos não souberam poupar o dinheiro extraído da seiva das seringueiras e mangabeiras. A exploração da borracha não se limitou ao estado do Pará, perpassando em todos os quantos do nordeste e do norte como "nos *gerais* entre Bahia e Goiaz, explora-se a borracha da mangabeira" (Neiva e Pena, 1999, p. 180).

A vida nos seringais era dura e cara, mas, quase "ninguém se preocupava [...], pois eram infinitas as facilidades de ganho e a actividade febril de Belém chegou ao ponto de suprimir diferenças entre dia e noite: era ininterrupta" (Almeida, 1935, p. 71). Mesmo diante de toda pujança, o ritmo frenético das gastanças dos seringais escondia as angústias de quem vivia sob o peso do ciclo da dívida, enquanto as cidades estavam, à época, embaladas por determinado progresso que só fazia parte da vida de poucos. Entre os seringais e as metrópoles, existia um abismo de vidas e histórias esquecidas que marcavam o território da borracha e do cristal.

No período mais promissor da extração, "os seringueiros boçais queimavam notas de valor nos lampiões dos cabarés transitórios, como sinal de poderio diante de desditosas mulheres importadas além-mar" (Silva, 1948, p. 184). Com bolsos recheados de dinheiro, "os seringueiros gastavam perdulariamente. Se os bolsos se esvaziavam, corriam ao hotel, a buscar mais" (Almeida, 1935, p. 71).

Era uma vida de desejos repleta de fugacidade, na qual a fortuna evaporava em festas e prazeres efêmeros, onde, por um lado, a noite brilhava e mostrava as extravagâncias e, por outro lado, a escuridão das matas escondia a solidão das pessoas consumidas pelo trabalho do qual, muitas vezes, eram escravas, fazendo um controle social e exploração, onde se ia perpetuando a dominação dos patrões sobre os trabalhadores da floresta garimpeira.

Esses gastos não se resumiam à prostituição; havia também extravagâncias diversas, pois, “alguns contractavam automóveis para percorrer a cidade, sob a condição de os chaufferus não pararem o motor, isto é: sob a condição de ficarem fazendo barulho” (Almeida, 1935, p. 72) para exibir seu poder pautado no dinheiro nas cidades próximas como Marabá e Belém, ambas no Pará.

E esses novos ricos não paravam por aí. A exibição do poder econômico do latéx chegou a um ponto que, continua o autor; “inteiramente inebriados pela fortuna fácil, passavam a só fumar charutos e a só acender os charutos com cédulas de quinhentos mil réis” (Almeida, 1935, p. 72), torrando tudo do dia para a noite. O dinheiro literalmente jorrava das árvores e, na primeira década do século XX, como relata Eduardo Guedes de Amorim:

> [...] na cidade de Conceição do Araguaia, então pertencente ao Estado de Goiás, à margem esquerda do rio Araguaia, todo o movimento comercial tinha por base a borracha, pois em todo mundo havia grande procura da mesma. O Brasil era um dos maiores fornecedores daquele procuro que era exportado pelo porto de Belém do Pará. E nas margens dos grandes rios Araguaia e Xingu e seus afluentes, existiam enormes seringais, ainda explorados, atraindo gente de todos os Estado do Brasil, principalmente nortistas, assim como estrangeiros, muitos aventureiros, todos em busca de riqueza fácil, e assim era constituída a maioria da população de Conceição (Amorim, 1973, p. 17).

Segundo a historiadora Lena Catello Branco Ferreira Costa, a “exploração do látex [...] e a acumulação de riqueza” (1978, p. 116) fizeram surgir arraiais e vilas. Algumas cidades prosperaram graças “aos preços elevados do caucho e da borracha de mangabeira, mas com a crise desses produtos, acha-se decadente, e o desanimo apossou-se do comercio e dos habitantes” (Neiva e Pena, 1999, p. 205).

Com o fim da exploração e do comércio na região amazônica, muitas desses arrarais, vilas e cidades entraram em decadência, transformando-se em lugares fantasmas, “com a crise da borracha, tudo aquilo se encolheu como elastico. Morreu a alegria da Amazonia. A miseria avassalou tudo. Deu-se o refluxo dos forasteiros, só ficando [os] que lá nasceram e estavam radicados” (Almeida, 1935, p. 72) e na mesma proporção o “nortão goiano”.

Nem mesmo os vaqueiros que haviam trocado o couro pela borracha, aventurando-se nos seringais do sertão goiano e da Amazônia, iludidos por promessa de enriquecimento fácil, ficaram por lá. Desiludida, a maioria retornou ao trabalho árduo nas fazendas de gado do sertão goiano, enquanto outros adentraram no destino dos jagunços, carregando nas mãos as marcas de uma luta que algumas vezes não era deles.

1.7 O vaqueiro no sertão goiano

Nos Gerais, muitos sertanejos se transformaram em garimpeiros e vaqueiros e revelaram grande firmeza. No entanto, o vaqueiro se faz na ação do vaquejar — procurar rês perdida ou embrenhada nos matos para juntar ao gado — sendo uma "atividade caipira por excelência" (Lima, 1998, p. 179). Euclides da Cunha afirma que todo "sertanejo é vaqueiro" (1975, p. 97). Será? Por essas brenhas, não era assim; a realidade mostrava outra face. Muitos se transformaram em barqueiros, caucheiros, mariscadores, mascates, pescadores, pistoleiros, jagunços, caçadores. Inclusive os próprios garimpeiros.

Na realidade da vida dos vaqueiros pelo Nordeste brasileiro, Euclides da Cunha, em *Os Sertões* (1975), apresenta uma noção reveladora da árdua existência do vaqueiro no sertão baiano, tão semelhante à labuta enfrentada pelos vaqueiros do antigo norte goiano. O autor destaca algumas características dessa vida de sacrifício e resistência: a convivência com os perigos dos Gerais, a habilidade em manejar o gado nas caatingas espinhosas e a resiliência quase mística desses homens, moldados pela aspereza da terra e pelo ritmo severo do sertão. Sobre as vestimentas, Euclides da Cunha escreve:

> Envolto no gibão de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete também de couro; calçando as perneiras, de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até as virilhas, articuladas em joelheiras de sola; e resguardados os pés e as mãos pelas luvas e guarda-pés de pele de veado — é como a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo (1975, p. 95).

Essa armadura, tão emblemática e funcional, correspondia a "perneira, gibão, colete e chapéu de couro" (Moreira Filho, 2004, p. 88), que protegia dos males e percalços da natureza nos Gerais. Para fortalecer sua segurança pessoal o vaqueiro usava "como de costume, ferrão em punho, perneira e guarda-peito" (Ramos, 1984, p. 36) — tudo isso para prevenir cortes no corpo e picadas de animais peçonhentos que poderiam ser encontrados pelo caminho. Mais do que uma vestimenta, ela se tornou o símbolo de adaptação e resistência que envolvia a luta diária do seu ofício implacável.

Os vaqueiros "quando em trabalho, vestem-se completamente de couro, único vestuário capaz de resistir aos espinhos de flora tão hostil" (Neiva e Pena, 1999, p. 167). Ainda assim, essa proteção não impediu tragédias: olhos vazados, cortes profundos no rosto e pescoço eram marcas comuns de quem enfrentava o sertão que "na carreira espantosa dos vaqueiros acontece uma desgraça em que a vida se extingue como um sopro" (Serra, 1946, p.

33). Essas pessoas foram moldadas pelas durezas do ofício, desafiando o risco de cada investida através do gado. Arthur Neiva e Belisário Penna relatam que:

> [...] metidos em suas vestes de couro (gibão, peitoral, perneiras e bonita) grande e pezado chapeo do mesmo material, o peso por uma barbela, luva de couros protegendo apenas o dorso das mãos, montado num cabalo magro, em geral pequeno, mas adestrado na luta, empunhado uma *guiada* (vara de péao resistente de cerca de dois metros de comprimento com uma ponteira de ferro) com os pés metidos em tocas caçambas de madeira, ele entra pela caatinga fechada, inçada de espinhos, á procura do boi e encontrando esse, toca-o e cerca-o ora abaixando-se, ora desmontando-se rapidamente para se librar de uma cabeçada num galho que não o deixa passar, nem mesmo colado ao pescoço do animal, galgando de novo a sela como uma acrobata, esgueirando-se, colocando ao ventre do cavalo, como um felino, por entre os moitas trançadas, num exercício fantástico de agilidade e de resistência leva o vaqueiro horas inteiras até domar o boi, *numa molhada* (claro na caatinga) e leva-lo afinal vencido para o curral (Neiva; Pena, 1999, p. 200).

A partir dessas observações é possível compreender, em grande medida, a luta hercúlea desse audacioso guerreiro do sertão, a busca do vaqueiro pelo gado por essas brenhas às vezes desconhecidas, na passagem dos dias "montando a cavalo percorrendo aquelas solidões" (Amorim, 1973, p. 55). Além do cavalo, companheiro inseparável, geralmente o vaqueiro realizava suas tarefas com ajuda de outro fiel amigo: o cachorro "inteligente e corajoso, valente e leal, digno, portanto, de todo o respeito" (Caiado, 1969, p. 27).

Todos juntos — o homem, cavalo e o cachorro — desbravavam a vastidão do sertão garimpeiro, formando uma tríade de cumplicidade, força e resistência que desafiava o próprio sertão, onde cada passo era uma conquista e cada retorno com sua rês e com vida era uma vitória sobre a imensidão do sertão.

Quando se entrava na "zona de matas, [...] depois dos cerrados" (Santos, 1940, p. 11) na caatinga, não era só o vaqueiro que corria. Com ele disparavam a rês, o cavalo, o cachorro – companheiro de lida – e a morte. No sertão havia "catas fundas e buracos feios [...] onde vaqueiros montados a cavalo de vez e em quando escapolem dentro na perseguição de uma rês" (Moreira Filho, 2012, p. 72). A poeira levantava, o galope reverberava, e o sertão garimpeiro, imenso e impiedoso, de alguma forma, engolia cada queda e cada suspiro, como um testemunho vibrante da luta entre o homem e a natureza no cenário de morte.

Essa realidade perigosa e sofrida da vaqueirama, poderia se descambar em "um buraco escondido no chão, ou a pancada seca num galho de árvore, que o vaqueiro não teve tempo de evitar, joga o herói para longe com o crânio partido em morte violenta" (Serra, 1946, p. 33-34). Eram tão incontáveis as armadilhas e incessantes os perigos que, em cinco versos, chega-se a comparar o trabalho do vaqueiro a uma guerra:

Igual uma guerra;
o vaqueiro num campo
correndo no pé da serra,
saltando em ponta de touro
e um dos dois entrando na terra
(Zé Vaqueiro, Babaçulândia TO)

O entrar na terra seria a viagem final, a morte como consequência de um destino quase inevitável. O vaqueiro morria, geralmente, sem deixar tostão e seu nome ficava perdido nas quebradas do sertão. Arremessado em uma cova rasa e esquecido pela indiferença do patrão, muitas vezes restava-lhe apenas a fidelidade de um amigo — o cachorro — que, em uivos tristes, narrava ao vazio a dor da perda de seu único companheiro.

A vida de vaqueiro por esses gerais era complexa, porque ele se criou numa "intermitência, raro perturbada, de horas felizes e horas cruéis, de abastança e misérias — tendo sobre a cabeça, como ameaça perene, o sol [e chuva], arrastando de envolta no volver das estações, períodos sucessivos de devastações e desgraças" (Cunha, 1975, p. 119).

O vaqueiro carregava em seus ombros não apenas o peso da lida — a rês —, mas também o fardo de uma vida marcada pelo imprevisível, onde cada dia era uma batalha vencida nos Gerais da incerteza de intempéries do próprio destino.

Nas fazendas, o pagamento do vaqueiro seguia um sistema peculiar, "de cada quatro bezerros nascidos, um era do vaqueiro" (Amorim, 1973, p. 55). E para a complementação dessa forma de pagamento, tinha o que muitos chamavam de *o último laço*, a última cria a ser dividida. A bezerra fêmea ou o macho eram misturados com as rezes e só se podia escolher um. Feito, isso não se voltava mais atrás; por isso o nome[43]. Adotava-se também, nessa região, os sistemas conhecidos como *gado de meia e primeira cria*.

No primeiro caso, o dono do gado o entregava para um agregado que possuía pasto e os dois dividiam as crias. No segundo, um lote de reses era deixado no pasto de outra pessoa e, em troca do aluguel da área, o dono do pasto recebia as primeiras crias — ou barrigadas, como chamavam os sertanejos — das novilhas, em ambos os casos independente dos bezerros forem fêmeas ou machos cumpria-se o acordo.

O vaqueiro era o "encarregado de cuidar do gado de uma fazenda, tirando o leite das vacas, curando as rezes doentes e ainda consertando cercas e cuidais" (Jadão, 1984, p. 201-202), desempenhando múltiplas funções: gerente, capataz, e, muitas vezes, o verdadeiro faz-

[43] Em alguns lugares desse grande geral tocantinense, quando existe essa forma de pagamento envolvendo as criações de reses, é importante deixar claro que, quando se tem só bezerro macho, não se divide. Só se divide quando é fêmea na mesma cota.

tudo. Contudo, não era raro que esse trabalhador se sentisse economicamente preocupado, por causa do "parco pagamento que recebia como salário, o que o fazia procurar outras atividades melhor remuneradas" (Jadão, 1984, p. 202).

Dentre essas alternativas, o garimpeiro emergia como uma atividade chamativa no sertão garimpeiro. Muitos buscavam novas recompensas de vida, deixando para trás as cercas e os currais, trocando o chapéu e o gibão de couro pela bateia, picareta, pá e as peneiras, na esperança de ganhar dinheiro e enriquecer facilmente.

Era nessa "paragem formosíssima dos campos gerais, expandida em chapadões ondulantes — grandes tablados onde campeia a sociedade rude dos vaqueiros" (Cunha, 1975, p. 15) — que vivia o sertanejo, adaptando-se, como podia, a todas as dificuldades inerentes a um lugar tão afastado do litoral e das povoações.

Nelson Werneck Sodré ressalta essa determinação, afirmando que "o vaqueiro sempre demonstrou uma enraizada aversão ao domínio. Fugiu do litoral, buscou os sertões, penetrou-os, desceu e remontou rios, perlustrou vales" (1990. 51-52). Nesses sertões grandes e imensos, o vaqueiro, em meio às labutas e intempéries da vida, também conquistou o espaço, decifrou as durezas da vida. Fez — e continua fazendo — do sertão um espaço de luta, resistência e por vezes solidão, as quais são suas fiéis companheiras.

Nesse sentido, percebe-se, que, ao refletir sobre a lida do vaqueiro, revela-se a seguinte lógica: "Há uma suposição histórica de que as extensões territoriais deste imenso país foram conquistadas pelo gado andando na frente e os vaqueiros atrás, apossando-se dos campos freqüentados por suas criações" (Bernardes, 1995, p.34).

Misturando alegria e dor, o vaqueiro se transformou em desbravador e conhecedor desse imenso sertão, dos Brasis, principalmente de um país oculto, abandonado, esquecido e desigual. Nele adentrava, percorrendo vales, capinas, morros, serras e alagadiços, muitos deles inexplorados; aprendeu a interpretar subjetividades e universos simbólicos de um território onde sertanejos e garimpeiros criavam e recriavam seu espaço de vida, compartilhavam um mundo vivido no plural e, desde crianças, o sentimento de pertencimento ao lugar.

As brincadeiras com bodoque para matar pássaros, de vaquejada com as ossadas de gado morto, eram transmutadas para "o trabalho com jegues na busca de objetos daqueles que chegavam ao garimpo" (Moreira Filho, 2020, p.70). Varrendo com força a poeira da preguiça, aprendendo a sofrer e lutar no sertão, desde pequenos, como "eram induzidos a adentrar na labuta [do] ser vaqueiros, jagunços [...] policiais; nessas três funções sociais, eles [poderiam conquistar] poder social e em alguns casos até mesmo político" (Rimualdo, 2021, p. 61).

O vaqueiro se fez através e no sertão garimpeiro por meio das condições da lida do campesinato e com o seu "cavalo, sócio inseparável desta existência de algo romanesca, é quase objeto de luxo. Demonstra-o o arreamento complicado e espetaculoso" (Cunha, 1975, p. 94).

O cavalo era uma de suas raras vaidades, visto que "os cavalos do norte são em geral ensinados a *esquipar.* O *esquipado* é uma marcha peculiar aos cavalos dos Estados do norte. É um andar especial, muito rápido e agradável" (Neiva e Pena, 1999, p. 200). Também eram usados no trabalho o burro e o jegue — animais para quem vivia sem luxos, como revela Candice Vidal e Souza:

> O vaqueiro sobrevive sem luxos materiais. Se fixa temporãmente, bastam-lhe poucos objetos, um pouco modesto e uma alimentação simples essencialmente derivada de animais. Mantendo-se em níveis mínimos de consumo, o vaqueiro leva o que sustenta, sem apegos a bens deixados. Daí a falta de raízes pelas paradas do caminho, por onde passa sem deixar rastro (Sousa, 1997, p. 67)

Era nessa vida que o vaqueiro se encontrava, sem luxo e com muita ousadia "no seu cavalo árdego, veloz, magro de correr pelos campos e pelos cerrados de taboca, ou carrascais de espinheiros de unha-de-gato" (Serra, 1946, p. 34), costurando o veredão por vezes seco e de "cerros quase desnudos, no contorcido dos leitos dos ribeirões efêmeros" (Cunha, 1975, p. 20), com árvores espinhosas, em campos tétricos ou verdejantes, aguados ou desidratados, fechados ou abertos. Era conhecedor de todas as passagens labirínticas e lendas do norte goiano, tanto que, "só pra elle não há mysterio nesse sertão" (Rangel, 1920, p. 30).

Talvez pela falta de oportunidade em outras atividades econômicas no sertão que o Estado poderia proporcionar, o vaqueiro só era lembrando quando os poderosos necessitavam da exploração de sua mão de obra para satisfazer algum interesse. Na maior parte de sua vida, era esquecido, ignorado e silenciado pelo baronato da elite política brasileira regional e das grandes metrópoles desta República.

Em certas ocasiões, o vaqueiro cultivava com seu patrão uma amizade de longas datas, alicerçada no respeito mútuo e na mais profunda confiança, laço de compadres em que os filhos de ambos poderiam unir-se em matrimônio, como veremos com mais profundidade no capítulo seguinte.

E nessa situação, o vaqueiro se adaptou ao campo, ao seu espaço geográfico. A vida dele era o sertão, por vezes cruel e perigoso, principalmente quando precisava adentrar matas "tão densas [...] [de] árvores juntas, [que] a folhagem de suas copas se misturava e mal deixava filtrar os raios do sol" (Amorim, 1973, p. 65). Tanto em épocas chuvosas quanto nos

períodos de estiagem, ele não se amedrontava diante do desconhecido; resignava-se e tentava ser forte no enfrentamento de sua miséria. E, nesse sentido, assevera Audrin:

> O vaqueiro, quando vai revistar ou ajuntar gados e animais, é capaz de manter-se por longas horas, até dias inteiros, em cima do cavalo, sentado na sela pouco ou nada macia, a vagar por matos e cerrados, descendo morro atravessando a nado ou vau bravo, lagoas, brejos, e riachos, sem importar-se com o sol, com a chuva e as enchentes. Só ao meio-dia, ou ao "perder do sol" tratará de procurar uma sombra à beira de algum córrego [...] Com pouco, ei-lo, de novo, a cavalgar até à tarde, [...] à noite escura, quando volta tangendo o gado e cantarolando ao longo do caminho. (Audrin, 1963, p. 107).

No sertão do antigo norte goiano, a labuta do vaqueiro no campesinato alternava entre o prazer e o cansaço — era árdua —, quase sempre solitária, debaixo de sol escaldante ou de chuvas repentinas. O trabalho com o gado exigia pulso firme, agilidade e destreza, um ofício pesado que pedia coragem e resistência inquebrantáveis, para isso, o vaqueiro em "predisposição não faltava" (Moreira Filho, 2009a, p. 52). E por essas longas e (in)cansáveis horas de trabalho era um "homem que parece incorporado ao animal, como um centauro" (Alencar, 2005, p. 52), fundindo-se ao ritmo da natureza e dos rebanhos, num duelo de forças e harmonia que coexistiam no mesmo espaço geográfico.

Os caminhos do vaqueiro pelo imenso sertão goiano que comportava o garimpo de cristal nos Gerais, cheios de chapadas, pântanos, caatinga, matas fechadas, abertas, serras gerais e morros bastante íngremes, entrecruzavam-se nos "ermos e gerais onde a triste solidão [se manifestava] no ruminar solene e próximo de uma rês ou no berro [...] de um marruco ou uma curraleirinha perdida na imensidão das várzeas" (Moreira Filho, 2004, p. 54), o vaqueiro enfrentava as distâncias. E, por vezes, no norte de Goiás, o silêncio era rompido pelos ecos da lida e da vida brutal e selvagem do sertão garimpeiro. Nessa ocasião, podemos compreender melhor essa lida através da narrativa dos médicos Neiva e Pena:

> [...] quando os vaqueiros recolhem o gado aos currais, um deles vai á frente cantando e servindo de guia. A este aboiar chamam-no de *rebojar* e a melodia, além de ser muito original como composição, tem, sem duvida, extranha beleza; sendo o espetáculo da boiada a se deslocar acompanhando o cantor. (Pena; Neiva, 1999, p. 177).

Essa era uma prática dos tropeiros que se misturavam com os vaqueiros e vagavam "por aqueles ermos gerais sem fim" (Moreira Filho, 2009a, p. 33), percorrendo territórios de Goiás ao sul, Maranhão, Piauí e Bahia ao leste, Pará e Mato Grosso a oeste, ultrapassando fronteiras e passando por vilas, cidades, veredas secas e outras banhadas, e também pelos

“pequenos cursos d’água numerosos, semelhando veias tremulas e malacachetas em lage calcarea” (Rangel, 1920, p. 58). Assim, esses caminhos entre o árduo trabalho e a solidão pela vastidão do sertão traçavam os destinos daqueles que se arriscavam nesse oficio milenar.

Homens, mulheres, crianças, idosos e animais por eles guiados seguiam “os rastros velhos das boiadas”, percorrendo os caminhos que ligavam as povoações e que eram chamados de “reais” (Cunha, 1975, p. 45), e que nada mais, eram que “trilhas feitas pelos cascos dos burros e os pés dos homens” (Paternostro,1945, p. 203).

Muitas dessas vias rudimentares e outras percorridas por vaqueiros, tropeiros, garimpeiro, ciganos, vendedores e comerciantes, continham, como observa o médico, os “desvios que [eram] consequência do calcorrear do gado” (Paternostro, 1945, p. 204), que se tornaram rodovias[44] no atual estado do Tocantins.

Pelos Gerais iam os vaqueiros tocando o berrante — instrumento feito de chifre de boi e detalhes em couro que emite sons graves e agudos —, com toques diferentes que representavam uma espécie de senha. Desse feito, “ao longe [se] ouvia o repique do berrante com o Toque de Pouso — era boiada chegando” (Moreira Filho, 2012, p. 62).

E não ficava apenas em uma única melodia, dado que, “há vários outros toques de berrante com notas tiradas da boca do berranteiro, todos contagiantes” (Moreira Filho, 2012, p. 64). São os aboios, cantos sem palavras dirigidos à boiada. Mário de Andrade, em *As melodias do boi*, define aboio como “um canto melódico com que os sertanejos [...] ajudam a marcha das boiadas” (1987, p. 54). Na mesma toada, segundo Câmara Cascudo (2012), seguem vaqueiros, boiadeiros e tropeiros. O autor ressalta:

> [...] jamais cantam versos, tangendo gado. O aboio não é um divertimento. É coisa séria, velhíssima, respeitada. Aboia-se no mato, para orientar a quem se procura. Aboia-se sentado no mourão da porteira, vendo o gado entrar. Aboia-se guiando o boiadão nas estradas, tarde ou manhã (Cascudo, 2012 p. 3).

O aboio é um canto individual e social, entoado livremente com objetivo de tanger ou reunir o gado que vai seguindo no rasto do boiadeiro com sua a trilha sonora. Pelo mosaico de contornos sinuosos do sertão goiano, “passava a estrada do gado, das boiadas, dos berrantes a repicarem sob o céu azul, lá longe, a perder de vista, sobre o verde perene da vegetação nativa povoando a solidão campeira” (Moreira Filho, 2009a, p. 44). Entre as curvas do sertão, o

[44] Muitas rotas trilhadas por vaqueiros, tropeiros e vendedores ao longo dos anos se transformaram em rodovias federais, impulsionadas pela Marcha para o Oeste. Com a separação do estado de Goiás, o nascimento do Tocantins redesenhou fronteiras e deu novo destino a esses caminhos antigos, convertendo outras rotas em rodovias estaduais

aboio ressoava como uma prece, fundindo-se ao murmúrio da natureza e marcando o passo do vaqueiro na imensidão do sertão garimpeiro.

Nessas longas e imensas paisagens dos gerais, “o gado sobe morro, desce morro, aravessa brejo, desvia de cansanção, unha-de-gato, tiririca, moita de taboca, até parecia conhecer todos os trilheiros daquele sertão bruto de peões e garimpagens” (Moreira Filho, 2009b, p. 83) em que muitos trilhavam em horas, dias, semanas, meses e anos duradouros em suas vidas.

E nesse batidão da vaqueirama e do aboiador através das vivências que por vezes via-se conflitante e harmoniosa, entre o ser humano e o gado, é que, “após três dias de marcha batida pelos sertões descampados, a boiada parecia entender, perfeitamente, todos esses toques, talvez associado ao condicionamento” (Moreira Filho, 2012, p. 64). Na chegada a uma vila, arraial ou cidade, o som do berrante era um aviso e dava lugar a músicas rimadas para chamar atenção das pessoas do lugar:

> Quando eu morrer
> Não quero choro nem vela
> Só quero uma calça de couro amarela
> E uma camisa encarnada
> Pra quando eu chegar no céu
> Me lembrar da boiada
> (João Boiadeiro. Lagoa da Confusão -TO. 12/03/2022).

Outra cantiga entoada e representava a labutação do vaqueiro dentro do setentrião goiano era esta:

> Eu conheci meu nortão
> Muito vaqueiro afamado
> Que no tempo que eu era novo
> Pegava em curral de gado
> Corria dentro das matas e do cerrado
> Pegava e botava máscara
> E trazia o boi amarrado
> (Francisco Boiadeiro. Lagoa da Confusão -TO. 12/03/2022).

Esses cantos em aboio e toadas revelavam a vida cantada daqueles sujeitos, e, como “nos acampamentos, nas horas de folga após as jornadas, [que] o canto do aboio recebeu o acréscimo de versos e rimas, concentrou sua improvisação no campo poético e promoveu a origem das *toadas*” (Mendes, 2015, p. 15) e no compasso da jornada embalavam com seus ritmos.

Com aboios e toadas, tropeiros, vaqueiros e boiadeiros – tangerinos – seguiam seus percursos, atravessando “pelo sertão bravio adentro” (Cunha, 1975, p. 364) nas longas e

fatigantes horas quase intermináveis em cima de seus cavalos, seus animais de tropa. Fazendo-se acompanhar de música, eles trafegavam pelas veredas, “tangendo a boiada farta, e entoando a cantiga predileta” (Cunha, 1975, p. 51).

A música expressava o sentimento do vaqueiro em versos, cantorias e repentes transmitidos oralmente de geração em geração. Assim, como “os constantes aboios plangentes [...] esparramados por aquelas encostas de pés de serra” (Moreira Filho, 2009b, p. 84) constituíam uma forma de comunicação usada pelo homem do sertão garimpeiro que dialogava com a sua existência, tecendo melodias que tocavam a sua alma.

Os sertanejos narravam, por meio de sua música, as (des)venturas vividas e os relatos do que viam e ouviam nas veredas, passagens e estradas que percorriam. Nas canções, ecoavam os conflitos sanguinários da política entre famílias. Como “a história sanguinolenta das famílias [...] nos sertões, [...] ainda é cantada em noites de sambas sertanejos” (Benício, 1997, p. 10). Essas músicas também entoavam os epopeicos causos de (des)amores e das relações metafísicas entre o humano e o sertão nesse imenso e enigmático cenário goiano.

Não faltavam, ainda, as referências às agruras enfrentadas no manejo do gado em terras inóspitas e de “atoleiros e macegais. Muitas vezes, as rêzes que tentavam pastar a relva macia e se aventuravam a se aproximar das águas de sua cabeceira, morriam atoladas quando não eram retiradas a tempo” (Caiado, 1964, p. 53). E a labuta na mesma localidade, de “um cavaleiro [que] ficaria sujeito a desaparecer montado no seu cavalo, nas profunduras atoladiças” (Caiado, 1964, p. 53-54) tentando resgatar a rês ou passar com as manadas.

Não poucos eram os perigos que se apresentavam no caminho de um vaqueiro com o “poço da sucuri, onde a cobra [...] se aboletava às margens das ribanceiras para pegar [animais] de surpresa, com um bote certeiro, e depois, abocanhá-los [...]. Triturá-los tintim por tintim” (Moreira Filho, 2009a, p. 43-44). Essa narrativa representa — evoca — as tramas lendárias, cercadas de temor, que habitavam o sertão garimpeiro, onde a “imaginação fértil de fantasia, [...] do homem do sertão [...] essa cobra deveria ser a boiuna que, com seu olhar maligno, hipnotizava e atraía quantos dela se aproximavam e engolia a todos de uma só vez” (Caiado, 1964, p. 54), criando um cenário de mistério e assombro.

Nos brejos, nas tenebrosas lagoas, nos campos e na espinhosa caatinga do sertão, o vaqueiro era “um símbolo de destreza, de agilidade, de força e de resistência” (Neiva e Pena, 1999, p. 200). Por sua vez, tratar-se de alguém com “uma honestidade a tôda prova. É gente capaz de tratar durante anos uma rês perdida, ficando sempre à espera do legítimo dono” (Castro, 1967, p. 87).

Não obstante, para mais dentro da realidade sertaneja do imenso Goiás, que: “alguns proprietários residiam fora, pelas cidades grandes, e seus vastos latifúndios *olhados* pelo vaqueiro, homem de confiança, uma espécie de sócio interessado. De ano a ano, na data certa, prestava conta, trazia o patrão informado” (Bernardes, 1995, p. 39). Essas observações, estavam corroborando o velho ditado de que “alguns sujeitos são capazes de prestar contas em ouro em pó”. Em tais qualidades, ele não se distinguia muito dos outros que pelos Gerais viviam — gente destemida, capaz de enfrentar grandes desafios e de assumir múltiplas tarefas com a honestidade no peito.

Por esses sertões brasileiros — incluindo o sertão garimpeiro —, nos Brasis desiguais e ocultos, os vaqueiros viviam, como “seguem no alarido e na alacridade de uma diversão tumultuosa. Nos trabalhos mais calmos, [...] marcam o gado, curam-lhe as feridas, apartam os que se destinam às charqueadas, separam os novilhos *tambeiros* ou escolhem os *baguais* condenados às chilenas do domador” (Cunha, 1975, p. 97).

No trabalho de marcação, as reses eram “ferradas nas ancas direitas com a marca esquentada na brasa do angico, pegando fogo” (Moreira Filho, 2009a, p. 91, 92). A marca tinha as iniciais do dono, da família ou dos sócios e no queixo se colocava o ano de nascimento do animal. No imaginário do sertão garimpeiro, principalmente na lida com o gado, essas marcas, segundo os vaqueiros e sertanejos, não deveria contar as pernas das iniciais fechadas em números par.

Essas pernas iniciais deveriam conter apenas números ímpares; cada perna representava um minério; a primeira ponta a prata, a segunda ponta, ouro, a terceira, diamante e a quinta iniciava o zero. Com esse pensar, muitos acreditavam não fechar o ciclo da prosperidade. Existe outra tradição na vida cotidiana desses sujeitos que, ao fazer a sua marca com um ferreiro não se pode pedir menos que o valor cobrado, pois a criação do seu gado pode minguar.

Outra tarefa era a castração, que, era feita quando “o vaqueiro esfregava o sal com cinza de angico no lugar da capação, como determinavam as tradições da castração lá pras bandas do fundão de Goiás, hoje Tocantins” (Moreira Filho, 2009a, p. 92). Mais uma forma de cicatrizar as “capações” ou cicatrizar algum osso quebrado do animal — até mesmo do ser humano — era fazer chá de carvão e dando para beber. Essas práticas misteriosas iam perpetuando os ritos do sertão garimpeiro.

Estreitamente ligado ao mundo campestre do sertão, o vaqueiro não ficava preso a uma única atividade. Como outros sujeitos do sertão garimpeiro, ele executava vários trabalhos para sobreviver, com a mesma tenacidade “no roceiro no manejar o machado ou a

enxada, desde o nascer até o por do sol" (Audrin, 1963, p. 107) e por esse trabalho afins geravam os seguintes dizeres: "esse come feijão na enxada", "tem braço de pilão" e "nasceu virado para enxada".

Sem camisa, vestido com um simples "gongo" (calça curta), aguentava o calor tórrido, o chuvisco teimoso, o fumaceiro sufocante das coivaras, a fome e a sede, além das incômodas e doloridas ferroadas dos mosquitos, marimbondos, piuns, carrapatos, micuins, formigas-de-fogo e lagartas. Luta tenaz que, cada ano, se prolongava durante semanas inteiras ao tratar-se das plantações. Desse feito, resistia à dureza do sertão, moldando sua força no cotidiano áspero.

De acordo com Josué de Castro, "a falta de opção com as outras espécies de trabalho obrigava o trabalhador rural a se submeter irremediavelmente à terrível exploração ou a emigrar para as cidades ou para outras zonas econômicas do país" (1959, p. 129). Aqueles que não conseguiam migrar para as cidades, ficavam no sertão, sofrendo as mais variadas explorações e tendo que adaptar-se a esse lugar.

Muitos vaqueiros e outros sertanejos se adaptaram ao ambiente sociocultural, econômico e político do sertão, buscando atividades que garantissem sua sobrevivência, e acabaram migrando para um universo bem diferente dos roçados e da lida com o gado, onde manifestações de violência eram comuns.

Tornaram-se jagunços ou pistoleiros num mundo de banditismo que, em grande medida, foi fruto do sistema de violência engendrado por fazendeiros ou coronéis. Esse banditismo nasceu "das relações políticas de dominação [...] expressa as tensões e os conflitos entre os mesmos fazendeiros, no processo de concentração da propriedade, ou nas lutas pelas áreas de influência e mando" (Stedile, 2012, p. 136), revelando, em sua essência, as contradições de um sertão garimpeiro vívido em disputa.

1.8 Violência e banditismo: os jagunços e os pistoleiros

Nas capoeiras do nortão de Goiás, vez ou outra o sertão virava lugar de esconderijo para bandidos, "o sertão é o homizio. Quem lhe rompe as trilhas, ao divisar à beira da estrada a cruz sobre a cova do assassinado, não indaga do crime. Tira o chapéu, e passa" (Cunha, 1975, p. 570). E assim se comportavam as pessoas quando passavam por algum local com rastros de violências, como se fosse apenas mais um lugar.

Por aquelas veredas, estradas e picadas — muitas vezes nem específicas de "caminhos para cavaleiros" (Almeida, 1935, p. 21) — seguiam bandos de jagunços, que marchavam

“armados até os dentes em completa algazarra” (Lima, 2011, p. 15). Misturavam-se entre eles figuras e “de uma valentia assombrosa” (Benício, 1997, p. 15) que, ao passarem pelos vilarejos, semeavam o desassossego e atordoavam a paz. Seus passos deixavam marcas, ecoando ecos de “tristes cenas ocorridas nos garimpos” (Moreira Filho, 2020, p. 216), impondo à paisagem sertaneja uma atmosfera de tensão e destemor. Nesse sentido, Quinto Tonini narra:

> Aqueles desfiladeiros antigamente se prestavam muito ao banditismo e às emboscadas. Os velhos contam que quase todos os caminhos entre aqueles montes foram manchados de sangue humano. A maior parte dos homicídios dizem que foram praticados por um antigo delegado de polícia que com seus policiais dominou por uma dezena de anos. (Tonini, 1959, p. 41-42).

Além dos agentes de segurança pública que se tornavam violentos, malfeitores de farda, os jagunços percorriam léguas, geralmente em bandos; viajavam horas, dias, meses por estradas solitárias que levavam a vilarejos distantes para obedecer às ordens do patrão. Visto que é nesta época em que o sertão “estava ‘infestado’ de grupos de cangaceiros e jagunços espalhados pelo interior, e era uma estranha pátria sem dono, ignorada pelas leis e instituições. O que restava aos sertanejos era o jogo da servidão e da violência” (Alves, 2021, p. 118).

Através de algumas negociações que remetiam aos jogos do poder e da sobrevivência, pois é neste lugar e cenário que as “innumeras victimas anonymas fez esta luta sertaneja, que dizimava os sequazes das [...] famílias” (Benício, 1997, p. 34). A paisagem sertaneja marcada por disputas e alianças frágeis, a qual revela um cotidiano marcado pela honra e pela luta política.

Por esse sertão garimpeiro se cometiam crimes políticos, de honra, faziam-se contendas e revoltas que abalavam o *status quo* e as estruturas dos Gerais. Confrontos que mobilizavam amigos, famílias, dezenas de homens armados[45], e lavavam com sangue os

[45] Uma das revoltas conhecidas no nortão goiano é contada no livro *O crime do coronel Leitão: sedição na comarca de Boa Vista do Tocantins, do estado de Goiás (1892-1895)*, publicado em 1935 pelo advogado e jornalista goiano Ignacio Xavier da Silva. O livro tem como personagem principal o coronel Carlos Gomes Leitão, que deu origem a uma das três revoluções de Boa Vista do Tocantins (atual Tocantinópolis). Segundo Martins (2005), por volta de 1880, quando tinha 45 anos de idade, o coronel se mudou para Boa Vista do Tocantins e, em 1881, quando Leopoldo de Bulhões, do Partido Liberal, ganhou a eleição para deputado geral, sua vitória foi creditada aos votos comprados pelo coronel Leitão naquela cidade. Com apoio de Bulhões, o coronel começou uma campanha para que Boa Vista do Tocantins fosse anexada ao Maranhão, por ser a cidade muito longe de Goiás Velho, antiga capital de Goiás. Outra narrativa importante está contida no livro de Luis Goméz Palacín, intitulado *Coronelismo no extremo norte de Goiás: o Padre João e a três revoluções da Boa Vista*.

murundus. O sertão goiano era muitas vezes visto como lugar onde se “morre com honra” (Lima, 2002, p. 19), onde se enfrenta a própria morte e, se preciso for, derrama-se sangue. Um cenário imerso no “lodaçal da ignorância” (Juarez Moreira Filho, 2020, p. 249), onde tudo tendia a ser resolvido na ponta do ferro ou na fumaça da pólvora.

Por essa ocasião, o sertão garimpeiro tinha “os grandes crimes que por vezes têm abalado os sertões não foram lutas de origem política, mas de lutas de honra que, geralmente, nascem das questões fúteis da terra, ou questões de moça” (Serra, 1946, p. 43). Pois nessas longas e imensas brenhas, “a honra é tradicional no sertão. É o maior patrimônio moral do sertanejo. Tem por ela o respeito dos cavalheiros antigos. A honra é sagrada. Para lavá-la só o sangue, para repará-la, só a morte” (1946, p. 43).

Por questões de honra “regidos pelo código do sertão” (Lima, 1998, p. 181), fazendeiros, sertanejos e jagunços se embrenhavam em conflitos, cumprindo juras de morte e fazendo jorrar sangue vereda afora — triste e temeroso quadro do sertão garimpeiro, onde o orgulho vestia as pessoas.

O jagunço poderia ser um pequeno fazendeiro, o vaqueiro, um comerciante, até mesmo o garimpeiro, e se aproximava bastante do pistoleiro, mas tinha suas peculiaridades. O jagunço era um tipo sócio-histórico, fruto da violência, da desigualdade estruturante deste país, que, por falta de oportunidade, viu-se obrigado a fazer negociações com a própria vida para sobreviver. E a vida era o seu único e maior bem, o “jagunço é meio desistido por si” (Rosa, 2019, p. 43). Um sujeito que carrega nos ombros o peso da sina da vida que atravessa os ermos entre as águas, lamas, poeiras, lágrimas e sangue.

Esse sujeito, raivoso “irrompe como uma cascavel doida dêste monstro social, significa, muitas vêzes, a vitória do instinto da fome — da fome de alimento e da fome de liberdade — sôbre as barreiras materiais e morais que o meio levanta” (Castro, 1967, p. 89-90). Isso não significa dizer que a pobreza e a fome justificavam a violência no sertão goiano, mas sim que a desigualdade social, aliada a miseráveis condições vida, poderia funcionar como gatilho para práticas criminosas.

O comportamento dos jagunços não variava muito, mesmo porque, o “jagunço não é muito de conversa continuada nem de amizades estreitas: a bem eles se misturam e desmisturam, de acaso, mas cada um é feito um por si” (Rosa, 2019, p. 28). Temendo quase absolutamente nada, apostava tudo no tabuleiro do jogo da vida contra a morte.

Para o jagunço, viver entre a vida e a morte parecia não ser motivo de grande inquietação. João Guimarães Rosa no *Grande sertão: veredas* escreveu que o “jagunço não se escabrêia com perda, nem derrota — quase que tudo pra ele é o igual [...]. Pra ele a vida já

está assentada: comer, beber, apreciar mulher, brigar e o fim final" (2019, p. 47). Descrição bem diferente do jagunço foi dada por Euclides da Cunha ao compará-lo com o sertanejo:

> O jagunço é menos teatralmente heróico; é mais tenaz; é mais resistente; é mais perigoso; é mais forte; é mais duro. Procura o adversário com o propósito firme de o destruir, seja como for. A sua vida é uma conquista arduamente feita, em faina diuturna. Guarda-a como capital precioso. Não esperdiça a mais ligeira contração muscular, a mais leve vibração nervosa sem a certeza do resultado. Calcula friamente o pugilato. Ao riscar a faca não dá um golpe em falso. Ao apontar a lazarina longa ou o trabuco pesado, dorme na pontaria. [...] O jagunço, [...] é [...] temeroso [...]. É um negacear demoníaco. O adversário tem, daquela hora em diante, visando-o pelo cano da espingarda, um ódio inextinguível, oculto no sombreado das tocaias (Cunha, 1975, 96-97).

Desse modo, o jagunço se fez com suas práticas da vida cotidiana, comungando com uma construção no sertão, uma cultura da violência que se enraizou, delineando na "pedagogia da violência" [donde] dava-se com e para todos, inclusive as crianças desde muito cedo" (Medeiros, 2012, p. 132). Deste modo, era comum, nas brincadeiras, as crianças imitarem os adultos, manipulando brinquedos que reproduziam objetos usados por eles Moreira Filho (2010), a exemplo de armas que os sertanejos e os jagunços carregavam.

Simulavam situações que presenciavam no meio circundante e elas incluíam brigas, lutas com faca, tiroteios, mortes. Começava aí o aprendizado e a naturalização da violência. E dessa forma, a violência era praticada "e justificada por quem a praticava como uma necessidade [ia] sendo estendida às demais relações sociais" (Moreira Filho, 2012, p. 131). Ensinava-se o sertanejo a caminhar no fio da arma ou da faca, onde o sangue era mais do que um limite: era a marca de sua existência e do mundo.

Não raro, meninos sertanejos acabavam por se tornar jagunços, pistoleiros, matadores profissionais e em casos mais raros, meninas transformavam-se em "mulher[es] vingativa[s] e terrível[eis]" (Benício, 1997, p. 15). Sem ter nada a perder além da própria vida, faziam acordos honrosos ou vendiam sua coragem a quem pagasse mais, mesmo que a tarefa fosse tirar a vida de alguém. Sempre desconfiados, não dormiam no mesmo lugar por várias noites seguidas, evitavam virar as costas para portas, janelas e ruas, temendo serem apanhados numa traição ou tocaia.

E esses homens lançavam-se pelo "sertão referto de emboscadas" (Cunha, 1975, p. 257), onde qualquer capoeira, várzea ou morro poderia se tornar um cenário de morte, num território "inçado de tocaias" (Cunha, 1975, p. 281), transformando o sertão num campo de vigilância e sobrevivência, onde cada passo era um risco e em cada sombra poderia surgir um inimigo invisível.

Quando os chefes políticos locais e estaduais, os coronéis, se envolviam em conflitos e convocavam seus compadres[46], de confiança em busca de auxílio, os jagunços, "surgiam de todos os pontos" (Élis, 1977, p. 221) nos vales do baixo Araguaia-Tocantins do sertão garimpeiro. Durante crises políticas, aquela "gente brigona que se estava acostumando à vida pacífica: os vestígios do tempo das guerrilhas apreciavam-se na linguagem e nos seus trajos, nas cartucheiras e pistolas que não saíam de suas cinturas" (Paternostro, 1945, p. 307). Essas pessoas estavam sempre prontas a servir quando chamadas, prontas para retomar a vida de combate.

Assim, "nos sertões [...] de homens válidos, ágeis, inteligentes e bravos, vivendo de vaqueirice e pequena criação, vieram, pela lei fatal dos tempos, a fazer parte dos grandes fatos criminosos [...] em uma guerra de família" (Benício, 1997, p. 13), evidenciando a complexidade da vida sertaneja e a inevitável conexão entre a paz e a violência, onde o conflito era parte do sangue e a lealdade uma grande corrente (in)visível entre os amigos e inimigos.

Era só um coronel ou fazendeiro chamar que já "surgiam caboclos dispostos a ajudá-lo, já armados de carabinas e até de churabeiras de dois canos" (Brasiliense, 1964, p. 125). Parecendo um vespeiro, pois, eram "jagunços recrutados, e depois outros" (Sales, 1986, p. 134), de todos os quadrantes do sertão garimpeiro e de vários Estados vizinhos vieram carabineiros experimentados em jaguncismo, para engrossar aquela gorda" (Brasiliense, 1964, p. 114). Era como um enxame de marimbondos que se espalhava pelo sertão garimpeiro. Cada homem se tornava o protetor — a sombra do outro —, unido com os compromissos, com a necessidade e a sede de vingança e sobrevivência, onde o ferro e a pólvora eram as linguagens quase universais daquela terra.

Essas chamadas abriam a possibilidade de jagunços, que eram garimpeiros, barqueiros, pistoleiros, aventureiros, desocupados e vaqueiros, fazerem "trocas, defesas de interesses, barganhas, resistências, acomodações" (Medeiros, 2012, p. 58). E dentro desse momento sensível "era comum os sujeitos pobres, principalmente aqueles na condição de agregados, aproveitarem dos momentos de conflitos para romperem os laços de lealdade com um fazendeiro, mudando assim, de lado durante o conflito" (Medeiros, 2012, p. 199).

Desta maneira, as tramas ocorridas no sertão garimpeiro, em algumas situações, a lealdade era incerta e instável; cada virada de lado se fazia como o vento que muda de

[46] Esse "termo muito empregado nos sertões do norte" (Silva, 1948, p. 120) floresce entre amigos e parentes, entre irmãos e irmãs que, ao longo dos anos, tecem laços profundos e cultivam extrema confiança. E, por essa confiança mútua, tornam-se capazes de realizar até mesmo o que ultrapassa seus próprios limites.

direção. O jagunço se tornava um reflexo da terra que fazia existir: imprevisível, volúvel, mas implacável nos acordos que faziam pela sobrevivência. Podemos compreender essa dinâmica nas palavras de Medeiros:

> O vaqueiro [ou outro sertanejo], muitas vezes ao fazer ombro aos jagunços, defendendo mais a própria vida que a do coronel, atrevia a possibilidade de ascender socialmente, o que por vezes ocorria. Muitos, por participação em conflitos armados, ganhavam o respeito e admiração de seus chefes, recebiam como prêmio terras e gado. Passavam de agregados a agregadores, alimentando, reproduzindo e solidificando um sistema político-sócio-cultural (Medeiros, 2012, p. 216).

Por essas situações sangrentas de vários conflitos, principalmente exacerbados, "o homem do sertão, encourado e bruto, tinha parceiros porventura mais perigosos" (Cunha, 1975, p. 359) que geralmente estavam, "ostensivamente armados" (Moreira Filho, 2020, p. 233). Eles aceitavam qualquer desafio que lhes fosse imposto, e "o resultado era o que se via: jagunços armados de prontidão para o conflito" (Lima, 2002, p. 23-24). E nesses momentos de crise sangrenta que abalavam a vida de todos "surgiram tantos homens de esforços, para uma luta com poderosos" (Benício, 1997, p. 34). Esses poderosos frequentemente se tornavam inimigos uns dos outros.

Os fazendeiros, "armavam homens, às dezenas, para defender suas propriedades, cujos limites se estendiam por léguas e léguas, em plenos sertões quase virgens" (Facó, 1972, p. 58), revelando a intensa fragilidade do sossego e da paz em um território onde a lealdade e a traição dançavam lado a lado. Por essas brenhas dos Gerais garimpeiros, cada fronteira era disputada com ferro, fogo e sangue; o que se parecia com uma aliança, logo se tornava guerra, onde o fim de um conflito sanguinolento era o início de outro.

Nesses momentos críticos, essas fazendas de "gente graúda" (Moreira Filho, 2020, p. 233) transformavam-se em "uma fortaleza, com mais gente e mais armas do que o próprio destacamento policial" (Élis, 1974, p. 113), que era paupérrimo em tudo, principalmente em armas e homens. Essas propriedades eram os ninhos de verdadeiras serpentes prontas para atacar a qualquer momento, ou seja, era um ambiente de pura tensão.

Lutas sangrentas, seculares, sacudiam o sertão, abalando suas estruturas. E um desses grandes e emblemáticos conflitos políticos envolveu o padre João de Sousa Lima que, por conta de sua influência religiosa e política na cidade de Boa Vista do Tocantins, já havia encarnado a figura do coronel local, e o político republicano Leão Leda no final da década de 1880.

O historiador Luís Palacín, em *Coronelismo no extremo norte de Goiás: o Padre João e as três revoluções de Boa Vista*, destaca que foi uma "verdadeira guerra civil" (1990, p. 5) e que, nas sábias palavras de Nasr Fayad Chaul "levaria Floriano [Peixoto] a interferir na política local, o que proporcionaria dividendos políticos" (1998, p. 21).

Essa luta, escreveu o ex-deputado Othon Maranhão no *Sententrião Goiano* — "entre o Padre Lima e Leão Leda havia tomado tamanha proporção que foi preciso a intervenção federal, e o contingente seguira pelo Maranhão, comandado por um capitão e dois tenentes" (1992, p. 27). Mais uma vez, revela-se que o sertão do antigo norte goiano jamais esteve isolado; mesmo nos momentos de sangue derramado, fazia reboliço na República dos coronéis, passando-a na esfera nacional.

Nessa mesma senda, o jornalista Ignacio Xavier da Silva, em seu livro *O crime do coronel Leitão: sedição na comarca de Boa Vista do Tocantins, do Estado de Goiaz 1892-1895* (1935), destacou que: "marcha sobre a cidade, tendo conseguido reunir quasi uma centena de homens. Bôa Vista se achava num estado de profunda agitação" (1935, p. 62). A cidade não se agitava apenas com os bailes e a economia regional, mas também com os nervos da política, onde todos viviam com as emoções à flor da pele. Apavorada, tornava-se um covil de pólvora donde explodiu e derramou sangue adoidada.

Não tardou para que essa explosão acontecesse, como se o destino já tivesse escrito seus desígnios. A cidade que antes encontrava-se alarmada, explodiu em tiros que que se iniciaram às "dez horas do dia [...]. Caiu a noite, sem que o tiroteio cessasse" (Silva, 1935, p. 69). De fato fez-se um cenário de guerra, "com armas e homens a luta se efetivava entre os coronéis" (Chaul, 1998, p. 21). E neste quadro tão draconiano, "a cidade goiana, havia sido ensanguentada em recentes conflitos, suscitados por elementos desordeiros, vindos do visinho Estado do Maranhão e chefiados pelo Cel. Leão Leda" (Audrin, 1946, p. 101).

É importante destacar que, em tempos de crise, conflito e guerrilha civil "vários municípios, cidades e vilas" (Facó, 1972, p. 60), pequenas currutelas — enfim, todo o sertão — se transmutam por inteiro, tal qual ensina a sabedoria popular: transformar-se da água para o vinho. E assim grande parte das pessoas que viviam nesses locais, eram os "infelizes sertanejos, alheios às intrigas, e obrigados uns a pegar em armas, outros a esconder-se nos matos, para não ser envolvidos nessas lutas sangrentas" (Adrin, 1946, p. 67).

Enquanto alguns corriam livremente para o coração do conflito, outros empunhavam armas, presos aos grilhões da honra sertaneja e do compromisso político dos varjões; e havia ainda aqueles que, alheios às disputas sanguinolentas, eram arrastados pelo turbilhão de desavenças que nunca lhes pertenceram.

Não obstante, Bernardo Elis, no seu romance *O Tronco (1956 [1974])*, retrata tragédia ocorrida em 1919 na antiga vila de São José do Duro — atual Dianópolis, no sudeste do Tocantins —, onde o conflito entre duas poderosas oligarquias goianas, os Wolneys e os Caiados, resultou na sangrenta *Chacina de São José do Duro*. O embate, marcado por jaguncismo, patrimonialismo e a corrupção de autoridades locais, culminaram mortes de inúmeras pessoas, principalmente de nove prisioneiros políticos que estavam amarrados em praça pública.

A tensão agravou-se quando o governo estadual, rompido politicamente com os Wolneys, enviou forças militares – e na mesma medida forças federais – para confronto, enquanto lideranças locais reuniam apoio em outras regiões da Bahia, Piaú e Minas Gerais, dando origem a uma guerra que envolveu moradores, soldados e jagunços, revelando mais uma trágica disputas pelo poder no sertão goiano do início do século XX.

É importante compreender que essas durante conflitos sangrentos pelas fazendas, cidades, vilas e veredas do sertão garimpeiro, onde acordos eram celebrados a ferro e fogo "secretamente um poderoso bando de jagunços [...] dentro mesmo da cidade de antigos partidários e parentes [...] penetrava o povoado sob o fogo de centenas de carabinas" (Audrin, 1946, p. 101-102). O jogo de forças entre o mandonismo local, estadual e nacional, alianças políticas entre os sujeitos e os interesses econômicos no sertão garimpeiro iam transformando em um tabuleiro de jogo de damas, de disputas de poderes permanentes.

Desse feito, esses políticos, empresários, fazendeiros, coronéis, "e seus jagunços mandavam em tudo e em todos, roubavam animais, mercadorias, dinheiro e praticavam crimes bárbaros" (Nunes, 2014, p. 406-407), empunhavam-se como senhores absolutos, ditando leis ao sabor de seus desejos. No rastro de suas vontades, restavam caminhos de terra marcados pelo sangue e pela injustiça.

Tudo isso ocorria e nada acontecia com esses algozes, porque eles tinham "protectores, poderosos, como todos os valentões celebres do interior das províncias" (Benício, 1997, p. 28) e aqui não era diferente no sertão garimpeiro. Nesse emaranhado de traições e alianças, a impunidade reinava ao lado dos vencedores e a vida no sertão se tornava um jogo arriscado, onde o medo e a coragem dançavam ao sabor do destino incerto. Nessa terra de sangrentas disputas, a vida das pessoas parecia ser um objeto jogado de mãos dos poderosos.

No caso de confronto entre famílias, os jagunços não poupavam nem "um pobre pai de família" (Élis, 1977, p. 217). A violência era tamanha que muitos chegavam a ver "vinte homens servindo-se de uma mulher na frente do esposo, filhos e pais" (Élis, 1977, p. 161). Em períodos de grandes conflitos, e "morreu gente feito peixe no timbó" (Brasiliense, 1964,

p. 93), incluindo pessoas de uma mesma família ou amigos[47], onde havia verdadeira carnificina (Moreira Filho, 2010). No cenário do sertão garimpeiro, a morte parecia não ter limites e a dor, uma ação corriqueira no cotidiano. Essas famílias eram desfeitas pela violência e restavam somente sombras de si mesmas.

Era nessa temporada que os compadres se reuniam, alianças eram forjadas para resolver alguma toleima política, econômica ou moral, e nisso, "todo mundo arrastava carabina pra todos os lados" (Brasiliense, 1964, p. 92) principalmente aqueles que ficavam para enfrentar a sua sina: a luta sangrenta.

Nas cenas mais bárbaras ocorriam tantas mortes cruéis num mesmo local que chegava a se formar um "riacho de sangue" (Brasiliense, 1964, p. 92) que levava muito tempo para secar, porque o líquido vermelho continuava a jorrar em feridas abertas, a circular pelas artérias e veias de gente com sangue nos olhos.

E dentro desses períodos de hecatombe humana por esses gerais, resta apenas a reflexão, de "quantas viúvas e quantos órfãos, quantos aleijados e reduzidos à miséria, quantos ódios sempre avivados pela visão das ruínas e pela presença dos jagunços [...] transformados em proprietários do alheio e donos de fazendas roubadas" (Audrin, 1946, p. 264). Fazendas de mortes, de sangues alheios.

Onde essas pessoas poderosas poderiam estender seus poderes e "ficavam suas raízes" (Moreira Filho, 2009a, p. 20). O resultado dessas carnificinas assombrosas pelos sertões — incluindo o garimpeiro — eram "innumeras victimas anonymas fez esta luta sertaneja, que dizimava os sequazes das [...] famílias" (Benício, 1997, p. 34), confrontos marcavam o espaço e a vida de sangue e pólvora, onde a vida se esvaía a troco de nada. O sertão tornava-se um

[47] Um amigo sertanejo, o senhor Thomaz Barros (in memoriam), me contou que na região do Jalapão, no município de Lizarda, ocorreu um causo com a Família Bezerra com os ciganos: à época um cigano engravidou uma das mulheres do senhor João Bezerra – prática comum neste período – e acabou sendo preso e torturado, mas conseguiu escapar com ajuda de um sertanejo – jagunço do próprio fazendeiro – que viu seu sofrimento e comoveu-se. O prisioneiro, então livre, prometeu vingar-se. Sabendo disso, João Bezerra resolveu "fechar o corpo" e, para isso, buscou um feiticeiro no Piauí, de nome/apelido Cabelo, que fez o trabalho e lhe garantiu que durante vinte anos nenhuma bala ou faca — ferro — o mataria. Após vinte anos, amigos ou parentes desse cigano que se refugiou no estado da Bahia encontraram João Bezerra em uma das veredas, tocando seus animais. Três sujeitos que estavam nas brenhas do nortão goiano em busca do dito cujo e para matá-lo – quebrar o encanto – tiveram que pegar o próprio facão do fazendeiro, passar debaixo da sola da botina e depois terminaram degolando-o. A família, sabendo do causo, procurou ajuda da política e o governador na época (1970) autorizou a matança. E assim juntamente com o meu bisavô Cipriano Rimualdo que foi tropeiro e passava na região – tendo um vínculo de amizade com a família juntou-se ao bando e – começaram a perseguição, atravessando os estados do Maranhão e Piauí, sendo dois deles mortos nas proximidades da Bahia. Um escapou pelas matas em meio aos tiros e nunca mais foi visto. O sertanejo João Bezerra foi enterrado num local chamado "saco da serra" e a família ainda se reúne ali para homenageá-lo.

reduto não apenas de esperança e riqueza, mas também de disputa ferinas, onde a lei do mais forte e do mais valente imperava.

As cicatrizes deixadas por essa luta eram profundas, perpetuando um legado de dor e ressentimento que ecoava nas gerações seguintes — até hoje encontram-se famílias rivais que se enfrentam nas ruas e principalmente na política —. Assim, o sertão se tornava mais uma vez um palco de histórias trágicas, onde a luta pela sobrevivência e a busca por justiça se entrelaçavam em um ciclo sem fim.

Quanto ao pagamento dos serviços prestados pelos jagunços, que "em geral, o acerto das condições de trabalho era apenas verbal, registrando-se, no entanto, variadas situações contratuais" (Janotti, 1992, p. 43). Além dessa forma, pelas veredas garimpeiras outra forma de "pagamento dêles era somente o saque, façanha em que muitos já eram célebres" (Brasiliense, 1964, p. 114), ficando com os bens daqueles que foram vítimas da barbárie. Nesse cenário de impunidade, os jagunços se transformavam em sombras que pairavam sobre os Gerais cristalíferos, ou seja, tornavam-se grandes chefes de suas regiões, e por alguns eram respeitados e por outros, desprezados. E desse modo, destaca Luzia Bezerra Nunes:

> Diante do terrorismo implantado pelas [...] facções [...] não havia limites humanos nem geográficos para suas vinganças. Os jagunços se consideravam donos da vida e dos direitos das pessoas, viajavam pelos Estados do Maranhão, Goiás, [Pará, Mato Grosso], Bahia e Piauí, a fim de decidirem sobre o destino dos considerados inimigos, com a morte por envenenamento, enforcamento, arma branca ou de fogo, seguros da impunidade por parte do governo (Nunes, 2014, p. 415).

Ocorriam os mais diversos e bárbaros crimes, desde assassinatos de políticos, cujos corpos eram incinerados nas ruas até atrocidades que revelavam a crueldade humana (Maranhão 1990). A exemplo disso, o criminoso "furava o braço e perna de qualquer cristão, enfiava corda e rêlho pelos buracos, amarrava o pessoal pelas árvores e mourão de aroeira, pra morrer devagarinho" (Brasiliense, 1964, p. 98).

Outros, para fazer teatro e se passar por moderados "a titulo de prisão, amarram os que capitulam, para remettel-os às cadeias distantes, e no meio das estradas, assassinam-os covardemente" (Benício, 1997, p. 19). O cenário era de terror e o medo se tornava uma constante na vida do sertanejo, que via suas esperanças se esvaírem na sombra das injustiças e a selvageria reunia homens "numerosos e fortes, em meio de uma população pacata, e quase esquecida pelo governo da Capital de Goiaz" (Audrin, 1946, p. 263).

Em cima dessas terras vermelhas de cor, não somente por conta da composição geológica, mas também pela mancha de sangue (Rimualdo 2021) e que era "misturada com o barro argiloso", viam-se cadáveres ou apenas o que sobrou deles. Vez ou outra se encontrava

uma “ossada [...][de] caveira humana que tinha na cabeça a perfuração de uma bala desferida por uma carabina 44” (Caiado, 1969, p. 76), de uma faca ou facão.

Nos cantos mais recônditos do sertão garimpeiro, muitos se escondiam para escapar da brutalidade entre os homens; entre eles, jagunços já velhos e cansados que em seus corpos carregavam as marcas de um passado violento não distante. Outros, que não eram bandidos, buscavam refúgio, sonhando com dias de paz em meio ao lamento das almas perdidas. E nessa ocasião, é importante destacar Moreira Filho que muito bem compreendeu essa realidade violenta em que muitos se refugiavam:

> Eram os negros remanescentes de quilombos, que eram por sua vez lugares bem escondidos, de difícil acesso, mocambos onde os negros se aboletavam para se refugiar da perseguição, das mãos dos seus algozes, da chibata, do cativeiro e, às vezes até da própria morte, imposta pelos seus proprietários — os senhores de escravos (Moreira Filho, 2008, p. 91).

E, por causa dessa situação, vários quilombos foram “abertos no dia da luta e na noite da miscigenação” (Borges, 1987, p. 118), nascidos do medo, da resistência e da coragem na busca pela liberdade, por uma vida distante dos seus algozes. Esses refúgios se tornaram santuários de esperança e resistência, nos quais corações valentes pulsavam em um só ritmo, celebrando a diversidade e a vida em comunhão de um povo que se recusava a sucumbir às violências. Nesses refúgios, segundo Moreira Filho, formaram-se os seguintes quilombos:

> Barra de Aroeira, no município de Santa Tereza do Tocantins; Morro São João, no município de Santa Rosa do Tocantins; Prata , no município de São Félix do Tocantins, no Alto do Jalapão: Mumbuca, localizada em Mateiros, também do alto do Jalapão; Lagoa da Prata e Mimoso de Kalunga, ambas no município de Arraias; Cocalinho, no município de Santa Fé do Araguaia; Córrego Fundo e Malhadinha, ambas no município de Brejinho de Nazaré; Redenção no município de Natividade; Baviera, no município de Aragominas; São Joaquim e Lajinha, ambas no município de Porto Alegre do Tocantins; Comunidade da Chapada de Natividade [...] a Comunidade de São José situada no município de Chapada da Natividade (Moreira Filho, 2008, p. 93).

E não se pode esquecer do quilombo Dona Juscelina, que está localizado hoje na cidade de Muricilândia, no estado do Tocantins. Sua luta e resistência já se fazem há mais de 200 anos. Todos esses quilombos presentes no grande sertão cristalífero contribuíram na formação da “cultura de resistência, lutando corajosamente pela preservação de sua culinária, medicina popular, do folclore, do artesanato, dos seus mitos, superstições, benzeduras” (Moreira Filho, 2008, p. 93).

Os negros ajudaram a formar as identidades desse imenso lugar através de lutas, negociações e resistências mesmo que ainda por cima fossem “vítimas, [...] do ostracismo, do

desprezo, da ganância econômica dos poderosos e, sobretudo, da segregação racial" (Moreira Filho, 2008, p. 95), geográficas e econômicas que se perpetuam até o presente século XXI.

Segregação e violência feita a ferro, fogo e sangue tinham a assinatura de lordaços cujos nomes "fazem relembrar até hoje tremendas carnificinas" (Audrin, 1946, p. 66). No meio dos ricos havia um ou outro tão temido pelas crueldades praticadas aos sertanejos que assim o apontavam: "êsse homem era a doença da morte em pessoa" (Brasiliense, 1964, p. 98). Esses sujeitos, através de suas atrocidades, tornavam-se figuras míticas, de pesadelos que assolapavam os Gerais dos cristais. Suas ações sangrentas eram tão marcantes que se perpetuaram na memória daquele povo.

Cometendo crimes, esses sujeitos abastados construíram seus impérios seculares e transmitiram seu poder de geração em geração. E iam fazendo "de seus filhos doutores — sobretudo bacharéis" (Ferreira Costa, 1978, p. 116) — para que eles assumissem o controle administrativo do sertão garimpeiro, tendo em vista que, por esses varjões, como já historicizado, "o coronel nunca morre" (Rimualdo, 2021, p. 129).

O poder se perpetuava como um ciclo vicioso, entrelaçando as gerações anteriores e posteriores com dois cordões umbilicais: o da opressão e da dominância. Os pais, filhos e netos eram herdeiros de um legado de poder, violência e controle; carregavam o peso de manter viva essa estrutura milenar e desigual que definia a imensa maioria dos sertões dos Brasis — principalmente do sertão garimpeiro. E nesse complexo jogo de poder, quase imutável, o coronel se tornava uma figura intocável, um personagem que atravessava o tempo e o espaço, nunca deixando de existir, mas sim, transformando-se.

O sertão garimpeiro tem rios, fazendas de sangue e muitos navegaram em seus rebojos para ascender socialmente. Por essas bandas, quase todo desentendimento implicava embates violentos e juramentos de morte, provocando "grande desassossego na vida comercial e política [...] em virtude das tenebrosas notícias" (Maranhão, 1990, p. 16). A pessoa agredida poderia reclamar na justiça, mas geralmente o desfecho era favorável do agressor — aquele que detinha o poder político e econômico local.

Ouso discordar, em certa medida, do sociólogo Jacques Lambert, quando ele destaca que "as relações pessoais entre o grande proprietário e seus empregados são mais importantes do que as relações puramente econômicas" (1984, p. 115). Isso porque neste país há dois lados da mesma moeda que devem ser analisados.

É coerente dizer que, por um lado, no sertão goiano do século passado, e antes dele, era comum que o trabalhador se sentir "prática e ideologicamente ligado à fazenda, ao fazendeiro", considerando-se "como membro de um 'nós' fortemente carregado de valores e

relações de tipo comunitário", inclusive com a possibilidade de o fazendeiro ser seu compadre e de estabelecer, com ele, pactos de lealdade, obrigações mútuas, laços fraternais e contratos que consubstanciariam uma espécie de "economia moral" (Stédile, 2012, p. 145), pautada em valores.

E mais, como ajuda a entender, a acentua, Edward Palmer Thompson, "os valores, por si só, constituem uma *economia moral* [...] inclui modelos ideais ou uma ideologia (exatamente como se faz na economia política), que constituem papéis econômicos e que endossam práticas costumeiras" (2011, p. 258). E mediante essa reflexão pode se compreender que a economia moral vai guiando a vida dessa gente nos gerais.

Por outro lado, em grande parte dos casos, o trabalhador sertanejo era "somente parte de uma classe econômica subalterna" e estava "alienado de boa parte do produto do seu trabalho" (Stedile, 2012, p. 145). Vivia e trabalhava sob o poder econômico de exploração do grande proprietário de terras e estava, na análise de Caio Prado Júnior:

> [...] tanto quanto o seu antecessor escravo, inteiramente submetido, na sua atividade produtiva à direção do proprietário que é o verdadeiro e único ocupante propriamente da terra e empresário da produção, na qual o trabalhador não figura senão como força de trabalho a serviço do proprietário, e não se liga a ela, senão por esse esforço que cede a seu empregador. (Prado Júnior, 1966, p. 64).

Chegava e saía gente do sertão o tempo todo. Inclusive, eram sujeitos com "espírito de porco" (Moreira Filho, 2004, p. 131) e, na mesma proporção eram "fugitivos de muitos lugares onde havia justiça" (Brasiliense, 1964, p. 98) que procuravam esconderijo nas corrutelas do antigo norte goiano. Moreira Filho conta o caso de um tal "Dr Paulo que se dizia médico [e] não era doutor coisa alguma, mas um homem perigosíssimo com várias passagens pela polícia, com crimes nas costas, inclusive com envolvimento em furto de gado na região" (2004, p. 129).

O sertão garimpeiro, vasto, com enormes falhas de uma segurança legítima de um Estado violento, tornava-se refúgio para os malfeitores, intensificando mais ainda os as distinções, as dominações, conflitos, os crimes que se perpetravam pelas incontáveis veredas, gerando derreamento de sangue, medo, mistérios e lendas.

De resto, "ao longínquo interior vão ter criaturas de maus instinctos, fugindo á justiça ou á sanha de inimigos, ou a incompatibilidades de familia. Vivem com que sob a acção permanente do despeito, do ódio, e talvez a titulo de defesa, adoptam atitudes agressivas" (Almeida, 1935, p. 48-49). A eles se juntavam os pistoleiros, que apresentavam algumas características semelhantes às dos jagunços, mas com algumas diferenças: o pistoleiro era

autônomo, geralmente não teve padrinho, não foi empregado para ganhar posses e prestígio como o jagunço e o vaqueiro.

Neste lugar, “o jagunço com asa de gente graúda é a pior coisa do mundo” (Brasiliense, 1964, p. 1140). Isso porque poderia fazer quase tudo e — como já mostrado —, em algumas circunstâncias, era protegido pelo patrão – o coronel, o político –, com o qual mantinha laços de confiança. Se estivesse em perigoso, poderia chamar o chefe que, sem pensar duas vezes, o socorreria.

Por essa perspectiva, esse vínculo de lealdade em certa medida moldava e fazia o equilíbrio de poder no sertão garimpeiro como prova de domínio e negociação. Assim, o sertão cristalífero se tornou um palco de cumplicidade, jogos de poder e traições. Entre os jagunços e pistoleiros, o medo se espalhava, traçando limites que muitas vezes eram invisíveis.

Por esses rios de sangue passava um tipo de sujeito identificado como “assalariado do crime” (Facó, 1972, p. 62), conhecido por essas brenhas de pistoleiro. Criado dentro da cultura de violências que atravessaram “séculos de barbárie”, desde criança aprendeu a lidar com armas, manejando-a, “com perícia [...] como se fosse aquilo um brinquedo infantil predileto” (Cunha, 1975, p. 404). E no meio daquele mundaréu de desigualdade, violência viu e aprendeu a ver a morte sem reclamar.

Esses pequeninhos cresceram no sertão com o ditado popular de “com ferro fere e com ferro serás ferido” e “aqui se faz, aqui se paga”. Com o ferro e a pólvora escreveram a sua própria história, marcada por medos e resistências. Adultos, tornaram-se figura por vezes sombrias e imponentes, tão temidas quando necessárias. Esses sujeitos, jagunços e pistoleiros, traçavam uma linha tênue, lado a lado com a vida e a morte.

Muitas pessoas por aquelas bandas aprendiam rapidamente a manusear revólveres e espingardas, atirando com exatidão de mira. A arma era um desejo de quase todos no garimpo e sertanejos que ali viviam e em muitos casos, usavam-na para autodefesa, já que o Estado não conseguia fazer uma política de segurança digna ou para proporcionar mais violência (Moreira Filho, 2020).

Aprender a usar armas era mais rápido do que aprender a calcular e escrever o próprio nome com uma caneta. Muitos pistoleiros que se refugiaram por essas brenhas eram foragidos de outras localidades; fugiram por medo de serem mortos por grupos, sofreram processos judiciários ou foram exonerados (deserdados) das fardas ou das instituições de segurança. Sobre isso, Durval Rosa Borges comenta:

> Muitos deles saíram de milicias estaduais, onde receberam o aprendizado de fogo e exerciam a coragem e a técnica de enfrentar malfeitores de todo tipo. O desenvolvimento de hordas marginais também estimulou direta e indiretamente, o aparecimento dos pistoleiros, sendo hoje extremamente fácil conseguir, em todo o país, profissionais assim declarados ou sob o eufemismo de guardas pessoais (Borges, 1987, p. 112).

O pistoleiro trabalhava sozinho e, quando tinha parceiro, era fiel. Não aceitava traição, e se descobrisse alguma, não hesitava em matar quem o traiu; executava o traidor sem piedade. Talvez ele tivesse aprendido somente a matar, mas também poderia desenvolver outras atividades econômicas ligadas ao mundo campestre, pois, muitos ali "não tinham vocação para o garimpo" (Moreira Filho, 2020, p. 86) e assumiam outras identidades sociais, como pai de família, policial, pedreiro, carpinteiro, tropeiro, garimpeiro, por vezes jagunço e até mesmo religioso.

Nesse ponto, vale ressaltar a análise feita sobre jagunços e pistoleiros pelo jornalista Manuel Benício:

> São todos supersticiosos, crédulos, portadores de breves, bentos, patuás, que os iuhibem da morte em dadas circumstancias, e resadores de orações tremendas de futilidades, que fazem, acreditam bradar aos ceos, abrirem-se as portas, eles mesmos desaparecem á vista de todos, as armas negarem fogo, quando lhes são alvehados, e terem parte (pacto) com o diabo (Benício, 1977, p. 11).

Ora, são sujeitos de seu tempo e espaço; por mais que a morte seja uma companheira desses profissionais da morte, eles são frutos de toda uma conjuntura social, econômica, cultural e política, na qual a religiosidade se manifesta de forma tão forte e presente. Não obstante, era comum essas pessoas, para não serem reconhecidas por alguém próximo da sua vida, mudar de fisionomia. Às vezes o sujeito deixava o cabelo e a barba grandes e "ostentava um bigode robusto, que tinha como sinônimo de virilidade" (Júnior, 2010, p. 22).

Tanto o jagunço quanto o pistoleiro, assim como outros assassinos do sertão garimpeiro, tornaram-se figuras complexas haja vista que "quase todo mais grave criminoso feroz, sempre é muito bom marido, bom filho, bom pai e bom amigo-de-seus-amigos" (Rosa, 2019, p. 16). Essa moralidade flexível representava a convivência entre a sensibilidade, e a brutalidade, onde o gesto afetuoso entre amigos e familiares estava com o ato impiedoso e frívolo.

Por entre os vastos varjões garimpeiros, muita gente sertaneja levava uma vida assim, e que muitos contavam, por exemplo "que o Pedro Sucupira era um assassino e até mesmo matricida. Mas apesar disso, era um homem bom demais, só que não gostava de [...]

conversar" (Caiado, 1964, p. 61). O sertão guarda e revela as diversas facetas do espírito humano.

Nesse sentido eram homens "tranquilos de palavras e de atitudes, nada conspícuos, não gostam de aparecer, detestam fotografias e raramente se embriagam" (Borges, 1987, p. 113). Um pistoleiro poderia ser uma pessoa tranquila e excelente de se conviver, um pequeno comerciante e até um sujeito extremamente religioso — um indivíduo acima de qualquer suspeita. Desse modo, o sujeito vivia sempre em dois mundos, o misterioso das mortes e a conveniência normal, sempre às sombras, ocultando os seus feitos.

Não se pode afirmar que o jagunço do Nordeste baiano se assemelhava ao jagunço do antigo norte goiano, alguns desses pontos parecidos eram; a religiosidade era um deles. Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, destacou que esse "sentimento religioso [era] levado até o fanatismo" (1975, p. 82). No Norte, sobretudo, no nortão de Goiás — sertão garimpeiro — "a cabroeira [...], postados, de joelho, ouvem a celebração com veneração e respeito. [...] a fé os conduz" (Lima, 2011, p. 46).

A fé era tão grande que, após realizar o seu trabalho de matança, muitos desses jagunços, e até mesmo pistoleiros, rezavam para suas vítimas. Um exemplo emblemático nos sertões dos vales dos rios Araguaia-Tocantins é o do pistoleiro Júlio Santana, cuja história é narrada pelo jornalista Klester Cavalcanti no *O nome da morte*: "um assassino profissional que, em 35 anos de trabalho, já matou quase 500 pessoas [...] devidamente anotadas num caderno, com data, local do crime, quando ele recebeu pelo serviço e o mais importante, os nomes dos mandantes e das vítimas" (Cavalcanti, 2018, p. 15).

Esse homem de ofício tenebroso confessou que, antes ou depois de cada execução sumária, recitava, com fervor e culpa, 10 ou 20 Ave-Marias, para que as almas de suas vítimas fossem para o reino dos céus. E era uma devoção paradoxal, na qual o sagrado e o profano se entrelaçavam no mesmo gesto de penitência. E deste feito, entre a pólvora e as orações, construía-se uma espiritualidade sombria no veredão garimpeiro.

O pistoleiro não gostava — como ainda não — de se envolver em confusão, fosse ela pequena ou a maior da região, evitava-a o máximo, mas quando se metia em uma, não ficava na incerteza; matava de maneira frívola e às vezes sentia prazer, pois, tanto o jagunço como o pistoleiro "gostava de matar" (Brasiliense,1964, p. 98), mas era resguardado pelas tramas das negociações entre coronéis e compadres. Sobre isso, Rui Facó sublinha:

> Os próprios bandos [...] se vêem enredados nas malhas do latifundiário. Para fugir às perseguições da polícia, ocultam-se no melhor lugar onde podem fazê-lo com segurança — uma grande fazenda, abrigo em geral inviolável. E seu campo de ação

> torna-se vastíssimo sob a proteção do coiteiro — proteção a bandidos (Facó, 1972, p. 173).

Geralmente, quando o pistoleiro aceitava um serviço, o contrato com o pagante era verbal e finalizado com um aperto de mão. Alguns pegavam adiantadamente a metade do valor ou do bem negociado para a realização do trabalho e o restante, só após a execução. Nessa profissão de sangue e morte, muitos também fizeram fortunas, construíram seus impérios com carnificinas, com sangue de outros — muitas das vezes inocentes. De acordo com Borges, essas pessoas eram os:

> [...] mercenários da morte, eliminando o pagamento alguém cuja continuação de vida possa causar prejuízos ou aborrecimentos. Na verdade, são carrascos particulares que não julgam nem discutem, como os ancestrais, as razões de execução que praticam, aceitando como suficientes as apresentadas pelo patrão, pessoa física de quem recebe a paga fixada antes do ato (Borges, 1987, p. 112).

Por esses vargedos, acreditava-se piamente que a dificuldade e a demora de se tornar pistoleiro ou jagunço só dependia de uma coisa: a primeira morte. Ela mexia bastante com a mente do assassino. Era a morte arrumando um conúbio forjado com o matador, uma vez que, tendo derramado sangue, a morte seria para sempre sua sina, sua companheira diária. Depois do primeiro, outros homicídios se tornavam naturais, sem remorso.

As mortes eram encomendadas, e conforme “era comum na região os fazendeiros contratarem pistoleiros para matar parentes — geralmente filhos ou irmãos — dos trabalhadores escravos que fugiam das fazendas. Era uma forma de forçar o escravizado a voltar ao trabalho” (Cavalcanti, 2018, p. 16). O trabalho do pistoleiro e do jagunço foi intensificado com a extração do cristal de rocha no antigo norte goiano, um garimpo sangrento, um lugar onde muitos viviam com “meia dúzia de crimes nas costas” (Moreira Filho, 2010, p. 54) ou mais.

Esses trabalhadores do campo e sertanejos, eram “ameaçados constantemente por grileiros, jagunços e pistoleiros, muitas vezes acompanhados de policiais e funcionários do governo, [...] os posseiros estão vendendo suas terras por quantias irrisórias, ou simplesmente as abandonam com medo de morrer” (Kotsho, 1982, p. 26). Em meio a toda essa violência escabrosa, onde ela era a esmagadora de sonhos, os posseiros e os pequenos agricultores e fazendeiros — e até garimpeiros — viam seu mundo desmoronar em um ciclo de perdas tão profundas quanto a injustiça que assolapava as suas vidas.

Eis aí uma das duras e tristes realidades que continuam nesses sertões desiguais e contraditórios, que “no Brasil de hoje a maior clientela dos pistoleiros está onde sempre

esteve, ou seja, em onde quer que haja aberturas de fazenda, invasão de propriedades, crimes não punidos pela polícia desinteressada e uma e outra questão amorosa ou de herança mal distribuída" (Borges, 1987, p. 112). Neste norte, o sertão tinha suas marcas profundas e duradouras em injustiças e violência, tornando-se mais latentes as contradições de um país desigual que continua a pulsar em meio aos sangues.

Na maioria dos casos, a "execução singela, silenciosa e, quando possível final" (Borges, 1987, p. 116), mas a marca era inevitável, "armas favoritas de que servem são a face pasmado ou parnahyba e o bacamarte, na coronha do qual fazem um signal ou talho todas as vezes que com ele commettem um assassínio" (Benício, 1997, p. 11). Era um dos modos de contabilizar as suas vítimas.

Em alguns casos, o pistoleiro deixava sua assinatura na cena do crime: uma cicatriz no rosto ou em outra parte do corpo da vítima, fazendo "um rasgo horrível" (Audrin, 1946, p. 265). Decepava um ou mais dedos das mãos e matava de maneira bárbara os que estavam amarrados em troncos, arrancando um ou dos olhos es às vezes cortando as orelhas (Audrin, 1946), deixando o corpo exposto à sociedade. E para compreender melhor essa prática, o historiador Euclides de Antunes de Medeiros destaca:

> [...] já era um significativo indício de se tratar de uma morte por encomenda. O corte das orelhas foi uma prática corriqueira durante o século XIX e no início do XX na região quando se tratava das vinganças entre famílias poderosas nas quais o mandante do crime solicitava as orelhas da vítima não só como prova da tarefa cumprida, mas também como um macabro troféu que depois de salgado seria exibido aos fiéis correligionários (Medeiros, 1012, p. 161-162).

Não eram apenas as famílias ou pessoas poderosas que contratavam pistoleiros. Qualquer sujeito que estivesse em conflito com outra pessoa e que ganhava dinheiro, de qualquer profissão, em especial no garimpo, poderia pagar um pistoleiro para matar quem se tornava o seu inimigo ou desafeto, germinando um tipo de capital ou capitalismo do crime.

Isso só não acontecia – em casos raríssimos – quando o pistoleiro conhecia a vítima e a ela tinha algum favor – de honra – a qual nenhum dinheiro pudesse pagar ou "quando a vítima descobre, a tempo, a combinação e é capaz de cobrir o lance" (Borges, 1987, p. 112). E era assim que o jogo da vida virava morte: quem estava prestes a ser morto e cobrisse a oferta do mandante poderia se livrar e se tornar o arquiteto da morte.

O mandante poderia ir ou pagaria para alguém de confiança verificar *in loco* o trabalho finalizado. Essas práticas acentuavam a cultura sangrenta da pistolagem em terras longínquas do antigo norte goiano — hoje estado do Tocantins. A presenta inábil do estado

gera uma impunidade social e principalmente institucional, alimentando a crença e as práticas de que a justiça deveria ser feita com as próprias mãos.

No sertão garimpeiro, muitos pistoleiros, jagunços e até mesmo vaqueiros eram chamados de “cabroeiras” (Moreira Filho, 2010, p. 45) e viviam do e para crime. E fazendeiros também, porque aquele que pagava para matar era tão criminoso quanto aquele que praticava o crime, apertando o gatilho ou “enfiando o flande” ou seja, enfiando a faca. Um ambiente marcado pela brutalidade do poder e da disputa. A morte era uma moeda de troca entre cobiças, e a honra era conquistada pela brutalidade.

1.9 Território de gente poderosa: os patrões da violência

Nessas trilhas dialéticas em distâncias e cheias de proximidades do sertão garimpeiro que era construído em miséria, desigualdade e riquezas — algumas ocultas — com a presença violenta do Estado, no vale garimpeiro existiam e “aqui-acolá, uma fazenda, rebanhos de bovinos, de carneiros, de porcos” (Audrin, 1942, p. 48), galinhas e também muitas pessoas que eram chamadas de agregadores e que, na verdade, constituíam mão de obra escrava.

Muitas fazendas, com áreas a perder de vista, estavam concentradas nas mãos de poucas pessoas de famílias poderosíssimas da região, que cada fazenda era “um latifúndio de dimensões sempre crescentes conforme o afastamento das cidades” (Neiva e Pena, 1999, p. 180). Algumas tinham sido herdadas e, entre elas havia, “fazendão sido de pai, avô, bisavô” (Rosa, 2019, p. 39). Outras pertenciam a alguma “viúva do sertão que possui um cemitério de seus ex-maridos no pátio da fazenda” (Moreira Filho, 2009b, p. 85).

Essas fazendas foram construídas a partir de muito trabalho árduo sob o sol abrasador e chuvas diluvianas. Em algumas delas encontrava-se “enorme curral feito em madeira roliça, cheio de gado curraleiro! Ao lado, um ranchinho de palhas de piaçaba, que com certeza, é a sede da fazenda” (Moreira Filho, 2020, p. 63) que aglomera as maiores riquezas do sertanejo do antigo norte goiano.

Visto por outro ângulo, o sertão criador de gado era também território de violência. Fazendolas e “fazendões de fazendas” (Rosa, 2019, p. 13), além de chácaras, eram alvos de saques pela jagunçada em tempos definidos como de carrancismo do “feroz do coronelato” (Lima, 2002, p. 24). Deste modo, os conflitos em armas entre clãs-bandos rivais (re)configuravam a paisagem do sertão garimpeiro.

Não era excepcional que um coronel ordenasse a suas capangas, como “arrebanhar cem cabeças de gado vacum nas fazendas próximas, para organizar na sua fazenda”

(Maranhão, 1990, p. 96) tampouco incomum a pilhagem de outros bens. Saqueadores e no dizer popular “não deixavam pedras sobre pedras”, tudo era arrastado, destruído e roubado no pior ato de violência que se pode imaginar, deixando apenas rastros de destruições.

A invasão de propriedades era muitas vezes legitimada pelas instituições republicanas à época. Não raro, via-se “o agrimensor acompanhado do grileiro! Agora, as terras são invadidas, mas com outro objetivo, o comércio! [...] Nesse ramo só entra gente poderosa, políticos, capitalistas ou membros do poder judicial com escrivães” (Caiado, 1964, p. 39).

Os grandes e fortes esquemas de grilagem e roubo de terras contavam com a cumplicidade de autoridades do Estado, dos municípios ou das comarcas, alimentando e mantendo vivo um sistema de corrupção silencioso e devastador. A respeito disso, Leolídio Caiado afirma:

> [...] escrivães fazem e desfazem antigos documentos e forjam os registros paroquiais. Chegam a criarem Registros Paroquiais que nunca existiram. E se por ventura os referidos registros existem, são modificados em seus limites, alargados suas fronteiras e multiplicadas em suas imensas áreas. Trocam o nome da região, modificam os nomes dos rios, riachos, lagoas, montanhas, enfim, de todos os acidentes geográficos que forem dignos de menção. [...] As terras griladas devem ter boa garantia para futuras negociatas e sendo assim é importante e necessário inscrevê-las no chamado Registro de Torres (Caiado, 1964, p. 39-40).

Era desse modo que os crimes de usurpação eram realizados, envolvendo desde os mais simples funcionários públicos da região, membros da política e até mandatários da República que usavam as instituições para oficializar condutas ilícitas — e sob a sombra do poder, as terras mudavam de mãos sem justiça. Essas práticas eram tão corriqueiras que chegaram a gerar um ditado popular: “documento de pé de toco é documento de ladrão, cria-se grande confusão e a fazenda acaba engolido um no chão”.

Equivalia a dizer que os “terrenos devolutos significavam terrenos pobres, imprestáveis, que não produzem diamantes nem o poder de reza [...]. Quando o terreno é rico, aparece logo um dono, que é para isso que existem os cartórios” (Sales, 1986, p. 159). O sertão garimpeiro não era diferente. Ele testemunhava o abuso dos poderosos com suas leis torcidas e alianças forjadas para subjugar os mais pobres e mais fracos.

Naquela época, “os homens passaram o tempo, construíram casas e não fizeram documentos para suas terras” (Borges, 1987, p. 104), porque, para essas pessoas, as terras eram de seus antepassados e o Estado a qual deveriam lhes ajudar, não dava orientações. A confiança era verbal e a prova era a morte de seus próprios antepassados, sendo enterrados dentro das próprias propriedades e as vivências naquele sertão.

Os terrenos grilados eram transformados “em títulos familiares de nobres ancestrais que ninguém conheceu, rapidamente repartidos em parcelas vendidas e revendidas num jogo calculado de confusão de escrituras, registros e de imprecisão de medidas” (Borges, 1987, p. 109). E sob a falsa legitimidade dos papéis, a terra, antes de herança e sagrada para o sertanejo, tornava-se mercadoria, objeto de comércio desalmado e injusto.

Terras eram roubadas de pequenos roceiros, sertanejos e garimpeiros por poderosos, nessa região de “grandes latifúndios, onde impera a força do capital” (Lima, 2012, p. 97). Para não ser molestado, o posseiro podia “sair amigàvelmente de suas terras, isto é, sòmente com seus farrapos do corpo, sem ter direito a coisa alguma, por que do contrário, seria expulso com violência e à força” (Caiado, 1964, p. 43).

Assim, o sertanejo, o garimpeiro, o pequeno posseiro e até mesmo alguns – poucos – fazendeiros estavam despojados, entregues às correntes das injustiças, carregando consigo a dor de um lugar, de uma República que nunca lhe foi justa. Viviam entre as sombras do abandono e o brilho sorrateiro da esperança, a qual, sustentavam o peso de um país que persiste em não (re)conhecê-los como seus filhos.

Foi nesse compasso que se deu “o mais trágico processo de grilagem, especulação e destruição organizada de famílias de posseiro que nossa história jamais viu” (Kotscho, 1981, p. 19). Fazendeiros, grileiros e garimpeiros vindos de outras regiões chegaram expulsando famílias de sertanejos, caboclos e índios.

Em certos casos, “mataram todos os adultos, — homens e mulheres! Jogaram as criancinhas indígenas para cima e apararam na ponta do punhal” (Moreira Filho, 2020, p. 59). E dentro desse processo escabroso, a expansão territorial foi marcada e manchada por sangue e injustiça, silenciando vozes, apagando histórias, ocultando corpos, escamoteando vidas.

E nesse sertão garimpeiro, “o campo de ação é vastíssimo e os vizinhos de suas propriedades estão sempre sob a ameaça de demandas legais ou demarcações por conta própria” (Borges, 1987, p. 109) que ocasionavam grandes cachinas, destruindo famílias que por ali buscavam sobreviver a duras penas. Assim, os miseráveis viam seus sonhos e suas vidas desmoronarem, esmagados pelo peso das mãos dos poderosos e da injustiça vivida em seu cotidiano.

A grilagem de terras no vasto “nortão goiano” “triunfava pelas mãos [...] dos coronéis semifeudais e dos donos dos latifúndios” (Lima, 2002, p. 24) que expandiam suas fazendas “com os muitos gados, lavouras, e lá morava sua família dele legítima de raça — mulher e filhos” (Rosa, 2019, p. 33). Essas fazendas eram administradas sob um “regime de vida

escravocrata e patriarcal" (Castro, 1959, p. 112) que fazia dos mais humildes uma espécie de lenha para queimar, reduzindo-os a pó (Moreira Filho 2010).

Nessa época, eram raras as "inovações tecnológicas, como o rádio, o ventilador, o jipe" (Janotti, 1992, p. 67) e até a geladeira que chegavam às grandes fazendas — muitas delas de milhares de alqueires pertencentes a uma única pessoa — e representavam objetos de distinção social entre pobres e ricos, visto que, havia homens que sentiam ciúme desses bens e "de suas terras maior do que de suas mulheres" (Castro, 1959, p. 122). Essas inovações eram como sinais de um tempo em que tudo era dificultoso, e essas máquinas e aparelhos tecnológicos aproximavam ou, como nesse caso, afastavam os mais pobres dos mais ricos, deixando as relações humanas conflituosas.

Entretanto, algumas dessas áreas de terra acabaram transformando-se em "fazenda deserta, triste, apagada" (Élis, 2005, p. 207), marcadas pela ocupação de bandidos que, fugindo das perseguições policiais — e de outros sujeitos poderosos nos sertões —, nelas encontraram refúgio, esses criminosos escolhiam "uma grande fazenda, abrigo em geral inviolável. E seu campo de ação torna-se vastíssimo sob a proteção do coiteiro" (Facó, 1972, p.173), inclusive com a montagem de quartéis, que "de arredor decerto tinha vigias, reforço de munição e récua de camaradas" (Rosa, 2019, p. 33). Essas fazendas se tornaram fortalezas sombrias, nas quais as ordens eram ditadas com fervor e energia de poder, espalhando rastros de dor, sangue, vitórias, derrotas e resistências.

Em lugar ocupado por criminosos, a "fazenda some e surge um camarada, de sentinela, que sobraça o pau-de-fogo e vigia feito onça que come carcaça" (Rosa, 2019, p. 39). Acoitados por fazendeiros, esses sujeitos passaram "a desempenhar muitas vezes funções ofensivas, atacando as propriedades vizinhas" (Facó, 1972, p. 58). E nessas ocasiões, mais do que meros forasteiros amados, tornavam-se forças essenciais para o jogo do poder local e estadual, eram jagunços a serviço dos interesses dos grandes lordes, os senhores do sertão garimpeiro.

É esta a mais comum das origens das conhecidas lutas entre famílias, que se prolongam até o nosso século. E mesmo um sujeito aparentemente tranquilo, de boa convivência, poderia mudar repentinamente de aspecto diante de uma situação que o transtornasse.

Bastava um insulto velado, uma injustiça percebida ou um acordo descumprido para reacender ressentimentos antigos, profundos e odiosos. A honra era sensível e valorizada por esses grupos, tornava-se facilmente a fagulha que fazia explodir ciclos intermináveis de

vingança, como um pavio aceso diante de um barril de pólvora. Diante dessa situação, Cunha lembra:

> Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias (Cunha, 1975, p. 92-93).

Essa representação do sertanejo, do garimpeiro, estava presente nos garimpos de diamantes e de outras gemas. Em momentos de conflito "pelas fisionomias calmas, em que não se traem traços de caráter violento ou vingativo, ninguém poderia avaliar que está à frente de homens que possuem, indiscutivelmente, incomum energia e audácia" (Silva, 1954, p. 109).

Nesse sentido, Manoel Benício, no livro *O rei dos jagunços*, mostra que para o sertanejo "a riqueza não é para ele o primeiro predicado para ser respeitado; o talento, na significação em que empregam esta palavra (força physica), e a valentia são as qualidades mais admiráveis entre a gente inculta" (1997, p. 10), e de fato, como já demonstrado, a honra e o respeito faziam parte da vida dessas pessoas.

Existe um ditado popular falado no agreste garimpeiro que diz: "quem não rouba, não mata e nem herda, enrica é merda". O adágio explica a desigualdade entre aqueles que se tornaram abastados por herança ou por crimes cometidos que a eles renderam riqueza por essas glebas sertanejas brasileiras e aqueles desassistidos, com falta de oportunidades, que sofriam atentados, saques e roubos de terras — sujeitos esquecidos, apagados, quase invisíveis, num país onde, para os pobres, a regra é a do salve-se quem puder. Gente que vivia, segundo Josué de Castro:

> [...] condenada por um destino histórico a permanecer sempre no fundo do abismo. A se sentirem impotentes como se o carro se seus destinos se estivesse atolados até o eixo do barro mole das estradas [...], no massapê fôfo e pegajoso onde se atolam os carros de boi. E quando mais fôrça se faz, mais o carro se atola, como se o diabo ou o destino, ou os dois juntos agarrassem de dentro do barro, os raios da rosa do carro. Ou como se todos os companheiros de infortúnio tivessem sido empurrados pelo mesmo destino, para dentro de um redemoinho, que fôsse como inferno d'água. com a fôrça da miséria puxando sempre, com a correnteza, mais para o fundo. O atoleiro da vida ou o redemoinho da fatalidade (Castro, 1967, p. 25-26).

Essa plutocracia brasileira sempre deteve o poder nas instituições republicanas deste país e não mede esforços para surrupiar aquilo que aspirava. Desse feito, “esses coronéis [...] na hora de fazerem suas riquezas, não tem dó dos pobres, arrancam-lhes os couros e na hora de defenderem os seus interesses políticos botam o papo amarelo na mão dos jagunços” (Lima, 2002, p. 48).

Os coronéis erguiam seus impérios sobre os corpos, os ossos e o sangue daqueles pobres humildes, eternizando seus imperiosos poderes. E era assim que realizavam as mais sangrentas chacinas. Aquele sertão tremia por justiça, mas esses poderosos semeavam negociações forçadas forjada através da violência, medo e silêncio, quando matavam enterravam os sonhos, as histórias junto aos cadáveres. Seus imensos latifúndios eram regados com sangue, lágrimas e mantidos sob trabalhos escravos. Pois narra, Borges:

> Dentro da linha destas grilagens cabem inúmeras variantes, mas em todas elas o grileiro está distante do foco dos acontecimentos, agindo nas cidades, delegacias ou *fóruns* e dali comandando a expedição, dando apoio logístico, no momento, aos seus asseclas e falsos posseiros, mobilizando testemunhas falsas e preparando papeis. Muitos posseiros foram usados como *inocentes úteis* e não raras vezes foram sacrificados nos entreveros armados (Borges, 1987, p. 111).

Assim, o poderoso era “temido e obedecido” (Carone,1978, p. 251) considerado, por tristes e amargas razões, como semideus das leivas do nortão goiano. Por isso, “os nossos sertões mais uma vez se alastram de fogo das lutas de facções. Mais uma vez o sangue fratricida avermelha os nossos campos” (Faoro, 2001, p. 354). Sob o a mão do mandonismo, da prática do filhotismo, o sertão, como já dito, torna palco de tragédias repetidas, onde a justiça era a força bruta, reinando as leis dos punhais e armas.

Sangues dos indígenas, caboclos, sertanejos, garimpeiros, mulheres, crianças e famílias, de nossos antepassados que viveram e agarraram, até o último respirar de suas vidas, um pouco de dignidade por meio de sangue, sofrimento, suor e lágrimas. Desse modo, essas práticas violentas forjaram histórias, destruíram esperanças. Entretanto, mesmo diante disso, algumas pobres almas arrancadas de seus espaços teimavam em persistir.

Aos sertanejos humildes era impossível fazer frente a chefes políticos, coronéis, gente graúda disputando poder e palmo a palmo de glebas. Isso porque, “a política coronelística, [...] sempre caracterizada como implicando um pacto ou compromisso. Pacto este que envolve diversos níveis de poder — federal, estadual e municipal” (Campos, 1987, p. 50) em uma rede

de poder forte[48]. Como travar lutas tão desiguais entre os donos do poder e aqueles que só tinham os pés descalços?

Os posseiros, ameaçados de perder a terra devoluta ocupada, tinham, como realça "apenas foices, facões, enxadas e coragem, contra as armas pesadas dos fazendeiros, com pistoleiros pagos, a polícia, a morosidade do poder judiciário, do governo, e inúmeros obstáculos?" (Silva, 2000, p. 44). Nesse peso da desigualdade, os humildes empunhavam à revelia a sua coragem como única arma, enquanto os donos do poder, cercados de proteção e de seus privilégios, consolidavam os seus domínios, deixando o campo marcado de sangue por lutas tão cruas quando as esperanças e os sonhos ceifados.

Os que foram expulsos de suas terras saíram a vagar pelas veredas sem rumo e direção, pois, essas pessoas "não tinham outra saída a não ser procurar outra terra" (Silva, 2000, p. 29) — geralmente menos fértil — até que o novo ciclo predatório das grilagens de terras os removesse mais uma vez. As terras, em sua maioria, aqui, não têm "dono, é de quem chegar primeiro" (Lima, 2002, p. 118). Foi assim que muitos se tornaram andarilhos por essas veredas afora, enquanto outros permaneciam "vivendo à margem da sociedade formada em torno do latifúndio" (Lima, 1998, p. 142).

Como destacou o jornal *Folha de Goiaz*: "Em Goiaz, terra das grandes riquezas, onde o gado está sobrando, terra do arroz e do cristal, do diamante e da borracha, do fumo e do babaçu, também tem o trabalhador rural que não tem terra geralmente onde as mesmas há com abundancia e devolutas" (1947, p. 3). Nesse paradoxo entre a fortuna dos latifúndios e o desamparo dos sem-terra, sem-teto, sem-vida, a história se fazia pelas veredas entre lutas e desalentos.

Sem ninguém para socorrê-los, os sertanejos que não morriam em combate, negociavam, outros se rendiam aos poderosos e começaram a "migrar ou trabalhar nas grandes lavouras como agregado ou morador de favor" criando mais um caminho para a escravidão por dívidas, mesmo que temporárias, com seu agressor para sobreviver" (Silva, 2000, p. 29).

[48] Essas relações de poder entre chefes políticos, desde prefeitos até o mais alto grau da República, que já vinha desde o Brasil Colonial, ganhou mais força com o golpe da República Velha e se aprofundou com o Golpe de Estado. Como "uma geração nova, reverente ante os símbolos luminosos, mas sem força, descobrirá que a paz aparente esconde o governo oligárquico" (Faoro, 2001, p. 524). Novo golpe em 1930 não venceu as bases do poder oligárquico; antes, aprofundou-o ao centralizar o poder nas mãos do Estado e daqueles que o comandam, desde a ponta até o centro e, renovou as alianças do clientelismo, sustentadas pela máquina burocrática e pela imposição das vontades dos chefes locais.

O trabalho escravo, para essa gente, era visto como uma fatalidade, um estigma no calejar do corpo, uma chaga secular de Caim que parecia não ter cura. Para livrar-se dele, só mesmo virando vaqueiros, agregados, jagunços e pistoleiros, fiéis defensores dos seus chefes, com possibilidades de ascensão social, ou ganhar dinheiro nos garimpos para ficar rico para se tornar livre ou um chefe político também.

Vale lembrar que a cultura escravocrata brasileira não se extinguiu com a vitória dos movimentos abolicionistas no século XIX. De lá para cá se avolumaram os casos de trabalho que a seara jurídica chama de "análogo à escravidão". Isso é um engodo que, a meu ver, poderia ser chamado apenas de escravidão, porque a mudança de nomenclatura, de graus, práticas e contextos não consegue amenizar o estigma herdado dos indígenas e dos negros torturados desde o início da colonização do Brasil. A escravidão sempre vai estar lá e aqui, ceifando a liberdade social, individual, econômica, destruindo sonhos, famílias e assassinando vidas.

Destaco as a reflexão de que a escravidão, "nessa acepção, resulta da desigualdade social [...]. Esse fundamento é a base da escravidão contemporânea no Brasil. A essa ideia nuclear subjazem todos os demais elementos de uma estrutura sócio-histórica perversa, que alimenta e anima o trabalho escravo" (Silva, 2016, p. 57). As desigualdades estruturantes desse sertão-Brasil ocasionam e alimentam vários males desde os tempos coloniais.

Um desses absurdos é a escravidão, violência que teima em adentrar todas as esferas humanas, subjugando principalmente aqueles que não detêm qualquer tipo de poder social. Inúmeros sertanejos, garimpeiros e trabalhadores rurais morreram em busca de seu pão-de-cada-dia nessas terras, enquanto outros tantos eram "submetido[s] ao trabalho escravo na fazenda do senhor de tudo. O fazendeiro, inclusive, era famoso por preferir matar os trabalhadores a pagar-lhes o salário devido" (Silva, 2016, p. 55).

Muitos trabalhavam diuturnamente, "debaixo de forte calôr e espessa poeira" (Santos, 1940, p. 36), ou na chuva e, na hora de acertar as contas com o patrão, recebiam como pagamento a morte. Em outros casos, os fazendeiros até pagavam todos os direitos, mas, na porteira da fazenda ou em uma vereda não distante, os capatazes — capangas, pistoleiros e jagunços — já esperavam os trabalhadores em emboscadas para roubar o fruto do seu suor e de suas mãos calejadas e matá-los sem a menor chance de defesa.

Morriam ali mesmo e, geralmente, sem deixar vestígios donde seus corpos eram dados como alimentos para as feras, jogados a esmos ou fundiam-se ao chão duro do serão nas conhecidas covas rasas ou em um buraco qualquer. E mesmo que deixassem, nada seria feito,

pois, “a insegurança era uma constante na vida do trabalhador rural” (Janotti, 1992, p. 42). Esquecidos pela justiça, lembrado apenas por seus parentes pela parede da memória.

Esses trabalhadores, segundo viviam “abandonados de toda e qualquer assistência, sem estradas, sem policia, sem escolas, sem cuidados médicos, sem hijienicos, contando exclusivamente com seus parquíssimos recursos, defendendo suas vidas e propriedades a bacamarte, sem proteção de especie alguma” (Neiva e Pena, 1999, p. 199). Esses sujeitos foram entregues ao destino e a miséria e a falta de amparo se tornaram companheiros constantes de suas vidas; a sobrevivência era uma luta diária e solitária travada sem esperança alguma.

Não se deve esquecer que “as manifestações do trabalho escravo são diversas, mas a precariedade das condições de vida dos trabalhadores é a condição fundamental nesse processo” (Silva, 2016, p. 57). Infeliz do sertão garimpeiro que não escapou a essa realidade. O escritor regionalista Bernardo Élis denunciou, em sua novela-romance *A terra e as carabinas* (2005), outro tipo de escravidão, essa por dívida, uma prática corriqueira no sertão goiano.

O personagem central da história, Totinha, trabalhava e comprava seus mantimentos na fazenda do patrão e sempre ficava devendo para o fazendeiro, pois, “não conseguia pagar nunca [...] só trabalhando para pagar os gastos e cada vez a conta subindo” (Élis, 2005, p. 12). Era com esse tipo de prática que os sobrenomes de coronéis, senhores e donos de tudo povoaram os quadrantes do sertão, desenvolvendo as teias de poderes e principalmente de dívidas e promessas não cumpridas.

O sertanejo — como o garimpeiro nos barrancos — via-se preso, não à terra, mas à força que muitas das vezes era (in)visível do poder que sustentava os senhores de tudo, condenando os pobres sujeitos a uma vida sem sonhos, horizontes, onde o trabalho se tornava uma prisão perpétua. Sobre isso, é importante destacar as palavras de Tereza Cristina Pires Favaro:

> Sobre os latifúndios, pesa a existência dos altos lucros auferidos em contraste com os baixos salários pagos [quando são] a quem neles trabalha, inclusive sob contratações não formalizadas. Essa realidade acarretou o aumento da taxa de exploração da força de trabalho e a deterioração das condições de vida dos trabalhadores rurais (Favaro, 2016 p. 177).

A dívida era um modo de escravidão milenar praticada por famílias — com o “resultado de regime de sesmaria e de regime servil” (Lima, 1998, p. 142). Por esse prisma, e em consonância, as fazendas eram “propriedades feudais grandes hierarquizadas não

existindo, em face do proprietário, senão a mão-de-obra escrava e, às vezes, uma clientela livre, mas igualmente dependente do senhor" (Lambert, 1984, p. 113). Estabelecia-se, portanto, uma relação venosa que deixava à margem da sociedade os desprovidos, os de pés descalços, os severinos da vida.

Um sertão marcado pelo peso das dívidas, da eterna gratidão feita pelo trabalho, da miséria, que se tornava um labirinto sem saída, onde a liberdade e um pouco — só um pouquinho — de liberdade era uma ilusão. O sertão, ao invés de abrigo, nessa ocasião era um cemitério de esperanças, de desilusões e de corpos esquecidos e jogados ao limbo.

E foi por essas brenhas dos vales dos rios Araguaia e Tocantins que, no início dos anos 1970, desenvolveu-se "o mais trágico processo de grilagem, especulação e distribuição organizada de famílias de posseiros que a nossa história jamais viu" (Kotscho, 1982, p. 19). Essas pessoas eram trazidas em cima de caminhões como se traziam animais, comercializadas como se fossem objetos, vendidas e compradas como se fossem coisas. E assim, muitas famílias também construíram seus reinos por meio de outra exploração, dessa vez, a mão de obra escrava.

Ao testemunhar toda a violência e exploração promovidas pelos grandes e poderosos senhores do sertão garimpeiro, uma realidade trágica era latente: "a supressão do velho regime da 'Justiça de Goiás', onde imperava a/ Winchester 44 do papo amarelo e tinha razão quem atirava primeiro" (Rodrigues, 1987, p. 31) e assim que a justiça se fazia naquelas veredas.

A pólvora e o aço definiram a lei em sertões garimpeiros vastos, onde a justiça era moldada, feito pelo medo, pelo ódio, pela morte e pelo sangue derramado sem clemência que tingia os cenários dessas terras ermas. Cada disparo ecoava como uma sentença brutal e final, junto a ela o silêncio, o grito e corpo encanecido com as mãos calejadas e caído ao chão.

A violência era combatida com a violência, gerando mais instabilidade e medo. O resultado não poderia ser outro, pois, "a necessidade que cada um tem de se defender, de andar prevenido contra os demais, acaba transformando todo mundo em bandido" (Sales, 1986, p. 162) desconfiado de tudo e de todos. Pelos Gerais, imperava a lei "do papo-amarelo e do punhal" (Lima, 2012, p. 57).

Nessa cultura de sangue, o que apertava o gatilho mais rápido é quem tinha razão, é como "brincar com arma de fogo [era] o mesmo que passar a mão na cabeça de cascavel" (Brasiliense, 1964, p. 66). A insegurança, juntamente com a desconfiança, transformava o sertão em um campo de batalha contínuo, onde a vida se escondia e se valia pelo manto de

pólvora e brilhar do aço. Moura Lima faz uma comparação interessante entre a cascavel e o jagunço:

> A cascavel, além de valente [...] traz o chocalho na ponta do rabo [...] o chocalhar dos guizos alegra as aurelas dos matos, os cerradões e a natureza inteira. Assim é o jagunço, que também se alegra com os forrós, o mulherio, a cachaça, e, num piscar de olhos do diabo, como a cascavel, se transforma num pé-de-morte. (Lima, 2002, p. 81).

No imaginário do sertão dos vales do Araguaia e Tocantins, a cascavel era uma das serpentes mais temidas, porque seu bote era mortal. A pessoa mordida por ela "em poucos minutos estava cega, a vomitar sangue" (Brasiliense, 1964, p. 28). Quando havia uma confusão que descambava em disparos, continua o autor, "a bala que saía da boca de arma era mesmo que bote de cascavel" (Brasiliense, 1977, p. 17).

Existe uma máxima sertaneja que diz que "a mordida da cascavel, quando não mata, aleija". Amedrontadoras eram também, a "terrível urutu do sertão, para qual nem a mezinha doméstica nem a dos campos, possuía salvação" (Ramos, 1984, p. 70), e na mesma toada, a "jararacuçu-do-brejo [...] uma cobra arisca, valente, reconhecidamente agressiva" (Moreira Filho, 2020, p. 172). O sertão era um território onde a vida biológica desenvolvia o seu poder em veneno e temor, e da mesma forma as pessoas desenvolviam suas práticas venosas, aguardando o momento certo para atacar.

No horizonte do medo no sertão, o jagunço, o pistoleiro, o coronel, o policial e qualquer pessoa violenta vivendo naquelas várzeas, "era mesmo que cascavel. Mexeu com ela, é ficar na tocaia, até achar um jeito de dar o bote" (Brasiliense, 1964, p. 86), pois ela é tão perigosa como grandes serpentes peçonhentas. Assim também, a "cascavel de chocalhar aberto, já fora da moita, veneno lhe sobrava" (Lima, 2012, p. 17).

A ira e a bala do jagunço, quando não matavam, aleijavam a pessoa que as recebiam. A comparação valia para políticos que envenenavam o sertão com suas maliciosas artimanhas de poder e ganância. Nesse espaço, o perigo não vinha apenas do gatilho ou de um punhal, mas também das palavras e ações sorrateiras que, como um bote de uma cobra peçonhenta, exploravam e feriam sem misericórdia a vida daqueles pobres desgraçados.

Principalmente nos tempos áureos do garimpo, os Gerais viveram "um período de violências, de imposições arbitrárias, de prisões injustas, de expropriações, calúnias, [...] e insultos" (Audrin, 1946, p. 100) que já faziam parte da cultura de violência sertaneja. Moreira Filho reforça essa ideia ao afirmar que "uma vez que estava muito em voga nos garimpos e sertões bravios essas valentias" (2004, p. 131). Nos rincões ermos do Brasil, a bravura — a

coragem e a valentia — não era apenas um traço de caráter, mas uma negociação de sobrevivência. A vida desafiava as pessoas a todo o instante em um ciclo vicioso de incessante força, medo e silêncio.

Quem detinha maior força se apropriava das terras, “à medida que os posseiros vão sendo expulsos de suas terras, cresce o número de malocas, verdadeiras favelas rurais, em torno de pequenas cidades como Xambioá” (Kotscho, 1982, p. 71), além de Ananás, Arapoema, Araguanã, Jacilândia, Piraquê e outras vilas que, com o tempo, transformam-se em cidades espalhadas por todo o território do sertão garimpeiro.

Nessas cidades existiam não apenas cal, barro e tijolos de adobes, mas rostos marcados pelos cansaços de pés descalços ou de botinas desgastadas que eram cúmplices e testemunhos de lutas, sofrimentos e resistências. Cada rua, vilela, esquina carregava memória paradoxal da vida humana.

Deste modo, é importante ressaltar que “o trabalhador rural brasileiro vem sendo expulso da terra desde a colonização” (Silva, 2000, p. 23). Isso aconteceu com os sertanejos do antigo norte goiano que, sem ter para onde ir, migraram para regiões onde havia alojamento e trabalho em fazendas nas quais ainda se “conserva[va] a marca da escravidão” (Lambert, 1984, p. 102).

Pelas regiões do sertão garimpeiro, os “fazendeiros passaram a apropriar-se das terras e, agora, os posseiros deviam adquiri-las, comprando, para pagar com trabalho ou com a produção, a terra que, na verdade, era pública” (Silva, 2016, p. 73). E a situação dos sertanejos nesses espaços eram de desalojados e sem rumo, seguindo em busca de um pedaço de chão para chamar de seu.

Enxergado de uma maneira mais afetuoso, distante de tanto sofrimento, o sertão pode ser considerado como lugar harmônico, bucólico, onde “a natureza fica em silêncio ao ouvir o canto do uirapuru” (Moreira Filho, 2020, p. 154) e o sertanejo se rende à solidão rompida pelo mugir do gado no pasto ou pelo urro de algum animal perigoso fazendo reviver suas memórias e sentimentos que plantou naquela terra garimpeira.

Portanto, ao mesmo tempo, “uma relação tensa entre homem e a natureza” (Lima, 1998, p. 91). Esse espaço cheio de contradições, com suas belezas e desafios, revela-se ao mesmo tempo um abrigo e uma proteção, onde o homem aprende a respeitar e a conviver com os mistérios da mãe Terra. Nesses laços (re)constrói em toda a sua vida laços profundos de pertencimentos, onde pode matar e morrer por ela.

Diante disso, fica evidente que tínhamos, um “Brasil arcaico, e o Brasil novo” (Lambert, 1984, p. 103). De um lado, um país de desigualdade gritante e exploração da mão

de obra, onde viviam “aqueles desconhecidos singulares, que ali estão — abandonados — há [...] séculos” (Cunha,1975, p. 91). De outro, o país do litoral que buscava a modernidade mesmo que tardia com relações de trabalho típicas da modernidade.

Essas duas faces do Brasil convivem em tensão constante, refletindo um embate entre as raízes de uma realidade desigual e as ansiedades de um progresso que, por vezes, ignora a realidade dos pobres e esquecidos. Nesse sentido, aqueles que viviam no sertão garimpeiro permaneciam à margem da história mesmo em constante luta pela sobrevivência.

Essa República carrega, em seu berço esplêndido, sujeitos que sempre estão em uma corda bamba, suportando, “êste abismo cavado entre os dois Brasis [...] o Brasil pobre e o Brasil rico”, no qual há uma “vala que separa o Brasil letrado do outro imensamente mais vasto, o Brasil analfabeto” (Castro, 1964, p. 156-157).

A divisão deste país é um reflexo cruel das desigualdades sociais, econômicas, políticas e históricas, onde o progresso para poucos contrasta com o abandono de muitos, de uma esmagadora maioria que carrega este país nos ombros e não é visto. No silêncio do sertão garimpeiro e no tumulto das vilas, cidades, esse abismo social se manifesta não apenas nesta realidade — de um passado latente diante de nossos olhos — que ainda se manifesta perpetuando injustiças, matando sonhos, adiando esperanças.

Era por esse cordão-do-mundo conhecido como vales do Araguaia e Tocantins que se fazia o sertão garimpeiro, espaço geográfico de crimes horrendos, misérias constantes e doenças, como “a leishmaniose, conhecida como ferida brava, o beribéri e a febre amarela” (Lima, 1998, p. 83) e tuberculose.

Nessa mesma realidade dolorosa, “as doenças venéreas [que] lastreavam o garimpo, correndo soltas, pelos prostíbulos a fora” (Moreira Filho, 2020, p. 106). Era o lugar do sertanejo forte, mas também, de “um homem doente, alquebrado pela malária e pelas verminoses” (Lima, 1998, p. 138), quando não pela fome que lhe corroía o corpo e a alma. E diante dessa escabrosa realidade, Josué de Castro nos ajuda a refletir:

> Em sua faina destruidora, a fome mata como doença, como as mais grave e generalizada das doenças de massa das regiões subdesenvolvidas e como fator preparatório do terno para a ação nefasta de outras doenças. Principalmente das doenças infectuosas, parasitárias, que atuam endêmicamente nessas áreas, em combinação com a fome, tendo a mesma preparado o terreno para a sua ação deletéria (Castro, 1967, p. 43).

Os sujeitos que viviam nessas brenhas garimpeiras passavam por todos esses perrengues sem nenhum tipo de assistência social, rodeados de males físicos e males sociais,

fome, doenças, mas continuavam lutando por uma vida mais decente entre as felicidades e infelicidades do sertão garimpeiro. Apesar das inúmeras adversidades, a força desse povo revelou sua resistência, sua luta contra as durezas do próprio sertão e as mazelas alimentadas por uma elite nanica, desprezível e colérica.

Eram pessoas que buscavam sobreviver, usando todas as armas, formas e maneiras que estavam a seu alcance, agarrando-se a todos os santos e também para não dizer a todos os demônios para não morrer. No cenário do sertão garimpeiro permeado de incertezas, proporcionando a reflexão de que, por esses sertões, "viver é muito perigoso" (Rosa, 2019, p. 25). Esses pobres sujeitos viviam uma eterna batalha de esperança e fé. Onde uma opção era lutar e a outra lutar também.

O sertão garimpeiro era lugar de luta, de gente que aparecia, desaparecia, pelejava contra os fantasmas vivos da miséria, da fome, das doenças; era lugar de enfretamento e de negociações, mesmo que elas fossem travadas com forças desiguais, para amenizar males recorrentes na vida de sujeitos desacautelados que viviam num território do país que se desconhecia. Era "no sertão que se opera[va] a transmutação de um povo partido, fragmentado em individualidades" (Vidal e Souza, 1997, p. 133-134).

O sertão goiano era um lugar de muitas glórias expostas e outras ocultas que era, de "durante todo o ano, castigado por enchentes violentas e sêcas desastrosas" (Ciado, 1964, p. 139). E para sobreviver em meio todo esse caos era preciso "dominar as insurgências do povo do sertão, é o intento que deve obstinar a todos aqueles envolvidos com o projeto intelectual e político de unificar e homogeneizar espaço e sociedade do Brasil" (Vidal e Souza, 1997, p. 155).

Nesse "nortão goiano", as glórias e os sofrimentos se misturavam naquele arcaico ciclo vicioso e eterno. Entre a luta e a resistência, o sertão e o sertanejo-garimpeiro se tornavam símbolos de resistência e sofrimento. O sertanejo, moldado pelo próprio sertão, não desiste de viver em sua essência.

Eis o sertão do antigo norte goiano no qual as terras eram ricas, com minérios de valores incalculáveis, mas desvalorizadas, com uma estrutura forjada a ferro e fogo ao longo de séculos em um espaço rural. De certo que "a pobreza, a ignorância e a dependência ainda se mantinham na estreita relação dependência dos proprietários de terra" (Ferreira Costa, 1978, p. 114).

Nessas terras, a riqueza convivia com a misérias das almas, entre os cristais expostos à flor da terra ou escondidos, que passavam pelas mãos calejadas. Esse solo fértil e rico foi marcado por séculos de lutas desiguais, fruto da desigualdade latente. Promessas de Eldorado

que estavam desde a mais alta serras e as depressões mais profundas, mas na realidade se deslizavam entre as vidas de muitos, onde poucos ascendiam.

Essa dependência percorria toda a vida daqueles trabalhadores do campo, desde o amanhecer até o anoitecer, desde o pedido de socorro contra a fome e a doença até a hora da morte, do rito fúnebre no velório. No contexto dessa estrutura paupérrima, “nos Estados menos ricos, que são a maioria, o controle de grupos ou famílias é absurdo” (Ferreira Costa, 1978, p. 116).

O que se observava no sertão do norte de Goiás, era uma “classe rural perseguida e nunca beneficiada; [era] o homem do campo, menos favorecido, invadir as cidades e se tornar pedinte [...]. O que nós vemos é o Govêrno lançar, entre as classes rurais, o caos social” (Caiado, 1964, p. 141). Numa luta sem fim, os Gerais exigiam mais daquelas pessoas do que elas poderiam oferecer. E, entre promessas vazias, restava as formas mais variadas de resistência de um povo para não sucumbir à fome.

Era assim, um “sertão belo e terrível” (Élis, 1974, p. 89) onde se vivia e se morria intensamente a cada segundo. Um universo de contradições e incógnitas. Por um lado, um inferno durante o qual corriam rios de sangue, o cheiro de pólvora se espalhava pelo ar e homens com punhais de ferro entravam em confronto. Por outro, “um paraíso” (Cunha, 1975, p. 45) onde germinavam vales e os olhos conseguiam mirar mais adiante. O sertão estava continuamente prenhe de vida e esses “gerais são sem tamanho. [...] O sertão está em toda a parte” (Rosa, 2019, p. 7).

Em qualquer pedaço de chão dos Gerais, mulheres e homens, crianças e velhos, vaqueiros, comerciantes, barqueiros, ricos e pobres, coronéis e jagunços, caboclos, indígenas, ciganos, pretos e brancos, sertanejos e garimpeiros conseguiam viver sua própria complexidade existencial sem limites. Mediante essa realidade “o sertão é sem lugar” (Rosa, 2019, p. 255) porque ele estava em todas essas pessoas e em toda parte, “a perder de vista” (Moreira Filho, 2020, p. 56).

Para a socióloga Nísia Trindade Lima, “teríamos de reconhecer a existência de múltiplas e complexas experiências de fronteira” (1998, p. 43) para pensar o sertão garimpeiro, em sua materialidade e simbologia, como mais um lugar dentro dos inúmeros sertões brasileiros. O sertão garimpeiro representa um espaço de reinvenção de identidades, onde fronteiras geográficas, sociais e culturais se cruzam nas práticas do cotidiano, revelando tensões entre o antigo e o moderno.

Um lugar vasto, cheio de (des)ilusões, desejos, revoltas, juras, promessas, onde o nome de pessoas ilustres se sobrepunha aos nomes de pessoas anônimas, heróis e heroínas

esquecidos pela marca do tempo. Eram esses os contrastes históricos, telúricos, místicos econômicos, morais, políticos e geográficos que embelezavam e, ao mesmo tempo, horrorizavam o sertão garimpeiro.

Ao contrário do que muitos declaram que era “intimamente ligado ao isolamento, [...] ao abandono que eram relegadas as populações do interior do Brasil” (Lima, 1998, p. 84), o sertão não era isolado; ele era visto explorado, habitado, surrupiado e presente na economia do Brasil e do mundo. Suas rotas comerciais, presentes nos rios e varadouros, juntamente com os acontecimentos econômicos e políticos, promovem o desenvolvimento de redes de sociabilidade em uma dinâmica mais ampla. O sertão garimpeiro, com suas histórias, conecta tanto o litoral quanto o cenário internacional.

Do “nortão goiano” se originaram cidades históricas, vilas que tiveram seu apogeu e que hoje estão mortas, outras que antes estavam mortas e que foram reavivadas, vilas que se tornaram cidades, como Portal Nacional, que já teve três nomes, “foi Porto Real, no Brasil-reino; Porto Imperial, no Brasil-império, e agora Porto Nacional, no Brasil-república” (Moreira Filho, 2020, p. 54-55).

Juarez Moreira Filho (2020) conta que, sobre essas cidades, aviões cortavam o espaço aéreo, distribuindo cartas, levando e trazendo saudades, deixando e levando sonhos, transportando faisqueiros e seus pilotos com sacos de estopas cheios de dinheiro, atiçando cobiça e às vezes tirando vidas em acidentes com um tipo de aeronave que os sertanejos chamavam de teco-teco asa dura.

Em síntese, todo esse complexo geográfico, cultural, econômico e político regia as esferas do sertão garimpeiro que era composto por diferentes personagens: fazendeiros, sitiantes, garimpeiros, comerciantes, funcionários públicos, vaqueiros, caçadores, pistoleiros, fugitivos da justiça, mulheres, crianças, todos eles dentro da mesma dialética existencial que forjou um complexo magma socioespacial espalhado em torno da formação de cidades, principalmente de Dueré — assunto problematizado no segundo capítulo.

CAPÍTULO 2
DUERÉ: UMA CIDADE MULTIFACETADA DO SERTÃO GARIMPEIRO EM (DES)ILUSÕES

> *Eu jovem deixei familiares e amigos em São Pedro dos Crentes no Maranhãozão na busca de cristal pra fazer riqueza, jurei que só voltava rico, nunca mais retornei, aqui em Dueré trabalhei d'mais e arrumando só o d'comer. Hoje tô velho, o garimpo acabou comigo* (Sr. Pedrão Maranhense. Dueré-TO, 13/10/2022).
>
> *Aqui em Dueré nas épocas dos garimpos de cristal tinha muita festa de segunda e segunda, em cada esquina tinha um cabaré debaixo d'sol e chuva o pessoal tava no batuque dançando, bebendo e derramando cerveja, uns felizes e outros tristes...Tinha confusão e geralmente terminava em faca e tiro com muita gente gritando e morrendo adoidada* (Sra. Maria do Carmo, lavadeira de roupa. Dueré-TO, 15/10/2022).
>
> *Em Xambioá a gente abria as estradas e pista de avião com facão e foice, d'baixo do sol quente. Muitos homens e onde tem muito homem tem muita mulher e vários cabarés... Com gritaiada, facadas e tiros, no outro dia eu pulava os cadáveres mortos, eram muitos* (Sr. Misael, ex- garimpeiro. Xambioá-TO, 10/08/2022).

O objetivo, neste capítulo, é problematizar os aspectos de uma vila que se tornou cidade multifacetada no meio do sertão do antigo norte goiano e que, no meio de sua existência, catalisou relações e aspectos da vida (i)material com a chegada do garimpo do cristal de rocha e o desejo que perlustrou o imaginário de enriquecimento fácil pelas pessoas que já moravam ou chegaram no local, buscando ter um pouco de dignidade.

Esse desejo estava presente desde o nascer do garimpo até a decadência dessa atividade. Ao longo desse processo, as relações iam se modificando e, com elas, as instituições, os conflitos, a desigualdade, a exploração, doenças, violências nas suas mais diversas escalas contra a mulher, (des)construindo (des)ilusões, a luta pelo direito, mortes. Tudo isso ficou latente e formando o quadro identitário, social, cultural, político e econômico do antigo norte goiano, hoje estado do Tocantins.

No "nortão goiano", no centro do país, desenhava-se em um "mundo de chão arenoso e branco" (Palmério, 1957, p. 7) com barro vermelho e preto, morros, serras, despenhadeiros, com "estreitas tiras de capoeirão [...]. Matas beira-rio: justafluviais" (Palmério, 1957, p. 8), dentro desse espaço com rios e seus afluentes que ajudavam a reger o espaço geográfico e humano desse sertão. Quando a chuva não vinha, o "sol era dono do tempo, as nuvens formavam pequenos furos de algodão espalhados que não serviam de penumbra para os ardentes raios que penetravam as águas azuis do rio Araguaia [e do Tocantins]" (Júnior, 2010, p. 13).

Além dos rios Araguaia e Tocantins com seus afluentes em grandiosas lagoas, córregos e cacimbas, denotando abundância na composição do sertão garimpeiro, o sertão como já foi também era feito de sequidão, em "léguas e léguas dessa tristura [...] espinhento e seco", com "árvores sujas, inúteis, esqueléticas e opiladas, semelhantes a uma longa fila de mendigos à espera de esmola" (Brasiliense, 1960, p. 11) num lugar abafado e tórrido. Sob o sol impiedoso, o contraste entre a fartura e a escassez desenvolvia uma paisagem de um espaço que pulsava entre a vida e o desamparo.

Viver naquele lugar não era brincadeira. Longe dos centros urbanos, das grandes metrópoles que compõem o Sudeste e o Sul do Brasil moderno, no Norte e Nordeste do país, "no calcanhar-de-judas, lá no nortão bruto de Goiás! Perto dos garimpos da Chapada, Itaporé e Piaus, no imenso município de Porto Nacional" (Moreira Filho, 2020, p. 30). Nessa vastidão, revelava-se o antigo norte goiano, incrustado em "uma chapada sem fim" (Audrin, 1946, p. 63), onde o silêncio e os cantos da natureza com a distância dialogavam com a força brutal e bucólica do sertão garimpeiro transmutado de esperanças.

Nesse sertão garimpeiro difuso e dialético se encontrava o povoado de Dueré, sendo, "um pequeno arraial camuflado, [...] nos confins de Goiás, nos grotões distantes, hoje Estado do Tocantins" (Moreira Filho, 2020, p. 35). Essa vila "recebeu esse nome em homenagem ao rio que possui, em suas margens, tanto da direita quando da esquerda, cristal de rocha em grande quantidade" (Moreira Filho, 2020, p. 31).

Assim, o nome é uma representação sob a influência do espaço, influência não apenas geográfica, mas humana, pois, não à toa, o nome do povoado veio da "língua tupi, significa rio pequeno, estreito" (Moreira Filho, 2020, p. 30). Podemos ver que o território tinha a vivacidade dos povos tradicionais e foi por meio da exploração do cristal de rocha que se intensificaram as relações humanas no nortão goiano.

Desse modo, a origem do povoado "foi uma antiga habitação dos índios Canoeiros, apelidados de Cara-Preta ou simplesmente de índio Negro" (Moreira Filho, 2020, p. 57) que viviam com suas cosmovisões e conflitas relações, sem a intervenção do homem branco possivelmente até o início do período áureo da mineração de ouro no século XVIII, tendo, a partir disso, relações conflitantes mais intensas até a exploração do cristal de rocha no início de 1910[49], que ganhou mais pujança décadas mais tarde, sobretudo em meados de 1940, que

[49] O Frei José Maria Audrin esteve na região em meados de 1910 e descreveu, em seu livro *Os sertanejos que eu conheci* (1963), essa movimentação pela busca do enriquecimento, acentuando que "outrora foram atraídos pelas minas de ouro, mais tarde, pela castanha e pelo caucho, mais recentemente, pelas jazidas de diamantes e de cristais" (Audrin, 1963, p. 105).

“de maneira geral, a gênesis das cidades e vilas do antigo Norte de Goiás tiveram origens nos povoados de mineração” (Lima, 2002, p. 31) até meados de 1980.

Dueré era um povoado da cidade de Porto Nacional, elevado à categoria de distrito em 1953, quando os elementos culturais, identitários, econômicos e políticos por meio da criação do gado, da busca de diamantes e cristais foram importantes para que ela se tornasse, em 1958, uma cidade permeada de sonhos, loucuras, medos, mortes, chacinas, sangue e lágrimas.

Como a cultura da violência no sertão garimpeiro era algo latente e estruturante, ela perpassava todos os quadrantes existenciais e o povoado de Dueré não fugiu à regra. Muitos se refugiaram, “após sangrentas brigas com fazendeiros vindos da Bahia, Minas Gerais, Pará, Maranhão, Piauí e dos cafundós-do-judas, que invadiam suas terras para situar fazendas de gado curraleiro, o famoso pé duro” (Moreira Filho, 2020, p. 57).

Portanto, é possível compreender que “a economia do município tinha por base a pecuária e a agricultura” (Lima, 2002, p. 33). A mineração era outro fator importante que movimentou o “arraial decaído [...] assentado em cima das auríferas que nos séculos passados atraíram a cobiça dos bandeirantes” (Audrin, 1946, p. 60), ainda que guardasse os vestígios de suas glórias.

Há de se ressaltar que, após o declínio da exploração de ouro por esses Gerais, a criação de gado movimentou — como ainda vem movimentando — a economia por essas glebas “com muito gado [...] mais de mil garrotes para corte, cabeceira escolhida de marruacada curraleira, e boa vacada parida de sangue zebu” (Palmério, 1957, p. 38). O processo agropecuário, em suas transformações, consolidou como um dos principais pilares da região, (trans)figurando todo um mondo de existência.

A estrutura econômica e de poder se fazia, assim, pela economia do gado. Para ampliar espaços para a pecuária, muitos coronéis e poderosos do lugar iam usurpando as terras de silvícolas e caboclos, numa história que se repetia “por este Brasil a fora” (Moreira Filho, 2020, p. 57). E agora essa estrutura de poder se fazia pela exploração dos cristais e diamantes.

Era o sertão de terra rasgada e ferida pela cobiça que carregava em seu bojo as batalhas pelas posses. Entre as cercas improvisadas e vastos pastos, o sertão era moldado pelo trabalho, pela resistência e pela ganância. O gado, símbolo de riqueza e poder, ajudava a traçar caminhos de uma economia que crescia sobre o rastro do passado e de um futuro que não eram distantes.

No meio de um território violento, a vila de Dueré, mesmo com um aspecto de decadência “com pouco mais de cinco dúzias e meia de casas, mal contadas, agarradas

naquelas costelas de pés de serra" (Moreira Filho, 2020, p. 35), mantinha famílias sobrevivendo com os labores do roçado e, em seguida, com o surgimento do garimpo de cristal de rocha. Moreira Filho, lembra que o "massacre feio mesmo foi quando chegaram os primeiros garimpeiros para a região com armas de fogo pesadas, com a winchester 44 do papo amarelo, e com muita munição, chumbo grosso" (2020, p. 58). Sertão onde a ganância e a pólvora escreveram capítulos sangrentos.

Com todas essas armas, os garimpeiros provocaram uma hecatombe cujos alvos foram os nativos, os povos indígenas, numa "luta [...] desigual, covarde" (Moreira Filho, 2020, p. 58) que derramou sangue e lágrimas. Assassinaram pessoas para construir impérios, fazendas, roubar terras e fazer diversas explorações. Dessa forma, o norte goiano viveu intensos e violentos conflitos que descambaram em rios de sangue. É crucial destacar as palavras de Leolídio Caiado que:

> [...] os primeiros invasores de suas terras, foram os garimpeiros, seringueiros, castanheiros e humildes sertanejos aventureiros que tentavam fazer alguma posse, onde pudessem lavrar em pequenas porções a terra para o seu sustento e desenvolver pequenos rebanhos de gado vacum e cavalar. À retaguarda desses vanguardeiros estavam os mais nocivos dos intrusos, os devastadores da natureza, os pescadores e caçadores profissionais (Caiado, 1964, p. 34).

Essas invasões se tornaram um verdadeiro morticínio de indígenas que lutavam contra "cem garimpeiros armados até os dentes" (Moreira Filho, 2020, p. 58). Isso já demonstrava o tamanho da violência por esses varjões. E no germinar daquela vila do sertão garimpeiro que se tornaria a cidade de Dueré, com tantos conflitos e chacinas, os indígenas "foram habitar mais longe. Lá pro vale do rio Javaés, propriamente dito, na ilha do Bananal, nas margens do rio Araguaia" (Moreira Filho, 2020, p. 58).

E quando aconteciam outras hostilidades parecidas na região onde eles se estabeleciam, afastavam-se "e procuraram outras regiões mais distantes" (Caiado, 1974, p. 39). E a cada retirada, os povos nativos deixavam para trás um pouco de sua história. Eles foram forçados a um nomadismo imposto pela ganância alheia. Os rios, que antes simbolizavam o bucólico e o pertencimento, tornaram-se refúgios temporários em virtude das violências.

Rios de sangue banhavam as glebas e percorriam as entranhas das veredas do nortão garimpeiro, testemunhas mudas de uma violência implacável. Haja vista que "esses diversos grupos vão infelizmente desaparecendo [...] por motivos diversos devido à progressiva invasão de seus territórios" (Audrin, 1946, p. 144) não apenas por garimpeiros, mas também

por jagunços, fazendeiros e principalmente grileiros. Estes, “utilizam de todos os recursos” (Rodrigues, 1987, p. 109) para usurpar as terras alheias, deixando um grande rastro de destruição e dor.

Outros nativos que permaneceram na região eram chamados de “queridinhos dos fazendeiros e garimpeiros [porque mantinham] boa convivência, são os índios das etnias Xavante, Carajá e Javaés, que sempre pisam de mansinho pelos garimpos do lugarejo” (Moreira Filho, 2020, p. 60). Será que esse pisar de mansinho tinha significado de ser querido pelos seus algozes mesmo?

Pisar de mansinho poderia traduzir o medo de perder o que lhes restava de suas vidas naquele lugar. Temor de serem mortos como ocorreu com seus irmãos de Terra, de verem e sentirem de perto as suas aldeias reduzidas a pó e cinzas, restando “cacos de potes, cerâmicas, flechas, arcos e outros utensílios indígenas” (Moreira Filho, 2020, p. 58). Sem forças ou igualdade de luta, o que restava para eles era o medo de morrer; portanto, pisar de mansinho seria a tentativa de sobreviver em meio a tanta violência contra suas vidas e suas etnias.

De outro modo, os que foram empurrados a conviver com seus violentadores ficaram “iludidos por miríficas promessas, deixaram-se arrastar para os trabalhos inumanos das matas, feitos escravos durante longos meses” (Audrin, 1946, p. 98), anos e quem sabe por toda a vida, sem ter sequer um enterro digno. Contudo, “apesar da convivência pacífica com os bancos, eles nunca aderiram aos trabalhos de garimpagem, ou seja, andar com picareta e pá às mãos, furando o chão duro. Isso nunca!” (Moreira Filho, 2020, p. 60).

Os que escaparam se tornaram, como relata, “revoltados, se meteram na mata adentro, pra nunca mais voltar” (Moreira Filho, 2020, p. 58), e com toda razão. Por tudo o que ocorreu com seus irmãos, familiares, amigos, não seria diferente. Fugir acabava sendo uma virtude para sobreviver em meio ao massacre, pois viver nessas brenhas era bastante perigoso e requeria bastante coragem.

Como já exposto, restou convivência que muitos pensavam ser pacífica, mas não; era sim por medo de seus malfeitores. Protetores da Mãe Terra, convivendo pacificamente com a natureza, não fazia sentido os indígenas saírem furando o chão e tirar cristais do espaço que era vital para sua sobrevivência. No entanto, lembra o Padre Quinto Tonini não era de se espantar “ver índios no garimpo” (1959, p. 79), mesmo sendo uma raridade.

Essa raridade não os excluiu definitivamente. Assim, torna-se preciso destacar que o jornal *Folha de Goiaz* de 1945 fez uma reportagem dizendo que os índios foram expulsos por uma “legião de civilizados” (1945, p. 2) e procuraram residir no outro lado da ilha do Bananal. A escolha foi feita por “Inai Cachierê, cacique que iniciou a exploração do cristal de

rocha naquela região e, por isso, em contato permanente com os garimpeiros, tornou-se uma figura conhecida não pelo seu nome batismo e sim pelo apelido de Rancheiro" (Folha de Goiaz, 1945, p. 2). Esse encontro com os chamados civilizados e garimpeiros teve um preço altíssimo, pois roubaram a filha do cacique, levando consigo não apenas um corpo, mas um pedaço da alma de seu povo que já vinha sofrendo por séculos. O jornal fez uma descrição da dolorosa passagem ao narrar:

> Inai Cachirerê, andrajoso e enfermo, é uma vítima dos brancos. Em 1934, Inai apareceu nos longínquos sertões do Piauí. Um telegrama enviado por um prefeito do interior ao general Rondon dava notícia de um indígena perto da cidade de Regeneração. E depois a história foi conhecida em todos os seus detalhes. Uns cavalheiros, donos de uma empresa de mineração, passando de avião pela Ilha do Bananal, no campo de aviação, enquanto o aparelho era reabastecido, viram uma linda selvagem, atrairam-na com vistosos colares de cores [e a] levaram de avião para a civilização... Era a filha do Inai Cachirerê que caia nas garras dos brancos (Folha de Goiaz, 1945, p. 2).

A descrição de um episódio de violência contra os indígenas retrata Inai Cachirerê não como uma vítima isolada, mas como mais um entre tantos que — que não são mostrados — e sobreviveram sob o peso irascível da colonização e da exploração impiedosa dos chamados civilizados, ávidos, sedentos pelas riquezas dos sertões e dos indígenas. O jornal tem sua narração com observações marcantes. Ainda, conforme o jornal:

> [...] existe uma lei federal que regula a retirada de selvagem do seu habitat. Um índio só pode ser retirado de sua aldeia com autorização dos seus responsáveis — pais, tios, ou irmãos — e ainda com a aprovação do inspetor do Serviço de Proteção dos Índios da região. O qual por sua vez tem que receber a autorização do diretor geral da Organização criada em 1911, por Rodolfo Miranda. A filha de Inai Cachirerê foi entretanto, iludida e sequestrada em avião. Mas, o cacique, numa peregrinação que durou anos, de aldeia em aldeia, de cidade em cidade, localizou a filha no alto do sertão do Piauí, numa fazenda de ricos senhores. Um dia, entre festas e cultos religiosos, a moça votou ás selvas (Folha de Goiaz, 1945, p. 2).

A lei à qual o jornal se refere é a de número 8.072 de julho de 1910. Nesse mesmo caso, o cacique buscou o seu representante maior, conhecido como "pai velho", o Marechal Rondon, e contou para ele as violências que tinham ocorrido. Essa história foi publicada pelo jornal: "Para o índio que vive explorado pelo branco, impaludado e perseguido pelas febres, existia um 'pai grande', um 'pai velho'. É o general Cândido Mariano da Silva Rondon" (Folha de Goiaz, 1945, p. 2), que buscou levar um pouco de dignidade aos indígenas. O cacique, depois de "36 horas de voo pedia para ser levado imediatamente á presença de pai grande Rondon" (Folha de Goiaz, 1945, p. 2). A fala do cacique remetia às atribulações que seu povo vinha sofrendo:

> [...] ‘pai velho’, vim aqui pra dizer que um branco comprou 2.930 quilos de cristais de rocha dos Javaés e não pagou. O branco é Lauro Melo, mora á rua Machado de Assis n. 45 [...] o chefe indígena mostrou documentos da presença de funcionários do S.P.I. Prestou um longo depoimento, no qual narrou as atrocidades de que são vítimas os seus companheiros da aldeia por parte dos garimpeiros do rio Pium, desde 1935” (Folha de Goiaz, 1945, p. 2).

Logo após o depoimento do cacique, denunciou-se os responsáveis do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), e o silêncio caiu sobre o caso, como uma fumaça densa encobrindo rastros na história. Resta o questionamento: teria o caso se resolvido de forma justa, devolvendo a filha ao cacique, ou tornou-se apenas mais um entre tantos, marcado pela violência e pelo silêncio? No mais, esse é apenas um dentre muitos, evocando a imagem de indígenas que, em meio às agruras de suas cansadas vidas, também buscaram no garimpo um meio de subsistência nos sertões dos vales do Araguaia-Tocantins.

Poucos indígenas à época buscavam a exploração para viveram. A imensa maioria, na verdade, buscava viver da natureza, que requeria trabalhos cheios de experiência para plantar, pescar, caçar e, “fabricar louças [...] panelas, bacias, pratos rasos e fundos, potes e botijas de ótima forma e qualidade [...] os Carajás fiam e tecem algodão” (Audrin, 1946, p. 145).

Tudo isso implicava o desenvolvimento de “uma epistemologia do saber” (Rimualdo, 2021, p. 98) do sertanejo e do indígena. Eles se sujeitavam a vender “no povoado, a preço de banana, pássaro, caça, peixe, manta de pirarucu, principalmente para os patrões dos garimpeiros” (Morera Filho, 2020, p. 60).

Comercializar seus produtos a preço bastante baixo traduzia mais uma vez o medo que os indígenas tinham de seus violentadores; era um modo de evitar novos derramamentos de sangue. Com relação a carnes e peles de animais, “infelizmente eram quase sempre negociadas ou vendidas para os comerciantes, com grandes desvantagens para o caçador” (Cormineiro, 2010, p. 235). E dentro desse cenário o “índio garimpeiro era coisa rara” (Moreira Filho, 2020, p. 61). Os primeiros habitantes das terras no sertão garimpeiro não conseguiam fugir dos tentáculos do capitalismo, porque era preciso sobreviver e adaptar-se aos novos tempos que surgiam.

Nesse contexto, Dueré foi uma das cidades — entre outras tantas espalhadas pelo Brasil — que nasceu nos berços da violência, da assimetria de poder e da exploração de minérios, sobretudo do cristal que a “aldeia Dueré se acabou, em poucos minutos de fogo cerrado. Exalou-se na poeira de pólvora, só restaram cacos e potes, cerâmicas, flechas, arcos e outros utensílios indígenas” (Moreira Filho, 2020, p. 58). E isso acontecia não apenas com os

indígenas, mas também com alguns garimpeiros e posseiros que se tornaram “peão de trecho” (Kotscho, 1982, p. 63).

Logo depois do massacre dos indígenas, “os garimpeiros atearam fogo no que sobrou” (Moreira Filho, 2020, p. 58) para que fossem queimadas todas as memórias e sinais da existência e resistência da população autóctone. Esse apagamento representou a tentativa de extermínio que esses povos vêm sofrendo ao longo de anos, décadas, séculos na história desta República sangrenta que se fez plasmada em sofrimento que, em Dueré, foi ofuscado pela sedução do cristal de rocha.

2.1 A sedução do cristal de rocha

Uma cidade de sonhos, desejos e (des)ilusões. Dueré, iluminada pelo brilho do cristal, atraiu e expulsou pessoas. Era uma epopeia para se chegar até ela. Longe dos núcleos urbanos do próprio estado de Goiás, no centro do país — dentro de outro país, um Brasil desconhecido —, tinha-se que andar léguas tiranas, atravessando chuva e sol tórrido desde o amanhecer, até o cair da “tarde vermelha” (Castro, 1949, p. 226).

A vila e, consequentemente, a cidade de Dueré, erguia-se como um espaço de promessas efêmeras, onde a beleza do cristal brilhava tanto quanto a desilusão daqueles que ousavam sonhar. E a jornada até aquele lugar era marcado pela exaustão em decorrência da imensidão do percurso. Cada passo ao seu rumo, próximo de sua chegada atiçava mais ainda o risco de um futuro melhor.

Muitos sujeitos, movidos pelos seus sonhos nas jornadas que nem sempre eram para frente, iam descendo, subindo morros, serras, penhascos, despenhadeiros, entrando em cavernas imensas e “escuros buracos, tirante o que vem do céu” (Rosa, 2019, p. 385), passando por veredas secas, alagadiças e “oco de um grotão fechado de moitas” (Rosa, 2019, p. 22). Decerto que essas “viagens eram monumentais, distâncias intransponíveis e caminhos caóticos” (Rogério Júnior, 2022, p. 24). Essa perambulação era feita, de acordo com José Maria Audrin por:

> [...] picadas gigantescas do Araguaia até o Tocantins, através de mais de oitenta léguas brasileiras, isto é mais de quinhentos quilômetros de campinas desertas e matas fechadas, cortadas por diversos afluentes desses dois grandes rios, e nessa época quase totalmente inabitada (Audrin, 1946, p. 77-78).

Nesses caminhos de “extensas campinas e as várzeas verdejantes” (Audrin, 1946, p. 75), utilizadas por inúmeros viajantes por séculos eram identificadas como “estradas das tropas” (Moreira Filho, 2020, p. 157) ou estradas cavaleiras. Por elas, transitavam os andarilhos, aventureiros, boiadeiros, “tropeiros, viajantes, retireiros, geraisistas e ciganos” (Moreira Filho, 2012, p. 61) passavam nas suas negociatas do gado vacum, conhecido como curraleiro ou pé-duro.

Esses sujeitos cruzavam pequenas e grandes fazendas, onde os contrastes do sertão se faziam vivos: algumas ostentavam roças fartas e verdes, outras se reduziam a taperas velhas e abandonadas pelo tempo rangendo sob o peso do esquecimento e da solidão. Pelo caminho, esses sujeitos enredavam-se em toleimas — umas nascendo do nada, rápidas como o vento na poeira daquelas terras duras, outras velhas guerras que já vinham se arrastando por anos e bastava uma fagulha para reacender e explodir em chamas de sangue, e outras que iam morrendo no tropeço da velha, dificultosa e longa estrada.

E por ali também trafegavam os comerciantes, os vendedores de bugigangas, chamados de “mascates e regatões [...] em geral, sírios, apelidados de turcos e gringos, não deixavam de circular pelos mais remotos rincões enfrentando jornadas temerosas” (Audrin, 1963, p. 73) em busca do dinheiro que era escasso naquelas regiões.

Mas poderiam fazer barganha com outros objetos, como gemas, ouros, diamantes, cristais e até mesmo o espichado, para que assim o seu comércio pudesse ser realizado. Como foi citado no primeiro capítulo, eles traziam e levavam novidades da política, notícias, fofocas, dinheiro, sonhos e pesadelos, ajudando a configurar a existência do sertão garimpeiro.

Nessas estradas, por vezes se encontrava em “um dédalo de serranias tortuosas, pouco elevadas, mas inúmeras, cruza-se embaralhadamente sobre o largo dos gerais” (Cunha, 1975, p. 16). Nesse percurso, as pessoas iam adentrando e fazendo seus caminhos a cortar “uma densa floresta” (Gardner, 1942, p. 33) que perpassava o vasto cerradão aberto. Era por essas vias, o “caminhão volteava [...] junto a um boqueirão, para se afundar num prolongamento de buracos e pedras soltas a que se dava o nome de rodovia” (Brasiliense, 1960, p. 9).

Em época de chuvas havia, “trezentos caminhões atolados no varjão” (Bernardes, 2005, p. 21). No verão “a poeira encobria tudo” e, no inverno, “a lama petecava carro e passageiro” (Souza Filho, 1980, p. 19). Nessas situações, “a[s] notícia[s] corria[m] sertão adentro e das províncias” (Caiado, 1974, p. 17), viandantes, após meses de demorada viagem, uniam-se aos fundadores das novas vilas que ficavam por alguns lugares ou já se aglomeravam onde havia notícias de riqueza, como ocorreu em Dueré.

O escritor Carmo Bernardes (2005), que esteve na região, relata o tráfego constante nos tempos mais promissores da exploração de cristal. Nos dias de chuva, as “enxurradas de inverno. Riachos mesquinhos agora, nas cheias ferozes arrebataram areias fofas, atoleiros de morte” (Lima, 1977, p. 23-24). Para muitos sujeitos que buscavam melhoria de vida ao “enfrentar as estradas com aquele temporal era uma temeridade” (Castro, 1949, p. 268).

E as situações das estradas eram as mais dificultosas quase poderia imaginar, pois, “a estrada tinha não.... Era desvio... Atoleiro... Árvores atravessadas pelos caminhos... Ladeiras horríveis... E pinguelas quebradas, carecendo consertos” (Moreira Filho, 2012, p. 115). Esses obstáculos faziam muitas pessoas temerem o sertão garimpeiro, mas a vida requeria coragem e muitas os encaravam.

Na situação de invernada, “sòmente aos carros de rodagem alta, aos Fordes antigos, era possível a viagem naquela péssima estrada, que no período das chuvas se obstruía freqüentemente” (Paternostro, 1945, p. 298). Era comum, naqueles varjões embrejados com imensos pântanos alagadiços “ter o automóvel avariado na estrada cheia de grandes elevações e atoleiros” (Paternostro, 1945, p. 318). Era preciso bastante coragem “todo automóvel ou caminhão que parasse por ali necessitava da junta de bois para atravessar o atoleiro” (Paternostro, 1945, p. 321) engolidor de tudo.

Cada caminhão tinha suas particularidades, como as frases usadas nos para-choques, como: “acima do para-brisa [...] em letras grandes e brancas que se destacavam ‘Vamos com Deus! [...] Sofro sorrindo, Leão do norte, Vai ou racha, Vamos com Deus, Desabusa, Cravo das Meninas, Vou e volto, Terror de Goiaz’” (Brasiliense, 1960, p. 13-14). Neste aspecto, Brasiliense, acrescenta:

> [...] quase todos os caminhões que trafegavam por aquela estrada apresentavam na frente frases sugestivas. Os choferes acreditavam que isso lhes trazia sorte e era um verdadeiro amparo contra os desastres frequentes nas pontes, pontilhões velhos e de vigas soltas, ou nos chapadões escorregadios (Brasiliense, 1960, p. 13-14).

Tais frases continham superstições advindas das vivências do sertão garimpeiro, como “o chofer que não tivesse qualquer coisa escrita no seu caminhão não era considerado de boa gente, ficava à margem do prestígio desfrutado por seus companheiros naquela maloca de gente que era o garimpo de Pium” (Brasiliense, 1960, p. 14), de Dueré, de Xambioá, Araguanã, Arapoema, Piquizeiro, Aruanã, Cristalândia, Dois Irmãos, Monte Santo, Itaperatins e de tantos outros que estavam, no dizer do garimpeiro, explodindo no “nortão goiano”.

Moreira Filho explica que transitavam vários “caminhoneiros transportando madeira para o sul e outros, em sentido contrário, carregando para Belém do Pará, em gaiolas, gado carnudo para o abate. [...] ônibus cruzando... E dentro deles só rostos estranhos” (2012, p. 115-116). Nessas viagens, pessoas pagavam passagem ou pegavam carona para ir embora do garimpo de cristal, enquanto outras, movidas pelo sonho de riqueza, chegavam por esses varjões.

Eram pelas estradas cheias de “costelas-de-vaca” (Moreira Filho, 2012, p. 115) que os caminhões cortavam e por onde roncavam doidamente. Mas havia outras rotas para “chegar nos limites de Goiás com o Maranhão, na confluência do rio Araguaia com o rio Tocantins” (Júnior, 2010, p. 14). Entre esses, destacavam-se os rios, por onde muitos viajavam “em barcos primitivos, empurrados a remos e varas” (Audrin, 1964, p. 50).

Em outras ocasiões, munidos de um motorzinho a combustão, os viajantes, insistiam em driblar “as pedras que delineavam seus canais estreitos, vencer suas corredeiras e enfrentar banzeiros, que quase arremeteram seu barco sobre as pontas cortantes que desafiavam as embarcações” (Júnior, 2010, p. 14). As águas traçavam outro caminho perigoso a ser percorrido.

Juarez Moreira Filho (2009a) afirma que outra via importantíssima para se chegar à vila dos sonhos de Dueré e seus arredores era o ar. O memorialista Assis Fortes Sobrinho, em seu livro *Breve história de Xambioá*, conta que “pequenos aviões faziam o percurso do garimpo da Chapada do Chiqueirão [Xambioá-GO] para várias cidades: Carolina (MA), Marabá, Conceição do Araguaia, Belém (PA), Araguaína (antiga Lontra) e Porto Nacional, Goiânia, e outros lugares” (2006, p. 32).

Nesses outros lugares se estava extraindo e comercializando diamante, cristal de rocha e espichado, além de outros produtos aqui já mencionados que envolviam a economia garimpeira e sertaneja. Sobre esses locais, várias aeronaves transitavam antes de pousar e partir, desenvolvendo tráfego aéreo por aquele “nortão goiano”. Algumas, no meio do trajeto, sofriam acidentes, como o noticiado pelo jornal *Folha de Goiaz*:

> O avião sinistro era de propriedade do industrial Leoni Mendonça, que vinha utilizando o mesmo para fazer transportes semanais de cristal de rocha extraído dos garimpos de Pium, no município de Porto Nacional, de onde procedia, por ocasião do desastre. Segundo deduções feitas pelos peritos presume-se que o aparelho haja sofrido uma “pane” no motor, impossibilitando o seu piloto de fazer uma boa aterrisagem (Goiaz, 1944b, p. 4).

Esses acidentes eram corriqueiros e não apenas por falha técnica, mas também pelo clima na região que poderia mudar, principalmente no período de inverno. Outros, com vítimas fatais, eram provocados por irresponsabilidade humana[50]. Vale destacar que quase não existiam lugares de pouco e decolagem para as aeronaves, já que eram comum "pista de pouso improvisada, feita a machado, foice, picareta, enxadeco e alavanca pelas mãos calejadas dos próprios garimpeiros" (Moreira Filho, 2020, p. 70).

Por um lado, a ausência de estrutura para que se fixassem ali rotas aéreas seguras; por outro, a necessidade de fazer negócio rápido para ganhar dinheiro e retornar para casa ou para outros garimpos. E assim, surgia um "pequeno aeroporto, improvisado às pressas" (Castro, 1949, p. 304) — símbolo/representação de um cotidiano marcado pela urgência e pelo improviso de ganhar dinheiro.

A população ficava nas vizinhanças do aeroporto e ali finalizava negociações já programadas em datas anteriores ou fazia negócios às pressas na chegada e partida dos aviões, em que "os garimpeiros começaram a ouvir o ronco do téco-téco. Foguetes estouravam no céu. O povo gritava" (Castro, 1949, p. 305), sinalizando que negócios de compra e venda de cristais e outras mercadorias poderiam ser realizados, pois, nas brenhas do sertão garimpeiro, "tudo [era] negócio" (Castro, 1949, p. 314). Entre gritos, poeira, lama e foguetes era realizado o encontro ao redor do aeroporto improvisado, e, indo além, era a celebração de sobrevivência.

Existiam diversas vias para se chegar a Dueré; algumas delas foram descritas como "estradas da depuração" (Castro, 1949, p. 305), com passagens labirínticas, perigosas, que já eram conhecidas no sertão garimpeiro, visto que "a estrada era como caminho de casa" (Brasiliense, 1960, p. 11). Outras eram desbravadas pelo povo sertanejo que "servia-se com destreza do facão, para abrir e limpar o caminho" (Audrin, 1946, p. 75).

O trânsito também se dava pelos rios que eram cortados e navegados pelos barcos por horas, dias, semanas, meses a fio e com o "gigante dos ares" (Castro, 1949, p. 305) rasgando o céu do sertão garimpeiro no nortão goiano. O memorialista Fortes Sobrinho lembra a intensidade dessa conexão aérea: "os aeroplanos não paravam. Iam e voltavam conduzindo pedras preciosas, garimpeiros, curiosos, aventureiros de toda as partes do Brasil, gêneros

[50] O ex-garimpeiro Nazário Fernandes me relatou que vários acidentes aéreos ocorriam na região garimpeira, um deles no garimpo da Chapada do Xiqueirão na região de Xambioá. O pai (ou o tio, ele não se lembra ao certo) estava ensinando o filho (ou o sobrinho) a pilotar. O aprendiz de piloto saiu o garimpo e foi para a cidade sobrevoando a região. Ao chegar na casa de uma mulher, convidou-a para fazer um voo sobre a cidade. A princípio, a moça aceitou, mas depois se recusou a entrar no avião. O piloto fez uma manobra, o avião mal ganhou os ares e caiu, matando-o.

alimentícios, enfim, tudo o que fosse necessário para o funcionamento do garimpo" (2006, p. 33). Entre estradas e rios e pelo ar, o sertão vibrava com o movimento que (trans)formava o impossível em rotina cristalífera.

Muitas pessoas "tentaram a penosa viagem; morreram em caminho, [...] algumas alcançaram [...] vinham idosos e incapazes de suportar as asperezas do sertão" (Audrin, 1946, p. 50). As que conseguiam continuavam firmes, buscando realizar seus sonhos. Entre elas se viam homens, mulheres, velhos, jovens e crianças de corpos cadavéricos, humilhados, mortos-vivos, flagelados de tudo quanto é lado, com rostos fatigados pelo labor da vida, suas armaduras empoeiradas, farrapos maltrapilhos.

A miséria de suas condições em "trapos das vestes, as feridas, o semblante resoluto, mas alquebrado" (Élis, 2005, p. 208) e, nessas andanças, para matar a sua fome, iam "trazendo uma rapadura e um litro de farinha" (Queiroz, 2012, p. 22). Por mais simples que eram esses alimentos, foram conquistados com muito suor e sacrífico, tornando-os tenaz a vida.

Alguns caminhavam de pés descalços, com os solados grossos e rachados de tanto andar sobre o solo do sertão, outros "usavam chinelos de couro, que estavam empoeirados" (Castro, 1949, p. 258), enquanto muitos desses sujeitos tinham os "enormes dedos divergentes, esparramados, tão largas as precatas de borracha de cobertão" (Bernardes, 2005, p. 44) feitas artesanalmente com couro de animais, às vezes com botinas que, já gastas, mal protegiam os pés das asperezas do caminho.

Para compreender maior profundidade essa realidade dolorida, Bernardo Guimarães retrata aqueles viajantes como homens, mulheres, crianças, idosos que estavam "levando na algibeira a miséria, e o desespero" (1951, p. 76). E, ainda assim, seguiam adiante, enfrentando cada pedra e espinho, fome, sede, frio e calor, como se fosse um obstáculo a mais — passageiro — a ser superado por dias melhores. Nesses passos firmes, os sertões, sobretudo os sertões garimpeiros, eram testemunhas dos sacrifícios e das persistências que sustentavam os corpos e as almas daqueles pobres desgraçados.

Muitas pessoas faziam caminhadas por "léguas e léguas dessa tristura do cerrado feio, espinhento e sêco" (Palmério, 1957, p. 8), de matas fechadas, em cima de caminhões debaixo de sol ardente, noites escuras, outras em lua dourada, com chuvas finas ou violentas em cima de "carros-de-boi gemendo, cantando, rangendo e soluçando pachorrentamente num ruido lendo e monótono, descendo [e subindo] o espigão" (Moreira Filho, 2012, p. 53) goiano. Em cada passo e suspiro de bois, dor, felicidade e esperança se entrelaçavam nas longas, tediosas e cansadas jornadas.

A pé, com suas alpargatas e botas já desgastadas pelo uso e pelo tempo, outros caminhavam até mesmo descalços; alguns, montados em cavalos, bois, mulas e burros que, nas palavras de Brasiliense, “já [...] se arrastavam penosamente sob o peso das bruacas entulhadas [...] cujo o lombo era uma colcha de retalhos de cicatrizes e feridas novas” (1960, p. 142). Quanto aos cavalos, “as orelhas deles chegam a cair, nas feridas que os carrapatos abrem” (Bernardes, 2005, p. 87). O sofrimento era estampado nos corpos daqueles animais, como se aquela realidade escabrosa tivesse sido imposta a eles também.

O animal de montaria, surrado ao longo da estrada “fora comprado, dado, trocado e revendido, por bons e maus preços” (Rosa, 2017, p. 27). Os jumentos, apesar de “lerdos, vagarosos, pouco diligentes” (Moreira Filho, 2020, p. 185), ganhavam preferência. Isso porque, “um jumento, por mais magro que seja, é sempre um jumento” (Palmério, 1957, p. 114), resistente e acostumado a levar no lombo grande quantidade de carga. E, nesse contexto, a viagem seguinte, “ao trote penoso do cavalo” (Queiroz, 2012, p. 33), levava aproximava os animais fatigados e os viajantes de seu destino.

Com passadas pequenas e firmes em cima do arreião, mulas, jegues, cavalos e burros iam “resistindo com dureza de seu casco o pedregulho das estradas” (Castro, 1949, p. 230). E por essa realidade sertaneja com os animais, “todo burro na estrada tem uma marcha única, reconhecendo as alturas não precisa estugar” (Bernardes, 2005, p. 127). Esses animais de carga acompanhavam comitivas de sertanejos.

Às vezes, via-se um viajante “carregando feridos ou os levando no seu cavalo enquanto ia a pé. Por causa de um companheiro, não media sacrífico” (Élis, 2005, p. 205). Cada passo, seja das pessoas ou dos animais, era um passo para as proximidades das incertezas e das infinitas durezas do sertão garimpeiro, em cada passagem, os desafios tornavam-se mais intensos, testando os limites de suas vidas.

Também se observavam homens solitários que, nessas viagens pelos Gerais, levavam no jumento a “talha e a ferramenta da garimpagem. [...] muita farinha, charque, rapadura, café para uma boa temporada” (Palmério, 1957, p. 110). Pelas estradas rumo às brenhas do norte goiano do sertão garimpeiro, muitos “marchavam em lombo de burro durante meses” (Tournier, 1942, p. 14).

Sem que se encontrassem “com alguma viva alma, por aquela estrada imensa” (Castro, 1949, p. 255). E, às vezes se via “um homem com uma trouxinha no cacete, e mais à frente, dentro de uma nuvem de poeira, um cavaleiro galopando” (Queiroz, 2012, p. 34) naquela vastidão, o horizonte, por assim dizer, perdia-se de vista, parecendo engolir tudo ao seu alcance. O imenso sertão se apresentava como uma paisagem sem fim, onde cada sujeito

solitário ou pequeno grupo que surgia tornava-se uma miragem na imensidão, aos poucos se diluindo na terra.

Por isso, Astolfo Serra no seu livro *A Balaiada*, argumenta que, "num burro, o homem do sertão é capaz de varar o mundo" entrar e sair das mais dificultosas passagens labirínticas, e "não há distância que o faça recuar" (1946, p. 37). Mesmo diante das mais variadas estações e climas, "anda léguas e léguas sem se alterar. A marcha é sempre a mesma, o passo monótono do animal, quer faça chuva ou faça sol" (Serra, 1946, p. 37).

Burros, jumentos e mulas eram os alazões do sertão e companheiros de jornada dos sertanejos nas situações mais adversas e "para o sertanejo, o burro e o cão são os seus animais de cooperação ativa e inevitável" (Serra, 1946, p. 37) sob o sol escaldante ou forte chuva, sem fraquejar diante da inópia que assolava a vida de seus donos para onde quer que fossem o sertanejo "não se apressa, por que sabe que chegará" (Serra, 1946, p. 37), de volta para casa, carregando mantimentos ou rumo às áreas de garimpo na esperança de encontrar riquezas minerais. Esse desejo era o combustível que alimentava essas andanças.

Outras pessoas se movimentavam por trilhas arenosas e matas virgens, navegavam em territórios aquáticos inquietos, voavam sobre o céu de vários climas ou cavalgavam por caminhos longos e selváticos, antes desconhecidos, percorrendo o trajeto em fuzuê ou em constantes silêncios. De certo, é que cada rumo, guiados pela esperança, uma descoberta do novo, do exótico, onde reinava a incerteza e expectativas futuras.

Iam todos movidos pela intenção de chegar a Dueré. Nesse contexto, Palmério, provoca uma reflexão ao observar que o "garimpeiro viajava de olho pregado no terreno, assuntante" (1957, p. 169-170), como se estivesse hipnotizado ou, como muitos chamavam no garimpo, com a febre e o delírio do cristal. E naquele território inóspito, dedicava-se loucamente – fascinado – à procura de "todas as variedades cristalinas e quartzitos ásperos" (Cunha, 1975, p. 20) que pudessem encontrar ao longo de sua trajetória.

Dependendo das condições climáticas, a viagem poderia demorar, algumas horas, dias, semanas, meses. E a comitiva, que viajava "sempre pelas estradas garimpeiras, pelos caminhos das tropas" (Moreira Filho, 2020, p. 258), enfrentava as mudanças de relevo e clima. Se fosse inverno, a rota era dificultada porque "a estrada desaparecia debaixo dos verdadeiros brejos" (Tournier, 1942, p. 75). As veredas se transformavam em medonhos atoleiros, tornando o percurso mais longo e exigindo sacrifícios. O padre Quinto Tonini, no livro *Dom Orione: entre diamantes e cristais*, acentuou:

> Chuvas de verão [e inverno] começavam a cair; às vezes, com tanta violência que chegava a tolher a respiração. Inclusive dos cavalos. Entre o riacho Lago e o rio Corda encontrava-se extensos pântanos. Durante o período das chuvas, as águas se represam no solo por alguns meses. Os cavalos muitas vezes ameaçaram de afundar-se na lama e morrer (Tonini, 1959, p. 84).

Em sua jornada exaustiva, o sertanejo-garimpeiro buscava incessantemente qualquer minério de valor, guiado pela esperança de descobrir uma fonte de riqueza. Em algumas ocasiões — mesmo nos temidos atoleiros brejosos —, como na busca do diamante, até o "chapéu de garimpeiro [servia] também de bateia" (Palmério, 1957, p. 170). Na persistência de encontrar sua felicidade, transformava objetos simples em ferramentas de sonhos, moldando à necessidade, com mãos rudes e olhos fixos no solo.

O escritor regional Eli Brasiliense, que conviveu e sentiu de perto essa cultura do sertão garimpeiro de cristal de rocha, escreveu, em seu livro *Pium: nos garimpos de goiás*: "quem viajasse por aquelas bandas, que naquela época tinham desusado movimento, um constante vai-vem de caminhões, automóveis, carros de bois, cavaleiros, gente de pé, de saco ás costas, gente por cima de carga de veículos" (1960, p. 12).

Gente de todo o lugar do mundo e o do Brasil tentavam, das mais variadas formas, estar naquelas brenhas do antigo nortão goiano. E eram tantas as etnias e culturas que se misturavam, de modo que se uniam "brancos, com pretas, cristãos com índios" (Audrin, 1963, p. 142-143) do sertão. O sertão ia, assim, (trans)formando-se no magma sociocultural do garimpo de cristal de rocha. Afinal, era "preciso toda a espécie de gente para formar um mundo" (Moreira Filho, 2020, p. 126) nesse caso, o sertão garimpeiro em sua existência contingencial.

Essa gente buscava meios para lutar contra um dos maiores males que assolavam sua vida: a pobreza e, por consequência, a fome. Eram, como "multidões famintas que revela[vam] em seus rostos, em seus gestos em suas atitudes fatigadas a marca sinistra da fome" (Castro, 1959, p. 39) que persista acompanhá-los em todos os segundos de suas vidas.

Contra e dentro dessa luta, encontravam-se "mulheres, velhos, crianças, moças, meretrizes, homens fortes e sadios, outros opilados e tristonhos, toda essa massa humana movediça de que era formada a população dos garimpos" (Brasiliense, 1960, p. 14-15) num Brasil totalmente desigual, violento e renegado. Esses, eram "os heróis anônimos" (Moreira Filho, 2009a, p. 112) que paradoxalmente compuseram o antigo norte goiano, hoje estado do Tocantins.

Pessoas esqueléticas, de olhos fundos e grandes, "olhos que não sabiam disfarçar a tremenda revolta de um espírito desenganado das coisas da terra, sem lei nem rumo certo"

(Brasiliense, 1960, p. 33). Com sacos levados nas costas, cheios de cacarecos e sonhos, homens e mulheres, desprovidos de quaisquer poderes sociais, filhos da exploração e da desigualdade reinantes por séculos neste país, suplicavam um pouco de dignidade humana.

Eram inúmeras pessoas, por vezes solitárias, na companhia apenas de esperanças de dias melhores, ou em famílias que compunham "uma multidão faminta e nômade" (Brasiliense, 1960, p. 33), vivendo debaixo do sol tórrido e na escuridão da noite abafada ou no meio de chuva com ventania de frios medonhos, muitas vezes tendo como alimento o que a terra oferecia, como "os palmitos das macambiras e caruás, aceirando as estradas, eram arrancados e comidas mesmo em marcha" (Benício, 1997, p. 68), assim como outras raízes de plantas durante boa parte da viagem, como as batatas e os frutos dos muitos pés de "cajueiro anão das chapadas arenosas" (Castro, 1967, p. 59).

Quem tinha alimento, seguia comendo carnes de criações e de caças conservadas na gordura de porco dentro de um recipiente. O alimento frito era conservado por meses e, quem o tinha, viajava comendo o que muitos chamavam de "o frito andando" (Bernarde, 2005, p. 71). Muitos varavam sertões, vilas e cidades, alimentando-se de carne-de-sol e charque que eram usados comumente.

Nesse contexto muitos "vaqueiros nas suas lidas, sob a forma de paçoca, ou seja, de carne moída pilada e misturada com farinha de mandioca torrada e temperada. Constitui êste prato um dos poucos traços de influência nìtidamente indígena na cozinha do matuto" (Castro, 1967, p. 70). Com água ou suco de frutas naturais essa paçoca rendia – dava sustância por horas –. Além de ser uma prática comum nessas viagens, era um alimento que poderia ser transportado facilmente em longas jornadas.

Tais comidas garantiam, em parte, a sobrevivência de todos aqueles sujeitos que viviam no sertão, nas vilas, nas cidades, que vinham e voltavam, que passavam e também ficavam por aquelas paragens. Eram os mesmos sujeitos de faces cadavéricas, com roupas maltrapilhas, que sempre foram explorados, excluídos — quando não usados como massa de manobra pelos mandarins — e ignorados do processo histórico-político do país. Foi assim no Brasil Colônia, no Brasil Império, no Brasil República Velha ou República das Oligarquias, com a elite jogando o povo de lado.

Na República Nova[51] — que de nova só tinha o nome —, mais uma vez os destinos do país foram regidos pela fidalguia e novamente os direitos dos povos pobres foram

[51] O golpe de 1930 reforçou as relações de poder entre chefes políticos, do alto escalonamento da República ao prefeito mais remoto, consolidando práticas enraizadas desde o Brasil Colonial (Janotti, 1981). Com o golpe do

escamoteados – caindo da mesa apenas migalhas –. Como afirma a socióloga Nísia Trindade Lima no livro *Um sertão chamado Brasil,* a ausência de políticas públicas constitui um dos males do Brasil herdados do período colonial (1998).

Existe uma máxima popular no varjão garimpeiro evocando esse jogo de poder político, que diz*:* "mudam-se os dedos, mas os anéis são os mesmos". Infelizmente, esta é uma realidade do país: mudam os nomes daqueles que fazem parte da esfera administrativa, mas a essência da exploração e o arco do sistema selvagem são os mesmos, mantendo, de certo modo, um sistema de capitanias hereditárias.

Esses que falam em nome do povo, recebem o poder de representatividade do povo, são os primeiros a traí-los, fazem todo tipo de artimanhas para manter a situação de miséria, mantendo o povo em um quadro social de pauperismo. Onde reinava o apotegma popular de "a mesa do pobre é escassa, mas o leito da miséria é fecundo" (Castro, 1967, p. 43). Eis o projeto do baronato que sempre deu certo nessa triste República: o projeto da exclusão.

Euclides da Cunha afirma que foi "no mesmo solo perturbado" (1975, p. 26) que o Brasil se fez. E Dueré não fugia a essa realidade, foi se construindo em meio ao sertão garimpeiro e na extração de cristal de rocha. Uma cidade feita de sonhos, ilusões, violências, loucuras, risos e lágrimas, tristeza e felicidade, com noites e dias inesquecíveis e sua pujança ganhando mais complexidade nas relações humanas.

E foi "naqueles pés de serra duerenses" (Moreira Filho, 2012, p. 106), com a paisagem encantadora, onde abraça e também excluí que a cidade se tornou tanto amada como odiada, rica e, ao mesmo tempo, cheia de pobreza. A historiadora Pesavento ilumina essa contradição ao afirmar que tais cidades geram "sentimentos contraditórios [que] superpõem todas as situações possíveis" (1999, p. 102). Agregando todas as possibilidades das vidas humanas.

Esse turbilhão de sentimentos se revelava em euforia quando da descoberta de uma jazida de cristal — no dizer do garimpeiro: "estourou um garimpo". Era anúncio de riqueza, explorações e de chegada de gente de toda parte, foram "mais de 5 mil homens espalhados pelos manchões. Parecia um formigueiro humano. E chegando mais gente de avião, de tropa ou mesmo a pé, enfiada pelo meio do mato feito bicho bruto, selvagem" (Moreira Filho, 2020, p. 78).

Estado Novo, segundo Raymundo Faoro, "uma geração nova, reverente ante os símbolos luminosos, mas sem força, descobrirá que a paz aparente esconde o governo oligárquico" (Faoro, 2001, p. 524). Em vez de romper com o poder oligárquico, o golpe centralizou o poder no Estado e fortaleceu as alianças clientelistas, sustentadas pela burocracia e pela dominação dos líderes locais, deixando mais uma vez o povo a margem da sociedade e com minúscula participação da República.

Quem vinha para esses sertões onde estourava garimpos, era “gente boa, gente ruim, gente velha, gente nova: homens, mulheres, crianças. Gente igualzinha à de toda parte, morando na roça e na cidade” (Palmério, 1957, p. 9), misturando-se entre o campo e a nascente cidade de Dueré, cruzando sonhos e necessidades, fazendo dela uma estação de (desen)encontros a qual formava um tecido social, um emaranhado de vida.

Sob essa perspectiva, ao tratar do fluxo migratório contraditório que “em meados do século XIX, várias famílias em busca de melhores condições de vida e de terras mais favoráveis às atividades da lavoura e a criação de gado partiram da região [...] do Maranhão e Piauí” (Nunes, 2014, p. 188), como também de outros estados da República brasileira.

Esse formigueiro de gente fazia do sertão garimpeiro um lugar muito mais difuso e dialético, um ir e vir de pessoas, umas perdidas, algumas sendo levadas por outras, às vezes compartilhando as mesmas ânsias, dores, fantasias, mas muitas delas não se conheciam, mesmo fazendo parte de um “um rôr de gente de todas as idades, de tôdas as profissões, de tôdas as camadas sociais” (Brasiliense, 1960, p. 19).

Entrando ou saindo, buscando sobreviver em meio ao caos social que o Brasil vivenciava, deste modo, havia “cristãos no mundo que partem de sua terra natal e nunca mais voltam. Outros vivem viajando ao léu, ao deus-dará, por conta do seu próprio destino, pensando em fazer fortuna, em bambúrrio fácil” (Moreira Filho, 2020, p. 42). E na construção dessa realidade garimpeira, destacam-se as palavras de Eli Brasiliense:

> Tropas surgiam numa mistura de gritos de peões e de tilintar de guizos. Carros de bois gemiam, carregando trastes velhos, ferramentas novas e usadas, seguidos de gente a pé, empoeirada, cabeluda, assanhada. O êxodo dos campos e dos lugarejos escorria todo pra ali. [...] Gente chegando a pé, de saco nas costas (Brasiliense, 1960, p. 19-20)

A estação garimpeira causava esse ir e vir de pessoas, separava ou estreitava laços humanos, familiares e também os (des)construía. O sertão garimpeiro de cristal de rocha, além de sua composição geográfica, era constituído por esse devir, pelo magma humano e social forjado por ganância e cobiça. Dueré revelou “novas surpresas [no] sertão bruto, descampando [...] de sol causticante, [...] das noites enluaradas; dos causos, das anedotas, [...] dos versos, das cantigas [...] e das estórias de Trancoso” (Moreira Filho, 2012, p. 105).

No meio do agreste, o garimpo pulsava em alarde e os núcleos e jazidas de cristais, que “se aglomeravam e lançavam a semente básica de algum povoado” (Caiado, 1974, p. 17) e de futuras cidades que deixaria mais complexa a existência humana nas mais variadas esferas sociais, surgindo encruzilhadas de vidas, onde o cristal misturava com os sonhos,

atraindo comerciantes, rezadores, forasteiro, homens, mulheres, idosos, crianças, aventureiros, ricos e pobres.

Por esses confins de jazidas de cristal de rocha, havia “só caminhos estreitos, tortuosos, em ziguezague, entre uma morada e outra, espalhadas pelo cerrado a fora” (Moreira Filho, 2020, p. 89). Mas o garimpo intensificou a existencialidade do sertão, porque, “onde o garimpeiro pisava por algum tempo brotava um povoado qualquer” (Brasiliense, 1960, p. 15). Deste modo, o sertão, era (re)desenhado pela febre do cristal de rocha e do diamante.

Assim aconteceu com dezenas de povoados e, nessa mesma toada, “tempos depois abria-se uma estrada de rodagem até lá [na vila-cidade]. Caminhões e automóveis iam e vinham apagando com seus pneus rastros grandes e pequenos calcados na terra fofa” (Brasiliense, 1960, p. 20) que sustentava os desejos mais loucos do garimpo e a consequência era a metamorfose da paisagem como um todo.

Por esses caminhos tortuosos, oblíquos, os garimpos tinham “uma vila acidentada” (Castro, 1949, p. 225). Muita gente caminhava rapidamente em direção a seus trabalhos no roçado, que eram plantações. Conhecedor desses Gerais, muitos plantavam “meia quarta de arroz aqui, litrinho ali de feijão comum; milho, cana e mandioca; e lá, uma vez na vida, um canteirinho de algodão” (Palmério, 1957, p. 8), era de onde se fazia o sustento de suas vidas para além de outras atividades rurais.

Os sertanejos tinham os “mantimentos para serem vendidos na cidade, principalmente [...] farinha de puba e de tapioca, mandioca, fava, feijão-de-corda, balaios de gergelim, rapadura” (Moreira Filho, 2012, p. 102). Além do roçado, era na garimpagem que se buscava o pão-de-cada dia para matar a fome, o que se tornou um ato revolucionário em um país desigual, cheio de pobreza e ignorância como o Brasil. O trabalho diário entre o roçado e o garimpo na enxada, alabanca, e a bateia revela vai revelando a luta pela sobrevivência.

As ruas da cidade multifacetada de Dueré, “eram tortas e indecisas [...] ora largas, ora estreitas, acabavam-se bruscamente, sem mais nem menos” (Moreira Filho, 2010, p. 38). E, assim como a cidade se tornava multifacetada no cerradão — no coração do Brasil — teria naquele lugar “a relva e florinhas do campo invadiam as ruas” (Paternostro, 1945, p. 295), indicando o desleixo com a paisagem e a mistura inesperada do campo com a cidade. Era o urbano que se misturava com sertão.

Essas vilelas e ruas revelavam a pulsação ardente do tempo em que o garimpo se fazia vida — ali, corriam homens, mulheres e crianças, todos movidos pelo ofuscar do brilho do cristal e diamante, cada qual sonhando com a sorte grande, com a riqueza que viria lavar os

dias duros e trazer esperança de enriquecer e viver dias melhores. Sobre esse fervor de esperança escreveu Brasiliense:

> O arraial crescia como leite fervendo. Agarrava-se nos morros, alastrando-se pela chapada numa sucessividade de ranchos e barraca; descia ladeiras, equilibrava-se nos barrancos. O lugar atraia mais gente. Chamava mais dinheiro e mais miséria. As rodovias tornaram-se insuficientes para atender ao movimento de gente que queria ir pra aquêle pandemônio. Fez-se um campo de avião (Brasiliense, 1960, p. 20).

A exploração de cristal de rocha fervilhou e fez reboliço no "nortão goiano", no grande sertão garimpeiro, onde, mais tarde, vilas (arraiais) se tornariam pequenas cidades no meio desse imenso sertão. Desta forma, as jazidas de cristal de "Pium, Fundão e Cristalina atraíram toda cambada de sanguessugas da economia popular, de mistura com os malaventurados cavadores de terra, fabricantes de cidades" (Brasiliense, 1960, p. 15). E o lugar estava se (re)fazendo, se (re)formulando e "seguindo o seu próprio ritmo" (Palacín, 1990, p. 19).

De início tímido e depois acelerado e agressivo com suas estruturas peculiares, desenvolvendo riqueza e, na mesma intensidade, miséria, pobreza, engano e exploração, o norte goiano foi palco de relações conflitantes, dessa vez a partir da exploração garimpeira do cristal de rocha e outras possíveis gemas que eram encontradas. Os contrastes entre a vida dos mais pobres e a vida dos mais ricos eram escancarados em todos os aspectos, notadamente nas condições de moradia.

2.2 Casarões para os ricos, casebres e ranchos para os pobres

A natureza fornecia material para os sertanejos construírem seus ranchos de pau-a-pique. E para uma reflexão gritante, Pesavento assevera, que "os excluídos da cidade habitavam em casebres" (2001, p. 116) e a realidade do sertão garimpeiro, na cidade de Dueré, não se diferenciava. Essas casas eram feitas de barro e cobertas com palha de piaçaba. Algumas moradias eram "cobertas com sapé, palha de najá ou piaçaba, assemelhando-se mais a tapera" (Moreira Filho, 2010, p. 35) e árvores nativas, como a cega-machado, eram cortadas para deixar, de acordo com Bernardes, a casa "encaibrada e ripada" (2005, p. 30).

A construção realizada no "emparedamento feito com braço de buriti [e com talos de coco babaçu], fica com enchimento, tapadinho" (Bernardes, 2005, p. 30). O barro, pisado com os pés ou amassado com as mãos, era jogado entre os talos amarrados com cipó do mato. Outras paredes eram amarradas com as próprias palhas da palmeira de babaçu e recebiam o

nome de “casa de palhas piaçaba” (Moreira Filho, 2020, p. 82). Assim, com emprego da engenheira sertaneja, o casebre ia ganhando forma. Falando sobre essas construções e as casinhas de taipa, Juarez Moreira Filho descreve:

> [...] com piso de chão batido a picolé, paredes de taipa de barro atirado com às mãos, portas e janelas em talos de buriti, a exemplo de algumas palhoças, construídas ali mesmo, no garimpo de Dueré. Isso, inicialmente por que a maioria absoluta era de barracos feitos de lascas de madeira com cobertura de palhas de coqueiros ou capim de várzeas (Moreira Filho, 2020, p. 83).

E não parava por aí, conforme o autor, exemplifica que com uma “casa de taipa com cobertura em palhas de piaçaba, bem alta, de cômodos arejados” (Moreira Filho, 2020, p. 85), que acomodava a economia e as condutas de seus habitantes. Deste modo, o “homem qui vive em paz com sua consciença, não precisa dobrá o espinhaço pra entrá em casa. Entra mais é desimpenado, com a cabeça em pé” (Brasiliense, 1960, p. 22), visto que a casa do sertanejo-garimpeiro representava a economia moral, envolta da honra.

As casas de pau-a-pique eram construídas por empreita quando um sujeito ou mais faz(em) negociações de valor(es) para entregar a casa construída para aquele que está desejando os serviços do empreiteiro ou em mutirões, quando grupos de pessoas realizavam o trabalho na base da amizade, entrelaçando, com ainda mais ternura, os laços de companheirismo que nos sustentam e aquecem na travessia dos dias, meses e anos.

Enquanto os adultos trançaram folhas e amassavam barro, as crianças se encarregavam do “transporte das palhas de piaçaba, das embiras e de embiruçu, do barro. E ainda da madeira roliça pras vigotas e pra demarcação do quintal, caibros, portais, tabocas e cachorros de cobertura, tudo isso conduzido no lombo de jegue” (Moreira Filho, 2020, p. 92). Depois de prontos, “eram ranchos resistentes” (Castro, 1949, p. 226), a qual, pela duração do tempo, resistindo ao sol ardente e às chuvas incessantes, levaria décadas até enfim ceder e cair.

Era um trabalho penoso debaixo do sol fervente, pois a maioria dessas casas só poderia ser erguida na época da estiagem. Na epistemologia da vida garimpeira, o construir a casa não ficava só por aí. Tinha-se que saber a lua certa para retirar a madeira para que ela não pubasse — apodrecesse antes do período certo —, escolher a argila e as pedras para o sustento da casinha.

Era bastante cansativo arrancar e transportar as “pedras de pedreiras distantes, derrubar nas matas árvores frondosas, lavrar peças gigantescas de madeira de lei” (Audrin, 1946, p. 301). E nesses lugares onde estava-se se construindo vilas e cidades, as “casas de

grandes quintais são separadas por cercas de achas de aroeira" (Paternostro, 1945, p. 303) enquanto o terreno era "todo cercado em pedras-cangas" (Moreira Filho, 2020, p. 243).

Havia gente em Dueré que dizia abertamente: "não tenho vocação pra diacho de garimpo" (Moreira Filho, 2020, p. 86) e nem ao menos ia à busca dos cristais nos garimpos. Muitos ganhavam a vida no roçado, na carpintaria, na caça, na pescaria, na construção de casas. Sobre essa realidade, o sertanejo "tudo fazia no garimpo [...]. Vivia de tudo menos de cristal de rocha" (Castro, 1949, p. 232).

As árvores do cerrado do nortão goiano tinham grande importância para os sertanejos. Os talos de buriti, as lascas de madeira que sobravam das derrubadas que abriam caminho para pastagem do gado vacum e das queimadas das coivaras eram usados para fazer o telhado dos casebres. Na falta das palhas de coco babaçu e piaçaba; até o capim de várzea servia.

Os garimpeiros viviam em condições miseráveis de habitação. Moravam em ranchos "cobertos de palhas [...] najá, lascas de paus, [...] lonas, papelão, folhas de flandres e o escambau" (Moreira Filho, 2020, p. 100). Não raro e dentro dessa mesma realidade garimpeira, tinham somente um "rancho quase a desabar fazendo prodígios de equilíbrio com o madeiramento todo pôdre. Uma torre de Piza de palha e barro em miniatura" (Brasiliense, 1960, p. 43) que, apesar disso, assinala Bernardes (2005) recebiam hóspedes com todo prazer, simplicidade e humildade que se poderia imaginar.

Pobreza e sofrimento marcavam essas moradias paupérrimas. Grande parte dos garimpeiros se virava "num rancho bambo, daquele jeito, esbagaçado" (Brasiliense, 1960, p. 992). Pessoas trabalhavam diuturnamente nas margens dos garimpos e das roças e nem sequer conseguiam arrumar seus ranchos em ruínas. A vida dessas pessoas eram um amontado de urgências e limitações, onde buscar o meio de sobreviver se sobrepunha a qualquer necessidade de conforto.

Ajeitavam-se em casebres de flandres, tampando o buraco das paredes que muitas casas estavam cobertas "com um papelão sujo de barro" (Gomes, 1949, p. 302). Nesse cenário, em que muitos passavam "até dez anos, sem erguerem uma construção, sem as reformarem" (Moreira Filho, 2010, p. 36). Era o garimpo em seu ritmo acelerado da exploração de cristal. Assim, o cotidiano garimpeiro era feito pela precariedade e pelo imprevisto.

Outros sertanejos não tinham tempo — em decorrência de longas horas fastidiosas de trabalho — muito menos dinheiro para construir sua casa. Esses "se metiam em locas de pedras, onde muitas vezes permaneciam constantemente, à mingua de meios para construir um rancho" (Brasiliense, 1960, p. 21). Vista a partir dessa descrição, pode-se dizer que a área

de garimpo era, em seu nascedouro, já um lugar decadente. Muitas cidades garimpeiras, configuravam-se como uma “cidade temporária” (Castro, 1949, p. 243) cuja existência dependia do tempo que durava o garimpo.

Não muito distante dos locais de garimpagem, viam-se “vários casarões de coronéis, empresários, políticos e mandatários do lugar” (Moreira Filho, 2020, p. 54). Eram edificações bonitas e segundo Eli Brasiliense (1960) bem pintadas, erguidas ou reformadas com “grandes tijolos crus” (Gardner, 1942, p. 314) feitos nas próprias fazendas dos coronéis. Nessas propriedades havia “olarias de telhas e tijolos” (Castro, 1949, p. 246), que permitiam uma construção mais sólida, de melhor aspecto e maior duração.

As casas desses coronéis, os senhores de tudo, eram rebocadas e caiadas, erguidas “com as repartições formadas de um tecido de varas, barreadas de argila alisada pela mão do trabalhador e toda ornamentada de traços deixados por seus dedos” (Gardner, 1942, p. 314). Essas casas eram “munidas de portas e janelas suspensas com dobradiças” (Audrin, 1963, p. 66), rebocadas e diferentes de muitas.

Elas eram “cobertas de telha de Marselha” (Rangel, 1920, p. 58). Essas construções, feitas pelas mãos daqueles que jamais habitaram algo semelhante, refletiram o contraste social. Esses casarões, casonas foram “levantadas com adobes, cobertas de telha francesa, com madeira de lei serrada, enladrilhada com peitoril rebocado” (Moreira Filho, 2012, p. 88).

Essas residências eram espaços privados de uma elite regional — tanto estadual quanto nacional — que manifestava seus símbolos de prestígio econômico, social e político com base na exploração do trabalho de muitos trabalhadores. A arquitetura da cidade no sertão garimpeiro tornava-se uma expressão (in)visível das incontáveis desigualdades sociais inscritas na cidade multifacetada.

Tais residências pertenciam “aos que poderíamos chamar de fidalgos do sertão. [...] Em redor [...] avista-se o paiol e depósitos diversos” (Audrin, 1963, p. 66). Elas tinham objetos feitos, sob encomenda, por marceneiros que viviam na região e usavam as chamadas madeiras de lei. Esses móveis, muitas vezes eram ornamentos cheios de detalhes, que evidenciavam não apenas o gosto de seus proprietários, mas seu poderio local. Eram móveis fortes e bem e talhados, como discorre Moreira Filho:

> [...] uma mesa acompanhada de seis cadeiras, meia dúzia de tamboretes, um armário aberto na frente, com prateleiras e gavetas para guardar vasilhame e outros objetos, uma cantoneira pra filtro, uma cama de sal, um guarda-roupa com quatro portas, uma penteadeira com quatro gavetas, um armário fechado pra cozinha. Quatro portas e quatro janelas para substituírem as feitas de talos de buriti (Moreira Filho, 2020, p. 182-183).

Todas essas características da casa revelavam um território marcado pela opulência, sinalizando que ela pertencia a alguém com vasto poder político, social e econômico, erguido ao longo dos sinuosos caminhos do campesinato. Ali, nas veredas labirínticas e misteriosas, cada traço e detalhe falava de um poder forjado nas entranhas da terra, em meio à dura e meticulosa extração do cristal de rocha, cuja pureza e brilho guardavam ecos de uma trajetória forjada em suor e ambição.

Nas casas mais pobres não podia faltar um pequeno ou grande cômodo e um objeto muito importantes para aquelas pessoas, como "uma cozinha com fogão caipira" (Moreira Filho, 2020, p. 87) construído de barro amassado pelas próprias mãos dos moradores. Além disso, fornos improvisados foram criados a partir de casas de cupim de pasto ou de veredas que tinha "elevações duríssimas e compactadas ao ponto de usar uma picareta para abri-las" (Tonini, 1959, p. 33). E assim, muitas casinhas tinham um pouco de "biscoitos da terra; assados ao forno feito de cupim" (Azevedo, 1925, p. 45).

Em algumas casas, segundo Juarez Moreira Filho (2020), havia uma despensa para guardar mantimentos e um paiol utilizado para armazenar cristal de rocha e couros esticados. A influência do mineral era tamanha que provocou modificações nas residências não apenas dos mais ricos, mas também nas dos sertanejos pobres que atuavam como garimpeiros. O espaço doméstico passou a refletir uma lógica de acúmulo, demonstrando que o garimpo não transformava apenas o cotidiano e os hábitos, mas também a própria arquitetura, tanto de imóveis quanto de (in)móveis.

A respeito do rancho que abrigava o povo nas áreas de garimpo, "era quase de beira-chão, como centenas de outros" (Brasiliense, 1960, p. 21). Esses casebres tinham apenas, "redes de panos ou de fibras" e, para armar uma cama, bastava "fincar na terra batida quatro pés de madeira lavradas a facão e nesses fixar nos quatro cantos um couro de boi, de onça ou de cervo suçuapara" (Audrin, 1964, p. 63).

As simplicidades das moradias representavam as durezas das vidas dos(as) garimpeiros(as) e sertanejos(as), marcadas pelas precariedades e pelos constantes improvisos. Entre paredes de taipas, telhados de piaçava, folhas de buriti e telhas de barros frágeis, os casebres tornavam-se mais que simples abrigos: eram espaços de encontro, onde se partilhavam alimentos, causos e sentimentos. Ali, as tramas emergiam como cristais de sangue — diamantes envoltos em misticismo.

As diferenças eram enormes entre o casebre de um garimpeiro e a casa de um aristocrata do sertão. No primeiro, "nada de cadeiras e sofás, apenas tamboretes baixos feitos

com quatro paus cruzados e cobertos de couro. Outros assentos são ainda mais primitivos, um simples tronco de árvore, algumas toras de buriti, esvaziadas de fibras interiores e cheias de massa de barro" (Audrin, 1963, p. 67). O conforto, para aquelas pobres pessoas garimpeiras, não era uma necessidade. A casa simples e pobre representava a possibilidade de retorno para seu lugar de origem e ainda a falta de oportunidade de mudar de condição socioeconômica. Nela, continua Audrin:

> [...] a mesa, se não fôr simples esteira de fibras, constará de larga tábua cortada a machado no cerne de alguma árvore de pouca dureza como o tamboril. Furam-se nos quatros cantos e nela introduzem os quatros pés que hão de fixa-los no chão. É este móvel, tão rudimentar, que desempenha papel importante na casa sertaneja. Colocada na varanda ou na sala exterior reservada aos homens, utilizam-na para as refeições. Pouco depois, transformam-se em sofá, em que se assentam dois ou três compadres para fumar e prosar à vontade. Ao meio-dia, se fôr preciso, servirá de cama para u'a madorra (Audrin, 1963, p. 67).

Ao contrário dos móveis encomendados pelos mais abastados — cada um com uma finalidade específica —, os dos pobres eram feitos por eles mesmos, às vezes com ajuda de familiares, amigos próximos ou vizinhos, e tinham várias utilidades. Espaço importante nos casebres de barro era a sala, onde o sertanejo-garimpeiro recebia outros moradores do lugar para conversar. Existia entre eles uma "sincera cordialidade" e, quando se encontravam, trocavam "vigorosos abraços" (Audrin, 1963, p. 153-154).

A recepção sertaneja era invejável, aconchegante. O morador oferecia às visitas tudo o que tinha na sua humilde casa, inclusive a comida, mesmo que fosse pouca, e era quase uma ofensa recusar a hospedagem do sertanejo. E por esse prisma, narra o juiz Eduardo Henrique Sousa Filho[52] que esteve na região: "a hospitalidade do sertanejo, inata, sincera, espontanea, traduzia ao viajador o prazer que tinha de serví-lo" (1980, p. 31).

E na perspectiva social e psicologia desses sujeitos é possível compreender que "a habitação do sertanejo [...], traduz-lhe um dos mais impressionantes traços de sua psicologia: a hospitalidade" (Serra, 1946, p. 36). E negar-lhes essa hospitalidade era uma grande desonra, quase um crime, porque, "o hóspede é sagrado, para o sertanejo" (Serra, 1946, p. 36). Por esse aspecto Astolfo Serra acrescenta:

> Da choça humilde e primitiva isolada no meio do mato, à casa da fazenda abastada, aos sítios de cana, o varandado hospitaleiro guarda o hóspede sem lhe indagar de

[52] Eduardo Henrique de Souza Filho foi nomeado juiz em 1932 e esteve na região do antigo norte goiano, nos municípios de Alto do Tocantins e Natividade. Sua vinda e atuação resultaram em dois volumes do livro *As reminiscências de um juiz* (1980).

> onde vem, ou para onde vai, sempre disposto a lhe dar o agasalho amigo e inviolável, com os agrados que a situação economia do dono da casa lhe permite (Serra, 1946, p. 36).

E por falar nas condições econômicas do sertanejo, a grande maioria dos móveis de suas casas era muito simples, “em um canto uma forquilha fincada, de madeira roliça, se erguia um pote-d’água com várias canecas de folhas-de-flandres para beber, emborcadas nas cabeças dos galhos de forquilha. No quintal um enorme pilão com duas mãos-de-pilão” (Moreira Filho, 2004, p. 63).

Esses objetos representavam adaptações, seculares, histórias de luta e resistências, moldados pela escassez e pela astúcia da criatividade. Cada canto e objeto da casinha resguardava memórias de gerações que foram esculpidas na argila do barro do pote e das paredes no chão batido, na madeira trabalhada e outras adaptações presentes em seus barracos.

Os móveis já indicavam quem eram os pobres e como essas pessoas lidavam com o espaço geográfico do sertão. O sertanejo ia se adaptando à natureza e dela recolhia materiais úteis, desde a forquilha para suspender o pote de água até um tronco de árvore para fazer o pilão e pilar o arroz que vinha do trabalho árduo do roçado. Audrin faz interesse acréscimo a essa descrição:

> Armários e gavetas são raros em casas sertanejas. Raros os baús. Uns e outros são substituídos por cestas e balaios pendurados nos caibros e travessas. Costumam suspender roupas e objetos de estima sobre cipós ou cordões estendidos entre dois ângulos da sala. Assim, preservam-nos, mais facilmente, dos estragos do cupim, das baratas e das terríveis formigas-cerra-gadeiras e formigas correição (Audrin,1963, p. 67).

E continua o padre Audrin, narrando de como os sertanejos se vestiam “de modo simples, de conformidade com os seus limitados recursos, os seus rudes trabalhos e as condições especiais e exigências da região e do clima” (1963, p. 72), principalmente durante a lida no campo, nas roças, que iam do amanhecer ao cantar do galo, até o anoitecer, ao piar da lambu.

Só usavam “trajes convenientes, emprestados um paletó, outro uma calça, este uma camisa, aquele um calçado para substituir a miserável alpercata. Não faltam nem o chapéu, nem a gravata, duas peças, indispensáveis [...] no sertão na hora do casório” (Audrin, 1946, p. 73). É importante destacar que os sertanejos “não são necessariamente uns jecas-tatus que se resignam a viver cobertos de qualquer farrapo e desprezam todo decôro exterior” (Audrin, 1963, p. 72).

No sertão, as mulheres com melhores condições financeiras aprendiam e se dedicavam a “tecer suas roupas de algodão” (Castro, 1949, p. 248) e isso era um dote para casar-se, mas também um meio de se destacar na sociedade sertaneja, ao afirmar que as “redes de algodão [eram] tecidas em seu próprio tear” (Moreira Filho, 2009a, p. 39), simbolizando a mistura de funcionalidade e arte nos lares sertanejos, pois, essas “redes de luxo, [foram] verdadeiras obras de arte, [e] constituem parte valiosa da mobília familiar. São ricas peças de tapeçaria enfeitadas com desenhos de flores, animais, pássaros e denotam gôsto e senso artístico” (Audrin, 1963, p. 78).

Algumas mulheres de famílias ricas ou aquelas que conseguiam juntar dinheiro compravam máquina de costura, que chamavam de “mecanizadas” e que naquela época era um dos símbolos de riqueza e objeto moderno, enquanto outras teciam nos teares de madeira totalmente manual e artesanal, e durante o trabalho, “as rendeiras matraqueavam bilros pelas varandas” (Brasiliense, 1964, p. 136).

E nessas varandas, os sons dos bilros eram músicas artesanais que muitas vezes se misturavam com lágrimas em cânticos de histórias trágicas ou realizações épicas, quando não o silêncio entrelaçava memórias, esperanças e lutas. Nesse cenário, o sertão garimpeiro também era uma tapeçaria viva do sentir e sentimentos: além de garantir o sustento com o trabalho dos tecidos, tornava-se espaço de encontros e trocas de saberes entre mulheres, tecendo identidades femininas.

Todas essas produções artísticas eram usadas em certos eventos, como em dia de votação e principalmente nas manifestações religiosas. Nesses eventos, viam-se pessoas trajadas “com luxo, mostrando seus botões e correntes de ouro” (Audrin, 1946, p. 219) e roupas trazidas de fora ou feitas pelas mãos de costureiras e rendeiras. E mais, esses teares ajudavam na economia da casa, inclusive na família de Moreira Filho. A mãe dele ganhou do esposo — destaco as memórias do autor — “uma máquina de costurar de marca *Serva*, com a qual trabalhou dia e noite ajudando nas despesas de casa” (Moreira Filho, 2004, p. 65).

Com a extração do cristal de rocha, os comportamentos e hábitos iam se modificando e se revelavam nas roupas, perfumes, em “bugigangas [...] que naquelas regiões eram batizados com nome de ‘novidades’, ‘última moda do Rio’” (Brasiliense, 1960, p. 14). Portanto, o garimpo incitava novos desejos, pois, “o vestido de algodão não servia mais para cobrir o corpo das mulheres. Sòmente seda” (Brasiliense, 1960, p. 35).

Anéis de bambu eram substituídos por alianças e brincos de ouro**,** enquanto, a “os homens que choviam por ali vestiam roupas diferentes [...] e não andavam descalços [...]. As moças e as mulheres, mesmo as franguinhas, usavam sapato Anabela” (Brasiliense, 1960, p.

25) (re)novando as suas vaidades vindas de outros estados que já eram comuns em seus cotidianos.

Nas casinhas sertanejas, na ausência de armários, as roupas ficavam suspensas em cipós, embiras e cordões. Nos ranchos havia vários adornos, inclusive “rabos de tatus pendurados nos cachorros de casa” (Moreira Filho, 2020, p. 225) para espantar alguma mandinga e evitar que o cão deixasse de ser um exímio caçador. Além dessas funções místicas, o rabo do tatu-peba poderia se transformar em um tabaqueiro (cachimbo) para fumar.

Outro aspecto importante considerado para construção de casas era a escolha do terreno. Alguns mediam até onde os olhos conseguiam alcançar e muitos deles pareciam, “muito mais com uma chácara do que um modesto lote residencial” (Moreira Filho, 2020, p. 88). Esses lotes eram amplos e adornados com “imensos palmares” (Castro, 1949, p. 258). Dividiam-se “na extensa área coberta de matagal espesso e filetada de pequenos cursos d’água” (Rangel, 1920, p. 58), possibilitando a criação de animais e cultivo de alimentos. Sobre isso, Moreira Filho, sublinha:

> [...] nos garimpos d’outrora um mundão sem porteira [...] os lotes de terrenos eram de graça, medidos ao bel prazer dos aventureiros que chegavam pra lá, aos magotes. Isso sem a mínima interferência do poder público que ficava longe, bem distante dos novos eldorados, que iam surgindo pelos sertões adentro (Moreira Filho, 2020, p. 89).

A maioria das terras eram devolutas, sem uso público ou particular, e grande parte delas, com a chegada do garimpo, foram ocupadas. Os lotes eram “demarcados com piquetes de pedaços de tabocas rachadas” (Moreira Filho, 2020, p. 88), com pedras-cangas e, com “cerca de arame” (Bernardes, 2005, p. 129). Eram medidos a gosto de cada sujeito que chegava em busca de oportunidade naquelas terras desconhecidas.

Essas ocupações, muitas vezes desenfreadas, refletiam as ânsias de conquistar um pedacinho de terra. E na mesma ocasião, a demarcação, que antes era corriqueira, tornara-se uma prática simbólica, um reflexo de disputa e o enorme desejo de transformação social e pessoal dentro do garimpo, mais que delimitar um espaço, era (re)afirmar a existência. Quanto às raras habitações existentes, Astolfo Serra enfatiza:

> [...] a casa isolada, esquecida no meio do mato, cercada de mufumbos, ou fincadas nos chapadões, ou à beira dos brejos fartos, é sempre convidativa para o repouso, e enche a tristeza da paisagem monótona, com o fumo do borralho e o alarido dos cães de caça, sempre magros, mas vivos e alertas à qualquer hora (Serra, 1946, p. 37).

Muitos queriam tomar posse dessas terras sem dono por considerá-las ricas, com fontes de água e solo fértil. Alguns posseiros, para evitar conflitos, convocavam suas famílias para morarem próximas umas das outras. Outros buscavam mais o isolamento social como morar nos pés de serra em dificuldades de acesso. Como "acostumado ao isolamento, motivado pelas distâncias enormes das terras despovoadas, o sertanejo arma a sua habitação longe de outras casas. O vizinho, no sertão, está quase à meia légua de distância, para mais" (Serra, 1936, p. 37).

O poder público, por mais que estivesse presente, não tinha políticas públicas capazes de controlar aquela massa de famélicos em situação de mendicância num país onde a riqueza se concentrava nas mãos de poucos e a pobreza era vivida por milhares. Ao abordar essa realidade garimpeira pavorosa do antigo norte goiano, que "demoraria anos a fio, para vir a primeira escolinha; o primeiro hospital; a primeira delegacia de polícia; o primeiro cartório" (Moreira Filho, 2020, p. 89).

Tais espaços – era mais um entre tantos outros que – viviam uma situação calamitosa como a escola: "num rancho sombrio uma espécie de escola: banquinhos rústicos, um quadro negro, crianças atentamente ouvindo a professora" (Castro, 1949, p. 264). A precariedade do ambiente educacional, por um lado não impedia dos(s) professores (as) de realizar trabalho. Não, obstante, a delegacia de polícia não era diferente, segundo Moreira Filho:

> [...] uma casa comum só que com pouco mais graúda do que as outras do lugar, não possuía reboco nas paredes e o madeirame era uma lástima com goteiras pra todo canto, o oitão despencando no piso de chão batido; os caibros de ripas também caindo, pois, era toda em madeira branca; de meia-parede; fedia bastante a mofo; e nela se podiam ver centenas e centenas de morcego com malabarismo desenfreados, pregando na cumeeira (Moreira Filho, 2020, p. 150).

O descaso com a instituição de segurança já demonstrava que o Estado não dava muita importância para o lugar e principalmente para as pessoas. Interessava-se tão somente pela exploração da vila e da vida. A desigualdade estava presente na estrutura daquela cidade multifacetada em meio ao sertão. Sem saneamento básico, muitos sertanejos procuravam construir ranchos perto de riacho, pois, havia "privadas feitas um buraco no chão e cercadas de palhas" (Moreira Filho, 2020, p. 78).

Faltava investimento "nas áreas da educação e saúde, entre outros diagnósticos que sucederam ao longo desse período" (Lima, 1998, p. 27). Desse modo, a cidade — como tantas outras que foram palcos de garimpos e dentro desse sertão — seguia no improviso e os serviços essenciais eram quase absolutamente inexistentes. As pessoas, segundo o ditado

popular, se viravam como podiam, adaptando-se àquela realidade, enquanto o Estado permanecia distante, indiferente ao sofrimento daqueles que ali viviam.

No grande e dialético sertão garimpeiro, no que se refere “as cabanas dos pobres são verdadeiras arcas de Noé, dentro das quais tudo vive misturado” (Tounier, 1942, p. 91), pois nessas casas ligadas aos Gerais os sertanejos “criavam de quase tudo [...] até uma cobra jibóia [...] uma gata valente” (Moreira Filho, 2004, p. 83) e outros animais de criação, como galinhas, papagaio falante e cantador e, continua o literato, “porcada fuçando casa adentro e casa afora” (Moreira Filho, 2009b, p. 63).

A casa era quase um zoológico e “eles se orgulhavam muito disso” (Moreira Filho, 2004, p. 84) pois tinham os animais como seus mais sinceros amigos e companheiros. Assim, é compreensível que as misturas entre as vidas humanas e animalescas simbolizam as resistências e as adaptações à duras realidades do sertão garimpeiro. Esse convívio com esses animais construía laços de afeto e muitas cumplicidades, as quais eram capazes de amenizar a solidão e o peso da lida diária.

As casinhas por essas brenhas, “viviam cheias de animais, como um papagaio, arara-azul, o periquito, canário, cachorros vira-latas, gato-do-mato, maracajá preto, gata curraleira e macaquinho” (Moreira Filho, 2020, p. 133) como o quati, macaco-prego, quati, coruja-buraqueira jabutis, tatus-peba e até mesmo tamanduás-mirins que rondavam os quintais das casas em busca de alimentos. Os lares sertanejos, cheios de vida representavam a convivência entre os seres humanos e flora-fauna do sertão garimpeiro.

As criações desses animais mostravam a proximidade harmônica do sertanejo com a natureza, pois mesmo diante de toda a violência garimpeira, da desigualdade latente no sertão do antigo norte goiano, era em “seu rancho de pau a pique, onde se sentia bem, no meio de sua criação, no meio de sua bicharada” (Moreira Filho, 2020, p. 219), a convivência com os animais fazia parte da cultura sertaneja, em sua casa, era um lugar de seu pertencimento.

Os próprios moradores construíam as “cisternas com beiço de pedra-canga e suporte em madeira de lei para a carretilha, um banheiro e privada [...] a demarcação do quintal em toras de madeiras roliças” (Moreira Filho, 2020, p. 88). E nos espaços em que as casas eram construídas, havia, conforme o autor, “pouquíssimos quintais cercados” (Moreira Filho, 2012, p. 105).

Nesses quintais “existiam diversas árvores” (Moreira Filho, 2020, p. 89) e, mesmo retirando muitas delas para dar lugar a uma casa, os sertanejos conservavam “aqui e acolá um e outro pé de pequi, um pé de baru, [...] ficaram as mangueiras” para se ter sombra ou um, como diz o próprio autor, “abrigo nas canículas” (Bernardes, 2005, p. 129). Essas árvores

ofereciam refúgios do calor abrasador, mas também poderia segurar em suas raízes memórias afetivas envoltas dos causos e práticas de gerações onde o cultivo dos frutos era resultado dessas relações.

Esses ranchos, mesmo dispersos, em algumas situações, com léguas e léguas de distância uns dos outros, faziam com que a cidade de Dueré vivesse o pulsar intenso e disperso do sertão garimpeiro, como veias abertas no centro da extração do cristal. O brilho reluzente da gema de cristal unia e partilhavam os corpos, sonhos e destinos, entrelaçando laços (in)visíveis, assim nascia uma comunidade de afeto complexo forjada na esperança cintilante do sertão garimpeiro.

As pessoas que já moravam nos limites da cidade "viram, de boca escancarada" (Brasiliense, 1960, p. 19) a chegada de sujeitos de todas as idades e classes, demarcando seus lotes e construindo casas às pressas, sem nenhum compromisso — exceto o de enriquecer rapidamente e retornar ao seu lugar de origem. Levavam e traziam consigo a febre e o brilho ofuscante do cristal de rocha, que fazia do tempo uma medida de lucro. Esse movimento transformou a paisagem sertaneja e as relações sociais, provocando tensões entre os antigos moradores e os recém-chegados, que se espantavam com a intensidade da vida que ali pulsava.

Alguns "se afundaram para os ermos, espantados com tanta gente. Outros foram atraídos, também pela miragem e ficaram por ali mesmo, apegando-se no visgo do garimpo" (Brasiliense, 1960, p. 20). Os que ficaram dentro do garimpo "habituaram-se a viver entre homens aventureiros. Eram de poucos amigos e de pouco falar" (Castro, 1949, p. 225). Viviam entre as sombras das árvores e dos morros, onde cara rosto humano escondia e revelava história.

Os donos do poder e seus asseclas se mantinham com o olhar fechado para esse tipo de situação em que vivia a imensa e esmagadora maioria da população brasileira à época, inclusive aquela que sobrevivia nas veredas garimpeiras e "aqueles moradores viviam ali desemparados sem assistência de qualquer espécie, inexpressivos, num abandono total". O poder público deixava no estado de salve-se quem puder e, como continua o autor, "todo o esforço daquela gente se anulava ante a ruindade do meio e a falta de auxílios para empreendimentos atrativos, compensadores e capazes de melhorar a sua condição de selvagens" (Brasiliense, 1960, p. 18).

O abandono dos seus sonhos, de suas residências, tornava-se uma triste ação no cotidiano dos sertanejos, ficando apenas "no quintal [...] vestígios de um pomar abandonado" (Moreira Filho, 2020, p. 127). Alguns adquiriam terrenos, com o "projeto de construir

morada, na localidade arrasada" (Bernardes, 2005, p 129). Além disso, a tentativa de ocupação de grandes lotes ocasionava conflitos que resultavam em mortes, expulsões, pelo simples motivo de a pessoa estar apenas de passagem. Esse espaço, que antes tinha promessas de futuro, tornou-se um lugar de desespero e violência.

Para ajudar a compreender a íris da casa, o filósofo Gaston Bachelard, no livro A Poética do Espaço, afirma que "a casa é o nosso canto do mundo. Ela é [...] o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmo" (1993, p. 25). A casa engloba todo o existir do sujeito — seus sonhos, desejos, dores e anseios—. É onde o interior se materializa nas paredes, no telhado, e nos objetos, convertendo o espaço físico em abrigo simbólico e em memórias, moldando as identidades.

Era nela que o sertanejo e o garimpeiro encontravam acolhimento, abrigo e proteção. A construção da moradia fazia parte do cotidiano do sertão garimpeiro. Ágnes Heller propõe a reflexão sobre a vida ao escrever: "a vida do homem inteiro [...] todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias" (2014, p. 31). E a realidade do sertão garimpeiro comportaria todas essas axiologias humanas.

Os casebres eram construídos com base em uma experiência milenar "tudo era amarrado; quase nada feito a pregos" (Castro, 1949, p. 226). Eles permitiam sonhar com enriquecimento, com dinheiro, com o brilho dos cristais — sonhos tranquilos, pesadelos, esperança e medo que refletiam o viver no e do sertão garimpeiro.

A vila de Dueré ia crescendo e se tornando cidade no nortão goiano com ranchos próximos e outros com léguas de distância entre si, mas todos ligados, como à essência da "procura de riqueza fácil" (Moreira Filho, 2020, p. 79), que engendrou uma cultura garimpeira. Dueré se parecia ao que Ítalo Calvino descreveu como "uma cidade igual a um sonho: tudo o que pode ser imaginado pode ser sonhado, mas mesmo o mais inesperado dos sonhos é um quebra-cabeça que esconde um desejo, ou então o seu oposto, um medo" (1990, p. 44).

2.3 Uma cidade multifacetada de lugares plurais, de sonhos e medos

Dueré se transformava com todas essas problemáticas surgentes, sendo composta por lugares que se misturavam entre o público e privado, fazendo com que as redes socioculturais se (re)organizassem em dialéticas existenciais, entre negociações, hierarquias, harmonias e conflitos. Sobre essa cidade, é possível compreender que contém "material inesgotável, sempre passível de novas abordagens [...] renova-se a cada dia. Nesta, os conflitos ganham

contornos mais nítidos" (Menezes, 2008, p. 113). Por isso, Dueré deve ser investigada, como nos possibilita a inquietação de Marcos Antônio de Menezes, por seus:

> [...] aspectos físico-geográficos (paisagem urbana), os dados culturais mais específicos, os costumes, os tipos humanos, mas também a cartografia simbólica, na qual se cruzam o imaginário, a história, a memória da cidade e a cidade da memória. É, enfim, considerar a cidade como um discurso, verdadeiramente uma linguagem, uma vez que fala a seus habitantes, revela a eles suas partes e seu todo (Menezes, 2008, p. 117).

Por essa reflexão pode ser compreender que a cidade de Dueré não era feita apenas de adobe, telhas, cal e barro. Apesar de ser "fruto da terra. Ela nasce e cresce [...] oferece elementos básicos indispensáveis para uma civilização" (Caiado, 1974, p. 35). Mas existe outra parte, carregada de vida cotidiana — cotidiano que é, "a vida de todo o homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico" (Heller, 2014, p. 31).

Assim sendo, Dueré, não era apenas um espaço construído, mas um cenário de existência — de culturas — compartilhadas, onde o ordinário, o rico, o absurdo e o essencial se entrelaçavam. Todos os habitantes ajudavam a tecer histórias em cada currutela, rua, esquina, casas, espaços públicos e privados. Ali, o tempo tinha seu próprio ritmo, marcado pelos cotidianos. Dueré era um território de exclusão e pertencimentos múltiplos, onde se fazia convivências das mais complexas que se poderia existir.

Por esse prisma, a cidade comportava todo tipo de sentimento e práticas humanas, incluindo, harmonias, explorações, conflitos passíveis de negociação e outros que terminavam em banhos de sangue. E foi nessa dinâmica que Dueré ia desenvolvendo seu *ethos* pautado pela extração do cristal de rocha e outros minérios como o diamante e ouro aluvião. As margens dos lagos, riachos, rios, as trilhas das veredas, as ruas, as casas, os sujeitos, e o brilho do cristal marcaram vidas do grande sertão garimpeiro.

Para melhor entender essa cidade de Dueré, o literato Ítalo Calvino, em seu livro *Cidades invisíveis*, apresenta uma reflexão, argumentando que uma cidade é cheia de "relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado" (1990, p. 14), como muitos lugares cujos contornos foram desenhados durante o processo da garimpagem de cristal Dueré também desenvolvia e vivia essas relações do passado com consequências no presente.

Dueré se fez com lugares visíveis, invisíveis, ricos, pobres, proibidos, exclusivos, (re)nomeados, festivos, religiosos, profanos, violentos, tristes, privados e públicos que, em algumas situações, misturavam-se com o "fervedouro da Bica. Lugar esse em que, todas as

vezes [...] as meretrizes banhistas, nuas e em algazarras, conversavam sobre coisas intimas que faziam com os garimpeiros" (Moreira Filho, 2020, p. 186). A Dueré do antigo sertão goiano era uma cidade de símbolos, com narrativas de poder, felicidade, riqueza, miséria e política, podendo ser entendida, como um "território [...] visto e usado de diferentes formas" (Pesavento, 2001, p. 25).

Outro ambiente que mesclava vida pública e vida privada era o Hotel Cristal, que recebia todo tipo de gente, tanto do lugar quanto de outras localidades dentro do "nortão goiano" e de fora dele. O hotel foi construído ali, "no meio da piçarra dos manchões" (Moreira Filho, 2020, p. 71) não apenas com a composição material física, mas de sonhos, desejos, (des)ilusões, misticidade, harmonias, exclusões e intrigas.

Esses espaços, por serem distantes, eram conhecidos por muitos na região como "sócobó do mundo" (Brasiliense, 1960, p. 31), representando um ermo distante. O nome do hotel era inspirado no garimpo, simbolizava a potência da extração do minério e trazia a essência do lugar: o cristal como força econômica, política e telúrica que movia a ânsia e os desejos humanos.

Vale lembrar que "todo garimpo, que se preze, tem três fases bem distintas: a descoberta, o apogeu e a sua própria decadência" (Moreira Filho 2020, p. 53). Na fase inicial, o garimpo atraiu diversas pessoas de vários lugares do país e do mundo, motivou a construção às pressas de casebres, hotéis, pensões, ruas tortas. É compreensível que alguns estabelecimentos recebessem o nome do minério mais cobiçado naquele momento, pois eram o que lhes guiavam. Nesse período, o sertão garimpeiro fervilhava e, segundo Juarez Moreira Filho:

> [...] o hotel Cristal estava lotado de compradores de cristal de rocha, os faisqueiros. E quase todos vindos de teco-teco fretados, principalmente do Rio de Janeiro, Maranhão, Piauí, Pará, Mato Grosso, Bahia, Anápolis, da capital Goiânia, e de regiões garimpeiras como Cristalina, Conceição do Norte, Natividade, Monte do Carmo, Chapada, Itaporé, Piaus [depois ficou com o nome de Pium], Monte Santo, Pequizeiro, e de outras bandas, à procura do precioso quartzo hialiano (Moreira Filho, 2020, p. 72).

A hospedagem de pessoas vindas de todos os lugares era sinal de que a exploração do cristal estava pulsando. Mas o hotel também se tornou lugar de encontros e desencontros, um espaço de negociações de várias formas e níveis, com negociatas para compra e venda do minério, envolvendo prosas, brigas, anseios, angústias, inclusive de outros garimpos, de outros estados e localidades.

Tudo ocorria no “salão do hotel que era, na realidade, um enorme ranchão de palha, de chão batido, com cepos toscos em madeira roliça que serviam de assentos pros hospedes e visitantes” (Moreira Filho, 2020, p. 74). Portanto, o hotel era a porta de entrada e de saída do garimpo, um limiar onde se expunham, nus e intensos, os mais diversos modos de sentir e viver do humano.

O hotel era um reduto, e neste espaço, o salão abria a possibilidade para agregar várias pessoas, de diversas identidades e níveis sociais e econômicos, principalmente homens, negros, brancos, poucas mulheres, políticos, pistoleiros, jagunços, ciganos, vaqueiros, bêbados, tropeiros, aventureiros, crianças, idosos, policiais, empresários, curiosos e capangueiros.

Vale lembrar a origem da palavra capangueiro que “provém de uma bolsa ampla de couto, a capanga, [...] tinha como utilidade de guarda dos utensílios de compra: balança-portátil, dinheiro, lente de picuá em que guardavam os diamantes comprados, à medida que percorriam os garimpos” (Ribeiro, 1959, p. 152), e nas cidades e sertões garimpeiros o termo tinha o mesmo significado.

Deste modo, hospedavam-se no “hotel Cristal vários compradores de cristais de rocha — os faisqueiros. Comprando o mineral de forma *in natura*, a bom preço e pagando, à vista, na bufunfa” (Moreira Filho, 2020, p. 75). Esse tipo de lugar que se misturava entre o público e o privado, como o hotel recebia, “uns fregueses que apareciam sempre chefiados, só o chefe ocupava quartos no hotel, deixava os comandados se ajeitarem lá pra fora. Dentro e debaixo da condução em que vinham” (Bernardes, 2005, p. 133) desenvolvendo uma distinção social.

Era mais um caso entre outros incontáveis, no qual ficava acentuada a distinção e a desigualdade socioeconômica entre aqueles que eram chefes e os chefiados. O hotel era como a cidade que “constrói as suas muralhas internas, simbólicas, mas nem por isso, menos sólidas que as antigas, de pedras. Elas são estruturadas de comportamento, imagens e discursos discriminatórios. O outro, o perigo, o indesejado, habita nos intramuros” (Pesavento, 2001, p. 26).

Os negócios fechados no salão faziam girar a economia do cristal na cidade de Dueré e no sertão garimpeiro. Lá se podia comprar o cristal *in natura*, mais barato, diretamente do garimpeiro. Dependendo do tamanho da mercadoria, muitos poderiam sair de lá com riqueza nas mãos, ou como muitos garimpeiros acostumados a dizer “com a vida feita”, enquanto outros ganhavam pouco e iam “escapando com a vida como Deus quer”. Cada negócio trazia consigo o peso de uma escolha, o acaso de uma sorte incerta em meio as explorações garimpeiras.

O Hotel Cristal “era a única hospedagem do lugarejo que possuía geladeira tocada a querosene Jacaré; rádio de mesa, de marca Telespark; filtro de barro, com água fria e copos de alumínio, à disposição dos hóspedes” (Moreira Filho, 2020, p. 77) — objetos que, naquele tempo, eram de luxo e poucos tinham o privilégio de possuí-los. Esses pequenos confortos tornavam grandes atrativos para viajantes, mascates, tropeiros, garimpeiros e funcionários públicos que por ali transitavam e viviam. Em meio à rusticidade do garimpo, o Hotel Cristal representava o símbolo máximo da cidade garimpeira.

Esses equipamentos sinalizavam pequenos e lentos passos a caminho do capitalismo e da modernidade que estavam chegando com novas tecnologias, como o telégrafo, pois, como “por todo o norte se multiplicam os telegramados — nome irônico cunhado por Abílio Wolney[53] para designar os urdidores de intrigas por meio do telégrafo” (Palacín, 1990, p. 17).

Outras cidades do sertão garimpeiro, já consolidadas e em pleno desenvolvimento para os padrões da época, também foram instauradas, como a “1ª Estação Rádio-Telegráfica de Porto Nacional e a Comissão chefiada pelo Engenheiro Dr. Antônio Sampaio, que instalou e inaugurou, em 25 de março de 1930, o que foi motivo de alegria para os portuenses e de processo para a região” (Nunes, 2014, p. 127).

A chegada do telégrafo ao antigo norte goiano foi outro sinal de transformação. O uso desse aparelho apresentava “dois tempos políticos no norte, o lento da distância e o rapidíssimo do telégrafo, com sua consequência de ausência e presença simultânea do governo com sua força e que torna possível as revoluções” (Palacín, 1990, p. 17). Esse instrumento, capaz, de certa maneira, de unir ausências e presenças, abalou as estruturas políticas, trazendo o poder para perto e aproximando o distante em notícias e suas ações.

Os objetos do hotel indicavam uma sutil transição do antigo para o novo. O filtro — pote — de barro, de um lado, por exemplo, tinha proximidade com a pobreza rural do sertão, pois era quase unânime na casa dos sertanejos-garimpeiros pobres, assim como os cepos para sentar e as paredes do casebre feitas de barro sem divisões internas, e ali do lado bastava o “sujeito ir à cozinha e esquentar o moca no próprio bule de esmalte” (Moreira Filho, 2020, p. 77). Por outro lado, o filtro de barro, feito pelas próprias mãos ásperas e calejadas dos sertanejos, representava mais uma das inúmeras aproximações com a natureza e sua adaptação, o artesanato da sobrevivência em sua preservação de água e comida.

[53] Abílio Wolney nasceu em Taipas, São José do Duro (Dianópolis), Goiás, hoje Tocantins, em 1876. Foi um político e juiz brasileiro que exerceu os cargos de deputado estadual e deputado federal por Goiás, a partir de 1895, inicialmente filiado ao Partido Republicano Federal e, mais tarde, ligado ao Partido Democrata.

Ao lado do filtro, a geladeira que funcionava a querosene mantinha a água e a cerveja frescas, prolongando a vida dos alimentos. Mesmo sabendo que o "querosene não se comprava em Dueré" (Moreira Filho, 2020, p. 55), o sertanejo ousava sonhar em possuir uma dessas maravilhas. Com essas transformações, objetos surgiam como portadores de novos desejos, desvendando ao sertão o apelo da posse e do consumo.

Nesse contexto, até mesmo "uma loja de novidades, plantada assim de repente num meio matuto daqueles era uma arapuca perigosa para os sertanejos" (Brasiliense, 1960, p. 33). Era mais um prenúncio de mudanças inevitáveis que pouco a pouco invadiam o cotidiano daquelas pessoas no sertão garimpeiro.

O garimpo de cristal estimulou a instalação de lojas, bodegas e quitandas — como eram mais conhecidas — e proporcionou a elas grande movimento com a oferta de novidades. Além de roupas, enlatados, secos e molhados, os comerciantes negociavam picaretas, pás e, conforme principalmente o "martelinho com cabo de rocha, um facão de marca collins, um cinto de couro cru [...] botina cara-de-vaca" (Moreira Filho, 2020, p. 81), luvas, chapéus e diferentes botinas[54]. Nessas vendinhas fervilhava a vida do garimpo e cada objeto vendido e comprado carregava promessas e batalhas.

As mercadorias no vasto sertão garimpeiro não eram nada baratas; cada item tinha seu preço multiplicado pela dureza e pela distância "quase tudo é muito caro" (Moreira Filho, 2020, p. 81) e, nessa carestia que o garimpo impunha, a sobrevivência dependia de um gasto constante e alto. "Para se ter uma ideia do custo de vida no garimpo do Pium basta dizer que uma caída de fósforo custava lá, naquele tempo, dois mil réis e uma garrafa de cerveja vinte réis" (Castro, 1949, p. 228). Era o cristal que brilhava, mas era o consumo que drenava os bolsos e aumentava o peso da vida no sertão garimpeiro.

O encarecimento era mais do que um capricho: fazia parte da estratégia comercial dos faiscadores e empresários do cristal, que se aproveitavam da escassez para elevar os preços. Cada objeto nas prateleiras, como diziam os sertanejos, "custava os olhos da cara"[55] mesmo

[54] Na cidade de Xambioá-TO, conversei com mestre Sebastião, vindo do estado do Piauí. Ele ganhou o apelido de mestre por seu trabalho de fazer botinas. No sertão, quem tinha uma profissão autônoma e fabricasse algum objeto, recebia o nome de mestre. Segundo o mestre Sebastião, o comércio no garimpo de Xiqueirão na década de 1950, chegava vender por dia aproximadamente 40 pares de botinas. Nessa mesma ação comercial, em Xambioá, vivia um homem chamado Arthur, conhecido como Arthurzão, apelido que refletia sua imponente altura. Arthurzão saíra do Rio de Janeiro sem nada e partira para o garimpo da Chapada do Xiqueirão em busca de fortuna. Curiosamente, sua riqueza não veio do cristal, mas do comércio que estabeleceu para atender os garimpeiros. Vendendo suprimentos aos homens que ali cavavam o chão, ele fez fortuna e se tornou um respeitado pecuarista na região, transformando-se em símbolo de perseverança e astúcia

[55] Em minhas pesquisas, não encontrei registros econômicos que comprovassem os valores abusivos dos produtos no sertão garimpeiro, porém, a literatura transborda dessas nuances, ainda que sem cifras. Além da

assim essas “lojas [eram] repletas de objetos de luxo, comestíveis e bebidas, sobretudo, ofereciam meios fáceis de vida larga e dissoluta” (Audrin, 1946, p. 98), atraindo os garimpeiros a uma falsa abundância. Assim, o comércio enredava o sertão em um ciclo de consumo que exibia uma opulência passageira, mas que fazia brilhar os olhos e esvaziava os bolsos.

Causou rebuliço no garimpo a chegada no Hotel Cristal de um hóspede recepcionado pelo dono do estabelecimento, pois “o Sr. Anstênio era também garimpeiro com passagens por vários garimpos, dentre eles, os da Bahia, Minas Gerais, Goiás a fora e Mato Grosso” (Moreira Filho, 2020, p. 92). Ele buscou, de várias maneiras, quebrar uma das grandes maldições que o Brasil até o presente momento vive: a maldição da pobreza.

Nesse sentido, um antepassado do senhor Anstênio, “pelo lado paterno [...] foi um excelente garimpeiro por aquelas bandas, dizia ele, abertamente” (Moreira Filho, 2020, p. 92). O personagem de Sr. Anstênio, com sua trajetória de garimpos e pelas ambições, simbolizava tanto os desafios quanto os sonhos arraigados pelas gemas e minérios.

Neste país a pobreza é hereditária e, da mesma forma, a riqueza. Sr. Anstênio Reis estava herdando uma situação calamitosa e um penoso trabalho que outrora fora de seu pai e que, possivelmente, o seu avô e tataravô também o exercera. Ele se sentia orgulhoso “de ter sido escafandrista, em Guaporé, de ter mergulhado com escafandro, nas águas profundas do rio Madeira, à procura de ouro” (Moreira Filho, 2020, p. 92). Buscava ouro dentro das águas dos rios e agora buscava cristais, como muitos outros, pela área definida como os “lados do chapadão” (Castro, 1949, p. 292) goiano. Era assim a vida de um garimpeiro: sempre buscando o minério que lhe poderia proporcionar a realização de seus sonhos.

Na busca desenfreada pela sobrevivência, fugindo da esmagadora miséria — pobreza — e dos tentáculos da fome que a envolviam, o garimpeiro se transformou em um retirante errante, vagando entre promessas de riquezas e sonhos (des)feitos. Cada passo no sertão era uma tentativa de escapar do destino implacável, carregando consigo a esperança de dias melhores, mas muito deles sempre envoltos na poeira da incerteza e do cansaço.

Sr. Anstênio Reis era mais um desses sujeitos, que entre tantos outros, buscava na vida através da luta diversas atividades econômicas pelos sertões, englobando várias identidades, de garimpeiro a investidor no ramo hoteleiro. No seu hotel, ele disponibilizava “apenas uma

---

literatura, como já é sabido, essas questões de preços exorbitantes também se revelam nas narrativas dos garimpeiros(as) e sertanejos(as) com quem tive o prazer de conversar nas minhas andanças pelo Tocantins. Em cada relato, essas vozes ecoavam a dureza do comércio sertanejo, refletindo uma realidade onde a sobrevivência era contada em cada réis gasto e em cada saco.

rede de algodão, tecida em tear, acompanhada de um lençol de chita, estampado em cores vivas. E mais uma lamparina, uma caixa de fósforo e um urinol" (Moreira Filho, 2020, p. 79). Na grande maioria desses lugares "não existiam camas" (Castro, 1949, p. 229); apenas nos cabarés, como veremos mais adiante.

Eram grandes as diferenças entre os estabelecimentos da hotelaria naquele lugar, alguns locais de hospedavam nem isso tinham, ofereciam apenas uma "rede garimpeira" (Moreira Filho, 2020, p. 91) enquanto, naquela mesma cidade do sertão garimpeiro "outros hotéis e pensões de araque da região garimpeira de Dueré pareciam com a casa-da-mãe-joana, cheios de fuleiragens, encrencas, lorotas, mexericos, onde todos mandavam e desmandavam. Existiam dezenas e dezenas, espalhados pelos manchões a fora" (Moreira Filho, 2020, p. 77).

A expressão "casa-da-mãe-joana" indicava um lugar desorganizado, sem ordem, onde predominava a confusão, onde cada um fazia o que bem queria. E havia muitas pensões assim, "a mais concorrida de todas [...] era a pensão dos Garimpeiros, um verdadeiro ranchão, com centenas de hóspedes em busca da sorte, do bambúrrio, do dinheiro fácil, da felicidade desmedida" (Moreira Filho, 2020, p. 77-78).

Grande parte dessas hospedarias nos sertões era, apenas uma "pensão pobrezinha" (Lima, 1977, p. 142), um espaço compartilhado no qual todos tinham determinadas tarefas e abrigava gente que vinha "só a negócios" (Lima, 1977, p. 15) pelas sendas garimpeiras. O termo garimpeiro no nome da pensão nos leva a pensar na grande quantidade de pessoas que não tinham condições financeiras para pagar uma hospedagem melhor e que queriam ficar perto do garimpo, mesmo que por pouco tempo, para explorar e fazer negociatas. Não por acaso na febre do cristal, "a pensão vivia sempre cheia" (Castro, 1949, p. 228).

Tanto na pensão dos Garimpeiros quanto no hotel Cristal, "muitos estranhos por ali passaram na labuta diária com o cristal de rocha e outros serviços esporádicos" (Moreira Filho, 2020, p. 93). Nessas passagens por Dueré, apesar de muita gente, poucos se falavam, alguns apenas acenavam com gestos, faziam cumprimentos curtos sem perder o rimo do seu trabalho.

A maioria nem se falava e muito menos se conhecia, contudo, havia ocasiões em que "os hospedes, garimpeiros e visitantes, faziam as crônicas vivas dos manchões" (Moreira Filho, 2020, p. 102). Contavam histórias sobre o que viam e ouviam, como o caso do Sr. Piauí que, abraçado com uma bebida de aguardente Ypioca, todo animado, "sob um lindo luar que clareava o céu, improvisou" (Moreira Filho, 2020, p. 74) versos do cotidiano transcritos por Juarez Moreira Filho:

> Dueré deu um grito,
> Chapada respondeu,
> Piaus está doente,
> Itaporé já morreu (Moreira Filho, 2020, p. 74).

Os versos deixavam entender o surgimento do garimpo de cristal de rocha na vila de Dueré e a decadência de outro garimpo que desaparecia, "com a mesma velocidade que chegou" (Tonini, 1959, p. 39), a exemplo do antigo Piaus, que se transformou em Pium. Ainda decretavam o final do garimpo Itaporé, em Minas Gerais, "esses núcleos de civilização, muitas vezes, não chegavam a florescer, morriam ao nascer; [...] nasciam e morriam, cresciam e decresciam, conforme a prosperidade ou decadência da mina explorada" (Caiado, 1974, p. 17).

Todavia, quando morria um garimpo, outro nascia, aparecia, e assim "um iria para Cristalina, outro para o garimpo de Fundão. Podiam viajar para qualquer banda, pois ninguém lhes negava passagem" (Brasiliense, 1960, p. 73) indo até mesmo para os garimpos mais distantes como os de Araguanã e do Chapada do Xiqueirão em Xambioá.

Em meio a toda essa instabilidade garimpeira, os garimpeiros viravam peregrinos à procura de novas fontes de riqueza fáceis oriundas das jazidas de cristais, diamantes e até ouro, já que "as pequenas cidades ou vilas construídas nas proximidades das jazidas, visando somente a mineração, tendem ao desaparecimento, com raras exceções. Antigas cidades nos são exemplo, como a ex-Vila-Rica, São João Del Rei, Diamantina e outras" (Caiado, 1974, p. 17).

Essas cidades, de vidas longas e por vezes curtas, eram moldadas pela esperança, pela labuta, levando, trazendo e carregando o brilho efêmero das gemas que lhes davam a vida. Suas veredas e vielas eram cruzados por sujeitos de rostos marcados pelos longos anos de lutas. E nesses rastros de garimpos que minguavam, outros surgiam e, na mesma intensidade, as (des)ilusões.

No mesmo hotel havia "varanda grande de chão batido" (Moreira Filho, 2020, p. 102) e toda a sua estrutura – como era de costume – ainda complementava com as "paredes de patí e forrado com folhas de buriti" (Castro, 1949, p. 226) faziam parte da composição rústica do estabelecimento na cidade que acomodava aquelas pessoas que chegavam pelo calor do cristal.

Nesse ambiente simples, acontecia a recepção dos hóspedes "servia também de escritório para a comercialização do quartzo hialino" (Moreira Filho, 2020, p. 102) e outros minérios e produtos que estavam sendo requisitados à época. O termo "grande" traz ao

imaginário do sertão garimpeiro um lugar de reunir pessoas para fazer seus jogos econômicos. Nesse mesmo lugar, conforme Moreira Filho:

> [...] muitos garimpeiros se encontravam, a noite, sob a luz mortiça de um lampião Aladim. Ou no próprio terreiro, a céu aberto, para um bate papo. [...] às vezes, o papo era áspero, duro, de tom rude, de conversas estapafúrdias, sobretudo, quando o assunto descambava pro rumo da política partidária, alienante, maldita e apaixonante (Moreira Filho, 2020, p. 102).

O Hotel Cristal se tornava, assim, mais um lugar entre vários ali existentes, para conversar, aglomerar e socializar. Bernardes destaca que um dos principais assuntos era o cristal de rocha: "uns conversavam sobre o garimpo [...] que o minério caiu de preço, e nem está tendo comprador capangueiro" (2005, p. 97), e outros expressavam abertamente sua felicidade com a venda de pedras de cristais, ali, outro tema que tomava a centralidade era a política, na qual reinava o coronelismo e na mesma medida as temáticas dos crimes ocasionados no sertão.

Poderia haver outro lugar melhor do que aquele para se ter debates acalorados? Até poderia, mas naquele momento não havia lugar melhor naquele momento para as narrativas da política do que o Hotel Cristal. Pois ele reunia todos os sujeitos interessados nas fofocas temáticas. Ele era mesmo o lugar predileto dos sujeitos presentes, entre conversas abertas e reservadas nos corredores, nos cantos, cadeiras, mesas e cômodos, trocavam-se farpas, sutilezas e alianças, dali poderia selar o destino das candidaturas de algumas pessoas. Pois, conforme Moreira Filho, o Hotel Cristal se fazia reuniões:

> [...] dos garimpeiros rudes e esclarecidos, onde se parlamentava à vontade. Falavam da velha e acirrada disputa entre o PSD e UND[56], com cada um dos partidários se posicionando, veemente com as suas ideias, em defesa de uma das siglas ou mesmo de um político. Discutiam abertamente sobre a política do presidente da república, do governo de Goiás, bem como as municipalistas (Moreira Filho, 2020, p. 103).

Portanto, o Hotel Cristal era um dos lugares nos quais se arquitetavam e disseminavam críticas na urbe política sertaneja e palco de argumentações contra ou a favor de dois partidos políticos e principalmente dos sujeitos, dos personagens políticos que disputavam e mandavam no local em que foi "a constituição de verdadeiros partidos políticos e sua oficialização foram tardias em Goiás" (Palacín, 1990, p. 45), mas nem por isso eram menos

[56] A União Democrática Nacional (UDN) foi um partido político fundado em 1945, de orientação conservadora e frontalmente opositor às políticas e à figura de Getúlio Vargas. O Partido Social Democrático (PSD) foi o maior partido da República, composto pela classe média alta e representantes dos setores empresariais.

acirradas, pois as disputas entre os que concorriam a cargos públicos eram levados a ferro e fogo.

2.4 Política e coronelismo no sertão garimpeiro

Havia uma forte fragmentação partidária, porque muitos ficariam filiados por pouco tempo em função de interesses momentâneos e, na maioria das vezes, o sujeito político poderia mudar de partido conforme a situação, como mudava de roupa. Visto que "nessa época os partidos políticos não representavam um programa de ação e muito menos uma ideologia política, mas apenas uma organização necessária para conseguir votos, conquistar e manter o poder e demonstrar as aparências de um sistema democrático." (Nunes, 2014, p. 326).

Muitos seguiam aquele velho adagio popular de "dançar conforme a música". A historiadora Maria Isaura Pereira de Queiroz ilustra bem essas características ao relatar que, durante as eleições estaduais, declara-se que "o governador, vai governar com todos. E mudavam de partidos" (1969, p. 40). Desse modo, a política no sertão garimpeiro era moldada por forças poderosas e centralizadoras e "o coronel do partido do governo, e do grande domínio eleitoral, mantinha sempre as decisões do governo municipal e o controle das autoridades locais" (Sousa Filho, 1980, p. 77).

Esse domínio era absoluto, e cada decisão carregava o peso de uma autoridade incontestável, que se estendia sobre a vida dos sertanejos como um manto, ditando regras, fazendo acordos, amordaçando corpos, e silenciando vozes, enquanto a paisagem do sertão permanecia sob o olhar atento de quem possuía o poder quase que absoluto.

Ninguém queria ficar contra as águas do rio que correm para o mar.[57] O partido, nesse sentido, servia apenas de plataforma para uma possível candidatura. Em Dueré, pode-se ter a reflexão que traz Janotti é revelada: "relações políticas conflituosas marcavam a vida da localidade" (1992, p. 62). Nesse contexto, a política local fluía como os próprios gigantes rios do norte goiano cheios de desvios, violências, calmarias, choques, que matava, engolia e modificava a vida de muitos.

Um sujeito político poderia acumular dezenas de filiações partidárias e "por isso a formação dos primeiros partidos políticos tem em Goiás muito mais caráter de afirmação de

[57] Há um ditado popular no sertão que representa essas relações: "todas as águas do rio correm para o mar"; em outras palavras: só o poder atrai o poder.

uma política local que a adoção de uma corrente ideológica" (Palacín, 1990, p. 45). As eleições municipais mobilizavam os coronéis em brigas por votos que envolviam todo um aparato. Muitos deles "queriam ganhar no peito ou na raça" (Sousa Filho, 1980, p. 70).

Segundo Sálvio Dino (1981), os candidatos ofereciam fartos almoços, colocando caminhões à disposição para transportar eleitores de lugares distantes, além de cozinheiras com seus caldeirões. Montavam "cercados reservados às montarias; barracões destinados às redes dos eleitores. Tudo precisava estar em ordem. Os bois começavam a ser abatidos e distribuídos os quartos de carnes pelas casas previamente escolhidas" (Dino, 1981, p. 122).

A contratação de "comícios [...] animadíssimos, com muita fartura e sanfona pé-de-bode gemendo e chorando a noite inteira, até o sol raiar, na cidade, nas fraldas de serras e pelos sertões brutos" (Moreira Filho, 2004, p. 146). Por esses rincões, essas práticas eram realizadas por todos aqueles que entravam na disputa política, tendo estrutura para tal, e não era de espantar ao ver o coronel como o "candidato único apoiado por todas as forças políticas do município, inclusive pela oposição" (Moreira Filho, 2004, p. 149).

E não era por menos, pois, "o coronel tem uma máquina bem montada e cobertura fiscal. Para ganhar, precisa muita mobilização de forças" (Dino, 1981, p. 110) e uma enorme pitada de corrupção que ia desde a compra "do juiz de Direito por cinqüenta cabeças de gado de raça" (Dino, 1981, p. 120) até a negociação de votos "por cinquenta contos de réis" (Dino, 1981, p. 130).

No calor da eleição, por exemplo, para conquistar os eleitores, "o coronel soltou dinheiro na cuia grande" (Dino, 1981, p. 131). Em períodos eleitorais, costumava-se ouvir um ditado popular que servia para diversas esferas sociais: "o dinheiro compra tudo e o que o ele não compra é porque foi pouco". O dinheiro funcionava como favor feito para as vítimas da fome, exigindo-se, como pagamento, além do voto, a sua eterna lealdade.

A manipulação dos votos com cédulas era outra estratégia comum. Nesse contexto político, observa que iam "sendo incluídos cidadãos analfabetos, menores de idade e até pessoas falecidas" (Janotti, 1990, p. 51). Para vencer, os coronéis se valiam de qualquer artimanha, pois, "quem já sofreu uma derrota, em uma eleição de interior, sabe o quanto isso é triste e humilhante, ter que ver de perto a cara do adversário comemorando a vitória ainda no ardor da derrota sofrida" (Moreira Filho, 2004, p. 128), geralmente com a euforia do povo gritando numa "grande caminhada pelas ruas da cidade de Dueré" (Moreira Filho, 2004, p. 127), fazendo galhofas com as imagens daqueles que perderam as eleições.

Durante o processo eleitoral, feridas poderiam ser cicatrizadas "entre famílias sempre deram lugar a conflitos no interior dos municípios, chegando até o crime e à guerra latente na

disputa dos cargos municipais" (Palacín, 1990, p. 44) e que, nesse momento eleitoral poderiam se tornar fiéis aliados. As dores de outras chagas eram amenizadas com acordos temporários para garantir a governabilidade do município ou até mesmo de uma grande região dentro do próprio sertão.

Mas algumas feridas poderiam ser abertas entre eles, pois, "essas famílias tinham experiências políticas e comerciais, começaram a disputar entre si o monopólio do promissor comércio [...] e a liderança política no diretório do partido político local, tornando-se concorrentes e adversários" (Nunes, 2014, p.378), envolvendo os seus clãs, amigos e compadres, antes companheiros e prosélitos, que se tornavam rivais políticos e participavam de "vingança familiar e longas lutas sangrentas entre facções políticas" (Palacín, 1990, p. 64) que irá se perpetuar por séculos fins.

O cotidiano dos coronéis era envolto por ameaças, negociatas, violência física, simbólica e fraudes. Pesavento nos traz a reflexão de que "as desavenças políticas davam também motivos para conflitos armados" (2001, p. 211), e esses conflitos percorriam todo o sertão garimpeiro, esses embates, "as matanças e destruições indiscriminadas tinham aberto feridas tão profundas que não poderiam ser saradas por um simples decreto do governo" (Palacín, 1990, p. 84) municipal, estadual e até republicano.

O antagonismo entre facções, clãs e grupos políticos, em várias cidades do setentrião goiano, culminava em terríveis confrontos bélicos diante dos quais os sertanejos acabavam conhecendo "todos os horrores da guerra: incêndios, saques de lojas e casas, fazendas e sítios arrasados, furtos de cavalo e gados etc... E quantas vítimas, mesmo entre os não combatentes, baleados dentro de suas residências" (Audrin, 1946, p. 263).

E não ficava somente nisso, de maneira sádica, o grupo de jagunços, a mando do coronel, "tomava comboios inimigos, atacava a noite acampamentos, fechava as estradas, mandava incendiar, desterrar, degolar" (Audrin, 1946, p. 263). A violência, nesse cenário, era uma rotina impiedosa, e nesse sentido, Paternostro lembra:

> Os "coronéis" de Goiás e Mato-Grosso, para garantirem os seus mandatos nas Câmaras Municipais e de deputados dos dois Estados e da Federação, utilizaram-se dos dois desafetos para fraudar eleições, roubar urnas, etc. O "gangsterismo" eleitoral sacrificou algumas vidas naquela área; ambas as facções de garimpeiros recebiam armas e munições dos Governos dos dois Estados (Paternostro, 1945, p. 306)

As urnas não ficavam de fora. Em algumas situações – quando um determinado grupo estava ganhando ou perdendo – eram as primeiras a serem depredadas durante o processo

eleitoral o que os sertanejos chamavam de “quebradeira”. A vitória de determinado candidato para assumir a administração pública poderia fazê-lo até mudar certas posturas, mas “não parece ter exercido modificação alguma em seus hábitos e nas suas concepções políticas” (Palacín, 1990, p. 157). E permeia no imaginário do sertão garimpeiro o ditado popular: “a política só tem porta de entrada” (Moreira Filho, 2004, p. 153). Então, não haveria por que alterar condutas que eram práxis do sertão.

O jurista Victor Nunes Leal, em seu livro C*oronelismo, enxada e voto*, apresenta o conceito de *filhotismo*, que consiste em “regime de favores aos amigos e de perseguições aos adversários” (2012, p. 20) — neste caso, acrescenta, inclusive com processos instaurados contra os opositores Palacín (1990). Todo esse sistema, denominado de “caciquismo” (Dino, 1981, p. 136) e classificado por Leal como “filhotismo” (2012, p. 32), contribuiu para que “o sistema coronelístico de articulação entre os poderes locais e o poder estadual funcionava à perfeição” (Palacín, 1990, p. 181). Em seu espaço geográfico e seu tempo humano, essa cultura poderia até “desorganizar a administração municipal” (Leal, 2012, p. 32).

Nesse contexto, o Estado constituía máquina para ajudar o coronel a concentrar poderes em suas mãos, girando um “miserável sistema que tem fraude como instituição oficializada. [...] Fraude no alistamento de pessoas analfabetas e de menor de idade [...] de extorsão [...] de coerção, violência policialesca” (Dino, 1981, p. 136) e crimes não investigados, como os atribuídos a Assis Ferraz, funcionário público indicado por um coronel, que fazia questão de dizer que nunca compareceu para prestar esclarecimentos à justiça. A respeito disso, salienta Moreira Filho:

> Na última página dos meus processos de homicídios em andamento, consta uma certidão expedida por um oficial de justiça, dizendo apenas: “o réu, Assis Ferraz, encontra-se em lugar incerto e não sabido”. Isso mesmo, até mesmo, após uma expedição de mandado de prisão nos autos. Mas ao júri mesmo nunca fui, graças a Deus (Moreira Filho, 2020, p. 94).

Mesmo que o caso fosse para os tribunais para julgamento por júri popular, as chances de o réu ser condenado eram mínimas por alguns motivos. Primeiro porque, havia um código de “respeito aos capangas [baseado em] laços de compadrio, convivência e clientela [...] uma relação pessoal de fidelidade mútua, como no antigo sistema feudal” (Palacín, 1990, p. 172-173). Além disso, a força política local frequentemente ligada aos interesses dos grandes grupos e proprietários, influenciava a composição da justiça e dos jurados. A impunidade era alimentada por uma cultura da violência.

Depois porque existia o temor do sistema de coronelato, ancorado em “relações econômicas e sociais, estruturadas de maneira tão patriarcal que por via da consciência o

poder político, concentra-se nas mãos do chefão, a tal ponto que muita gente esclarecida se incomoda e aceita o estado das coisas, conscientemente" (Dino, 1981, p. 136). Outro motivo era o medo que as pessoas tinham do réu, do assassino, pois eles começavam, de acordo com "a impor-se pelos meios mais atrevidos e violentos" (Audrin, 1946, p. 263).

O Estado não dava garantia de segurança para a população; ao contrário, era um tentáculo usado por déspotas para encobrir seus crimes e disseminar o "temor entre os moradores do lugar" (Moreira Filho, 2010, p. 50). Eram evidentes "os sinais de uma justiça e uma força representativa privadas, próprias do coronelismo [e dos] encargos econômicos, que todo esse esquema necessariamente acarretava" (Palacín, 1990, p. 173).

Os coronéis não mediam esforços para manter seu poder nos sertões, onde, como indica Bernardo Guimarães, "as leis e a justiça são impotentes contra quem quer que tenha na carteira algumas centenas de contos de réis" (1951, p. 97) e era assim que a corda geralmente rompia no lado daqueles que não tinham sequer um tostão, assim "coronel manda até na sombra que o sol faz".

Prisão era feita para os que tinham medo e os desprovidos de poderes políticos, econômicos e sociais. Cadeia no sertão era para quem tinha os pés descalços. Cadeia no sertão garimpeiro era feita para pobre. A pessoa condenada a cumprir pena ia "curtir na cadeia dura [...], pois num tem dinheiro pra pagá adevogado" (Brasiliense, 1960, p. 129). Assim, a desigualdade social condenava, prendia e matava, dado que, "gente pobre qui mata é cadeia, na certa" (Brasiliense, 1960, p. 122).

Pobreza, nesse cenário, não se referia somente à condição econômica; relacionava-se também à falta de amizades políticas fortes naquelas veredas. Exemplo disso é o caso de "José Porfírio os Santos Filho, conhecido, em Lençóis, simplesmente como Zé Porfírio" (Moreira Filho, 2020, p. 158). Em Dueré, recebeu o apelido de Baiano. Ele havia fugido de sua cidade de origem na Bahia "para os garimpos de ouro de Paracatu [por ter dado] um tiro num desafeto" (Moreira Filho, 2020, p. 161).

Fugiu não por medo de ser preso, mas sim porque, segundo ele, "o sujeito era de família valente, ignorante, endinheirada, dos Pedrosa. Se eu tivesse ficado por lá eles tinham me matado. Disso não tenho dúvida" (Moreira Filho, 2020, p. 161). Esse foi um caso clássico de "disputa besta de mulher, rabo-de-saia" (Moreira Filho, 2020, p. 161). E no fundo, era mais do que uma querela amorosa, na verdade, tratava-se de (re)afirmação de poder e honra masculina e familiar.

Independentemente do tipo de crime cometido, quem não era afilhado, comparsa de coronel ou de família endinheirada tinha mesmo é que fugir para não sofrer represália. Isso

porque, naquela época, a cultura do coronelismo era forte e reinante, com seu berço retumbante edificado sobre as mazelas sociais da República. A justiça sempre a serviço dos lordaços dos sertões, e os conflitos eram resolvidos na base da pistolagem ou por meio de favores impagáveis.

Quanto mais longínquo e mais paupérrimo fosse o arraial, a vila ou a cidade, maior seria o poder do coronel e a liberdade para tramar negociações e cometer violências. Elevando mais a sua notoriedade, conforme a historiadora Janotti, "o coronel é sempre alguém de reconhecida autoridade e prestigio que possui, potencialmente, possibilidades de atender às demandas de sua clientela, sejam elas públicas ou privadas" (1992, p. 7).

Por essas brenhas do sertão garimpeiro, muitos sujeitos se tornaram coronéis sem ao menos ter uma gleba de terra, apenas dinheiro, o qual muitas vezes era fruto do garimpo, da exploração ou de práticas duvidosas[58]. Houve quem chegasse como simples garimpeiro e, em pouco tempo, alcançou a "envergadura do seu mais elevado posto" (Moreira Filho, 2004, p. 149) da vida pública da cidade. E "todo fazendeiro ou todo grande comerciante era um coronel, mas também é impossível desvincular o coronelismo do mandonismo local" (Janotti, 1992, p. 39).

Mesmo que não fosse um grande fazendeiro, o coronel "era um chefe político, de reconhecido poder econômico, que conseguira apoio e prestígio junto ao governo estadual, na razão direta de sua competência em garantir eleições situacionistas" (Janotti, 1992, p. 41). E manter a situação de dependência entre os lordes, senhores absolutos daquele espaço, que por vezes os enxergavam como currais — extensões de seus quintais, onde podiam livremente "pintar e bordar", como se ali tudo lhes pertencesse por direito.

Essa coerente análise nos ajuda a refletir acerca da multiplicidade das relações sociais e dos negócios mantidos pelos coronéis nesse imenso sertão cristalífero, revelando não apenas estratégias de poder, mas também os modos de vida forjados nas brechas. Hermano Ribeiro da Silva, no livro *Nos sertões do Araguaia*, dá um interessante exemplo disso:

> É preciso não esquecer do velho coronel José Sant' Ana prêto retinto originário do Maranhão. Ele se tornou o patriarca, o ditador de súditos desesperançados e submissos pela força incoercível daquelas dívidas e da sua respirável valentia. Qualquer pessoa que venha do Araguaia necessita de acerca-se dêsse moral todo-poderoso, o dono das melhores embarcações necessárias às viagens. Constituiu-se aqui o maior criador de gado e é o chefe político da região (Silva, 1948, p. 46).

[58] Nessa época, a economia do país estava ligada fortemente ao mundo rural, onde muito fazendeiros poderia comprar o título de coronel; no entanto, muitos sujeitos que não tinham um palmo de terra, mas sim dinheiro, também compravam títulos de militares, de tenentes e coronéis.

O coronel detinha meios de ganhar dinheiro, obter poder político e econômico, explorando o aluguel de embarcações, a criação de gado e a extração do látex. No sertão garimpeiro, fazendeiros também abraçaram diversas atividades e muitos garimpeiros, depois de acumular dinheiro, entravam na esfera política e se tornavam aliados dos grandes proprietários de terra e dos "grandes comerciantes" (Janotti, 1992, p. 19).

Por determinado período ou por toda a sua vida pública e privada, outros se tornavam fazendeiros e políticos. Esses sujeitos, que viviam tradicionalmente no mundo da política ou surgiam realizando suas alianças com os barões do sertão garimpeiro, seguiam a lógica do coronelismo que "imperava tanto na roça quanto na cidade" (Janotti, 1992, p. 60).

Isso incluía tomar decisões para o grupo e seu município e ainda "resolver questões referentes a limites de propriedades, a heranças, a pagamentos atrasados, a venda de animais, casamentos complicados, a educação das crianças, e tantas outras que lhes aparecessem" (Janotti, 1992, p. 59). E diante situações lembra-se por esses morros que "na terra do coronel, até o juiz pede licença".

Em quase todas as situações que envolvessem fazer favores, proteger os seus, perseguir inimigos políticos, fazer ações que às vezes beneficiavam determinadas pessoas, o coronel desenvolvia o seu carisma, desenvolvendo um tipo de caudilhismo municipalesco, e muitos ficavam dispostos a matar e morrer por ele, principalmente nos momentos de crise, de conflitos ou, como muitos preferiam chamar por esses varjões, de "guerra-guerrilha política".

Essas guerras políticas eram sangrentas que "a vitória pelas armas o constituíra chefe político indiscutível da região" (Palacín, 1990, p. 155). O poder que o coronel exercia sobre a terra e as pessoas transcendeu os limites da política convencional, tornando-se uma força quase mítica. Sua presença, como sombra imensa, ditava o destino dos que se viviam envolvidos na trama de sua influência.

A esfera da política era tão truculenta no sertão garimpeiro que era sinônimo de "arrumar inimizades" (Moreira Filho, 2004, p. 123) por pouco tempo ou, às vezes, pela vida toda. Com a vitória por meio de votos ou de violência, "as autoridades [...] fraquejavam diante da figura respeitável do velho chefe, [com] seus modos autoritários" (Maranhão, 1990, p. 96). A vivência ou trama política foi entremeada entre rivalidades e obediências compulsivas e moldava os destinos das pessoas. O poderoso era um ídolo erguido sobre os pactos de medo, sobrevivência e ambição, deixando o sertão sobre os pesos e as sombras dos coronéis.

Com esse *modus operandi*, o coronel, "era um famanaz temido nas redondezas. Braço direito dos chefões estaduais" (Ramos, 1984, p. 81) que ajudava até a tomar algumas decisões

no estado e nas redondezas. Considerando esse contexto, pode-se afirmar, em consonância com Sales que a "política, em relação ao interior, era baseada na lei do mais forte" (1986, p. 51). A respeito desse assunto, Josias de Almeida escreveu:

> Infelicitava-a a politica com seus horrores sertanejos, com scenas degradantes. [...] Para o posto cóbiçado, não se recorria a eleitores, mas sim, aos cabroeiros — seringueiros, jagunços, [garimpeiros], servidores dos patrões prepotentes. A câmara [e a prefeitura] assaltava-se e conquistava-se á mão armada. [...] nos dias das eleições, cavavam-se trincheiras nas ruas, e estaria eleito o chefe que conquistasse com maior numero de chapéus de couro dentro dessas trincheiras (Almeida, 1935, p. 53-54).

A política do coronelismo fluía livremente pelas veredas, adentrava as casas, descia e subia serras e morros, atravessava rios, saltava cacimbas e lagos, lançava-se nos barracos de porta em porta. Construía e mantinha as instituições religiosas e do Estado, voava com os ventos e com os aviões até o mais afastado rincão, cruzava a capital Goiânia, e alcançava a capital da República[59]. Esse poder também se manifestava às avessas, de cima para baixo. O coronelismo estava presente dos nascimentos até nos enterros — o coronel deixava sua marca: ora como benfeitor, ora como algoz, sempre como dono do tempo de suas vontades e das dos outros – seus fieis amigos –.

O poder e a política do coronelismo transgrediam fronteiras e abalava as estruturas sociais do sertão garimpeiro, seguindo com tamanha intensidade que "fazem relembrar até hoje tremendas carnificinas" (Audrin, 1946, p. 66). A memória dessas figuras ressoa como um eco sombrio, carregado de violência e poder. A paisagem sertaneja, marcada pelo domínio dos coronéis, parecia eternamente impregnada por esse legado de sangue e medo. E "quem cruza o caminho do coronel, tropeça em cova rasa".

Essa política movia e regia aquela gente. Notadamente na época em que ela dominava e apaixonava "desde o mais ínfimo e analfabeto prefeito de uma corrutela até a mais alta autoridade do executivo" (Caiado, 1974, p. 99) eram muitos por ela aliciados e que "a politicalha, infelizmente, corria solta, nas veias de muitos garimpeiros puxa-sacos, bajuladores e desnorteados da vida" (Moreira Filho, 2020, p. 102). Uma dessas pessoas que representavam essa política era o Sr. Assis Ferraz, assim descrito por Juarez Moreira Filho:

> Um velho miudinho, baixinho que só ele mesmo, astuto, gordo, barrigudo, nariz achatado, olhos empapuçados, falador e feio pra peste. [...] também usava um óculo

[59] Em meados da década de 1950, a capital federal já ganhara outros rumos. Era construída no centro do Cerrado brasileiro. Brasília ganhara vida e, no centro do país, todas as decisões seriam tomadas a partir de lá

> de cristal bem espesso, na cor verde. E sempre portava um crachá, pendurado ao pescoço, com identificação do seu nome completo e do cargo que exercia. Em sua valise, surrada pelo tempo, conduzia um bloco de guias próprio para o transporte do cristal de rocha. E, obviamente, um bloco de recibos, que fornecia aos contribuintes, que o solicitassem, como comprovante de pagamento de impostos aos cofres do governo goiano (Moreira Filho, 2020, p. 93).

Assis Ferraz destacava-se como um dos raros funcionários públicos nomeados e selecionados por aqueles que triunfavam nas eleições, pois, eram "os funcionários da administração estadual muitas vezes indicados pelo próprio coronel, isolados na capital, por grandes distâncias, viam-se sujeitos a injunções da política local" (Janotti, 1992, p. 58). Esses agentes, entre ordens e obrigações, carregavam em seus semblantes o peso do controle e da lealdade. Entre vastos sertões e corredores de poder, a voz do coronel ecoava, moldando destinos e delineando alianças.

Isso era uma práxis nos ermos dos sertões brasileiros. Os trabalhadores seriam aqueles que apoiaram o coronel nas eleições municipais e estaduais — aqueles que vestiram a camisa e colocaram a cara para bater, "os cabos eleitorais andavam de casa em casa" (Dino, 1981, p. 120), coagindo, cometendo as mais variadas formas de violência para garantir os votos que muitos denominam curral — prefiro nomear de nicho — eleitoral de políticos influentes. Ou seja, "aliança de coronel dura o tempo de uma boa colheita".

O termo curral remete a pessoas vistas como animais que geralmente não tinham a opção de negociar seus lugares, suas posições sociais, originando ditados populares como "no sertão, o cabresto não é só pro gado". Em algum momento, o eleitor do sertão representava simplesmente um voto de cabresto, mas não abria portas para qualquer e "não limpava bancos nem engraxava sapatos pra [...] nenhum" (Moreira Filho, 2004, p. 125), ou seja, mantinha firme suas convicções políticas, enquanto outros faziam negociata. Essas práticas, "abrange inúmeras implicações ao longo do processo histórico" (Janotti, 1992, p. 8).

Por mais que vivessem comendo o pão que o diabo amassou, alguns sujeitos afirmavam seus valores na mesa de negociatas, mas isso não intimidava os coronéis que "comandavam o eleitorado de cabresto" (Janotti, 1992, p. 37) e indicavam fiéis eleitores para ocuparem cargos públicos por "ordem expressa do Governo" (Audrin, 1946, p. 106). Toda essa conjuntura do coronelismo no sertão garimpeiro permitia a ação de um "bafejo oficial, coletor pra cobrar imposto como quer, dinheiro da prefeitura à vontade e um bando de assassinos" (Dino, 1981, p. 90).

Com a nomeação de pessoas para cumprir os compromissos que foram acordados durante processo eleitoral e tendo nas mãos o controle da administração pública, o "executivo, legislativo e judiciário [estavam] nas mãos da mesma pessoa" (Tonini, 1959, p. 94). O coronel

ia gerenciando o sistema público da mesma forma que administrava seus bens particulares, tratando as pessoas por ele nomeadas como objetos de uso, mesmo que lhes proporcionasse algum tipo de regalia ou direito.

O crachá no pescoço de Assis Ferraz representava os compromissos e as benesses negociados com o coronel. A ele cabia agir como mensageiro do governo local. Mas a esse tipo de funcionário público era incumbida não apenas a tarefa de cobrar impostos, mas também a de delatar opositores políticos e persegui-los. Ao abordar esse assunto, o jurista Sálvio Dino salienta:

> Os porta-vozes governistas dos municípios, mancomunados com policiais desumanos, perseguem e matam pobres homens do interior, muitos deles com enorme família, há dezenas de anos fixados na terra em que mourejam, pelo simples fato de não se dobrarem ao situacionismo arbitrário (Dino, 1981, p. 86).

Com o poder político entranhado na vida social, ocorriam crimes bizarros dentro do sertão garimpeiro e nada acontecia com o agressor, Assis Ferraz se "gabava de ter sido indivíduo [...] valente, perigoso. Falava abertamente, com água na boca, dos crimes de mortes cruéis, horripilantes, de causar náuseas, aqueles que praticou no exercício das funções de controlador" (Moreira Filho, 2020, p. 94), obtendo o que os coronéis tinham de sobra: prestígio social e poder econômico no sertão.

Neste contexto, o sertão foi um período marcado por "violências, de imposições arbitrárias, de prisões injustas, de expropriações e até assassinatos" (Audrin, 1946, p. 100) e o sertão onde manda coronel, crime com ordem não é pecado e por Deus está abençoado-perdoado. Este sertão é feito de feridas — muitas ainda abertas — e, por vezes, com o dedo dentro, continuam a sangrar até os nossos dias.

Os crimes cometidos no exercício do funcionalismo público, sem punição, denunciavam o grau elevado de impunidade concedido àqueles que tinham padrinho forte, que "eles sempre tem costa quente" (Brasiliense, 1964, p. 71). Muitos viviam protegidos pelas negociatas tramadas no período de eleição e outros, continua o escritor, "cresceram sob o domínio do coronel" (Brasiliense, 1960, p. 55).

Essas redes de poder e influência se consolidavam em um sistema no qual a lei se dobrava à formação das ações públicas, enquanto a população era ativa e passiva nesse cenário e, de certa maneira, ajudava no fortalecimento de uma elite poderosa e quase intocável, cujas raízes gravavam e se aprofundavam na terra do vasto sertão garimpeiro, reproduzindo então a perpetuação da desigualdade.

Tendo alguém para o defender e o proteger de todos os crimes por ele cometidos, o agente público não sofria qualquer tipo de punição, mesmo porque “os cargos públicos mais importantes como os de Juiz de Direito, de Promotor Público e o de Delegado de Polícia, estavam a distritos à esfera estadual” (Janotti, 1992, p. 48), na qual atuavam indivíduos que mantinham boas relações com o chefe político do município. Assim o adagio popular se fez “no terreiro do coronel, até o delegado pede bênção”.

Geralmente, esses sujeitos de boas relações com os donos dos poderes regionais conseguiam cargos da administração pública e gozavam de proteção e “bajulavam excessivamente, aqueles que [estavam] no Poder, lisonjeando-os descaradamente. Os lambes-bundas” (Moreira Filho, 2004, p. 125). Eram sombras moldadas por conveniências, dançarinos de um baile onde a honra se curvava e a verdade se tornava um sussurro abafado. A história, no entanto, carrega o peso dessas vozes esquecidas e se ergue implacável em seu julgamento.

O poder municipal quase não se contrapunha ao poder estadual; pelo contrário, na maioria das vezes, sustentava com ele uma relação mais que amistosa, um pacto de conveniências mútuas. Não sem motivos, Assis Ferraz se vangloriava de “nunca ter pisado os pés no tribunal do júri. Dizia ter usufruído, na justiça, de todos os recursos, através do jogo sujo de influências, dentro da política partidária e lero-leros” (Moreira Filho, 2020, p. 94). Assim, as engrenagens da política se moviam a sussurros e promessas veladas, enquanto a verdade permanecia refém das mãos que a manipulavam. Cada gesto era uma peça num teatro de aparências, onde o poder sorria e dissimulava.

Assis Ferraz narrava suas tramas para todos que se encontravam no salão do Hotel Cristal e o público que “ficava a lhe dar ouvidos, por horas a fio” (Moreira Filho, 2020, p. 94), deixando evidente a atenção que as pessoas davam a ele, por medo, por respeito ou na tentativa de fazer parte das relações do coronelato. Fato era que “naquela existência rude, lá onde para tanta gente a vida vale pouco e onde, portanto, perdel-a quasi não faz diferença, as relações entre os homens são regidas menos pela lei do que pelo temor reciproco” (Almeida, 1935, p. 50).

O sonho de riqueza e poder embriagava quase todos que percorriam aquelas veredas garimpeiras, almas marcadas pela sede dos cristais, ouro e diamantes — das gemas — e a ânsia do mando. Sofriam, como diz Janotti, “diretamente ou indiretamente o jugo de prestígio” (1992, p. 58) e, por fim, deixavam-se seduzir pelo lema que ressoava nas entranhas do coronelismo, “para o meu amigo pão, para os meus inimigos pau” (Leal, 2012, p. 32). Essa máxima se erguia como lei tácita, impondo-se nos risos abafados e nos gestos de falsa

cordialidade, enquanto a injustiça florescia em solo árido, regada pelo medo e pelo silêncio. Sobre isso, o padre Quinto Tonini salienta:

> Os políticos, apenas chegados ao poder, agiam baseando-se mais em proveito próprio, que nas leis de administração da justiça; eram uma arma de injustiça, em mãos da política, que só assistia a seus partidários. Até mesmo as escolas municipais e estaduais existiam em função da política e não de programas, mas da escolha do pessoal docente. A economia e o comércio também se ressentiam dos nefastos influxos da politicagem. Muitas vezes vários atacadistas haviam perseguido e sufocado a inciativa privada dos pequenos comerciantes para eliminar a concorrência e em seguida estabelecer o equilíbrio dos preços (Tonini, 1959, p. 185).

Nessa sociedade coronelista e garimpeira, a violência não se restringia às disputas entre homens; alcançava, de forma ainda mais cruel, as mulheres. O machismo estava entranhado na cultura do sertão garimpeiro como uma sombra que obscurecia suas existências. Além de suportarem as rígidas estruturas da sociedade patriarcal, as mulheres enfrentavam o sexismo e a violência masculina, muitas vezes sem voz ou amparo para denunciar seus agressores, sobretudo, quando se tratava das chamadas “mulheres de vida alegre” (Palacín, 1990, p. 163). Nas margens da lei e do respeito, suas dores ecoavam em silêncio, enquanto o tempo seguia seu curso indiferente, com as histórias de dor e resistência ocultas sob o pó das veredas esquecidas.

2.5 Machismo, prostituição e violência contra mulheres

No sertão garimpeiro, a esmagadora maioria das mulheres tinha “três opções: aceitar o véu de freira, vestir a grinalda de noiva, ou se prostituir” (Moreira Filho, 2020, p. 206). Muitos homens pensavam e falavam abertamente “que mulher de garimpo não prestava para casamento” (Júnior, 2010, p. 20), lançando o seu preconceito sobre aqueles corpos exaustos e sofridos. Embora o garimpo fosse um espaço masculino, onde as mulheres eram marginalizadas, muitas reinventaram seus papéis, como veremos no terceiro capítulo.

A partir desse olhar preconceituoso sobre o corpo feminino, cristalizou-se no sertão como “o secular conceito, segundo o qual a mulher veio ao mundo para três finalidades: ser batizada, casar-se e ser enterrada” (Dino 1981, p. 62), tendo única função, no casamento, servir o marido e cuidar da casa e dos filhos. Essa visão machista era tão arraigada que até mesmo dentro da esfera política ela se manifestava quando se dizia que “oposição sempre foi como mué de janela, — só tem fachada” (Dino, 1981, p. 100). E mesmo as mulheres ricas, conforme Kalline Flávia Silva de Lira:

> [...] tinham a vida cerceada pelos homens. No Sertão brasileiro do século XIX [e XX], as mulheres de classe social alta, até as que tinham estudo, estavam limitadas ao espaço privado, do lar. As mulheres não eram consideradas cidadãs políticas, e por isso o campo público, seja econômico, político, social ou cultural, não era destinado às mulheres (Lira, 2019, p. 345)

As filhas mulheres de famílias mais ricas eram direcionadas ao mundo religioso para que, assim, pudessem aprender aquilo que se chamava de dote, consagrar-se à religião como freiras ou ter uma educação aos moldes da religião predominante da época, da Igreja Católica. Quem tinha boa condição econômica e queria suas filhas letradas, matriculava-as na escola religiosa para mulheres em Porto Nacional.

Foi o que aconteceu com Helena, filha do coronel Pacheco, "concluiu o seu curso no colégio Sagrado Coração de Jesus, em Pôrto Nacional; ela lera bastante e [...] tinha noção perfeita do que era justiça social" (Brasiliense, 1960, p. 64-65). Esse estudo possibilitou a ela ajudar o marido Domingos no comércio na cidade de Pium no período quente da exploração do cristal de rocha.

Luzia Bezerra Nunes, nascida no sertão dos vales do Araguaia-Tocantins, carregou em seu sangue uma poderosa e vasta linhagem de sertanejos, políticos e comerciantes do Jalapão; e na idade certa de seus, partiu para Porto Nacional conduzida pelos ventos da esperança e pelo desejo de conhecer o mundo melhor através dos livros, ela destacou:

> O colégio Sagrado Coração de Jesus., de Porto Nacional, fundado pelas irmãs da Congregação Dominicana de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, na França, foi sustentáculo na instrução e educação das moças do Norte Goiano, de 15 de setembro de 1904 a 1946, época em que passou a ter a concorrência de outros colégios (Nunes, 2014, p. 296).

Assim, onde os padres e freiras dominicanas ergueram o colégio, nasceu a grande referência educacional dos vales para aqueles que desejavam seguir os estudos e possuíam condições econômicas. É importante lembrar – como descrito no primeiro capítulo – que essa estrutura, erguidas décadas antes, teve suas bases moldadas pelo suor de escravos, negros, sertanejos, homens e mulheres, cuja força construtiva uniu-se aos religiosos.

Foram essas explorações e energias que fizeram com que "a estrutura educacional montada pelos Dominicanos em Porto Nacional, desde 1886, transformou essa cidade no centro educacional do Norte Goiano, sendo exemplo de desenvolvimento político, social e cultural da região" (Nunes, 2014, p. 293).

Considero um equívoco de Moreira Filho dizer que "o povo lá não se importava com a aprendizagem no máximo assinar o nome, decifrar uma correspondência, ler a bula de um

remédio e fazer uma conta necessária" (2010, p. 60). Isso porque o máximo que garimpo exigia era só isso, e por outro lado tinha as condições sofríveis, os sertanejos arrumavam um jeito de mandar os filhos para a escola.

O escritor Gomes de Castro, que saiu de São Paulo rumo à cidade de Pium, descreve em seu livro *O garimpo*, com delicadeza e espanto, o espaço escolar encravado no sertão garimpeiro: "num rancho sombrio uma espécie de escola: banquinhos rústicos, um quadro negro, crianças atentamente ouvindo a professora" (1949, p. 264). Nesse cenário modesto, quase improvisado, a educação floresce entre sombras e silêncios, como quem planta esperança em terra bruta.

As escolas públicas eram precárias e os professores sofriam com atraso no pagamento de salários[60]. Nesse período, "os funcionários públicos estavam com seus salários atrasados, não tinha investimento em educação e não existia um código de postura municipal" (Lunckes, 2011, p. 44). Pois os alunos eram poucos, e "havia em média uma dúzia e meia de alunos na escola particular" (Moreira Filho, 2010, p. 59). Mesmo com meia dúzia de gatos pingados, ainda tinha aqueles filhos do garimpo que proporcionavam a educação a seus pequenos.

Um dos exemplos dessa realidade, levantado, é o caso do "Sr. Longo Vieira, que bamburrou nos garimpos de cristais de rocha em Cristalândia, comprou um avião teco-teco e proporcionava a sua filha Osmarina Vieira este meio de transporte rápido para Porto Nacional" (Nunes, 2014, p. 305). Essa ação representava tanto o sucesso financeiro e a ascensão social proporcionados pelo garimpo quanto as mudanças de vida e o contraste entre a tradição sertaneja e a modernidade

O garimpo lhe trouxe uma imensa prosperidade econômica para que pudesse comprar um avião, encurtando distâncias do saber. Imaginemos o tamanho da economia adquirida pelo garimpo de cristal com os gastos com as viagens: o contrato do piloto, o combustível, a manutenção da aeronave e o sustento da filha em Porto Nacional. O avião evoca o símbolo de dois mundos em uma atravessai – a do sertão rústico e anseio do garimpo de cristal que trazia o moderno –.

Essa dúzia e meia de alunos eram membros de famílias com melhor condição financeira que a dos sertanejos que colocavam seus filhos para estudar numa escola improvisada. Jovens mais ricos iam para colégios particulares em outras cidades, geralmente

[60] Em conversa que tive em 2021 com uma anciã conhecida como professora Neusa, que lecionou na cidade de Xambioá Tocantins, entre as décadas de 1950 a 1980, ela narrou as dificuldades estruturais, com salas de aula de palha e chão batido, e financeiras, causadas pela demora de meses no pagamento de salário. Narrativa idêntica foi a da professora Francisca, na cidade de Cristalândia.

em Porto Nacional, Goiânia, ou em outros estados. Nessas ocasiões, “os pais pagavam as despesas com a educação e alimentação das filhas anualmente, devido às grandes distâncias e falta de meios de comunicação” (Nunes, 2014, p. 305).

Nesses pais, se observava uma “alegria incontida, em ter filho estudando fora” (Moreira Filho, 2004, p. 117), em escolas preparadas pelo sistema para “gerar letrados e bacharéis, necessários à burocracia, regulando a educação de acordo com suas exigências sociais” (Faoro, 2001, p. 446) em que por outro lado exigia os poderes públicos do sertão garimpeiro.

Essas escolas moldavam indivíduos para cuidar da economia — tanto dos bens públicos quanto dos particulares — e abrir-lhes as portas da administração pública do sertão. Raymundo Faoro elucida que “a educação [era] inútil para a agricultura, talvez nociva ao infundir no titular o desdém pela enxada e pelas mãos sujas de terra, mas adequada ao cargo do governo e da administração” (2001, p. 446-447). Assim, o saber tornar-se-ia um ornamento de prestígio. Compartilhando essa visão sobre a educação e seu papel no serviço público, Luzia Bezerra da Silva afirma:

> Muitas jovens que terminaram ali o Curso Normal ou Curso de Formação de professores, foram pioneiras em vários municípios de Goiás, na fundação e direção de escolas do ensino fundamental e médio, destacando-se como professoras, funcionárias em repartições públicas, ou como esposas e mães, no trabalho silencioso juntos aos maridos na educação dos filhos (Nunes, 2014, p. 298).

Abria-se um enorme abismo social entre aqueles que tiveram a oportunidade de estudar e “conquistar carga, [...] o parlamento” (Faoro, 2001, p. 448) e os de pés descalços, cujo maior tesouro era a própria vida. Esses, sem opção, entregaram-se ao trabalho alucinante, movidos pela luta contra a fome que os perseguia e pela necessidade que os consumia.

Sem educação adequada, o máximo que conseguiam era, como problematizado no geral cristalífero, “apenas passar troco e escrever o nome, pois já bastava isso para sobreviver naquele lugar” (Rimualdo, 2021, p. 66). O mundo das letras para eles, pobres indivíduos do sertão garimpeiro, eram fragmentos distantes – mesmo desejado – de um mundo que os excluía, enquanto a luta diária marcava suas condições sociais, suas peles e resistia em suas almas, perpetuando a desigualdade em cada jornada sob o sol escaldante implacável.

Caso interessante é o de Donna, mulher que recebeu boa educação, paga pelos pais que tinham uma condição financeira razoável, fruto de garimpo de diamante na Bahia, e que transitava pelos garimpos de cristal do antigo norte goiano. Assim, “Donna teve uma boa formação escolar. Leu muito. Morou em Lençóis, Salvador, no Rio, a capital Federal. Viajou

mundo afora, conheceu a Europa, metrópoles, cidades históricas, museus, praias turísticas. E veio parar nos garimpos de Dueré" (Moreira Filho, 2020, p. 101).

Na mesma cidade as "moças eram bem bonitas, mas não sabiam nem ler e escrever, nem o pai consentia que aprendessem uma ou outra coisa, pelo receio de que se dessem à leitura de novelas e a escrever cartas de amor" (Gardner, 1942, p. 48) para depois fugir com seus amantes. A educação, especialmente para as mulheres, era vista como uma ameaça à honra da família.

Por conta desse comportamento machista, grande número de mulheres, "crescera sem estudar, aprendendo apenas o básico, vivia a ajudar a mãe nas tarefas domésticas" (Júnior, 2010, p. 158), e mais, ocupava-se "dos trabalhos pesados da casa" (Audrin, 1963, p. 157) cuidar da casa e cuidar dos filhos. Essas mulheres, em várias ocasiões, eram privadas de seus próprios sonhos, encarando a submissão como um destino quase inquestionável. A ausência — ou mesmo a proibição — de oportunidades educativas e profissionais fazia perpetuar o ciclo de dependência e invisibilidade social para aquelas mulheres pobres e marginalizadas.

A elas era proibido sonhar com o exercício de outras atividades ligadas à administração pública. E se, mesmo a duras penas, tentassem ocupar espaço na política, eram humilhadas, como no caso da "primeira mulher a se candidatar ao cargo de vereadora — D. Alzira do Sr. Argentino — [que] passou pelo constrangimento de os opositores, na véspera das eleições escreverem nas ancas de uma égua: vote nela. Depois soltaram o animal na Praça Central" (Moreira Filho, 2013, p. 113). Alzira foi identificada a partir do nome do marido, como se dependesse de uma figura masculina para candidatar-se, além de ser comparada a uma égua pelos adversários políticos que a representaram como um animal, sem prestígio, sem lugar, sem referência.

No sertão, a mulher era "criada nos moldes de uma civilização severa e tradicional daquelas que basta um olhar... do chefe de família" (Moreira Filho, 2004, p. 61) para repreender e intimidar. Todo namoro era vigiado. Nem sequer o namorado ou o marido a maioria pôde escolher, já que o patriarcalismo imperava em todas as relações, inclusive com o pai obrigando a filha a casar com um compadre dele.

Desde modo, eram os "casamentos arranjados à última hora, sem mais formalidade que as juras de amor dos noivos que vêm pela primeira vez" (Serra, 1946, p. 31). E assim também muitas mulheres seguiam, entre os tropeços da vida dura, presas à lógica impiedosa do sertão machista e patriarcal, onde se dizia que o "lugar de mulher é no fogão ou no colchão".

Era uma violência contra a mulher que “empurravam-lhe um homem para casar. Nem chegou a namorar um só dia” (Dino, 1981, p. 41). Essas relações envolviam “esposos infiéis, pais desnaturados, lares desunidos” (Audrin, 1963, p. 142). A exemplo desses casamentos arranjados, os sertanejos, os coronéis e fazendeiros realizavam “de modo patriarcal o casamento de seus vaqueiros e camaradas. Eram escolhidos por eles, marido e mulher. Se o casal se desentendia e o marido abandonava a mulher, dela e dos filhos tomava conta Joaninha [a fazendeira], como se fossem filhos de criação” (Souza Filho, 1980, p. 43).

Os casamentos eram realizados quando, “em peregrinações demoradas a que chamam de desobrigas, os vigários [andavam] de ponto em ponto rezando missas, batizados e casamentos” (Serra, 1946, p. 30). No sertão garimpeiro, essas festas, envoltas em religiosidade, transcendiam os ritos dos sagrados e se tornavam marcos de existências, onde “os batizados e casamentos representam verdadeiras certidões de nascimento e casamento” (Nunes, 2014, p. 265).

Mas não se limitam a esses eventos, expandindo-se em celebrações que teciam as identidades e a memórias sertanejas, como também poderia ocorrer “nos dias de festas do padroeiro, no arraial” (Audrin, 1963, p. 144) ou em datas de aniversário de um coronel ou de um político com bastante poder aquisitivo. Essas cerimônias, marcadas por tradições e interesses sociais, uniam mais que sujeitos: consolidavam alianças e perpetuavam posições sociais.

Esses casórios direcionavam as mulheres para as únicas funções de cuidar dos filhos e da casa e muitas eram obrigadas “a suportar calada a poligamia do esposo” (Júnior, 2010, p. 159). As que não queriam seguir à risca o destino que lhes eram impostos por seus familiares com casamentos arranjados, ousavam contrariar as ordens dos pais, essas jovens “fugiam” para casar às escondidas com quem interessava a elas, “dando esse desgostoso pros velhos” (Moreira Filho, 2004, p. 81). Outras eram expulsas de casa por terem perdido a virgindade e, com isso, sujar a honra da família. No sertão, “desobedecer à ordem do pai ainda se constituía pecado” (Dino, 1981, p. 42) de morte.

Comumente, de acordo com Júlio Paternostro (1945), nesses lugares ermos, mulheres se casavam com homens de famílias com as quais mantinham parentesco para garantir que os bens não fossem divididos com estranhos. No sertão garimpeiro existiam “pai[s] incestuoso[s]” (Benício, 1997, p. 95) e parentes com parentes, primos(as), sobrinhos(a), tios(as) e alguns casos, até mesmo irmãos com irmãos.

É essencial compreender outra razão que sustentava as práticas matrimoniais nesse vasto sertão garimpeiro, pois era “nesse ambiente rude, desabitado, mas com ótimas

condições naturais, os desbravadores organizaram famílias numerosas com os casamentos entre os parentes e as famílias vizinhas" (Nunes, 2014, p. 191). Esses desbravadores, por sua vez, eram os sertanejos, vaqueiros, tropeiros, garimpeiros, ciganos, andarilhos, benzedores, formando um mosaico vivo das identidades existenciais.

A maioria dos matrimônios era imposta à mulher, que às vezes se casava, como observa Gardner, em "idade prematura [...] antes de ter completado onze" (1942, p. 49), ou no máximo com treze anos. Algumas, na mesma faixa etária, já trabalhavam na prostituição, como o caso da "filha da Geralda do seu Zé 'stá no cabaré de Dueré, com treze anos de idade" (Moreira Filho, 2009b, p. 71). Era essa também, em muitos casos, a única alternativa para aquelas que rompiam laços com a família ou que se tornavam meretrizes por falta de outra opção de vida.

Essas mulheres, sofridas buscavam chegar ao imenso sertão garimpeiro a pé, em carro de boi, montadas em burros — animais de tropas —, de barcos. Eram, "mulheres-do-mundo chegando de teco-teco, aos montes, principalmente de Cristalina, Anápolis, Goiânia, Marabá [do estado do Pará] e Carolina [do estado do Maranhão] pra desfrutarem do dinheiro que corria frouxo pelos cabarés" (Moreira Filho, 2020, p. 78-79). Às vezes embarcavam em caminhões conhecidos como paus-de-arara nos quais se aglomeravam pessoas debaixo do sol esbraseante em situação desumana.

Onde houvesse a possibilidade de correr dinheiro, as prostitutas buscavam meio de ganhá-lo. Umas eram agenciadas, vindas "até do Rio de Janeiro" (Júnior, 2010, p. 63). E tinha um caso raro de prostituta que se distinguia da quase totalidade delas pelo nível de educação e cultura. O exemplo de Belina, "educada, de família rica em São Paulo" (Brasiliense, 1960, p. 110), que buscava conhecer os garimpos do antigo norte goiano. A mulher paulista "era de uma educação esmerada, mas de uma franqueza singular [...] perto do travesseiro estava um volume de Angústia de Graciliano Ramos e outro de Os miseráveis, de Hugo" (Brasiliense, 1960, p. 111 e 113).

Além de suas leituras e sem falar que já conhecia "tudo quanto é cidade grande do Brasil. Conhece até o estrangeiro" (Brasiliense, 1960, p. 110). Ao contrário de Belina, muitas mulheres, chegavam no sertão garimpeiro apenas com uma rede, sinal da sua pobreza (Júnior, 2010). É de suma importância lembrar que conhecer todo lugar do Brasil e o estrangeiro, remete à lembrança de que ela, a mulher – a prostituta –, vivia em constante peregrinação por este país, em busca de sobrevivência e que a prostituição, em sua dura realidade, não distinguia classe social; muitas, naquele tempo, buscavam apenas uma forma de continuar existindo.

Não raramente, essas mulheres eram tratadas como animais, sendo chamadas de "'gado', 'novilha'" (Brasiliense, 1960, p. 12), e apontadas com adjetivos, como "rameira" (Brasiliense, 1960, p. 38). Também eram classificadas, de acordo como "dama da rua, mulher da vida, 'alemãzinha', mulher de má vida, amásia" (Castro, 1949, p. 257), rapariga, prima e mulher fácil. Pesavento ajuda ao acrescentar os termos como "sirigaitas barulhentas, cabrochas novas de sangue na goela, descuidosas filhas de Eva" (2001, p. 186), entre outros termos pejorativos usados de maneira leviana.

Nesse contexto, ao mesmo tempo em que Dueré — como em outras cidades onde tinha o garimpo de cristal de rocha — intensificava-se a exploração do cristal de rocha e, além de vários nomes pejorativos, outro ganhava o imaginário social, como "diamante de saia" (Castro, 1949, p. 250) e, desse modo, a maioria das ruas na cidade de Dueré – como na maioria das outras cidades garimpeiras – "descambava pro rumo do cabaré da cidade" (Moreira Filho, 2004, p. 110).

Ainda existiam "vários cabarés esparramados em bocas de manchões" (Moreira Filho, 2020, p. 205), alguns batizados com nomes que já traziam o teor da agressividade e a importância do sexo naquela região garimpeira: "Puxa-Faca" (Moreira Filho, 2020, p. 224), "puteiro Levanta-Saia" (Moreira Filho, 2020, p. 179), "Rola-Jegue" (Moreira Filho, 2020, p. 158) e o "cabaré do Ribamar" (Moreira Filho, 2012, p. 114).

Desse feito, pode-se entender que havia "muitas prostitutas fichadas nos cabarés" (Moreira Filho, 2020, p. 224). Nessas cidades, se "juntou rapariga de toda parte do mundo, só estrangeiras dizem que havia trina e duas, cabaré e bordeis à riviria, nunca se viu tanta mulherzinha de menor, de até 14 anos" (Bernardes, 2005, p. 64), sobrevivendo a duras penas em um lugar tão áspero como era o sertão garimpeiro.

A situação dessas mulheres era entristecedora, pois aquelas "prostitutas, muitas das quais já estavam gastas, surradas, o que era notado pelos vestígios de cansado, estampados em seus rostos forçadamente alegres, desgraçadamente habitados por sorrisos constantes e hipócritas" (Brasiliense, 1960, p. 12), viviam de cabaré em cabaré.

Essas mulheres eram frutos espinhosos gerados nos viveiros da miséria, da pobreza e do abandono enraizados em todos os quadrantes deste país chamado Brasil, e "eram justamente as mulheres das camadas subalternas da população que mais se tornavam a presa fácil" (Pesavento, 1995, p. 71), de todo essa sociedade machista, desigual e violenta.

A grande maioria era pobre, sem estrutura familiar, sofredora "ou fica velha no canto, passando fome, em molambo, ou abre um bordel para viver da infelicidade das outras" (Brasiliense, 1960, p. 106). Seus corpos eram as únicas mercadorias que poderiam oferecer

para ganhar o seu pão-de-cada-dia, mesmo sabendo que a qualquer momento poderiam ser mortas sem mais nem por quê. Exemplo disso, conforme Assis Júnior era:

> Lina, a mais experiente de todas. Filha de pai alcoólatra, que vivia de bicos e muitas vezes à toa; enquanto em casa havia uma fila de irmãos pequenos que tinham como única alternativa viverem soltos pelas ruas. Por isso ela teve que se virar muito cedo e cair na prostituição para ajudar a mãe, pois pouco fora a escola e não enxergava nenhuma oportunidade na vida (Assis Júnior, 2010, p. 43).

Nessa situação tristonha e consternadora em que as mulheres se encontravam no sertão garimpeiro, repletas de dores, dentro do patriarcalismo, da macheza, das violências, das desigualdades econômicas e de gêneros, nessas condições melancólicas, a prostituição era um meio de sobreviver. Mesmo diante dessas dores, elas não perdiam a vaidade que o garimpo possivelmente lhes propusera, o que as ajudava, quem sabe, a arrumar um namorado e obter dele dinheiro.

Para se tornarem mais sedutoras, essas “mulheres-da-vida estavam de bóbis na cabeça, fazendo as unhas e cuidando dos cabelos, da pele. Outras liam “o almanaque de Bristol, se inteirando sobre o assunto do dia, as fases da lua, os horóscopos, as anedotas sobre política contemporânea” (Moreira Filho, 2020, p. 223). Neste meio, ainda tinham aquelas que trocavam simpatias para atrair homens e a sorte, desde chás, decorações nos seus quartos até mesmo banhos de ervas para mantê-las sempre ativas.

Esses fazeres femininos indicavam que o garimpo, por meio da prostituição, estava transformando e modernizando os comportamentos femininas. O que, antes, não era comum vê-las com “as unhas dos do dedão pintadas de vermelho, apontando pra fora dos sapatos dos mais variados tipos, [fazendo] a boca tomar formas diferentes à custa do baton. De vez em quando amanheciam com o cabelo louro” (Brasiliense, 1960, p. 25).

E não paravam por aí, elas também “raspavam o cabelo das pernas, raspavam o sovaco [...] as mulheres modernas não usavam meias. Isso era somente para internas do colégio” (Brasiliense, 1960, p. 26). E ler sobre política contemporânea, apenas ler mesmo, pois ainda sua participação era coisa que as mulheres não conseguiam fazer em tempos não tão remotos no abrasador norte goiano. Tudo isso era novo no sertão garimpeiro.

Tão endemoniado era o sertão garimpeiro que, entre tantas coisas novas, muitas mulheres, sobretudo as prostitutas, traziam, n“o corpo e a alma tatuados, com enormes cicatrizes, deixadas pelas balas, punhal, ponta de faca, garrafas, cacos de copos de vidro, pauladas, cadeiradas, murros, tapas na cara, pontapé na bunda e o escambau” (Moreira Filho, 2020, p. 210), mostrando a violência que sofriam.

Com certeza elas não eram mulheres alegres, como alguns diziam, haja vista que naquele quadro de miséria, desalento, fome, moléstias e desemprego, tinham poucas opções de sobreviver, contrariando a visão estereotipada de que elas haviam escolhido “estradas da vida fácil, [...] desenfreada, são largas, fantasiosas, romanescas” (Moreira Filho, 2020, p. 206).

As vidas das mulheres prostitutas não tinham nada de fácil. Era, sim, bastante penosa. Imagine deitar-se com garimpeiros que passavam dias nas barrancas de cristais sem o mínimo de higiene corporal, deitar-se com homens pelos quais não tinham atração sexual, apenas pelo dinheiro, para sobreviver. Essas mulheres, nesse contexto, “eram visualizadas como um umbral de prostituição” (Pesavento, 2001, p. 221).

Muitas eram mortas e seus corpos — sem vela e nem sentinela —, jogados em ermos, como se joga fora um objeto sem valor, feito uma coisa qualquer, sem nenhum prestígio social. No pensamento do sertão garimpeiro, a única função da prostituta era aliviar a tensão corporal dos clientes. Eram tratadas como objetos de sombras úteis. Depois, deixavam de servir e tornavam-se inconvenientes, descartáveis. Suas dores não eram vistas, muito menos sentidas — eram esquecidas, tragadas pela ignorância—.

Portanto nessa época e nessas corrutelas, essas mulheres de vida fácil elas não tinham nada, e a violência contra essas mulheres já havia se naturalizado, tanto que “era comum se escutar pelos garimpos mulheres apanhando dos donos de cabaré por infringirem pseudas leis, falsas normas ou regras bestas, sem um pingo de fundamento legal. Além disso, era bastante degradante para o ser humano” (Moreira Filho, 2020, p. 206).

O sertão garimpeiro era um lugar, em grande medida, agressivo, violento, incerto, um lugar banhado de ignorância e selvageria. As mulheres apanhavam a troco de nada e por não conseguirem seguir as regras do mundo de prostituição ao qual se lançaram. Essas regras, ligadas aos cabarés, eram pura exploração dos corpos dessas mulheres, geralmente impostas pelos donos dos puteiros.

Nesses cabarés, sob a luz trêmula do candeeiro, as regras não eram mais do que correntes invisíveis forjadas pelo dono do puteiro para explorar cada momento, cada centavo de suas existências. Ali os corpos eram mercadorias e as almas daquelas mulheres, prisioneiras de uma engrenagem venal e corpulenta. O riso forçado era o prazer dado em troca da sobrevivência. O batom borrado e a maquiagem escondiam cicatrizes que o tempo jamais poderia apagar.

O que Moreira Filho (2020) chama de regras bestas e sem nenhuma base jurídica eram resultantes do mau funcionamento das instituições governamentais que não agiam para coibir

a violência no garimpo. Daí que tais normas, estabelecidas aleatoriamente, regiam o sertão garimpeiro pela lupa do mundo machista do sertão goiano. Para aquelas que começavam "com fuleragem besta" (Brasiliense, 1960, p. 106), ou seja, que se recusavam a aceitar as imposições arbitrárias, o destino era o "despacho" (Brasiliense, 1960, p. 106), significando uma surra ou mandando ir embora.

Uma dessas normas, que jamais poderiam serem quebradas, era "ir pro quarto com um garimpeiro antes dele consumir algum tipo de bebida e cigarro do bar" (Moreira Filho, 2020, p. 206-207), pois era nas vendas dessas mercadorias que o dono do cabaré obtinha lucro maior, portanto, "só a chave da consignação do quarto era pouco" (Moreira Filho, 2020, p. 207). Além do controle rígido sobre o consumo do prazer em moeda. O cabaré funcionava como um microcosmo do sertão garimpeiro em que os lucros, os desejos, as ilusões se mesclavam com a sobrevivência daqueles sujeitos.

De acordo com Brasiliense (1960), havia raríssimas exceções, quando a prostituta poderia alugar um quarto e ganhar o seu próprio dinheiro. Nos cabarés, porém, a realidade era bem diferente, "era proibido à mulher enxodozar-se com o bicho-homem. Pois segundo as normas existentes nos cabarés, a rapariga é do freguês que chegar primeiro, e não do freguês bonitão, que chegou por último, se não, ela caía na taca. No couro de catingueiro" (Moreira Filho, 2020, p. 207), ou seja, até os sentimentos eram proibidos, apaixonar-se era proibido.

Assim, a "mulher fichada num cabaré qualquer não podia, de maneira alguma, escolher um garimpeiro, um bicho-homem, um macho de sua simpatia pra fulerar... De jeito nenhum, nem pensar, pois terminava virando amigação" (Moreira Filho, 2020, p. 207). Se isso ocorresse, o casamento, ou como dizem, arranchar e arrumar os panos de bunda, era certeza que dali por diante iria ter a vida de marido e mulher e, assim, formar as famílias que iriam (re)compor o estado do Tocantins.

Cabe destacar "que cada prostituta, no garimpo, tinha sua terrível e perturbadora história" (Moreira Filho, 2020, p. 210) que merece ser compreendida e não julgada. Muitas dessas mulheres, dilaceradas pelas dores e pelos sofrimentos, sonhavam em encontrar um homem que proporcionasse uma vida diferente, ao menos um lar, uma e outra "já tinha se cansado de viver naquele bordel" (Júnior, 2010, p. 94).

O cabaré, embora fosse um refúgio momentâneo, tornava-se um espaço de (des)ilusões e (des)esperança que poderiam acompanhá-las a vida inteira. Em meio à exaustão, essas mulheres ainda alimentavam a chama do sonho, buscando uma fuga, uma possibilidade de ressignificar suas existências, mesmo que o mundo ao seu redor fosse implacável e cruel. E em meio a tanta dor, lembra Assis Júnior:

> Não era de duvidar que elas todas as noites sonhassem encontrar o príncipe, que um dia levasse para dentro de uma casa e lhes respeitassem como achavam que mereciam, e algumas até já haviam encontrado pretendentes ali, mas dispensaram por entenderem que não eram pessoas de responsabilidade para assumirem um compromisso sério (Assis Júnior, 2010, p. 117).

Fato era, como já historicizado, que "muitas famílias entre sertanejos, faisqueiros, mariscadores e garimpeiros, [...] coronéis, padres e chefes políticos, fizeram-se com prostitutas" (Rimualdo, 2021, p. 107). Isso significa que o garimpo estava, mais uma vez, modificando as relações sociais que antes eram vistas como conservadoras e tradicionais.

Apesar de tudo isso, de todas as proibições, as prostitutas e os clientes se envolviam em relações afetivas com "o freguês que quisesse um rabicho, que tirasse a rapariga do cabaré e a colocasse, às suas expensas, e num rancho qualquer, pagando comida, roupa e remédio da farmácia do Seu Juca" (Moreira Filho, 2020, p. 207).

Deste modo, muitas famílias no sertão garimpeiro se formaram com/através/pela prostituição. Na dinâmica existencial do garimpo, que se revelava não apenas como uma busca por riquezas materiais, acontecia a (re)configuração das estruturas familiares. Em meio à procura incansável do cristal e do dinheiro no garimpo, surgiam laços de afeto que desafiavam as normas tradicionais, criando novos arranjos e leis sociais entre o amor e a sobrevivência.

Regras eram impostas às mulheres na "prostituição desenfreada e gananciosa dos donos de cabarés que só pensavam nos lucros, nos cruzeiros, com suas leis e normas costumeiras" (Moreira Filho, 2020, p 205), tornando a vida cada vez mais desigual, violenta "e humilhante pras raparigas" (Moreira Filho, 2020, p. 205). A exploração, na maioria das vezes, não ficava apenas nas palavras; a violência era colocada em prática, como no caso relatado por Moreira Filho:

> Sr Feitosa [...]. Vivia ali, de espancar, surrar e tomar dinheiro das prostitutas do seu cabarezinho fuleiro. E ainda queria dar lição de moral pra mulherada. Sob justificativas idiotas, pouco inteligentes, dizendo que todo cabaré que se preze têm que ter moral, respeito, conduta. Enfim, o seu próprio código de honra. Besteira daquele sujeito desonesto (Moreira Filho, 2020, p. 180).

Era o machismo sendo exercido na sua maior atrocidade naquele sertão. Mulheres eram agredidas pelas hipocrisias de seus algozes, como os donos de cabarés que lucravam com a submissão alheia, enquanto queriam dar lição de moral. Uma moral completamente

distinta da conceituada, e para entendermos o conceito de moral, a filósofa Ágnes Heller alude que:

> A moral é o sistema das exigências e dos costumes que permitem ao homem converter mais ou menos intensamente em necessidade interior — em necessidade moral — a elevação acima das necessidades imediatas (necessidades de sua particularidade individual), as quais podem se expressar como desejo, cólera, paixão, egoísmo ou até mesmo fria lógica egocêntrica (Heller, 2014, p. 16-17).

E dentro desse cotidiano, o garimpo de cristal estabeleceu o que já foi chamado "de moral dúbia, violenta e machista" (Rimualdo, 2021, p. 45), colocando à margem aqueles que não conseguiriam se por dentro desse esquadro social. Essa moral duvidosa foi se escancarando pelo garimpo e escondendo, debaixo do tapete "sujeira e mais sujeira" (Brasiliense, 1960, p. 112). Em relação ao prostíbulo, ele tinha sua própria conduta, o seu próprio código que era travestido de violência contra os corpos femininos.

Um exemplo corriqueiro, mas forte e dramático, aconteceu com "o garimpeiro Chicão vindo da cidade de Piancó [e] Sandrinha, do cabaré Levanta-Saia" (Juarez Moreira Filho, 2020, p. 241). Ela se interessada pela leitura de revistas, como *Cruzeiro* e *Capricho*, que os viajantes levavam para as áreas de garimpo. A leitura dessas revistas alimentava a imaginação para além das fronteiras do garimpo, além de oferecer referências de moda, linguagem e comportamentos sociais urbanos.

O garimpeiro, que vivia "rolando pelos garimpos, ouvindo gozações, bobagens, doidices e sucessivas gargalhadas desrespeitosas de gente à toa, por acaso" (Moreira Filho, 2020, p. 141), já havia cumprindo a liturgia do cabaré, bebido e até pagado o quarto, e Sandrinha "se deu ao bel prazer de ficar folheando e lendo a revista Capricho, bem na hora da execução do seu mister de mulher-dama" (Moreira Filho, 2020, p. 242).

Chicão, na sua visão e forma machista, "deu-lhe uma surra de cinturão chega a Sandrinha foi pra salmoura. E o garimpeiro que não era flor de se cheirar, ainda pegou de volta o dinheiro pago pela consignação da chave, sob alegação de que a prostituta estava morta para o sexo, parada como água de cratera" (Moreira Filho, 2020, p. 242). Além de violentar e pegar o dinheiro da pobre coitada, o garimpeiro a matou simbolicamente ao dizer que ela não prestava mais para o sexo. No sertão isso era argumento suficiente para excluir uma prostituta do trabalho.

O machismo não afetava apenas as mulheres; o preconceito contra a homossexualidade, ou até mesmo contra qualquer manifestação que se aproximasse dela, era igualmente severo no sertão garimpo. O garimpeiro "não aceitava veadagem no garimpo, de

jeito nenhum" (2020, p. 168) e a morte era a única certeza e decisão final que muitos defendiam com unhas e dentes.

Essa brutalidade velada moldava um ambiente de medo e repressão no qual qualquer diferença era silenciada, e o direito de ser quem quer que fosse se tornava um luxo impossível. A violência, mais do que física, era simbólica, a psicológica, pois devastava não apenas os corpos, mas as almas daqueles que ousavam viver fora das regras impostas pela sociedade.

Nesse sentido, ao menor sinal de comportamento homossexual, os pais e seus familiares espancavam, expulsavam de casa seus filhos, ou poderiam fazer o pior: assassiná-los, como se tira a vida de um animal – um ser vivo – sem nenhum valor social, como se a própria existência deles fosse uma ameaça intolerável para sua família, amigos e o próprio sertão, pois, segundo Moreira Filho:

> [...] não queria filho agalinhado desses, [...] que colocam as mãos nos quadris e dizem pausadamente:
> – Ah, eu a-do-ro is-so!...
> – ...!!!...
> – Ah, eu adoro isso!... (Moreira Filho, 2004, p. 115).

Nessas idas e vindas de pessoas, apareceu em Dueré um personagem, assim descrito por "Manelão [que] media quase dois metros de altura, vermelhão, de cabelos castanhos, barba no pé do queixo, rala, de cor de fogo. Nunca havia pisado os pés num garimpo" (Moreira Filho, 2020, p. 135). Foi assim que Dueré se constituiu em semânticas e devaneios pelo enriquecer e foi atraindo gente que não entendia a lógica ou a labuta no garimpo. Juarez Moreira Filho relata:

> Mesmo assim, o Manelão sonhava com um bambúrrio fácil. Enriquecer-se, ser dono do próprio nariz, ser garimpeiro afortunado, respeitado, admirado. E, com os bolsos cheios de dinheiro, poder voltar, de avião fretado com sua mãe para o Maranhão. Não pro Povoado de Panela Queimada, mas pra capital do seu estado, São Luís do Maranhão. Aliás, de Panela Queimada vieram movidos pela propaganda gratuita da fortuna abundante de dinheiro que corriam frouxos pelos garimpos de Dueré (Moreira Filho, 2020, p. 135-136).

Dueré tinha um encanto que se assemelhava ao chiado de uma jiboia vermelha que atraía as suas presas para matá-las. Era o brilho do garimpo de cristal de rocha que hipnotizava muitas pessoas, seduzidas pela chance de enriquecimento. E não era à toa, porque a condição de mais da metade da República nesse período era de total pobreza, desigualdade. Essas pessoas eram jogadas à margem da história e da sociedade e o garimpo era a

possibilidade de fugir da miséria. Assim, os garimpos do antigo norte goiano seduziam pelas notícias quentes de enriquecimento fácil e muito dinheiro, como a publicada pelo jornal *Folha de Goiaz*:

> Informações procedentes do Norte do Estado, dizem que já se acha quase concluída a usina hidro-elétrica da cidade de Porto Nacional, importante centro educacional daquela zona e cujo Município possue a mais afamadas jazidas de crisyal de rocha que tem constituído meio fácil de riqueza para os que compram e ali extraem o quartzo hiliano (Folha de Goiaz, 1944, p. 2).

Os garimpos do sertão do antigo norte goiano atraíram a atenção do Estado, que designava funcionários para fiscalizar, cobrar impostos e fazer obras, como a instalação de uma usina hidrelétrica na cidade de Porto Nacional. Essa construção permitiu que a lamparina que funcionava a óleo de mamona fosse substituída pela luz elétrica — em alguns pontos do garimpo, pois a imensa maioria do lugar vivia sobre as labaredas da lamparina. O garimpo ia, assim, fascinando os desejosos por fazer fortuna e embalando os sonhos de quem por ali chegasse.

Em meio a essas transformações, os sonhos de Manelão foram interrompidos pela cruel realidade garimpeira-sertaneja. Por uma banalidade, “mataram [...] o Manelão, aquele de cabelo vermelho feito fogo. Foi indagorinha, na porta da pensão do Garimpeiro [...] estava mijando d’coca, feito mulher” (Moreira Filho, 2020, p. 168). Esses crimes eram provocados em decorrência, no dizer de Pesavento, “daqueles espaços privados que tornavam a sua intimidade pública, como os bordéis e botequins” (2001, p. 176).

A mãe dele, Dona Fia, “ficou doida [...] Variada da ideia, de jogar pedra nos outros. Ela está toda nua e arrancando os cabelos da cabeça” (Moreira Filho, 2020, p. 168). Qual é a mãe que não se desesperaria ao ver seu filho ser assassinado por um motivo tão insignificante? A tragédia, muitas vezes, não se mede pela morte, mas pelo sofrimento que ela deixa para trás, dilacerando as almas que permanecem. E a loucura da mãe foi tamanha que, conforme Moreira Filho:

> [...] como uma cadela no cio, a cabocla aceitava todos os santos dias, uma laia de pixotes em seu barraco de lona. Pois a conversa logo correu pelos manchões afora. E a fila monstruosa da pexotada foi inevitável. Mas quando a crise retornava, ela não queria ver diacho de menino em sua frente e, saía alucinada, como uma desvalida, correndo nua, pelos garimpos de Dueré (Moreira Filho, 2020, p. 169).

Estranho seria se ela não tivesse esse trauma num lugar onde severo daqueles, como apontado, “viver dia após dia tornou-se um ato de extrema coragem” (Rimualdo, 2021, p. 54).

Dona Fia estava dentro desse lugar, um sertão onde a violência era aspirada e respirada por todos os moradores. No entanto existiam dias em que sua sanidade mental se fazia presente e, "fora a crise de louquice [ela] era uma mulher sensata, vestida com asseio, de traços belos, lenta nos seus gestos, de olhar firme, bem malicioso. Enfim, era um mulherão, irresistivelmente simpática. E conversando, ela era de voz cativante, amável, inimitável" (Moreira Filho, 2020, p. 169). A razão e a loucura andavam juntas e Dona Fia vivia entre as duas veredas, conforme Juarez Moreira Filho:

> Dona Fia tinha atravessado um caminho horrível, de brasas, cheio de delírio voluptuoso, com os pés descalços pela vida, não havia razão para alguém desdenhar da sua vida de mulher livre, libertina. E, por isso mesmo, quando ela não estava no estupor da alucinação, fazia a festança da meninada pelos garimpos de Dueré (Moreira Filho, 2020, p. 169).

Era dessa forma, com os pés, descalços, que a mãe de Manelão buscava motivos para viver num "paiol de ignorância fincado naqueles manchões" (Moreira Filho, 2020, p. 230). O sertão garimpeiro de cristal tinha em sua centralidade, "o viver brutal do cotidiano. Isso, por causa da matança desenfreada de gente, todo santo dia" (Moreira Filho, 2020, p. 136).

Por outro lado, é possível compreender que aqueles homossexuais que detinham poderes sociais — seja no campo econômico, político, cultural ou simbólico — até poderiam ser alvo de violência, mas em medida menor; ao contrário de Manelão, esses conseguiam sobreviver, ainda que feridos, no coração daquele mundo áspero, onde a brutalidade era regra e não exceção, por motivos fúteis e banais; era aqui onde Dona Fia buscava com todas as suas forças e delicadezas sobreviver; em Dueré, uma cidade encharcada de violência. Para entender melhor, Moreira Filho traz o seguinte exemplo:

> [...] mais de noventa porcento dos crimes ocorridos, nos garimpos de Dueré, eram homicídios provenientes de mulherada e bebedeira. O restante, ou seja, os dez porcento, eram distribuídos entre furtos, assaltos, demarcação de barracos, apelidos feios, distribuição de moedas falsas, veadagens e estupros (Moreira Filho, 2020, p. 137).

Como já frisado, eram as mulheres que mais sofriam. As vítimas não eram apenas da violência, mas também da indiferença de um sistema que as relegava a posições e as posicionava numa seara de extrema desigualdades entre os seres humanos. Eles se viam envolvidos nesse tipo de crime e, muitas vezes, misturavam-se à bebedeira, que era prática comum na vida daqueles homens que, em busca de ostentar dinheiro e, por vezes, poder, resolviam tudo na base da pólvora ou na ponta da faca.

O álcool era um veneno; embriagava mais do que os corpos; embriagava os corações, tornando-os insensíveis à dor alheia, um subterfugio que alimentava as (des)ilusões. Nesse ciclo de desespero e arrogância, a vida humana se tornou prolongada, pois em alguns casos só tinha fim quando a vida de muitos ali se findava.

2.6 Na pólvora ou na ponta da faca: bares, bebedeiras e mortes

A maioria dos cabarés e bares de Dueré era administrada por homens com o bastão do machismo. Esses locais eram “um verdadeiro barril de pólvora a qualquer instante poderia explodir e morrer gente pra danar” (Moreira Filho, 2010, p. 109) e reuniam todos os níveis sociais do sertão garimpeiro, desde os “patrões, vaqueiros e peões de boiadeiros aos magotes, nos botecos [...] acoroçoados na dama, dominó, baralho, palito, e nos jogos de sinuca” (Moreira Filho, 2010, p. 41) como uma simples brincadeira ou até mesmo uma aposta que poderia lhes custar a vida.

Além da diversão, esses lugares se tornavam refúgios onde se amenizavam conflitos, se negociavam cristais, mercadorias e bugigangas, e onde também floresciam as mais paradoxais decisões e acordos políticos do sertão garimpeiro, entre brilhos de esperança, lama e poeiras de incerteza. Entre goles de cachaça e danças improvisadas, alianças, por vezes improváveis, eram seladas ao som fanhoso da sanfona e sob a luz de um lampião. Esse era mais um dos espaços que impulsionavam o centro do cotidiano garimpeiro.

Entre risos, lagrimas e silêncios, intercruzavam histórias de vida, de lutas pela sobrevivência e de encontros furtivos entre as pessoas e sonhos. Nesse cenário de contrastes, os destinos se entrelaçavam, ora pela necessidade de poder absoluto, da paz, ora pela ambição do enriquecimento fácil que move os caminhos mais tortuosos do sertão garimpeiro.

Os donos de cabarés ganhavam dinheiro não apenas com a exploração das mulheres, mas também com agiotagem. Geralmente, o dinheiro pego com agiota era usado para satisfazer necessidades particulares e o mais comum era aplicar no processo político. A agiotagem era uma prática realizada com a garantia da palavra entre duas pessoas — a honra se media na palavra e no aperto de mão —, aquele que emprestava e quem recebia dinheiro emprestado. Se a negociação fosse entre dois homens deveria ser honrada — como no dizer popular, “nem que desse sangue na canela”. Afinal de contas “o homem deveria honrar seus bigodes e calças” (Rimualdo, 2021, p. 55).

Aquele que não pagasse o empréstimo em dinheiro, pagaria com algum bem-material ou com sangue, ou seja, com sua própria vida – ou de alguém próximo –, porque na data em

que o agiota resolvia cobrar a dívida, se o devedor não pagasse ou não cumprisse o combinado, o pistoleiro era contratado para cumprir o serviço.

Se a pessoa que pegou dinheiro emprestado não cumprisse com sua palavra de honra, o pistoleiro cumpria seu acordo com o agiota e "palavra de um homem valente é um tiro" (Brasiliense, 1964, p. 131). Se o sujeito se arrependia do trato feito e não tinha dinheiro para pagar a dívida, alguma coisa tinha que dar em troca e, de certo é que "o diabo leva quem se arrepende" (Brasiliense, 1964, p. 131).

Os proprietários dos cabarés mandavam e desmandavam em muitos aspectos na vida cotidiana. Eles detinham determinados poderes sociais, econômicos e simbólicos. E nisso "pelos garimpos a fora via-se atrevimento com abundancia, por parte dos donos de cabaré" (Moreira Filho, 2020, p. 208), mostrando que a prostituição no sertão garimpeiro era uma atividade poderosa e rentável, além da política e da extração de cristal.

Tanto é que "os prostíbulos já possuíam camas de madeira, com colchões de palha de milho ou folhas de bananeira para a mulherada exercer o seu mister de libertinagem" (Moreira Filho, 2020, p. 78) e receber os "homens de qualquer tipo, exceto mendigos e doentes, com a condição de que [...] paguem bem" (Brasiliense, 1960, p. 114).

Era em espaços como esses, em hotéis, pensões e bares, que a macheza dos sertanejos se robustecia e encontrava seu auge. Naquela época o cabaré "era mais perigoso do que picada de cascavel" (Moreira Filho, 2020, p. 206). As desavenças podiam surgir a qualquer hora, em qualquer dia ou noite, quando a bebida inflamava os ânimos e tornava as paixões e as rixas ainda mais perigosas. Ali, entre o som rouco das vozes e o brilho tênue das lamparinas, a violência dançava com a vaidade e a honra se media em golpes e ameaças, transformando a vida em um fio assustador prestes a romper. Moreira Filho destaca:

> [...] nos finais de semana, quando o lugarejo fervilhava de garimpeiro a tensão redobrava, pois qualquer zoada ou aporrinhamento diferente num botequim ou numa quitanda qualquer a garimpeirada estava pronta, com a mão no cabo do Taurus pra torrar um no tiro ou mergulhar o punhal no peito dum (Moreira Filho, 2012, p. 73).

As relações humanas dentro de um "ambiente tórrido demais" (Bernardes, 2005, p. 36) envolviam negociatas de cristais, jogo político, encomenda de mortes, causos do cotidiano, conversas sobre riqueza fácil, surgimento e decadência de garimpos nas regiões. Nesses ambientes, um grande tumulto podia ser provocado, conforme ajuda entender Pesavento, pela "elevação da voz, pela correria, pela palavra e gesto insólito que perturbavam a vida cotidiana, em gritos, música alta e bate-boca" (2001, p. 170).

Nesse cenário, cada palavra carregava o peso de um destino e cada gesto era ambientalmente o prenúncio de uma nova amizade ou principalmente de uma explosão, onde a linha entre a euforia e a tragédia se mostrava tênue e assustadora, prestes a se romper a qualquer momento. A cidade garimpeira aflorava as emoções, deixando-as à flor da pele — como faísca em um barril de pólvora. Um simples olhar ou um gesto mal interpretado podia (re)fazer amizades ou provocar tempestades sangrentas.

Muitas pessoas vindas de diversos lugares do antigo norte goiano, dos vales e de fora deles se (re)encontravam nos bares de Dueré, onde pulsavam as artérias da garimpeirama, um cenário que se repedia em vários lugares, principalmente no sertão garimpeiro onde "a música incendiava o ambiente, acelerando o sangue, repuxando os nervos em distensões e espasmos" (Lima, 1977, p. 22) muitas vezes feitos por coisa de nada.

Lugares movidos pelas engrenagens das microrrelações do cotidiano garimpeiro dentro daquela cidade de sonhos, medos, cobiças, aventuras e miséria. Espaços nos quais explodiam emoções em turbilhão e cada sorriso, briga ou olhar insinuavam uma história não contada, entrelaçada à poeira dourada que pairava no ar. Ali, entre o som da sanfona e os murmúrios abafados, a vida se desdobrava em uma dança febril, sempre à beira do inesperado.

Os bares eram os melhores points do garimpo. Neles, se reunia "a fina flor da raparigagem de toda região garimpeira, com muitas músicas de diversos gêneros, comerciais divertidos, recados, notas beneficentes, avisos do interesse da comunidade garimpeira" (Moreira Filho, 2020, p. 82). E nesses cenários, Pesavento ajuda na reflexão, pois, não faltavam "arruaças causadas pelo álcool ou molecagens" (2001, p. 172).

Nesses ambientes, conflitos poderiam ser cessados, amizades se reatarem e, em outras circunstâncias, os conflitos ficarem mais intensos. Nos bares e cabarés do sertão, as veias dos garimpeiros insistiam em pulsar forte para sobreviver em meio àquela decadência de lugar mal administrado pelo poder público local e estadual. Em meio aos prazeres efêmeros, entre frascos de cerveja, pingas secas e copos sujos, as promessas eram esquecidas, outras feitas — formando pactos de (in)amizades eternas.

Para o divertimento dos garimpeiros, os eventos festivos, às vezes, duravam muitos dias e "o baile ia varando a noite sem descanso, cada vez mais quente, cada vez mais encharcado de suor, catingando a cachaça e a sarro" (Brasiliense, 1960, p. 77) e música ao vivo tocada com "sanfona e viola" (Brasiliense, 1960, p. 79). As festas eram uma válvula de escape para o cotidiano exaustivo das labutas e escavações incessantes.

Dentro desses mesmos espaços noite ia sendo varada e festejada “ao som fanhoso e rouquenho de uma sanfona pé-de-serra tocada dentro de um botequim, num bar, ou num prostibulo qualquer” (Moreira Filho, 2020, p. 134). E não apenas os garimpeiros, mas também “os sertanejos desabafam suas magoas pela voz fanhosa das sanfonas e pelo repinicar das violas, nas noites de festanças” (Brasiliense, 1960, p. 79). Sem esses instrumentos, continua o autor, o “sertão seria um verdadeiro purgatório” (Brasiliense, 1960, p. 79).

Outros objetos que emitiam som chegavam de outros estados. Eram os discos “novinhos [que] acabavam de chegar do Rio, trazidos pelos pilotos que se hospedavam no hotel Cristal” (Moreira Filho, 2020, p. 232). Esses artefatos trazidos de outros estados denotavam que o sertão garimpeiro não estava isolado do restante do país, nem mesmo da capital federal à época, pelo menos. Embora existam controvérsias sobre o isolamento[61] do sertão no antigo norte goiano. Essa influência da historiografia do isolamento, onde muitos afirmam que “somente a partir da década de 1950 que o isolamento do norte goiano começou a ser rompido” (Oliveira, 2019, p. 76).

Mas não podemos negar que no sertão garimpeiro “tudo é distante” (Moreira Filho, 2004, p. 52) e essas “distâncias físicas, medidas em unidades de tempo para serem vencidas” (Palacín, 1990, p. 17) eram contadas em léguas – a qual na matemática do sertanejo uma légua equivale 6km –. De acordo com a historiadora Maria Cavalcante do Espírito Santo (2003), nos anos 1940 e 1950 existiam dificuldades nos meios de transporte para quem vivia no norte de Goiás.

No entanto, ouso discordar do pensamento de rompimento com o isolamento que começou nos anos 1950. Oras, tudo o que já foi e será problematizado demonstra justamente o contrário. Séculos antes, essas brenhas já estavam impregnadas na história brasileira, sem isolamento, sem atraso, mas sim com uma dinâmica própria e uma vivência intensa que, muitas vezes, desafiava o olhar externo e reducionista sobre o sertão. Portanto, devo afirmar, distante sim, isolado? Jamais.

Os discos, geralmente, trazem músicas impregnadas de sentimentos profundos, e Moreira Filho, em sua narrativa, destaca que “os garimpeiros se dedicavam à dor-de-cotovelo, com letras cuspidas pelo desprezo de uma mulher, para as suas garotas ou amantes” (2020, p. 223). Enquanto isso, aqueles que, por falta de recursos, como muitos diziam “o andar do liso é

[61] Essa visão do antigo norte goiano é forte na historiografia tocantinense. A historiadora Maria do Espírito Cavalcante, em seu livro *O discurso autonomista do Tocantins* (2003), traz trechos de jornais da época que falavam constantemente sobre o isolamento. Essa concepção tinha também as pessoas que residiam à época no sertão dos vales. No entanto, foi esse pensamento — associado à baixa arrecadação de imposto e à ideia de atraso — um dos grandes busílis que mobilizaram forças para a criação do estado do Tocantins.

triste", por falta de recebimento e medo, evitavam os bares, preferiam a melodia distante das "músicas através das ondas médias da Rádio Nacional do Rio de Janeiro ou Rádio Tupi de São Paulo" (Moreira Filho, 2020, p. 223-224). Na simplicidade desses momentos, o sertão ecoava suas dores e saudades, entre danças e solidões entrelaçadas.

Com tanta música assim, decerto que Dueré era uma cidade festiva, com festas nos bares e cabarés todos os dias, principalmente "nos finais de semana, quando as bebedeiras eram desmedidas com os bares e cabarés atopetados de mulheres de vida livre, inflamando ainda mais o ambiente" (Moreira Filho, 2020, p. 136). A música e a boemia garimpeira animavam a cidade, tornando-se parte da cultura local entre sertanejos e garimpeiros.

E por essa ocasião, nas festas, havia, uma "revoada de saias, um palitar de braços e de permutas até as coxas, e a mulher se grimpava no macho fortuito" (Lima, 1977, p. 22). Nesse ritmo, pelas beiradas do norte goiano e nas quebras dos garimpos os "bailes sertanejos [...] rasgavam a madrugada a dentro e só terminavam com o tradicional 'pega o sol com a mão'" (Dino, 1981, p. 40) entre gritos, algazarras e bebedeiras.

Pesavento nos ajuda a pensar que, naquela "espécie de estabelecimento-fronteira — o botequim, a bodega ou a tasca —, passava não só a bebedeira como a prostituição e o crime" (2001, p. 224). O botânico que passou por esse sertão, Gardner, observou com um olhar torpe que as prostitutas "eram mulheres de classe mais baixa [...] também muito dadas a beber cachaça" (1942, p. 280. 281).

Em meio às festas, nos bares e principalmente "nos cabarés a mulherada bêbada estrebuchava na ponta da faca, do punhal ou no rebento da bala, onde os garimpeiros valentes, embruteciam, cada vez mais a zona boemia, com crimes feios e horríveis" (Moreira Filho, 2020, p. 245-246). Mesmo diante de violências bárbaras contra as mulheres, "o pagode continuava agitando alegremente a caboclada que, para se divertir, viéra" (Rangel, 1920, p. 87) como se nada estivesse acontecido com aquelas pobres coitadas.

O consumo de álcool era, por outro lado, um meio de amenizar e anestesiar as dores causadas pela sociedade garimpeira e pela negligência do Estado nesse período. O alcoolismo dava, de maneira triste, forças para as prostitutas encararem uma vida tão árdua e os garimpeiros continuarem a sonhar. O álcool, então, tornava-se um meio-termo entre a brutalidade e a promessa sonhada de dias menos cruéis.

Em cada golpe – goipe – da pinga, por vezes havia gritos contido que ecoava na solidão ou em companhias das noites e dias de sonhos entre as poeiras, lamas, cristais, diamantes e ouro. O álcool amargo tornava-se um refúgio de uma existência marcada por

(des)ilusões e esquecimentos, a qual eram entrelaçados nas vivências violentas do sertão garimpeiro.

Além da pinga, os garimpeiros, que detinham dinheiro — mesmo que no momento — consumiam muitos sacos de cervejas[62] e que "cada garimpeiro empunhava uma garrafa de cerveja, arrancava a tampa com os dentes, quando os tinham bons ou apenas quebrava o pescoço das garrafas pelos portais. Bebiam a metade e despejavam o resto no chão da sala" (Brasiliense, 1960, p. 79). E ainda dentro desses espaços festivos alguns tinham "como *hobby* abrir a garrafa com as costas da peixeira ou com o gatilho do revólver e esbofetear o balcão" (Moreira Filho, 2012, p. 73).

Naqueles recantos do sertão garimpeiro de poeira e festa, entre bodegas, quitandas, bares e cabarés, vivia-se uma dança singular. Havia os que não dançavam com mulheres, mas viviam "batendo com o pé no chão empoeirado [...], rodando, agarrados na cintura uns dos outros, feitos filhotes de macaco" (Bernardes, 2005, p. 46). Nos bares, nos quentes das cachaças e nos efeitos das cervejas e assim as "sanfonas choravam simples na noite clara. Homens gritavam, cantavam" (Élis, 2005, p. 213). Eram celebrações autênticas nas quais cada som e gesto desafiavam o silêncio das noites sertanejas.

Uns dançavam com suas mulheres, no embalo do chamego, como diriam os garimpeiros, enquanto, no mesmo ambiente "os homens miravam as fêmeas, o beiço contraindo na tensão nervosa, o corpo trepidando no preparo do bote" (Lima, 1977, p. 22). E nesse mesmo ritmo "os marmanjos rodopiavam com safadezas, empurrando uma das pernas entre as pernas delas, com bobageiras e cara de não-sei-o-quê" (Moreira Filho, 2010, p. 106).

Mas, quando seus gestos ou pedidos eram rejeitados, fosse para dançar ou conseguir algo mais, o ambiente rapidamente se tornava um cenário nefasto, marcado por brigas, sede de vingança e ódio por uma simples recusa, como aconteceu com a prostituta Campolina na triste cena narrada por Moreira Filho:

> Leandro, bêbado, desnorteado, gritava desesperado, com o dedo indicador bem próximo ao nariz da prostituta [...]
> — Vou lhe dar um clister de pimenta-malagueta no rabo, sua filha-de-uma-égua!
> — Deus me livre!
> — 'Ocê vai aprender a rejeitar homem para dançar, fé da puta! Sua folha-das-capoeiras!
> Ali, na porta do bar Cristal, o bêbado Leandro deu-lhe uma punhalada, no pé da barriga. Uma enorme tristeza exalava de seus olhos femininos. Ai, sadicamente, ele

[62] Segundo alguns garimpeiros com quem conversei ao longo da minha jornada, muitos diziam que as cervejas eram vendidas em sacos, separadamente e onde tinha geladeira os sacos de cervejas eram vendidos gelados. Em outras ocasiões, eram oferecidas em caixas que continham seis unidades, como se o destino fosse agrupado em pequenos laços de conveniência.

> promoveu o clister de pimenta-malagueta, bem no lugar prometido. Isso tudo com a rapariga no chão, ensanguentada, sem esboçar nenhuma reação. Pois a Campolina, de bóbis na cabeça, já estava com o semblante morto, completamente sem vida, na hora do clister de pimenta-malagueta (Moreira Filho, 2020, p. 120-121).

O caso de Campolina expressa o teor da violência presente no sertão garimpeiro. Uma dança rejeitada tinha como resultado a morte, principalmente quando o alvo era uma mulher, visto que, "em geral as prostitutas não tinham um pingo de descanso e sofriam que só fundo de pilão" (Moreira Filho, 2010, p. 111), levando pancadas que deixaram sequelas gravíssimas para o resto da vida, quanto não as matavam.

Em uma sociedade machista, violenta, patriarcal e desigual, provavelmente nem sequer uma tentativa houve de alguém interferir no caso do drama de Campolina que, assim como tantas outras meretrizes, viviam comendo "o pão amassado pelo cão" (Moreira Filho, 2010, p. 111) nas mãos de sujeitos brutos. Essas mulheres eram desprovidas de amparo institucional, social e humano. Relegadas a existências sem direitos, suas marginalizações perpetuavam não apenas os abusos, mas também naturalizavam seus sofrimentos em cotidianos que já nasciam à margem da sociedade.

Era comum ver "bêbados aos magotes caminhantes pelas ruas, tropicando uns nos outros" (Moreira Filho, 2009b, p. 92). As noites, muitas vezes regadas a cachaça, terminavam em brigas e mortes por qualquer motivo, especialmente por disputas de mulheres ou questões de dinheiro e nessas situações, quando ocorria, o resultado não era outro, "havia morrido tantas pessoas e outras tantas estavam feridas" (Élis, 2005, p. 15).

O ciclo da violência continuava a navegar por aquelas brenhas, e "por ali se realizavam cantorias, com bailes e sapateados, até o sol surgir. A maioria dessas festas terminava sempre em pancadaria, em russas e xingatórios de mulheres, mas a cadeia de amanhecia solitária" (Brasiliense, 1964, p. 54). As noites de excessos ecoavam nas ruas e a poeira da madrugada carregava os lamentos de um povo que dançava entre a euforia e a tragédia.

O fato de a delegacia permanecer vazia nessas circunstâncias evidenciava a pouca, ou nenhuma, importância dada às vítimas, em sua maioria mulheres, cujos violentadores não eram presos nem punidos, ao contrário, dependendo do sujeito ou da situação, eram ovacionados. E por outro lado, o "delegado também gostava dos pagodes" (Brasiliense, 1964, p. 54), entregando-se às farras e negligenciando seu dever de proteger a sociedade.

A polícia não fazia esforço para prender os valentões, pois, "soldado tinha medo de garimpeiro que pelava" (Moreira Filho, 2012, p. 73) e tremia diante daqueles que tinham

“costa quente” (Brasiliense, 1964, p. 71), protegidos pelos poderosos senhores do sertão garimpeiro. Era um cenário de impunidade e medo, onde a justiça parecia se dissolver nas sombras da violência e do poder.

O prédio da delegacia, em estado precário, era, “uma verdadeira afronta, [...] às pessoas mais humildes do lugar” (Moreira Filho, 2010, p. 149). Era uma casa, ou um barracão comum, desprovido de qualquer imponência, que mais parecia um reflexo da indiferença com que se tratava a justiça deste país. As paredes mofadas, os telhados com goteiras e o piso de terra batida representavam o descaso institucional. No sertão garimpeiro, a autoridade se confundia com o descaso e a resignação de quem já não esperava mais nada do Estado.

Ali, onde se deveria encontrar ordem e proteção, apenas o descaso imperava, deixando a população à mercê do próprio destino e reforçando a sensação de abandono que permeava o cotidiano daqueles que habitavam o sertão. E para compreender melhor a situação da delegacia, Juarez Moreira Filho, descreve:

> [...] só que um pouco mais graúda do que as outras do lugar, não possuía reboco nas paredes e o madeirame uma lástima, com goteiras pra todo lado [...], o oitão despencando no piso de chão batido; os caibros e ripas também caindo [...] de meia parede; fedia a mofo; e nela podiam se ver centenas e centenas de morcegos [...] ratos se misturando às baratas e mexendo em tudo que viam pela frente, ao som de cri-cri dos grilos (Moreira Filho, 2010, p. 149).

As lamentáveis condições físicas do prédio da delegacia de Dueré denunciavam a péssima administração pública da cidade e, na mesma medida, do Estado, havia uma “falta de higiene que causava problemas de saúde, precariedade dos armamentos e fardamentos” (Lunckes, 2011, p. 97). A quantidade de animais noviços misturada ao ambiente degradado criava uma cena de completo desprezo, tão insalubre que nem mesmo o delegado suportava permanecer em seu local de trabalho.

Assim era a segurança pública: um autêntico desleixo do Estado e da administração local. Esse descaso se refletia em diversos espaços públicos, como a “do antigo presídio foi feito uma igreja” (Audrin, 1946, p. 102). O ciclo de improviso e desprezo ecoava em cada esquina, deixando clara a ausência de uma gestão comprometida com o bem-estar da população. A negligência institucional contribuía para a criminalidade e a insegurança social, levando a sociedade garimpeira a buscar soluções próprias. Sem políticas públicas o caos no sertão garimpeiro tornava-se uma regra absoluta, consolidando um estado de total vulnerabilidade.

A delegacia tinha um “depósito de meia dúzia de cassetetes para esquentar as costas de bêbados [...] tesoura pra cortar cabelo de ladrão de cavalos” e uma “viatura policial que só servia de enfeite, pois ficava ali quase sempre parada, estacionada, sem utilidade alguma” (Moreira Filho, 2010, p. 150 e152). E quando a polícia se apresentava, era para oprimir, exercendo uma violência que, em muitos casos, era legitimada contra os sertanejos e outros sujeitos mais simples e pobres.

Os policiais temiam os assassinos perigosos, garimpeiros, jagunços e pistoleiros, que “não aguentavam provocações e desaforos bestas por partes dos PMs” (Moreira Filho, 2010, p. 153) e mantinham a impunidade graças à proteção política. O autor também acentua que parecia que, “quanto mais PMs [...] mais crimes horripilantes existiam” (Moreira Filho, 2010, p. 152), como os cometidos pelo temido bando de Zé Bento. Essa realidade reforçava a precariedade do sistema de segurança e a vulnerabilidade dos habitantes, envoltos em um cenário de medo e incerteza. Juarez Moreira Filho comenta:

> Muitas vezes o Oco do Mundo [a cidade de Dueré] acordava em clamores horríveis, com brados e gemidos feios, com gente correndo feito doido com medo de bala pipocando em volta da Delegacia de Polícia; era a cabroeira do Zé Bento da fazenda Olho d’Água pondo pra quebrar, matando soldado, surrando, arrancando a farda e desforrando a alma (Moreira Filho, 2010, p. 154).

Ficava claro que a farda dos policiais não representava, para o povo, algum tipo de proteção; muito pelo contrário, a “farda é casca, cobre até madeira pôdre” (Brasiliense, 1964, p. 114), o que significa que ela servia como cobertura para as barbaridades que os agentes de segurança cometiam na cidade e região, pois, “soldado pegava mulher alheia, pegava as coisas dos outros, espancava, pintando o sete” (Brasiliense, 1964, p. 114). Nesse sentido, a farda representava a “força e em alguns casos a violência legitimada pelo Estado” (Rimualdo, 2021, p. 73) e ficava por isso mesmo.

No sertão garimpeiro, as inúmeras violências tinham roupagem, e certa vez, ela estava fartada, pois “a polícia, que ao invés de mantenedores da ordem pública, era bando de jagunços que infelicitava a região” (Souza Filho, 1980, p. 51). Não obstante, essa instituição, proporcionava o “reconhecimento que a farda e o rifle proporcionavam aos homens pobres daquela sociedade” (Lunckes, 2011, p. 125) era imenso, representando uma oportunidade de trabalho em meio à miséria.

Mesmo com os constantes atrasos salariais e a falta de higiene, ingressar na polícia significava uma chance de status e sobrevivência. Era uma contradição palpável: homens que deveriam ser guardiões da paz se tornavam temidos e, muitas vezes, corrompidos, símbolos

de um poder que esmagava aqueles que deveriam proteger. Desse modo, podemos compreender essas relações no sertão garimpeiro nas narrativas reflexivas da historiadora Mariseti Cristina Soares Lunckes:

> [...] o policial militar é detentor de um poder que lhe foi delegado e o uso dos instrumentos que lhe dão legitimidade como o "rifle" e o revólver são usados em situações de conflitos e resolução de contendas pessoais. Em seus espaços de trabalho muitas vezes os interesses são desviados para os prazeres mundanos. Os policiais presentes em bares e prostíbulos ou freqüentando bailes de meretrizes estão em contato com o mundo da violência e ao mesmo tempo dos prazeres. Isto demonstra que, de certa forma, há vínculo com o "ritual de poder", pois força e valentia são atributos da masculinidade, ainda mais valorizados quando esses atributos estão presentes nas práticas dos homens de farda. (Lunckes, 2011, p. 141-142).

Desse feito, conforme a historiadora, os usos da segurança pública revelam o emprego para as determinações privadas. E nesse mesmo caminho, isso deixava claro que a justiça era feita com as próprias mãos — mais um sinal da ineficiência do aparato do Estado. Não raras vezes o "delegado de Polícia, [era] instrumento principal das violências do tirano" (Audrin, 1946, p. 101), tinha uma atitude vergonhosa e estava, ao lado dos "amigos da brutalidade, que bocejavam valentia o tempo todo, e fortalecendo o flagelo do garimpo" (Moreira Filho, 2020, p. 222-223), evidenciando ainda mais uma relação de milícia dos senhores locais, e, em muitos casos, tornavam-se braços direitos dos poderosos em conflitos sangrentos.

Lunckes insinua que as forças policiais estavam "intimamente ligadas com as questões de disputa política" (2011, p. 57) locais, sob o mando do coronel que mandava bater, prender e soltar. No espaço do sertão garimpeiro, conforme a historiadora, "havia a problemática das disputas pelo poder de mando. O uso da violência para a resolução de diferentes conflitos era uma prática costumeira. Ela ainda destaca "a violência praticada por policiais da Força Pública em seus destacamentos" (Lunckes, 2011, p. 17).

Em Dueré – como em outras cidades garimpeiras e dos rincões do estado –, as ações da polícia eram muito mais sob o comando dos coronéis do que do próprio Estado. Haja vista que, os policiais "deveriam ser os representantes da lei para que a segurança pudesse ser implantada. Contudo, os entraves resultantes da falta de recursos financeiros e humanos impossibilitaram a atuação dos representantes do Estado. [...] 'a lei maior era a coerção', inclusive na polícia" (Lunckes, 2011, p. 34-35).

Para o governo de Goiás, não era vantajoso investir em uma região que lhes davam pouco imposto e nos rincões distantes de pouco povoados. Nas áreas mais distantes do interior, a "polícia de toda a região (como acontece nas pequenas cidades do interior de Goiás)

consiste em um cabo e um soldado" (Caiado, 1974, p. 64). Assim, a presença da lei, na prática, via-se reduzida a um jogo de aparência, onde a força prevalecia sobre a justiça e a segurança se fazia ausente diante da realidade do povo do "nortão goiano".

Como já dito, na maioria dos casos, quanto maior fosse o contingente de agentes da lei, maior era o grau de violência, (Moreira Filho, 2010). Nesse cenário, os sertanejos viviam apavorados, pois, "a presença da polícia como representante da ordem estatal no norte goiano era questionada por suas práticas de coerção e violência. A população temia tanto os bandoleiros e jagunços quanto a polícia que deveria observá-la" (Lunckes, 2011, p. 48).

Assim, em um paradoxo cruel, a autoridade estatal, ao invés de trazer segurança, amplificava o medo, tornando-se, ela própria, mais uma ameaça para os habitantes daquela terra marcada pela violência. Diante desse fato, podemos compreender, nas palavras da historiadora, que naquele sertão, principalmente nas cidades:

> [...] lei e ordem tinham um sentido estranho, pois os poderes estatais não se configuravam como algo permanente, do cotidiano. Ao necessitar de proteção para seus meios de sobrevivência, como a propriedade e a própria vida, os sertanejos tinham que lançar mão das práticas costumeiras de violência, já que o Estado, com suas instituições burocráticas, não se fazia presente. Quando estas existiam, não atendiam às demandas dos sertões, sendo repelidas ou ignoradas (Lunckes, 2011, p. 35).

Em Dueré, no varjão garimpeiro, de fato, as leis tinham um sentido questionável, considerando que beneficiavam os coronéis em suas disputas políticas e aqueles que usavam farda no sertão. A presença do delegado, do policial e de representantes dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário era medíocre e incapaz de atender as demandas daquela gente que sempre foi desassistida ao longo de sua existência e "a autoridade que deveria trazer a ordem para os moradores possuía as mesmas práticas e crueldades dos bandoleiros que tinha que enfrentar" (Lunckes, 2011, p. 48).

Nos lugares promíscuos, onde a dor e a dureza da vida se misturavam, o humor emergia como uma válvula de escape, suavizando as tensões e as desavenças, muitas vezes com brincadeiras de teor sexual. Como o caso de "Verinha, da cidade de Marabá [no estado do Pará], fichada no puteiro Puxa-Faca, faz as outras meretrizes rirem pra valer, com seus causos pitorescos" (Moreira Filho, 2020, p. 224).

Em meio às risadas e histórias, por um instante – como o ar que leva uma folha seca –, o peso da existência se tornava mais leve e a cruz do cotidiano encontrava um raro rompimento na partilha de risos e contos que ecoavam naquele cotidiano repleto de memórias e experiências. Moreira Filho, transcreve um causo jocoso contado por Verinha:

> – Eu não gosto de fulerar com velho.
> – Por que não, Verinha?
> – Porque velho fede.
> – E por que velho fede?
> – É porque carrega entre as pernas um pinto morto e dois ovos goros (Moreira Filho, 2020, p. 22).

Portanto, muitas brincadeiras e piadas envolviam a virilidade masculina permeavam o cotidiano garimpeiro, contendo um humor áspero e desafiador. No sertão, um homem de "pinto morto" era considerado um homem acabado, alvo de chacota nos hotéis, pensões, bares e cabarés da pequena cidade. A confiança de um verdadeiro homem dependia de sua bravura e de sua energia sexual; ele devia ser brigador, ter a vida sexual ativa e ser um "cabra do saco roxo" (Brasiliense, 1977, p. 45) e essa virilidade permeava em outras ações que sempre descambava nas práticas mais violentas que poderia se imaginar.

Aqueles que praticavam crimes hediondos contra familiares e amigos de garimpeiros eram "severamente punidos com a pena máxima — a de morte. Os garimpeiros rapidamente se mobilizaram e fizeram o serviço lá neles com as suas próprias mãos" (Moreira Filho, 2020, p. 138). Almeida ao observar esse cotidiano, faz referência a "scenas sertanejas atrozes, que não cessam enquanto não se avolumam as consequencias" (1935, p. 49-50).

Quando acontecia crime de extrema violência como o estupro, a justiça do sertão tomava forma brutal e a violência do ocorrido se tornava um reflexo da lei não escrita que imperava, pela qual os fracos eram esmagados e os agressores, muitas vezes, torturados sem piedade. A vingança transvestida de justiça, se entranhava nas veredas como sombra e vento eterno que abraçava e embala o medo e a honra ferida. Neste sentido Juarez Moreira Filho relata:

> [...] o indivíduo estuprador não era assassinado, de imediato, como os outros crimes citados. Esse sujeito imoral e libertino era inicialmente capado com uma peixeira enferrujada, preferencialmente. Depois, o cabra amaldiçoado, era solto, no meio dos manchões, para ser mangado, gozado, bem zombado pela trinca de garimpeiros esparramada pelos manchões (Moreira Filho, 2020, p. 138).

Uma morte física e rápida não bastava como punição exemplar para tal crime. A condenação mais severa era a extirpação da genitália do estuprador, acompanhada de sua humilhação pública. Enquanto o homem sofria com a dor nos manchões, "a cachorrada Vira Lata Legítimo – VLL, lá dos garimpos de Duerezinho, já havia comido os testículos dele" (Moreira Filho, 2020, p. 139). O animal ao devorar o testículo do homem simbolizava a sexualidade sendo consumida pela selvageria do sertão.

O “estuprador, desvalido, ficou ali rolando de manchão em manchão, até ser atacado, definitivamente, por uma doença infecciosa chamada, pelos garimpeiros da época, de tétano da capação ou mal-do-veado” (Moreira Filho, 2020, 138). O sofrimento se tornou imensurável e, mais uma vez, as ações e injustiças causaram um profundo reflexo de uma justiça imposta pela brutalidade do sertão.

A virilidade, pelos Gerais garimpeiros, era muito importante e, *et al.*, “a iniciação sexual masculina na zona rural frequentemente era marcada pelo intercurso com animais” (Santos, 2023, p. 4). Tal iniciação também envolvia relações incestuosas entre familiares, como no caso de Taninha fazia sexo com o “primo Silvino [que] fazia isso muito, quando a gente morava no sítio do pai dele” (Brasiliense, 1960, p. 142) e com prostitutas.

Moreira Filho traz outro exemplo: uma mulher chamada “Paraensa, era uma professora-rapariga dos molecotes que iniciava a vida sexual [...] em Dueré. [...] êta fila danada” (2004, p. 115). Fazer fila para transar com uma mulher pela primeira vez já mostrava o quanto essa iniciação sexual era importante na vida dos rapazes naquela cidade de múltiplas faces que era Dueré, com seus excessos e contradições, que refletia um rito de passagem brutal e desigual, espelhando o poder e as tensões desse mundo.

2.7 Uma cidade entre dois mundos: o rural e o urbano

Com estradas cobertas de vegetação rasteiras, veredas e trilhas às vezes feitas pela passagem de animais e que pareciam mais um “caminho de rato do que propriamente estrada” (Azevedo, 1925, p. 51), o povo, “andava mesmo era topando em criação miúda, pelas ruas de Dueré: porco, bode, carneiro, pato” (Moreira Filho, 2012, p. 100), galinhas, cavalos, burros, tetéus, pombos e éguas. A cidade dentro do mundo animalesco fazia (re)viver a cada instante o seu ritmo nos gerais cristalífero.

Não faltavam gado e tropa pelas ruas da cidade, e ainda cães largados à solta. Se a pessoa não prestasse atenção, poderia “pisar em um rabo de cachorro e levar uma mordida na perna” (Moreira Filho, 2010, p. 39). E também “havia várias outras criações pequenas desfilando pelas ruas, como galinhas, perus, angolistas, porcos e patos” (Moreira Filho, 2009, p. 110) que sempre ajudavam a compor o cotidiano da cidade e todos que estavam presentes.

Assim foram descritas na literatura regional algumas localidades, como a cidade de Arraias, que era uma “cidade velha, feia, cheia de altos e baixos, ruas desalinhadas e mal tratadas, muita tapera no centro, parecia uma cidade em decadência” (Souza Filho, 1980, p. 37). Nesse aspecto, Dueré — assim como outras tantas cidades do antigo norte goiano, a

exemplo de Xambioá (figura 3) — pairava e sobrevivia dentro do sertão garimpeiro e no mundo rural.

Nesse espaço, “o gado, impreterivelmente, ia dormir dentro da cidade. Era como se fosse um grande amalhador. Estercos de reses e de jericos se viam aos montes pelas ruas” (Moreira Filho, 2012, p. 99) entre os relinchos e o cantar dos animais, a cidade com suas vivências mais complexas, era e estava reaproximando mais uma vez o aspecto pequeno de um mundo urbano ligados no centro de um mundo extremamente rural no centro do Brasil.

Figura 3 – Fotografia da cidade de Xambioá em 1950

Fonte: Prefeitura de Xambioá/Tocantins (2023)

A imagem, como representação do sertão garimpeiro, remete ao cotidiano de Xambioá, uma cidade garimpeira e, na mesma medida, outras cidades com os seus contrastes. Do lado direito se observa um carro, provavelmente pertencente a uma pessoa com bom nível socioeconômico, pois, naquela época, veículos particulares eram raros e muito caros. Pelas características do carro, parece um modelo Ford — um fordeco, como era conhecido —, que roncava doidamente por campos quase impenetráveis. Havia poucos carros na cidade que “não contava com meia dúzia de veículos” (Juarez Moreira, 2004, p. 127).

Perto dele, vê-se o movimento de pessoas conversando, talvez com parentes ou amigos, em frente a um ponto de comércio. Era comum no interior, em cidades pequenas, que as pessoas se reunissem para “contar lorotas, caçoadas, vantagens e causos de brigas nos distantes manchões dos garimpos de cristal-de-rocha” (Moreira Filho, 2010, p. 35) e os assuntos políticos que não deveriam faltar.

Assim, nas praças e esquinas, as histórias se entrelaçavam com as próprias vidas, tecendo uma rede de vivências e relatos que davam forma ao cotidiano de um lugar marcado

pela simplicidade e pelo burburinho das pequenas trocas e pelos vários silêncios que diziam muito sobre aquele contexto das cidadelas garimpeiras.

Também se observam casas próximas umas das outras, construídas com tijolos de adobes e telhas, tanto de um lado como de outro. No mesmo ambiente há crianças, aparentemente bem vestidas, nas portas de casas que poderiam, ao mesmo tempo, ser pontos comerciais. Percebe-se que algumas portas são divididas em duas partes, uma sobre a outra, permitindo controle maior da entrada e saída.

Na mesma rua aparece um homem vestido de branco, caminhando por uma estrada de terra em parte tomada pelo mato e, mais ao fundo, um jovem montado num jumento com duas cangalhas, uma no lado esquerdo e outra no lado direito. As cangalhas poderiam ser utilizadas para carregar mantimentos e cereais. Algumas pessoas ganhavam a vida fazendo pequenos fretes, transportando mercadorias com seu animal.[63]

Como já dito, em Dueré, as ruas eram tomadas por animais, "os cachorros eram pisados por pessoas na escuridão, [...] por hora e outra um levava um coice de um jumento" (Moreira Filho, 2010, p. 45), e, nessa mesma toada, "de quando em vez montava-se num jegue deitado sem cerimônia" (Souza Filho, 1980, p. 48) ou, por descoberto, acabava-se atolado nas fezes deixadas por esses animais.

Não era apenas o esterco que enchia o chão, as pessoas também tropeçavam sobre o "terreno acidentado e pedregoso" de pedras de cristais, por onde, a "estrada afunda-se agora mais pela mata" (Brasiliense, 1960, p. 130), que naquele lugar realmente mata, carregando em sua misticidade o seguinte adágio: "à morte e à sorte ninguém foge". A morte era o destino de tudo, mas em Dueré, por vezes, ela era moldada num quadro de violência. A morte ali era seletiva: tinha cor, classe social e condição socioeconômica.

Entre dois mundos, o sertão e o garimpo de cristal, chegavam novidades e mudanças que transformavam o cotidiano, como e "o vestido de algodão não servia mais para cobrir o corpo das mulheres. Somente seda era própria para disfarçar a semi-nudez com que as rameiras se apresentavam naquele lugar endemoninhado" (Brasiliense, 1960, p. 33). Já os homens, que "choviam por ali, vestiam roupas diferentes [...] e não andavam descalços". (Brasiliense, 1960, p. 25).

[63] Durante boa parte da minha vida de criança e adolescente, na cidade de Xambioá, vi e conheci muitas pessoas que sobreviviam com essa atividade. Uma pessoa que me marcou bastante foi o senhor José Domingos; ele trabalhou o quanto pôde e já com idade bem avançada arrastava seus pés, guiando o seu burrinho e suas cangalhas, fazendo frete pelas ruas da cidade.

Essas transformações não eram apenas externas; carregavam, sobretudo, as marcas profundas de uma sociedade em ebulição, moldada pela chegada repentina do garimpo e pela presença de uma gente vinda de muitos cantos, que se misturava em ritmos desiguais, entrelaçando histórias narradas, silenciadas, negociadas e outras que um dia ainda estará por vir.

Era um tempo de transformações, em que os modos de vida antigos cediam lugar a novas identidades — frágeis e vibrantes — marcadas por tensões latentes, por alianças improváveis e pela busca incessante, febril e delirante, por recursos, reconhecimento e poder, enquanto o chão vermelho do sertão se tornava palco de esperanças e desilusões entrelaçadas.

Antes do garimpo de cristal de rocha, os sertanejos "usavam sempre a simples calça e camisa de algodão — elemento essencial no preparo do vestuário do sertanejo — e calçavam o podre chinelo de couro de veado de tatu" (Audrin, 1946, p. 97). Com a chegada da extração do látex e dos minérios, entre eles os cristais, os diamantes e ouro, muitos andavam "metidos agora e de repente em custosos ternos de casimira e de brim fino, pisando ridículos em sapatos de verniz" (Audrin, 1946, p. 97), principalmente em dias de casamento, de missa e de festas que aconteciam com a chegada do padre em Dueré.

Como argumentei no primeiro capítulo, o poder político e simbólico do padre era forte por essas brenhas, havia quem murmurasse pelas ruas: "coisa boa era ser vigário, porque comia e bebia do melhor, além de saber de muitos segredos" (Moreira Filho, 2010, p. 51-52) e ainda participava das artimanhas da política. A presença do padre trazia consigo "batizados e casamentos, padrinhos e novos afilhados, compadres e comadres, encontros de amigos etc" (Audrin, 1963, p. 227) e essas encontros e alianças forjavam negociações entre os mesmos.

Nas mais variadas e longínquas veredas do sertão garimpeiro as "povoações e famílias eram informadas do dia da chegada do Padre e do tempo da sua permanência, a fim de que todos pudessem aproveitar a breve passagem e receber sacramentos" (Audrin, 1946, p. 68-69), e nessas ocasiões aparecia "tanta gente [...] para comungar casar, crismar". Mas naquele sertão garimpeiro, "às vezes ficava até seis meses sem rezar uma missa, sem fazer um batizado, um casamento" (Moreira Filho, 2010, p. 49). Sem poder ou querer esperar uma visita do clérigo, muitos recorriam a outras alternativas e "alguns noivos [...] aproveitam do juiz da roça, quando por ali existe algum cartório" (Audrin, 1963, p. 144).

Os juízes da paz cobravam para realizar o matrimônio. E como "o juiz e o escrivão não têm pena dos pobres, [...] não casam barato nem fiado" (Audrin, 1963, p. 144). Se os noivos não tivessem dinheiro, poderiam pagar com outros bens, como alimentos produzidos

na roça, minérios, como ouro, diamante, cristal e outras pedras preciosas da região, e animais – e por que não os couros de espichados que tinham um excelente valor econômico?

Nessas situações, "até mesmo os bichos são objetos de promessas, e não faltam cavalos, burros, gados levados devotamente à entrada principal e guardados aí até o fim das cerimônias" (Audrin, 1946, p. 220). Assim, o espetáculo religioso se fazia entre os seres humanos e os animais no meio daquele imenso e majestoso sertão garimpeiro.

Nas poucas vezes em que o padre aparecia — "vigário era coisa rara" (Moreira Filho, 2010, p. 49) — as missas poderiam ser celebradas em locais improvisados, muitas vezes elas eram "realizadas debaixo de um frondoso pequizeiro" (Audrin, 1946, p. 220) ou na capelinha da cidade, que "fazia dó de ver [...]. Era um maior destrambelho naquele fim de mundo [...] morada de morcegos e corujas" (Moreira Filho, 2010, p. 49-50).

As beatas se encarregavam de organizar tudo nas cerimônias e festas religiosas, os esforços delas, "passando pano molhado nos santos e nos crucifixos de ébano, tirando a poeira; limpavam os bancos e tamboretes de madeira; colocavam toalha limpa na mesa do altar; acendiam velas nos castiçais; vasculhavam com as vassouras de palha-de-piaçaba" (Moreira Filho, 2010, p. 51).

As festas duravam dias ou semanas. Só assim valeria a pena a empreitada de tantas léguas a serem percorridas. Nesses eventos os "velhos amigos se encontram. Trocam amáveis cumprimentos. Casam-se os noivos" (Serra, 1946, p. 30). E a festa rolava por vários dias com muita comida e bebida. Mas, como no sertão, nem sempre uma festa termina com a mesma alegria que começou, aconteciam entreveiros violentos, visto que perigoso é quando um pretendente se vê suplantado por um rival mais feliz.

Por vezes, essas festas não terminavam em harmonias, ocasionavam tragédias, pois, "torna-se [...] provável entre os dois jovens ou entre duas famílias [pois] nesses recantos, o caboclo anda sempre armado de faca ou de espingarda" (Audrin, 1963, p. 145). E neste contexto as catástrofes poderiam ocasionar entre próprios parentes, compadres e amigos, até mesmo nas ruas do centro da cidade se podiam ver "grupos de homens armados" (Brasiliense, 1964, p. 135).

Cenas parecidas desse cotidiano nos sertões garimpeiros e em estados próximos são que se viam "pessoas portando armas na cintura, como revólveres, especialmente de calibre trinta e oito; pistola *parabellum*; facas e qualquer desacerto tenderia a ser resolvido com essas armas" (Rogério Júnior, 2022, p. 163) gerando um período e ambiente de incertezas e medo entre todos.

Em outras situações, num lugar totalmente machista e patriarcal, “tudo ali se resolvia por conselhos paternais, por ameaças, ou por imposição dos juízes e dos delegados de polícia” (Souza Filho, 1980, p. 53). As armas, símbolos de poder e honra, transformavam conflitos banais em batalhas sangrentas. Esses conflitos, muitas vezes, eram nascidos de vaidades feridas e se perpetuavam em disputas que atravessavam gerações.

A violência, portanto, era mais um elemento cultural – fortíssimo – do garimpo de cristal de rocha, onde tudo tendia a se resolver na base de porrada, ferro e pólvora, e se manifestava até nas situações mais corriqueiras, como numa disputa rimada entre sujeitos que poderia ser tomada, como uma “atitude provocativa” (Moreira Filho, 2020, p. 122) e causar desentendimento, como o que envolveu Téófilo, “lá na frente do bar Santana, [...] que se dizia garimpeiro” (Moreira Filho, 2020, p. 121) e entoou estes versos:

> Desgraça pouco é tiquinho
> Morada perto é vizinho
> A desgraça do homem
> É casar, separar, morar perto, sendo vizinho
> Matar um bode e dar um quartinho.
> Aceita estômago, que é leite puro!
> Sem intervalo, à declaração dos seus versos, o repentista garimpeiro emborcou o copo de cachaça goela abaixo (Moreira Filho, p. 121-122).

A disputa terminou de maneira trágica, conforme Juarez Moreira Filho:

> Mas outro garimpeiro bebericador de caninha Pitú, conhecido como Zé do Osmar [...] não deixou a farinha por menos
> A pinha branquinha é curtida, no jequitibá
> Aguardente amarela, no bálsamo
> E a cachaça vermelha, no jatobá
> Aceita o estômago, que é leite puro!
> [...] O Telófilo não gostou da atitude provocativa do Zé do Osmar. Daí a discursão começou acirrou pra valer, com os ânimos à flor da pele. Agora, ambos com a faca em punho. Aí a canalha ingressou o couro dos bota-lenhas-na-fogueira, e gritou pros bêbados:
> — Amarrem as fraldas das camisas, um no outro. [...]
> — O filho-da-puta que morrer primeiro é um pamonha (Moreira Filho, 2020, p. 122)

Nessa disputa de repentistas, identificava-se o alcoolismo, “o diacho da cachaça! Uma lástima” (Moreira Filho, 2020, p. 60) presente na entoada das rimas e, naquele momento, representava a macheza como fórmula dominante nos encontros de bares. Sem parar nos primeiros goles, pois, “a bebedeira continuava nos botecos com versos de insultos e os matutos aplaudindo os repentistas” (Moreira Filho, 2009b, p. 92) no espetáculo da barbaridade. Falar e viver de morte e violência no sertão era um sinal de grandeza apregoado em versos como estes, citados por Moreira Filho:

> Sou qui nem tirambóia,
> Besouro do Piauí.
> Donde boto meu ferrão,
> Vejo o sangue cair (Moreira Filho, 2009b, p. 92).

Quase todas os conflitos se originavam com a problemática da honra e terminava com ela, derramando sangue. As situações da briga de camisa e de rima mostram como uma simples disputa entre repentistas poderia virar uma luta sangrenta de morte, pois, “aquele povo é de briga e puxa faca” (Bernardes, 2005, p. 43) por coisinha que aparentava ser nada, mas que, para determinada pessoa, era bastante coisa, mesmo no tom de brincadeira.

E o “caboclo não leva desafôro pra casa” (Brasiliense, 1964, p. 81). É preciso destacar que a explosão das brigas em decorrência de algum mal-entendido já poderia vir de algumas questões mal resolvidas no passado. Então, uma simples disputa de rimas poderia acender o estopim para provocar a(s) morte(s) ou sequela(s) no(s) corpo(s) desse(s) homem(ns) valente(s). Essas disputas muitas vezes se convertiam em duelos, nos quais a honra era defendida com faca ou revólver

A luta com camisas amarradas era geralmente feita de duas formas. Amarrava-se com nó bem apertado uma manga na outra da camisa do outro lutador e cada homem envolvido no conflito combinava quais os braços poderiam ficar com a faca na mão para iniciar a luta e assim, “matar à mão curta, a ponta de faca” (Rosa, 2019, p. 211). Nesses embates, mais que a força física, reinavam a coragem e honra — os rituais brutais eram guiados pelos códigos morais e de honra quem vivia sob o astro-rei incandescente do sertão.

De outro modo, se as camisas fossem de botão, amarravam-nas umas nas outras de frente e os lutadores digladiavam até que, “face a face, eles se cortavam” (Rosa, 2019, p. 408). Isso significa dizer que “quase tudo, por lá, terminava em ponta de faca” (Moreira Filho, 2004, p. 50) ou em fumaça de pólvora. Era um código de honra, selado em confrontos e pactos de sangue — sangue este que escorria como tinta, escrevendo as histórias daquele sertão garimpeiro.

Esses embates, sangrentos e cruéis, não apenas ilustravam a violência desenfreada, mas também refletiam uma cultura na qual a resolução dos conflitos se dava pela força bruta e a vida humana tinha o peso de uma lâmina cortante, afiada pela rotina impiedosa do sertão e polida pelos códigos não escritos da honra, do medo e da sobrevivência, onde cada passado poderia ser o último e cada olhar, um desafio mortal.

Corpos dilacerados por terríveis golpes de faca espirravam jatos de sangue que se misturavam, como “um magote de parazeiros, piauizeiros, baianos, maranhenses, e até

barranqueiros" (Brasiliense, 1977, p. 50). Outros jarros de sangue eram jogados longe, no chão ressequido pelo sol abrasador do sertão garimpeiro. Essas poças fervilhavam na terra, como se o sertão tivesse sede no sangue humano.

A batalha épica de dois homens ignorantes criava um espetáculo funesto para aqueles que assistiam atentamente e eufóricos. Muitos deles "já eram defuntos quando iam de venta na terra" (Brasiliense, 1977, p. 45). O vencedor era aquele que saía vivo, mas o morto também recebia respeito pela coragem. A honra, tingida de sangue, naturalizada e diante da multidão, que, embriagada de prazer, aplaudia a morte como se fosse festa, em espetáculo e a violência em celebração.

Durante a briga de camisa amarrada, homens queriam mostrar sua valentia e macheza. Dessa maneira, tendiam a resolver suas desavenças na ponta da peixeira. Como as prostitutas que tinham cicatrizes causadas por violência, os homens que se metiam em briga de camisa amarrada mostravam marcas horripilantes no corpo que muitos "traziam profundas cicatrizes produzidas por lâmina de facão" (Caiado, 1974, p. 113). O número de mortes nesses embates era expressivo, pois os "mortos do final de semana chegaram a dezessete indivíduos" (Moreira Filho, 2020, p. 179).

Lá em Dueré e nos arredores do vasto sertão garimpeiro, esses caboclos tinham um valor singular, "eles eram uma espécie de ídolos sertanejos, de caubóis" (Moreira Filho, 2012, p. 100). Violentar mulheres, envolver-se em brigas, derramar sangue — tudo em nome da honra e da macheza — era um espetáculo que ganhava o respeito de uma sociedade frágil e desestruturada.

A violência, muitas vezes exaltada como virtude, tornava-se símbolo de força e prestígio social, alimentando tanto a admiração quanto o temor naqueles que presenciavam essas cenas draconianas, perpetuando um ciclo no qual a bravura bruta ditava as leis e a glória, moldando as relações sob a sombra de uma masculinidade áspera e quase implacável na vida daqueles sujeitos.

Um sertão, onde a ternura era um sinal de fragilidade – de boiolagem/viadagem –, em que a maioria das vezes o afeito era disfarçado, onde o respeito na imensa maioria das vezes se conquistava pela força tirânica, ecoando nas palavras não ditas expressadas nos gestos enrijecidos pelo tempo e pela dureza macabra da violência em vida.

O garimpo ia lentamente mudando, trazendo consigo cenas que antes jamais se poderia imaginar que existiriam, como a da prostituta que carregava "um filho no vidro, em formol" (Brasiliense, 1960, p. 113). As mortes não se limitavam às encomendas ou aos conflitos armados. Dueré era um "lugar de crimes feios" (Moreira Filho, 2010, p. 42), mas

também de moléstias. Morria-se tanto que a morte por doença se tornou um costume trágico. Eram inúmeros os males que assolavam os corpos daquela imensa e dialética região garimpeira.

As doenças eram outras situações que ocasionavam as mortes daqueles pobres sujeitos, "a bexiga, o sarampo, caxumba, coqueluche, catapora, tuberculose, varíola, tifo, paralisia infantil, lepra, frieira, impinge, verminose, crupe, enxaqueca, asma, bronquite, [...] barriga-d'água, [...] impaludismo, a febre amarela [...] é a que mais vem matando gente no povoado" (Moreira Filho, 2020, p. 143). Essas enfermidades pareciam fazer parte dos destinos dos que ali habitavam, enraizando o sofrimento como parte inevitável da vida.

Isso evidenciava a péssima administração do Estado, que negligenciava as mazelas que afligiam sobretudo a população mais pobre. Haja vista que "a pobreza da região advinha do fato dela não usufruir dos mesmos benefícios — para que pudesse investir em transporte, justiça, educação e saúde — que o Sul do Estado" (Cavalcante, 2003, p. 54).

Por conta dessa disparidade, as violências e as doenças proliferavam, as mortes se tornavam comuns e os enterros se multiplicavam. Em cada esquina, o lamento era um sussurro constante, e as cruzes, fincadas em terra seca, tornavam-se testemunhas mudas de um povoado esquecido.

2.8 Tristes finais: moléstias e enterros

No sertão garimpeiro, a saúde era uma miragem distante, e a realidade daquele lugar era permeada por múltiplos males, havia uma profusão de "doenças venéreas, que lastreavam o garimpo, correndo soltas pelos prostíbulos afora" (Moreira Filho, 2020, p. 106). E também havia "a verminose e outras parasitoses [...] são endêmicas nessa região" (Castro,1967, p. 54).

Além disso, existiam a presença constante de "febre terçã [...] oftalmia, resfriados, reumatismo [...] dispepsia é também comum a paralisia [...] o bócio" (Gardner, 1942, p. 305). Essas doenças "se manifestam com bastante frequência" (Audrin, 1963, p. 85) e deixavam rastros de sequelas e de morte por onde passavam.

Durante as enchentes, a malária surgia como um espectro inevitável, sendo, segundo Hermano Ribeiro da Silva (1948), um fato comum. Os sertanejos já argumentavam que a maleta[64] era "uma velha conhecida" (Audrin, 1963, p. 113) não apenas no sertão garimpeiro, à medida que "a malária [estava] liderando as moléstias tropicais" (Castro, 1967, p. 229) em

[64] No imaginário social do sertão, maleta era o nome da malária.

todo o país. E em meio à poeira e à lama, a vida pendia por um fio, enquanto o sertanejo resistia, moldado pelo açoite da terra e dos flagelos.

Por esse sentido, o sertão era um inferno em vida, pois até "nos garimpos até a água mata" (Dino, 1981, p. 52). Sem sistema de esgoto, sem cuidados mínimos de saúde ou qualquer auxílio médico, tudo se tornava uma ameaça constante. Onde, muitas pessoas carregavam "uma febre amarela mal curada e muitos causos de doenças de rua" (Moreira Filho, 2004, p. 96) — as chamadas doenças do mundo ou doenças profanas[65].

Eli Brasiliense, em seu romance *Pium*, narra a história de uma prostituta, Maria Gracinha, que "pegou tanta doença do mundo e ficou dum jeito que não pode mais pagar o aluguel" e acabou sendo lançada "pra rua" (1960, p. 105). As ruas eram, portanto, palcos e testemunhas de vidas marcadas pelo abandono, onde o sofrimento se confundia com a poeira e o esquecimento.

Tanta violência, tanto descaso. Bastante gente morria, "tanto de doenças quando furada de bala ou na ponta da faca" (Júnior, 2010, p. 20), sobrando aos vivos, na maioria das vezes, apenas o socorro e a clemência divina — por santos muitos deles desconhecidos. Por esse sentido, a "doença naquele pedaço de sertão [...] era osso duro de roer" (Moreira Filho, 2010, p. 75) e onde muitos amargamente roíam às duras penas.

Os sertanejos, jogados no abandono, permaneciam à mercê da sorte, presos no limbo. Estar vivo nem sempre era um privilégio naquele cenário de constantes provações e lutas. Essa realidade gerou um ditado popular que ecoa até hoje no imaginário do sertão: "o sujeito — matador — mata mais que a febre amarela ou a febre do rato". Ou seja, as doenças representavam mortes avassaladoras, quase sem freio.

Aqueles que tinham a infelicidade de ser acometidos de "treponemas, lepra" (Moreira Filho, 2020, p. 181) e loucura eram implacavelmente excluídos da convivência social, onde viviam longe da própria sociedade e principalmente da cidade, pois, havia a "casa com a leprosa distante da cidade" (Moreira Filho, 2020, p. 179), um símbolo do isolamento e do desprezo.

A miséria do sertão se refletia na imundície das moradias, como a casa de "Tonho Branco [...] um coitado. Tem dois filhos bôbos e uma filha bôba e aleijada, tudo dismilinguido de maleita e lumbriga" (Brasiliense, 1960, p. 43). Desassistidas pelo poder público, essas almas esquecidas sobreviviam da compaixão alheia. A falta de estrutura na saúde e na

[65] Eram doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) que infectavam sujeitos e se espalham pelo contato sexual desprotegido com uma pessoa infectada.

educação fazia perpetuar um ciclo cruel de abandono à própria sorte. O sertão, nesse contexto, tornava-se um retrato vivo da negligência histórica nessa triste e sofrida república.

A generosidade dos que habitavam aqueles varjões se materializava nas visitas, que levavam "rapaduras [...] panvermina e quinino" (Brasiliense, 1960, p. 43), gestos para alguns pequenos, mas, entre eles, grandiosos, que sustentavam a frágil linha entre a vida e a morte naquele espaço de miséria e luta. A falta de estrutura na saúde e na educação fazia perpetuar um ciclo cruel de abandono à própria sorte. O sertão, nesse contexto, tornava-se um retrato vivo da negligência histórica nessa triste e capenga república.

A vida no sertão garimpeiro era marcada por um cenário de doença e desvario que atravessava todos os membros da família, "a mulhé [...] é bôba também e vive socada em riba de um dum jiráu aleijada e comida de sezão. Tem um bobinho que tosse feito o cão. [...] com a tuberca velha na caixa do catarro" (Brasiliense, 1960, p. 44). A família revela não apenas a precariedade material, mas a desumanização importas pelas condições extremas do garimpo e de um país desigual e vesgo a si mesmo, onde as doenças e o abandono tornam parte do cotidiano.

Nesse contexto, a compaixão era ofuscada pelo preconceito e pela ignorância que atingiam profundidades inimagináveis. Muitos chegavam a pedir ao governo "uma lei proibindo os [pobres, doentes e loucos] de casá" (Brasiliense, 1960, p. 43). A insensibilidade diante do sofrimento humano fazia com que os mais vulneráveis fossem condenados a uma vida de isolamento e miséria, perpetuando uma dor silenciosa que se espalhava como uma febre.

Sem saúde, segurança e, principalmente, sem educação, a desinformação se espalhava por Dueré – e por outras cidades garimpeiras – e os comentários sobre a vida alheia tomavam formas cruéis[66] os comentários sobre "a filha do Tonho tá com uma pança do tamanho dum bonde. Tá cheia até na tampa. [...] vai ter é mais um bôbo" (Brasiliense, 1960, p. 44).

O neto de Tonho nasceu em um país marcado pela miséria e pela desigualdade; não era apenas fruto de um nascimento, mas da própria desumanização do sertão garimpeiro. O pequeninho chegava ao mundo em meio às dores e aos desprezos, representava a perpetuações de ciclos implacáveis: as misérias, desigualdades, doenças e ignorâncias. Quando o médico, ao ouvir o "choro de criança recém-nascida, uns vagos gemidos que se misturavam às vozes meio abafadas", fez "uma cara de nojo" (Brasiliense, 1960, p. 44-45).

[66] A fofoca era algo muito forte no sertão. Essa prática cultural de vilas, distritos e cidades pequenas tinha um potencial imenso em abalar as vidas nas mais variadas esferas culturais.

Ele não apenas reagiu à fragilidade de um ser indefeso, mas também à brutalidade de uma sociedade que via o nascimento como mais um peso a ser carregado. O neto de Tonho, assim, simbolizava a continuidade da vida num lugar onde a esperança parecia sempre dilacerada e quase inalcançável. A reação não se deu apenas diante daquele quadro tenebroso em que o pobre ser indefeso emergia ao mundo, mas também contra brutalidade do sertão, que via no nascimento não um milagre, mas mais um peso a ser suportado pelos dias ásperos deste país.

Eis o Brasil República, governado por uma elite dominante tacanha e esdrúxula, composta por pais, filhos, netos e bisnetos de poderosos, senhores e donos de tudo, barões medíocres e cobiçosos que não eram capazes de "pintá a miséria que tem nesta beira de estrada. E' uma disgrama de porqueira e imundice" (Brasiliense, 1960, p. 44). Essa narrativa não apenas revela a visão crua e desesperançosa da miséria, mas também escancara a negligência de uma sociedade que se alheia do sofrimento dos mais pobres.

O sertão garimpeiro, nesse cenário de péssima administração, tornava-se um reflexo da indiferença de uma elite que, em sua cegueira e surdez nojenta, ia – vai – fazendo olhos e ouvidos moucos às lamurias desses desgraçados, afastava-se das realidades mais duras, deixando os que ali viviam à mercê da própria sorte, sem qualquer perspectiva de mudança.

Os que tinham poder econômico poderiam fazer consultas com o Sr. Juca, que era "um cearense baixinho que usava um pince-nez na ponta do nariz, feio de gargalhadas quilométricas, da cabeça chata, careca, possuidor de meia dúzia de cabelos à guisa de bigode" (Moreira Filho, 2020, p. 207). Muitos tinham ele "como médico" (Moreira Filho, 2010, p. 75) em virtude de todos esses descasos. Esse senhor chegou a Dueré atraído não pelo cristal, mas sim pelo dinheiro que poderia ganhar com as moléstias dos garimpeiros.

Outro médico que por ali chegou foi o "Dotô Alcide. Dotô em medicina" (Brasiliense, 1960, p. 41), que dizia ter trabalhado em vários hospitais do Rio de Janeiro e feito especialização em "moléstias do coração, partos, cirurgia em geral. [...] também o curso de Puericultura do Departamento Nacional da Criança". Mesmo com tanta experiência, o tal doutor "não mexe com medicina mais" (Brasiliense, 1960, p. 41). Enveredou-se pelos caminhos dos garimpos para comprar cristal e depois gado de raça. O médico e o Sr. Juca tinham em comum a ganância pelo poder econômico e, para obter isso, tinham que se manter por aquelas bandas e se fazer de arrogado.

A chegada do Sr. Juca, para tantas pessoas sofredoras, foi um "acontecimento histórico" (Moreira Filho, 2020, p. 143). Ele era "dono da única farmácia do povoado" (Moreira Filho, 2020, p. 207) e, como era de praxe dos comerciantes do lugar, buscava

sempre manter “sortida dos medicamentos mais necessários, estoque sempre grande de sulfato de quinino para as malárias” (Bernardes, 2005, p. 145).

Em meio ao sofrimento, o socorro do Sr. Juca era urgente e que nessas circunstâncias, “constantemente vivia correndo, bem apressado, feito louco pelos manchões, com seu estojo de injeção de urgência às mãos” (Moreira Filho, 2020, p. 207). Mas o socorro tinha um preço, e a realidade cruel se revelava: para muitos, passaria “o resto da vida [...] pra poder pagar uma injeção” (Moreira Filho, 2020, p. 75). E assim, o alívio que ele trazia se transformava, muitas vezes, em uma dívida eterna, marcando a vida de cada um que procurava seu auxílio.

O farmacêutico prático disputava clientes com curandeiras(os) e raizeiras(os) que usavam “ervas medicinais, tantos remédios do campo, as flores que nascem rente ao chão: o para-tudo em bolas sanguinolentas, o lírio e o malmequer, muitas e muitas” (Bernardes, 2005, p. 106). Práticas que atravessaram gerações, sustentadas pela oralidade e pelo convívio íntimo com a natureza, eram como heranças vivas. A presente disputa não se dava apenas entre métodos, mas entre saberes, onde a fé e a vida no sertão se entrelaçavam.

O uso dessas plantas fazia parte de uma tradição enraizada, na qual a cura se baseava no saber popular, pois, “são poucos que podem comprar sulfato de quinino, curam-se geralmente estas febres com eméticos e purgantes e, outra vez, com cascas amargas tiradas das árvores da mata” (Gardner,1942, p. 304-305). O que se tornava uma constante era a luta pela sobrevivência onde os recursos eram limitados e a medicina popular se fazia presente.

Alguns remédios eram preparados com o que a natureza oferecia como “a casca de quina, por exemplo, com a qual se fabricava um reconstituinte valioso em vinho de ananás, laranja ou tucum, a folha e raiz de salsaparrilha, a poalha e a ipecacuanha, resina de almecega, as folhas de ariticum etc.” (Audrin, 1946, p. 183). No sertão garimpeiro, os saberes ancestrais eram passados entre gerações pelas mãos de curandeiros, parteiras e raizeiros. Na ausência de médicos e farmácias, os remédios naturais eram o principal cuidado com a saúde.

Havia uma curandeira que morava na cidade de Dueré, chamada Comadre Noza, praticava um tipo de “medicina herdada de seus avós” (Caiado,1964, p. 19) e usava remédios tradicionais no sertão garimpeiro; eram as ditas banhas, gorduras retiradas de determinados animais que eram utilizadas para curar certas moléstias, como a “banha-de-arraia cum um pouquinho de azeite-de-mamano pra beber” (Moreira Filho, 2009b, p. 46).

Além das raízes e das banhas, havia as crendices. Contava-se que na “benzedura ela dava um nó na ponta do pano, e pendurava-o no cachorro da varanda de casa” (Moreira Filho, 2009b, p. 47-48). As línguas sertanejas diziam que o mal, quando não se curava por reza ou remédio, era castigo dos antigos — praga lançada que perdurava até a quarta geração — ou

olho gordo dos vizinhos, gente de alma invejosa. Nessas horas, restava apenas confiar nos desígnios de Deus e na fé do moribundo, que se agarrava à esperança com uma vela acesa ao lado. Se nada disso resolvesse, a morte era certa. Sobre isso, Brasiliense comenta:

> Toda semana morria gente. De febre maligna, de maleita, de pneumonia e até de estrepada no pé onde o tétano mergulhava traiçoeiramente. Gente desconhecia, que sumia de uma hora para outra.
> E as pessoas surgiam constantes nas rodas dos garimpeiros:
> – Cadê aquele velho piauiense que trabalhava pro Germano? Faz dia já que não vejo êle...
> – Morreu na semana passada. Não viu aquela rêde carregada por quatro cabra macho que ia fungando? O véio tava sêco, mas tinha ôsso pra daná (Brasiliense (1960, p. 102).

Com pouca ou quase nada de visibilidade do Estado, sem nenhum recurso que pudesse lhes levar um pouco de dignidade humana, as pessoas do sertão garimpeiro desapareciam, “as vítimas das febres do Araguaia” (Audrin, 1963, p. 124). Essa moléstia, a febre amarela, chamada à época de “terçã maligna” (Caiado, 1974, p. 67), vitimou grande número de sertanejos. Era uma das doenças que mais ceifava a vida dos pobres miseráveis, principalmente no inverno, momento em que o mosquito se prolifera.

Alguns poderiam ser salvos se procurassem Sr. Juca, que oferecia “consultas farmacêuticas gratuitas” (Moreira Filho, 2020, p. 143). Contudo, ele cobrava pelos remédios e embutia o preço da consulta no valor cobrado, sem que o cliente se desse conta. Era uma exploração disfarçada, um jogo de interesses no qual os mais vulneráveis acabavam pagando alto preço. Para os garimpeiros, essa cobrança poderia ser ainda mais dolorosa, já que consideravam “tudo danado de caro” (Brasiliense, 1960, p. 10).

Em outras situações, os “remédios não os tinham; algum vendedor ambulante havia limpado os bolsos daqueles pobres diabos, vendendo-lhes caríssimos medicamentos, já vencidos” (Tonini, 1959, p. 148). E assim, entre a escassez e a ganância, a saúde se tornava um luxo inalcançável para muitos, perpetuando a dor e o sofrimento.

A carestia tornava o garimpo mais agitado, pois, “a vida cara pelo improvisamento indispensável à existência dava a impressão de tudo ali ter valor, exceto dinheiro e diamante” (Ribeiro, 1959, p. 184). Nesse cenário, a luta pela sobrevivência se intensificava, porque o valor das coisas se dissolvia nas necessidades urgentes da vida. O garimpeiro trocava ferramentas por mantimentos, favores, promessas e até mesmo por um prato de comida. No jogo áspero da carestia e das trocas, o garimpo devorava tudo — esperanças, forças, dias, juventude e a vida. A fortuna, sempre à beira do alcance, brilhava como miragem diante dos olhos e das mãos calejadas que, incansáveis, a buscavam, mas jamais a tocavam.

E por isso, muitos, salienta que os “arapuqueiros, salafrários e treiteiros saíam lucrando de quem, espinhosamente, sofria na talha da lavoura [e na garimpagem de cristal], derramando suor salgado do corpo” (Moreira Filho, 2010, p. 75-76). A exploração se tornava uma constante e a miséria se aprofundava. Os preços de cereais, remédios e outros mantimentos eram atrelados ao custo da viagem feita pelos comerciantes para chegar até a cidade, o que tornava tudo ainda mais inacessível para aqueles que lutavam na penúria do garimpo. Os medicamentos, segundo Juarez Moreira Filho, vinham:

> [...] em sua grande maioria, da capital federal, o Rio de Janeiro: Belém do Pará; São Luís do Maranhão; Carolina, também do Maranhão, Floriano, estado do Piauí, precisamente do laboratório Sobral, que produz a famosa sulfa de azina e aguardente alemã Sobral, dentre outros remédios populares (Moreira Filho, 2020, p. 144).

Era uma verdadeira saga a chegada de remédios no sertão garimpeiro, oriundos de vários estados e percorrendo distâncias que pareciam infindáveis e impenetráveis, mas mesmo assim, “chegavam pedidos de receitas e remédios de Goiáz e de Belém, das matas do Xingú e dos sertões do Maranhão” (Audrin,1946, p. 183). Esse esforço revelava não apenas a precariedade das condições, mas de luta pela vida. Era um elo (in)visível nos confins do “nortão goiano”, do Brasil e dos centros urbanos, movimentados pela fé, necessidade e resiliência.

Os medicamentos podiam até sair com valor de mercado em suas origens, mas, ao chegarem em Dueré, os preços se transformavam em cifras exorbitantes, inacessíveis para a esmagadora maioria dos sertanejos e garimpeiros. Muitos admitiam ter “algum lucro, mas as mercadorias estão muito caras e o transporte está cada vez mais difícil” (Brasiliense, 1960, p. 65). Assim, o altíssimo custo dos insumos reforçava a dependência e o sofrimento dos que ali viviam, expondo suas dores, a vulnerabilidade de uma economia à margem da sociedade e da história.

Esse desafio logístico fazia com que a esperança de tratamento se diluísse nas dificuldades, havia ocasiões em que os remédios eram mandados de avião “através do Correio Aéreo Nacional, isso, por que essas linhas aéreas foram estendidas, em 1943, até a região do rio Tocantins e Belém do Pará” (Moreira Filho, 2020, p. 144). Diante dos desafios que o sertão garimpeiro desenhava aos olhos deste país, Luzia Bezerra Nunes ressalta que, para melhor compreender essa realidade, é essencial destacar:

> Devido às inúmeras dificuldades de manutenção das estradas, das condições de navegação no rio Tocantins e do mau funcionamento do correio terrestre e fluvial entre o Rio de Janeiro e Belém do Pará, o governo federal determinou ao Coronel Lysias A. Rodrigues a realização de estudos e a instalação da rota do Correio Aéreo Militar do Rio de Janeiro a Belém-PA, seguindo a rota do rio Tocantins (Nunes, 2014, p. 74).

E para ser mais detalhista, "a rota do Correio Aéreo Militar, depois Correio Aéreo Nacional, era seguinte: Rio de Janeiro, São Paulo, Uberaba, Formosa, Paranã, Porto Nacional, Tocantínia, Pedro Afonso, Carolina, Boa Vista do Tocantins, Imperatriz, Marabá, Belém" (Nunes, 2014, p. 75). Essa rota evoca a importância das cidades desse imenso sertão e a sua centralidade na integração da república brasileira, servindo como eixo de conexão não apenas das explorações dos minérios.

Nessas cidades, que eram relativamente desenvolvidas para a época e onde o comércio se tornava mais intenso, a instalação dessas vias aéreas veio através das explorações por esses sertões e foi impulsionada pela necessidade do comércio de cristal de rocha, outros minérios, borracha, peles e couros de animais. Mesmo com essa rede de abastecimento, a precariedade e os altos custos perpetuavam a luta pela sobrevivência em terras áridas e esquecidas.

No entanto, esse serviço de correio era arrastado e parecia navegar em um tempo próprio, lento e árduo. Na cidade, "as malas postais chegavam uma vez por semana" (Paternostro, 1945, p. 304), mas, em outras regiões do sertão garimpeiro, a espera se estendia por meses. A correspondência chegava tardia, trazendo notícias envelhecidas, mas ainda assim cruzava distâncias e adversidades até os confins do garimpo, onde o tempo seguia seu próprio compasso.

Nesses rincões, os responsáveis pela entrega das correspondências e encomendas não seguiam apenas montados, mas enfrentavam longos trajetos a pé[67], desafiando o calor implacável, as longas e quase infindáveis chuvas de inverno, as trilhas hostis e as veredas perigosas. No mesmo itinerário de demora, as notícias se arrastavam, custando a alcançar o fundo do sertão garimpeiro.

Nos primeiros anos do garimpo em Dueré, não se falava em telégrafo, muito menos em rádio — e quando se falava parecia ser um sonho distante a ser realizado. Havia apenas linhas de correios terrestres que levavam "correspondências velhas de dois ou três meses"

[67] Não eram apenas cartas, remédios ou mercadorias que enfrentavam as dificuldades do sertão. Em locais sem presença do Estado ou comissão para contabilizar as cédulas eleitorais, as urnas eram enviadas à comarca mais próxima. Para entregar e trazer os resultados, os mensageiros viajavam de carro, montados ou a pé, desafiando perigos e trilhas traiçoeiras.

(Audrin, 1946, p. 112), isso quando não encontrava empecilhos[68]. A comunicação também se dava pela oralidade, passada de boca em boca, entre tropeiros, viajantes e comerciantes, que carregavam não apenas mercadorias, mas notícias e muitas delas com fofocas de exageros e misturadas às bagagens que balançavam ao ritmo dos caminhos do sertão.

A distância fazia com que a comunicação se tornasse um eco distante da vastidão do sertão garimpeiro. Quase tudo "era transportado para os garimpos de Dueré pelos teco-tecos [, os aviões monomotores], isso quando dava certo" (Moreira Filho, 2020, p. 144), por caminhões que enfrentavam as estradas precárias e canoas e barcos.

No entanto, era mais lucrativo para os motoristas transportar pessoas empilhadas em cima de seus caminhões e até mesmo usar "carros-de-boi [...] jacas erguidos nos lombos de burro de tropa ou nas costas de jegues de carga" (Moreira Filho, 2012, p. 101). Nisso, o sol, as poeiras, as lamas, as chuvas e os rios testemunhavam essa travessia difícil, onde o tempo se arrastava naquelas vidas humanas.

Outro meio de chegar à cidade garimpeira era o transporte fluvial pelos rios Araguaia e Tocantins e seus afluentes. Essas rotas se mostravam mais favoráveis durante o inverno, quando as águas ganhavam força e volume, os rios "tomando mais águas a cada dia, com certeza têm os rápidos e rebojos alisados, passagem franca nos vórtices mais embravecidos" (Bernardes, 2005, p. 25). O rio não era apenas caminho, mas símbolo de travessia entre mundos, do sertão à metrópoles.

Os barcos partiam de Belém do Pará, Pedro Afonso e Porto Nacional, e "traziam tecidos, louças, e boticas, ferramentas, ferro em barra, aço, cobre em folhas, barricas em garrafas de cerveja, boticas de genebra em farinha de trigo etc." (Flores, 2011, p. 78). O rio, com suas águas imprevisíveis, tornava-se uma veia pulsante de vida e comércio, transportando não apenas mercadorias, mas também sonhos e (des)ilusões.

As mercadorias também eram transportadas de forma lenta e árdua, conforme relata "pelos caixeiros viajantes em lombos de burros ou jegues estradeiros, bem selecionados, para que essa tropa pudesse enfrentar as dificuldades típicas daquele árduo período, sobretudo com a falta de estradas que dessem acesso aos garimpos de cristal de rocha" (Moreira Filho, 2020, p. 144-145). O trajeto, muitas vezes perigoso, exigia não apenas as resistências dos animais, mas também com a coragem e a experiência dos condutores.

[68]Além das dificuldades terrestres nas estradas e veredas, que poderiam ser causadas em decorrência do percurso, o desafio ficava maior na estação das chuvas.

As caravanas, formadas por tropas de jegues, cavalos e carros de boi, reuniam uma diversidade de sujeitos: pescadores, vaqueiros, jagunços, mulheres, crianças, comerciantes e vendedores de bugigangas, além de "caçadores e mariscadores de jacarés" (Moreira Filho, 2020, p. 225). Essas jornadas, marcadas pelas poeiras, lamas, sol fatigante e chuvas intermináveis, eram sinônimo de longas e cansadas viagens que eram repletas de histórias e resistências, compondo um mosaico humano que atravessava as trilhas em busca de sustento e (des)ilusões no sertão garimpeiro.

Para atravessar os caminhos desafiadores rumo à cidade de Dueré, "as cargas são protegidas contra o tempo por couros de boi, curtidos, ligados por correias" (Gardner, 1942, p. 33). As selas, bruacas e cangalhas eram moldadas sob medida, foram desenvolvidas, pela rusticidade e a engenhosidade sertaneja, ferramentas que resguardavam os preciosos carregamentos contra as intempéries.

Othon Maranhão, em suas memórias escritas no livro *Setentrião Goiano,* destaca que "fazia gosto ver-se o movimento das tropas conduzindo pranchas de caucho e levando para os núcleos víveres, medicamentos e mercadorias" (1990, p. 95). Essa memória revela não apenas o dinamismo econômico e cultural daquele período, mas também a importância dos deslocamentos nas regiões do interior do sertão. Evocando um cotidiano pulsante, no qual o sertão garimpeiro era atravessado por todas de trabalho, comércio, trocas e experiências.

Essas mercadorias, trazidas por comboeiros — comerciantes que percorriam os sertões com volumosos carregamentos conduzidos por incontáveis animais de carga aos rincões; vendiam, trocavam, prometiam retorno e, um ano depois, voltavam para colher o que deixaram em confiança dos compradores. E na mesma medida, os tropeiros, que com ofícios bordavam, teciam veredas, estradas, caminhos, risos, lágrimas e sonhos, impulsionando o desenvolvimento de outras regiões do antigo "nortão goiano". Sobre isso, Luzia Bezerra Nunes acentua:

> Esse comércio e a migração provocaram o crescimento rápido de Pedro Afonso, Piabanha (Tocantínia), Boa Vista do Tocantins (Tocantinópolis) e Filadéilfia, pois por ali passava enorme contingente de pessoas vindas da Bahia e do Maranhão, com tropas de burros carregados (de víveres, remédios, tecidos etc) com destino a Porto Franco (hoje Couto de Magalhães). Conceição do Araguaia e rio Xingu, onde trocavam esses produtos por pranchas de látex de caucho e seringueira, realizando o comércio bastante lucrativo (Nunes, 2014, p. 206).

Sentindo de perto esse movimento, a "cidadezinha se anima periodicamente com os boiadeiros que trazem o gado do Centro de Goiás, para inverná-lo no município" (Paternostro, 1945, p. 315) e, na mesma proporção, os comerciantes com objetos para a comercialização.

Essas jornadas eram enfadonhas e perigosas, com travessias que envolviam “a passar cargas e arreios nas balsas de buritis ou nos bangues de couros; no meio da correnteza, puxava, [...] pelo cabresto do [...] burro de sela” (Audrin, 1946, p. 75), varando horas, dias, semanas, sendo que, nessa medida, muitos, nesses ofícios:

> Seguiam [...] com tropas de muares, carregadas de produtos, e as boiadas a pé para a região do Jalapão, [...] limite entre o Estado do Tocantins e Bahia. [...] onde vendiam os produtos agrícolas, as boiadas e comparavam o que necessitavam, inclusive os muares para renovar as tropas (Nunes, 2014, p. 193).

Esse movimento não se limitou aos tambores de areia do Jalapão, mas os atravessaram em passos trôpegos, adentrando o vasto “nortão goiano” por completo, que se conectava com o restante do estado e dos vizinhos, desenvolvendo toda uma complexidade da vida econômica sertaneja que se espalhara pelas veredas das boiadas.

Esses viajantes incansáveis apenas faziam breves paradas para dormir e comer, e, durante os momentos de descanso sob a sombra de um “pé de coco-catolé, no quintal, sob o céu picado de estrelas, contavam pabulagens, rotavam bacabas, grandezas e novidades da política que pegava fogo lá pras bandas de Dueré. Eta política animada” (Moreira Filho, 2009a, p. 82). Nas noites sertanejas, as vozes e os sons de violas dos tropeiros eram ecos de histórias e aspirações, tecendo a vida em meio à vastidão.

Seguindo seu caminho, o tropeiro “de barriga cheia poderia [...] ganhar o mundo, os paus-baixos; com cada um, no relinchar da tropa, ganhando o seu próprio destino” (Moreira Filho, 2004, p. 88). E nesse imenso lugar, conhecido por muitos de ouvir falar, mas vivido por poucos, a coragem desbravava a trafegar na “estrada cavaleira, por onde transitavam os fazendeiros, boiadeiros e tropeiros dos municípios, [...] de entroncamento de vários caminhos e [...] povoado” (Nunes, 2014, p. 430). Assim, o movimento das tropas, com suas constantes idas e boas-vindas, simbolizava não só o comércio, mas também a busca por novos rumores e possibilidades no sertão garimpeiro a dentro.

Os remédios, com valores hiperbólicos, iam parar na estante rústica da farmácia “sob a forma de pílulas, elixir, pomadas, tinturas, xaropes” (Audrin, 1946, p. 183). E dali saiu o Sr. Juca, caminhante com sua “cacofonia pro rumo dos fregueses: Uai, sô moço! Êta diacho! [...] Ou: Ah, quem me dera! Ah, quem me dera [...]. Ou: Cê quer ver! Cê quer ver! [...] A cabra era louca por dinheiro, mas servidorzinho pra peste” (Moreira Filho, 2020, p. 208).

Mesmo dando atenção a todos com sua “caixa de homeopatia, aplicava remedinho aos meninos barrigudos, dava lombrigueiro e pílulas reconstituintes” (Bernardes, 2005, p. 95) Sr. Juca não beneficiava ninguém na hora de pagar a conta; afinal, o objetivo dele era obter, ter

em suas mãos o dinheiro que corria pelas trilhas do sertão garimpeiro da extração de cristal. Em sua prática de farmacêutico, era um homem que comungava da sede de dinheiro e da cultura machista do sertão garimpeiro. Mas se deu mal e foi motivo de chacota quando foi aplicar uma injeção para gripe em Donana, como representa Moreira Filho:

> [...] o farmacêutico prático, no meio dos fregueses já com a injeção pronta, com a agulha em punho, caminhou pro rumo de Donana, com seu pincenez à ponta do nariz, e disse-lhe:
> – A injeção é nas nádegas!
> Daí Donana respondeu-lhe, em cima da bucha, sem titubear:
> – Você me respeita! Seu toco-de-bater sola! Onde é que vou levantar o meu vestido e mostrar as minhas "bundegas" pra você, filho-duma-mãe. Pode cuidar de aplicar a injeção no braço.
> – Lógico! Os fregueses caíram na gargalhada (Moreira Filho, 2020, p. 216).

O machismo, implacável, não respeitava nem mesmo o momento de fragilidade de quem estava doente, especialmente quando se tratava de uma mulher que buscava se recuperar de uma gripe que, ao lado da malária, matava com igual intensidade essa doença "por certo constitue o maior flajelo" (Neiva e Pena, 1999, p. 142) nos sertões brasileiros, a qual, "um cristão assim, no sol, com êsse calorão, rebuçando, batendo queixo, é sezão na certa" (Brasiliense, 1960, p. 32).

A doença, temida por todos, era considerada ainda mais cruel, pois, "quando não mata, deixa sequelas". Com a febre surgiam incontáveis "doentes específicos" (Lima, 1977, p. 16) cujos os miseráveis e sofridos corpos e vidas se arrastaram pela dureza dos sertões, principalmente o garimpeiro. As enfermidades não apenas corroíam os corpos, mas também devoravam os sonhos e as esperanças, submetendo trabalhadores, sertanejos, crianças, mulheres e idosos a agonias lentas diante do cristal de rocha.

Outras doenças afligiam a vereda cristalífera, como a doença de chagas, que se espalhava rapidamente, pois, "quase todos os domicílios [...] ofereciam todas as condições para permitir a reprodução dos triatomas; a maioria é encontrada por casas de adobe não rebocadas ou não apenas em alguns compartimentos" (Neiva e Pena, 1999, p. 100). E, com a mesma intensidade, era o "surto de difteria" (Souza Filho, 1980, p. 70) que tomava conta, agravando ainda mais o sofrimento daqueles que habitavam aquelas terras secas e esquecidas.

Algumas pessoas, mesmo tomando remédios, não conseguiam se curar; outros não acreditavam que aqueles medicamentos que chegavam a Dueré poderiam realmente aliviar qualquer mal. Havia também os que não possuíam recursos para comprá-los, "procuravam outro recurso em que depositam grande fé; [...] um pedaço de corda que se leva à igreja e corta-se exatamente do comprimento do crucifixo para usá-lo na volta do pescoço" (Gardner,

1942, p. 283), acreditando que essa prática, mais espiritual que científica, poderia trazer-lhes as curas.

Em um território sertanejo, onde nunca se investiu em educação e saúde de maneira ampla, Neiva e Pena observaram que a população era acometida por doenças como sífilis e bouba, e até a lepra parecia "ser comum". A leishmaniose, conhecida como "ferida braba no extremo norte de Goiaz", e a tuberculose, mais "abundante nos sertões do que geralmente se pensa" (1999, p. 148-149), arrastavam muita gente para a cova.

Restava, ao sertanejo, a fé que era quase infinita, na busca pela cura de suas moléstias. Dentre esses males, "uns são curáveis, outros jámais" (Azevedo, 1925, p. 112), e quando não havia cura, a fé fazia seguir em frente mesmo com todas as dores. Fé na igreja, em pai ou mãe de santo, em benzedor ou benzedeira, como era o caso, segundo Juarez Moreira Filho, de:

> [...] Dona Miúda, que se encontra hospedada na pensão dos Garimpeiros. [...] além de benzer, reza e promove a cura dos males físicos e espiritual, tais como: arca caída, cobreiro, zipra, torções, depressão, vícios de qualquer natureza, mau olhado, proteção divina, limpeza de energias negativas, ajuda financeira, trabalho, amor, fim de namoro, amarração amorosa, faz voltar aos seus braços o amor perdido, inveja, ciúme [...] (Moreira Filho, 2020, p. 243).

Essas práticas de benzimentos eram requeridas por várias pessoas no sertão, desde rezas nas fazendas para espantar cobras, até por pessoas simples que pediam para fazer mandingas ou quebrar feitiços — desatar nós. O garimpo de cristal de rocha regia todas essas relações socioculturais do sertão do norte goiano, que pairava entre os dois mundos: o da dura realidade da pobreza e do trabalho e o do misticismo. Era um sertão garimpeiro paradoxal, uma "terra de riquezas incalculáveis com gente pobre" (Audrin, 1946, p. 76).

Entre as mortes violentas, as pessoas também morriam de causas naturais ou por alguma moléstia desencadeada no sertão. Seus corpos eram esquecidos em casebres, putrificando ao tempo; outros enterrados em covas rasas à beira das veredas e estradas, donde "cada cruz que se encontra nos anceiros dos caminhos, ladeando as trabessias escusas de nossos campos, assignala um crime, um assassinato consequente de vingança. A's vezes, um defronte de outra, duas cruzes" (Benício, 1997, p. 9).

Essas sepulturas (covas) eram resultados fatídicos das inúmeras violências que, por sua vez, eram "as certidões de óbito de dous valentões que se toparam, e, ali, a faca ou a bacamorte, mediam a força e a coragem" (Benício, 1997, p. 9). Por outro lado, também eram resultados finais das doenças que também compusera esses sertões nos quais essas cruzes foram enfiadas à beira das estradas, em campos a ermos gerais.

Outros corpos, na mesma medida, foram deixados no eito do sertão ou jogados nos chapadões. Ali, muitos se perdiam no tempo, como “muita gente morta assim apodrecendo no sol da peste” (Brasiliense, 1964, p. 125). No silêncio das vastidões, seus restos se entregavam ao sol inclemente, enquanto as águas dos rios, as cacimbas, os lagos e as matas goianas se tornavam o destino final, onde os corpos iam se putrificando, absorvidos pela terra ou sendo devorados por algum animal carniceiro. A morte, invisível e impiedosa, parecia tão eterna quanto o sertão.

Outros sertanejos, quando tinham a sorte de encontrar quem os acompanhasse no último ato, eram sepultados por amigos, familiares ou conhecidos, “aqui e acolá, ao longo da estrada” (Audrin, 1946, p. 265), ou nas “covas, entre goiabeiras do cemitério” (Rangel, 1920, p. 78). Alguns enterros foram feitos às pressas, outros eram realizados com o defunto enrolado em uma rede, coberto pela terra arenosa, barro e pedregulhos do sertão do norte goiano. Era uma desonra para o sertanejo, que, mesmo após a morte, fosse deixado em cova rasa, como se sua vida e partida fossem tão efêmeras.

Em outros velórios, bem diferentes, como “a casa do morto enche-se de amigos, vizinhos e até de estranhos” (Serra, 1946, p. 35), com várias conversas, comidas e aboios em homenagem ao(à) falecido(a), fazendo “de seus enterramentos um motivo de reuniões, quase festivas” (Serra, 1946, p. 35) Quanto maior a multidão que se reunia, maior era a prestígio do(a) falecido(a), e a despedida se tornava, paradoxalmente, um momento de celebração da vida e morte, mesclando-se com a memória daquele(a) que se foi.

Em várias ocasiões, o cadáver ficava em cima da terra por dias, enquanto o velório seguia por semanas, com casa lotada e “banquete fúnebre” (Serra, 1946, p. 36) com diversas iguarias sertanejas, desde uma simples paçoca de gergelim até carne de reses sacrificadas para saciar a fome de todos que participavam daquele momento sensível, único e último do morto.

O cortejo fúnebre, o último adeus, envolvia choro e tristeza, porém, ao mesmo tempo “os enterros são quase alegres, espécie de procissão feita aos gritos de — chega irmão das almas, e durante a qual a bebida é fartamente distribuída para que o morto chegue mais depressa ao cemitério” (Serra, 1946, p. 36). Essa dualidade entre o luto e a celebração revela como a morte, por essas brenhas eram também um momento de comunhão e rito coletivo. Deste modo, o luto se mistura à festa sertaneja, reafirmando os laços e crenças religiosas de uma passagem para outro mundo.

O trajeto da procissão era, às vezes, longo, porque “geralmente, o sertanejo arma o cemitério longe” (Serra, 1946, p. 36). O campo santo “com sua floresta de cruzes rústicas era uma síntese trágica: o fim da história. O repouso final de muitos aventureiros vindos de todos

os recantos do país, em busca de fortuna rápida" (Castro, 1949, p. 229). A longa e dolorida cainhada até o cemitério era manifestada de várias formas, entre lágrimas, silêncios e cantos até o cemitério, atravessando a vastidão sertaneja, simbolizava o destino daquelas que sonhavam alto ou aqueles que jamais tiveram algum sonho na vida.

As cruzes eram feitas de galhos de árvores comuns ou de madeira de lei e nelas se gravava o nome e outros dados daquele que morreu, pois, "o defunto não se ajeitaria sozinho" (Brasiliense, 1977, p. 42). Quem ganhava uma cruz com nome recebia velas e lágrimas, enquanto aqueles que não tinham identificação, eram chamados, de "defuntos sem choros" (Moreira Filho, 2020, p. 223). Decerto que essas cruzes erguidas pelo sofrimento e pela violência se tornaram marcos de uma história repleta de dor, revolta e vingança no sertão garimpeiro. Nesse sentido, lembra Juarez Moreira Filho:

> [...] avistava, bem de pertinho, a cara dos cadáveres, dentro das redes garimpeiras, transportados nos ombros da garimpeirama pro campo santo, com o corpo morto cravado de balas ou retalhado a punhaladas ou peixeiradas, ela se desesperava com aquela imagem tosca e grosseira (Moreira Filho, 2020, p. 137).

Ao contrário dos mais ricos, que desfrutavam de cortejos fúnebres minuciosamente organizados e caixões esculpidos em madeira nobre (madeira de lei), os mais pobres eram transportados em redes gastas, desbotadas pelo uso — como único bem a ser usado —, ou até mesmo de buriti, cortado a facão em pranchas do tamanho do morto e pregados com galhos de bambu feito espetos para a última cerimônia de despedida, do último adeus.

No terreiro do rancho da Dona Fia, que ficava à beira da estrada, poder-se-ia avistar o "cemitério dos assassinados [...] que passavam diversos defuntos transportados em redes garimpeiras para o campo santo do povoado que ficava, ali mesmo, bem pertinho dela, atrás do fervedouro da Bica" (Moreira Filho, 2020, p. 136). A busca pelo cristal no garimpo misturava esperança e morte, em meio ao suor, sangue e corpos que iam ao descanso eterno.

O rito fúnebre no qual se carregava o morto dentro da rede era feito da seguinte forma: na rede, amarrada num pedaço de madeira roliça, colocava-se o defunto, que era levado por dois homens que seguravam os extremos da madeira até o cemitério. Para o sertanejo pobre não tinha caixão e para conseguir um "tinha que arrumar dinheiro dos donos das catras" (Bernardes, 2005, p. 34). A velha rede desgastada, que tanto embalou sonos e sonhos, acompanhava seu dono até o fim da vida no sertão. Em algumas regiões, era um hábito, conta Josué de Castro em *Sete palmos de terra e um caixão*:

> [...] nessas terras miseráveis que os pobres lavradores, no têrmo de suas vidas de miséria, sejam levados ao cemitério num caixão de "caridade" que a Prefeitura empresta, mas que tem que ser restituído na bôca da cova, para servir outros defuntos. Ora, ser enterrado desta forma, constitui a humilhação suprema para nossa pobre gente, cuja vida não passa de um rosário de humilhações (Castro, 1967, p. 28).

Com rede ou com caixão emprestado pelo poder público, o cortejo do falecido era realizado em homenagem àquele que, cercado de familiares e amigos fiéis, poderia até ter sua morte vingada por algum companheiro. Mas havia aqueles que partiam sem ninguém ao seu lado, sem um nome sequer que se levantasse para reclamar o corpo do moribundo, como foi o caso relatado por que Juarez Moreira Filho:

> [...] sujeito infeliz que agonizou, na porta da pensão dos Garimpeiros, sem nenhum documento no bolso, era conhecido pelos garimpeiros, simplesmente como Puxa Punhal. Ele gemia fundo, balbuciava, tartamudeava. E depois, morreu ali mesmo, onde foi executado com golpes de peixeira, no batente da pensão, sem que ninguém visse, que ninguém assistisse, ninguém soube. Um mistério (Moreira Filho, 2020, p. 116-117).

Sem documentos seria impossível identificar o sujeito e, se o corpo não fosse jogado numa valeta qualquer, no máximo era enterrado como indigente. E quantas pessoas vivem nesse estado de indigência social, sem o mínimo de reconhecimento como cidadãs? Nem sequer o nome do Puxa Punhal era conhecido; só o apelido bastava para identificá-lo no garimpo como um homem que resolvia qualquer pendenga na ponta do punhal.

Ninguém viu quem o matou e, se alguém viu, não prestou socorro nem denunciou o agressor, porque o medo de represália apavorava a testemunha. E por outro lado, esse não ver o assassino poderia significar que os homicídios eram uma prática do dia a dia que já não espantava ninguém, muito menos as instituições de segurança da época.

Quanto aos bebês mortos — aqueles que morriam pelas moléstias do sertão e até mesmo assassinados — de prostitutas, estes eram enterrados em lugares seguros onde "as sepulturas dos anjinhos, filhos das meretrizes, eram enfeitadas, com alecrim-de-cheio. E covas eram cavadas, propositadamente, sob as biqueiras dos ranchos, pro bicho-peba não comer os seus corpinhos sem vida" (Moreira Filho, 2020, p. 247).

Apesar de tantas mortes, a Dueré dos vivos crescia com extração do cristal de rocha, criação de gado e comércio do espichado, entre outras atividades ligadas ao sertão, a para compreender essas mortes, Ítalo Calvino ajuda a compreender que "a seu lado uma outra cidade em que os habitantes possuem os mesmos nomes" (1990, p. 59). Era a Dueré dos mortos que cresceu paralelamente, às vezes se afastando, às vezes se aproximando da cidade dos vivos.

Uma prática bem antiga por essas veredas era enterrar os corpos perto das igrejas, como símbolo de proximidade com o sagrado. Sepultar entes queridos em quintais representava o elo familiar com o defunto e ao mesmo tempo falta de poder econômico para fazer o cortejo em que muitos já estavam costumados a realizar.

Já os corpos das crianças eram enterrados perto das residências, de currais e cancelas da entrada da fazenda para igualmente manter a memória viva entre os familiares, mas também deixar as covas sempre vigiadas pelos pais, porque a criança, mesmo depois de morta, não deveria ter o corpo violado por pessoas ou animais como o tatu-peba — conhecido como tatu-papa-defunto — que faz um buraco do lado do cadáver para se alimentar dos restos mortais enterrados.

E quando o pequeno não era velado nas proximidades da casa, apontava-se no cemitério o lugar onde "fora enterrado um filho [...] de seis dias" (Élis, 2005, p. 171). Os médicos Neiva e Pena, destacaram que "a mortalidade infantil, mesmo nas grandes povoações, é enorme; é fato de observação muito comum, casais que tiveram 14-18 filhos terem perdido a metade morta em tenra idade; o impaludismo, as infeções intestinais" (1999, p. 151-152).

O garimpo de cristal estava modificando até as práticas culturais fúnebres no sertão garimpeiro. Naquela época, "o cuidado com o cadáver era da maior importância, uma das garantias de que a alma não ficaria [...] penando" (Reis, 2009, p. 137) pelo sertão. Apesar de todas as dores e sofrimentos dos entes queridos, durante o velório poderia acontecer um festim, pois "morte e festa não se exclúem" e, no dizer do sertanejo, dentro dos sertões garimpeiros, era preciso "armar a casa", que "significava decorá-la com os símbolos do luto" (Reis, 2009, p. 128).

Em algumas ocasiões, a morte era vista como um número a menos nas barrancas; o sujeito que morria era substituído por outro. Nessa circunstância, quando um garimpeiro morria ficava sem choro e sem vela; era apenas mais um, como foi o caso do garimpeiro Marcelinho que "recebera pedra em cheio na cabeça. Morreu instantaneamente. Retiraram-no do fundo da escavação. Estava ali jogado de um lado. O serviço continuava" (Eli Brasiliense, 1960, p. 48).

Dueré ia, com suas múltiplas facetas sociais, políticas, culturais e econômicas, transformando-se em um complexo mosaico humano no qual se imbricavam sonhos e desejos, risos e lágrimas, negociações e mortes. Tudo isso presente na cidade sonhada, desejada, temida e até mesmo amaldiçoada que ia se construindo com a exploração do cristal — atividade que será abordada no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

AS (DES)ILUSÕES NA OPULÊNCIA E DECADÊNCIA DA EXPLORAÇÃO DO CRISTAL DE ROCHA NO SERTÃO GARIMPEIRO

> *Bamburrei muitas vezes, mas não segurei nenhum tustão do dinheiro do cristal. É amaldiçoado* (Lourival Rimualdo Silva, ex-garimpeiro e sertanejo. Xambioá-Tocantins, 28/08/2015).
>
> *Compradores de cristal vinha de todo o canto do Brasil e do mundo, de tropa, de caminhão cortando o cerradão, d'avião cortando esse céu azul e de barco nas águas desses rios nortão d' Goiás. Época de muito dinheiro* (Pedro Nobre. Cristalândia-Tocantins, 12/10/2023).
>
> *Homens, mulheres e crianças atrás de riqueza, trabalhando sol e chuva...Bamburrio em cima de bamburrio, quem acertava a veia de cristal ganhava dinheiro, alguns torrava tudo, outras pessoas retornava pra suas famílias e muitos desapareciam, quando apareciam eram mortos* (Dona Francisca. Pium-Tocantins, 26/09/2023).

Neste capítulo se problematizam os anseios, as (des)ilusões, os sonhos e a maneiras como as explorações do cristal de rocha eram feitas no sertão garimpeiro do antigo norte goiano e como todo esse magma social, permeando um dos principais desejos — o enriquecimento fácil — influenciou o imaginário social, sendo uma das principais molas propulsoras de seu germe, sua pulsação e decadência. Nesse quadro sociocultural estavam as relações de poder, fazendo com que muitas vivências do cotidiano garimpeiro se desenvolvessem ao longo do tempo, gerando consequências para o presente.

Em um país mergulhado em águas de miserabilidade e incerteza, inúmeras pessoas conviviam diariamente com fome, mortes, dores, violência estrutural, jogadas à margem social em um panorama de total calamidade. Esses sujeitos eram os verdadeiros párias do país. Num pedaço do Brasil, "em preto e branco, da pobreza, da miséria, da fome, onde menino barrigudo come terra" (Moreira Filho, 2020, p. 209), essa gente estava, com toda certeza "entregue às mais pungentes angústias e à mais cruel perplexidade" (Guimarães, 1951, p. 131).

O antigo norte goiano integrava o território desse país submerso, um Brasil imenso que, infelizmente, era omitido, ignorado, ocultado e excluído por um pequeno Brasil rico, marcado pela poderosa e brutal concentração de riqueza. Dois Brasis integralmente brasileiros, mas separados por múltiplas concepções políticas e econômicas, entre risos, felicidades, lágrimas, sofrimento e, sobretudo, ignorância, pois, "reinava, ali no garimpo, a falta de educação, a grosseria, a estupidez e a valentia desmedida" (Moreira Filho, 2020, p. 230), conferindo ainda mais robustez a essa distinção social violenta.

No sertão garimpeiro onde “moradores viviam ali desamparados, sem nenhuma assistência de qualquer espécie, inexpressivos, num abandono total” (Brasiliense, 1960, p. 18). E sempre, ao longo da história deste país, “o governo se diz representante do povo por que foi o povo quem o fez trepar no poleiro. Depois, com medo do povo, a eterna bêsta de carga, educa gente na arte de matar e fazer estrepolias para pisar no lombo da égua velha de carga” (Moreira Filho, 2020, p. 90).

Provavelmente, esse povo, sobretudo o garimpeiro, nunca tenha recebido “quaisquer prêmios oficiais nem conquistado a admiração pública, mas o impele a dádiva da terra e a gratidão dos companheiros” (Ribeiro, 1959, p. 17) por sua árdua luta pela sobrevivência e de carregar a economia deste país em suas costas. Suas mãos calejadas são provas vivas e ignoradas de um labor (in)visível, que sustenta este país e o sertão garimpeiro.

Assim, o Brasil se revelou um país díspar de si mesmo, impetuoso e desconhecedor de suas próprias dores “naqueles calcanhares-do-judas” (Bernardes, 2005, p. 36). Era uma república com uma história triste que, uma “terra rica e com gente pobre” (Sales, 1986, p. 75) na qual, apesar das dificuldades e dos desalentos, as pessoas, sobretudo, os garimpeiros não deixavam de sonhar, carregando nas veias as resistências de quem insistem em enriquecer.

Em meio a um caos social republicano, o garimpo de cristal de rocha surgia como uma das poucas e quem sabe a única oportunidade de esse mundaréu de gente sair da situação desumana e perversa em que se encontrava. Ali, o brilho da gema do cristal, diamante e ouro contrastava com a opacidade da miséria, que se revelava uma economia de sobrevivência. O garimpo, neste caso, não era apenas um espaço de luta ou sustento incerto, mas um modo de teimosia, de resistir, sonhar e talvez insurgir contra a miséria planeja pelos barões de bucho cheio desta república.

O sertão garimpeiro era um lugar de múltiplas diferenças sociais, e também de particularidades, que possibilitava a vivência e a compreensão da existência humana, cheia de sonhos, esperanças e sofrimentos em busca de uma vida melhor. Era “sem dúvida alguma, toda a fortuna desejada pelos garimpeiros, o minério precioso, que os tornaria ricos, afortunados, independentes” (Moreira Filho, 2020, p. 220). E o garimpo de cristal, nesse contexto, representava a busca da riqueza, como salienta Eli Brasiliense:

> Aquelas pedras desvalorizadas que os sertanejos olhavam indiferentes, tornaram-se uma verdadeira oficina de dinheiro falso, por que qualquer guenzo vivia com o bolso cheio daquelas notas fabricadas às pressas pelo governo. Improvisavam fortunas da noite para o dia. Transformavam-se, num abrir e fechar de olhos, em nova fonte de riqueza e de misérias, de morticínios e de intranquilidade, de especulação e de desejos insaciáveis (Brasiliense, 1960, p. 20).

Dentro desse mar de incertezas, imprecisões e ambiguidades, grande número de sertanejos “partira para longes terras em busca de fortuna” (Guimarães, 1951, p. 56). Nesse sentido, o sertão garimpeiro atraía pessoas de todas as esferas sociais, ricos querendo mais — já que “o saco da necessidade nunca enche” (Sales, 1986, p. 104) —, pobres querendo pouco e desejando muito. Foi assim que, segundo “a maioria absoluta do bicho-homem ia mesmo para aventurar a sorte nos garimpos, à procura de riqueza fácil, sem um esforço permanente, duradouro” (Moreira Filho, 2020, p. 79). Nessa medida, Durval Rosa Borges acentua:

> São homens [mulheres, jovens, adultos, crianças e idosos] de qualquer espécie e profissão. Funcionários, motoristas profissionais liberais e de todas as atividades ali se confundem no bal masqué, na fantasia do garimpo. Muitos que transitam nas estradas recobertas de poeira usam máscaras feitas de panos velhos, amarradas na nuca e formando pequenas trombas de anta que escondem ou prologam o nariz (Borges, 1987, p. 333).

Os sujeitos denominados como “bicho-homem” (Moreira Filho, 2020, p. 79) simbolizavam todas as almas que se moviam pelos Brasis esquecidos, enfrentando com coragem e tenacidade os rincões sofridos deste vasto país, onde suportavam cada forma de desalento humano, pois, “vieram de todo o Brasil e de muitos países de fora” (Borges, 1987, p. 333) em busca de uma sobrevivência muitas vezes frágil e carregada de incertezas.

Por esse sentido, “o mundo viera parar ali com tôdas as suas tentações, toda a sua hipocrisia, tôdas as suas grandezas e misérias” (Brasiliense, 1960, p. 26), em um cenário que pulsava com as esperanças e os desenganos de um povo. Esse mundo fora “tentado pelo demônio do garimpo” (Guimarães, 1951, p. 56). O espírito de riqueza fácil inflamava corações e levava multidões a buscar, nas entradas da terra, um destino por vezes passageiro e ilusório.

No sertão garimpeiro, “em breve espaço de tempo, a região foi invadida por milhares de aventureiros. Chegavam de distâncias fabulosas, com suas três clássicas peneiras de ferro, para filtrar as areias que continham os suspirados diamantes” (Tonini, 1959, p. 39). Outros, com picaretas, pás e carroças de ferros e as artesanais feitas de madeiras, se aventuravam em busca do cristal de rocha no veio da terra.

Nesse período houve “verdadeiros êxodos em direção aos munícipios de exploração mineral” (*Folha de Goiaz*, 1943, p. 1), impulsionados pela febre dos diamantes e, mais especificamente, pelo cristal de rocha, que transformou e modificou profundamente o cenário de (re)povoação nos Gerais do “nortão goiano”. Os recém-chegados traziam suas esperanças e

medos, enquanto novos hábitos e costumes se mesclavam com os elementos culturais já presentes e enraizados no sertão garimpeiro, compondo um magma social complexo das identidades sociais. Era preciso viver de maneira intensa naquelas paragens cristalíferas.

Naquelas paragens que poucos conheciam “pelas estradas poeirentas e pedregosas ondula[vam] as intermináveis filas de retirantes como se fôssem uma centopeia humana. Homens, mulheres e crianças, todos esqueléticos” (Castro, 1967, p. 77-78), em busca de dias melhores para sua vida sofrida desde o primeiro respirar de sua existência. Viam-se muitos “caminhantes que seguiam, a pé, pelas trilhas aspérrimas do sertão” (Cunha, 1975, p. 525), passando todo tipo de aperreio humano.

Eram pessoas de vários estados, vindas do Pará, Maranhão, Piauí, Minas Gerais, e alguns que “faziam o trajeto, desde a Baía, rumo aos garimpos do Araguaia, por via São José do Duro” (Santos, 1940, p. 11). Outros vinham de Mato Grosso, São Paulo, Rio de Janeiro e até mesmo do exterior para compor o quadro do sertão garimpeiro, movidos por tramas sociais e narrativas de riqueza fácil num sertão próspero.

Era o Eldorado se desenvolvendo e, assim, “foram chegando homens que procuravam trabalho, homens pobres que vinham atraídos pelas notícias dos garimpos ricos” (Sales, 1986, p. 61), em busca de realizar o seu sonho, e, para isso, suportavam tudo, passavam por quase todas as necessidades que o ser humano poderia enfrentar. Homens e mulheres de mãos calosas e corações cheios de esperança arriscavam suas vidas em busca de dias melhores, mesmo sem garantias. O brilho e a sede insaciável pelo cristal ofuscavam as dificuldades, e a esperança se alimentava a cada passo sobre o varadouro vermelho do sertão garimpeiro.

Incalculáveis viajantes arriscavam a vida nos caminhos que iam penetrando no sertão garimpeiro adentro, sendo que em algumas passagens, na véspera da seca, “viajava-se o dia todo sem encontrar uma gota d’água numa estrada ressacada, atravessando campos e campinas enegrecidos pela queimada” (Souza Filho, 1980, p. 65-66). Em outras localidades dentro desse imenso sertão garimpeiro, encontravam-se “os córregos e ribeirões [que] resistiram ao rigor da seca” (Souza Filho, 1980, p. 66).

E assim a paisagem iam mudando conforme as andanças dessas pessoas, por horas, em chapadões de areias e outros colados naqueles desfiladeiros que “antigamente se prestavam muito ao banditismo e às emboscadas” (Tonini, 1959, p. 41). Por esses caminhos encontravam grupos de sujeitos que compartilhavam ideais, desejos e sonhos. Alguns seguiam sobrecarregados de fardos, carregando velhas ferramentas; outros, apenas farrapos que escondiam seus corpos maltrapilhos, algibeiras, mochilas ou, no máximo, como anotou Morse (1968), bagagem que se resumia a sacos, e nada mais que isso.

Chegando de carro, avião ou barco, montados em animais — outros muitos só tinham como condução aos “lombos de burros” (Souza Filho, 1980, p. 13) — ou a pé, atravessavam o árido, molhado, denso e o misterioso sertão. O objetivo de todos era alcançar as corrutelas, vilas e cidades do vasto sertão garimpeiro. Em pouco tempo, “todos os aventureiros dos vários Estados da Federação choveram sobre o lugar” (Tonini, 1959, p. 81).

Vinha gente de todos os cantos para o norte goiano, trazendo consigo uma miríade de sonhos e atividades econômicas. Deste feito, “o garimpo antecedeu de um século à pecuária e à agricultura, até então incipientes, quando as corrutelas já se tornaram vilarejos, estes em vilas e estas em cidades e o comércio de instrumentos, alimentos, armas e mulheres cresceram com os bamburros” (Borges,1987, p. 321) de uma riqueza, mesmo que passageira.

Instigados pela tentativa do cristal de rocha, “os garimpeiros estão revivendo as páginas da época colonial, juntando gente de todos os quadrantes do território brasileiro, num chamamento do homem para rasgar o seio da terra dadivosa” (Folha de Goiaz, 1943, p. 1) que supostamente daria novos rumores às suas vidas, “avantajando-se no sertão, os sôfregos lutadores” (Cunha, 1975, p. 540). Eram jornadas marcadas por suor, poeira e lama, impregnadas de (des)ilusões, formando rastros que cruzavam horizontes, ecoando entre o calor, o frio e a esperança de uma riqueza oculta.

O desejo de enriquecimento rápido e fácil permeou o imaginário e o cotidiano garimpeiro (Moreira Filho, 2020), pois havendo a ideia de que “garimpeiros e intermediários se enriquecem do dia para noite” (Folha de Goiaz, 1944a, p. 1), mesmo porque, na formação geológica do antigo norte goiano “havia cristal em profusão. Era uma faixa de terra onde morava gente muito pobre, dona sòmente do ar que respirava, pisando numa riqueza enorme esparramada por todos os lados” (Brasiliense, 1960, p. 19), em regiões planas que acabavam nos pés de imensos penhascos e alguns despenhadeiros e assim, “passaram meses e anos sem poder apagar sua sede de fortuna” (Tonini, 1959, p. 39).

Sertão rico, com uma multidão de pessoas pobres que trabalhava desesperadamente, fazendo de suas vísceras o coração. Onde “esse povo que luta pelo pão de cada dia, era explorado, espezinhado, escravizado. Era burro de carga” (Souza Filho, 1980, p. 37). Em um país onde tudo era grande e rico, exceto os habitantes, que naquele “sertão bruto, [...] muitas vezes, um garimpeiro adormecia sozinho, ouvindo o esturro agudo dum felino, na boca da mata nebulosa, já beirando os garimpos, bem próximo da caboclada” (Moreira Filho, 2020, p. 107). O risco de morte se tornava corriqueiro num jogo constante entre comer e ser comido. Enquanto outros, distantes dos sofrimentos, dormiam sossegados e confortavelmente em seus palácios, tanto no próprio sertão garimpeiro quanto nas cidades distantes.

No sertão, a realidade era outra; ali, as pessoas viviam intensamente a máxima popular de que "se correr o bicho pega e se ficar o bicho come". O bicho não era o animal, mas sim o sistema político e econômico deste país, violento e avassalador que carcomia suas vidas. A terra que se encontra em transe entre o cerrado e as matas amazônicas dava palco ao sistema exploratório do garimpo e parecia engolir as esperanças, enquanto o suor do trabalho extenuante se misturava ao medo, à fome e à dor.

No norte goiano onde se deu o "início da exploração, o quartzo hialino era apanhado, na superfície da terra, pelos garimpeiros, pela mulherada e até pela molecada, com fartura" (Moreira Filho, 2020, p. 79). Sobre o solo explodiu a riqueza, abraçando-se com os mais variados morros, bocas de cavernas, beiras de grotas, varjões, baixões e serras gerais, onde, "o paredão garimpeiro é visto como sendo uma serra altaneira. Subindo-a, chegando em cima, é chapada" (Bernardes, 2005, p. 34).

Uma paisagem forjada pela ação do tempo, auxiliada pela chuva e pelo vento noturno que "soprava fortemente, e o seu ruido era semelhante a vozes e gemidos distantes, a zunzum de conversa abafada" (Brasiliense, 1960, p. 99). Era naquele lugar onde os desejos de posse e de riqueza atravessavam gerações. Assim, a natureza e ambição se entrelaçam, moldando o espaço repleto de vivências, memórias, de histórias.

Águas das chuvas torrenciais, que desciam de encostas, paredões, morros e serras, serpenteavam com força, arrastando árvores e pedras, escavando a terra e deixando à mostra o tão desejado cristal, que "facilmente reluzia à luz do dia, na raiz do capim" (Moreira Filho, 2020, p. 79), e com a mesma intensidade nas noites enluaradas. Era como se o próprio sertão, em sua fúria e beleza, atraísse e revelasse os segredos e suas riquezas escondidas sob o solo, conduzindo as pessoas a um destino moldado pelo brilho do cristal e a esperança de fortuna.

Muitas vezes, a riqueza surgia à flor da terra, como revelou o jornal *Folha de Goiás:* "no setentrião de Goiaz, [...] uma família de agricultores encontrou de-repente um grande garimpo de cristal. A jazida encontra-se na circunvizinhança do rio Paranã, a 48 quilômetros da cidade, na zona rural da mata Quebra Costelas" (1944a, p. 1). Deste modo, dentro das casualidades da vida sertaneja, na descoberta dos minérios, rompia o curso ordinário da miséria em vida e seus destinos. O acaso da terra fértil de minérios desenvolvia novas fronteiras de vida.

O sertão garimpeiro, com seu ritmo implacável, poeirento e lamacento parecia esconder segredos enterrados, que, quando esses segredos vinham à tona, revelados, traziam consigo tanto desespero quanto esperança – um misto de promessas duradas e desilusões profundas –, como se a própria terra, viva e silenciosa, com seu mistério, desafiasse aqueles

que ousavam buscá-la. A cada batida de picareta, enxada ou alavanca no solo, na retirada do cascalho bruto, aprendiam — pela dureza da vida — a decifrar os presságios e as cicatrizes do chão do sertão.

Foi nesse sertão místico e dialético, entre pobreza e prosperidade, que a geologia proporcionou o surgimento desse minério deslumbrante. Pois, “nessa região se encontra a preciosa gema, faiscante de brilho, de fascínio, de graça e de harmonia de cores, símbolo de felicidade eternamente sonhada dos garimpeiros” (Ribeiro, 1959, p. 12). o minério encravado na terra árida, tornou-se metáfora viva do sonho garimpeiro, refletindo não só a natureza, mas também a esperança persistente de redenção social no interiorzão de Goiás.

Alguns garimpeiros costumavam dizer que o imenso Papagaio — antigo norte goiano — era um grande garimpo a céu aberto, um Eldorado do qual jorrava o leite da Terra. Ali, onde a terra parecia pulsar com vida e mistério, a busca pela riqueza se tornava mais do que um simples desejo material; era um anseio profundo por uma felicidade prometida, mas nunca alcançada.

Nos Gerais garimpeiros, dentro do “nortão goiano”, mais e mais “garimpeiros continuam chegando. Buscam com os olhos ardentes de ambição os grotões de pedras preciosas. [...]. De cada dez, oito se chamam Zé. Sim. Zé Machado... Zé Pereira... Zé Ribamar...” (Dino, 1981, p. 52). Inúmeros Zés e, na mesma medida, incontáveis Marias presentes no sertão. E muitos chegaram ao garimpo “com uma mão na frente e outra atrás” (Júnior, 2010, p. 165). Mesmo assim, muitos que ali estavam buscavam o cristal de rocha, como se aquele pedregulho fosse a chave para um destino mais digno.

Desta maneira, “o novo eldorado chamou gente. Atraiu multidão. Seduziu milhares de levas humanas. Pra lá, todos correram sedentos. Tresloucados” (Dino, 1981, p. 51). Mas é importante destacar que, antes dessa chegada de gente, vários pensavam que “aquêle pedaço de terra ingrato [...] sòmente dava com fartura aquêle cristal que nem servia pra pedra de fogo. Os roceiros tinham que buscar pedras pra seus isqueiros muito longe” (Brasiliense. 1960, p. 18), ou seja, para algumas pessoas, essa pedra não tinha valor algum. Para outras, no período de 1930 a 1980, o cristal ganhou peso nacional e internacional, como acentua Brasiliense:

> Quando o mundo sentiu apavorado o pêso da bota nazista, e experimentou no lombo o cotucar da esposa da opressão, ouviu-se um grito quase angustiado, um grito, porém, salpicado de confiança: Cristal! Dêem-nos cristal, por qualquer preço. Para aquela terra inculta e má, perdida nos ermos de Goiaz, as vistas do mundo se voltaram esperançosas. Ali havia cristal feito praga (Brasiliense, 1960, p. 19).

Esse requerer das pedras de cristais em gritos pelos Gerais era o sinal forte e vívido que, naquele momento, a economia do cristal de rocha ganhou força, sendo no mesmo momento em que o "cessar fogo da segunda guerra mundial, estava crescente a valorização, frente às descobertas de sua utilidade, atraindo compradores de bolso cheios, dispostos a pagar uma fortuna por um punhado de pedras" (Júnior, 2010, p. 13).

Nesse período, "nos primeiros anos, quando a euforia garimpeira estava no seu apogeu, saíram daquela região muitos milhões, em dinheiro" (Tonini, 1959, p. 39). O sertão, antes pouco lembrado pelo baronato, pelas classes exploratórias, transformou-se então em um palco de prosperidade efêmera — para poucos —, onde o brilho das pedras eclipsava a dura realidade das vidas que nelas se perdiam.

Por isso os gritos pedindo cristal de todas as maneiras e formas, de todos os tamanhos e cores. E nessa situação, que "durante todo o tempo em que se desenvolveram as operações de guerra contra o nazifascismo, o Brasil contribuiu de várias formas para a vitória finalmente conquistada nas frentes de batalha" (Folha de Goiaz, 1946, p. 2) contra o terror que assolapava o globo terrestre.

O cristal, extraído com esforço sobre-humano das entranhas da Terra, tornou-se um material estratégico e simbólico de uma aliança forjada — e perigosa — entre o suor do sertanejo, do garimpeiro e, sobretudo, dos interesses (in)ternacionais. A euforia do garimpo, de certa forma, se confundia com o barulho das armas distantes, com os gritos dos soldados europeus, fazendo do sertão garimpeiro um dos palcos (in)visíveis daquela guerra mundial que sacudiu o mundo inteiro.

Nessa contribuição contra o nazifascismo, teve "especial importância a constante remessa de matérias primas para os Estados Unidos, inclusive matérias que ajudaram a forjar as armas da democracia que puseram de joelhos os responsáveis pela conflagração mundial" (Folha de Goiaz, 1946, p. 2). Isso vai evocando o papel estratégico do Brasil como fornecedor de recursos fundamentais ao espaço aliado, mostrando que a participação regional e nacional foi além dos campos de batalhas. Dessa forma, entende-se que o apoio de material foi vital na vitória contra os regimes autoritários.

O cristal de rocha retirado às duras penas pelas mãos pipocadas, grossas e de calos de sangue dos garimpeiros era uma dessas matérias-primas que ajudaram, a desenvolver "os equipamentos de guerra agora substituídos por instrumentos de paz, para cuja produção o Brasil continua enviado matérias extraídas do seu rico e exuberante solo" (Folha de Goiaz, 1946, p. 2). O cristal extraído com sofrimento humano transformava-se em símbolo de uma economia que exportava riqueza, fazendo com que inda persistisse a lógica quase que a

temporal da exploração colonial. E assim, as narrativas de paz esconde as dores das mãos, dos corpos, que sustentaram com sangue e esperanças os progressos alheios.

Foi no auge da exploração que melhoraram “cada vez mais os preços do cristal naquela zona, e que os garimpos começam de novo movimentar-se, despertando novas energias em toda a região de Pium e Piaus” (Folha de Goiaz, 1946, p. 3) e em outros garimpos do “nortão” goiano. O espaço do garimpo estava aquecido com todo seu brilho, valor e poder.

Foi nesse período que inúmeros “garimpeiros volveram suas vistas e ambição mais ao norte descobrindo monchões” (Ribeiro, 1959, p. 14). Vindos de vários lugares do país, segundo Moreira Filho (2020), descambaram para o norte de Goiás, embriagados pelo sonho de riqueza fácil no sertão, levou à formação de acampamentos improvisados e provocou grandes mudanças na economia, sociedade, meio ambiente e cultura da região.

Cabe explicar que “domina-se monchão qualquer garimpo afastado da corrente do rio onde o diamante é encontrado, em maior ou menor promoção, de mistura com o cascalho aluvionar de seixos rolados” (Ribeiro, 1959, p. 94). E não era apenas o diamante, mas também o cristal, a ametista, o ouro e qualquer outro tipo de minério. Em síntese, o termo monchão serve para designar qualquer garimpo.

Deste feito, “o monchão é a gleba de terra diamantífera [de cristal, ou da gema a ser garimpada] [...] constitui a veia de que depende a vida do garimpo” (Morse, 1968, p. 58). E não se enganem. Por esse pequeno pedaço de terra, muitos poderiam matar ou morrer, porque ele se tornara um lugar místico, sagrado, o pedaço de chão que poderia tirar o sertanejo garimpeiro da eterna vida de pobreza e proporcionar a ele riquezas incalculáveis.

Entretanto, desde o século XVIII e em quase todo o século XIX, a extração e a venda do cristal eram realizadas de maneira esporádica e, possivelmente, os cristais eram vendidos com pouco valor de mercado, sem o reconhecimento da potência de seu brilho. Somente em meados do século XX o cristal foi mais valorizado, trazendo à tona o seu esplendor. Sobre isso, o jornal *Lavoura e Commercio* destacou:

> com a guerra o consumo de quartzo aumentou em todo mundo, consideravelmente, pelo motivo de cristal ser insubstituível para rádios, televisão, telefonia e aparelhos de escutas, de balísticas, de medição, de detonação e outros enfim, que tem nesse minério uma grande aplicação na máquina bélica (Lavoura e Commercio, 1944, p. 1).

Essa época foi definida pelo historiador Eric Hobsbawm no livro *Era dos extremos: O breve século XX* (1995) como a “Era do Ouro”, período em que a Guerra Fria estava intensa e as potências mundiais como Estados Unidos, Alemanha e União Soviética desenvolveram

suas tecnologias e “gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento, e devastar a humanidade” (Hobsbawm, 1995, p. 178).

Neste período, destacou-se o avanço acelerado da ciência, das comunicações e “incluindo o programa espacial” (Hobsbawm, 1995, p. 370) que culminou com a chegada do ser humano à Lua. Essas inovações provocaram impactos profundos na vida cotidiana. Essa importância tecnológica fez com que o cristal fosse amplamente procurado no vasto sertão do “nortão” goiano, atual Estado do Tocantins, tornando-se uma das engrenagens dessa tecnologia de guerra. E sobre o uso de um dos minérios mais procurados — o cristal de rocha — na Segunda Guerra Mundial, Juliana Sousa Ferreira Chules comenta:

> Antes de 1935, o quartzo era exportado por um valor inferior a 5 cruzeiros o quilograma. Já em 1936, o valor médio começou a subir especialmente em virtude das compras realizadas primeiramente pela Alemanha e Japão, e posteriormente pela Grã-Bretanha e Estados Unidos, que se preparavam para a Segunda Guerra Mundial. A partir de 1937 houve um grande aumento na exportação do cristal de rocha, tornando-se a comódite mineral mais valiosa do Brasil neste período, que exportou quase todo cristal em sua forma bruta para os Estados Unidos e Grã-Bretanha, que o utilizavam na produção de rádio comunicadores dos serviços armados (Chules, 2018, p. 19).

No mesmo tempo histórico, com a utilização do cristal de rocha, na fabricação de equipamentos de rádio e radares, devido à sua capacidade de reproduzir frequências com maior precisão, “a televisão tornava desnecessário ir ao jogo de futebol, do mesmo modo como TV e o vídeo tornaram desnecessário ir ao cinema, ou os telefones substituíam as fofocas com amigos na praça ou na feira” (Hobsbawm, 1995, p. 240). Além de compor muitos aparelhos tecnológicos, o quartzo dos cristais estimulou o surgimento de ciências “como a física nuclear e a cristalografia” (Hobsbawm, 1995, p. 416).

Dentro desse quadro garimpeiro e exploratório que enriqueceu uma parcela ínfima de pessoas e deixou um mar de miséria no sertão garimpeiro, e para o bem ou para o mal, vale a pena, lembra o ex-governador de Goiás Mauro Borges em seu livro *O golpe em Goiás: história de uma grande traição* (1965) que “o cristal de rocha representa papel importante no mundo moderno, sendo usado principalmente na indústria eletrônica. Minério de grande valor, é àvidamente procurado por todos âqueles que sejam fazer fortunas” (Borges, 1965, p. 72).

De acordo com Chules, o mineral também foi empregado na produção de outros aparelhos mecânicos, eletrônicos, “de pressão como radiotelegrafia, [...]. Em laboratórios era utilizado para determinar radioatividade [...]. Na indústria ótica empregado como matéria prima para a produção de espectrógrafos, além da fabricação de lentes de várias modalidades”

(2018, p. 28). Isso configurava motivo de comemoração, além de representar, conforme o jornal *Folha de Goiaz*:

> [...] uma alviçareira notícia para o Estado de Goiaz, especialmente para a região setentrional, onde existem os famosos garimpos de Pium, Piaus, Chapada [e os demais do antigo norte goiano] cuja a produção de quartzo hialino foi um dos baluartes da vitória das nações Unidas, na guerra contra as forças totalitárias (Folha de Goiaz, 1948, p. 9).

Ora, nesse momento, o cristal de rocha, esse minério agora cobiçado pelo mercado nacional e internacional, não apenas auxiliou na derrota dos nazistas, mas também impulsionou o avanço dos aparelhos tecnológicos da época. Pois esses cristais foram "transportados para a Europa, para a fabricação de máquinas e ferramentas na indústria de transístores e microscópios" (Júnior, 2010, p. 19). Na época em que o garimpo explodia, a guerra fria pegava fogo e "o cristal tá dando dinheiro que é um despotismo" (Brasiliense, 1960, p. 9),

Na contemporaneidade de uma ininterrupta extração do minério – do cristal – no sertão, observava-se, "o contínuo carreamento de múltiplos produtos para as indústrias de guerra. Goiaz, possuindo cristal, níquel, alumínio e tantos outros elementos de alta importância para a atualidade, vem colocar-se no cartaz da economia continental" (Folha de Goiaz, 1943, p 1), com cristais de excelente qualidade para o mercado tanto nacional quando internacional, provocando um rebuliço que ecoou do sertão mais distante e no alto clero da política, ressoando em Goiás e em todo o Brasil, refletindo-se na criação da estatal Metais de Goiás S/A (Metago). Sobre isso Mauro Borges, esclarece:

> Criada pela lei 3.810 de 10.11.61, modificada por outra de nº 4.033 de 5.7.62, após período de incorporação, a instalada em março de 1962, Metais de Goiás S/A, da qual o governo possuiria obrigatòriamente o mínimo de 51% das ações nasceu com a missão de atuar, genericamente, na exploração das riquezas minerais do Estado (Borges, 1964, p. 66).

Desse modo, o estado de Goiás, que antes olhava pouco para a região norte de seu próprio corpo, despertou para a riqueza adormecida em seu solo — o desejado cristal — e para as vidas que ali pulsavam. Criou, então, uma estatal para explorar o minério reluzente e para ajudar nas negociatas, compras e vendas de cristais que aconteciam a grande escala de maneira clandestina e não gerava absolutamente nada de imposto para o estado e nesses comércios clandestinos quem saíra perdendo era só o garimpeiro. Buscava, assim, um meio de estar mais presente na região e na vida desses sujeitos. O ex-governador comenta:

> Dentro da política de comercialização de minério, adotava pelo nosso governo, procurou a METAGO, inicialmente dedicar-se às regiões mais afastadas, onde poderia prestar maior apoio aos garimpeiros, oferecendo preços mais compensadores do que o faisqueiros e capangueiro, que infestavam os garimpos (Borges, 1965, p. 72).

A presença do Estado na vida dos garimpeiros era, antes de tudo, um gesto calculado, uma tentativa sutil de conquistar, pouco a pouco, a confiança daqueles sujeitos simples, para que, mais adiante, pudesse importar sua tributação, haja vista que a "Fazenda Estatual não participava imediatamente na cobrança de impostos, das atividades em desenvolvimento, bastando citar o caso de Cristalina, onde existe a maior concentração de cristal de rocha do mundo" (Borges, 1964, p. 69).

Foi a partir dessas ações e notícias sobre a riqueza proporcionada pelo cristal que um mundaréu de pessoas de todos os cantos do país e do mundo apareceu nos Gerais cristalíferos — como destacado no segundo capítulo —. Mas, naquele sertão garimpeiro, apenas uma pequena parcela — que acabou enriquecendo — compreendeu o verdadeiro valor simbólico, científico e econômico que esses minérios assumiam em um mundo cada vez mais moderno, conflituoso e conectado. Por outro lado, a esmagadora maioria imaginavam que o cristal de rocha servia apenas para feitiços ou adornos de luxo, ignorando seu uso industrial em tecnologias emergentes da época.

Muitos queriam mesmo era achar as gemas e sair da pobreza que carcomia suas vidas, como o "Chico do Barco [que] tinha pouca ideia do que fosse aquilo, mas na possibilidade de ter uma transformação em sua vida, estava disposto a escavar o possível até encontrar o bastante pra trazê-lo, pois o que lhe importava era receber a recompensa" (Júnior, 2010, p. 19). Alimentando seus anseios, mesmo que confusos, para muitos o garimpo não era apenas uma esperança, mas uma das últimas chances de romper com o ciclo de miséria herdado de seus antepassados.

Nesse sentido, o "nortão goiano" se transformara em foco de "garimpo próspero! Aí logo, logo, a grana correu solta pelas quebradas, com bebedeira farta, e a mulherada chegando de todos os confins" (Moreira Filho, 2020, p. 112). Entretanto, a euforia e o dinheiro chegavam nas mãos de poucos, e a realidade garimpeira se repetia décadas sem agregar muitos. Como nos benefícios "não chegam a todos e o seu aparecimento mesmo é um engodo perigoso, que só serve para arruinar milhares de garimpeiros, e somente felicita a um outro filho predileto da fortuna" (Guimarães, 1951, p. 51).

3.1 Crianças e mulheres inseridas na cultura do sertão garimpeiro

Estimulados pelo desejo de ganhar dinheiro e mudar de vida, homens, mulheres, idosos e crianças se lançavam desesperadamente à busca do cristal e de outros minérios valiosos. Alguns, infelizmente, aprofundaram-se ainda mais nas águas da miséria e da solidão naquele que era "garimpo de sonhos, esperanças e desesperanças. Inclusive, nos fundos das crateras, onde estava adormecido o tão cobiçado cristal de rocha, incolor, transparente, meio roxo, meio azul, de tons e tamanhos variados" (Moreira Filho, 2020, p. 220).

E por falar em crianças, aquelas recém-nascidas ou que chegaram por aquelas veredas estavam em meio à cultura do sertão garimpeiro, eram "crianças pançudas e nuas, brincavam pelo terreiro com tropas e boiadas, cujos burros e bois eram convencionalmente representados por pedaços de cristal catados na casca da terra, ou nos grotões feitos pelas chuvas" (Brasiliense, 1960, p. 19).

Essas brincadeiras se misturavam com as mais significativas vivências da garimpeirama e "quando as crianças se cansavam de brincar deixavam o cristal no mesmo lugar. Os porcos empurravam os blocos com o focinho, interessados em minhocas ou em restos de comida, ou simplesmente em fezes ancilostomizadas" (Brasiliense, 1960, p. 19). A garotada se animava com qualquer novidade, quando uma "aeronave mal acabou de ser manobrada, na pista de pouso, nos garimpos de cristal de rocha de Dueré, lá estava completamente cercada pela meninada" (Moreira Filho, 2020, p. 69).

O trabalho infantil ali, por um lado, era um meio de sobrevivência de inúmeras famílias, uma vez que a condição dessas crianças não era diferente da dos demais sertanejos, pobres, famélicos e cheios de esperanças. Não raro se via uma criança, "toda vestida de gongó, que era feito de sobras de pano em algodão, retalhos ou sacos de açúcar vazios, estava toda nua, da cintura pra cima, e com os pés no chão" (Moreira Filho, 2020, p. 69).

Viam-se meninas e meninos com "ventres luzidios, como enormes cuias firmando-se no graveto das pernas" (Brasiliense, 1960, p. 19). E assim, a criançada, cheia de verminose, andava pelas passagens labirínticas do sertão garimpeiro. Entre risadas, gritos e silêncios, tornavam-se testemunhas e agentes de uma infância devorada pela luta diária por sobrevivência.

As roupas maltrapilhas traduziam a condição econômica, de extrema pobreza da criançada que "era, em sua maioria, filha da garimpeirama" (Moreira Filho, 2020, p. 69). Elas eram exploradas, violentadas e sofriam *bullying* quando, por exemplo, um faisqueiro passava, conta a "caçoar, e a colocar apelidos feios na molecada, [...] chamando-os de bobo-alegre,

toco-de-bater-sola, tampa-de-pinha [...] boca-de-gamela e, por aí vai" (Moreira Filho, 2020, p. 71) — apelidos pejorativos que se referiam às características físicas e psicológicas.

Certas vezes, o trabalho dos pequenos era pago não com dinheiro, mas com bugigangas vindas trazidas de fora pelos faisqueiros, e "a molecada gostava imensamente dessas novidades, das comidas finas, dos quitutes, vindos do Rio de Janeiro, num enorme contraste com as delícias costumeiras do cerrado" (Moreira Filho, 2020, p. 71). Nessa estação de mercadorias, pessoas e esperanças o sertão garimpeiro via seus filhos pequeninhos trocarem suor por encantos importados, enquanto a desigualdade se transvestia de presentes exóticos e passageiros.

O gosto por tais comidas e guloseimas feitas na capital federal mostrava que, aos poucos, até o desejo pelo alimento novo representava o capital adentrando a passos lentos o sertão garimpeiro. Não era apenas o paladar que experimentava coisas novas – era o modo de viver, de sonhar e de consumir –. Cada doce, gosto exótico, era gosto da mudança, ainda que conta-gotas estavam presentes nas cozinhas, nas prateleiras e nas mãos daqueles pequeninhos – e por que não dos jovens e adultos?

O trabalho dessas crianças pobres consistia em uma série de atividades, desde ajudar a cuidar das criações, nas construções das casas, levando materiais em cima de jegues, até carregar mudança de quem partia ou chegava ao garimpo; em algumas situações, elas também garimpavam. Pitu, um dos meninos que traduzia a situação dos pequenos pobres daquele lugar, era um "moleque troncudo, bem forçudo, que não brincava mais com gado de osso e nem de cera de abelha — recebera uma boa gorjeta do Alemão e de Donana" (Moreira Filho, 2020, p. 72).

Sua feição, era aquilo que no sertão se chama de "cupim de vereda" por ser troncudo, ou seja, forte — e em algumas ocasiões negro —; no entanto o trabalho por esses sertões o fez "homem quase sem ter sido criança" (Cunha, 1975, p. 95) moldado pela urgência de viver em um país que apressa a vida para sustentar as desigualdades. É assim, no sertão garimpeiro, muitas, desde pequenas, na menor idade, ajudavam no sustento de suas famílias. Elas não paravam, pois nessa situação de trabalho, relata Moreira Filho:

> [...] após as gorjetas, a turminha de gongó, nua da cintura pra cima e com os pés descalços, saiu correndo feito doidos, puxando os dois jumentos pelos cabrestos, desviando-se das crateras, das montoeiras de cascalho bruto, na maior alegria do mundo, com as fartas gorjetas e as apetitosas guloseimas recebidas. E, assim, se foram depressa rumo ao caminho de aviação, pois outra aeronave acabava de pousar (Moreira Filho, 2020, p. 72).

Os meninos e as meninas “andavam de pés no chão e da cintura pra cima nus, os menorzinhos em fralda de camisa” (Bernardes, 2005, p. 83). Seus trapinhos diziam muitas coisas de suas realidades. As crianças mais avançadas de idade viviam também nuas, da cintura para cima e com seus pés no chão áspero, eram “molecotes [...] beirando os 14 anos de idade, montados num mesmo jegue” (Moreira Filho, 2020, p. 168), são retratos rasgam o silêncio, a ocultação, expondo histórias de sofrimentos, lutas, desigualdade e corpos infantis como documentos vivos das injustiças estruturante que persistem em bater em nossas faces.

Naquele sertão garimpeiro, a infância se entrelaçava com o esforço diário a cada olhar e as roupas traziam as marcas de sonhos adiados, moldados pelo destino que corria junto, juntos às veredas cristalíferas daquela terra. A cada dia, refletia-se a coragem de quem aprende cedo a lidar com o peso de sua existência e nas veredas cristalíferas da terra, o destino não era dado, mas sim, escavado a mãos nuas e pequenas, com ferramentas pesadas. Ali desde cedo aprende a viver e a desafiar o chão que lhes sustenta e as estrutura dilacerante que lhes oprimem.

Esses pobres pequenos, menores de idade, vagavam pelos sertões quase sem fronteira, desassistidos, e a maioria dessas “crianças, eram induzidas a adentrar na labuta do garimpo, quando não, do mundo rural” (Rimualdo, 2021, p. 61) com a seguinte lógica: ou trabalhavam ou morriam de fome. Essa triste realidade, infelizmente, não ficou presa só às épocas do garimpo, mas se prolonga até os dias atuais. Entre fome e miséria, o presente e o futuro deste país, as crianças sucumbiam. Algumas viravam andarilhas, buscando, em outros garimpos, saciar e driblar a fome por meio do trabalho.

A exemplo disso, “Pitú, um dos meninos que transportaram, em jegues as [...] malas da pista de pouso para o hotel Cristal” (Moreira Filho, 2020, p. 170). Ele vagava por outras bandas em busca de ganhar seu parco pão de cada dia e explicou: “– É que nós mudemo pra Itaporé! Mas, agora vortemos pra cá. Lá ‘stá ruim pra mode a gente ganhar dinheiro, cum frete de carga de jegue” (Moreira Filho, 2020, p. 170). A vida de Pitú, como a de tantos outros meninos e meninas, era um constante caminhar entre as veredas no esforço e na esperança mínima de sustento; sonhavam em romper o ciclo implacável da miséria atroz e da sobrevivência.

Meninos e meninas não ficavam apenas nos trabalhos ligados à roça. Muitos caminhavam para a exploração do cristal, para a garimpagem também. Desde muito cedo, as crianças, no sertão “colaboravam nesses trabalhos brutos” (Cunha, 1975, p. 248) da roça e principalmente no garimpo, desde a escavação até o transporte até os pontos de compra e venda do minério. Nessa situação, “além de participarem na condução de tropas para as feiras

do garimpo, em alguns casos participavam do trabalho de garimpo, como ajudantes de seus pais e/ou outros adultos, e no aprendizado do ofício de faisqueiro" (Rogério Júnior, 2022, p. 151).

As mulheres compunham outro grupo de pessoas que enfrentava as duras labutas do sertão. Algumas, como já mencionado, adentravam a seara da prostituição, pois "a mulherada esgueirava-se na mais baixa e rasteira prostituição" (Moreira Filho, 2020, p. 244). No sertão garimpeiro, onde a presença de muitos homens, garimpeiros sedentos por companhia, era constante, havia também muitas mulheres dispostas a servi-los. O padre Quinto Tonini salienta:

> O garimpo se enchia logo de mulheres alegres, que sob o pretexto de fazer a comida e cuidar da limpeza grudavam nas costas daqueles pobres homens e como os carrapatos sugavam deles tudo que ganhavam e, em recompensa, brincavam-nos com doenças repugnantes (Tonini, 1959, p. 82).

Para além da árdua prostituição, muitas mulheres eram empurradas para as margens dos cascalhos dos garimpos, e "é comum a presença de mulheres em garimpos de diversos minérios no Brasil, como ouro, cristal de rocha e diamantes" (Rogério Júnior, 2022, p. 229). Essas mulheres estão lá – firmes, caladas, resistindo e vivendo os sentimentos mais penetrantes de suas existências – enquanto o Brasil cava e mantém as suas mais profundas contradições.

Por essas veredas e beiradas de catras, sob chuva, lama, no sol escaldante e poeira persistente, surgia o exemplo da destemida Donana, a qual costumava, "costumava visitar os garimpos [de] Dueré, onde nos ranchos [...] ela comprava bastante lascas de primeira, fruto da procuração da mulherada e da meninada que se dava a esse tipo de ofício" (Moreira Filho, 2020, p. 176-177). Donana não apenas comprava as lascas de cristais: ela também comprava e vendia os sonhos daquele garimpo.

No horizonte garimpeiro, a figura feminina se mostrava forte e resiliente, movida, como a maioria dos outros sujeitos, pela necessidade e pela busca de sustento, tecendo sua história na dureza de um mundo de dominando exclusivamente por homens, as mulheres por sua vez também compõem esse cotidiano do sertão garimpeiro. Essas garimpeiras eram invisibilizadas pelas memórias dominantes, mas presentes nas trilhas dos minérios, barrancos e barracos de lona, as mulheres compõem, com bravura e ternura, a paisagem política, econômica e cultural deste sertão garimpeiro de sobrevivência.

E nas paragens, as “lascas, nome dados às pedrinhas de menos de um quilo de peso” (Bernardes, 2005, p. 18), eram compradas no formato natural ou produzidas em pequenas e médias quantidades na hora de retirar as impurezas grandes pedras de cristais — atividade que era “feita tão-sòmente por mulheres e crianças, que aparecem nos rabos do serviço” (Morse, 1968, p. 66), a olho nu e sob o sol ardente.

Nesse trabalho “geralmente, acumulam o cascalho durante a semana, e aos sábados ou segundas-feiras procedem à sua lavagem. Vivem sempre junto dos córregos, pois a água é indispensável ao trabalho da separação do cascalho” (Paternostro, 1945, p. 305). Nos garimpos de Filadélfia — atual cidade do Tocantins —, essa prática era bastante forte, e por exemplo, os “moradores extraem diamantes com as águas das rochas expostas [...]. Os garimpeiros vasculham o cascalho das margens de outros riachos, à cata de gemas que são de tamanho reduzido e empregam o processo rudimentar da lavagem na bateia” (Paternostro, 1945, p. 158).

O processo era arcaico, primitivo, braçal e lento; uma atividade repetitiva à beira de rios e riachos. Quando não havia córregos, faziam-se lavatórios de madeira para lavar e escovar as gemas, separando-as para a possibilidade de comércio, às vezes usando uma lâmpada ligada a um motor a combustão conhecido pelos comerciantes de cristal como “máquina polaroid” (Moreira Filho, 2020, p. 74). O barulho do motor da máquina era, muitas vezes, uma música cansativa do garimpo. Com as mãos grossas e os olhos sempre atentos, os garimpeiros buscavam, nas rochas brutas, a lapidação e o vislumbre da fortuna.

A luz permitia ver as manchas (impurezas) do cristal e, com um martelinho, tiravam-se as lascas até deixar a pedra de cristal limpa e pronta para o comércio, o “polaróide [é] por onde é visto o eixo cristalográfico dos blocos de quartzo, o mesmo serviço que fazem as granjeiras lumiando os ovos se estão galados” (Bernardes, 2005, p. 48). Neste gesto pulsa o saber garimpeiro, dos quais moldam o (in)visível com os olhos, a luz e o tato.

Outra forma, a mais trabalhosa e com menos efeito de pureza, era a lavação feita com uma palha de aço com bastante sabão industrializado ou caseiro[69]. As sobras (lascas) eram comercializadas a preço menor. As pedras eram exportadas “em sacos de couro, surrões pequenos. Estão n’água os tais sacos, num tanque próprio, até que amolecem e, langanhosos,

[69] No sertão, o sabão caseiro é feito com gordura animal – geralmente do porco ou do gado – ou óleo de coco babaçu, já usado, misturado com soda cáustica e, raríssimas vezes o álcool – e para se ter algum aroma no sabão acrescentava flores e folhas aromatizadas. A mistura é mexida até engrossar, colocada em formas e deixada para secar. Após endurecer, é cortado e curado por alguns dias antes do uso. É uma prática tradicional, econômica e passada entre gerações.

são entupidos com as pedras, e depois de secos viram matacões, uma rocha única, e um tanto deles rotulado com a indicação de lascas" (Bernardes, 2005, p. 18).

A comercialização era realizada na "casinha de limpar cristal, que tinha o polaróide" (Bernardes, 2005, p. 130). Nesse recinto ou nos pontos de comércio, vendedores e compradores iam "classificando-as no olho" (Castro, 1949, p. 246), movidos por um olhar treinado pela experiência, necessidade e pelo brilho cobiçado da pedra, que lhes dava chance de romper a maldição imposta por esse país que lhes negara e excluirá a sua voz e seu lugar.

Carmo Bernardes, que refugiado, foi faisqueiro no sertão garimpeiro de Chiqueirão na cidade de Xambioá — nos tempos ásperos em que o brilho do cristal se misturou com o medo e sangue da tão inquieta e tenebrosa Guerrilha do Araguaia que apavorava a região com sua violenta ação não apenas contra os guerrilheiros, mas também contra os sertanejos[70]—, faz uma breve narrativa sobre o comércio de cristais:

> Aos negócios. Moura, encarregado meu de compras de pedras, sabe classificar a mercadoria, fechou a compra de boa partida, cristal limpo, eixo cristalográfico regular, o polaróide confirma. Moura faz concorrência ao Brito, oferece preço maior pelo quilo de pedras, e Brito é comprador de grande firma estrangeira (Bernardes, 2005, p. 17).

Aqui podemos entender a economia do cristal e a importância da máquina polaroide para atestar a qualidade do minério durante a comercialização. As peças que não apresentavam a qualidade exigida pelo comprador eram melhoradas pelas mãos de pessoas que lidavam com o polimento do cristal, o polimento era feito com água e, quando havia recursos, usava-se uma lixadeira mecânica movida a diesel ou à energia elétrica — luxo de poucos.

Mas o método mais comum era o artesanal: os pés impulsionavam a lixadeira num ritmo ritmado, enquanto as mãos lançavam água, numa dança precisa entre força e fluidez. — Atividade predominantemente masculina. Já as mulheres buscavam a pedra do cristal in

[70]No artigo Guerrilha do Araguaia: memórias à margem da história (2013), Euclides Antunes de Medeiros propõe uma análise com um "olhar desviante" (Medeiros, 2013, p. 256), ao dar centralidade não aos guerrilheiros ou militares, mas às memórias dos camponeses sertanejos. Alheios ao cenário político nacional, esses sujeitos vivenciavam a política no âmbito local – quando lhes interessavam –, enquanto o Estado lhes era indiferente (Medeiros, 2013, p. 259). Ainda assim, não estavam passivos: lutavam por seus modos de vida e pelo uso da terra, ora negociando, ora resistindo. Vivendo numa realidade paradoxal, podiam "estar de um lado e ora de outro, dependendo das circunstâncias" (Medeiros, 2013, p. 256), buscando sobreviver em meio ao abandono. Escolher um lado, especialmente o dos guerrilheiros, lhes custaram caro — e, em muitos casos, pagavam com a própria vida.

natura. Algumas escavavam o chão feito homens[71], enfrentando o sol escaldante e as chuvas torrenciais, fome e sono na busca incansável do cristal. Umas eram mães, donas de casa e trabalhavam na garimpagem. Teodoro Rogério Júnior historiciza com exatidão a situação:

> Mulheres costumam intensificar o trabalho em atividades representadas socialmente como masculinas, como garimpo/minas e trabalho em roça [...], especialmente em situação de crise financeira para manter suas famílias em casos de separação; ausência, morte ou desemprego/subemprego do marido (Rogério Júnior, 2022, p. 245).

Muitas mulheres chegavam de outros espaços, de Lençóis, na Bahia, das catras de Minas Gerais, de outros garimpos dentro do antigo norte goiano, do sul do Piauí. Algumas tinham condições de comprar "cinto de couro cru, pra garrucha de dois anos, o facão Collins e o martelinho pro beneficiamento de lascas de cristal de tocha, com todos esses apetrechos aconchegados à sua cintura, através do cinturão que portava" (Moreira Filho, 2020, p. 146).

Foi o caso de Donana, que representava uma distinção social desenvolvida pelos próprios garimpos do "nortão goiano". Enquanto ela conseguia recursos, outras garimpeiras tinham apenas trapos sobre seus corpos e poucas e desgastadas ferramentas para escavar o chão duro e bruto do sertão em busca do cristal.

Desse modo, crianças e mulheres no mundo campestre do sertão garimpeiro buscavam seus meios de sobreviver, trabalhando de sol a sol, chuva a chuva, às vezes noite a dentro. Mulheres na lida do roçado, na caça, nos comércios — quitandas, cozinhando para garimpeiros, "as mulheres [que] são lavadeiras" (Paternostro, 1945, p. 308), trabalhando em pensões, em cabarés, em casas, mulheres casadas que tinham seus maridos nas barrancas dos cristais se tornaram as "faz de tudo". Rogério Júnior destaca:

> [...] mulheres migraram para este garimpo, não somente para desempenhar papéis sexuais, mas para desenvolver outras atividades, como sebeira [lavadeiras de cascalho], olheira e dona de buraco [jazida]. Porém, no imaginário social a mulher do garimpo é, geralmente, associada à prostituição, não levando em consideração a pluralidade feminina e suas atividades (Rogério Júnior, 2022, p. 241).

A situação da mulher no sertão ficava ainda mais difícil quando ela perdia o marido — que poderia ter morrido em acidente, assassinado, "de gripe braba com febre lá no garimpo" (Brasiliense, 1960, p. 149) — ou era abandonada por ele, tendo, nessa situação, que buscar o

[71] Na cidade de Xambioá, duas mulheres — dona Gerusa e dona Maria Teixeira — são reconhecidas por alguns garimpeiros que ainda estão vivos por seu trabalho árduo de garimpagem. Na cidade de Cristalândia, dona Francisca, na infância, trabalhou com seu pai nos garimpos de cristal; depois se tornou professora e, ao se aposentar, voltou a labutar no garimpo na mesma cidade.

seu próprio alimento, enfrentando as agruras de um espaço feito em sua maioria de homens, mas sustentado na maioria das vezes — e em silêncio — por mãos femininas. Em situações desse tipo “era ela que sustentava a casa” (Júnior, 2010, p. 44). Não sem motivos, Paternostro acentua:

> [...] a· mulher sertaneja é um verdadeiro milagre de abnegação e energia. Quando adoecem, as coitadas não se levantam mais, minadas que estão pelo mau-trato, subalimentação e esgotamento completo de suas fôrças. A mulher sertaneja herdou a função da índia, e provavelmente ficará ainda muito tempo nessa condição de escrava. Trabalha a vida tôda, explorada pelo marido, e sem direitos perante a sociedade (Paternostro, 1945, p. 321)

Era o caso de Catarina, que chegava da “lavagem de roupa que tava estendendo os panos no sol quente de amargá” (Brasiliense, 1950, p. 149), para conseguir dinheiro e colocar comida na mesa de seus pequenos. Geralmente, essas mulheres tinham “seus filhos esfomeados. Sem roupa pra vestir. A casa caindo” (Dino, 1981, p. 54). A situação dela e de tantas outras mulheres era de extrema pobreza.

Na tapera de Catarina, “lá dentro o fogão estava apagado. E a meninada chorando de fome. [...] o caçula, um guézinho de dois anos [...] agarrado na sáia [...] pedindo comida” (Brasiliense, 1960, p. 149-150). Era, como enfatiza Josué de Castro, uma vida de “resignação à fome, ao sofrimento e à humilhação” (1967, p. 23). Era a era da política da fome consagrada no cotidiano dos distanciados, onde o prato vazio torna-se mais que mera metáfora; era a sentença imposta pelo abandono institucional.

Outras mulheres se tornaram garimpeiras e viviam escavando chão, buscando loucamente os seus sonhos; noutras palavras, a situação dessas mulheres não era nada fácil. O adágio popular “até descansando se carrega pedra” expressa muito bem a condição socioeconômica delas; quer dizer que não tinham um momento de descanso naquela lida da vida amargurada, e assim, entre as picaretas, alavanca e enxadas, elas resistem – mulheres que, mesmo excluídas, oprimidas, tecem com sua árdua luta o seu lugar na no sertão garimpeiro.

Quando não estavam nos roçados, estavam cuidando das casas ou na garimpagem. Revelando o cenário em que essas mulheres estavam “dentro das cisternas, a mulher [...] também trabalhava em situação insalubre, correndo perigo de vida, assim como os homens garimpeiros” (Rogério Júnior, 2022, p. 248). Essas mulheres garimpeiras, apesar das mesmas dores de pobreza dos homens, trabalhando de igual pra igual, ainda sofriam preconceito de gêneros. Muitas eram chamadas, conforme Rogério Júnior, de:

> [...] “feras do diabo”, assim definidas por garimpeiros, que “entravam em cisternas” e “trabalhavam igual aos homens”, que eram a referência no garimpo. As “feras”, por serem vistas como mais independentes na atividade garimpeira, diferenciavam-se, inclusive, das mulheres que garimpavam nas “catas” ou em faisqueiras, na companhia de um homem qualquer. Estas mulheres eram consideradas fora do padrão de feminidade, de “mulher normal”, que cuidava da casa, dos filhos e do marido, sendo essas “mulheres feras” muito semelhantes às “bruxas”, por serem consideradas anormais (Rogério Júnior, 2022, p. 246)

Portanto, além dos pesos dos sacos de cascalhos nas costas, da retirada do barro com os braços, do cabuloso esforço para retirar os cristais, essas mulheres, conviviam e carregavam no corpo o peso do preconceito (Moreira Filho, 2020). Ali sobreviviam com uma “representação negativa da mulher; ‘era do diabo’ girava em torno da sexualidade, ou seja, trabalhar nas cisternas, sendo mulher, dever-se-ia abdicar, também, de sua heterossexualidade, o padrão de vivência da sexualidade” (Rogério Júnior, 2022, p. 247).

Por esses garimpos Brasil afora, arroiados de ganância, trabalho árduo e exploração, Moreira Filho explica que muitas mulheres foram “envelhecidas antes do tempo, carcomidas pela labuta interminável dos dias sempre iguais, num rasgo de tempo” (2020, p. 30). Nessa triste realidade garimpeira, repleta de inúmeras lutas e sofrimentos, a velhice chegava cedo, como um prenúncio sombrio e inevitável de uma morte adiantada.

A velhice, para essas pessoas, era a prima carnal da morte, caminhando ao lado, sussurrando sua presença diante dos olhos sofridos. Cada ruga e cicatriz trazia o peso dos anos desmedidos, marcados pelo sol impiedoso, pelas chuvas constantes e pelo esforço que moldava os corpos e silenciava os sonhos, mesmo com todas essas toleimas da vida com o peso secular da opressão, resistiam.

Todas as dificuldades por ali chegavam mais cedo, com sofrimento prévio. E em meio a esse pandemônio pelo cristal, “a alma da mulher garimpeira amorosa, [...] vive no mais profundo silêncio do anonimato” (Moreira Filho, 2020, p. 131). Muitas lágrimas, às vezes solitárias, rolavam em seus rostos corroídos prematuramente pelas fainas da vida, misturando-se com o suor provocado pelo calor tórrido, suportando todos os estigmas, violências e trabalho árduo em silêncio.

Mesmo diante dos impropérios garimpeiros, a mulher sertaneja não se despia “por completo de sua vaidade feminina, contudo, usava roupas adequadas à sua idade” (Moreira Filho, 2020, p. 130). E assim, entre a vaidade feminista e a resistência, viviam as bravas trabalhadoras — sertanejas e garimpeiras — daqueles vastos sertões do garimpo, num mundo rústico de costumes fortes.

Viviam naquele sertão bruto e místico, em uma constante dança entre Deus e o Diabo, pois, “Deus é definitivamente; o demo é o contrário” (Rosa, 2019, p. 49). Deus representava a paz, o paraíso chamado sertão, enquanto “o diabo regula seu estado [...] nas criaturas, nas mulheres, nos homens” (Rosa, 2019, p. 7). Desse modo, a sertaneja e o sertanejo abraçavam o místico como explicação para sua existência, em meio aos vastos e indomáveis espaços garimpeiros.

Em meio a toda cultura garimpeira de luta, ganância e misticidade, havia mulher que seguia “forte, destemida, entusiasmada e destemerosa dos garimpos” (Moreira Filho, 2020, p. 101) de cristais, ametistas, diamantes, ouro e outros minérios que porventura surgiam no grande sertão das veredas cristalíferas, sendo considerada por muitos como homem de saia por sua coragem e força. Muitas se tornaram adultas sem passar pela infância. Certo é que, por esses sertões, entre as mulheres “ricas e as pobres roceiras, as diferenças alimentares e de estilo de vida deixaram marcas diferenciadas em suas fisionomias” (Falci, 2004, p. 244).

3.2 Intensificação da economia garimpeira

A intensificação da economia garimpeira foi acompanhada pela multiplicidade de meios de transporte utilizados para chegar e sair dos garimpos e também pelo aumento do número de acidentes. Barcos naufragavam, caminhões tombavam e aviões caíam, pois, “bons pilotos, já se foram aqui, nestes pés de serras” sumiram pra valer! Até hoje, os corpos nunca foram encontrados” (Moreira Filho, 2020, p. 51). Quando se encontravam os restos mortais, eram poucos, porque os animais carniceiros já tinham devorado seus corpos, e em muitos casos impedindo de realizar um funeral digno do moribundo.

É importante destacar que, apesar dos acidentes, os tráfegos aéreos não paravam e várias “pistas de pouso encascalhadas” (Moreira Filho, 2020, p. 44) eram abertas para agilizar os negócios, pois, “o tempo no garimpo pra faisqueiro é ouro” (Moreira Filho, 2020, p. 75). É de se entender que o tempo estava transformando as relações sociais. Esse ritmo acelerado do sertão garimpeiro impunha transformações à vida garimpeira e sertaneja, fazendo do lucro e da velocidade o centro do cotidiano e revelando não apenas os minérios, mas uma profunda (re)configuração da experiência humana no “nortão de goiás”.

Os transportes de cristais – espichados – e de outros minerais por aeronaves modificaram as relações dos sertanejos com o tempo e o espaço. No sertão garimpeiro, o tempo passou a ser valioso aos moldes do germe do capital que adentrava a passos lentos, mas

já exigia muito dos sertanejos e garimpeiros; qualquer desperdício dele significava prejuízo em termos tanto de dinheiro quanto de lucro.

Tamanha era a importância do tempo que alguns pilotos moravam “dentro do avião teco-teco, [...] do rio de Janeiro para os garimpos das margens do rio Dueré! E de lá pra cá!” (Moreira Filho, 2020, p. 30) em viagens quase intermináveis, de um garimpo para o outro. Objetos, mercadorias como os couros, drogas dos sertões[72], cristais e diamantes, eram exportados, de avião, para os grandes centros urbanos do Brasil, especialmente o Rio de Janeiro, a então capital federal e um dos polos de lapidação do país” (Rogério Júnior, 2022, p. 124).

O constante ir e vir de aviões impulsionava uma liturgia quase ininterrupta pela busca de dinheiro e poder. E “dinheiro por ali rodava fartamente de mão em mão” (Brasiliense, 1960, p. 23). Para que dinheiro fácil corresse à solta era preciso acelerar os negócios e aumentar a velocidade do transporte de riquezas minerais, às vezes, com “pista improvisada pelos próprios garimpeiros” (Kotscho, 1984, p. 15). Os objetivos eram intensificar mais ainda as relações de explorações e desenvolver algumas necessidades para que isso pudesse ocorrer.

Aviões poderiam ser alugados de alguma empresa para o qual o piloto trabalhava. Nas próprias relações de compadrio poderiam fazer negociações de como pegar emprestado e pagar de alguma forma — com dinheiro ou outros favores —, ou até mesmo do garimpeiro que virou faisqueiro e ganhou dinheiro suficiente — fez fortuna — com a venda de cristais para comprar sua própria aeronave. Também tinham os fazendeiros na região que visavam ao ganho do dinheiro com transportes de garimpeiros[73].

Essas transações, permeadas de poderes, alianças e conveniências, refletiam a natureza daqueles exploradores que estavam habitando o sertão do antigo norte goiano, onde cada negócio pulsava com a vibração da sobrevivência, dos desejos e, principalmente, dos jogos de poder que o garimpo em sua vasta escala estava proporcionando. deste modo, os brilhos dos minerais não reluziam apenas os punhados da terra, mas também os pactos, as traições e

[72] Muitos chamavam de drogas do sertão uma série de produtos como o guaraná, o anil, cacau, salsa, urucum, pau-gravo e castanha-do-pará. Essas e outras especiarias tinham um valor alto no mercado e vinham sendo comercializadas desde o século XVIII nos sertões do Brasil. E com o garimpo de cristal de rocha ocorreu a intensificação da economia referente a essas drogas.

[73]Alguns garimpeiros e garimpeiras, como o mestre Sebastião, Dona Geruza, o senhor Mauro, Nazário Fernandes e sua companheira, senhora Emília Fernandes, entre tantos outros em Xambioá, contavam em uníssono que o fazendeiro Raimundo Noleta possuía entre cinco e sete aviões, cruzando os céus do norte goiano carregados de garimpeiros, sertanejos, faisqueiros e todos que buscavam seus serviços. Noleta, que vendia travessias a quem pudesse pagar, foi um dos fazendeiros que, nos tempos sombrios da ditadura civil-militar, conheceu o cárcere e a tortura, acusado de transportar guerrilheiros. Ora, ele levava consigo quem lhe pagava a viagem, sem se prender a ideologias, pois, além da criação de vacas, outro ofício seu era o voo, e o transporte aéreo era apenas mais um caminho para ganhar a vida na vastidão desses varjões.

lealdades, algumas mesmo que temporárias, deste modo, os brilhos dos minerais não reluziam apenas na terra, mas também os pactos, as traições e lealdades, algumas mesmo que temporárias.

É interessante observar certas categorias de sujeitos que se destacavam na seara garimpeira. O faisqueiro rico, por exemplo, era aquele que se igualava ao empresário de pedras preciosas, mas se diferenciava pela vestimenta ostentosa que trazia no tecido o reflexo de sua fortuna. Vestia-se com esmero, carregando consigo o brilho de quem havia dominado o solo e extraído seu tesouro. Portanto, o seu traje evocava um tempo em que o cristal, diamante e ouro ditava hierarquias nas veredas do sertão.

Era um homem que transitava entre a poeira, lamas e catras dos garimpos no sertão e o luxo das negociações nas metrópoles, sendo a prova viva de que aquela terra marcada por pobreza poderia proporcionar e desenvolver riqueza. Deste modo, o faisqueiro aprendeu a negociar sonhos com as mãos sujas de barro. Moreira Filho dá o exemplo do faisqueiro chamado Alemão, que representava bem esse tipo:

> [...] um ar de lorde, enobrecido no luxo, com indumentária impecável, calça social, camisa de seda pura, uma confortável jaqueta azul, aberta no peito e usava sapatos de verniz. Na ocasião, portava um relógio Rolex de elegância clássica, com mostruário pontilhado em diamantes; exibia um cordão em ouro, modelo de cabo de aço, verdadeira relíquia de família, presente recebido do seu pai, ainda [em] tenra juventude (Moreira Filho, 2020, p. 28).

As roupas marcavam a distinção social em relação aos que não tinham sequer uma calça para entrar no penoso trabalho de exploração do minério. Em vista disso, “garimpo só não dá camisa é pra garimpeiro. O resto enche os bandidos” (Brasiliense, 1960, p. 9). Até uma calça social poderia colocar o sujeito acima dos outros e, para completar, ornamentos pessoais como um relógio da marca Rolex adornado em diamantes, ou seja, “toda prática social é simbolicamente marcada. As identidades são diversas e cambiantes, tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas quando nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentidos a nossas próprias posições” (Woodward, 2014, p. 33).

Isso dava a entender que o faisqueiro era, sem sombra de dúvidas, um sujeito com bastante dinheiro que poderia ter sido herdado do pai, pois, em algumas situações, lembra a passagem popular de “quem herda, não furta” (Sales, 1986, p. 40), ou, por outro ditado popular mais usado, “quem não rouba e nem herda, enrique é merda”. Se a riqueza no sertão era transmitida de geração em geração, com a pobreza acontecia o mesmo, ou seja, tanto a riqueza quanto a pobreza neste país são hereditárias, atravessando corpos e almas.

Os lugares frequentados pelo faisqueiro também constituíam elementos de diferenciação social. Moreira Filho relata que Alemão “pegava o seu Dodg Darte, rumo ao hotel Copacabana Palace, onde praticamente residia” (2020, p. 35), enquanto outros nem sequer tinham condições de ir à quitanda da esquina comprar algo para comer. Essa triste realidade nos lembra que “o comer era quando Deus fosse servido” (Queiroz, 2012, p 28).

A fome era uma realidade nos garimpos Brasil afora, onde a vida era extremamente dura. Não eram poucos os garimpeiros que em “anos de luta nas Lavras da Bahia, no Araguaia, no Rio das Garças”, conseguiram apenas “ganhar o feijão muito magro” (Morse, 1968, p. 34). E assim iam sobrevivendo, passando a vida rodeados de miséria, porque tinham em suas mentes que “fome demais tira o juízo” (Queiroz, 2012, p. 32).

Os faisqueiros da região podiam ser pessoas simples, sem nenhuma formação superior, mas também fazendeiros, policiais, políticos, funcionários públicos, ou mesmo bacharéis e doutores — assim chamados no garimpo — que exerciam suas profissões por breves períodos, por longos anos ou, por vezes, jamais as praticaram. Alguns se aventuravam pelas veredas da esperança de enriquecer; outros viam ali um modo de vida mais livre, distante das metrópoles. No emaranhado de ambições, o garimpo revelava sua própria ordem — feita de códigos, riscos, medos, felicidades, sorte e azar.

Como é o caso do Alemão, formado na “tradicional faculdade de Direito de Recife, onde bacharelou-se em ciências jurídicas, mas [...] nunca retornou, [...] para buscar o seu diploma” (Moreira Filho, 2020, p. 32-33). Onde preferia ganhar a vida como negociador de minérios pelas veredas dos sertões. Outra pessoa que deixou tudo para seguir as veredas dos Gerais dos cristais foi, conforme Assis Júnior:

> Otoniel Bastos que havia largado seu escritório de advocacia, para se dedicar à compra de cristal, motivado inicialmente por uma mania de colecionador, depois, empolgado pelo bom lucro que advinha desta transação. Quando lhe traziam as pedras, ele ficava de pé e estendida suas mãos finas e compridas para pegá-las, atraindo a atenção. [...] analisando, amiúde, os traços, o brilho, a transparência e a cor (Júnior, 2010, p. 29).

As condições socioeconômicas das pessoas que circulavam pelo sertão do antigo norte goiano eram as mais variadas. Havia os indivíduos extremamente ricos e os que tinham apenas um rancho de pau a pique e a vida como o bem mais valioso, os que eram contratados por um sujeito abastado para ir in loco fazer negociações de compra e venda de cristais com os garimpeiros – conhecidos como mulas ou atravessador – e os que faziam negócios sozinhos.

Havia outra categoria, talvez o mais chamaria atenção, visto e conhecido pela imensa maioria dos que viviam por esses gerais cristalíferos, eram os “faiscadores andrajosos” (Paternostro, 1945, p. 59), e não tinham limites, saíam pelos garimpos, onde aprenderam a fazer negócios com as mãos sujas de barro. Nessa categoria se incluía o capangueiro, assim descrito por Júlio Paternostro:

> Este anda pelos garimpos, regateando as pedras. Examina-as pela pesagem e pelo emprêgo de ácidos, [...]. Êsses capangueiros negociam por conta própria, ou então representam casas de São Paulo ou do Rio de Janeiro. São astutos, de pouca conversa, andam sempre com a sacola de couro sob a camisa ou guaiaca, onde guardam as pedras, das quais não se separam nem pra dormir (Paternostro, 1945, p. 305-306).

Como, no dizer do cotidiano sertanejo, “cobra que não rasteja não engole sapo”, “cobra que não anda não acha pau pra cabeça” e “cachorro amarrado não acoa çaca”. Em ambos, os capangueiros e os faisqueiros “começaram no rude trabalho dos monchões, aprenderam ali os segredos da mineração” (Ribeiro, 1959, p. 153). Obtendo experiência, andando e fazendo negociatas tinha quem “só compra[va] cristal em grande quantidade” (Castro, 1949, p. 268), enquanto outros comerciantes depreciavam a mercadoria como estratégia para negociá-la a um preço menor do que o determinado pelo vendedor. Haja vista que “o capangueiro põe mil defeitos, [...], mas, como quem desdenha quer comprar” (Morse, 1968, p. 39).

Entre compras e vendas de gemas, assim como na contratação de pessoas para garimpar, o capangueiro ia ganhando aqui, perdendo ali, conversando com os garimpeiros e, negociando “da maneira como havia pensando, em pouco tempo estava com um saco cheio de cristal de primeira” (Júnior, 2010, p. 157), e assim fazia sua fortuna, investia nos mais variados negócios na região, tornando-se rico, mas muitas vezes não escapava dos perigos que rondavam os Gerais garimpeiros, porque, “nas estradas distantes ou nas vilas por onde passam, de volta das compras, os capangueiros já têm sido assaltados” (Paternostro, 1945, p. 306). Tudo isso fazia parte da rotina dos capangueiros na região dos vales do Araguaia e Tocantins.

As pedras preciosas eram também negociadas, por “representantes de firmas estrangeiras importadoras” (Sales, 1986, p. 127), sujeitos contratados por empresas de grandes estados, como Goiânia e São Paulo, ou, por “um faisqueiro endinheirado do Rio de Janeiro” (Moreira Filho, 2020, p. 233) e de se entender também que haveria empresas de outros Estados do Pará e outros do norte e nordeste, deste feio, os meandros do garimpo formavam

uma rede ampla, onde a especulação e o interesse (in)ternacionais valorizavam as gemas, ligando o sertão e as metrópoles por meio do comércio

Com relação às pessoas vindas para a exploração do cristal no sertão, “de São Paulo e do Rio de Janeiro a penetração foi exclusivamente capitalista; grandes empresas nacionais ou multinacionais, criando gado nelore, explorando madeira, montando garimpos e abrindo filiais” (Borges, 1987, p. 101), modificando a economia e a vida no antigo norte goiano.

E na mesma eventualidade, era comum ver “os enviados diretos dos exportadores do Rio de Janeiro que passa[vam] na região quais meteoros, controlando o mercado, ou comprando grandes partidas por atacado” (Ribeiro, 1959, p. 154). Os compradores, em grande parte, eram “denominados faisqueiros [...] estagiários de transação em busca de oportunidade para o desenvolvimento de negócios, quer pelo arranjar de algum capital próprio, quer pelo financiamento em maior escala do patrão” (Ribeiro, 1959, p. 153).

Igualmente incitados pelo propósito de ganhar dinheiro com os cristais “havia grupos de contrabandistas e aventureiros, que, por conta própria, exploravam esta pedra preciosa” (Rogério Júnior, 2022, p. 125). E como havia bastante dinheiro as negociatas entre os sujeitos eram bastantes severas, pois os “capangueiros, na maioria fica[vam] amarrados dos pés à cabeça, presos ao sócio capitalista dos negócios internacionais que lhes arbitrara o preço julgado conveniente” (Ribeiro, 1959, p. 154).

Deste modo, o garimpeiro, o faisqueiro, o fornecedor e o exportador de diamantes e cristais, “apesar de certas particularidades [...] desenvolviam papeis semelhantes aos que se desempenhavam em outros garimpos no Brasil, como nas Minas Gerais, em Goiás e na Bahia” (Rogério Júnior, 2022, p. 124). Deste modo, os garimpeiros formavam uma rede complexa e produtiva que conciliava saberes tradicionais e improviso, expressando um saber ancestral adaptado às adversidades do sertão tocantinense.

Para Luís Sabóia Ribeiro, a partir do esquema da economia garimpeira, “podemos armar a seguinte equação: Garimpeiro + Faisqueiro + Capangueiro + Firma exportadora + Oficina de Lapidação = Jóia engastada nas vitrines das joalherias ou máquinas perfuratrizes” (1959, p. 153). O uso do mineral na produção de joias e dispositivos tecnológicos evidenciava a contribuição do sertão garimpeiro para a economia de vários estados brasileiros, do Brasil e do exterior, o que ia na contramão da ideia de isolamento do antigo norte goiano.

E, os mineradores “felizes retornavam pelo Araguaia rumo aos seus sertões natais, irradiando às populações ribeirinhas e de outros remotos lugares de passagem a maneira prática do enriquecimento. Outros muitos se atiravam à esperançosa região, da qual o Araguaia era a via convidativa” (Ribeiro, 1959, p. 44). O médico Ribeiro ainda enfatiza:

> [...] não cessaram as travessias de sôfregos aventureiros pelos sertões baianos, maranhenses, goianos e nordestinos. Cada achado valioso incentivava a vinda de mais gente. Com o tempo, outros interessados na compra da procuração apareceram e, em cargueiros, saíam de garimpo em garimpo. Estabeleceu-se a jogatina de coletividade aventurosa que se via avolumando (Ribeiro, 1949, p. 44-45).

Os caminhos de faisqueiros e mineradores eram feitos com ferramentas rústicas, bastante coragem e também feitos de "sonhos matizados de rubis e diamantes" (Guimarães, 1951, p. 129) que levavam essas pessoas a arriscar suas vidas pelas veredas, debaixo de paredões de serras que cortavam estreitas estradas nas quais, de ambos os lados, viam-se precipícios se esgueirando para cima de altos morros.

Na busca alucinada pelo minério, o sertão do antigo norte goiano era remexido; sacudiam as arcaicas estruturas sociais do campesinato e sua geografia se convertia em um campo exploratório do próprio homem que ali residia. Foi desse modo que muitos garimpeiros e faisqueiros, entre homens e mulheres, tornavam-se descobridores desses campos gerais desconhecidos por muitos e por séculos. O garimpo de cristal de rocha, com tantos brilhos e cores, pontua, "aguçou espíritos. Despertou ambições. Motivou aventuras" (Dino, 1981, p. 51).

Empresários ficaram ricos na atividade de faisqueiros sem nunca terem pisado os pés no garimpo. Eram exploradores de primeira e, a respeito deles, faziam-se comentários como, o "– Sujeito de sorte! [...]. Ficou cheio da 'gaita' sem fazer fôrça. Filho da mãe! Nunca foi no Pium, nunca viu como é que se tira cristal, e ficou rico, subiu feito um foguete, fazendo tramoia daqui mesmo com as pedras" (Brasiliense, 1960, p. 160). Os faisqueiros endinheirados, "espalhavam seus agentes onde quer que houvesse extração de diamantes [e cristais]. Em suas mãos iam ter, por consequente, o que o punhado dos ocasionais mineradores encontravam nos sertões intactos das novas terras, em que mal firmavam o pé" (Ribeiro, 1959, p. 41).

Era assim que muitos ganhavam a vida, arriscando a própria e de outros em uma rede de poder exploratória, à medida que iam "recebendo e examinando sucessivas partidas que lhes eram entregues pelos intermediários" (Ribeiro, 1959, p. 40). Era o caso do gorducho Nicácio, que "ficou rico [...] por que é esperto e não foi bêsta de enfrentar a miséria de Pium" (Brasiliense,1960, p. 161) ou de qualquer outro garimpo da região do antigo norte goiano.

Assim como ele, a maioria dos ricos, "nunca foi no Pium e soube aproveitar de toda a miséria dos garimpeiros dali" (Brasiliense, 1960, p. 160). E onde se tem um sujeito afortunado existirá dezenas de miseráveis e desta maneira a teia exploratória se desenvolvia

por décadas e séculos nesta república. A fortuna de poucos se erguia sobre o esforço de muitos, enquanto as desigualdades se aprofundavam nos garimpos onde o cristal era extraído.

Cabe destacar, ainda que, no sertão garimpeiro, “as relações entre capangueiros e agentes faisqueiros se fazem ordinariamente em confiança tão somente, sendo desnecessários recebidos, [...] e muito menos fiadores ou simples testemunhas” (Ribeiro, 1959, p. 157), porque a honestidade e a palavra eram respeitadas. No sertão se afirmava “o homem honra o nome”. Juarez Moreira Filho (2008) lembra que as palavras no sertão eram uma das únicas formas de provas.

As pessoas envolvidas na economia garimpeira, principalmente da faiscagem e os “capangueiros não costumam mostrar a ninguém suas mercadorias, guardando sigilo tanto do vendedor quando do comprador” (Ribeiro,1959, p. 181), a não ser que tivessem contrato firmado com seus patrões – isso ocorria em virtude dos vários furtos, e latrocínios eram ocasionados –. Muitos tinham tanta confiança que, em certas “assinavam até folha em branco” (Júnior, 2010, p. 186) de olhos fechados.

Numa nação que nasceu da violência e da exploração da mão de obra de escravos e de gente pobre, com inúmeros regimes exploratórios e autoritários ao longo da história republicana deste país, dilatava-se no nortão goiano, cada vez mais, o abismo social e econômico entre pobres e ricos que, em “consequência, há uma fábrica, em série, de riqueza. Outros se afundam no cáos” (Brasiliense, 1960, p. 161) político, econômico e social.

Grande número de faisqueiros que pelo sertão garimpeiro a fora e a dentro saiu “comprando bagulhos miúdos como rolados, pirâmides e lascas de primeira, pelos garimpos por onde passou, no norte goiano, naqueles [...] dias de viagens” (Moreira Filho, 2020, p. 236). Parecia não haver obstáculos que a própria natureza impõe para esses sujeitos que, no “decorrer da semana, [faziam] bons negócios com boas aquisições de lote de cristal de rocha, [ganhando] dinheiro a rodo, numa verdadeira peregrinação, andando como aves de arribação pelos garimpos do Mofo, Najá Simeão e pátio da fazenda Capa Cachorro” (Moreira Filho, 2020, p. 224).

Enquanto isso, “os miserave que vive cavando chão são uns coitados. Quando descobre uma cata boa, qui começa a soltar cristal, logo aparece um isperto qui abocanha ela, sem mais e nem quê” (Brasiliense, 1960, p. 10). O ato de abocanhar poderia ser traduzido pelo roubo da catra, envolvendo até matar o dono do barranco, ou desenvolver negociatas nas quais o garimpeiro sairia prejudicado. Em suma, “os garimpeiros [...] buscavam jóias da terra. [...] estavam sempre incertos” (Tonini, 1959, p. 83), fosse pela sorte ou por seus patrões, a qual a única certeza era a sua incerteza.

Essas negociações eram feitas nos mais diversos garimpos do “nortão goino” e em outros estados vizinhos que tinham minérios, espichados e outros objetos de valor a serem comercializados. Alguns faisqueiros tinham condição econômica para percorrer as regiões circunvizinhas e principalmente o sertão garimpeiro de carro ou avião e outros contratavam capangueiros para fazer o serviço, comunicando-se com eles por meio de uma linguagem se senhas e códigos.

O faisqueiro Alemão, por exemplo, contratava os serviços do Sr. Manoel Alves para “proceder nas compras do cristal de rocha da semana” (Moreira Filho, 2020, p. 44). Conhecedor das vivências garimpeiras, ainda que o faiscqueiro Alemão fazia “dois voos rasantes sobre a palhoça dele, lá no largo Central na cidade garimpeira. Essa é a senha para que ele vá, depressa, até o campo de pouso, buscar a grana” (Moreira Filho, 2020, p. 44), e, nessa saga, Moreira Filho, continua:

> Minutos depois do diálogo, pousaram com extrema segurança na pista de pouso encascalhada de Cristalina, onde o piloto entregou um saco de estopa, cheinho de dinheiro ao Sr. Manoel Alves, tudo em espécie, em cédulas novinhas em folha, contendo a efigie de Pedro Alvares Cabral. E tudo conforme a senha combinada entre os dois (Moreira Filho, 2020, p. 44).

Alemão levava objetos de valor e “sua mala entupida de dinheiro para comprar cristal, estavam guardados dentro do avião” (Moreira Filho, 2020, p. 38), no(s) carro(s) – os famosos fordecos – e dentro de bruacas. Era assim, com sacos cheios de dinheiro, que o faisqueiro atuava dentro do garimpo de cristal, fazendo girar as engrenagens sociais, econômicas, políticas e culturais no espaço espinhoso do sertão garimpeiro. O dinheiro surgia correndo rápido a solto nas brenhas, cratas, garimpos, fazendas, vilas, distritos, cidades, mas, na mesma proporção em que o dinheiro aparecia, ele também sumia.

E não era apenas o garimpo que atraía pessoas de diversas regiões do país para Goiás na década de 1930. A construção de sua capital do estado, Goiânia, por exemplo, demandava igualmente, muita mão de obra barata e levas de trabalhadores – rurais – chegavam de todos os cantos de Goiás e dos estados limítrofes para construir a filha da república e fazer a sua vida.

Deste modo, em Goiânia, “o trepidar dos motores dos caminhões, automóveis, tratores e escavadeiras se associava ao vozerio dos homens e ao ruído surdo dos grandes troncos de árvores que tombavam para o loteamento da área urbana” (Paternostro,1945, p. 347). A cidade nascia entre barulhos, lamas e poeiras, nu movimento frenético de máquinas e pessoas. Em

meio ao sertão brasileiro, o futuro de uma cidade planejada a sua época em *Chão Vermelho*[74], de uma nova capital. E, nesse período, o sertão garimpeiro, com o Hotel Cristal, estava, conforme Moreira Filho:

> [...] lotado de compradores de cristal de rocha, os faisqueiros. E quase todos vindos de teco-tecos fretados, principalmente do Rio de Janeiro, Maranhão, Piauí, Pará, Mato Grosso, Bahia, Anápolis, da capital de Goiania, e de regiões garimpeiras como Cristalina, Conceição do Norte, Natividade, Monte do Carmo, Chapada, Itaporé, Piaus, Monte Santo, Pequizeiro, e de outras bandas, à procura do precioso quartzo hialino (Moreira Filho, 2020, p. 72).

Como foi dito no segundo capítulo, o Hotel Cristal se tornou um lugar de negociata que recebia comerciantes de cristal de São Paulo, Rio de Janeiro e outros estados brasileiros, "quase todos vindos de teco-tecos fretados" (Moreira Filho, 2020, p. 72). Muitos só iam mesmo para desenvolver a exploração do minério e depois retornar para suas localidades.

Os "teco-tecos e bimotores, que fazem [...] vôos diários, vão embora também os bamburrados" (Kotscho, 1984, p. 7). A chegada desses aventureiros, que reinventavam a vida no sertão garimpeiro, incendiava ainda mais o desejo dos garimpeiros, pois traziam consigo os símbolos da fortuna e da ostentação. Suas roupas elegantes e os relógios reluzentes refletiam a confiança de quem ousou enfrentar os perigos e foi agraciado pela sorte. Sobre isso, Moreira Filho comenta:

> Os pilotos faisqueiros ou os que simplesmente transportavam compradores de cristal de rocha, chegavam aos garimpos de Dueré, nos trinques, bem-vestidos, na seda pura, com chapéu de feltro, lenço no pescoço, exibindo, pelas mãos, maços de cigarros nacionais e importados — estes eram os famosos *cigares inabordables* — vindos, diretamente de Londres, para a capital federal. Outros, com caixa de charutos cubanos, desfilando pelo salão de chão batido, do hotel Cristal e pelos manchões a fora (Moreira Filho, 2020, p. 73).

Todos esses objetos representavam o poder de consumo do capitalismo que seduzia homens, mulheres e crianças do sertão garimpeiro. Roupas caras, charutos e cigarros importados mexiam com a vaidade dos garimpeiros que desejavam o novo, o moderno, o exótico. De um lado, os luxos daqueles que haviam enriquecido com o cristal de rocha e que esbanjavam dinheiro, desenvolvendo uma nova casta brasileira pelas terras do antigo norte goiano que iria futuramente fazer parte do atual estado do Tocantins.

---

[74]Chão Vermelho é o título do romance regionalista de Eli Brasiliense, publicado em 1954, que narra com sensibilidade a saga da construção e do cotidiano de Goiânia, a nova capital de Goiás nos anos 1930. Em meio ao cerrado do coração do Brasil, operários, engenheiros, mulheres, jagunços e migrantes vindos de cantos diversos do país enfrentam as asperezas da terra e as desigualdades das relações sociais, enquanto erguiam, com suor e esperança, a urbe sonhada sobre o chão vermelho da terra goiana.

Por outro lado, tinha um “formigueiro de garimpeiros” (Sales, 1986, p. 173) que mal tinham recursos para garantir o seu sustento e o sustendo de sua(s) família(s), comprar uma rouba nova à moda, ou quanto mais para comprar “uma geladeira a querosene” (Júnior, 2010, p. 29) que na época fazia parte do uso de pouquíssimas pessoas no sertão garimpeiro. Ao abordar esse assunto, Eli Brasiliense revela:

> No garimpo havia dinheiro à bessa. Havia miséria e imundice a granel. Havia gente como formiga. Havia sapatos, vestidos bonitos, mulheres bonitas, joias feiticeiras, máquinas que faziam água virar gelo, bebidas que espumavam como cascatas do Ribeirão Pium. Um pedaço de céu e um pedaço de inferno haviam-se misturado ali (Brasiliense, 1960, p. 26).

O garimpo de cristal refletia faces, umas banhadas em riqueza, nos corpos e nas vestes, enquanto outras traziam a mesma proporção de miséria, impressas na pele, nos trapos, na alma. Mas ali, o que não faltava era gente, operando como formigas, resistentes entre o ganhar e o perder, travando batalhas gritantes e silenciosas contra a fome e as dores de existir. Alguns desejavam as riquezas exacerbadas, outros apenas como próximo prato de comida para não morrer de fome.

No coração desse cenário, o sertão cristalífero do “nortão goiano”, estava seno abalado, transformava-se a passos lentos; a água, antes quente e servida em botes de barro sus pensos nas forquilhas, agora em geladeiras, ganhava frescor, e com ele, novos sabores espumantes efervescentes que destoavam das rústicas pingas com animais peçonhentos dos alambiques preparadas nos fundos de quintais ou nos engenhos que ainda persistiam funcionar como dizia no ditado popular: “uma vez na vida e outra na morte”. Para alguns, aquele sertão garimpeiro era um vislumbre do céu; para outros, o inferno em estado vivo.

3.3 A efervescência da extração de cristal

Entre a miséria e a riqueza, o luxo e a pobreza, entre o céu e o inferno, o garimpo ia se expandindo na medida em que eram encontradas jazidas de cristal à flor da terra, às vezes em um “vale pedregoso e duro, de vegetação enfatizada, rasteira” (Élis, 1978, p. 65), em cavernas, grutas, profundas, paredes de morros íngremes, beiras de riachos e grotas. Alguns filões, conhecidos na linguagem garimpeira como “frizos”, eram rastros de pequenos cristais e pedras por cima da terra que seguiam até as paredes de grutas, de onde surgiam, conforme, Moreira Filho:

> [...] pedras de formatos belíssimos, as raras, bem diferentes, como algumas pirâmides, rolados, cacho-de-cocos que são desenhadas e esculpidas pela própria natureza, que os aquinhoaram assim, sem passar por nenhum processo de mutação ou lapidagem por parte do homem (Moreira Filho, 2020, p. 87).

A raridade dessas pedras era determinada pelo tamanho, pelo formato e pela cor. Poderia ser "incolor, transparente, meio roxo, meio azul, de trons e tamanhos variados" (Moreira Filho, 2020, p. 220), amarelo, vermelho, preto. Tais características influenciavam o valor da compra e de venda. Quanto mais (in)color e grande fosse seu tamanho e tivesse formato lapidado pela natureza, maior era o interesse a qual ia despertando os garimpeiros, os compradores, fazendo da busca por tais gemas uma mistura de técnica, desejo, sorte e lucro.

Explicam John Grotzinger e Tom Jordan que o cristal é composto de um arranjo ordenado de átomos ou moléculas que constituem faces planas ou pontiagudas de inúmeras formas, como, por exemplo, pirâmides (2013, p. 286). Os cristais de quartzo apresentam várias formas geométricas e "geralmente prismáticas hexagonais, mas existem também os estriados e os granulares, [...] possuem as faces do prisma horizontalmente estiradas, alongadas de formas afiladas e pontiagudas, o que os torna um mineral bem desenvolvido" (Chules, 2018, p. 12).

Esses cristais, tinham outros nomes na sociedade garimpeira: "citrino, olho-de-falcão, prásio, quartzo olho-de-gato, quartzo enfumaçado, quartzo róseo, olho-de-tigre [...] opala nobre, fogo e vulgar" (Schumann, 1985, p. 116). Em várias variedades, e os mais "comuns da família do quartzo são: o hialino ou o cristal de rocha, o leitoso, o enfumaçado, o roxo-ametista, o negro-morion, o citrino, o aventurina, o rosa e o verde-prásio" (Chules, 2018, p. 10).

Esses cristais tem "linguagem simbólica, significa limpidez, transparência, vidro muito puro e límpido" (Moreira Filho, 2020, p. 43). Eles – os cristais – passavam pelas mãos de pessoas de diferentes grupos socioeconômicos que "participaram das vivências do garimpo [...], tais como garimpeiros, tropeiros, feirantes/comerciantes" (Rogério Júnior, 2022, p. 43), crianças, mulheres, idosos, principalmente faisqueiros e políticos municipais e estaduais.

Existiam também, conforme os "minúsculos xibios, que segundo a crendice, tinham o condão de atrair boas gemas diamantinas" (Ribeiro, 1959, p. 99) e cristais. Eles carregavam o misterioso poder de catalisar a descoberta de minérios de maior valor para a vida daquela pobre gente sonhadora. Assim era o "cristal cubiçado, seja de que tamanho fôr" (Ribeiro, 1959, p. 99).

O cristal rolado, em algumas regiões, podia ser encontrado na superfície da terra com mais frequência do que dentro dela e tinha uma capa que muitos chamavam de “engana bobo” porque parecia bastante com uma rocha comum. Só um garimpeiro experiente poderia identificar, nessa rocha, um cristal. O adjetivo rolado tem relação com o fato de passar de mão em mão como se não tivesse valor algum.

O cristal rutilado é caracterizado por sua transparência e por apresentar uma variedade de cores, que podem incluir tons amarelos, roxos e brancos e inclusões internas de fios ou, como são popularmente chamadas pelos garimpeiros, “agulhas”. Essas finas agulhas são, na verdade, minúsculos cristais de rutilo que se formam dentro da gema, criando um efeito visual espetacular. Esse cristal pode ser encontrado em diversas formas, incluindo: geodos, prismáticos alongados, com faces bem definidas e terminação pontiagudos em pequenos fragmentos que foram formados naturalmente.

São denominados cachos-de-coco os cristais que aparecem agrupados sobre uma superfície plana. Podem ter o desenho de drusa — com várias pontas de cristal que compartilham a mesma base, cada qual com sua peculiaridade, pois não há uma ponta igual a outra — ou de geodo, que consiste numa rocha vagamente esférica, dentro da qual uma massa de cristal está isolada. O tamanho de um geodo varia bastante, podendo caber na palma da mão humana ou ultrapassar uma tonelada. Há também os satélites, sendo mais comuns, a “pretinha (turmalina negra); feijão (jaspe negro); ferragem (rutilo); ôvo de pombo (quartzo rolado) lacre, fava, sericória e azulinha” (Ribeiro, 1959, p. 140).

E, por essa razão, o estado de Goiás em seu sertão abrigava – como ainda abriga – esses e tantos outros tipos de cristais, refletindo em suas profundidades e superfícies as riquezas que fluíam como rios de luz, tornando-o singular no vasto corpo da República brasileira. Nessa perspectiva, Mauro Borges recorda que:

> Quanto ao cristal, o Estado de Goiás é, inegàvelmente, o maior produtor nacional, com mais de 70% da produção global. Pode se tratar de minério de auto valor, sòmente, foi a METAGO entrando na produção e comercialização, disputando com grandes grupos: PANAMBRA, USABRA, etc. (Borges, 1965, p. 71).

Por esses tipos de cristais, o garimpo de cristal de rocha não se restringiu ao norte goiano, mas se agigantou por todo o estado e o Brasil, alcançando escalas internacionais. Lançou o território em disputas com empresas além-mar, sacudindo o “nortão goiano” e intensificando as explorações pelas veredas dos cristais dos varjões. Da mesma forma, as explorações humanas se entrelaçaram, para obter o cristal — até o mais simples, o de pouco

valor. Porém, pela arte das mãos humanas, ele se transfigurava, adquirindo uma valorização (in)esperada.

Outra observação ao cristal *in natura;* entre eles, encontravam-se alguns "bem conformados, de faces semi-lapidadas, cujas arestas facilitam esplendidamente o trabalho artífice [...] a lapidação faz nascer uma multidão das faces inclinadas em todos os sentidos e de tal sorte dispostas que um raio de luz é multiplicado abundantemente" (Ribeiro, 1959, p. 135). A luz e o novo formato do cristal são frutos do encontro entre a matéria bruta – o cristal e na mesma medida o diamante – e o labor paciente da formação feita pelas mãos dos faisqueiros, garimpeiros e compradores. Ou seja, dos anseios de todos que viviam das gemas no cristal de rocha.

O valor atribuído ao quartzo hialino dependia de avaliação técnica que determinava resistência, clareza, limpidez e possibilidade de uso nas indústrias óptica, cerâmica, eletrônica, siderúrgica e de ornamentos. Com lapidação do cristal "adquire melhor qualidade de beleza, embora perca de trinta a cinqüenta porcento do seu tamanho, isto em relação direita com a conformação que muito varia" (Ribeiro, 1959, p. 135). Assim, a valorização do quartzo não se valia apenas de seu estado bruto, mas também do seu potencial estético e funcional após os toques que resultavam em transformações técnicas, revelando a intersecção entre os seres humanos, trabalho-mercado e a natureza.

Qualquer forma, a "mina ou jazida de exploração" (Schumann, 1985, p. 51) logo se tornava um local com atividade econômica e cultural intensa. Foi assim, pela busca do minério, que a economia do sertão garimpeiro teve suas significações, com muita gente que acreditava que poderia "fabricar fortuna facilmente, como acontecia a muitos comerciantes inescrupulosos, [...] naquele formigueiro humano, onde sòmente havia uma lei — o dinheiro; onde sòmente predominava um instinto — a ambição, e onde somente havia um soberano — o cristal" (Brasiliense, 1960, p. 154).

Esse "formigueiro humano", que em poucas horas movimentava sacos e malas de dinheiro naqueles Gerais, ajudou a formar cidades garimpeiras nas quais "se aglomeram centenas de homens" (Ribeiro, 1959, p. 47), entre eles, mulheres, crianças, sertanejas e os sertanejos que "antes viviam no meio do mato, fazendo suas próprias leis" e viraram garimpeiros cheios ambição, intensificando ainda mais a submissão à lei do mais forte, da bala e do punhal. Grande número de cidades do antigo norte goiano, de acordo com "formou-se à custa de lágrimas de sangue" (Kotscho, 1984, p. 16).

As negociações das pedras aconteciam, bares e cabarés, nas passagens poeirentas, lamacentas e nas matas do sertão garimpeiro (Moreira Filho 2020), diretamente com os

garimpeiros nas catras, ou ainda nas praças e nas lojas de lapidação, onde o brilho ganhava a cena pelas mãos sofridas dos garimpeiros. Eram trocas que se estendiam pelas casas de compra e venda de cristais, mas, sobretudo, floresciam nas pensões e hotéis, lugares onde as promessas, esperanças e (des)ilsuçoes se traduziam em risos nervosos, lágrimas e apertos de mão que finalizavam com um aperto de mão forte ou alguma ação simbólica. Juarez Moreira Filho ressalta:

> Encontravam no povoado de Dueré, no hotel Cristal, vários compradores de cristal de rocha — os faisqueiros. Comprando o mineral de forma *in natura*, a um bom preço pagando, à vista, na bufunfa. O velho Thomas, mesmo naquele dia vendeu quase 100 quilos de lascas de cristal de rocha, de primeira. E saiu do hotel Cristal todo satisfeito, de expressão sorridente, com bolsos abarrotados de dinheiro (Moreira Filho, 2020, p. 74-75)

Cem quilos de lascas de cristal apresentavam, um garimpo em plena efervescência (Moreira Filho 2020). E nisso, poderíamos imaginar que dezenas, centenas de cristais eram retirados dos garimpos do antigo norte goiano. Nessa conjuntura, o cristal se erguia como soberano absoluto, senhor dos destinos, impulsionando negócios de lapidação, sonhos de riqueza e a promessa de um futuro cintilante que poucos alcançaram plenamente. O resultado não seria outro, como sinaliza Luís Sabóia Ribeiro:

> As grandes oficinas de lapidação estão em Amsterdã, Antuérpia, Paris, Londres e Nova York. No Rio de Janeiro e São Paulo as lapidações tomaram impulso com a chegada, na vigência da guerra, de operários foragidos dos Países Baixos. Mas está relativamente em atraso, o que é de lastimar (Ribeiro, 1959, p. 136)

Luís Sabóia Ribeiro (1959) se refere à Segunda Guerra Mundial, que sacudiu o mundo e fez com que muitos europeus pedissem asilo ou se refugiassem no Brasil, não apenas holandeses. Entre meados da década de 1930 e início da década de 1940, chegaram “os primeiros lapidários de diamantes, muito deles israelenses, intensificando essa migração com refugiados da II Guerra Mundial” (Rogério Júnior, 2022, p. 124). Nessa época, publicava-se e falava-se muito do cristal que “tanto tem auxiliado as industrias bélicas das Nações Unidas, indo diretamente das jazidas goianas para os Estados Unidos” (Folha de Goiaz, 1943, p. 1).

Não obstante, é essencial compreender que, nesse momento, desenvolveu a Metago intensa atividade na compra e venda de mica, rutilo, cristal, etc., “beneficiando êsses minérios e abastecendo o mercado nacional, e buscando ràpidamente a exportação” (Borges, 1965, p. 71). Mesmo com um triste e lamentável desenvolvimento tecnológico que existia no Brasil,

era difícil imaginar que essas mercadorias eram vendidas para serem trabalhadas no exterior, em um ciclo que espremia o potencial local e, na mesma medida, nacional.

Vale recordar que os países de primeiro mundo viam suas indústrias explorando minerais em prol de um avanço tecnológico, a recém-nascida e jovem República brasileira permanecia amarrada às raízes oligárquicas de seu passado colonial. Era um território dominado pela desigualdade, onde o subdesenvolvimento se entranhava nas tendências da nação e fazia do progresso um devaneio distante. Nessas terras brasileiras, sobretudo no sertão garimpeiro, o brilho das riquezas naturais contrastava com as sombras fortificadas das estruturas sociais arcaicas, mantendo o país refém de sua própria história.

Os negócios eram realizados com rapidez, significando que o ritmo das relações sociais e comerciais se transformava com a exploração do cristal de rocha. No mesmo dia em que chegava um avião com objetos para vender, era esvaziado e (re)carregado com cristais. Em certa ocasião "quando deu 12 horas em ponto [no] mesmo dia a chegada do Rio de Janeiro, o Alemão, já tinha minério e de excelente qualidade, ou seja, sem defeito como o diacho do ponto, da lâmina, da arreia e outros suficientes para encher o teco-teco" (Moreira Filho, 2020, p. 75).

Esses aviões, além de levar e trazer pessoas, transportavam sacos de dinheiro, ambições e sonhos que "varavam o espaço, cheios de homens e de dinheiro. Regressavam repletos de cristal" (Brasiliense, 1960, p. 20). E não se enganem era o "quartzo hialino. Sempre de excelente qualidade" (Moreira Filho, 2020, p. 30). Assim, o garimpo era uma via de mão dupla, um ir e vir de (des)ilusões num movimento em que poucos conseguiam fazer dessa realidade um meio de conquistar fortuna e governar não apenas a região geográfica, mas sim as pessoas e suas necessidades.

Foi nesse período, que "o coronel aviador Lysias Rodrigues e comitiva estiveram na região para construir os primeiros campos de pouso do Tocantins" (Silva, 2008, p. 83), dando os primeiros passos para a formação das linhas aéreas que estavam se desenhando sob a influência do cristal. Alguns anos depois, o pai da aviação tocantinense, Lysias Rodrigues, inaugurou os voos "num monomotor saindo de Campo Afonso, no Rio de Janeiro, com pouso Paranã, Porto Nacional, Tocantínia, no Pedro Afonso, Carolina, Marabá e Belém, fazendo a viagem retornando e abrindo a Rota Aérea Rio-Belém" (Silva, 2008, p. 83). A esse respeito, em 1943, era dado início às "linhas áreas [n]a região do rio Tocantins e Belém do Pará" (Moreira Filho, 2020, p. 144).

E não faltou gente interessada em investir nesse segmento. Pessoas entravam no ritmo quente dos acontecimentos e aproveitavam o momento de seu império econômico, construído

pelas veredas dos cristais, para fazer o seu nome, o advogado e faisqueiro Otoniel Bastos que, "empolgado com a fartura de cristal, custeou a construção do campo de pouso" (Júnior, 2010, p. 30) e relata que surgiu "uma empresa aérea que deu início a uma rota quinzenal de Belém a Carolina, trazendo mercadorias e passageiros, resumindo o tempo que se gastava anteriormente" (Júnior, 2010, p. 30).

A partir da extração de cristal, o comércio de medicamentos, cereais e outros produtos da região se intensificou em um ritmo crescente, envolvendo as trocas e os laços entre terras antes bastante distantes. Com o passar dos anos, esse tráfego aéreo, moldado pelo ímpeto pioneiro e pela ambição de desbravar novos horizontes, veio para "contribuir enormemente para a integração nacional entre as regiões Centro-Oeste e Norte do país" (Silva, 2008, p. 83).

A vastidão do céu desses Gerais, antes pouco utilizada, tornou-se ponte de encontros e desenvolvimento, costurando nações, sonhos, ambições, (des)ilusões, formando uma imensa tapeçaria vívida de identidades. Esses novos acontecimentos simbolizavam mais do que comercializações mercadorias; carregava esperanças, histórias e a promessa de um país que poderia proporcionar riqueza e oportunidades.

Ao mesmo tempo, o tráfego terrestre reivindicava melhorias, já que havia "falta de estradas que dessem acesso aos garimpos de cristal de Dueré" (Moreira Filho, 2020, p. 144-145). As notícias que corriam não eram apenas sobre os cristais, mas também sobre outras demandas que poderiam transformar a região, falava-se de uma "estrada de chão aberta por [Bernardo] Sayão, ligando Anápolis a Ceres" e sobre o fato de que "os donos de catras e comerciantes reunidos mandaram abrir picadão entre Piaus e daí em direção a Anápolis" (Silva, 2008, p. 85). A abertura de estradas era urgente para viabilizar o negócio de transporte de cristal. Desse modo, destaca Otávio Barros da Silva que o garimpeiro Joaquim Maracaípe, por exemplo:

> [...] investiu seu capital numa empresa transportadora de cristal. Adquiriu um caminhão para o transporte do cristal e passageiros, com o destino Anápolis. Com a decadência do cristal Maracaípe mandou abrir um picadão entre Pium-Cristalândia-Araguacema e Pium-Miracema-Porto Nacional e fazia linha regular com seus caminhões (mistos) para transporte de passageiros e cargas (Silva, 2008, p. 85).

As aberturas de estradas demandavam toda uma logística, ferramentas, carros, mão de obra e tempo. Nada disso era barato; custavam, no dizer popular do sertanejo dentro do garimpo, "os olhos da cara e a alma da mãe". Nesse sentido, os sujeitos que faziam essas estradas poderiam representar os seus jogos de poder, sinalizando que quem mandava fazer estradas eram os novos filhos do garimpo, aqueles que pela labuta árdua conseguiram fazer

fortuna, desenvolver-se na política, ou seja, fazer seus novos impérios a partir do que o garimpo lhes proporcionou, agraciando poucos entre centenas de miseráveis.

No período da extração de cristal a "rodovia Belém-Brasília, era apenas um sonho" (Moreira Filho, 2020, p. 145) que se tornou realidade "somente no final da era JK, conhecida como os anos dourados" (Moreira Filho, 2020, p. 154). De maneira audaciosa, a rodovia ia "cortando todo aquele grande estado no meio, ligando a nova Capital Federal a Belém do Pará" (Júnior, 2010, p. 191). A construção representou o avanço da infraestrutura e a integração de regiões distantes e desconhecidas, consolidando um projeto de ocupação e exploração econômica do interior – sertão – do Brasil.

Outro exemplo apresentado por quem ganhou muito dinheiro no ramo de transporte foi o garimpeiro e motorista Tibúcio, que "tá pôdre de rico. Não largou ainda de chofrear porque nasceu os dentes em cima do volante, dentro do caminhão com a benta pregada no cheiro de gasolina" (Brasiliense, 1960, p. 15). Foi com o transporte e com a entrada "no negócio do garimpo com o pé direito" que ele comprou "casa em Anápolis e tem dinheiro no banco. Tem ainda duas mulheres por conta", além de construir sua riqueza, "dando facada de vez quando nos companheiros" (Brasiliense, 1960, p. 15).

Conta-se que Tibúcio não tinha "dó de ninguém, é danado de isperto. Parece qui tem parte com o cão. Carrega passageiro e compra cristal, vende tem no câmbio negro, faz breganha, passa a perna nos outros, pinta o caneco! Dis-que êle é até pagão!" (Brasiliense, 1960, p. 15-16). Tibúcio era esperto porque, na sua vivência garimpeira, entendeu a estrutura garimpo; trapaceava como a maioria daqueles que apareciam por aqueles varjões. Ele se tornou personagem do imaginário popular porque ao enriquecimento dele, um sujeito não batizado, foi associado a um pacto com o diabo.

No auge da exploração de cristal, o garimpo estava "pegando fogo, como dizia a garimpeirama, com dinheiro correndo solto de mão em mão. A notícia espalhando cada dia mais" (Moreira Filho, 2020, p. 78). O comércio do minério se expandiu e "o dinheiro começou a entrar satisfatoriamente. Todos os dias os garimpeiros [....] traziam cristais para vender" (Júnior, 2010, p. 32). Compradores de cristal, principalmente os faisqueiros, providenciavam o "ensacamento do cristal de rocha e o transporte, nos jegues da molecada, lá pra pista de pouso" (Moreira Filho, 2020, p. 75). Os garimpeiros já estavam tão espertos que, lembra Assis Júnior:

> [...] muitos até sabiam que se esperassem a chegada do Exportador poderiam vendê-los por um preço melhor, mas como geralmente estavam sem dinheiro e doidos para tomar uma cachaça, cediam mais barato aos sócios que iam acumulando as pedras

> em seus barrancos durante aqueles [...] dias em que o Exportador se ausentava (Assis Júnior, 2010, p. 32).

No borbulhar do garimpo de cristal “o dinheiro corria feito água descendo da copa dos morros” (Moreira Filho, 2020, p. 97) e o cristal de rocha ia chegando “aos montes, transportado nos ombros dos garimpeiros, em cargas de jegues ou carros de bois” (Moreira Filho, 2020, p. 74), atraindo cada vez mais gente, cerca de “5 mil homens espalhados pelos manchões. Parecia um formigueiro. E chegando mais” (Moreira Filho, 2020, p. 78).

Para se ter um pouco de compreensão realidade que era e foi o garimpo, Tonini comenta que, “no auge do garimpo do Chiqueirão, que produzia cristais, cujo valor era de dez a quinze milhões de liras [...] o número de escavadores atingiu os dez mil, sem contar com os compradores, os comerciantes e todos aqueles que supriam o lugar de gêneros alimentícios” (1959, p. 81-82).

No que diz respeito à venda do cristal de forma nacional, Mauro Borges recorda que a Metago cumpriu um papel essencial. Nas palavras do próprio político, podemos compreender sua importância, pois, “dêste modo, quando havia alta no mercado, a METAGO não aumentava a sua margem de lucro, simplesmente aumentava o preço para o garimpeiro. A sua margem de lucro permanencia a mesma” (Borges, 1965, p. 71). Não apenas a margem de lucro, mas a miséria também permanência.

Mesmo com todas essas situações na região do sertão garimpeiro, podemos compreender, por meio da reflexão de Sales, que “os homens [, mulheres, idosos e crianças] chegavam roçando um pedaço do terreno” (1986, p. 61) e, como loucos, iam demarcando os lugares onde cavariam, arriscando suas vidas pelas barrancas das catras cristalíferas.

O trabalho era árduo, a fome, impaciente, mas o dinheiro nunca era suficiente para matá-la. E, que às vezes “valia a pena tamanha fadiga para extrair tantos cristais. Aqueles que estavam sob o solo, às vezes valiam milhões” (Tonini, 1959, p. 84). E assim, entre o cansaço e a esperança, o sertão se tornou um cenário de luta quase incansável.

O anúncio de compra de cristal reverberou “através de amplificador do bar Cristal, [chegavam] anúncios de que [os compradores] se encontravam no povoado de Dueré, no hotel” (Moreira Filho, 2020, p. 75), vindos de todas as partes do Brasil e do mundo, dos lugares mais remotos que se possa imaginar. Essas vozes ecoavam nos quatro quantos da cidade como um chamado universal feito de cristais, diamantes e ouros.

Para os garimpeiros pobres e empobrecidos, esse chamado era um fio de esperança, a promessa de que poderiam negociar os minerais encontrados em suas jornadas e, talvez, alcançar um alívio financeiro, melhorar suas condições de vida ou ao menos saldar as dívidas

que pesavam em seus ombros. A exploração econômica do cristal ecoava nas canções, entrelaçada à poeira e as lamas dos dias, narrada em versos que atravessaram as vozes e o tempo, transformando a luta e o suor em memórias cantadas em versos, como este:

> O cristal de rocha vai para o Rio
> Com um alto imposto cobrado
> A dívida fica para o garimpeiro
> O lucro no rabo dos ricos safados
> (Moreira Filho, 2020, p. 97).

Durante esse período, o Rio de Janeiro brilhava como capital federal, ostentando uma representatividade simbólica que o firmava entre as maiores metrópoles do país. No entanto os "grandes centros, como Salvador, Recife, João Pessoa, [...] e outros lugares" (Moreira Filho, 2020, p. 32) também despertavam sonhos e seduziam com promessas de vida efervescente. As cidades reluziam em um mosaico de ritmos e vozes, atraindo aqueles que buscavam experimentar a intensidade de um tempo que parecia sussurrar promessas de liberdade e aventura que o cristal de rocha poderia lhes proporcionar.

Importa lembrar que "o negócio com o cristal preocupa muito. São pedras preciosas. Vendê-las falsas não é considerado desonestidade e, sim, esperteza. E o trouxa que as compra amarga o prejuízo em silêncio, para que não se espalhe a fama de sua burrice" (Castro, 1949, p. 228). Em muitas ocasiões, eram realizadas compras e vendas por charlatões que apareciam no garimpo.

Obviamente que o lucro da venda do cristal ficava sempre nas mãos daqueles que entendiam a dinâmica da exploração econômica do garimpo e adotavam uma série de estratagemas. Empresários e faisqueiros "navegavam pelos manchões de pedregulhos e piçarras[75], à cata de pedras de cristal de rocha, a preço de banana" (Moreira Filho, 2020, p. 97) para serem (re)vendidos a preços significativos ao mercado financeiro da época.

Esses sujeitos dominavam os códigos econômicos e compreendiam os circuitos comerciais do sertão. Em muitos casos, impunham regras que desvalorizavam os esforços braçais dos garimpeiros, perpetuando um sistema de exploração no qual poucos lucravam com

[75]A piçarra, neste sertão, pode ser compreendida como o resto bruto arrancado da catra ou do barranco, sem cristal. Mas também pode ser "um arenito vermelho-pardacento com estratificação [...], formando um grande lençol, mais ou menos profundo, limitando em profundidade as escavações garimpeiras, pois é pavimento em que se assenta o cascalho por toda parte onde existe" (Ribeiro, 1959, p. 96). Nos centros e nos leitos dos rios e riachos, onde a água faz o rebojo e repousam as piçarras, pode estar escondido o brilho do sonho — o diamante que um dia, quem sabe, será revelado quando essa terra for cuidadosamente bateada.

o suor de muitos. Esse processo consolidava profundas desigualdades sociais no coração do sertão garimpeiro.

Esses exploradores não mediam esforços para alcançar o que lhes daria lucro, mesmo que para isso fosse necessário vasculhar cada canto do vasto sertão garimpeiro. A busca pelo minério foi uma batalha árdua, uma prova de resistência que moldava a vida dos garimpeiros, pois “quanto mais tem, mais quer”.

O trabalho se iniciava no escuro e, em Dueré, os primeiros sinais de movimento surgiam antes do amanhecer, dado que, “as primeiras movimentações de pessoas dentro da madrugada. [...] alguns candeeiros de azeite de mamona fumegando, espalhando um cheiro forte de fuligem. E lamparinas, tocadas a querosene ou a óleo de mamona, clareando choças pelo vilarejo” (Moreira Filho, 2020, p. 254).

A luz da lamparina dava fôlego e brilho aos olhos dos garimpeiros, misturando-se à fumaça e à esperança nas madrugadas, enquanto a vida seguia em lampejos resistentes teimosos, entre poeiras e trilhas lamacentas; cada vereda fascinava as almas vivas movidas pela cobiça que por gestos amiúde que buscavam dia a pós dia, um pouco mais de dignidade, mesmo em meio ao frio, à fadiga e ao calor abafado das madrugadas do sertão garimpeiro.

Enquanto uns atravessavam a escuridão rumo ao trabalho nos monchões, ouvindo “os galos cantando, sem intervalo dentro da madrugada” (Moreira Filho, 2020, p. 246), não obstante, outros “vinham chegando para a corrutela mode vender as pedras garimpadas ou renovas as provisões” (Élis, 1978, p. 67). Nesses movimentos os garimpeiros giravam “no meio de redemoinhos de aventuras, bravuras e muita ganância pelo veio do quartzo hialino” (Moreira Filho, 2020, p. 107).

O sol ainda engatinhava por detrás dos morros, em cima das copas das árvores, muitos atravessavam em passos apressados a lama e a poeira fina do chão do sertão, as quitandas, as biroscas e os bares da cidadela se cochichavam os preços das últimas encomendas e achados dos cristais. Cada rosto queimado pelo sol guardava marcas de noites mal dormidas, horas de fome e esperanças sempre adiantadas pelo brilho incerto do quartzo.

O entra e sai de pessoas pelos barrancos, entre as crateras e os cascalhos dos ermos sertanejos, compunha uma imensa dialética e profunda coreografia humana, da sobrevivência, marcadas de sentimentos variados, de lágrimas, risos, misticidade, cansaço e sobretudo coragem. Deste modo, entre esse grande quadro espacial, histórico, social, econômico e cultural, ia-se traçando, dia após dia, o cotidiano dos garimpos de cristais, diamantes e ouros no norte de Goiás

3.4 Vida e trabalho negociados no garimpo de muitas escavações

Eram diversas as atividades desenvolvidas no sertão garimpeiro, como por exemplo, a do "Zé Solado, que, nas horas vagas consertava as sofridas botas dos garimpeiros e tornava-se indispensável, devido a grande procura ao seu barraco pelo grande desgaste constante de calçados naquele terreno pedregoso" (Júnior, 2010, p. 18). Houve caso de sertanejo deixar "a vida de pescador para ser um homem de negócios, um grande comerciante" (Júnior, 2010, p. 15) na compra e venda de cristal e possivelmente na mesma medida fazer negociatas, como por exemplo envolvendo terras e gados.

Dia e noite "banhada pelo clarão de um lugar, que começava a se espalhar com intensidade por toda aquela região cristaleira" (Moreira Filho, 2020, p. 171), o garimpo não parava. Enquanto alguns viviam se divertindo, esbarrando em dinheiro e no batuque dos bares, outros trabalhavam feito doidos em crateras "esparramadas pelos garimpos [...] eram perigosas e com uma quase em cima da outra" (Moreira Filho, 2020, p. 123). As pessoas andavam no "sobe e desce dos barrancos em torno das crateras do garimpo" (Moreira Filho, 2020, p. 176).

As escavações eram contínuas e faziam um "convergir maior ou menor cota de trabalhadores, de acordo com as possibilidades de mineração para este ou aquêle ponto, exercendo sobre tanta gente uma atração irresistível, a que se chama de influência, quase sempre de efêmera duração" (Ribeiro, 1959, p. 48). O delírio de garimpeiros e faisqueiros era um "bamburrar, isto é: se encher de gaita, topar uma cata cheia das pedras" (Castro, 1949, p. 229). De acordo com Morse (1968), bambúrrio era o nome dado pelos garimpeiros ao achado de pedras precisas de bom tamanho.

Os que bamburravam aproveitavam a vida ou faziam investimentos dentro do próprio garimpo. Alguns, "passavam a comprar as catas dos blefados, os que não conseguiam recuperar os investimentos feitos" (Kotscho, 1984, p. 18-19) e retornavam para suas regiões de onde surgiam; outros tantos permaneciam nas redondezas do garimpo, buscando outras atividades para sobreviver.

E aqueles que compravam as catas dos blefados na sorte achavam cristais aumentando sua riqueza; outros não achavam nada e retornavam à pobreza absoluta. Outros compravam fazendas, investiam no tráfego terrestre, aéreo e aquático no sertão garimpeiro e, na consequência desses investimentos bem realizados, muitos se tornavam as novas castas brasileiras.

As catras eram estreitas, largas e profundas, entrando na terra por vários metros; eram buracos enormes e muitos chegavam a fazer delas suas casinhas. Uma realidade que quase não mudara à época em que Bernardo Guimarães escreveu *O garimpeiro*, nesse momento ele também representou a situação das moradias dos garimpeiros em meio ao garimpo. Segundo o autor, "no meio dos destroços da floresta viam-se dispersas em desordem as frágeis e provisórias habitações dos garimpos" (Guimarães, 1951, p. 44).

Décadas depois, quase nada mudou, e dentro da cisterna, "era a escuridão, inclusive durante o dia. Nas cisternas, até durante à noite, garimpeiros trabalhavam. Assim, para solucionar o problema da escuridão, recorriam, a princípio, a candeeiros produzidos, de barro, por eles mesmos e abastecidos com querosene" (Rogério Júnior, 2022, p. 153). E na condição dos garimpeiros nos Gerais cristalíferos do antigo norte goiano era muito mais intensa. Sobre isso, Quinto Tonini comenta:

> A vida dos pobres escavadores é horrível. Passam meses enterrados em ceras lamas que provocam calafrios. Na época de chuvas, alguns morrem soterrados pelos desmoronamentos. Aqueles que conseguem sobreviver dificilmente escapam dos reumatismos, verminoses, malárias, sífilis (Tonini, 1949, p. 81).

Naquela situação delicada de saúde e insegurança, muitos garimpeiros viam-se obrigados a residir dentro das cisternas por dias, semanas, meses e até anos. Enfrentavam o calor ardente do sol tórrido e o açoite da chuva que perlustrava por horas a fio, enquanto se deixavam consumir pela labuta intensa do garimpo; seus corpos dobrados de cansaço iam adormecendo no breu da longa noite. Essa escuridão que "vem chegando e com diluído e amarelar da barra do céu, pia o chororó, a seriema descanta [...], a perdiz pia dolente, [...] e aparece a ema soprando na boca do surrão" (Bernardes, 2005, p. 126-127).

Os dias se sucediam em um ciclo imutável do sertão, onde a esperança e o desespero se entrelaçaram com velhos males conhecidos, e o corpo e a alma, apesar de exaustos, encontravam consolo nas poucas belezas que a terra árida concedia dentro daqueles Gerais de sonhos. E nesse período para compreendermos melhor a exploração de diamantes, cristais, é importante destacar as palavras de Herberto Sales:

> [...] a exploração dos garimpos se processava na luta de lances repetidos, as esperanças dos homens criando um código e elaborando um calendário. Durante as chuvas, que se prolongavam, com intervalos variáveis, de princípio de novembro a fins de março, os garimpeiros eram obrigados a suspender todos os cateamentos. Vinha a cheia de Santa Luzia, batiam em retirada para os cascalhos que eram trabalhados com aproveitamento das águas nos regos e nas corredeiras (Sales, 1986, p. 11)

Na garimpagem havia trabalhadores contratados por diária, que recebiam pagamento ao final do expediente de cada dia, mas muitos não trabalhavam de maneira séria; alguns ficavam o dia inteiro sem fazer nada e "não levantavam uma palha! Só gastos com ranchos pra comerem e enormes diárias" (Moreira Filho, 2020, p. 155). Essa ausência de empenho deixava raivosos os mais esforçados, que vinham e viam no garimpo uma chance de sobrevivência. Entre as (d)esperanças, o cristal de rocha seguia sendo o fio tênue que unia e dividia os destinos daqueles sujeitos.

Esses eram conhecidos como "falsos garimpeiros, [...] vagabundos do pé-rachado, que passeavam pelos manchões, em volta das crateras, de cara pra cima, sem fazer nada" (Moreira Filho, 2020, p. 155-56) e, ao final do dia, "rolavam pelo chão, com suas roupas remendadas nos fundos, com restos de panos. Sujavam-nas com terra vermelha do garimpo pra valer [...]. Diária estava ganha. O dinheiro da branquinha, do sumo-da-cana-caiana estava no bolso" (Moreira Filho, 2020, p. 156) e o prejuízo ficava para quem os contratava.

Outro sistema de trabalho era o de meia-praça: o garimpeiro recebia provisões de outra pessoa e ganhava dela uma comissão sobre os achados no terreno que explorava, mas que não era seu. Era muito difícil, para o "garimpeiro independente, manter-se por conta própria" (Rogério Júnior, 2022, p. 132). Assim, a liberdade almejada se tornava miragem próxima e distante, enquanto a realidade era tecida por incertezas e o eterno retorno à dependência.

Ricardo Kotscho, no livro *Serra Pelada: uma ferida aberta na selva*, explica que os meias-praças do garimpo "têm o direito de 1 a 5% do que for apurado [...] no barranco e, quando isso não acontece, trabalham em troca de comida fornecida pelo dono-da-cata" (1984, p. 19). Essa categoria de trabalhador "tem rêde e saco (casa e comida) fornecidos pelo dono do garimpo, mas obriga-se a dar-lhe metade do produto do seu trabalho" (Morse, 1968, p. 59). Tal realidade exploratória era crua e implacável, donde o suor, lágrimas e sangue se misturam aos barrancos, pedregulhos, aos cristais, esmeraldas e diamantes, perpetuando um ciclo em que a esperança reluzia enquanto a dignidade de sujeitos sobre sujeitos se esvaía a cada dia naquele lugar.

Dessa maneira, "os mais abastados contratavam dez, vinte ou mais homens para as escavações. Pagavam-lhes todas as despesas; depois o apurado com a venda do cristal era dividido segundo as convenções pré-estabelecidas" (Tonini, 1959, p. 81). Assim, as explorações eram impulsionadas muitas vezes por um pacto silencioso entre os faisqueiros, donos de barrancos — os patrões — e os garimpeiros. Explorações repletas de promessas e recompensas em meio à vida áspera do sertão garimpeiro.

O jornal *Folha de Goiaz* informava que “no garimpo existem as seguintes categorias de indivíduos: o comprador ou capangueiro, o faiscador, o patrão ou o sócio do garimpo, e o meia-praça, trabalhador manual” (1946, p. 3), mas não descartamos outras categorias dentro dos Gerais garimpeiros. Quanto ao faiscador ou faisqueiro, Rogério Júnior, destaca que ele também:

> [...] exercia a função de fornecedor, ou seja, dava assistência a garimpeiros, especialmente imigrantes, desenvolvendo a relação de trabalho denominada meia-praça, pois em troca do fornecimento semanal de alimentos, denominado saco, a produção de diamantes era dividida em duas metades: uma para a dupla de sócios e a outra, para o fornecedor. A relação de meia-praça entre garimpeiros e fornecedores tornou-se central na exploração [...] além da assistência de alimentos e ferramentas de trabalho (Rogério Júnior, 2022, p. 130)

Existiam ainda os “gatos, gatos garimpeiros ou gatos do garimpo” que saíam pelas cidades e vilas dos sertões dos Brasis a contratar pessoas para trabalhar no sertão em outras atividades ligadas ao campo, como nas fazendas e principalmente no garimpo. Eles financiavam ou vendiam tudo para as pessoas contratadas: ferramentas, roupas de garimpeiro e comida — era o saco, “termo garimpeiro que significa os mantimentos necessários para o passadio de uma semana” (Morse, 1968, p. 57). E nessa questão exploratória e salarial, Eduardo Henrique Souza Filho assevera que era:

> [...] fornecido em espécie — sal, querosene, mantimento, remédio e outras mercadorias que os patrões anotavam nas contas pelo preço que bem queriam. Era verdadeira subestimação do homem. Um camarada jamais liquidaria sua conta, que ia sempre crescendo. Para deixar o patrão teria de procurar outro que lhe pagasse a conta. E a sinfonia começava de novo (Souza Filho, 1980, p. 37-38).

Essas práticas, que envolviam a escravidão moderna, não tinha fim, era um círculo vicioso que beneficiava apenas aquele que tinha mais dinheiro e poder. Aquele miserável e sofredor trabalhador saía de uma mão para cair nas guarras de outra; parecia mais uma cadeia e um poço sem fim. O financiador, na meia- praça, acabava “fazendo o saco da semana, ou seja, comprando mantimentos como arroz, feijão, farinha, rapadura e outros” (Moreira Filho, 2020, p. 118). Tudo era anotado no que se chamava “caderno do devedor” para que fosse cobrado no momento certo, pois nada ali era de graça, como ressalta Teodório Rogério Júnior:

> Os fornecedores assistiam o garimpeiro e sua família, fornecendo alimento semanalmente, o saco, bem como ferramentas necessárias para a garimpagem: enxada, picareta, peneiras, [...]. Em troca, o fornecedor teria direito a 50% da produção dos garimpeiros fornecidos, após o desconto, quando havia, dos 10% do proprietário de terra, onde se localizava a “mancha” [catra, barranco]. O contrato era apenas verbal, com duração de uma semana. Assim, toda semana dever-se-ia fazer

> um novo contrato com o mesmo fornecedor, com outro “saco” (Rogério Júnior, 2022, p. 132).

Os itens entregues eram descontados do trabalhador, muitas vezes com sobrepreço, fazendo com que o ganho do garimpeiro se reduzisse a quase nada, ou pior, aumentasse sua dívida com o fornecedor. Em certas situações extremas, o fornecedor tomava tudo do garimpeiro que não conseguisse saldar sua dívida, absolutamente “tudo de um garimpeiro que não lhe pagou, deixando o homem apenas com a roupa do corpo” (Júnior, 2010, p. 23) nessa vereda da exploração impiedosa, onde o cristal brilhava mais para uns e desaparecia nas mãos de outros, sob o peso implacável da ganância. Além de mantimentos, o garimpeiro precisava de ajuda do patrão para o defender, conforme Rogério Júnior:

> [...] de possíveis querelas no garimpo, que surgiam com frequência [...] ser um garimpeiro independente, também, significava ser vulnerável, sem ninguém que lhe defendesse. E ter bom patrão, significava ter segurança, pois ele era patrão até debaixo d’água e tomava a paternidade de seus garimpeiros. Quer dizer, o pacto celebrado verbalmente ia além do espaço de trabalho (Rogério Júnior, 2022, p. 132-133).

O acordo feito entre as partes, de alguma maneira, protegia o garimpeiro, e “geralmente, garimpeiros e fornecedores eram intermediados por uma relação de confiança mútua” (Rogério Júnior, 2022, p. 134). O chefe se tornava o defensor do trabalhador por ele contratado para impedir que a catra fosse usurpada, que outros sujeitos lhe dessem calote ou até mesmo livrá-lo de confusões que poderiam levá-lo à morte, porque os “conflitos entre garimpeiros nos manchões eram resolvidos ou estendidos a seus patrões. Era comum os chefes dos garimpeiros fazerem-se de polícia, substituindo, em muitos casos, o papel do Estado” (Rogério Júnior, 2022, p. 133).

Muitos homens, mulheres, idosos e até mesmo as crianças dentro da vida garimpeira “aprenderam logo que negociar para aqueles significava muito mais que uma troca de presentes como uma prova de amizade mútua” (Medeiros, 2012, p. 121) em outros casos muitos diziam abertamente os seguintes adágios populares: “amigos, amigos, negócios à parte”, “em negócios, não há amigos, só interesses” e “negócios entre amigos só com contrato assinado”.

No caso de proteção – multa entre os amigos –, se sustentava enquanto o garimpeiro trazia lucros ao chefe e a aliança entre eles se mantinha sólida até o instante em que essa vantagem minguava — pelo fim da busca do cristal, por algum conflito que poderia existir entre os sujeitos —, encerrando a união. Se antes havia camaradagem na amizade, ela agora

se torna desconfiança, e o garimpeiro outrora aliado, virava ameaça. A amizade se desfazia como uma fumaça de um fumo-porronca solta pelo vento.

Era um pacto frágil, submisso à vereda inconstante da gema requerida e ao jogo do poder, onde os gestos de amizade apenas emolduravam interesses efêmeros. A proteção durava enquanto o garimpeiro dava lucro para o chefe, se o barranco deixasse de dar lucro a aliança entre os dois era finalizada, em certas ocasiões, a aliança se estendia por jogos e outras esferas econômicas no sertão garimpeiro, perdurando por toda a vida.

Na ocasião em que "não estando o garimpeiro ou o patrão satisfeito com a relação de meia-praça, poderia haver o rompimento às claras da parceria" (Rogério Júnior, 2022, p. 133). Os destinos dos envolvidos se entrelaçaram no jogo de poder duradouro da exploração. E nessa realidade, os garimpeiros que buscavam riquezas, trabalhando nas fazendas dos grandes coronéis do norte goiano, muitas vezes se viam impossibilitados de quitar suas dívidas. Tinham muitas vezes que fugir para não serem mortos por jagunços ou pistoleiros a serviço dos fazendeiros.

Fato era que a aventura exploratória do cristal "fascinou o fazendeiro, que sentia no sangue o grito atávico. Obstaculizava-o a ignorância dos processos usuais do garimpeiro" (Ribeiro, 1959, p. 37). A busca incessante por riqueza e poder se tornou uma sina, alimentada pela ignorância e pelo desejo insaciável daqueles que já tinham poder, querendo mais, no custe o que custar, cegando os homens para os sacrifícios e violências que se entrelaçavam na trama daquela época.

O coronel permitia que a retirada do cristal fosse feita apenas pelos indivíduos por ele autorizados, mas a venda do minério deveria ser na maioria das vezes feita exclusivamente para ele ou para alguém de sua confiança. Os garimpeiros também deveriam abater "vinte porcento [que] era a parte do dono da serra" (Sales, 1986, p. 27). Em outros casos, exigia-se até 25% da venda para o dono da fazenda. Só que nem sempre o lucro brotava facilmente das terras dos coronéis.

Na mesma toada "os fazendeiros pensaram que garimpar é o mesmo que plantar milho, quiseram colher o que não tinham plantado, e quase todos vão dando com suas fortunas em vaza-barris" (Guimarães, 1951, p. 77). Essas medidas dentro de realidades garimpeiras distintas não se diferenciava das do sertão garimpeiro. Muitos viam que os cristais exigiam uma imensa luta para pouco retorno.

Era comum, nas vastas áreas de garimpo de cristal, surgir um grileiro que cobrava "porcentagem, alegando que aquela terra pertencia a ele" (Júnior, 2010, p. 20). Nessas situações, os garimpeiros eram obrigados a pagar essa dívida inventada, sendo, muitas vezes,

arrastados para perseguições e confusões sangrentas, nas quais a violência se impunha como única resposta ao jogo de poder de dominação e explorações.

Havia aquele sujeito, conhecido em algumas regiões, como “o escoteiro, [...] aquêle que garimpa sozinho, sem mulher nem filhos” (Morse, 1968, p. 66), carregando apenas uma ferramenta no ombro, e o garimpeiro que se juntava a grupos. Eles rasgavam os sertões debaixo de sol e chuva, de noite e de dia, adentrando garimpos Brasil afora, principalmente os de Goiás, procurando loucamente o cristal e, no dizer dos sertanejos, “buscando aquilo que nunca guardou na terra”. Nessas andanças garimpeiras, muitos subiam “a serra com um esmoler, com um pedaço de rapadura e um punhado de farinha” (Sales, 1986, p. 84).

Nesse cenário em que a realidade do garimpo se revelava dolorosa, em que “os homens [e mulheres] do garimpo manejavam, no esmo do solo do cascalho duro, os instrumentos de trabalho, à cata das pedras de cristal de rocha, da fortuna cravada no chão” (Moreira Filho, 2020, p. 89) áspero e duro, era onde a picareta fazia seu “choro bonito” com as faíscas que pulavam alto a cada golpe ritmado sobre as pequenas rochas através das mãos grosas e dedos tortos.

Em algumas regiões, os cristais estavam incrustados no solo árido e duro, enquanto outros — principalmente os diamantes — se deixavam descobrir junto às margens úmidas, onde o garimpeiro permanecia “à beira do córrego, lavando cascalho” (Brasiliense, 1960, p. 28), revelando diamantes e pedras de cristal em busca de um brilho que cintilava os olhos, almas e a vida de todos que tinham desejo de ter riqueza fácil pelas veredas das gemas.

O grande sertão garimpeiro do antigo norte goiano tinha cristal em abundância que atraía ambições, sonhos, e ele valia tanto dinheiro que o sertanejo-garimpeiro via, naquele minério “a única chance para ter uma melhora de vida” (Júnior, 2010, p. 17) em curto prazo, fazer fortuna fácil. O cristal acendia e brilhava fortemente o desejo de enricar e, paradoxalmente, enquanto alguns experimentavam a ascensão da riqueza, muitos outros sentiam o peso da miséria que se impunha com igual força. Não eram poucos os que, como foram para o “garimpo por absoluta falta de opção de sobrevivência” (Kotscho, 1984, p. 42), entregues a uma sorte incerta e ao sacrifício diário.

Em contrapartida, os abastados que tinham dinheiro antes e outros que fizeram fortuna durante a garimpagem, aqueles que comandavam a desigual exploração, lançaram-se em extravagâncias, comprovadas que atesta “gastos, que podem ir na casa dos milhões” (Ribeiro, 1959, p. 101), incluindo investimentos na compra de motores a diesel para cavar fundo a terra e drenar as águas das catras, em uma busca insaciável que transformava sonhos em terra e esperanças em poeira.

A fotografia 4 mostra algumas faces da exploração do cristal no sertão garimpeiro. O motor a diesel que aparece na imagem tinha duas funções: drenar a água da chuva ou dos olhos d'água que poderiam surgir ao longo da escavação da catra e cavar a terra com a força da água que jorrava de uma mangueira. A força humana terminava o serviço. Comprar uma máquina desse tipo era para quem tinha dinheiro, porque no sertão garimpeiro nada era barato.

O retrato correspondente à figura 4 parece traduzir as palavras de Amorim, em que "os garimpeiros são uma miragem, raros os felizes e há muita miséria, a vida muito cara, tudo vem de fora, todos pensam em achar diamantes" (1973, p. 140) e, na mesma medida, os cristais ou as gemas que lhes possibilitam riqueza.

Figura 4 – Fotografia que mostra a extração de minério da cidadã de Xambioá

Fonte: Arquivo pessoal de José Cândido

A imagem representa rostos marcados por pouca alegria, como quem carrega em seus corpos o peso das longas jornadas fatigantes. Nesse cenário de corpos, os "braços que apesar de magros demonstravam disposição" (Júnior, 2010, p. 123). O motor usado por esses garimpeiros simbolizava, "o esboço de industrialização em que um homem pode produzir por muitos, aliviando a tarefa do desmonte braçal" (Ribeiro, 1959, p. 101).

No canto esquerdo da fotografia, vê-se a figura imponente de um homem, o senhor João Cândido, que, com a arma na cintura, não apenas evidenciava a precaução ante os perigos iminentes do sertão garimpo, mas também projetava uma imagem de macheza, uma afirmação silenciosa e por vezes escancarada de poder e vigilância.

A imagem representa, no cenário garimpeiro, uma casa de adobe, abrigo temporário por dias, meses e até anos. Essa casa também era o local onde os garimpeiros se protegiam das chuvas implacáveis, das sombras noturnas e dos animais ferozes que espreitavam pelas veredas, e às vezes dos perigos que pairavam nas profundezas das veias do garimpo.

Contudo, esse refúgio humilde transcendera sua função de morada, tornando-se palco e espaço de jogos de poder, onde se desenrolaram complexas negociações e explorações humanas. Na simplicidade da casinha, os cristais eram cuidadosamente depositados e meticulosamente trabalhados — lapidados com devoção e precisão — até que essa mesma casa se convertesse em um reduto de vigilância constante. Essa casa não apenas abrigava os corpos cansados, mas se tornava o coração pulsante de ambições dos enriquecimentos fáceis, simbolizando as catras e a rotina exaustiva do trabalho.

Muitos reconheciam, que "garimpo é terra do cão, [...] garimpo é perigoso que nem capeta, que nem cobra enfezada" (Élis,1978, p. 88). No sertão garimpeiro, a atmosfera era de vigilância constante; além do revólver, a garrucha[76], "era como uma espécie de acessório indispensável, num garimpo perigoso daqueles, onde todo mundo usava um pau-de-fogo" (Moreira Filho, 2020, p. 81), o brilho do cristal seguia seduzindo as almas, mesmo quando tudo em volta cheirava perigo.

Os riscos eram tantos que o desejo por segurança se tornava quase uma obsessão, a ponto de que "um dos principais sonhos de um bamburrista do cristal de rocha, de Dueré ou de qualquer outro garimpo de pedras preciosas, era comprar uma dessas armas" (Moreira Filho, 2020, p. 112). No brilho de cada gema se encontrava uma promessa (in)certa, um pacto silencioso entre a ambição e o medo. A terra áspera, moldada por suor, lágrimas e pólvora, fazia do garimpo um palco onde se confrontavam coragem, esperança, medo e desespero.

O uso de armas brancas e de fogo era corriqueiro "em um território no qual a presença do Estado era a menor possível, tendo uma débil concentração da força física legítima" (Rogério Júnior, 2022, p. 133). No garimpo, o eco sombrio do ditado popular "com ferro feres e com ferro serás ferido" se impunha com a força de uma verdade inevitável. O sujeito que, em um instante, impunha morte, via-se, em outro, rendido ao mesmo destino. A vida se prendia a um fio afiado ou a um "besouro sem asas", oscilando entre a sobrevivência e a brutalidade.

[76] Garrucha, também conhecida como bucheira, pau-de-fogo, pau-de-ferro e berro, é uma arma caseira produzida por sertanejos e garimpeiros que viviam na região. Era feita com cano de ferro e cabo de madeira.

A exibição da arma na cintura pelo garimpeiro — o faisqueiro João Cândido, retratado na figura 4 — destacava-o dos demais, conferindo-lhe ser um dos donos do barranco, e na mesma proporção, dando-lhe um ar de autoridade e perigo "até por que dava status andar com um trabuco na cintura, além de impor mais respeito aos colegas de profissão, principalmente" (Moreira Filho, 2020, p. 112). O brilho do metal servia tanto de escudo quanto de símbolo, um certo tipo de amuleto que separava o sujeito comum do sujeito notável, permeado de poderes sociais.

Muitos garimpeiros nutriam a ambição de enriquecer para poder adquirir "a arma de fogo, que era comprada pelo olho da cara" (Moreira Filho, 2020, p. 81). Assim, alimentava-se o desejo silencioso de poder, de subjugação, mantido pelo fio cortante da violência. Na imagem, apenas quatro homens sorriem, e essa rara expressão de alegria se converte em um enigma, uma pista que convida à seguinte interpretação: talvez o sorriso denuncie a efemeridade de seus triunfos, ou quem sabe a ironia amarga de uma vida onde cada vitória tem seu preço. Ajudando-nos a entender melhor a interpretação da imagem dentro da realidade garimpeira, Luís Sabóia Ribeiro indica:

> O sorriso feliz daquele homem exausto é a doce ilusão, miragem que não se desfaz alimentado um ideal. Sonha... Uma pedra majestosa digna de uma rainha, brilha entre os dedos... Inerente quimera.... malfadada utopia e quem sabe? A realidade próxima, a fortuna que chegou no dia seguinte, numa coincidência afortunada há muito esperada (Ribeiro, 1959, p. 111).

Não apenas homens, mas também mulheres, crianças e idosos compunham o universo do garimpo no qual, os "companheiros de profissão [...] possuíam animadas palestras, calorosas gargalhadas" (Moreira Filho, 2020, p. 246), mesmo em meio às adversidades que atormentavam suas vidas. Seus desejos eram "poucas vezes tornados realidade, por que quase sempre se desfazem, com o cascalho nas ribas, em poeiras de ilusões" (Ribeiro, 1959, p. 111).E deste modo o garimpo ia se alimentando dos sonhos permeados de pesadelos em trabalho exaustivo.

A jornada era permeada por trilhas, veredas ásperas e reviravoltas inesperadas; "obstáculos imprevistos aparecem, forçando o garimpeiro a constantes adaptações e modificações para poder vencer as dificuldades" (Ribeiro, 1959, p. 100). Mesmo com o peso das dificuldades, esses indivíduos resistiam, moldando-se à dureza da vida e buscando, entre risos e desilusões, sustentar a esperança que os movia e unia em uma teimosa busca por algo maior, a riqueza fácil.

3.5 Barrancos e engenhocas rudimentares: os perigos nas catras

As crateras feitas para exploração do cristal, eram “esparramadas pelos garimpos, eram perigosas e com uma quase em cima da outra. É tanto, que muitos bêbados caíam dentro delas, tanto no breu da noite, como à luz do dia” (Moreira Filho, 2020, p. 123). Outras, no inverno, ficavam cheias de “águas fétidas, [...] onde a meninada, filha da garimpeirama, se banhava, todo santo dia, com chuva ou sob a luz do sol escaldante” (Moreira Filho, 2020, p. 245).

Os vastos buracos espalhados pelos ermos do sertão garimpeiro traziam consigo um perigo constante, ameaçando a vida e a integridade de tantos que por ali passavam. Entre esses estava João da Velha Noca, que, ao cair em uma catra de cristal, sofreu o infortúnio, o sujeito “teve a virilha perfurada por conta de pedras de cristal de rocha, as quais são afiadas e cortam como navalhas de barbeiro” (Moreira Filho, 2020, p. 123).

Sua virilidade foi arrancada, reduzida a nada, e não “valia mais que uma lasca de fumo, contavam abertamente, as raparigas dos garimpos de Dueré. Coitado, foi capado pelo cristal de rocha” (Moreira Filho, 2020, p. 124). A perda da virilidade de João da Velha Noca significava mais do que uma mutilação física; era a ruína simbólica e orgulho em um sertão onde o machismo e a masculinidade simbolizava poder.

Sem a marca da virilidade, João da Velha Noca se tornou ainda mais uma figura marginalizada, alvo de risos e comentários, vivendo como uma sombra entre os outros, lembrando a todos que a luta contra a terra poderia se transformar em pacto de macheza e virilidade; o sujeito, sem ela, morreria em silêncio e pena.

A situação se repetia, mas de forma ainda mais grave por causa do alcoolismo que tomava conta dos garimpeiros. De tempos em tempos um “desvalido garimpeiro bastante embriagado, morria afogado nas crateras mais fundas, sempre cheias d’água lamacenta. Mormente no período chuvoso, como fez o Zequinha de Dona Flor” e com “o bêbado João do Vale, [que] morreu afogado na cratera do Futrica” (Moreira Filho, 2020, p. 124).

As tragédias não se limitavam aos homens, a morte de “uma menina [que] caiu numa cisterna morrendo afogada e seus pais muito pobres, nem sequer podiam fazer o enterro” (Amorim,1973, p. 140). Tantos eram os acidentes trágicos que Zé do Carmo, personagem não escondia seu cansaço diante da dor: “– Tou acostumado com gente morta” (Brasiliense,1960, p. 102). Neste triste trópico, os desprovidos aprenderam a conviver com a morte, tantas vezes, sem sequer sentir o peso do remorso.

O sertão garimpeiro, era marcado por uma dura realidade diabólica e muitos faziam de tudo para manterem-se na sobrevivência, vivia de tragédia em tragédia. Como bem diz Brasiliense (1960), sempre havia uma morte a ser comentada, um novo corpo a ser enterrado na poeira e no silêncio da terra, como no caso relatado pelo autor:

> – Cadê aquele velho piauiense qui trabalhava pro Germano? Faz dia já que não vejo êle.
> – Morreu na semana passada. Não viu aquela rêde carregando por quatro cabra macho que ia fungando? O véio tava sêco, mas tinha ôsso pra daná (Brasiliense, 1960, p. 102).

Essas mortes no garimpo ficavam impregnadas na vivência de todas aquelas pessoas que ali viviam. O garimpo de cristal virou — e era — garimpo de sangue, de violência e morte. A esperança parecia ter sido engolida pela terra. Todos, naqueles brejos de terra arada, estavam entregues à sorte no lugar, no "rabo do mundo, [...] o fim do espinhaço do Brasil [...] nem gente pra acudir um cristão há" (Brasiliense, 1960, p. 89).

Aquele pedaço de terra, afastado de tudo, era um local onde os homens e mulheres eram abandonados — em certos períodos eleitorais lembrados — pelos poderes republicanos, "era a maldição de Pium" (Brasiliense, 1960, p. 158), mas também de Dueré, Xambioá, Cristalândia, Araguanã, Arapoema, Araguaína, Dois Irmãos, Filadélfia e outros tantos garimpos perdidos na vastidão do antigo norte goiano e nos rincões mais distantes do país. Esses locais, marcados pelo desamparo, tornavam-se símbolos de um Brasil pouco lembrado, mas na maioria absoluta das vezes escamoteado, onde todos esses males eram companheiros diários e a esperança, uma miragem distante.

A violência penetrava as veredas, os caminhos e os morros, espalhando-se, "naquela terra cascalhenta e grudenta" com a "brutalidade reinante nos garimpos" (Moreira Filho, 2020, p. 221-222) que se fazia presente em cada esquina, em cada olhar. As catras não eram apenas áreas de exploração de minério; eram, antes, espaços de tensão, onde as pessoas viviam com os nervos à flor da pele.

Assassinatos se tornavam parte da rotina nesses lugares hostis, pois, "muitos garimpeiros valentes [...] andavam pelo povoado com o tambor do revólver sempre cheio, com seis balas intactas" (Moreira Filho, 2020, p. 222) e punhais de lâminas afiadas e medonhos de grandes, prontos para tudo. Em um desses dias, ao caminhar pelas brenhas de Dueré, a senhora Donana, como narra Juarez Moreira Filho, teve sua vida entrelaçada com a violência do lugar, onde a morte parecia sempre à espreita:

> [...] ouviu um cabra gritar como louco, dos fundos de uma cratera. Ele estava todo esfaqueado e tartamudeava, com voz trêmula, esta triste alocução:
> Dos profundos abismos chamo a Vós,
> Senhor! Senhor, ouvi minha voz!
> Foram essas as derradeiras palavras da vítima, pois, mal acabou de pronunciá-las, caiu por cima de uma poça de sangue (Moreira Filho, 2020, p. 170).

As mortes viraram parte da rotina, quase uma tragédia anunciada. Como o de um assassino que atirou "pelas costas, de traição. O cumpadre era home qui não comia drumindo, mais não teve tempo nem de puxá a lambedeira pra soca na pança daquele disgrinxa" (Brasiliense, 1960, p. 30), exemplificando como a violência, muitas vezes traiçoeira, instalava-se no cotidiano.

Mortes e mais mortes por doenças, motivos torpes — traições entre patrões e sócios, provocações e invejas, pois, "há muita inveja dos felizardos que encontram as pedras" (Paternostro, 1945, p. 306) — tornavam-se corriqueiras naquele sertão garimpeiro, onde, "os garimpeiros transeuntes, [...] avistavam aquele líquido poroso, sumo quentinho, que rebrilhava, nos fundos de uma cratera de cristal de rocha" (Moreira Filho, 2020, p. 170-171). Às vezes, a poça de sangue se confundia com a lama vermelha e viscosa. Em suma, os Gerais cristalífero era "um garimpo falaz e traiçoeiro" (Guimarães,1951, p. 51) onde a esperança e a morte dançavam em um mesmo compasso.

As disputas por catras e os roubos desenhavam um cenário de morte e desespero. No sertão garimpeiro, todos os tipos de crimes encontravam espaço e, paradoxalmente, aceitação, haja vista que "para o sertanejo o grande crime, aquêle que horroriza e provoca desprêzo é o roubo. Matar é perdoável, mas roubar nunca" (Ribeiro, 1959, p. 69), reforçando o código moral distorcido daqueles Gerais cristalíferos, que "no distrito diamantífero [e cristalífero] o roubo é raro: paga-se com a morte" (Paternostro, 1945, p. 306) ou por melhor dizer, com a vida.

Ainda assim, muitos caíam vítimas da cobiça, sendo assassinados e lançados, nas "catas abandonadas que ficavam pra os fundos do rancho" (Brasiliense, 1960, p. 51) e nas matas distantes. Entre essas histórias trágicas, destaca-se a de Honorato Grajaú, "um comprador de cristal que já havia feito bastante dinheiro e estava disposto a voltar para sua terra natal, São Luís do Maranhão, onde tinha mulher e filhos" (Brasiliense, 1960, p. 52). E ainda nesse cenário trágico, Eli Brasiliense relata:

> Conhecedores deste fato, os assassinos convidaram Honorato Grajaú, nome por que era o moto conhecido, para ver aquela cata velha. Afirmaram-lhe que lá havia cristal como nenhum outro lugar, e que os garimpeiros não haviam reparado num dos

> cantos onde era o ninho do minério. Honorato Grajaú reclamou a impropriedade da hora, já bastante avançada, ao que Toncheba, um dos facínoras retrucou:
> – Se vosmicê qué qui a gente vai lá com o sol fervendo, tá tudo perdido. Os garimpeiros vão reclamá. É preciso vê o cristal primêro, dispois a gente cata êle é dinoite mesmo. E' um despotismo de pedra! Só o senhor vendo (Brasiliense, 1960, p. 52).

A ganância de Honorato Grajaú se sobrepôs ao medo e ele seguiu os bandidos, movido pela mesma febre que tomava tantos outros homens — do enriquecimento fácil, pela "gana do dinheiro; piores que os lobos, são capazes de devorarem-se uns aos outros por um punhado de ouro" (Guimarães, 1951, p. 119), diamantes e cristais. No centro árido do sertão garimpeiro, o cristal embriagava pelo sabor da ganancia, e Honório, já embriagado por dentro, entregava-se à veredas da cobiça.

Naquele instante, a sabedoria da expressão popular "o seguro morreu de velho e o desconfiado ainda está vivo" e "quem corre [do perigo], tem vida" não encontrava lugar no coração de Honorato. Ele avançava, atraído pelo brilho ilusório da riqueza e dos cristais, esquecendo-se de que, no sertão garimpeiro, a desconfiança era tanto um escudo quanto uma sentença. Os passos firmes disfarçavam a insegurança que, no fundo, poderia ter sido sua salvação. Brasiliense continua a história:

> Grajaú era ambicioso. Foi com os salteadores. Mal desceu o primeiro degrau. Nico descarregou-lhe forte machadada no crâneo. Caiu sem gemido. Toncheba tirou a *lambedeira* calmamente e enterrou-a uma vez nos fins, outra no pulmão esquerdo do capangueiro. – Esse aqui nem Deus cum gancho e São Pedro cum garrancho dá jeito nêle. Tira os cobres do homem, Nico! O cinturão de Grajaú, cheio de notas de mil e de quinhentos cruzeiros, foi retirado sem a menor cerimônia (Brasiliense, 1960, p. 52-53).

Por causa da insaciável cobiça, inúmeras pessoas perderam suas vidas, brutalmente arrancadas do sopro que as mantinha. Os algozes, por ironia amarga, não raramente eram aqueles em quem confiavam, pessoas próximas que, como hábeis ludibriadores, os conduziam para a morte antes mesmo de conhecerem as armadilhas daquele imenso e impiedoso cenário do sertão garimpeiro. Alguns corpos eram encontrados em estado de putrefação. As vítimas repousavam como objetos e sombras esquecidas e os frutos de suas longas e extenuantes negociações eram furtados, como se o suor de seu labor e a esperança jamais tivessem existido.

Muitas catras, profundas e misteriosas, eram habitadas, "por aranhas, lagartos e sapos" (Brasiliense, 1960, p. 52) e podiam alcançar dezenas de metros de profundidade, abrigando muitas pessoas em seu interior. Ali, a vida e a morte se entrelaçavam em silêncios soturnos. Alguns garimpeiros encontravam seu fim nessas cavernas, como a tragédia do

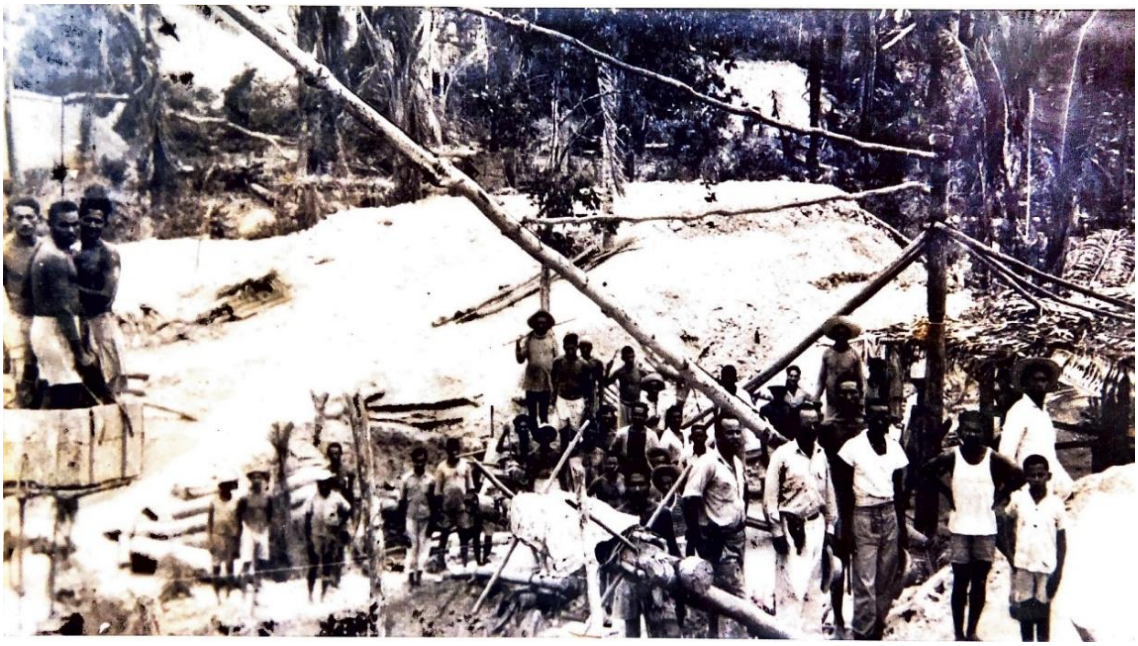
“garimpeiro Cavalcante, do Manchão Fio Azul, morreu com o corpo soterrado, na cratera do Ferreira” (Moreira Filho, 2020, p. 215).

Tudo em nome da promessa sedutora de enriquecimento fácil. Era um dos destinos quase que predestinados de quem buscava cristais em barrancos traiçoeiros e profundos. Os corpos soterrados, muitas vezes eram “retirados das cisternas, mortos; em outros casos, não era possível a retirada dos corpos, devido à profundidade da cisterna ou mesmo da qualidade do solo” (Rogério Júnior, 2022, p. 156). O silêncio dessas profundezas se tornava o eco do desejo e do destino num ciclo onde a ganância e a terra se confundiam.

Nesses garimpos, perto das imensas e profundas catras, arrancava-se tanta terra que, formavam-se “montões de cascalho bruto aglomerado em torno das grupiaras” (Guimarães, 1951, p. 130) e as formigas traçavam labirintos embaixo e sobre o solo, num ritmo incansável, juntamente com outros animais escavadores como o lagarto teiú. Parecia que essas crateras garimpeiras engoliam lentamente os garimpeiros e garimpeiras ao longo dos dias infindos.

Este é o cenário em que os garimpeiros “viviam escavando o chão feito tatus, procurando o brilho de alguma pedra que pudessem transformar em dinheiro vivo” (Júnior, 2010, p. 25). O garimpo de cristal de rocha não exigia apenas a força de homens adultos; adolescentes e crianças também eram arrastados para essa labuta rígida, extenuante e ambiciosa, como retrata a figura 5.

Figura 5 – Fotografia de um grupo de garimpeiros procurando cristal em Xambioá



Fonte: Arquivo pessoal de José Cândido

Na imagem, nota-se que a vegetação, com suas árvores de coco babaçu, revela o cenário da extração de cristal nos confins do sertão do antigo norte goiano. Ao fundo, na

margem superior, entre os galhos retorcidos, erguem-se grandes dunas de barro — testemunhas silenciosas e vívidas de dias, semanas, meses, e talvez até anos de uma busca alucinada pelo brilho dos cristais.

Movidos pelos devaneios de riquezas fáceis e pelas ilusões de fortunas súbitas, eles – os garimpeiros – enfrentavam as durezas da terra, os riscos das águas e da solidão dos matos, sustentando-se na fé de que, a qualquer momento, suas sortes poderiam virar. no batear entre os cascalhos, enxergavam mais que os diamantes, no cavar da terra, viam mais que os cristais, viam as redenções dos anos e dos dias amargos, e mesmo quando os dias pareciam não ter nenhuma calmaria, eram guiados por um brilho tanto no solo da terra sertaneja quanto nas suas pobres almas.

O barro era removido, como já mencionado, por algumas máquinas movidas a diesel, mas, sobretudo, pelas mãos calejadas humanas: braços robustos, delgados, longos e curtos, segurando pás, enquanto picaretas ressoavam no intervalo entre os golpes com o suor que escorria nas têmporas, às costas empeirada, as lamas nos ombros, cada gesto de cavar marcava o compasso do tempo sob o sol tórrido e cair da boca da noite frias, às vezes com serenos de chuva eram momentos implacáveis. Na lida sempre atento aos grunhidos ritmados de quem cava o próprio destino naquelas terras avermelhadas do sertão do norte goiano.

Na parte inferior da foto, destaca-se o sarilho utilizado no garimpo, sustentado por uma estrutura rústica de madeira de lei extraída da própria região — tão arcaica e precária que evocava o século XVIII. Conforme lembra Paternostro, “os processos que se empregam na extração do diamante [e do cristal] são os mais primitivos” (1945, p. 305). A simplicidade desses instrumentos e a força manual contrastavam com a ambição desmedida que os movia, compondo um quadro de resistência e persistência sob o impiedoso sertão garimpeiro.

Essa engenhoca, que suspendia os garimpeiros em suas descidas e subidas pelas catras, carregava perigos tão evidentes que foi apelidada com a melancólica expressão “adeus mamãe”. A corda do sarilho, era “usada como transporte de cascalho e do garimpeiro, do solo ao subsolo e vice-versa, rompia-se e acidentava fatalmente o trabalhador” (Rogério Júnior, 2022, p. 154). confiavam àquela máquina seus corpos e seus destinos. A cada estalido da roldana, a cada estralar da madeira poderia ser o último som de uma vida entregue aos barrancos, e abismos cavados pelos próprios garimpeiros no sertão.

Cada manivela girada carregava a tensão de um destino incerto, enquanto mãos calejadas seguravam com força a corda que separava a vida da morte. O barulho das cordas e o rangido da madeira ecoavam pelos abismos, entrelaçando a esperança e o temor na alma de

cada garimpeiro, porque qualquer deslize poderia ser fatal. E dentro da catra, onde a luz natural não alcança, era feito a base do lampião e cada suspiro era uma oração em silêncio.

A expressão “adeus mamãe” também denominava escadas toscas e nada seguras que ficavam próximas às paredes dos barrancos e eram usadas para subida e descida de garimpeiros. Nesses movimentos, “a terra e os homens se confundem: cutias (os que carregam cascalho de barro e ficam com a pele vermelha), porcões (pintados de preto, trabalham na lama negra), melexetes (sempre encharcados, trabalham nos alagados[...])” (Kotscho, 1984, p. 41).

Por esses degraus, garimpeiros subiam com sacos de pedras e de barros nas costas, usando botas ou, “de pés descalço, ferramenta ao ombro” (Sales, 1986, p. 194), correndo o risco de escorregar e morrer a qualquer momento. Esse tipo de incidente não era incomum naqueles garimpos. Pois, nos “longínquos garimpos de [...] cenas [...] fortes e emocionantes” (Moreira Filho, 2020, p. 165), aconteceu um desastre envolvendo o jovem Marcelinho, narrado por Brasiliense:

> A cata em que trabalhava estava já muito profunda e a retirada do cristal era uma operação difícil e que requeria muitos cuidados e bastante prática.
> Numa das tarefas de remover pedras, água e terra do fundo da cata, Marcelinho, um rapaz daquelas bandas, [...] se achava em baixo, retirando pedras que ia passando ao companheiro próximo e este ao de cima até chegar fora.
> A voz de alerta para receber os blocos era contínua e ritmada.
> – Êpa! Ôpa! Êpa! Ôpa!
> E os calháus iam passando de mão em mão, percorrendo os diversos degraus construídos pelos garimpeiros.
> Em certo momento um dos homens de cima escorregou e devido a ter-se partido a base do degrau em que se afirmava. A pedra escapuliu das mãos.
> Houve um momento de pânico. Marcelinho recebera pedra em cheio na cabeça. Morreu instantaneamente. Retiraram-no do fundo da escavação. Estava ali jogado de um lado. O serviço continuava (Brasiliense, 1960, p. 47-48).

As condições desses trabalhadores garimpeiros eram miseráveis e desumanas. Eles estavam mergulhados em um ambiente sem qualquer vestígio de segurança. Nesse cenário draconiano dos Gerais cristalíferos, “a morte é corisco que sempre já veio” (Rosa, 2019, p. 297). Marcelinho, como tantos outros, encontrou o fim trágico enquanto buscava uma vida melhor no sertão garimpeiro. Seu corpo, “jazia no solo, ensanguentado, com a cabeça rachada. Os miolos estavam estufados, misturados com a terra e gorgulho” (Brasiliense, 1960, p. 46).

Esse pobre jovem se tornou apenas mais um número na contagem da morte e menos dois braços na labuta exaustiva do garimpo. Entre as frestas da dura realidade, restavam

apenas os ecos do silêncio, respirações fundas e os olhares cansados dos sobreviventes, perpetuando uma luta incessante marcada pelo sacrifício.

Essas tragédias eram banalizadas, irrelevantes, e "o morto ficara de lado" (Brasiliense, 1960, p. 48) sem que ninguém se chocasse ou se importasse. A morte, assim, tornou-se apenas mais um reflexo da exploração impiedosa, como se o corpo caído fosse apenas um objeto a ser descartado, sem valor, um novo produto no ciclo de produção do garimpo.

Era como se o corpo fosse um objeto de produção de dinheiro. Nessa perspectiva, que "os demais garimpeiros prosseguiam o seu pesado trabalho. O dono do serviço precisava entregar uma partida no próximo avião" (Brasiliense, 1960, p. 46) e, sem hesitar, tratou de substituir "Marcelinho na arriscada missão" (Brasiliense, 1960, p. 48) como se o mesmo fosse apenas uma peça ou uma ferramenta descartável sem valor algum.

Não havia sequer uma cerimônia de adeus, uma despedida respeitosa, como os sertanejos costumavam fazer no grande sertão garimpeiro. Nos casos mais cruéis, o trabalhador que morria "devendo ao barracão" tinha seu corpo "sepultura aberta [perto do] barranco, entre mamoneiras e pés de fedegoso" (Sales, 1986, p. 31). E em outras situações ainda mais desoladoras, o corpo era simplesmente lançado ao abandono, aos ermos, para se tornar carniça, devorado por animais carniceiros, como se a vida tivesse sido, de fato, apenas uma efêmera ilusão.

Essa triste realidade se tornou parte integrante do cotidiano dos garimpeiros, que, imersos na penúria, viam suas vidas retomadas a uma eterna luta pela sobrevivência. Muitos, resignados, defenderam a ideia de que "vida de garimpeiro é isso mesmo, de tanga, até esticá as canelas" (Brasiliense, 1960, p. 68), só a morte poderia lhes tirar da miséria e dar o descanso da paz eterna.

Como se a fatalidade de nascer e viver naquele mar de miséria fosse um destino selado, irreversível e eles fossem culpados de suas próprias amargas vidas. Para aqueles que foram condenados a trabalhar sem qualquer assistência do poder público, a morte parecia um castigo iminente, sempre à espera a qualquer momento, na esquina da cidade ou vereda do sertão.

Não obstante, a "exploração do homem pelo homem corria de rédea solta" (Brasiliense, 1960, p. 158), com uma ferocidade natural, inquebrantável. Nesse cenário brutal, não foram poucos os que "enriquecem-se à custa do suor e das lágrimas dos pobres [...] por que sabem absorver o fruto do trabalho dos outros" (Guimarães, 1951, p. 133), perpetuando a injustiça alimentada pela miséria alheia. E assim, o ciclo de opressão estava latente, gerando mais dor e morte, sem que houvesse uma luz de esperança no horizonte próximo ou distante.

Muitos moravam perto das catras, onde armavam choupanas improvisadas, enquanto outros se refugiavam nas moradias oferecidas pelos fornecedores, “possuía barracos coletivos para garimpeiros, especialmente para aqueles que migraram sem seus esposas e filhos” (Rogério Júnior, 2022, p. 131). Tudo isso para explorar mais o tempo de trabalho e de vida daqueles sujeitos. Pode-se entender que a precariedade habitual não era apenas uma condição, mas também um meio de manter o garimpeiro próximo e constantemente submisso, na penumbra da exploração em seu amplo sentido.

Assim, entre barracos e catras, a vida se desenrolava em um constante jogo de poder e sobrevivência e a exploração tinha suas garras fixadas naqueles corpos, sem ter para onde fugir; o suor e os sacrifícios se tornavam os únicos bens com os quais os garimpeiros podiam contar. Em outras situações, continua o historiador:

> [...] os garimpeiros construíam seus próprios barracos, cobertos com palhas, e moravam ali com suas famílias. Dependendo dos resultados obtidos com o trabalho de garimpagem, o desejo de fixação de residência permanente na região do garimpo iria aumentando. Assim fizeram muitas famílias, pois ainda hoje vivem ex-garimpeiros, imigrantes de outros estados (Rogério Júnior, 2022, p. 132).

Por todos os cantos, havia “escavações largadas, esgotadas até o ultimo pedaço de cristal, depois de um trabalho contínuo” (Brasiliense, 1960, p. 51). Retiraram não apenas os cristais, mas também as esperanças que ali residiam, nos fundos dos buracos onde os “homens rudes e místicos” viam no garimpo “a última tábua de salvação” (Kotscho, 1984, p. 23), pois muitos nessa vida já tentou de tudo, em última instância falavam abertamente “se não der nada na minha vida, viro garimpeiro e tentarei a última vez a minha sorte”.

O abandono das catras se repetia, não só pelo esgotamento das gemas, mas também pelo medo que pairava sobre o lugar, onde “almas penadas de garimpeiros povoavam de assombrações as redondezas. Os que acreditavam em aparições ouviam ali gemidos de cansaço, respiração ofegante sob o pêso do trabalho exaustivo, lá pelas caladas da noite” (Brasiliense, 1960, p. 51).

As catras produziam cristais, lágrimas, sonhos, suor e também sangue “com morte de gente, quase todos os dias, pelas jazidas do cristal de rocha, onde o sonho da riqueza era uma constante” (Moreira Filho, 2020, p. 213) nos garimpos, a desigualdade se misturava à distinção social e ao desejo insaciável de poder de todos que estavam envolvidos no garimpo, onde o “sol ardente a presidir, nas alturas, o trabalho daqueles homens nus e seminus que povoam os mochões” (Morse, 1968, p. 92).

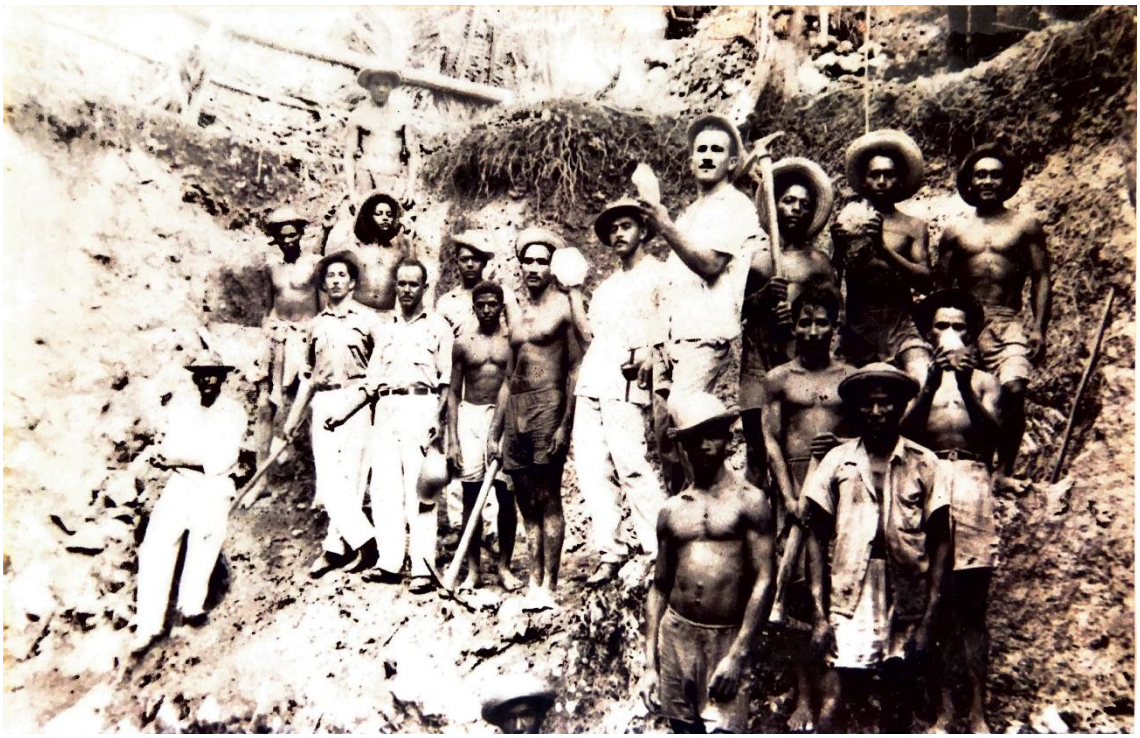
Cada rocha extraída e transformada em pedra de cristal era um longo suor derramado, marcado pela esperança de dias melhores e pela dor das longas horas, o arriscar da própria vida, com o brilho das pedras ofuscando os olhos a realidade cruel do trabalho, alimentando ainda mais as (des)ilusões. A respeito disso, Moreira Filho salienta:

> Todos ali viviam alimentando a ilusão fascinante de riqueza fácil, com novas jazidas, sonhando com uma abastada partida de cristal de rocha, em um filão de pequena profundidade. Pois garimpagem é um sonho, uma inspiração, não é um negócio de balcão (Moreira Filho, 2020, p. 188-189).

Os barrancos eram tão grandes que, neles, poderiam caber uma casa inteira, como se a própria terra se abrisse em um abismo sem fim, pelas buscas das cobiçadas gemas. Na figura 6 é possível ter uma noção do tamanho imenso de um barraco onde, juntos, 18 garimpeiros viviam trabalhando, buscando cristais no fundo de um buraco profundo, repleto de lamas, raízes e cascalhos.

Cada uma dessas pessoas, com suas faces, corpos cansados e suas mãos calejadas, desafiava o peso da terra seca e dura em troca do brilho fugaz do tão cobiçado cristal de rocha, que, ao final, se tornavam um reflexo da esperança; e na solidão e no silêncio dos dias e nos assobios das manhãs, tardes e madrugadas, havia fé, havia fome, havia miséria entrelaçadas.

Figura 6 – Fotografia de garimpeiros na exploração de cristal dentro de barranco



Fonte: Arquivo da Prefeitura de Xambioá -TO

Na imagem, o vestuário — notadamente calças, camisas e calçados — se revelam como elemento diferenciador da posição social no garimpo, delineando as diferenças, as posições entre aqueles que comandam e os que estão em busca do cristal. A posição dos sujeitos dentro da catra ilustra o jogo de poder, exposto no que cada um carrega: enquanto alguns seguram os cristais, impondo poder, outros seguram as ferramentas, símbolo da labuta árdua.

Patrões e faisqueiros, com roupas claras e botas, contrastam com a maioria dos garimpeiros, que, trabalhando com o corpo sujo e os pés descalços, enfrentam o cascalho bruto e a lama. Eram "homens enlameados até os cabelos, caminhando como formigas com sacos de cascalho nas costas, e cavando como tatus, levantando poeira ou barro dentro de um grande buraco, o garimpo" (Kotscho,1984, p. 11), refletiam a exaustão e o esforço imenso na busca de algo que muitas vezes se mostrava fugaz.

Outros garimpeiros — e na mesma frequência faisqueiros —, com receio das serpentes que habitavam os confins do garimpo, preferiam usar, segundo "calças compridas [e] botas, por causa da surucuru-pico-de-jaca, serpente terrível, que onde tem o macuco azulona tem ela" (Brasiliense, 2005, p. 43), armados ainda com um dente de alho no bolso ou nas próprias botas, em um antigo truque dos sertanejos e garimpeiros, pois acreditavam que o cheiro forte do alho afastava as cobras. Essa mistura de superstição e necessidade se fazia presente no cotidiano árduo das veredas dos Gerais garimpeiros.

3.6 Sonhos misturados num sertão de cristal e de fome

O sonho alucinado de enriquecer fácil era a regência da vida garimpeira naquele sertão e o garimpo realmente não era "um negócio de balcão" (Moreira Filho, 2020, p. 189). Era um grande negócio que ia além do balcão, nos bares, nos hotéis, nas fazendas próximas e distantes, nos palácios dos poderes públicos. As negociatas dos cristais se faziam em promessas em que muitas delas jamais se firmavam, mas mantinham acessas as chamas das ilusões. Esse garimpo era um lugar de suor, sorte, risos e lágrimas que se entrelaçavam num compasso agitado da sobrevivência e esperança.

Emaranhava-se nas mais sinuosas veredas da existência humana, refletindo o impacto profundo do cristal da rocha, que projetava seu brilho e valor muito além das fronteiras do país. Mesmo que sejam por meios ilícitos, "pois o produto era remetido aos grandes centros nacionais e dali exportados ou contrabandeados" (Borges, 1965, p. 69) e dali o afastado sertão garimpeiro entre os veios da terra e os labirintos mais complexos da alma humana, estava a

cobiça impregnada nos olhos daqueles sujeitos os cristais, o minério fazia sonhar com futuro e fortuna e ultrapassar fronteiras.

Apesar da concorrência internacional com Madagascar[77], que foi exportador de quartzo hialino, o minério brasileiro tinha qualidade superior e era obtido em maior quantidade, sendo utilizado, segundo o jornal *Lavoura e Comércio* "na indústria bélica, razão por que está chamando a atenção do mundo para o enorme potencial de matérias primas" (1944, p. 1) com exploração humana. Segundo notícia publicada no jornal *Folha de Goiaz*:

> [...] não raro é o dia em que as informações nos transmitem notícias de achados preciosos. O cristal tem grande aplicação na indústria de guerra e é dele que depende a matemática precisão de inúmeros instrumentos empregados nos campos de lutas. As nossas jazidas estão em franca exploração e numerosos quilos de quartzo são extraídos diariamente e transportados logo para os centros de consumo (Folha de Goiaz, 1943, p. 2).

Enquanto os cristais enfeitavam as mesas dos baronatos e abasteciam a indústria bélica mundial, a exploração continuava perversa no antigo norte goiano. Garimpeiros labutavam envoltos em uma realidade opressiva e intensa. Essa cena que envolvia todo o garimpo no norte do país, a qual poderia se aplicar nas veredas do nortão goiano, em que, "sob o sol causticante da zona tropical, castigada pela poeira ardente que se levanta das catas perigosas e em luta [...] onde a morte é, muitas vezes, arremate trágico dêsses buscadores de sucesso, dêsses arrojados caçadores da fortuna escondida no cascalho da terra" (Ribeiro, 1959, p. 40).

A árdua e dolorida labuta na busca do cristal de rocha não excluía a morte nesse perigoso trabalho, no qual os garimpeiros eram "condenados às provações mais duras daquele fim-de-mundo" (Morse, 1968, p. 37). Arriscavam-se dia após, sob o "sol escaldante do garimpo" (Moreira Filho, 2020, p. 164) e enfrentavam as chuvas fortes que varriam o vasto sertão garimpeiro. Sobretudo durante a quadra da seca, em que "o sol fustigava o dia inteiro.

Mas o bravo garimpeiro animado labutava com sua alavanca, picareta e pá, lanhando a terra virgem – em alguns casos já mexida – do manchão, numa perseguição constante ao cristal de rocha, mesmo dentro do rescaldo da fornalha do tempo" (Moreira Filho, 2020, p. 133). A luta contínua e incessante ia transformando cada golpe de ferramenta em um ato de resistência e desejo por uma fortuna distante, quase inatingível.

Os garimpeiros utilizavam ferramentas rústicas, com "as alavancas e o almocafre pelas grupiaras extraindo o cascalho precioso" (Guimarães, 1951, p. 44). Com esses instrumentos,

[77] País na África Oriental.

abriam as catas, onde se iniciava “o arrancamento do cascalho com horas exaustivas que passavam da hora de comer, e isso é, quando tinha comida, pois suas alimentações eram paupérrimas — “para o seu sustento, um pouco de carne, farinha, sal e pimenta” (Silva, 1954, p. 106).

Esse parco alimento, era “um quase-nada e encerram todo o necessário para enfrentar a vida” (Ribeiro, 1959, p. 48). E desse modo, garimpeiros e garimpeiras, movidos(as) pela esperança, entregavam-se à labuta quase sem fim, em busca da riqueza escondida, enquanto a fome e a aspereza do sertão garimpeiro iam moldando seus corpos e espíritos. E entre as gemas, entre as glórias e as derrotas, as promessas, aprendiam a sobreviver com muito trabalho e pouco sonho. E no trabalhar das enxadas, picaretas, alabancas e pás ainda persistia muitas pessoas.

Esse quase nada, e quando tinha era “basicamente arroz, feijão, um pouco de carne de sol pra frito, farinha, rapadura” (Moreira Filho, 2020, p. 61). Quando o patrão ou o chefe de catra (o lavrista) fornecia mantimentos insuficientes e na falta do que comer, os garimpeiros recorriam à pesca e à caça, com as quais conseguiam bons resultados. Pois neste sertão, havia “bastante peixe e carne de caça, principalmente de anta, capivara, caititu, veado. [...] tudo isso cozido com banha de porco” (Moreira Filho, 2020, p. 61).

Às vezes, a comida colocada no caldeirão que cozinhava a “pobre e desvitaminizada. A carne estava racionada e por preços exorbitantes” (Brasiliense, 1960, p. 46). Ao fim do dia, quando o garimpeiro terminava seu trabalho exaustivo “a faina diurna, a refeição magra de carne sêca e feijão espera-o na barraca. Recebidas as deficientes calorias para compreensão de tanta energia despendida de sol a sol, repousa o corpo dolorido, alquebrado pela fadiga” (Ribeiro, 1959, p. 111). A dureza da jornada, marcada pela escassez e pelo cansaço, impunham aos garimpeiros e garimpeiras ritmos de vidas e sacrifícios constantes; que o simples ato de repousar se tornava a única trégua possível antes do recomeço ao nascer do sol e até o vingar da noite.

Os alimentos eram fornecidos pelos donos dos barrancos ou faisqueiros, visando apenas ao lucro. Enquanto os garimpeiros com seus suores e sacríficos pagavam os mantimentos de “quase oitenta porcento do que ganhavam ficavam naquelas panelas grandes de lata de querosene vazias, servindo de panelas” (Brasiliense, 1960, p. 49). No lugar da comida, havia exploração da mão de obra quase escrava e barriga vazia. No caso dos meias-praças nas catras, Carmo Bernardes sublinha:

> [...] carne quando vem é regrada de tatu-quinze-quilos, ora capelão, o trivial é feijão-fava, arroz canjiquinha, maior tempo é base de jerimum da praia. Dias de folga ir à caça, pegar os quinze-quilos, capivara, capelão é custoso encontrar um. Pecado com os tatus quinze-quilos, eles fizeram a prospecção, ajudaram os garimpeiros a descobrirem vieiros novos de cristal, e em paga são comidos, acabaram com a espécie (Bernardes, 2005, p. 20).

Diante de panelas vazias e estômagos roncando, restava aos trabalhadores buscar sustento nas matas profundas do sertão garimpeiro. Comiam de tudo que encontravam, até mesmo cobras, numa tentativa de sobreviver às adversidades. Carmo Bernardes, com um olhar perspicaz, enfatiza que "quase todo garimpeiro é ofidiófago" (2005, p. 35).

As caças de animais silvestres se tornavam práticas rotineiras em seus cotidianos, e nem mesmo os tatus-quinze-quilos, ou tatus-canastra, escapavam dessa sina. Esses animais, em seus instintos de cavar buracos, por vezes ajudavam os garimpeiros a encontrarem preciosos e desejados filões de cristal de rocha. Contudo, essa colaboração — involuntária — era facilmente esquecida quando a fome insuportável apertava.

Assim, "nos gerais pega-se uma caça, assa, mata a fome" (Bernardes, 2005, p. 68), ecoando o desespero e a resiliência que moldavam o dia a dia daqueles homens, mulheres, idosos e crianças que lutavam pela subsistência em meio à vastidão impiedosa e avassaladora do sertão garimpeiro. Em meio essas práticas que queimavam juntamente com a carne abatida os anseios de dias melhores.

Em outras situações, as refeições se limitavam a jerimuns apanhados em quintais próximos da área de exploração do cristal. Segundo a Fundação Médico-Cultural de Gastroenterologia e Nutrição de São Paulo (Fugesp, 1999), um trabalhador braçal necessita, em média, de 3.500 calorias por dia por causa da elevada queima de energia em sua atividade.

Para atingir essa média, um garimpeiro teria que comer, diariamente, mais de sete quilos de jerimum, considerando que cada quilo desse fruto da aboboreira cozido contém apenas 480 calorias (Unicamp, 2011). Mas esse consumo não seria suficiente para nutrir o organismo com todas as vitaminas e outras substâncias essenciais à manutenção da saúde.

Em consequência de uma alimentação precária e deficiente nos barrancos do garimpo que lançava os trabalhadores em um quadro de doenças e fraquezas, "vêm caindo doentes companheiros dos que trabalham nas catras cheias d'água e lamacentas, com mal do beribéri, o que grassa entre o pessoal apanhador de castanha, que passa a invernada sumido na mata, onde o sol não bate, comendo jabuti, bebendo cupuzada" (Bernardes, 2005, p. 20).

Os corpos dos garimpeiros, exaustos e malnutridos, enfrentavam não apenas a fadiga incessante das horas trabalhadas, mas também a ameaça constante de enfermidades. O

beribéri, em sua sombra implacável, levava-os a sentir “arrepio forte, a morte passando perto, é a reima da sezão” (Bernardes, 2005, p. 127) carcomiam seus corpos e suas almas.

Outra moléstia que assolava e assombrava o garimpo era a febre amarela, que se somava à dureza da vida e à precariedade dos recursos. Aqueles que “não sucumbiam aos sofrimentos, pela irrupção da febre palustre, caíram de inanição, esgotados de todas as energias físicas” (Ribeiro, 1959, p. 49), e os que sobreviviam acabavam abandonado as catras e vivendo de outras coisas do mundo campestre ou partindo dali para nunca mais voltar.

Os que resistiam, porém, enfrentavam o sofrimento contínuo, atormentados não apenas pela doença, mas também pela crueldade, de “patrões malvados” (Bernardes, 2005, p. 25) que os deixavam ao léu no sertão garimpeiro, sem comida nem auxílio. Mas especial mesmo para os garimpeiros, “era a carne do curraleiro, o chambaril com o tutano de boi batido no prato, a costelada, o mocotó, a rabada, o bofe, a língua fruta, a carne-de-sol de boi de corte. Isso, sim, dava sustança pro trabalhador, afirmavam e reafirmavam os garimpeiros” (Moreira Filho, 2020, p. 176).

Para alguns do sertão, essas comidas pareciam simples e fáceis de obter, mas, para a imensa maioria, esses alimentos eram caros demais, pois “todos os lavradores das redondezas eram arrastados para o garimpo e a produção da lavoura caía. Aos poucos estoques de gêneros alimentícios eram vendidos por preços elevadíssimos” (Brasiliense, 1960, p. 25) e, portanto, inacessíveis a todos. Restava aos pobres “ter o dia para passar fome e à noite para sonhar comendo” (Bernardes, 2005, p. 24). Assim, muitos vivam aquela amarga realidade de um regime truculento de exploração do cristal, considerados como coisas, sem valor algum, tendo “só jerimum de praia para o almoço” (Bernardes, 2005, p. 24), quando tinham.

Mesmo assim, os garimpeiros continuavam “trabalhando, lanhando as crateras duras, lamacentas das terras pedrentas” (Moreira Filho, 2020, p. 187) em busca do tão precioso minério que alimentava a esperança de uma vida e futuro melhor. Nesse cenário desejado e árduo onde estavam embutidos sonhos e a terra parecia devorar as (des)ilusões garimpeiras, pois, era “todo mundo incutido com o garimpo, ninguém quer saber de outra coisa a não ser abrir catra, garimpar de meia-praça, mesmo passando à pura com jerimum, tremendo de sezão e entrevado de beribéri” (Bernardes, 2005, p. 34).

Assim, o cansaço físico, a fome e a promessa de fortuna entrelaçavam-se à crueldade de uma vida sem perspectivas, em que a única certeza era o trabalho incessante e a luta diária pela sobrevivência. Entre lamentos e sonhos, brotava um sentimento de pertença, feito e forjado no chão rachado do nortão goiano. Eram sujeitos que, entre forças e (des)ilusões, moldaram as identidades tocantinenses.

Além da falta de segurança e da precária alimentação daqueles garimpeiros e garimpeiras, outra privação era determinada, pois “os chefes proíbem a entrada das mulheres e do álcool na área das catas. Mas, estas duas desgraças do garimpeiro rondam-no sempre” (Paternostro, 1945, p. 306). Ainda que banidas, excluídas pelos regulamentos e reguladores, ambos – garimpeiros e garimpeiras – insistiam em burlar e dissolviam as regras das piçarras do sertão garimpeiro saciando seus vídeos.

Os trabalhadores e as trabalhadoras eram obrigados(as) a seguir regras rígidas impostas dentro daquele vasto sertão garimpeiro com poucos momentos de alívio ou lazer, enquanto a vida se desdobrava na dura repetição do labor, pois, havia “patrões que abusa[vam] um tanto do princípio de autoridade, e seus actos ríspidos, suas injustiças, suas violências [iam] dando origem a ódios surdos, a profundas intenções de vindicta” (Amorim, 1935, p. 49).

O garimpeiro, silenciado pelo medo e pela falta de perspectiva, acumulava em seu peito uma série de afrontas e “seu despeito momentâneo, tendo cedido lugar a perplexidade, se transformara num acabrunhamento demasiado forte para que ele experimentasse qualquer impulso de vingança” (Sales,1986, p. 121). Desse modo, entre a opressão dos patrões e a luta pela sobrevivência, restava apenas a resignação e o peso de um fardo que parecia nunca se dissipar.

As descobertas de filões se repetiam e, à medida que a notícia se espalhava, o garimpo fervilhava, inundado de gente escavando o chão em busca do cristal de rocha. Muitos corajosos e aventureiros abraçavam “as incertezas dos monchões” e muitos daqueles “tristes viandantes” se tornavam “bamburristas, bem felizes na vida das lavras sonhadas de tão longe” (Ribeiro, 1959, p. 49). Mesmo assim, a cada golpe das ferramentas nas mãos dos garimpeiros despertada esperanças quase já mortas e adormecidas sobre o sertão garimpeiro.

Nos anseios e nos olhares daquelas pessoas brilhava um futuro mais próspero, um horizonte de riqueza e melhores condições de vida que se tornava uma miragem à medida que a busca se intensificava. Assim, entre o sonho do enriquecimento e as dificuldades do caminho, os garimpeiros e garimpeiras seguiam, alimentados(as) pela ilusão de um destino transformado.

Nesse cenário, os “aventureiros propriamente ditos vinham [...] sonhando em enriquecer da noite para o dia” (Kotscho, 1984, p. 13), movidos pelo desejo de escapar da miséria e do sofrimento que marcavam suas vidas ou ganhar mais dinheiro e poder. Era esse desejo que os impulsionava a enfrentar as incertezas do grande sertão, sobretudo do garimpeiro, no entanto alguns d“os forasteiros, ao atingirem o âmago daquele sertão, raro

voltavam" (Cunha, 1975, p. 98) para suas localidades, e muitos, ali mesmo, erguiam impérios poderosos.

Desta forma, surgia, daquelas gemas preciosas, com "o novo poder econômico nascido das fortunas feitas pelo garimpo" (Kotscho, 1984, p. 8), um poder que florescia em meio à exploração e ao sacrifício. Esse poder nascia de um sertão imenso e distante, mas que gerava riquezas, dando forma à ambição de muitos.

No entanto, bem longe da riqueza, grande parcela dos garimpeiros permanecia a "reclamar daquela vida no garimpo" (Júnior, 2010, p. 122), onde os sonhos de fortuna se desfaziam no trabalho desumano e na concentração de poder e riqueza nas mãos de minorias poderosíssimas dentro desses gerais. Ainda assim, entre os barrancos, enxadas, picaretas, carroças, e alavancas resistia os desejos miúdos do que teimavam em sonhar. Mesmo que à custa de sua própria saúde e vida.

Muitos encontrariam uma realidade mais dolorida, como bem nos mostrou Bernardo Guimarães em seu romance *O garimpeiro*, na fala do garimpeiro Elias: "vim encontrar o meu fim, a morte de tôdas as minhas esperanças; aqui acabei, completei a minha miséria e a minha desgraça [...] tenho cavado mais fundo ainda o abismo de minha miséria" (Guimarães, 1951, p. 48-49). No sertão garimpeiro, onde as promessas duradouras agora estava se esvaindo como água ensaboada entre os dedos tortos e as mãos calejadas.

Essa dura realidade se arrastava nos mais diversos sertões. Uma realidade longa e implacável, e muitos caíam no "nortão goiano", como Elias, em novas profundezas da miséria, perdendo-se nas veredas do sertão garimpeiro, onde o desespero e a solidão se tornavam companheiros diários entre a fé de riqueza e o abandono dos amigos, da sociedade e principalmente da República. Em uma situação calamitosa, os dias traziam, conforme Assis Júnior:

> [...] o cansaço e o contato com o sol faziam a pele queimar e engelhar, transformando-se em contratempos que provocava a exaustão e culminava com a vontade de largar tudo, que, se não fosse os sonhos que lhe serviam de combustível, interromperia a sequência do seu esforço ferino e voltaria com as mãos vazias, assim como quando chegou (Júnior, 2020, p. 17).

Era um trabalho de imensa exaustão, sob o sol tórrido e a chuva incessante, muitas vezes sem glória, apenas sofrimento, vivendo "nas lavras, mas é como se não vivesse. Seus diamantes [e cristais] nunca o puseram pra frente" (Sales, 1986, p. 158). Mesmo assim, alimentado pelos "sonhos que o acompanhavam todas as noites" (Júnior,2010, p. 18), o garimpeiro seguia, sem cessar, lutando contra a miséria.

O garimpeiro poderia até ter a vaca, mas quem bebia o leite eram os donos das catras, os faisqueiros empresários. E, mesmo com as mãos calejadas, cobertas de calos e cortes profundos, continuava a cavar, com esperança firme, porque acreditava, com fé inabalável, que encontraria o cristal tão sonhado. E ainda nessa realidade, o escritor Assis Júnior, revela:

> Foram dias de sol e calor, começando-os e finalizando-os em um mesmo local. Dias após dia, o cenário era o mesmo debaixo do sol quente que fritava a pele daqueles homens exaustos. E para aumentar a canseira, o chão o desafiava e tornava-se mais resistente, como se quisesse testar seu limite para que quando menos esperasse o recompensasse pelo o que seus olhos vissem brotar entre as veias profundas da terra (Júnior, 2010, p. 49).

A luta espinhosa desses pobres sujeitos anônimos na busca delirante pelo cristal era esquecida quando eles o encontravam "a notícia daquele bambúrrio soou como um estrondo de dinamite dentro do garimpo. Imediatamente garimpeiros largaram suas picaretas para o lado, deixando seus afazeres" (Júnior, 2010, p. 49), como se o tempo parasse e a esperança tomasse tudo diante da descoberta.

O brilho do cristal, então, tornava-se o desejo de todos, "de mamando a caducando", mas seria, ao final, o destino nas mãos feito fortuna de poucos – seguramente dos exploradores que entenderam os códigos estruturantes do garimpo –, aqueles que, por um instante, tocavam a fortuna prometida, antes de perderem-na, mais uma vez, para as barrancas do sertão garimpeiro. Nesse sentido, Quinto Tonini narra:

> Tantos outros já desiludidos, cansados, humilhados, enganados pelas mulheres volúveis, haviam se lembrado de ter uma esposa que os amava, filhos que o esperavam, para se jogar em seus braços. [...] Na realidade, da maioria, apenas alguns faziam fortunas, ou seja, como se dizia na região, bamburravam (Tonini, 1959, p. 83).

E para cada bambúrrio, rajadas de armas rasgavam o silêncio do céu do sertão e ressoavam nas ruas da cidade, enquanto festas desmedidas se estendiam por dias inteiros, que "era uma alegria enorme, com os garimpos festejando os bambúrrios, tresloucados, espocando bombas, foguetes e rojões, com tiros disparados a esmo, e balas sibilando os ares, tudo à moda garimpeira" (Moreira Filho, 2020, p. 72-73).

Deste modo, "o grito da descoberta [...] é acompanhado de tiros de revólver e muitas vêzes modifica o destino do afortunado que o encontrou" (Paternostro, 1945, p. 305). O estrondo ensurdecedor se elevava até o céu, ecoando pelas serras e se dissipando na vastidão do sertão, misturando a exaltação com o perigo sempre à espreita, embalado pela dança incerta entre fortuna e desventura. E nessa mesma proporção, Juarez Moreira Filho assevera:

> [...] toda hora se ouvia salva festiva de tiros de revólveres de diversos calibres, bem como rifles, carabinas, garruchas e fogos espocando no ar. Era o anúncio de um novo bambúrrio que, quase sempre, chegava precedido pelas pedras brancas, chamadas leitosas, ou de prelúdio da existência do veio grosso do cristal de rocha, dentro de uma cratera de garimpo (Moreira Filho, 2020, p. 77).

Eduardo Guedes de Amorim, em seu livro *Aruanã*, ressalta com intensidade que, "quando é encontrado um diamante de grande quilate, há muita alegria e tiros de carabinas do garimpeiro feliz, ou então o contrário, guardam profundo silêncio, seja porém o caso, "é raro o garimpeiro ir embora para sua terra levando sua fortuna" (1973, p. 140) e ali entre a luz de uma riqueza vazia ele se perde.

Não apenas pelos diamantes essa euforia era viva, mas também pelos cristais, principalmente quando era grande e chamava atenção de todos. Achada a gema, uma euforia que se misturava de esperança e melancolia, na qual a felicidade, efêmera, perdia-se entre os sonhos e o peso da terra garimpeira que os sufocava. Assim, mesmo diante da glória cintilante das gemas, o destino parecia nunca permitir o retorno ao lar com as mãos repletas da riqueza almejada.

A figura 7 nos ajuda e entender um pouco desse processo no qual a sociedade garimpeira, em êxtase, parava para celebrar e reverenciar o cristal descoberto. Era uma pausa coletiva, um momento em que a sorte, combinada com a experiência arduamente lapidada ao longo dos anos de luta e perseverança, rendia seus frutos.

Figura 7 – Fotografia de garimpeiros e pessoas residentes na cidade de Xambioá reunidos em aglomeração por ter encontrado uma grande pedra de cristal no garimpo

Fonte: Arquivo da Prefeitura de Xambioá-TO

Na imagem, encontram-se elementos que merecem reflexão: no centro, o imponente grande cristal de rocha. Seu brilho, capaz de ofuscar olhos esperançosos, era mais do que um espetáculo — seu porte grandioso comovia e fascinava os que o contemplavam, entre eles mulheres, crianças e idosos. Onde novamente, poderia levantar e instigar o desejo mais íntimo de um – ser – garimpeiro e garimpeira.

Não é de surpreender que, quando um cristal dessa magnitude era descoberto, a vila, a cidade e todo o sertão garimpeiro ficava envolto no encanto da notícia de que mais um indivíduo, ou talvez vários, tenha conseguido encontrar a fortuna que tanto procurava ou ter o luxo efêmero de uma vida de regalias em meio às brenhas.

Próximos ao cristal, podem-se distinguir alguns sujeitos, aparentemente garimpeiros e faisqueiros, bem vestidos. Esse cuidado no trajar poderia ser compreendido de duas formas: a primeira, pela relevância do momento, quando exibir-se com as melhores vestes era uma maneira de honrar e ser reconhecido pelo achado e impressionar todos da região; a segunda, refletindo a posição social de alguns, classificados como garimpeiros de meia-praça, sócios ou faisqueiros, que detinham poderes sociais, econômicos e políticos para tal distinção.

Contribuindo para essa narrativa, destaca-se o senhor Misael Pereira[78], de cócoras e com um cigarro entre os dedos. Ele simbolizava a dualidade do sertanejo: tanto garimpeiro quanto faisqueiro, percorreu vários garimpos neste Brasil imenso e na mesma intensidade quanto destacava a região do antigo norte goiano, era testemunha e protagonista das jornadas repletas de risco e esperança.

Além disso, as pessoas – garimpeiras – ao encontrarem os cristais no ventre da terra corriam alvoroços pelas vielas, ruas para o hotel, os botecos e cabarés, casas de lapidações, lugares públicos e recantos privados para exibir com orgulho os seus achados, fazendo um gesto, um ritual de exibição, distinção e principalmente para atrair bons compradores e obter uma futura venda.

Esses lugares, como já dito, tinham bailes varavam as noites inteiras, contratavam cantores, bandas, fechavam ruas e tinha todo tipo de bebidas alcóolicas que deveria existir. Esses espaços fervilhavam de vida, abarrotados “de consumidores que viviam à luz da

[78] O senhor Misael Rodrigues é de origem pernambucana. Passou por vários estados, garimpando, e chegou às barrancas do garimpo de Xambioá, onde trabalhou como garimpeiro e faisqueiro ainda na década de 1950. Foi um sujeito muito ativo na política da região. Em meados de 1980 foi um dos dirigentes do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) na cidade de Xambioá.

lamparina e jogavam baralho, deixando-lhes uma fonte de lucro com esse outro entretenimento" (Moreira Filho, 2020, p. 23).

Esses eventos festivos ocorriam em diversos lugares, como salões rústicos, onde frágeis escoras de madeira sustentavam telhados trançados com palhas de coco babaçu, buriti ou juçara. Mas, na maioria dos casos, essas folias eram realizadas nos cabarés, como narrado no segundo capítulo. Eram os palcos mais comuns dessas celebrações. Em um desses refúgios de risos e cantos, narra Brasiliense, que tinha

> [...] um lampeão Petromax, pendurado na cumieira da casa, arregalava o olho para aquela gente endiabrada que saracoteava pela sala, naquela quadrilha salpicada de um francês naturalizado, que era uma aberração num meio ignorante como aquêle. Havia até homens dançando com homens (Brasiliense, 1960, p. 77).

Nessas curtições febris, muitos garimpeiros esqueciam do seu machismo — tanto que dançavam com outros homens —, mas o revólver calibre 38 permanecia sempre na cintura, um símbolo de poder e vigilância que era um "enfeite singular, completado pela cartucheira do homem que se diverte" (Ribeiro, 1959, p. 71) mesmo em passo desengonçados entre risos e cachaça, gestos firme de ajeitar a arma tornava-se um lembrete que a violência dançava junto, um mundo onde o afeto masculino e o machismo bailava entre os corpos e o cabo de aço de uma arma.

Nessas ocasiões, mesmo por um curto período, as regras canônicas sociais conservadoras eram quebradas, pois o que importava era o sabor da riqueza que se misturava com a bebedeira no local e com "o fumo [que] volteia pelos ares e tolda-os" (Ribeiro, 1959, p. 71), criando uma atmosfera em que o presente era absoluto, um pulsar contínuo de corpos e almas, suspenso na frágil euforia da noite. Para completar, o ritmo ditado pela sanfona, como destaca Brasiliense:

> – Balanciê! Túuu! Treversê! É mintira!
> – Corre o dedo nesse fole, cabra macho! – Gritou Aristides, o som do fregue.
> O sanfoneiro firmou o queixo no instrumento e apressou o compasso (Brasiliense, 1960, p. 77).

Geralmente, quem organizava essas festas era o bamburrista — nesse caso, o Aristides —, mas farras do tipo também eram promovidas por dois ou mais garimpeiros, sejam do mesmo grupo ou de grupos distintos, cujas rivalidades poderiam transformar a celebração em palco de conflitos. Sentia-se deslocado ou excluído aquele que não havia bamburrado era

“desfavorecido pela sorte. Suas catas queimaram-se uma após outra, isto é, nunca arranhou coisa que compensasse o seu trabalho. Vive eternamente no blefe” (Ribeiro, 1959, p. 71).

A esses sujeitos desgraciosos restavam apenas o espaço e o papel de espectadores, acompanhando, de olhos baixos e distantes, aquelas almas inquietas e as comemorações dos mais afortunados. Os brilhos dos olhos, das risadas e os ecos das canções teciam um espaço de distância, separando o sonho da realidade, enquanto o perdedor permanecia preso no desejo mudo de uma virada que talvez nunca viesse. E nesse caso, conta Ribeiro:

> O triste espectador da noitada e de tanta alegria mostra-se assíduo freqüentador das diversões, ali chegando tôdas as noites encostando-se nos companheiros que gastam à larga. Para imitá-los espera um dia a bonança da roda da fortuna que há de contemplá-lo na loteria dos monchões, mesmo por que já se acostumou à alternância do bambúrrio e do blefe, de anoitecer endinheirado e amanhecer endividado, em seu fatalismo aventureiro (Ribeiro, 1959, p. 72).

Enquanto não chegava o dia de estar no mesmo lugar daqueles que bamburravam, os desafortunados se mantinham à distância das folias, espreitando de fora, onde “a noite isolava o baile do resto do mundo. Essas escuras do sertão eram piores que as velhas alcoviteiras” (Brasiliense, 1960, p. 77). Sem a luz do lampião e longe da algazarra da festa, a solidão se tornava um manto pesado, e “a noitada alegre é o tormento para outros blefados” (Ribeiro, 1959, p. 73).

O eco das risadas distantes e os acordes abafados das sanfonas e das violas eram, em certa medida, uma música feita para zombar dos desafortunados — os azarados —, que permaneciam presos ao frio da expectativa e ao peso do silêncio, esperando que a fortuna e a sorte um dia sorrissem para eles e possibilitasse a eles mudar de rumo suas vidas. E aqueles desafortunados ainda assim viviam sonhando com dias menos hostis, mesmo sem certeza alguma, continuavam firmes em seus abrigos.

Ignorando os infelizes, o garimpeiro Aristides “deixava extravasar a sua alegria naquela noite porque sua cata soltara cristal fartamente. Estava as portas da riqueza. Por isso dava aquela festa a seus amigos e companheiros de trabalho” (Brasiliense, 1960, p. 79). A euforia transbordava nos gestos e nas palavras e a festa se tornava um símbolo da ascensão, do triunfo, mesmo que temporário, em que os limites do prazer se dissolviam.

Diferentemente de Aristides, outros bamburristas não gastavam com festejos, preferindo aplicar ainda mais no garimpo, arriscando-se a perder tudo o que possuíam, ou investindo em outros negócios, como a compra de terras, que poderia torná-los fazendeiros ou empresários de diversos ramos. Poucos seguiam o conselho de prudência, pois, o “velho,

precisas guardar alguma coisa para quando não puderes mais trabalhar" (Guimarães, 1959, p. 47).

O sucesso no garimpo poderia inclusive garantir mais do que aquela riqueza material: ele abria as portas para ingresso nas rodas políticas, pois, "os garimpeiros além de descobrirem diamantes [e cristais] já fizeram deputados e senadores" (Paternostro, 1945, p. 306). O garimpo, com seu brilho efêmero, tornava-se uma escada para os que vislumbravam algo além do sertão garimpeiro, e, como "muitos faziam do garimpo um trampolim para vôos mais altos na política" (Kotscho, 1984, p. 64), não só e Goiás, como também na de estados vizinhos.

Alguns, movidos pela ambição e pela chance de se tornarem figuras de poder, chegaram até a ocupar cargos políticos no âmbito federal. O brilho do cristal e o poder que a terra poderia lhes proporcionar se misturava com o poder e a política, e a transição do garimpeiro para o político se fazia pelas veredas dos cristais.[79]

Nas catras dos garimpos de Goiás ocorriam conflitos, às vezes sangrentos, como no caso que envolveu o "chefe de garimpeiros Sr. Carvalhinho. Êste homem [...] como prefeito de Jataí, estivera em luta permanente de guerrilhas com outro chefe de garimpeiros, o Sr. Morbeck" (Paternostro, 1945, p. 306). Ambos disputavam a posse das melhores lavras, onde os minérios à flor da terra alimentando rancores e alianças temporais. As rivalidades entre os chefes locais rabiscavam o mapa do poder sob o estopim de tiros e a leis dos mais violentos.

A disputa não era apenas pela terra, mas pelos "locais onde apareciam [...] 'xibios' [e que] transformaram-se, até 1930, em lutas políticas, de que foram instrumento os dois chefes garimpeiros" (Paternostro, 1945, p. 306). Tudo girava em torno do controle das catras e das

[79] Nos relatos (in)formais de garimpeiros, faiscadores e políticos do estado do Tocantins com os quais tive — e ainda tenho — o prazer de conversar por horas a fio, sobretudo sobre a cidade de Xambioá, surgiram figuras marcantes, personagens que misturam a poeira das trilhas com o brilho das gemas. José Wilson Siqueira Campos, ex-governador do Tocantins, natural do Ceará, iniciou sua jornada como vereador em Colinas de Goiás, atravessando o norte goiano em andanças que o levaram aos garimpos, onde negociava cristais e, mesmo quando já ocupava altos cargos, como o de deputado federal, continuava encantado pelo brilho das pedras e pelos negócios que elas envolviam. Conforme relataram o ex-governador Marcelo Miranda e diversos garimpeiros da região de Xambioá e do Bico do Papagaio — como Nazário Fernandes —, Osvaldo Reis, natural do Piauí, também trilhou esse caminho: começou garimpeiro no garimpo do Chiqueirão em Xambioá de Goiás, virou faisqueiro, pecuarista e empresário; mais tarde, ingressou na política, foi prefeito interventor de Araguaína Tocantins e deputado federal, ganhando o apelido de "Rei do Bico" no cenário político da região. Ainda sobre o garimpo de Chiqueirão em Xambioá de Goias, onde forjou vidas e futuros, nasceu Migel dos Santos Barros — filho da terra, pioneiro e um dos fundadores do lugar. Foi vereador durante a gestão de João Saraiva. Seu filho, Everaldo Barros, seguiu os passos do pai: foi prefeito entre 1982 e 1988, renunciou ao cargo para buscar novos rumos, tornou-se o terceiro deputado estadual mais votado no Tocantins, assumiu como constituinte em 1999 e, desde então, cumpriu quatro mandatos e mais um como suplente por quatro meses. Em uma de nossas deleitosas conversas, Marcelo de Carvalho Miranda me revelou que o irmão de seu pai, Antônio Miranda Inho, foi também garimpeiro e faiscador na cidade de Dois Irmãos.

urnas, onde as armas se misturavam com as promessas de poder, “formando um ambiente de paixões e de ódios enfurecidos” (Silva, 1954, p. 107).

Os garimpos, que antes eram apenas buscas por riquezas, transformavam-se em palcos de disputas veladas, onde os brilhos dos cristais eram ofuscados pelas chamas das rivalidades entre sujeitos e grupos políticos, sendo que cada pedaço — barranco — de terra — era alvo de batalhas, tanto nos campos sertanejos quanto nas urnas eleitorais.

Com a chegada de muitas pessoas, formou-se, “uma população de aventureiros [e aventureiras], vinda principalmente da Bahia, residente naquela zona. Geralmente agrupam-se em tôrno dos chefes da exploração do diamante” (Paternostro, 1945, p. 305) ouro e principalmente do cristal.

Eram aventureiros e aventureiras, sonhadores e forasteiros, sedentos por riqueza e poder que o garimpo de cristal de rocha prometia. Deixavam tudo para trás, levados pelo encanto ardente do cristal, e seguiam sertão adentro, em busca do brilho escondido nas entranhas da terra. Para isso, recrutavam gente simples, carente, disposta a encarar os barrancos e o suor pesado da lida, movidos todos pela esperança de encontrar nas pedras o caminho para mudar de vida.

O trabalho nas profundezas da terra se tornou, assim, uma promessa de redenção para uns e de opressão para outros – grande maioria – , enquanto os chefes, em seu poder recém-adquirido, governavam as vidas dos que ousavam sonhar com a riqueza fácil. A exploração e a miséria se entrelaçaram como via de mão dupla de uma trama e o destino dos garimpeiros e garimpeiras estavam atrelados à sorte que o cristal pudesse oferecer.

Como o “dinheiro de garimpeiro saía da terra com dificuldade, mas não suportava a luz do sol, desaparecia logo” (Brasiliense, 1960, p. 79) em gastanças desenfreadas. Havia aqueles que “abocanhara muito dinheiro, sem resultado algum” (Tonini, 1959, p. 70), como se a fortuna fosse apenas um sopro passageiro. Como visagens, os dinheiros das vendas dos cristais sumiam antes mesmo de assentar no bolso — nos bornas — desapareciam tão velozes quanto o curso do rio, esvaíam-se na correnteza da vida e das vaidades que não lhes deixavam guardar.

Sacos de dinheiro eram derramados sobre as mesas dos cabarés e bares, lugares onde os garimpeiros se entregavam às farras e à euforia da conquista. Ali, o dinheiro era como pernas de embuá, não parava quieto, sempre acompanhado de muita bebida e risos descompassados, como se a promessa de riqueza fosse uma dança sem fim. O ciclo de ganho e perda girava incessantemente, e o que parecia sólido se transformava rapidamente em névoa, levada pela maré do vício. A exemplo disso, Brasiliense conta:

> – Tá fazendo muita poeira, Aristide!
> – Agua nessa casa, gente!
> – Quem vai no córgo buscar água? Quem vai?
> – Casa de festa na Bahia velha se agôa é cum cerveja, negrada!
> – Manda buscar quantos sacos de cerveja quiser, cabroeira!
> – Aonde? Aonde tem cerveja?
> – Seja no rabo da vó! Manda busca essa cerveja, corja de gente mole! – Não danço com poeira!
> O sanfoneiro foi reanimado com mais um gole de conhaque de alcatrão. Achava-se grupado, e um litro dessa bebida já estava desprezado debaixo de sua cadeira, completamente seco (Brasiliense, 1960, p. 79).

Desse jeito, não tinha como segurar riqueza nas mãos daqueles garimpeiros que extravasavam com os recursos que adquiriam com o garimpo de cristal. Litros de cachaça e cerveja eram "largamente bebidos e mesmo derramados ao calor da animação, numa demonstração explícita de força do dinheiro fruto de uma boa colheita da semana" (Ribeiro, 1959, p. 70), assim como o famoso bamburro, feito na inconstante busca do cristal.

A cerveja derramada era tanta na festa de Aristides que, em pouco tempo, ao invés de poeira "havia lama pela casa. Cada garimpeiro empunhava uma garrafa de cerveja, arrancava a tampa com os dentes, quando os tinha bons, ou apenas quebrada o pescoço das garrafas pelos portais. Bebiam a metade e despejavam o resto na sala" (Brasiliense, 1960, p. 79).

A bebida, derramada como um símbolo da efemeridade da fortuna adquirida pelo cristal, trajada de alegria delirante dos garimpeiros, misturava-se ao cheiro da cachaça e à lama da noite. Cada gole parecia um grito e um pulo de liberdade das amarras das misérias latentes, mas também um convite à perda, como se o destino, entre risadas e brindes, fosse selado pela fugacidade da riqueza conquistada.

3.7 Ganância, violência e ignorância

A violência e a ignorância persistiam em reinar em meio à farra, e o machismo, que às vezes era esquecido na dança entre homens, mesclava-se "ao perfume das damas e o suor dos dançarinos e de envolta a fumaça negra do lampião de querosene ou do Petromax. O arrebatamento prolonga-se por horas e horas" (Ribeiro, 1959, p. 71). Entre os passos das danças, marcados por risos, gritos e sussurros, a embriaguez toma de conta dos corpos limpos, suados e sujos. E as festas passavam no tempo no dissolver no frenético cansaço do sanfoneiro.

Na festa, entre goles de cervejas, algazarras e risos altos, a atmosfera carregava uma mistura de exaltação que a "fuzarca se prolongou até o dia seguinte, lá pelas sete horas da

manhã" (Brasiliense, 1960, p. 79) e em outras situações festivas, só um dia não acabaria com o euforismo de riqueza mesmo que momentânea, enquanto haveria dinheiro no bolso a festava estava rolando a solta.

O tempo perdia o sentido e as horas se desfaziam em uma celebração que parecia não ter fim — enquanto o dinheiro estava no bolso, a festa faria alvoroço —, um transe coletivo onde o cansaço se rendia à euforia. Os sujeitos, embriagados pelo álcool e pela alegria tempestuosa, moviam-se loucamente, enquanto um ímpeto ressoava nas batidas do chão e nas notas desafinadas da música.

Parecia mesmo que, "não existe garimpeiro que volte imediatamente ao trabalho quando enche o bôlso com o produto de um bambúrrio" (Morse, 1968, p. 38). O dinheiro no bolso trazia consigo a efervescência da liberdade, e a catra, por um tempo, deixava de ser uma preocupação. Neste momento era tempo de festa, de cerveja, pinga, comida farta, risos estravagantes e lagos sob a luz tremeluzente do lampião.

Era festa, exaltação e um desenfreado esbanjamento de poder econômico e social, mesmo que momentâneo. Durante esse período de fartura e ostentação que "só se fala em cachaça e mulher" (Kotscho, 1984, p. 10). Bares, cabarés, ruas e barrancos se transformavam em palcos de alegria desmedida e o brilho da conquista se refletia nas gargalhadas e na música alta, ecoando nas noites.

Foi assim na festança promovida por Aristides. Estavam todos anestesiados não apenas pelo álcool, mas também pelo brilho sedutor do cristal e pela ilusão de riqueza fácil que o garimpo proporcionara. Os garimpeiros, enfeitiçados pela falsa sensação de poder que o garimpo oferecia, entregavam-se ao esquecimento dos dias duros. E nos bailes do forró, esqueciam-se dos perigos, das promessas quebradas, a noite adormecia os sonhos trágicos, enquanto a música da festa encantada de forma penetrante os ouvidos dos que ali estavam.

Onde, naquelas "alturas já estavam batendo com um pé no chão empoeirado, ensaiando uma dança de tapuio, rodando, agarrados na cintura uns dos outros, feito filhotes de macaco" (Bernarde, 2005, p. 46) como se as suas pobrezas tivessem sido esquecidas por horas afim, até o amanhecer.

Ao final da farra, muitos sucumbiam ao cansaço, caindo no sono profundo. O sanfoneiro, "foi amolecendo no compasso, começou a dar notas em falso" (Brasiliense,1960, p. 80) numa melodia quebrada que prenunciava o encerramento da celebração. Mas, no garimpo, o fim de uma festa era apenas o prelúdio para outra; as festas pareciam não ter fim; era uma festa depois da outra, especialmente nos finais de semana.

Deste efeito, “Aristides roncava também a um canto, escornado num banco, ensapatado e engravatado. Mal tivera tempo de tirar o paletó, já dormente pela bebida” (Brasiliense, 1960, p. 80). A madrugada se encaminhava ao silêncio, interrompido não mais pelas músicas, mas sim pelos roncos e murmúrios, enquanto as poeiras e lamas se acomodavam no chão, aguardando o próximo festim que logo viria reacender a euforia no sertão garimpeiro. Quanto a Aristides, Brasiliense continua a narrativa:

> Quando se levantou, à tarde, que foi pensar no acontecido. Procurou reconstituir os fatos da noite anterior, como quem quisesse fazer uma colcha de retalhos e não soubesse onde estavam os pedaços de pano pra isso. Levantou-se como se estivesse aprendendo a caminhar de novo, afirmando-se pelas paredes, até encher uma cúia dágua com que procurou desfazer o azedume da cara molhando bem a cabeça. Isso lhe produziu um efeito benéfico, como se fosse uma cola que conseguisse unir novamente os pedaços de seu corpo que estava em frangalhos (Brasiliense, 1960, p. 80).

De tão embriagado que estava, Aristides nem sentiu o tempo passar. A ressaca da festa veio no dia seguinte e ele só começou a se recuperar quando alguém perguntou: “o senhor não qué ir ali e baixo pra rebatê a ressaca, patrão?” (Brasiliense, 1960, p. 81). Estava fatigado, desidratado, com sede de água depois de horas de bebedeira regadas à cachaça e cerveja.

Ao estar presente e uma dessas farras garimpeiras, Bernardes contou que “dei acordo de mim, uma fresca do sol bonito da manhã batendo-me na cara lanhada de suor e poeira. Ergo a cabeça, corro um exame na turma, uma porcada saciada, agarrados nas cadeiras um dos outros. [...] Boca esturricada, sede monstra” (2005, p. 46). O levantar do corpo sentia nele o peso da noite que queimava e pensava a alma entre a lama e a cachaça.

Depois da ressaca física veio o susto na hora de pagar as despesas da noitada. O sanfoneiro, ainda em meio à embriaguez, convidou Aristides para beber mais umas e ele recusou; “mandou saber das contas que havia feito por todos os cantos. Seis mil e alguns miúdos! Tudo feito no bico da pena” (Brasiliense, 1960, p. 81). O garimpeiro esfregou a testa, tentando recordar dos brindes e das bebidas nas mesas alheiras, mas sente no peso dos seis mil sobre o corpo e a cabeça a consciência com arrependimento.

Ele ainda nem tinha vendido os cristais que encontrara e já gastara tudo e mais um pouco enquanto. Enquanto isso, “sua mulher estava doente em Anápolis, no Hospital Evangélico, onde os médicos lhe haviam rasgado o bucho para retirar o apêndice velho, quase para estourar de pôdre” (Brasiliense, 1960, p. 81). Ao calcular o que iria receber pela venda, constatou que daria somente quatro mil e alguns centavos — dois mil a menos do que custou a festança.

Sob efeito da bebida, o garimpeiro tinha a sensação de alegria e prazer. O consumo de álcool provocou nele e em seus companheiros um efeito estimulante, deixando-os eufóricos e desinibidos. Porém, após algumas horas de bebedeira, o raciocínio ficou embaçado e então Aristides esqueceu de suas responsabilidades; nem sequer lembrou da esposa doente.

E naquela noite, o garimpeiro se lançou – assim como muitos – a um "festejar sem contas a medir, desbragado, que se prolonga enquanto o dinheiro pesar no bolso, até que da fortuna reste apenas a montaria reservada para as grandes aperturas" (Ribeiro, 1959, p. 73). Desta maneira, movido por uma falsa sensação de poder, a farra continuava até a inevitável ressaca da realidade.

O calor abrasador do sol, no dia seguinte, trouxe consigo a ressaca moral, pesada e implacável, e com ela, o pensamento incômodo de que, "para cavar a barriga da mulher, coisa feita em poucos minutos, os médicos cobrariam um absurdo, e agora êle teria de cavar chão sem descanso para pagar aquela brincadeira de mau gôsto" (Brasiliense, 1960, p. 8 1).

Apenas o garimpo, com suas promessas incertas, poderia lhe dar a possibilidade — mais uma oportunidade — de escapar das dívidas que se acumulavam, antes e depois de sua trajetória pelo cristal de rocha. Aristides, ao encarar sua triste realidade, sentia o peso e as responsabilidades de suas escolhas e a dura lição que o destino lhe reservava, enquanto o brilho efêmero da noite anterior se dissipava sob a luz implacável do dia. E diante dessa realidade paradoxal, Brasiliense lembra:

> Dinheiro de garimpeiro não pregava no bolso, escapulia imediatamente. Estava num dilema chato. Ou nunca mais beberia cachaça, ou entraria num pileque constante, para fugir a todas as suas responsabilidades de chefe de família desajuizado. Por que não aceitaria o convite do sanfoneiro? Era da mesma laia, não havia dúvida (Brasiliense, 1960, p. 81).

Aristides tomou consciência de que, no garimpo, valia a máxima, como afirma Herberto Sales, "depressa se gasta o que depressa se ganha" e de que "o dinheiro de garimpo tem dois *vv.* Do mesmo modo que vem pra mão da gente, volta pra ele" (1986, p. 69). Os ciclos de ganhos e perdas eram tão intensos que muitos homens, tomados pela febre da mineração do cristal, optaram por nunca mais regressar às suas famílias, enquadrando-se, no caso do "esposo [que] saiu de casa para os garimpos e nunca mais voltou" (Morse, 1968, p. 22).

Essa mesma realidade ecoava na visão de que "um homem que trai a Lei do Senhor, abandona sua legítima esposa, seus filhos, vem para o garimpo, une-se a uma companheira que lhe empresta seu físico" (Tonini, 1959, p. 209). Dizia-se no garimpo que "garimpeiro que

atravessa três rios está solteiro". Era como se, ao atravessar aquelas águas, esquecesse dos seus compromissos, suas juras e acordos, reinventava-se nas barrancas dos garimpos e o seu passado ficasse no esquecimento.

Desse modo, os brilhos dos cristais pela busca de riqueza desfizeram alianças de famílias, amigos e de trabalhos, des-res-fazendo caminhos, essa busca incessante pela riqueza no eldorado cristalífero (trans)formou o destino de muitos, desenvolvendo memórias, histórias de ganhos inesperados, perdas irremediáveis, de felicidades efêmeras, tristezas duradouras, de companheirismo forjadas as noites, nos dias de trabalhos incansáveis e de festas memoráveis nas veredas garimpeiras.

Outros, movidos por paixões e contradições, mantinham duas famílias — uma em sua terra natal e outra nas brenhas solitárias do sertão garimpeiro. Entretanto, existiam aqueles que, cumprindo seus ofícios na dura lida, ganhavam seu sustento e retornavam ao lar, carregados de esperança e uma pequena riqueza que poderia lhes proporcionar viver bem. Mas, mesmo para aqueles que seguiram à risca a rotina exaustiva do garimpo, o desfecho, muitas vezes, como era este: "ao terminar o garimpo, retornavam às suas casas, mais pobres do que eram antes" (Tonini, 1959, p. 39), condenados a viver até o fim dos dias imersos no mar sem fim da miséria.

Aristides, que num dia tinha bamburrado, sentindo-se rico e feliz, longe de todas as preocupações cotidianas, no amanhecer, no dia seguinte, amargava as dívidas que fizera. Talvez a diferença entre ele e o sanfoneiro, parecia ser "apenas que o músico não tinha nenhuma responsabilidade, não tinha mulher nem filhos e vivia de forrobodó em forrobodó, dormindo pelos cantos, cheio de pinga e abraçado com o instrumento, único meio de vida que possuía" (Brasiliense,1960, p. 81).

Mas o garimpeiro, salienta, "tinha um nome a zelar. Efetivamente estava se tornando um patife de marca maior naquele lugar depravado. Antes de ir ali, na ocasião em que mexia com tropas, não se metia naquelas bagunças" (Brasiliense, 1960, p. 81) era a poeira e a lama do sertão garimpeiro transformando os seres que ali sobreviviam apegando-se – mais – na cobiça e nos vícios e esquecendo de suas responsabilidades.

Os hábitos e comportamentos humanos no sertão se transformavam de acordo com as relações entre as pessoas e os ambientes ao redor, levando em conta aspectos físicos, culturais e sociais do lugar onde viviam ou se encontravam temporariamente. Essas mudanças aconteciam com regularidade, acompanhando os ciclos da natureza e da economia, e influenciavam os modos de vida, como plantar, colher, celebrar, permanecer ou até migrar. O

sertão garimpeiro, nesse sentido, modelava tanto os sujeitos quanto era por eles moldado, num constante vaivém de influências mútuas, em uma semiose contínua.

Exemplo disso era Aristides, que, antes de assimilar os costumes garimpeiros de esbanjar dinheiro e gastar, em apenas uma noite, tudo o que tinha ganhado com a exploração do cristal de rocha, trabalhava como tropeiro e não se lançava alucinadamente em farra de bamburrista. Isso mostrava a influência do ambiente garimpeiro sobre os sujeitos que estavam nele imersos. Sobre isso, Antônio de Pádua Morse comenta:

> Quem trabalha nos garimpos, provavelmente por influência do meio, raro escapa ao mau hábito de tornar-se gastador. Se bafejado pela sorte, tem prazer em ostentar prodigalidade: seguindo o exemplo dos companheiros bamburristas, como que se sente na obrigação de esbanjar boa parte do seu ganho, promovendo beberetes e dissipando o dinheiro em outras futilidades (Morse, 1968, p. 39).

Aristides era prova irrefutável desse tipo de comportamento. Quando lidava com tropas, ele "não se metia naquelas bagunças" (Brasiliense,1960, p. 81), mas ao começar a conviver com os garimpeiros, parecia ter adotado outra identidade, como se o mundo de excessos e desregramentos o transformasse. Se antes, tinha alguma preocupação com a família, depois da ressaca da festa passou a culpar a esposa por seu infortúnio. A respeito disso, Brasiliense acentua:

> O ruido da festa, aos poucos se afugentava de sua cabeça, e êle agora estava louco de raiva da mulher. Acostumada a comer paçoca a semana inteira, fora inventar, logo naquela ocasião em que êle começava a ajeitar o pé de meia, a enganchar um caroço de quiabo no demônio daquele pedaço de tripa vagabundo, que só pra tirar o gôsto de um pobre mortal (Brasiliense, 1960, p. 82).

Numa atitude machista, Aristides jogava sobre a esposa enferma a culpa pela bagunça que ele mesmo promovera em sua vida. Demonstrava, com isso, uma moral frágil que não se sustentava naquele mundo garimpeiro. Ele havia entrado em um processo de ressaca moral e estava vivendo um conflito interpessoal, com sentimentos de vergonha, arrependimento, tristeza e angústia, reforçados pela visão do cabaré que abrigou a festança da noite anterior, conforme relata Brasiliense:

> Pela casa toda recendia uma catinga de coisa azeda tão forte que engulhava o estômago mais resistente. A cerveja derramada, a cusparada pródiga por todos os cantos, os tocos de cigarros, tudo isso concorria para dar à cara do exanfitrião a máscara de uma angustia irremediável, de arrependimento tardio, de nôjo pela vida (Brasiliense, 1960, p. 81).

Enquanto Aristides mergulhava no peso do “arrependimento tardio” (Brasiliense, 1960, p. 103), observando o estado lastimável do lugar e calculando prejuízos, em outros lugares do vasto sertão garimpeiro, “o resto continuava no lufa-lufa de sempre” (Brasiliense, 1960, p. 103). As festas e as farras pareciam uma engrenagem ininterrupta, pulsando ao ritmo da ilusão entre os garimpeiros.

Quanto mais cristais extraíam, mais dinheiro; quanto mais dinheiro, mais e maiores as festas; e com elas, crescia o prestígio social, ainda que fosse efêmero, como um brilho que cegava antes de se apagar. A euforia garimpeira parecia eterna, mas era apenas mais um ciclo de excesso e vazio, no qual o brilho do cristal ofuscava o peso das responsabilidades. Eli Brasiliense acrescenta:

> Garimpeiros reduzidos a trapos chegavam atraídos pelas notícias de Pium, e de um momento para outro estavam metidos na farra, gastando com bebidas caras e mulheres baratas. Alguns que atropelavam de repente num montão de cristal, se esqueciam da doença dos filhos, das mulheres, deixavam de lado as dívidas em que estavam atolados até o pescoço e bebiam, bebiam (Brasiliense, 1960, p. 103).

Esses garimpeiros em estado de calamidade social chegavam atraídos pelos garimpos de Pium e de outras regiões do “nortão” do sertão goiano, como Xambioá, Cristalina, Araguaína, Araguanã, Arapoema, Dois irmãos, Itaguatins e, já incorporando os costumes do garimpo, repetiam festas, esquecendo a pobreza e a fadiga. Os amargurados de corpo, alma e espírito cediam à bebida e outros sentiam aflorar ainda mais as suas feridas.

E assim eram as festas no sertão garimpeiro, repletas de felicidade e dor e, às vezes, de confusões e mortes. Mas uma coisa era certa: depois dessas farras, todos “amanheciam escornados em qualquer canto, com o bolso vazio e suas mãos trêmulas para empunhar, de novo, a picareta” (Brasiliense, 1960, p. 103), retomando o ciclo eterno e do esquecimento.

O esbanjamento de dinheiro era tão absurdo que houve caso de garimpeiro fretar avião de Xambioá, em Goiás, para a cidade de Carolina, no Maranhão, apenas para beber água gelada e retornar. Esse comportamento extravagante era sustentado pelos bambúrios sucessivos que forneciam “incessantemente dinheiro ao desacautelado, sempre disposto ao desperdício” (Ribeiro, 1959, p. 74).

Era uma época marcada pelas “homéricas farras dos tempos áureos do minério, tempo de fartura, do dinheiro a rodo, da mulherada escolhida a dedo, das bebidas caras, maços e maços de cigarro inglês, com o garimpeiro acendendo charuto com nota de dinheiro graúdo” (Moreira Filho, 2020, p. 178). Entre o luxo momentâneo e a ilusão de grandeza, os dias de

fartura se tornavam espetáculos, reflexos das buscas desenfreadas por prazeres que se dissipavam rapidamente, como o dinheiro entre seus dedos, como sabão.

Contos, causos e histórias de bamburragem se acumulavam e circularam como lendas vivas no sertão garimpeiro, cheias de exageros e fascínios. Contava-se, por exemplo, sobre o garimpeiro que, ao bamburrar, apanhou um maço volumoso de dinheiro, amarrou-o em uma corda e o arrastou pela cidade, proclamando com orgulho: “Antes eu corri atrás de dinheiro, hoje é ele que corre atrás de mim”. Essas narrativas, cheias de simbolismos, eram ecoadas nos acampamentos e nos bares, reforçando o poder transformador, ainda que efêmero, do garimpo. Outra história, ainda mais intrigante, foi registrada por Eduardo Guedes de Amorim:

> Conheci um morador em Baliza, pessoa um tanto rude, quase analfabeta, cujo o nome oculto, que teve uma sorte ináudita: arrancando moitas de capim do quintal, viu que vinham diamantes misturados com a terra, fazendo uma pequena fortuna e foi para o Rio de Janeiro e, em poucos dias gastou tudo. Voltando para Baliza, mais diamantes achou na terra das moitas de capim arrancadas; outra vez no Rio de Janeiro e, contaram-me numa noite, um cabaré, mandou servir champagne a todos que ali estavam e, como da outra vez gastou todo o dinheiro que tinha. E, a sorte, talvez cansada de ver tanta loucura e estupidez, não mais o bafejou (Amorim, 1973, p. 140).

Entre essas tantas representações, que transformaram o sertão garimpeiro em um eldorado de promessas e ilusões, sobressaía-se a certeza de que uma riqueza era tão fugaz quanto fascinante. Pois “é sabido, por aqueles que lidam nesse penoso ofício de cavucar o chão, que todo garimpo tem a sua descoberta, o seu apogeu, com rios e mais rios de dinheiro, passando de mão em mão com meretriz emprestando dinheiro a juro” (Moreira Filho, 2020, p. 178).

No auge desses desejos ilusórios, o esplendor, o dinheiro, ainda quente do garimpo, corria como água, alimentando vícios, sonhos e desventuras, enquanto o sertão parecia respirar em ciclos de riqueza e penúria. O cristal de rocha, parecia que ao mesmo tempo que dava a benção também carregava maldição, tocava com sua febre os corpos, as almas cansadas, e cada batia da picareta ecoava as (des)ilusões.

Mais uma história que envolve sonhos, riqueza e misticidade é a de um garimpeiro que, na busca do cristal de rocha, escavou uma extensa catra. Ao encontrar uma grande rocha de cristal, disse para todos que “nem Deus tirava sua riqueza”. Horas depois, apareceu na catra um minador de água. Desesperado, o garimpeiro contratou “bombas de sucção ou homens munidos de lata de querosene esgotando o terreno continuamente, possibilitando a visibilidade na retirada do cascalho em seu leito” (Ribeiro, 1959, p. 94), mas a força da natureza se mostrou implacável.

A situação só piorou e “numa emergência desta ordem são indispensáveis dez, vinte ou ainda mais homens para enxugar o terreno” (Ribeiro, 1959, p. 94), esforço que se revelou insuficiente. E, assim, o imenso cristal foi afundando na terra, a catra virou uma imensa lagoa e seu sonho de riqueza se afogou nas águas do garimpo, levando consigo o orgulho e a promessa de prosperidade.

Tinha aquele garimpeiro que, mesmo sem nunca ter pisado no sertão garimpeiro e quando pisou, encontrou, na primeira escavação, o inesperado: a fortuna que parecia destinada, ele “discobre cada ninhada de pedra qui parece qui é um espírito qui tá insinando êle onde tá socado o cristal” (Brasiliense, 1960, p. 104) e cada cavada se via que aquele cristal era apenas o começo de um filão maior.

O povo sertanejo, ao presenciar tal prodígio, murmurava que era sorte concedida por Deus ou um pacto firmado com o diabo. Havia mesmo “garimpeiros de sorte, que encontraram a fortuna encastoada na pedra, à sua espera” (Borges, 1987, p. 334). Entre a mística e a realidade, o sertão garimpeiro se fazia palco de histórias nas quais o escolhido se tornou possível, e o homem, cúmplice do acaso, na pura sorte.

O cristal não era para todos os garimpeiros — para uns, uma promessa eterna e inalcançável, como se o destino lhes negasse o brilho em vida; para outros, bastava uma única catra para encher carroças e sacos com fortunas reluzentes. Havia ainda aqueles que, ao longo de toda a vida, cavaram barrancos pelos ermos do sertão sem arrancar sequer uma lasca da gema cobiçada — e, desiludidos, deixavam para trás ferramentas e sonhos, como se o sertão os tivesse tragado. Cada sulco aberto era um suplício esquecido, como se aquela terra árida fosse amaldiçoada e deixassem uma promessa não cumprida.

O garimpeiro desafortunado, exaurido pelo cansaço da esperança e pela dureza dos Gerais, era, como aquele que “considerava-se ‘infusado’” (Rogério Júnior, 2022, p. 128), carregado de azar, cuja sina parecia ser lutar contra um destino teimoso e, mesmo assim, essas pessoas mantinham vivo o desejo de enriquecimento fácil até que o sopro de suas vidas fosse embora. E assim, o brilho do cristal não alcançado, apenas sonhado, misturava-se com o suor perdido, como se o próprio sertão garimpeiro vomitasse.

Sorte e azar se entrelaçaram no imaginário sertanejo, alimentado por narrativas que ecoavam entre as matas, veredas, ruas, barracos, barrancos e os cascalhos do garimpo. Era um mundo de extremos, em “grandes fortunas se formam, em pouco tempo; grandes esperanças se frustram, rapidamente; notícias se deturpam, transformando-se em boatos e em lendas — tudo de acordo com a natureza deste trabalho heroico que são as indústrias extrativas” (Folha de Goiaz, 1943, p. 1).

Nesse cenário de coragem e medo, riqueza, pobreza, azar e sorte, os garimpeiros viviam à mercê do destino, cercados por um misticismo que permeava o nortão goiano. Era também um território assombrado por histórias de garimpos amaldiçoados e encontros com o sobrenatural. Muitos acreditavam "que havia gente que se encontrava com o diabo todo ano na quaresma" (Brasiliense, 1960, p. 51). Assim, o garimpo não era apenas uma busca por cristais, mas também um confronto constante com os mistérios que habitavam a alma e os Gerais garimpeiros.

Essa vida garimpeira, era feito do "êxito do garimpeiro assemelha-se ao do jogador de loteria" (Ribeiro, 1959, p. 110) — e nessa mesma comparação, o garimpo "é como uma loteria, em que só há sortes grandes, e essas muitas poucas, [...] ganha um por cem que perdem" (Guimarães, 1951, p. 77). E mesmo nesse jogo cruel em que a era entendido por ima minoria e dado a sorte para a maioria, o garimpeiro mesmo que dormindo no chão, sonhava alto, e para tentar ganhar arriscava tudo, inclusive sua própria vida.

Essa mesma lógica se amplia quando, os "garimpos e loterias são quase a mesma coisa: milhares compram bilhete, porém os premiados são pouquíssimos" (Morse, 1968, p. 13) nesse jogo de longa duração, quase inquebrantável. O garimpo se revelava como a loteria, o único jogo de esperanças para os garimpeiros ao encontrarem a fortuna na veia da Terra. Bernardo Guimarães acrescenta:

> [...] como um jogador; sua presença está sempre no seio da grupiara, como a do jogador nas cartas do baralho, nos dados ou no tabuleiro verde do bilhar; isto é, sua felicidade dorme na urna do acaso, de onde as mais das vêzes nunca sai. Por mais que sejam os reveses com que a fortuna os maltrate, por mais que repila e os calque aos pés, êsses cegos e pertinazes amantes estão sempre de rôjo a mendigar favores aos pés daquela cruel e caprichosa amásia (Guimarães, 1951, p. 129).

Sorte para alguns e azar para outros. No caso de Jordão, "a fortuna o persegue" (Guimarães, 1951, p. 50). Logo ele, que, "antes de a sorte bater à sua porta, nunca havia pisado os pés num garimpo. Mas sorte é sorte, como se diz no garimpo" (Moreira Filho, 2020, p. 76). Isso reforçava mais ainda a crença de que indivíduos como Jordão fizeram pacto com o *Demo* ou eram conhecido por muitos como o *filho de cabrunco* [80].

Haveria também outras formas de buscar a sorte e a riqueza, com "uma prática de péssima higiene, que vinga entre a maioria dos mineradores: é cuspir ou urinar sôbre o cascalho que se vai lavar, [...] afirmam servir para chamar o diamante" (Silva, 1954, p. 107).

[80] Os termos bastantes utilizados pelos sertanejos(as) referindo-se ao diabo.

Desse modo, a busca pelo cristal se misturava com o misticismo, como o azar e a sorte se enredam em referências quase sagradas na vida garimpeira daquelas pessoas nos Gerais cristalíferos.

Assim, o sertão garimpeiro era uma incógnita revertida de metafísicas. O garimpeiro acreditava que "em poucos meses, em pouco dias, em poucas horas mesmo poderia ficar resolvido o problema de seu destino" (Guimarães, 1951, p. 130). Mas, quando não bamburrava, a realidade era outra, vivendo "o terror e a imagem da própria miséria venciam" (Cunha, 1975, p. 484) a esperança e traziam o pensamento de que poderia ficar mergulhado nas águas profundas da pobreza, a ponto de mendigar — no dizer de muitos garimpeiros, "comer os punhos da própria rede".

Era um ciclo dantesco. O brilho do cristal de rocha encantava aquelas pessoas com sonhos que raramente se concretizavam, sendo que, na verdade, era a vida árdua, e a terra os engolia juntamente com os sonhos de quem nela cavava, era comum ver fortunas serem diluídas em pouco tempo, sem qualquer planejamento ou reserva para o futuro, revelando um universo mercados pela instabilidade e pelo improviso, poucos garimpeiros cultivavam o hábito de poupança ou consciência de transitoriedade de suas conquistas materiais.

E na loteria na qual reinava a exploração como jogador, pois, "o bilhete dos garimpos é um bilhete barato. Pode custar, no máximo, a [...] vida, que não é coisa que valha muito" (Morse,1968, p. 13). Mesmo assim, o garimpeiro arriscava a sorte e o dinheiro que tinha, alimentando a esperança de enriquecer, de encontrar o cristal que mudaria seu destino, visto que ele estava disposto a "explorar o cristal, mas longe da picareta" (Júnior, 2010, p. 41), buscando uma fortuna nas promessas que o sertão oferecia, mas que raramente se concretizavam.

Se a sorte bafejava, em questão de horas a riqueza obtida no garimpo era delapidada em farras, e num gesto movido pelo impulso das dores (des)ilusões e vício, o cristal de rocha virava cachaça sob a luz de um lampião e a fumaça de lamparinas. O garimpeiro sortudo justificava seus gastos excessivos nas festanças que "de onde eu tirei esse tem muito mais. Cristal cavado do chão é dinheiro na mão" e que "o dinheiro ganho nos garimpos tem de ser gasto ali mesmo" (Ribeiro, 1959, p. 72).

Desse modo, a roda da fortuna garimpeira girava, mas a riqueza logo se desmanchava, como uma miragem passageira. Por isso, grande parte dos garimpeiros, "acreditava[m] piamente no garimpo, na vida que levava... E dizia, abertamente que o manchão é como o próprio garimpo de cristal de rocha, que nunca perde o seu valor" (Moreira Filho, 2020, p.

218). Achavam eles que a “riqueza patrimonial, advinda dos garimpos, nunca acabaria. Mero engano” (Moreira Filho, 2020, p. 41).

Confiantes de que a fortuna e a sorte nunca os abandonariam, muitos viviam a garimpar e a gastar o pouco ou todo o dinheiro que ganhavam com a extração do minério. Muitos “labutam meses e meses, ou até anos seguidos, e, afinal, quando o saco premia a sua constância admirável, pondo-lhes nas mãos pequenas ou grandes fortunas, delas dão cabo em algumas semanas” (Morse, 1968, p. 39), ou até mesmo em poucas horas.

Os recursos conquistados a duras penas escorriam por entre os dedos e desapareciam rapidamente consumidos pelas extravagâncias – sobrevivências – imediatas, ocasionadas pelos excessos de ilusões do enriquecimento fácil e pelos altos custos das explorações. E “contem-se nos dedos os aventureiros dos garimpos possuidores desta virtude básica da prosperidade que é a previdência” (Morse, 1968, p. 39).

Não obstante, quando “o garimpo estava bom, produzindo vários bambúrrios, pegando fogo, como dizia a garimpeirama, com o dinheiro correndo solto de mão em mão” (Moreira Filho, 2020, p. 78), para os que almejavam fazer carreira política ou virar empresário era o momento perfeito para investir em campanhas eleitorais, comprar aviões e fazendas e “ser um homem de posses, possuir bens materiais e viver uma vida mais folgada” (Júnior, 2010, p. 167), como foi o caso do Sr. Anstênio Reis que, além de empresário do ramo hoteleiro, lembra Juarez Moreira Filho:

> [...] tocava, nos garimpos de Dueré, um serviço de garimpagem com mais de 50 homens no cabo da picareta. Pois tinha sonhos ambiciosos como o de enriquecer pra valer e retornar à sua terra natal. E esses sonhos de bambúrrios ribombavam-lhe a cabeça, o dia inteiro, com vários pesadelos, durante a noite (Moreira Filho, 2020, p. 92-93).

O sonho de enriquecer fácil e rápido alimentava os desejos e sonhos não apenas do empresário, mas também dos 50 homens por ele contratados. Muitos conseguiam apenas sobreviver e “trabalhavam duro, o dia todo, e só tiravam o que dava para o gasto” (Júnior, 2010, p. 49). Era possível ver “estampado nos olhos de muitos garimpeiros, a saudade de sua terra natal ou de outro berço qualquer, onde havia residido. Ou a lembrança da mulher amada, [...] da família, dos entes queridos, do amor de sua vida” (Moreira Filho, 2020, p. 104).

Alguns migrantes do garimpo “não conseguiram retornar mais aos seus lugares de origem e visitar seus parentes” (Rogério Júnior, 2022, p. 49). A esperança de uma vida melhor, aliada à dura realidade do trabalho no garimpo, muitas vezes se desvanecia, transformando-se em uma saudade irreparável que se tornava parte indissociável de sua

jornada. E naquele espaço de sonhos, desejos, dores e (des)ilusões, permeado de jogos de poder, (trans)formariam as suas identidades.

3.8 Sorte e azar: da riqueza à indigência

O sertão garimpeiro, com tantos outros rincões, estava permeado de esperanças e desilusões; a história repetia seu ciclo em suas particularidades, que, às vezes, "enriquecendo os homens da noite para o dia, com serras escancarando veios e grunas como cofre, com a fortuna se oferecendo a todos num mundo de oportunidades espantosas" (Sales, 1986, p. 66), a riqueza brotava com o mesmo ritmo com que se evaporava.

Nesse turbilhão de sonhos e perdas, o garimpeiro rico, em um piscar de olhos, via-se lançado de volta à miséria, e "a caprichosa fortuna de um dia para outro o reduziu à pobreza" (Guimarães, 1951, p. 152). A vida no garimpo parecia então se dobrar ao ditado popular: "hoje rico e festejado, amanhã pobre e desprezado". Assim, entre pobreza, riqueza, delírios e ambições, o garimpo seguia ajudando a ditar os rumos das almas sertanejas e garimpeiras.

Naquele período efervescente do sertão garimpeiro, "a jogatina rolava frouxa com viciados gritando e esmurrando as mesas dos botecos, animados com as cartas de baralho, no truco, no carteado, na canastra" (Moreira Filho, 2020, p. 110). O dinheiro corria à solto e ligeiro entre as mãos, e até os que nada possuíam entregavam-se às agitações dos jogos, "tentando simultaneamente a sorte na mesa verde da casa de jogo. Depois de tudo isso voltam à bateia" (Ribeiro, 1959, p. 156) entregues e rendidos às realidades exploratórias e exaustivas da bateia e da picareta. Assim, entre apostas e promessas de riqueza, o sertão garimpeiro pulsava, guiado por sonhos que nasciam e morriam no brilho fugaz do cristal de rocha, misturando-se aos risos e aos lamentos.

O sertão do garimpo alimentava não apenas as ilusões, mas também vícios que corroíam corpos e esperanças, como o alcoolismo que se entranhava nas vidas daquelas pessoas era "encontrar grande parte dos garimpeiros ali, em suas horas de folgas, a se abastecerem do vício que passou a fazer parte de suas vidas" e o pior é que "homem que vivia de bebedeira deixava faltar provimento em casa e só andava para trás como caranguejo" (Júnior, 2010, p. 21).

Dessa maneira, o tempo que poderia ser de descanso — de um lazer mais saudável — se tornava cativeiro, um círculo vicioso em que o futuro se desvanecia entre goles, promessas quebradas e passos incertos, enquanto o sertão garimpeiro testemunhava vidas que se

desgastavam como as pontas de suas picaretas ao baterem nas rochas dentro das inúmeras catras desses Gerais.

No mesmo ambiente do garimpo, tinha em seu bojo a presença de “homens bons, excelentes garimpeiros, profissionais respeitados” (Moreira Filho, 2020, p. 125) dedicados a seus ofícios, fossem eles os que arrancavam o cristal do chão cascalhento e duro do sertão ou os que negociavam e adquiriam o minério com honestidade. Esses poucos homens eram “minguados elementos [...], de boa formação moral, intelectual, religiosa” (Moreira Filho, 2020, p. 223).

Essas pessoas eram raras e as poucas que procuravam ganhar a vida honestamente. Apesar disso, “o trabalho honesto condena a virtude às torturas da miséria e só enriquece os ladrões” (Guimarães, 1951, p. 132). Seus corpos marcados pela fadiga, mas eram sustentados pela ganância pessoal e alheia. Muitos viveram na miséria como um fardo; por mais que trabalhassem na honestidade, estavam vivendo à margem das riquezas que eram arrancadas da terra.

Nos Gerais cristalíferos do antigo norte goiano, a intenção de muitas pessoas era “recomeçar [...] sua vida, nos garimpos de cristal de rocha, no povoado de Dueré, no sertão de Goiás. Lugar onde a garimpeirama estava animada, entusiasmada. E por todos os cantos, reverdejava a esperança de riqueza fácil, abundante, próspera” (Moreira Filho, 2020, p. 76-77). A maioria delas vivia de garimpo em garimpo, ganhando pouco ou quase nada, mas, “nem assim perdera a fé em que estava de que do chão havia de lhe brotar a riqueza e felicidade” (Guimarães, 1951, p. 129).

Entre riqueza e pobreza, sorte e azar, felicidade e tristeza, havia sempre um restaurar de sonhos e, em meio a tudo isso, “o garimpo viciava os garimpeiros, que não mais aprendiam a fazer outra coisa a não ser garimpar, a lidar com cascalho para o resto da vida, sempre de arribada para outros lugares, mas também prontos a voltar à primeira notícia de uma nova descoberta” (Sales, 1986, p. 99). O sertão se tornava palco de vidas errantes, regidas pelo fascínio do que o solo e os cristais poderiam prometer, mas raramente entregavam uma vida afável a todos aqueles pobres desgraçados sujeitos.

Nessa senda, “o garimpo é como cachaça, jogatina e veadagem, pois o indivíduo que lhe adquire o vício está perdido para sempre, nunca mais dele se liberta totalmente” (Moreira Filho, 2020, p. 173). Era esse vício que fazia o sonho reviver e motivava a permanência — o seu enraizamento — do garimpeiro no sertão goiano. E ser “garimpeiro é um vício danado, prende a alma do sujeito, o espírito, a mente, o corpo” (Moreira Filho, 2020, p. 109).

E assim, como o sertão garimpeiro prometia riquezas dentro do eldorado e cada picaretada, alavancada e bateiada reacendia esperanças, o garimpo entrava numa prisão invisível, amarrando destinos ao brilho fugaz dos minérios, que mais amarrava do que libertava aqueles que os perseguiam, deste modo, o garimpo e o tempo era o algoz inclemente, que diluía as vidas e os anseios como um uma areia movediça.

Nessas paragens do sertão garimpeiro, o barulho do vento e o canto dos pássaros se mesclavam ao tinir incessante de picaretas, alavancas e enxadas, compondo uma sinfonia rude e interminável até que "a brisa da tarde adentrava, suavemente, à boca da noite" (Moreira Filho, 2020, p. 133). Ao longo de dias, meses, os ciclos exaustivos se repetiam, onde, muitas vezes esse labor acontecia debaixo de um "sol [que] vibrava implacável com seus 50ª ou mais" (Tonini, 1959, p. 42), enquanto o garimpeiro, incansável, cruzava cada palmo dos Gerais garimpeiros.

O garimpeiro, "subia e descia a picareta sobre o cascalho da terra dura, fazendo-a zunir sobre as pedras, enquanto o [...] cabo gemia ante o impacto com o solo" (Júnior, 2010, p. 122-123). A cada batida, zunir das ferramentas no chão parecia a batia junto do coração, com a ânsia de arrancar o seu destino. Essas eram as cenas, vibrações sonoras e movimentos que compunham a paisagem do garimpo, que davam tom ao sonho de enriquecimento fácil.

Muitos se faziam guiar por seus sonhos e, pelo sertão, pediam aos ciganos andarilhos para ler suas mãos ou para um benzedor expulsar o azar — fechar o corpo. Zé Valente foi um desses sujeitos que se agarrou com todas as forças a seu sonho. Ele era "um prosador nato. E contava muitos causos curiosos, intrigantes, espetaculares para o seu próprio ego, bem como para o ego de seus ouvintes, os garimpeiros principalmente" (Moreira Filho, 2020, p. 192). Uma dessas histórias fantásticas remetia a "um sonho agradável que aconteceu com ele, antes desse seu último bambúrrio, em Dueré" (Moreira Filho, 2020, p. 192).

As narrativas de sonho eram geralmente feitas num lugar onde se reunia bastante gente "que ouvia atentamente, sem piscar os olhos" (Moreira Filho, 2020, p. 193). Zé Valente contou, "lá na pensão dos garimpeiros, que havia sonhado, três dias antes do bambúrrio na sua cratera do garimpo de Santa Fé. E que o referido sonho foi uma mulher muito bonita e charmosa, fascinante, sedutora que só vendo mesmo pra crer" (Moreira Filho, 2020, p. 192).

Esse tipo de história aguçava a imaginação dos garimpeiros, cada um com seu sonho e todos com a mesma obstinação. Alguns sonhavam com animais, como cobra cruzando o caminho, mortes de familiares ou de pessoas próximas, com números da sorte, com a localidade onde deveriam escavar loucamente para achar o cristal, esses e outros eram o presságio do garimpo.

Outros sonhos moviam todo o imaginário daquele lugar, como “sonhar com mulher bonita, com canoa subindo o rio, com pobreza, com imundície, equivale a excelente agouro para a labuta do dia. Ao contrário, sonhar com riqueza, com negros, com canoa descendo contrário, com diamante, resulta em mau agouro” (da Silva, 1954, p. 107). Eram interpretados como sinais premonitórios, que buscavam orientar as ações e decisões de cada dia, impregnando-a de uma mística que se entrelaçava com o real.

O garimpeiro vivia em um eterno mundo de sonho – sonho de sair da pobreza, de ter riqueza fácil, de descobrir a rocha rara que mudaria sua vida com suas próprias mãos, ter os prestígios de todos por onde ele passar, principalmente no garimpo, dos companheiros, e, de encontrar moça que dedique a ele seu amor –. E nesse sonho, descreve Moreira Filho:

> A moça do sonho encantador de Zé Valente, ele a descreveu como sendo uma mulher de altura mediana, cintura fina, pernas torneadas, cabelos longos e loiros, olhos claros e sedutores. Aí segundo ele, a moça apareceu no sonho real! E foi indo pro rumo dele, caminhando de mansinho, toda faceira, bem na frente de sua rede garimpeira, estava nuazinha, do jeito que veio ao mundo — enfatizava ele, na sua prosa gostosa. Aí [...] a moça de olhos claros e sedutoras, toda cheia de faceirice foi chegando lentamente pra mais perto dele, pegou nos punhos de sua rede, depois passou as mãos, com meiguice, em sua longa barba garimpeira. E acariciou, sem cisma alguma, o seu corpo moído pela dureza dos garimpos. Em seguida, disse-lhe, bem baixinho, no pé do seu ouvido:
> — Olhe, Zé Valente, não venda nem abandone a sua cratera do manchão da Santa Fé! Porque, daqui a três dias, você vai ser um afortunado! O maior bamburrista de cristal de rocha dos garimpos do norte de Goiás será você em carne e osso (Moreira Filho, 2020, p. 192-293).

Esse sonho se imbricava à realidade garimpeira: a mulher vista como objeto sexual que seduz o homem com sua nudez e meiguice, o corpo cansado de tanto trabalho, o desejo de riqueza no garimpo. Contudo, “os sinais enviados aos garimpeiros nem sempre são de capturas ao diamante [e cristais]. Por vezes, são de tragédias: de rompimento de cisternas; sinais de acidentes e mortes, ou seja, de dias impróprios para o trabalho” (Rogério Júnior, 2022, p. 129).

A longa barba poderia representar um aspecto de macheza que era um grande capital social, e ao mesmo tempo de desleixo ou de pobreza, porque às vezes, as “lavras eram pobres, e mal davam para se ir mantendo” (Guimarães,1951, p. 85) as higienes do corpo. Não no sonho de Zé Valente. Nele, de acordo com Juarez Moreira Filho aquela sedutora mulher previa:

> — E você vai conhecer o Rio de Janeiro, Copacabana, o mar, as praias, cassinos, hotéis, restaurantes, bares choperias, uisquerias, danceterias, discotecas, boates. E

> lindas mulheres ficarão à sua inteira disposição. Mas não conte o sonho pra ninguém, antes de sua realização. Ouviu? (Moreira Filho, 2020, p. 193)

Essa parte do sonho evoca a realidade de tantos mulheres e homens que, no árduo garimpo, buscavam riquezas. Suas mãos calejadas encontraram o brilho das pedras, mas gastaram tudo nos bares das vilas, cidades e nos grandes centros metropolitanos de outros Brasis, especialmente na então capital, que ainda poderia ser o Rio de Janeiro.

Não contar o sonho leva à interpretação de que, no universo garimpeiro, a descoberta de uma jazida de cristal deveria ser mantida sem segredo até que fosse iniciada a exploração. Assim, o desejo de fortuna se misturava ao temor de perder o que ainda era apenas promessa. E nessa mesma toada, Juarez Moreira Filho continua a lembrar:

> O Zé Valente, não revelou o sonho da realização de sua felicidade pra ninguém! Nem pra sua nova enrabichada, cujo nome de guerra era Cunhã, novinha, vinda do munícipio de Manicoré, no estado do Amazonas. Nem para os seus melhores amigos do garimpo, o João Boiadeiro e o Malaquias do Fole. Isso, antes dos três dias que durariam para concretizar o bambúrrio, conforme a fala da mulher encantada (Moreira Filho, 2020, p. 194).

Zé Valente manteve silêncio e, confiando apenas nele mesmo e no prenúncio do sonho que o guiava, persistiu no trabalho árduo de garimpo no manchão da Santa Fé. Movido pelo encantamento que se misturava à exaustão dos dias, buscou com fervor e desesperadamente a veia do cristal que, embalado pela ânsia de riqueza fácil, brilhava diante de seus olhos.

E, no “terceiro dia dos devaneios [...] aconteceu, [...] já no finalzinho da tarde, quando do lado oeste da cratera brilhava um sol suntuoso, baixo, poente! Aí Zé Valente bamburrou pra valer” (Moreira Filho, 2020, p. 194). E nesse instante, o que antes o suor era de trabalho pesado e tristeza, tornou-se lágrima do corpo sofrido em alegria, e o silêncio de seu esforço foi quebrado com a euforia do bambúrrio. Era o sonho transformado em matéria, o anúncio revelado em brilho e fortuna.

Ao encontrar cristal de rocha em sua catra, o sonho do garimpeiro se materializou, instigando mais ainda o imaginário de riqueza fácil no norte goiano. Com o garimpo pegando fogo, “o cristal de rocha ia chegando aos montes, transportado nos ombros dos garimpeiros, em cargas de jegues ou em carros de bois” (Moreira Filho, 2020, p. 74). A febre do cristal chegara ao seu máximo, era o momento em que muitos chamavam de “fartura do cristal”.

Muitos pegavam os cristais e os negociavam no Hotel Cristal, pois lá era um local conhecido de compra e venda do minério, era um espaço onde alianças eram seladas e desfeitas em um jogo de interesses e de poder, enquanto o brilho do cristal refletia tanto

ambições quanto traições. Desse espaço partiam inúmeras desgraças e fortunas, como a "partida de 1.200 quilos de cristal de rocha, rumo ao Rio de Janeiro" (Moreira Filho, 2020, p. 165). Saíam garimpeiros com os bolsos cheios de dinheiro e o coração repleto de esperanças renovadas.

Vale lembrar que aquele hotel vivia, "entupido de hóspedes. Eram pilotos, empresários do ramo minerário, faisqueiros e garimpeiros vindos de grande parte do Brasil" (Moreira Filho, 2020, p. 166). Ali se cruzavam histórias, esperanças e perigos. Faisqueiros e capangueiros compravam cristais diretamente dos garimpeiros nas catras, desafiando o risco constante de serem assassinados ou roubados por ladrões no caminho de volta.

Quanto a eles, os "capangueiros sumidos; eles iam acabar de dar fundo numa catra" e outros "vinham para ficar" (Bernardes, 2005, p. 48). Entre esses, destacou-se a faisqueira Donana, uma mulher singular que "quase sempre fazia bons negócios, com pagamento à vista, na bufunfa, regra geral, não vende o seu produto fiado, nem que o diabo queria" (Moreira Filho, 2020, p. 140). Dos pequenos aos grandes cristais, de todos os formatos e brilhos, era preciso "saber compra-los de modo que agradasse aos gostos do Exportador" (Júnior, 2010, p. 37), ou seja, os capangueiros e faisqueiros eram, segundo Assis Júnior:

> [...] incumbidos de circular pelo garimpo, abordando os garimpeiros [...] que ficavam na sombra do barraco, à espera, para avaliar com calma, conferir o peso, finalizar a apreciação com a compra. O capital que dispunham dava para pagar uma parte adiantada e o restante eles faziam depois que a repassavam ao Exportador (Júnior, 2020, p. 38).

Capangueiros e exportadores compravam cristais "de primeiríssima qualidade, sem nenhum pequeno defeito" (Moreira Filho, 2020, p. 141). Esses cristais e outras gemas arrancados das entranhas da terra do sertão garimpeiro eram comprados a baixo preço diretamente dos garimpeiros, homens que, muitas vezes, desconheciam o real valor de suas descobertas.

Posteriormente, esses cristais reluziram em mercados distantes, vendidos por valores exorbitantes em São Paulo e Rio de Janeiro e até mesmo no exterior. E talvez, pensando nessa realidade triste, o ex-governador Mauro Borges, pensando em votos, em se colocar como um líder do "goiazão", procurou, através da "METAGO manter preços mínimos, evitando a espoliação dos garimpeiros e auxiliando-os no trabalho de colocação de sua produção" (Borges 1965, p 71).

Essa lógica do comércio e da exploração, que enriquecia poucos às custas do suor de muitos, estendia-se por todos os quadrantes do sertão garimpeiro, onde a riqueza passava de

mãos calejadas e de roupas rasgadas para as mãos finas dos senhores bem trajados. Como lembra Quinto Tonini, boa parte dos ganhos sustentava os luxos dos:

> [...] compradores de pedras preciosas (os faisqueiros), que vivem nas capitais e zombam satanicamente das suas sedes insaciáveis de fortunas. A outra parte é usufruída pelas sanguessugas que lhes agarram, em troca de um falso sorriso, sugando sua juventude, suas forças, a saúde e aquilo que ganharam com tanto suor (Tonini, 1959, p. 209).

Assim como no caso de muitos que fizeram fortuna sem nunca ter posto os pés no sertão garimpeiro, o fascínio exercido pelo brilho do cristal era tão intenso quanto o deslumbramento provocado pelo dinheiro que fluía da venda dos minérios. O garimpeiro "quando vê dinheiro fica louco, variado da ideia, já pensando em galinhagem, sem-vergonhice, [...], nos cabarés, ou no luxo desenfreado, na própria vaidade que o garimpeiro carrega na alma" (Moreira Filho, 2020, p. 140). E com Zé Valente não foi diferente: o brilho dos cristais, que antes refletia os sonhos de riqueza, rapidamente se transformou em um espelho de seus próprios desejos. Moreira Filho sublinha:

> O sortudo logo apurou nos cobres todo o minério proveniente daquele bambúrrio. [...] Eram sacos e mais sacos cheios de grana grossa, em espécie pura, com cédulas novinhas. Dinheiro a rodo, como se dizia, de boa cheia pelos garimpeiros [...]. Com isso, o Zé Valente patrocinou uma farra bruta, maluca no povoado de Dueré, a maior de todas até então (Moreira Filho, 2020, p. 194).

Com a riqueza conseguida na negociação "sua arrogância [...] aumentou à medida que se sentiu mais abastado" (Júnior, 2010, p. 177). A sorte que Zé Valente acumulava o transformava, enchendo-lhe a alma com um orgulho selvagem que o separava cada vez mais de suas origens e principalmente daquela árdua realidade garimpeira cheias de promessas vazias que ela oferecia.

Para aqueles que não tiveram a mesma espécie de bamburrar, restava apenas uma alternativa: continuar escavando a terra, como se o esforço pudesse, de alguma forma, devolver-lhes o que lhes fora prometido. Ribeiro tenta entender o imaginário e a psicologia garimpeira quando salienta:

> Interpretando a psicologia da coletividade de que fazia parte, convicto da ilusão garimpeira, um minerador descrente, para quem a fortuna não tinha sorrido, já cansado das incertezas de sua profissão, expressava-se numa frase com força de adágio: nós andamos atrás das pedras que outros conseguiram pegar (Ribeiro, 1959, p. 51).

A psicologia à qual Luís Sabóia Ribeiro se refere foi extraída diretamente da vivência garimpeira, na qual muitos se viam jogados à própria sorte, acreditando apenas nela como única fonte de sobrevivência nos Gerais cristalíferos, “geralmente em meio àqueles senhores chovem os escamoteadores, os prazeres, a má vida que salvou os garimpeiros a autênticos escravos” (Tonini, 1959, p. 39), entregues à sorte, cativos de seus próprios desejos, de seus senhores e das explorações.

Diferentemente dos outros garimpeiros que se frustraram e se afundaram na busca do cristal de rocha, Zé Valente fez fortuna e não poupou nada, nenhum vintém. Sua riqueza, conquistada com a força de sua vontade e a cegueira dos sonhos, foi gasta sem medida, como se o futuro estivesse distante demais para se preocupar com ele mesmo. Cada papel moeda de dinheiro, cada cristal, evaporava-se em festas e luxos efêmeros. Sobre esse personagem, destaca, Moreira Filho narra que:

> Passou uma semana com a garimpeirama, brincando com a mulherada, ouvindo músicas, cantando e dançando à moda garimpeira; bebendo e comendo quitutes, petiscos e tira-gostos à vontade, tudo sustentando por ele, o mais novo bamburrista dos garimpos de Dueré (Moreira Filho, 2020, p. 194-195).

Essas farras eram constantes e aconteciam “pelos manchões duerenses, onde o grosso da garimpeirama ia pros cabarés, nos finais de semana, outros pras jogatinas, bebedeiras desfreadas” (Moreira Filho, 2020, p. 244). O garimpo não dormia nesses dias; era uma festa que se sucedia sem fim, “as bravatas de um garimpo de cristal de rocha” (Moreira Filho, 2020, p. 117) se espalhavam por entre as noites, e os afortunados não se limitavam apenas às festas em Dueré. Ainda falando sobre Zé Valente, Moreira Filho ressalta:

> O sortudo, Zé Valente, não satisfeito com a farra, fretou um teco-teco pro rio de Janeiro. E na companhia de dois melhores amigos do garimpo, ambos colegas de hospedagem dele, junto a pensão dos Garimpeiros, apelidados de João Boiadeiro e Malaquias do Fole. Então foram promover, nos meados do ano de 1952, mais uma farra medonha, monstruosa, dessa vez, lá no Rio de Janeiro, a capital federal, que os três garimpeiros só conheciam por ouvir falar (Moreira Filho, 2020, p. 195).

A fama e a fortuna do garimpo ganharam outras veredas, criando lendas e notabilizando os bamburristas tanto no sertão garimpeiro como em outros lugares do Brasil, principalmente nas metrópoles brasileiras. Era uma gastança sem fim. Com a parte que lhe cabia na venda dos cristais, o garimpeiro comprava “o que a penúria prolongada não lhe houvera permitido. Roupas, calçados, perfumes e loções, até mesmo uma nova marca de revólver” (Ribeiro, 1959, p. 73).

Quanto maior o bambúrrio, mais se ampliavam os gastos com luxos que só as grandes cidades, como o Rio de Janeiro, podiam oferecer. Para os que bamburravam, o mundo se resumia a uma sequência de excessos e cada vitória no garimpo era celebrada como se fosse a última. Zé Valente e seus companheiros escolheram do bom e do melhor em sua estadia na capital. Moreira Filho conta:

> Para essa farra milionária eles elegeram a boate Drink's Show, no bairro da Lapa, que além da pista de dança, possuía reservado todo carpetado de vermelho, em toalhas de luxo, bordadas, sobre a mesa, cadeiras em estofados, bem forradas. E com lustres de cristais fosforescentes que enriqueciam, sobremaneira, aquele ambiente luxuoso, de excelente atendimento aos clientes de bom gosto (Moreira Filho, 2020, p. 196).

Nesse ambiente requintado, os garimpeiros deixaram para trás os dias duros de trabalho escavando o chão no sertão garimpeiro do "nortão goiano", e que na boate Drink's Show, "naquele reduto boêmio ostentoso, soberbo, escolhido por eles mesmos, passaram a beber de tudo, mas do bom e do melhor, sendo que o uísque importado, das melhores marcas nunca falou na mesa, um só instante" (Moreira Filho, 2020, p. 196), substituindo as bebidas amargas do sertão — a aguardente misturada com raízes e até com animais mortos dentro.

Ficaram temporariamente no passado as mulheres prostitutas, marcadas e surradas pela dureza da vida. Na boate luxuosa, elas eram "previamente selecionadas, a dedo" (Moreira Filho, 2020, p. 197). O cenário agora era outro, distante da miséria do sertão garimpeiro. O luxo e a ostentação, uma vez inalcançáveis, agora eram uma nova moeda de troca, e os garimpeiros, no ápice de sua fortuna, entregavam-se a um mundo novo de luxo e poder, onde nada mais parecia faltar.

Naquele momento "a vida estava boa demais pra quem estava sofrendo no cabo da picareta, cavando manchão, terra dura, no fim do mundo" (Moreira Filho, 2020, p. 197) e, de repente, o garimpeiro se transformava em homem endinheirado, com riqueza suficiente para atrair prostitutas de luxo que, segundo o autor, eram, "sem exceção alguma, [...] todas provocantes, sensuais, cheias de meiguices. E as damas da noite sentavam-se, carinhosamente nas pernas dos garimpeiros, e os beijavam, com toda ânsia e ternura deste mundo de meu Deus" (Moreira Filho, 2020, p. 197), diferentemente daqueles cabarés do sertão em que as mulheres eram mais surradas da vida.

A diferença era clara: enquanto nos cabarés do sertão garimpeiro as mulheres eram marcadas pela dureza da vida, no cabaré carioca elas se apresentavam com os avanços de um mundo que o garimpeiro nunca imaginou alcançar ou, se alcançasse, demoraria um pouco mais. No mais, no cabaré carioca, as mulheres andavam, segundo Moreira Filho:

> [...] seminuas, as lindaças disputavam os três garimpeiros, principalmente o sortudo, Zé Valente, o dono do dinheiro [...] com beijos e abraços pra cima deles, fazendo todas as suas vontades, sem briga alguma, entre elas. E harmoniosas acariciavam os garimpeiros sem parar, alisavam suas barbas e os chamavam de meu bem, meu santinho, meu novo milionário. Ora, a farra estava animada (Moreira Filho, 2020, p. 197-198).

Nas metrópoles, nas cidades grandes, os corpos e os gestos eram adornados por sedução, desejos e sabores antes nunca experimentados que pareciam infinitos, como a própria promessa de riqueza que agora os rodeava. A distância entre o sertão garimpeiro e as metrópoles não era apenas geográfica, mas de abismos de experiências e valores.

Era bem diferente da realidade dos cabarés do sertão garimpeiro, das cidades de Dueré, Xambioá, Pium, Araguanã, Cristalândia, Arapoema, Dois Irmãos e Itaperatins, onde as brigas eram constantes e as prostitutas "disputadas a tapas, pontapés, facadas e tiros pelos garimpeiros, mormente pelos bamburristas, nos botecos e cabarés" (Moreira Filho, 2020, p. 112). Onde de certa maneira, por alguns momentos tornavam-se figuras centrais na sociabilidade dos garimpos e seus corpos tornavam-se centros de disputas.

Na visão dos garimpeiros, tudo no Rio de Janeiro funcionava de outro jeito; nem tinha briga na boate. Certo era que "o Rio de Janeiro é bom, mas pra quem é rico! E quem tem dinheiro de sobra pra gastar à toa" (Moreira Filho, 2020, p. 31). Zé Valente, João Boiadeiro e Malaquias do Fole estavam nadando em dinheiro, experimentando os prazeres da cidade cara. E "agora sim, a vida era um mar de rosas" (Moreira Filho, 2020, p. 197). Eles esbanjaram tudo numa semana de farras que envolviam, segundo Moreira Filho:

> [...] bebida e pratos requintados, caríssimos, com tudo regado a orgia, delírios, loucuras. E gastos exorbitantes junto ao hotel Glória, em Copacabana. [...] despesas em restaurantes e gafieiras, praias, táxis, objetos de grife como sapatos, cintos, roupas, chapéus, joias, presentes exóticos (Moreira Filho, 2020, p. 199)

Os três garimpeiros esbanjaram e gastaram tudo numa semana de farras nas quais a sensação de eternidade os envolvia, como se aquele luxo fosse um reflexo de uma realidade jamais imaginada e vivida. Cada gole, cada sorriso, cada passo na cidade caríssima os afastavam ainda mais da realidade árdua do sertão garimpeiro, fazendo-os crer que a riqueza, agora conquistada, elevava-os para sempre ao paraíso do consumo e da ostentação, como se esse poder econômico fosse eterno.

Mas, como adverte o adágio, "dinheiro é como ganguji, tem pernas demais e ninguém segura", e "quem não tem dinheiro, tem bolso furado". Os três garimpeiros gastaram tudo,

logo tudo se desfez. Foi uma “farra descabida! Grandiosa! Desperdício bobo de dinheiro! Com gastos desproporcionais! [..] tudo em vão, em beldade”, e o resultado foi que o dinheiro “acabou! E eles ficaram sem nenhum cruzeiro, sem nenhum troco pra socorrer um mendigo” (Moreira Filho, 2020, p. 199).

A vida de riqueza parecia eterna, mas desmoronou em um instante, e a solução encontrada por Zé Valente foi pegar carona “num teco-teco, abarrotado de sacos de dinheiros, cigarros importados de charutos cubanos e uísques das melhores marcas do mercado. A aeronave do piloto Zito, um velho conhecido seu, que ia comprar cristal de rocha nos garimpos de Dueré” (Moreira Filho, 2020, p. 200).

Nesse caso, não se tratava de questão de sorte ou azar, mas sim de um comportamento extravagante que levou à perda, em poucos dias, de todo o dinheiro conseguido no garimpo. Depois de as ilusões perdidas reverberarem mais que o brilho do cristal, Zé Valente conseguiu retornar a Dueré e seus dois amigos ficaram em desgraça, remoendo suas próprias ruínas.

A situação desses dois dos indivíduos ficou bem difícil. Uma vez que “Malaquias do Fole, após peregrinar pelas ruas da capital Federal e, na ocasião, completamente empregado com cachaça barata, foi atropelado por um veículo. [...] foi sepultado como indigente” (Moreira Filho, 2020, p. 200).

Já o garimpeiro João Boiadeiro, “que já havia bamburrado, por várias vezes, em garimpos de cristal de rocha, ouro e diamante [e] chegou a comprar mil e tantas cabeças de gado, esse ficou louco, variado, perdeu o juízo por completo feito a Dona Fia” (Moreira Filho, 2020, p. 200). Desse feito, as suas vidas se desintegraram de modo irreversível, como se a própria terra que lhes proporcionou as suas riquezas tivesse engolido suas esperanças, deixando apenas os rascunhos de memórias do que um dia foram. E, entre o caos e a ruína, o destino parecia esboçar um retrato de tragédia.

O mesmo aconteceu com outros garimpeiros que, após enriquecerem e perderem tudo nos luxos efêmeros da vida, não passavam de desconhecidos, alguns ainda contavam com amizades, untavam e fazendo um pequeno velório dignos, enquanto outros eram sepultados como indigentes, como tantos outros que não possuíam (sobre)nomes importantes nem riquezas. Eram, na verdade, filhos da pobreza, do esquecimento.

A realidade em que esses personagens se viam não era um fato isolado, pois muitos passaram pelas mesmas desventuras, vítimas de um destino cruel e implacável, “os pobres, os desiludidos, os abandonados, os exploradores da sorte, os atraídos pelos amigos e pelas sereias enganadoras [...] milhares deles” (Tonini, 1959, p. 39). E não apenas atraídos, mas também traídos, como se o próprio sertão garimpeiro e o mundo conspirassem contra suas

esperanças. O que restou de suas jornadas foram apenas os amargos sabores das (des)ilusões e as lembranças.

João Boiadeiro representava os inúmeros garimpeiros que foram do fracasso ao sucesso e voltaram rapidamente ao fracasso, incapazes de lidar com o êxito de suas descobertas e com o dinheiro que elas lhes proporcionaram. Se, como diziam alguns garimpeiros, “dinheiro não aceita desaforo”, o que aconteceu com o trio que foi esbanjar no Rio de Janeiro pode ser interpretado como uma série de insultos e desrespeito à sorte que os agraciou nas catras.

Eles abusaram dos ganhos materiais e o desaforo foi vingado com a ruína e a loucura. Quanto a João Boiadeiro, “como ele havia comprado um lindo berrante, [...] segurou esse belo instrumento. E, calçado num par de botas cano longo, com chapéu de couro na cabeça, ficou na praia de Copacabana, tocando berrante o dia inteiro, com ar de maluco” (Moreira Filho, 2020, p. 201). Ali, na praia e no som incessante do seu berrante que ele mesmo produzira, João parecia desafiar a própria razão, imerso em um estado de delírio que refletia a perda de sua sanidade e a falência de seus sonhos e das riquezas que outrora havia conquistado.

O berrante remetia o garimpeiro à fazenda com muitas cabeças de gado adquiridas com bambúrrios em diversos garimpos. Desanimado por completo da vida e abandonado numa cidade que não conhecia, ele não enxergava mais nenhuma possibilidade de reverter tamanho infortúnio. Ali, nas areias da praia de Copacabana, ele se transformou em um homem desalentado, consumido pela doença e pelo abandono, um retrato vivo de sua ruína.

A situação medonha em que se encontrava o garimpeiro, “tuberculoso, esquelético [...] deu uma tremelica danada no corpo, [...] de tanto beber cachaça e passar fome [...] nas areias da praia de Copacabana. E como seu colega Malaquias do Fole, ele teve a desdita de ser enterrado como indigente, um joão-ninguém” (Moreira Filho, 2020, p. 201) sofrendo um dos maiores pecados em vida e morte de um sertanejo e garimpeiro.

A grandiosidade de suas ilusões, desejos e sonhos agora estavam distantes do sertão garimpeiro e, quem sabe, mais distante ainda de sua terra natal que jamais revisitaria. E o som do berrante, outrora símbolo de conquista, tornou-se o último eco de um homem engolido pelo próprio destino, fragmentado entre a loucura, o esquecimento e as moléstias da vida.

Muitos tiveram a oportunidade de transformar suas vidas, de escapar de uma realidade paupérrima, mas poucos foram capazes de preservar os frutos de seus bambúrrios. Na ilusão de que o cristal de rocha nunca acabaria e que o seu valor de mercado jamais cairia, vários garimpeiros gastavam tudo o que podiam e conseguiam em horas ou dias.

No final da vida, João Boiadeiro representava as pessoas desconhecidas que eram de fato joão-ninguém e maria-ninguém. Sua trajetória significava, como a de tantos outros, que o firmar dos brilhos das gemas não era suficiente para iluminar a vida daqueles pobres miseráveis. E neste sentido, o destino foi implacável com aqueles que ousam desafiá-lo sem preparar a própria vida para os dias de penumbra.

Muitos sabiam abertamente que, “infelizmente, quem manda no mundo é o dinheiro” (Moreira Filho, 2020, p. 206); sem ele não havia mais vislumbre de uma vida digna para João Boiadeiro. Ele não estava mais disposto a compartilhar com os garimpeiros pobres “as mesmas esperanças, as mesmas ilusões d’outrora, os enganos e desenganos” (Moreira Filho, 2020, p. 154-155) entre trancos e barrancos.

A lembrança de tempos difíceis parecia um aviso sombrio, especialmente considerando a possibilidade de um cenário como o da década de 1950, quando, “a compra de cristal de rocha, [...] estava ruim, com o peço do quartzo hialino caindo, no mercado interno e externo” (Moreira Filho, 2020, p. 156).

3.9 A decadência do garimpo de cristal

Em um período marcado por profundas transformações sociais, econômicas e políticas, a guerra tecnológica atingia seu auge, redefinindo fronteiras e prioridades. A Alemanha era “uma das maiores compradoras do mineral, ainda possuía um grande estoque de pós-guerra, onde o cristal de rocha fora bastante usado para armamento bélico, fabricação e manutenção de aparelhos de radiocomunicador, entre outras finalidades” (Moreira Filho, 2020, p. 156).

Enquanto a Alemanha se mantinha abastecida por seus estoques de minérios, garantindo uma estabilidade e mantendo a produção de seus aparelhos bélicos, os garimpeiros brasileiros enfrentavam um cenário marcado pela incerteza dos mercados instáveis (in)ternacionais, nos quais o valor do quartzo oscilava como um reflexo das mudanças globais que impactada diretamente no cotidiano do sertão garimpeiro, desses trabalhadores, trabalhadoras, anônimos e anônimas deste país desigual chamado Brasil.

E vale ressaltar que foi justamente nesse contexto, acompanhando as transformações que ocorriam no Brasil e no mundo à época, – marcado pelas modernizações do Estado, pela expansão e industrialização das fronteiras agrícolas, pelo impulso desenvolvimentista pelo governo federa – do governo de Goiás que implantou a Metago. A respeito disso, Mauro Borges salienta:

> A criação da METAGO veio, portanto, proporcionar a Goiás uma sadia política de minérios, com a garantia de preços mínimos para os sempre sacrificados garimpeiros, pelo incentivo à mineração, pela atração de capitais desejosos de boa aplicação e, ainda mais, pela fiscalização constante sobre os principais grupos monopólios (Borges, 1965, p. 70).

Essa boa intenção foi transformada em prática? Ao que tudo indica, não, pois a miséria, a exploração, o contrabando e a corrupção entre os agentes seguiam tão vívidos, mesmo o cristal de rocha, à época, sendo um dos minérios mais exportados pelo Brasil, principalmente para países como Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos no período da Segunda Guerra Mundial. Para os exportadores "ao invés de ser um castigo, era apenas oportunidade para lucros fabulosos" (Brasiliense, 1960, p. 15).

Depois disso, Os Estados Unidos autorizaram "a compra de qualquer tipo de cristal, em qualquer quantidade, devido a grande procura dessa matéria prima para a fabricação de aparelhos de precisão nas indústrias americanas" (Folha de Goiaz, 1948, p. 9). Desse modo, a gema, que era extraída com suor e esperança das terras brasileiras, continuava alimentando os sonhos de enriquecimento dos garimpeiros tanto quanto as engrenagens da guerra e da indústria global. Era como se cada fragmento de cristal carregasse não apenas o brilho de sua estrutura, mas também as dialéticas de um mundo que oscilava entre a destruição e o progresso, entre a ambição e a ruína, entre ameaças e esperanças.

Mesmo com a redução do volume exportado no pós-guerra "a extração do cristal de rocha pelos garimpos continuava ativa, com muita produção, muitos compradores, só o preço que havia caído" (Moreira Filho, 2020, p. 156). No paiol de cristal de rocha de Donana, o movimento permanecia intenso, refletindo a persistência da atividade garimpeira. Mesmo diante da queda nos preços, garimpeiros persistiam no labor, com a esperança de ter um bom achado, pois mesmo em meio a decadência do garimpo, alguns tilintar revelavam que o sertão garimpeiro ainda pulsava com o brilho do cristal.

Ainda se observava que o giro rápido do produto era evidente, pois, "ela nunca parou de comprar o mineral e revender, imediatamente, para os faisqueiros, sobretudo para os do Rio de Janeiro, seus velhos conhecidos, dentre eles o primo Alemão" (Moreira Filho, 2020, p. 156-157). Essa dinâmica ilustrava a resiliência de um comércio moldado pela necessidade econômica do exterior e, na mesma medida, nacional.

A venda rápida dava um duplo sinal: que a economia, mesmo capenga, poderia continuar a girar pelo cristal de rocha, e que muitos garimpeiros e principalmente faiscadores

já previam que o ciclo do cristal de rocha poderia chegar ao fim. Pois, “todas as ilusões têm um final” (Tonini, 1959, p. 210) e com o cristal de rocha não seria diferente. A queda nos valores nacionais e principalmente internacionais á apontavam para uma decadência eminente no garimpo, isso se tornava cada vez mais laborioso e incerto o trabalho nos sertões cristalíferos.

A queda internacional das compras, associada à diminuição das atividades de extração do cristal no sertão garimpeiro, “também trouxe um desequilíbrio por parte dos compradores, um desanimo proveniente, talvez da mesma razão do pós-guerra — um blefe danado” (Moreira Filho, 2020, p. 157). A crise do cristal de rocha comprometeu profundamente a vida garimpeira, afetando a renda dos trabalhadores e o tecido social das cidades de cristais e intensificando a incerteza quando ao futuro do garimpo como forma de sobrevivência.

Era como se o brilho do cristal não ofuscasse como nos tempos de outrora e começasse a se apagar. O sertão garimpeiro, antes repleto de esperanças, agora parecia dar os últimos suspiros de um sonho coletivo que, tal como o cristal, era frágil e passageiro. Era como se o cristal, outra consequência da fortuna, agora representasse apenas um sopro de esperança, um elo frágil que ligava os trabalhadores às promessas de um futuro incerto.

O garimpo, que antes estava pegando fogo com a chegada de pessoas, reuniões em instituições públicas e privadas, agora começava a decair, como no dizer popular: “começou a esfriar”, “o cristal esfriou de preço, aliás, nem tem quem compre” (Bernardes, 2005, p. 52).

O valor despencou muito e a ausência de preços satisfatórios reduziu a atividade dos capangueiros, “e o que dava movimento eram eles” (Bernardes, 2005, p. 133). Assim, a movimentação também caiu drasticamente e o garimpo, que estava em decadência, “não contava mais com capangueiros e compradores capazes de oferecer preço compensador” (Élis, 1978, p. 78).

O declínio era notório e a movimentação, antes frenética, estava, segundo o ditado popular, “mais parado que água de bote”. O sertão garimpeiro estava ficando em silêncio prolongado, pontuado por memórias de um passado não tão distantes de glória. as batidas das ferramentas pelos braços, outrora compassadas como músicas de esperança aos ouvidos daqueles miseráveis, já não ecoavam com mais tanto vigor assim. Em meio a essa crise, uma matéria publicada pelo jornal *Folha de Goiaz* trazia um retrato fiel a esse cenário:

> [...] o cristal ali extraído destina-se do Rio de Janeiro, de onde é enviado para os Estados Unidos. Segundo se informam foram renovados os contratos com exportadores da capital federal, o que vem demonstrar o interesse do mercado estrangeiro pelo nosso próprio produto, cujo preços não são ainda muito elevados. Nota-se, entretanto, tolerância por parte dos compradores que estão adquirindo o

> cristal sem as exigências de outrora. O quartzo é agora comprado nos garimpos [...] a olho nu, isto é, sem auxílio de aparelhos (Folha de Goiaz, 1948, p. 4).

Por mais que ainda tivesse saída no mercado, o cristal já não era mais vendido com valores que pudessem enriquecer o garimpeiro ou melhorar a vida dele de maneira significativa. Os compradores de cristais ainda apareciam, mas não como nos tempos de grande demanda pelo minério. Era um sinal claro de que "o cristal havia despencado de vez. A tendência era de mais queda ainda" (Assis Júnior, 2010, p. 180).

As alternativas de trabalho no sertão garimpeiro não eram suficientes para conter o desalento daqueles que viam no garimpo sua última esperança "o que se via no garimpo eram garimpeiros de mão abanando, ao perceberem que toda aquela labuta não daria nem para pagar as contas que se acumulariam" (Júnior, 2010, p. 180). Foi o caso de Joró, cuja trajetória simbolizou o declínio de uma época. Sobre esse caso, o escritor Assis Júnior relata:

> Teve que logo se desfazer do avião, pois com o baixo preço do cristal não lhe compensava manter um piloto com o salário que lhe pagava. Mas não queria aceitar que aquela sorte de outrora parecia haver lhe abandonado e que toda a grande experiência de garimpeiro já não o ajudava mais. Nem pensava em fazer como alguns garimpeiros que já haviam saído à procura de outros minérios preciosos. E não se dava conta de que aquela terra já havia oferecido tudo que fora possível, por isso não dava o braço a torcer. Pretendia ficar ali e continuaria investimento no garimpo (Assis Júnior, 2010, p. 187).

O caso de Joró representa a trajetória declinante. Ele, que um dia sonhou em mudar sua história com o peso, os tamanhos e as cores dos cristais, agora enfrentaria a dura realidade de uma vida marcada por sacrifícios que não geraram mais tantos frutos assim. O garimpo, que fora sua esperança, tornara-se um peso, lembrança amarga de um ciclo que estava chegando ao fim, deixando para trás homens exaustos e histórias de vida que, por vezes, eram (re)contadas ou ficavam no silêncio das paisagens do sertão garimpeiro.

A decadência da exploração de cristal corroía as esperanças de todos naquele sertão. Para alguns, a crise chegava rapidamente com um atoleiro de dívidas. Para outros, vinha a passos lentos, obrigando-os a se desfazerem dos bens adquiridos com trabalho árduo nas catras que se tornaram improdutivas.

O declínio era evidente e carregado de amargura, haja vista que "o preço do cristal oscilava, os poços desmoronavam ou enchiam de água, tornando mais lastimável e difícil a vida dos cristaleiros" (Caiado, 1975, p. 18). Mesmo diante dessa realidade, muitos garimpeiros relutaram em se despedir do ofício, permanecendo no garimpo, presos à nostalgia dos tempos de fartura.

Cada pedra extraída parecia carregar um eco do passado da história de Chico do Barco, que “toda pedra [...] comprava, e quando pagava aquele preço irrisório por tanto cristal lembrava do seu apogeu, quando uma mala de dinheiro não era suficiente para comprar meia dúzias de pedras” (Júnior, 2010, p. 227). A melancolia de Chico simbolizava o dor de uma geração que assistia ao desmoronar de suas ambições que tanto o garimpo alimentou, e, nesse cenário, o sertão garimpeiro era testemunha desse sonho que se desfazia em pó.

O garimpo continuava a produzir explorações e dialéticas existenciais em meio a catras, barrancos, varjões, paredes de areia, com o tempo passando com “semanas, os meses se alongando em anos a fio” (Moreira Filho, 2020, p. 157). Os filões de cristal, de acordo com o autor, “naquele garimpo de meu Deus, onde tudo era incógnita” (Moreira Filho, 2020, p. 157), roubaram a vida de muitas pessoas.

E muito desses garimpeiros tinham suas vidas carcomidas pelo tempo, em virtude de algumas aflições que incluíam, “trabalho e fadiga, angústias e inquietações” (Guimarães, 1951, p. 87). A exploração do cristal de rocha dependia exclusivamente do esforço árduo e incessante daquele “povo humilde, da garimpeirama” (Moreira Filho, 2020, p. 175). A rudeza do ofício, marcada por incertezas e inseguranças. Desse modo, a cada grão escavado, batia o coração calejado do garimpeiro.

Esse povo, entre risos, lágrimas, silêncios e sacrifícios, carregava nos ombros não só as pedras extraídas das entranhas da terra, mas também o peso de sua própria existência, entrelaçada ao destino incerto que o sertão garimpo lhe reservava. Além disso, carregava em suas costas os sonhos, um certo peso da economia regional, nacional e internacional com a qual este país colaborou a duras penas.

Entre idas e vindas de aventureiros e de gente pobre à procura de melhores condições de vida, o sertão insistia em mostrar “que o garimpo é também um matadouro de sonhos, terra de ilusões, de incógnitas, de enganos, de desenganos, cheio de imprevistos inconcebíveis” (Moreira Filho, 2020, p. 177). Quando a decadência chegou no sertão garimpeiro, encontrou muitos homens, mulheres, crianças e idosos à deriva, como se os brilhos outrora prometidos pelas pedras tivessem se apagado junto à esperança.

No antigo norte goiano, os garimpeiros viviam o “blefe da garimpagem, com rodas de garimpeiros à toa, jogando cartas de baralho, sinuca, dama, xadrez, dominó, palito. E praticando esportes bestas, como o campeonato de luta de queda-de-braço nas mesas e balcões dos bares” (Moreira Filho, 2020, p. 177). Entre uma jogada e outra, misturavam-se a vontade colossal do enriquecimento fácil.

Aqueles que não gostavam ou não queriam participar “ficavam com a cara pra cima o dia inteiro, mascando fumo de corda da beira do rio Tocantins [e do Araguaia]. E esperando preguiçosamente o tempo passar” (Moreira Filho, 2020, p. 177). Enquanto isso, os poucos garimpeiros que ainda se agarravam ao sonho de encontrar o cristal por aquelas bandas, “ainda poderiam ser encontrados perdidos no meio da corrutela, quase à míngua, escavando buraco sem chegar a mais lugar nenhum” (Júnior, 2010, p. 197).

Eram homens, mulheres, crianças e idosos tragados pelo tempo, presos em um ciclo de persistência e ao mesmo tempo desalento, escavando não apenas a terra, mas suas ilusões mais profundas. Mesmo diante desse lamentoso cenário, a esperança, ainda que enfraquecida, continuava a pulsar em seus gestos, como se cada golpe da enxada pudesse ser a porta para um destino diferente, um brilho de cristal perdido na poeira do esquecimento.

Mas nem tudo era tão desolador assim. O sertanejo, acostumado às inconstâncias do seu espaço vivido de “homem permanentemente fatigado” (Cunha, 1975, p. 92), não deixou que sua exaustão causasse derrota e se adaptou às adversidades. Na perspectiva era também um “homem forte, ativo”, dedicado “a tôdas as coisas que se fazem neste sertão” (Paternostro, 1945, p. 322), como o plantio de cereais e a criação de gado. “À noite, pesca jaús e dourados na beira do rio, ou toca viola no meio de uma prole sadia, comunicando alegria para todo o mundo que o rodeia” (Paternostro,1945, p. 322).

Essas pessoas do sertão garimpeiro eram resilientes em sua essência, sendo ela encontrada na simplicidade do cotidiano nas mais variadas formas de resistência, entre o cultivo da terra, a busca pelo cristal e o cuidar do gado. Na vastidão do sertão, seu trabalho diário e suas histórias carregavam a força de quem, mesmo em meio às agruras, ainda sonhava, ainda sorria, ainda construía.

Disse certa vez o escritor Euclides da Cunha que “o sertanejo é antes de tudo um forte” (1975, p. 92). Não teme a morte, não foge à luta, à seca, mas teme a fome. E sua temeridade faz coisas absurdas; vive o extremo de sua existência física, psicológica e espacial. Do mesmo modo que o garimpeiro que cava a terra em busca de riquezas ocultas, o sertanejo escava a própria alma com o espaço existencial, desafiando os limites do suportável, vivendo na tensão entre o possível e o impossível.

Ambos, sertanejo e garimpeiro, simbolizam o espírito indomável moldado pelo sertão garimpeiro. Suas histórias se entrelaçam nos Gerais que habitam, onde a sobrevivência é uma epopeia diária e cada conquista, por menor que seja, transforma-se em um feito heroico. Entre a luta e o cansaço, encontram formas de seguir em frente, carregando no olhar a marca de quem enfrenta o mundo com as mãos calejadas e o coração cheio de sonhos inabaláveis.

Para esses sujeitos, o sertão era o mundo existencial por inteiro. Mesmo com o desaparecimento do garimpo, não perdiam tempo. No inverno e no verão, corriam para as margens dos rios não somente para pescar, mas também para garimpar diamantes com suas ferramentas rudes. Pois, nessas águas guardavam mais que fonte de seus sustentos, guardavam memórias de tempos faustosos dos garimpos

Os que tinham um pouco de dinheiro adquiriam peneiras para o trabalho: uma grossa para passar o cascalho grande, outra média para filtrar o cascalho menor e uma fina para apurar o minério precioso. Quem não tinha recursos, usava peneiras feitas das folhas e do talo de buriti para garimpar diamantes.[81] Com a engenhosidade sertaneja e garimpeira moldavam a arvore rainha do sertão, o buriti, em traçados resistentes que secavam ao sol e ganhava firmeza para adentrar nas grupiaras.

Antes e durante todo o processo da extração do cristal, o quadro social já apresentava aspectos de pobreza. No "oco do mundo" que era Dueré — representação imaginária de tantas outras cidades perdidas nos Gerais cristalíferos —, o tempo parecia deslizar despreocupado e "despreocupadamente [...] só atiçando as labaredas do porronca ou do cachimbo e mentira astuciada, subindo junto à fumaça de tabaco do cornimboque" (Moreira Filho, 2020, p. 36).

O garimpo, em algumas regiões de sertão garimpeiro e em muitos casos, já nascera morto, sufocado pelas impossibilidades e pela precariedade que transformara inúmeros sonhos em pesadelos constantes. O que se queria era riqueza e ali virou sobrevivência, a promessa que antes era duradoura, cedeu a prática da decadência.

Mas com a derrocada da exploração de cristal nas regiões onde a atividade fervilhava, não havia silêncio nem despreocupação. Nesses locais, bebedeiras e desavenças se repetiam, muitas mortes ocorriam por "questões de garimpo" (Sales, 1986, p. 49). O sertão garimpeiro parecia com outros rincões violentos, onde a "briga de garimpeiro dá [...] cadeia, quando não dá cemitério" (Morse, 1968, p. 23) mesmo assim a violência e cobiça eram reinantes.

Esse ciclo sombrio de violência era fruto direto da "triste decadência" causada pelo "final ou redução drástica da exploração do precioso minério" (Moreira Filho, 2020, p. 179)

[81] Em uma de minhas andanças pelo antigo norte goiano, hoje Tocantins no sertão do Jalapão, na vila Alto Bonito, no distrito de Lizarda, Sr. Bento, um sertanejo-fazendeiro que foi garimpeiro me disse que nos garimpos de Gilbués, no oeste do Piauí, que faz divisa com Maranhão e Tocantins, nos rios, muitas pessoas que não tinham condições de comprar ferramentas faziam as suas com objetos da própria natureza do sertão, principalmente a peneiras das folhas dos buritis. Inúmeros garimpos apareceram ao longo dos rios que percorriam o setentrião goiano, como no garimpo Naja, próximo de Arapoema, e nas suas divisas, no rio Araguaia. Na cidade de Xambioá, no antigo norte goiano, teve um garimpo de diamante no qual o senhor Raimundo Vermelho navegava pelos rios em busca dos diamantes dentro dos imensos tambores de areia na estação de verão do rio.

que deixava rastros de desespero e instabilidade. Um exemplo dessa tragédia foi Zé Curau, cuja história se tornou simbólica da ruína moral que acompanhou o declínio econômico. Zé, em um momento de fúria incontrolável, "desferiu mais de dez punhaladas certeiras" (Moreira Filho, 2020, p. 250), no meia-praça Peninha, selando com sangue uma disputa que começou por motivos banais. Moreira Filho conta essa história:

> [...] o criminoso Zé Curau, perguntou, numa rodada de garimpeiros, se havia perspectiva de um novo aumento de preço de cristal pro próximo mês. Aí a vítima, o Peninha, sujeito bom, camarada, meia-praça, vindo dos garimpos de Formoso, que estava ali atento, ouvindo a conversa, interveio no assunto. E respondeu dizendo que, pra ele saber disso direitinho, era só pedir pra um piloto de teco-teco passar um *fac-símile* do Rio de Janeiro pra Berlim ou Amisterdã. Então, ele ficaria sabendo em poucos instantes. Com isso, o garimpeiro Zé Curau, ignorante que só ele mesmo, entendeu a explicação como sendo uma grande gozação. Aí, não deu outra! O crime foi consumado ali, na porta da pensão dos Garimpeiros (Moreira Filho, 2020, p. 250).

Neste sertão – como já relatado – em que os assassinatos eram corriqueiros no "ambiente de garimpo, de ameaças e crimes constantes" (Rogério Júnior, 2022, p 163) e se intensificaram com o depauperamento da extração de cristal de rocha. A decadência transformou o sertão garimpeiro em um lugar de desesperança, onde, o "lugar já tem o atraso da queda do cristal" (Bernardes, 2005, p. 136). O péssimo funcionamento das instituições de segurança e justiça apenas alimentava esse ciclo de violência, já que pouco ou nada era feito para conter os conflitos e punir os culpados.

Assim, "a impunidade estimula o crime ou, pelo menos, não torna muito aborrecida a idéa delle. Se as circunstancias o aconselham ou sugerem, não se faz muita cerimonia" (Almeida, 1935, p. 49). O sistema presente, mas ineficaz, incapaz de garantir a ordem, transformava pequenas disputas em tragédias de sangue, enquanto a sensação de abandono corroía o tecido social, fazendo o sertão garimpeiro mergulhar em um vórtice de barbárie, onde até o futuro parecia incerto, obscurecido pelo presente desolador.

Antes que acabassem se envolvendo em confusão, muitos garimpeiros já percebiam que o garimpo de cristal estava chegando ao fim. Pegavam suas trouxas, malas e objetos acumulados com tanto esforço e partiram com "decisão de mudar [...] para outros garimpos [...] em lombo de tropa" (Moreira Filho, 2020, p. 242). Mesmo assim, a esperança de novas descobertas ainda pulsava nos corpos sofridos.

Outros partiam com esperança de encontrar algum minério valioso naquele vasto sertão garimpeiro, pois, "a luta dos sertões é por si mesma uma sucessão de êxitos e fracassos; não atemoriza o insucesso ao filho verdadeiro do sertão, sempre a começar e recomeçar"

(Ribeiro, 1959, p. 39) mesmo com outras atividades que lhes proporcionassem sobreviver ou ser alguém muito importância e prestigio na região.

Quanto aos faisqueiros, diante da desvalorização do cristal, buscavam alternativas para se manter e com "a queda do preço do cristal, era possível que [...] tivessem procurando outra alternativa para manter seus negócios" (Júnior, 2010, p. 184) mesmo que tardiamente, o mundo do sertão iria lhes possibilitar outros meios de sobrevivência, como na maioria das vezes, sempre foi feito pelos seus antepassados.

Desse modo, muitos mergulharam no comércio de outras atividades já mencionadas neste trabalho, enquanto outros se entregaram à obstinação sertaneja de recomeçar, tecendo sonhos frágeis em meio àquele vasto Gerais, como quem desafia mais uma vez a sina de seu destino em lutar contra a fome e a pobreza. Mais uma vez, mostravam que carregavam consigo a coragem de enfrentar a fome sobre este chão áspero e fecundo desta República.

Nessa situação de andanças, como muitos diziam, o jeito era aventurar a vida. Herberto Sales nos convida a refletir sobre as trajetórias errantes dos garimpeiros nesse vasto sertão brasileiro. Eram homens que, segundo ele, viviam "de um município para o outro com o saco nas costas, farejando influência" (1986, p. 99) em busca de um futuro que parecia escapar-lhes entre as mãos e suas almas. No sertão garimpeiro, essa sina não era diferente. Muitos, resignados com a decadência, perceberam, como que "o cristal não tinha mais valor e [...] não deveria perder seu tempo ali" (Júnior, 2010, p. 206).

E numa onda de partidas, a população garimpeira "começava a correr pra outros garimpos mais produtivos, onde o dinheiro corria de mão em mão" (Moreira Filho, 2020, p. 244). Contudo, em meio a essas andanças atrás de minérios, permanecia no garimpeiro uma força resiliente, o desejo de enriquecimento fácil, de fortuna, e dentro dele o desejo de seguir em frente, de reinventar-se em outros sertões, carregando nos ombros não apenas os seus molambos, malas e objetos, mas esperanças de um destino e de dias mais generosos. Nesse sentido, Eli Brasiliense lembra:

> Muita gente seguia por aquela estrada que já havia por ali passado em sentido diverso, cheia de esperanças, atraída pela miragem do garimpo da Garça. Agora voltava acabrunhada a lutar pela subsistência, abatida e esfarrapada, em busca de outra miragem que julgava uma causa infalível (Brasiliense, 1960, p. 16).

Sem encontrar as tão cobiçadas gemas "os garimpeiros, assim como chegaram, pegaram a se retirar da região, [...] adonde era achada vasqueiramente uma e outra pedrinha. Por vias, os ranchos foram abandonados, muitos ruíram, outros pegaram fogo, restando aquele

mormaço de tapera" (Élis, 1978, p. 66) fazendo um quadro de total calamidade humanitária, um cenário de guerra em que a fidalguia persista em ocultar.

A existência errante desses homens e mulheres, marcados por sonhos desfeitos e jornadas sem destino certo, assemelhava-se "à vida de um cigano, ou mesmo a de um andarilho: um dia aqui, outro ali, outro acolá, outro alhures. Tudo entregue à sorte. Ao Deus dará" (Moreira Filho, 2020, p. 213). Esse era um dos modos de vida que muitos garimpeiros e garimpeiras levavam. Aabraçados(as) pelas incertezas, revelavam não apenas as durezas das realidades, mas também a resistência, mesmo em cristas de rocha às mãos, com esperanças de melhorar de vida.

Mesmo com o garimpo mergulhado na decadência, já mostrando a sua morte lenta, marcada pela queda abrupta no valor do cristal, o blefe danado, a criminalidade desenfreada, em alta, era fomentada por bebedeiras e jogatinas. Apesar da partida de tantos em busca de novos horizontes, havia aqueles que permaneciam e com eles os seus modos de vida.

Muitos "não tinham deixado o vício nem a mania de comprar cristal, pois, mesmo que não tivesse mais valor, ainda tinha a quem revendê-lo. Por isso, muitos garimpeiros continuavam a procurá-lo, aproveitando os últimos recursos da terra" (Júnior, 2010, p. 227). Era como se o brilho das gemas ainda mexesse com os olhos de muito garimpeiros, num reflexo de esperanças e teimosias.

Em quase todas as circunstâncias, o garimpo se tornava uma prisão invisível, e, "o garimpo viciava os garimpeiros, que não mais aprendiam a fazer outra coisa a não ser garimpar, a lidar com cascalho pro resto da vida" (Sales, 1986, p. 99). Dentro dos Gerais cristalíferos do antigo nortão goiano, essa afirmação ganhava contornos ainda mais profundos, pois, "o garimpeiro envelhece, mas seu fascínio jamais. Garimpeiro será sempre garimpeiro em sua fascinação, [...] o garimpo vive dentro dele [...] o descobrir do cristal é viciante" (Rimualdo, 2021, p. 144) e só a morte para quebrar esse entanto forjado em seu corpo e em sua alma.

Era como se o garimpo fosse mais do que uma prática de extração do minério; tornava-se um autêntico modo de ser, uma existência que resistia ao desgaste do corpo e ao passar dos minutos, horas, apagar dos dias, semanas, meses e anos, transformando e moldando novas vidas, identidades, mesmo em meio à decadência da economia.

Ao nascerem e morrerem em vários garimpos, as ilusões reacendiam com a chegada de "gente mal tipada, vindos alguns dos garimpos fechados" (Bernardes, 2005, p. 100). Nesse ciclo incessante, as vidas de inúmeras pessoas também entravam no transe do Eldorado

prometido, mergulhado nas catras, onde, o garimpeiro “labutava há vários anos nos garimpos, sem contudo tirar o menor proveito decente” (Silva, 1954, p. 106).

Varados de fome e trêmulos de ansiedade para sair de um quadro de miserabilidade que corroía suas vísceras, muitos garimpeiros, muitas vezes, pareciam mortos-vivos, “entre os vivos a vagar na terra” (Moreira Filho, 2020, p. 216) pois à vereda da fome leva os campos eterno. Os garimpeiros – conhecidos, compadre, parentes e amigos de luta garimpeira – pensavam que os companheiros de profissão haviam partido pois lembra Brasiliense:

> [...] a sorte não estava lá naquelas regiões do diamante [e cristais], onde muito capangueiro saía com as mãos cheias de pedras preciosas, lavadas com suor alheio, enquanto a multidão sem nome continuava a cavar a terra, enfeitiçada pela esperança de fortuna, sem muitas vezes saber que cavava a própria sepultura (Brasiliense, 1960, p. 16).

A imensa massa sem nome – importantes – representava os incontáveis garimpeiros e garimpeiras que eram movidos(as) por sonhos e corriam os riscos sombrios de terem os cristais roubados ou, pior, de perderem a vida nas mãos de ladrões. Esses criminosos, cruéis e impiedosos, jogavam seus corpos sem vida nos mesmos buracos que os pobres garimpeiros haviam sido forçados a cavar. Não era incomum encontrar um garimpeiro “abatido, vencido, talvez vendo arrazarem-se tôdas as suas ilusões através da sorte execrada” (Silva, 1954, p. 106).

A vida no garimpo era marcada por tragédias por vezes gritantes e por vezes silenciosas. Visto que o garimpo era um “ambiente duvidoso, com risco de sucederem outras tragédias” (Bernardes, 2005, p. 101). Além disso, a sepultura econômica dos pobres e dos incautos estava sendo cavada desde a origem da exploração de cristal. E nessa situação, destacam-se nas palavras de Moreira Filho:

> Infelizmente, a violência e o banditismo cresciam assustadoramente com pavorosas matanças de garimpeiros, por parte dos capangueiros que espalhavam medo e terror pelos manchões, sobretudo pelos cabarés mais pobres que eram fechados à faca, punhal e bala, constrangendo, ainda mais, as raparigas. Era o prenúncio de uma triste decadência [...] abertamente pelos garimpos de Dueré (Moreira Filho, 2020, p. 244).

A violência reinante no geral cristalífero não poderia ser atribuída apenas aos capangueiros. Jagunços, coronéis, vaqueiros, tropeiros, mascates, bandoleiros e a lógica implacável do machismo também desempenhavam papéis decisivos em centenas de crimes que tingiam o sertão com sangue e medo. Era um território onde as disputas e negociações

pelo poder e pela posse de riquezas desafiavam qualquer ideia de ordem ou justiça — mesmo que mínima.

Ainda assim, "a vida garimpeira continuava" (Moreira Filho, 2020, p. 2018), movida pela obstinação e pelos resquícios de esperança que insistiam em brotar daquela realidade. Contudo, "nos garimpos restava pouca gente" (Bernardes, 2005, p. 62), pois muitos já haviam sucumbido à fome, à violência ou ao desânimo, deixando para trás uma paisagem repleta de barrancos abandonados, catras e sonhos interrompidos.

E ainda assim, os poucos que permaneciam seguiam trabalhando, alimentados pelo desejo de encontrar uma pedra ou labutando com e no sertão, como se essa vida árdua fosse capaz de mudar o destino em meio ao caos. Mesmo neste quadro em falência, o garimpo continuou a (trans)formar e a moldar vidas, lapidando não apenas os cristais, mas as identidades que foram – e são – marcadas pela dureza da vida e pela esperança constantes de dias melhores mesmo que em um futuro incerto.

Mesmo com a decadência do garimpo, "o mundo garimpeiro continuava fervendo" (Moreira Filho, 2020, p. 242), pulsando nas veias da política, do comércio e das mais variadas práticas culturais que, pouco a pouco, iam moldando, no norte goiano, as identidades que se tornariam tocantinenses. Ou seja, por um lado, e muito forte permaneciam as relações sociais, nas festas, nos jogos políticos, na relação com o sertão, ou seja, nas práticas de pertencimento, o garimpo poderia ter caído em decadência, mas sua essência ficava entranhado nas histórias de vida, nas disputas de poder mais complexas existentes.

O emblemático Hotel Cristal, por exemplo, que era palco de (des)encontros e jogos de poder, de negociações e intrigas, onde histórias e destinos se cruzavam em meio ao fervor de um mundo, mesmo em declínio, ainda mantinha sua chama acesa com as pacatas vendas e compras de minérios, mas ainda rico em identidades regionais, estaduais e republicanas.

A comercialização das gemas, sobretudo do cristal de rocha, ainda persistia em existir, mas, "de maneira tímida fraca. E os grandes bambúrrios pareciam ter mesmo chegado ao fim. Portanto, o apogeu do garimpo não existia mais. O crime cada dia aumentando no povoado, onde o vento sem piedade destruía barracos" (Moreira Filho, 2020, p. 249).

Podemos compreender que o vento mencionado por Juarez Moreira Filho, que outrora simbolizava a rapidez das notícias, o discurso de riqueza fácil que tocava os corpos das pessoas em promessa, agora carregava consigo a poeira dos sonhos desfeitos, dos barracos, das catras em ruínas, enquanto o próprio sertão garimpeiro testemunhava a despedida de um ciclo que se perpetuaria na memória daqueles que um dia fariam daquele nortão goiano o mais novo estado da Federação. Em cada canto do sertão onde houvera o garimpo de cristal

existiam as marcas do apogeu e da decadência que contavam uma história de resistência, perdas e transformações.

No entanto, com o passar do tempo, a crise aumentou e o garimpo de cristal, que "antes fascinante, [...] hoje não valia um tostão. [...] sonhos foram por água abaixo, reduziam-se a um nada, [...] a coisa alguma. Uma pura lástima" (Moreira Filho, 2020, p. 249). Ficavam, naquele território de promessas desfeitas, as desilusões, a violência vivaz, os jogos mais inimagináveis da política, o árduo trabalho na roça e a ociosidade.

Para aqueles que permaneciam, restava o desafio de sobreviver a uma vida marcada por pendengas, alimentando-se de "farinha com feijão" (Júnior, 2010, p. 23). Ainda assim, algumas falas ressoavam pelos garimpos, eternizando a dureza da realidade e da frágil esperança e (des)ilusão. Os dias arrastavam entre as chuvas e o calor abrasador se prendia ao som metálico das ferramentas na terra dura, enquanto a persistência tornava-se uma fé quase inquebrantável por promessas agora vazias e tempos de melhoras.

Como acentua Herberto Sales em *Cascalho,* "é verdade que o garimpo não é grande coisa. Mas aqui, pelo menos, é onde o pobre pode ver uma nota de quinhentos depressa" (1986, p. 67). No sertão garimpeiro do nortão goiano, a história não foi diferente. Esses sujeitos, tantas vezes relegados, escamoteados e esquecidos de seus direitos republicanos, apostavam suas vidas nos garimpos, alimentando-se de esperanças alucinadas por pedras e gemas que, mesmo em tempos de apogeu ou decadência, garantiam a eles a sobrevivência por mais alguns dias.

Se antes, no garimpo, corriam rios de dinheiro, com a derrocada da exploração do cristal, restavam apenas os rastros da decadência. Cada vez mais se via, "o garimpeiro mergulhado na poeira, na lama, no lodaçal da brutalidade, da ignorância sem fim" (Moreira Filho, 2020, p. 249). Era como se o garimpeiro recusasse acreditar que, um dia, as fontes de riqueza poderiam secar — o cristal de rocha. E quando acabava, agarrava as suas esperanças baldias.

Assim, seguia a sina de tantos outros sertanejos que se "dedicaram de corpo e alma àquele trabalho, passando até fome, sem desfrutar uma única vez do suor que derramaram" (Júnior, 2010, p. 189). Assim, muitos terminaram — muitos mais — pobres e esquecidos, silenciados pelo tempo e pela dureza da vida, enquanto paradoxalmente uma minoria de exploradores da miséria acumulava poder e fortuna à custa de sonhos alheios.

Nesse cenário dialético, os garimpeiros seguiam lutando contra a própria invisibilidade e incerteza, carregando nos olhos a sombra de uma riqueza que nunca lhes pertenceu e nas

mãos a cicatriz de batalhas que nunca puderam vencer, pois, por um lado, “lá estão apenas os buracos, como testemunho vivo das atividades predatórias” (Borges, 1964, p. 69).

Assim, o sertão se fechava, abafando as histórias de quem o habitou e eternizando no pó o eco de uma promessa que nunca foi cumprida. Em síntese, o garimpo de cristal de rocha, antes palco de esperanças e riquezas sonhadas, transformou-se em uma “espécie de flagelo, ruínas, poeira e solidão, rolando, farturosamente, pelos garimpos” (Moreira Filho, 2020, p. 249), do “nortão goiano”. Nesse sentido, Assis Júnior é enfático ao dizer:

> Não havia mais aquela circulação de dinheiro de outrora, quando do apogeu do cristal, mas não se sabia por que aquele local ainda continuava atrair as pessoas. Aos poucos iam chegando outras famílias para habitar aquela rua comprida, às margens dos rios, e foram aparecendo outros afazeres de atividades. A pecuária, a agricultura, a pesca e a atividade de barqueiros começaram a dar os primeiros passos. O lugar não era mais somente aquele ponto de garimpeiros e prostitutas. Havia crianças que cresciam e que formavam uma nova civilização. Porém os costumes do início ainda prevaleciam na localidade (Júnior, 2010, p. 190).

Seria engano dizer que a pecuária, a agricultura, a pesca, a atividade de barqueiros e até mesmo o espichado deram os seus primeiros passos apenas no momento em que o garimpo de cristal começou a declinar. Na verdade, essas práticas já estavam presentes muito antes, enraizadas no cotidiano do grandioso sertão garimpeiro, e foram retomadas ou intensificadas para mitigar “a quebradeira que ficou com o despencar do preço do cristal” (Júnior, 2010, p. 191).

Enquanto a economia garimpeira caía em desgraça, essas atividades ancestrais se mantinham e recuperavam vigor, revitalizando territórios e almas, construindo os alicerces de uma nova era. Essa (re)organização econômica impulsionou transformações históricas, culminando na divisão do estado de Goiás e no nascimento das economias e identidades que moldariam o estado do Tocantins. Nesse entrelaçamento de crises e esperanças, a resiliência do povo sertanejo escreveu, com suor e persistência, os capítulos de uma história não apenas regional, mas também nacional e internacional.

O garimpo foi mais que uma atividade econômica; tornou-se um dos consideráveis aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos que ajudaram a (re)construir os elementos das identidades tocantinenses. Durante a sua efervescência em meados de 1940 e até a sua decadência, na década de 1980, as narrativas em torno dessa prática ganharam força, impulsionando o imaginário social que se tornou um dos ingredientes dos movimentos de separação de Goiás e da criação do estado do Tocantins.

Nas pedras extraídas do garimpo, inúmeros sujeitos (re)fizeram raízes e, em suas histórias, ergueram esperanças, construíram impérios, enquanto outros permaneceram em ruínas. A decadência trouxe um (re)nascimento, uma força individual e coletiva que costurava o passado ao futuro, transformando suor, lagrimas, risos, tristezas e sonhos em um projeto de vida melhor.

Assim, o Tocantins nasceu dos ecos das alabancas, picaretas, carroças, peneiras e bateias sob as mãos calejadas em meio ao trabalho árduo que moldou destinos. Carrega, em seus rios e montanhas, não apenas o ouro, os diamantes e cristais que o tempo levou, mas o espírito daqueles que ousaram sonhar e fizeram das lutas pelas identidades um marco na história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de uma extensa caminhada laboriosa e fatigante de pesquisa científica do doutorado em que a Universidade Federal de Goiás me proporcionou trilhar em passos firmes mesmo em tempos tão conturbados nos quais o país ainda sofre com as sequelas de uma crise pandêmica e de representatividade política, eis que surge o momento tão sensível e árduo: expressar as conclusões da pesquisa científica de maneira clara e objetiva.

O sertão garimpeiro se fez através de inúmeras lendas que dão voz às muitas localidades desse vasto Gerais garimpeiro. A festa de Santos Reis ainda comove corações e inspira romarias pelo sertão. As histórias do Nego D'água, do Rodeirão, de botos que se relacionavam com as pessoas, do canto agourento das corujas e das árvores que guardam desencontros continuam a ecoar, embalando pescarias, permeando o cotidiano e guiando as buscas por riquezas envoltas em misticismo.

Em rodas de conversa, pescadores, garimpeiros e sertanejos mantêm vivas essas narrativas às margens dos rios, nos barrancos e dentro das matas. Eles falam dos benzimentos de homens que selavam seus corpos contra a morte, contra a bala ou o fio do ferro — faca —, protegidos pelas preces e talismãs que os tornavam invioláveis. Contam histórias sobre lobisomem, que seria um padre ou homem que comete incesto. Isso reflete atitudes sombrias, tragédias, vítimas de condenados e demonizadas que ainda marcam os varjões.

Fábulas de riqueza fácil, como a busca do Eldorado, com ilhas que apareciam e desapareciam, repleta de ouro, de riquezas em cima da terra, encantando pessoas de vários lugares do Brasil e algumas de outros lugares do mundo para o sertão garimpeiro que (des)construíram as suas identidades e (re)construíram famílias.

Tudo misturando ao desejo de riqueza fácil, que era o que movia esses garimpeiros, garimpeiras, sertanejos, sertanejas, homens, mulheres, crianças, idosos, aventureiros e aventureiras, todo tipo de gente que fez do sertão seu lugar de moradia de pequena, média e grande duração.

O sertão garimpeiro estava no extremo norte goiano, para melhor, dizer, nos vales dos rios Araguaia e Tocantins com todas os seus elementos territoriais e socioculturais. Os rios Araguaia e Tocantins, com seus afluentes, agregaram elementos culturais e econômicos, como a utilização de vias e pontos de comércio aquático, prática em torno da qual muitas famílias se reuniam para vender seus cereais. No entanto, essa atividade era exercida exclusivamente por homens que cortavam os rios e que, muitas vezes, praticavam violência sobre os corpos das mulheres.

Territórios aquáticos também lhes serviam como um meio de sobrevivência, possibilitando a pesca predatória de vários peixes e animais aquáticos que serviram de alimento a inúmeras famílias. Esses mesmos rios que proporcionavam a redução da fome, eram também, infelizmente, os mesmos que engoliam as vidas dos sertanejos brasileiros e tocantinense que viviam em suas barrancas. Os rios, com seus afluentes, ainda hoje continuam a influenciar muitas famílias e deles é retirado os seus sustentos econômicos através da pesca, da travessia e do turismo.

Esses rios e seus afluentes compõem os Gerais dos vales do extremo norte goiano e ajudaram a re-demarcar os limites e as vivências dos sertanejos, sertanejas, garimpeiros e garimpeiras, mulheres, crianças e idosos. Esses rios ajudaram na (des)construção das identidades do ontem setentrião goiano, hoje estado do Tocantins. Essas águas, ao mesmo tempo que proporcionam a vida, caminham *pari passu* com a morte. Os caminhos dessas águas contêm suas histórias marcantes entre os risos e as lágrimas.

Na chuva, no medo das cheias dos córregos, cacimbas, lagos e rios, ecoava o velho dizer: “a água não tem cabelo”. O receio era ser engolido pelas correntezas, arrastado para longe, levado pelo mundão, enquanto nas sombras líquidas se escondiam feras silenciosas capazes de engolir bois e sempre prontas para atacar no instante (in)certo, como as sucuris, surucurus de brejos.

Era na seca que o calor se tornava mais tórrido e o sol escaldante, de quando em quando, sapecava tudo, queimava todos que, pela sorte e pela coragem, seguiam na peleja da vida. Mas o medo da estiagem também pesava, pois, se alguns rios eram perenes, em outras paragens se tornavam veias ressequidas, veredas de águas mortas, forçando tantos a buscar, como ainda buscam, refúgio onde a água resista para suas criações e para a própria vida.

Desse modo, o sertão do antigo norte goiano, hoje estado do Tocantins, era inferno de dores, sofrimentos, medos e resistências, mas também paraíso para muitos que ali viviam — como ainda é —, com suas criações e casas, onde a mãe natureza estendia as mãos aos seres sociais dos Gerais cristalíferos. Importa ressaltar que, ainda hoje, a seca e os invernos chuvosos castigam a região, onde, quase sem assistência do Estado, muitos seguem sobrevivendo às durezas da vida.

A caça foi uma prática intensa nessas impucas do antigo norte goiano, seja na busca por alimento, seja na caça predatória de animais aquáticos e terrestres, cujas peles, conhecidas como espichados, eram vendidas a preços baixos por aqueles que arriscavam suas vidas, passando dias, semanas e meses na mata. Entre esses caçadores, havia muitos sertanejos, caboclos e, por vezes, suas companheiras, mulheres, que também enfrentavam os perigos.

Essa prática econômica e cultural foi observada por Leolídio di Ramos Caiado, que chamou esses homens de caçadores profissionais, conhecidos no idioma sertanejo como mariscadores.

Essa atividade, além de enriquecer poucas pessoas, e de maneira exploratória não só da natureza, mas como entre os próprios sujeitos, como muito bem explicou a historiadora Olívia Macedo Miranda Cormineiro, denominei império dos espichados, das peles. A consequência dessa triste marca foi a riqueza de um pequeno número pequeno e a imensa extinção de inúmeros animais no hoje estado do Tocantins.

Dentro desse sertão das águas, dos vales, obteve-se a extração de ouro, sobretudo o de aluvião, das margens dos rios, por esses varjões que proporcionaram riqueza para uma parcela ínfima da sociedade goiana, ocasionando, mais uma vez, a exploração da mão de obra escrava, sobretudo de negro(as) e caboclo(as), fazendo a manutenção da miséria e da desigualdade.

O garimpo de cristal de rocha — e de outras gemas, como diamantes, que foram e são exploradas nos rios Araguaia e Tocantins — ainda continua a influenciar outras possibilidades de garimpagem, como a recente abertura de busca e exploração de esmeraldas na cidade de Monte Santo, envolvendo pesquisas da Universidade Federal de Brasília.

Essa dinâmica envolve um investimento bilionário para o Estado, abrindo novas possibilidades de exploração do minério para grupos de empresários estaduais, nacionais e internacionais que seguem com a remoção, talvez conduzindo a maior parte dos recursos para fora do estado e do país, enquanto um novo ciclo de exploração se forma, gerando inúmeras mãos de obra, mas proporcionando uma riqueza de técnicas nas mãos de poucos indivíduos.

Na sequência história, até por que somos frutos dos desejos, anseios, ações, e representações de um passado, ainda há algumas empresas nacionais e internacionais explorando ouro na cidade de Almas, em Tocantins. Por consequência ainda, hoje existem garimpeiros vivos, explorando, pela sorte e de maneira irregular, ouro, diamantes e esmeraldas.

Por outro lado, ainda existem — pouquíssimos — garimpeiros em uma atividade quase extinta, mas de sonhos vívidos. O garimpo de cristal ainda permite a venda de uma pedra aqui e ali, garantindo uma renda extra, um respiro para quem persiste. Como dizem, ajuda no tempero do arroz e feijão, enquanto a esperança reluz na busca por aquilo que traga um pouco mais de conforto.

Após a queda da extração de ouro na região do antigo norte goiano, ao contrário do que muitos narram, de que, por essas brenhas, a decadência é reinante, (re)aparece a criação de gado — no dizer dessas bandas, “das reses em diversas formas” —, em fazendas onde o

pagamento do vaqueiro não é em dinheiro, mas sim, com as criações de gado — ou de outros. Por exemplo, de quatro vacas, o vaqueiro tem uma cria – o número de cria varia conforme o contrato e a quantidade de reses da fazenda.

Com esse tipo de acordo, muitos vaqueiros ascendem socialmente. Outra maneira é a criação de gado de meia, com divisão em duas partes da barrigada entre o criador e o negociante. Todas essas práticas ainda se fazem presentes na identidade da lida com o gado no sertão tocantinense.

Ainda nesses aspectos, resiste uma cultura forte nos Gerais do norte goiano: a dos vaqueiros, homens que, tanto ontem como hoje, ganham a vida no labor árduo e fatigante de cuidar das fazendas de seus chefes e políticos, sempre em busca das reses perdidas nos chapões, baixões, capoeiras, pântanos alagadiços e despenhadeiros, sob o astro-rei inclemente ou sob chuvas duradouras, finas e torrenciais.

Vestem-se com trajes de couros medievalescos, parecendo cavaleiros desgarrados no tempo em meio ao sertão, protegidos apenas pela sua armadura e coragem. Nesse ofício secular, (re)apresentam cantigas que cantarolarem e que refletem aspectos das mais variadas situações de suas vidas. É o famoso aboio ecoando pelo sertão garimpeiro.

Esses Gerais tocantinenses foram também palco de uma complexa e extensa cultura tropeira, desses sujeitos que varavam inúmeros estados, cruzando o “nortão” goiano, trocando, negociando animais, minérios e objetos, envolvendo-se por vezes em contendas políticas, intensificando vilarejos e cidades, trazendo notícias e novidades que sacudiam os Gerais.

A cultura do tropeiro, e principalmente do vaqueiro, que foi moldada pela necessidade de sobreviver no sertão, reflete-se em seus cantos e tradições, representando as diversas regiões do atual estado do Tocantins, onde a vaquejada ainda põe comida no prato de muitas famílias, mas, por outro lado, expõe a ausência de políticas que reconheçam e valorizam esses homens, tantas vezes esquecidas, limitadas à condição de mera força de trabalho para os médios e grandes latifundiários.

Dentro dessas fazendas, tinha, mãos de obra escravizadas; encontravam-se — como ainda hoje se encontram — muitas almas subjugadas, presas, condenadas injustamente pelas garras daqueles que dtinham os poderes mais perversos do sertão. Eram os senhores dos grandes latifúndios, que chicoteavam e exploravam corpos e as almas até o limite do suportável, arrancando-lhes o último resquício de vida.

Pobres eram essas pessoas, que só possuíam as próprias mãos e braços para lutar, para sobreviver dentro de impérios de terra e dor, onde, às vezes, o pagamento pelo suor

derramado era a própria morte, diante de uma cancela ou colchete distante, no imenso e cruel domínio dos senhores de tudo. Era — e ainda é — o trabalho escravo presente na vida de todos por essas veredas.

Essa violência estruturante invadiu as aldeias indígenas, onde muitos pereceram em verdadeiros genocídios; os que sobreviveram tiveram de negociar, dobrar-se aos seus algozes ou carregar o fardo amargo de partir, exilando-se da terra ancestral para morrer em vida em terras estranhas e distantes. Na mesma intensidade, ergueram-se os quilombos, refúgios de resistência onde negros, caboclos e ribeirinhos fugiam da escravidão e da violência imposta sobre seus corpos. Ali, entre lutas e esperanças, fincaram raízes sagradas, ergueram muros invisíveis contra a selvageria dos que se diziam civilizados e filhos do progresso.

A violência presente no antigo norte goiano é outro traço cultural bastante forte, desde as formações de algumas cidades na região, como foi a cidade de Dueré, no seu próprio cotidiano, em que tendia tudo a se resolver na base do ferro ou da pólvora, ou seja, da faca ou da arma.

Em certas ocasiões, sejam elas a mais peculiares da vida, homens, mulheres e crianças, já imersos nas tramas da violência, tornam-se parte de um ciclo onde a brutalidade é causada e perpetuada. Nesses espaços marcados pelo embate, os conflitos se resolvem à força, seja pela agressão física ou simbólica, pelo fio de uma lâmina ou pelo disparo de um revólver. Não por acaso, o Bico do Papagaio, no norte do Brasil, figura entre as regiões consideradas mais violentas do país.

A violência se manifestava de muitas formas nos sertões, onde jagunços espalhados pelos Gerais, ao chamado de seus chefes e companheiros de honra, não hesitavam, invadiam vilas, cidades e fazendas, semeando reboliços por essas veredas, derramando sangue, ceifando vidas, cometendo atrocidades que sustentavam, a ferro e medo, uma estrutura de poder violenta.

Nesse mesmo ínterim, com a chegada e as transformações do capital no sertão, muitos jagunços se tornaram pistoleiros e muitos continuavam a fazer da morte um ofício e erguendo sua riqueza sobre os cadáveres espalhados pelos varjões. Essa era — e ainda é — uma prática corriqueira na região, deixando um rastro atroz na vida de muitos nos vales araguaianos. Mortes de pessoas simples e até de políticos seguiram impunes, seja pela dificuldade em identificar os criminosos, seja pelos próprios rastros deixados como marcas de mando, onde o poder violento imperava sobre o outro.

Descambando em lutas em algumas vilas e cidades envolvendo famílias, persistem feridas abertas pelo tempo, algumas cicatrizadas em casamentos arranjados — entre primos,

compadres, aliados — selados na política. A violência, simbólica e física, marca tanto os que matam quanto os que morrem, tragados pelo jogo do poder. Eis o coronelismo, enraizado nessas veredas da existência, um eco do passado que insiste em atravessar os dias, talvez por séculos ainda.

Esse vasto sertão garimpeiro foi — como ainda é — terra onde o assistencialismo mal chegava e, quando chegava, servia a um grupo seleto. Eram os clãs da elite regional, utilizando-se dos bens e da máquina pública como se fossem sua propriedade privada. Na mesma medida em que o Estado se fazia escasso, os crimes mais bárbaros floresciam impunes, numa dialética perversa onde, quanto maior o número de policiais, mais violências se praticavam nos becos, veredas, ruas e praças, sobretudo contra os que nasceram de pés descalços. Ali, nas fronteiras distantes, ainda hoje se resolvem conflitos na faca ou na bala.

Em meio à exploração humana, a grilagem de terra se tornou outro grande fator de violência, incluindo documentos fraudados, com atestados das próprias instituições republicanas e seus agentes que se tornaram algozes de pessoas desprovidas de poder, grilando terras, usando o monopólio legítimo da violência do Estado e provocando conflitos sangrentos. Essas e outra práticas do coronelismo constituíram uma grande estrutura que abrangia todos os rincões, vilas, povoados e cidades e fazia abalar todas as peças do tabuleiro social do lugar.

A violência contra a mulher ainda está presente e se manifesta na pouca representatividade feminina nos poderes públicos. Alguns chegam a cogitar que não vota em determinada candidata pelo simples fato de ela ser mulher e, portando, não se presta à administração pública. Essa é uma das vias do machismo sendo exercido. E isso não fica apenas na política, resultando em um aumento de 120% no número de feminicídios em 2022, e, infelizmente, em alguns casos, a justiça ainda é bastante lenta.

A situação vexatória das mulheres atravessava o campo político e social, mergulhando no sertão desigual, onde muitas eram empurradas à prostituição, seus corpos limitados a mero objeto de uso e abuso, violentados, descartados como qualquer coisa, indigentes largadas ao mundo. Algumas, na ânsia de fugir desse destino, casaram-se, formaram famílias, partiram para terras distantes ou mantiveram-se ali, firmes nas suas famílias.

Outras, na penumbra do ofício, lançaram-se à busca dos cristais, desde a mais simples e escamoteada atividade de lavar cristais, outras poucas de mãos calejadas, seguiram a dura lida, escavando a terra em esperança. Mulheres que sustentavam lares, erguiam famílias, trabalhavam como homens no garimpo e na roça, sonhando, como todos ali, com a fortuna breve que as libertaria daquela realidade cruel.

Os filhos e filhas do garimpo, crianças pobres, seguiram à escola entre trapos e esperanças, enfrentaram salas em ruínas e professores sem salário — quando recebiam eram com meses de atrasos. Os poucos que tinham dinheiro, filhos de fazendeiros e até mesmo de garimpeiros que sonharam com os livros, buscaram refúgio em cidades como Porto Nacional.

Outros, desde cedo, entregavam-se ao trabalho: montavam animais de carga, levavam e traziam pertences, mudanças, até mesmo refugos de cristal que, lavados, ainda brilhavam. Assim, garantiam o pão, sustentavam o lar, ou então, cedo demais, adentravam à terra com pá, enxada, alavanca com as mãos pipocadas e seus corpos pequenos e suados iam cavando barrancos em busca da pedra reluzente. Muitos, sem escolha, seguiam os caminhos do sertão: na roça, vaqueiros, tropeiros, ou, por sina, cresciam na sombra do crime.

Não obstante, os idosos, que passaram a vida inteira em busca de um pouco de dignidade e de uma segurança econômica para que puderam viver seus últimos dias em paz, seguiram pelos garimpos, pelas veredas, estados e Gerais. Eram como eternos caminhantes errantes, sonhando com o enriquecimento fácil, mas a realidade lhes impunha outra sorte: trabalharam até o fim de seus dias, sem alcançar o que tanto almejavam.

Esse passado, longo e duradouro, com as mais complexas feições sociais, econômicas, culturais e políticas, faz-se vívido no presente, trazendo desafios à saúde pública e à segurança. Afinal, o presente é filho desse passado que, infelizmente, carrega fragilidades institucionais e sociais, gerando omissões e transformando a política em um jogo dialético no qual se moldaram as identidades das instituições e da sociedade tocantinense.

Outro fator que ainda traz chagas quase incuráveis e profundas é a desigualdade social. Atualmente, o estado do Tocantins tem 1. 511. 459 milhões de habitantes com 31% de sua sociedade vivendo à margem da pobreza, com menos de dois reais por dia. São nada menos que 592.970 pessoas vivendo em situação calamitosa, em palafitas sem esgoto e casas paupérrimas, sem energia elétrica. A maioria dessas pessoas sequer consegue fazer duas refeições por dia. A fome é uma problemática estruturante e política.

A desigualdade é uma chaga quase incurável desta República que não busca, de fato, combater o mal pela raiz. No centro de todas as amargas, dão apenas remédios paliativos para amenizar dores. A fome, por essas capoeiras do hoje estado do Tocantins, ainda é um elemento de identidade forte. Famílias comem a borra da farinha — conhecida como goló — com café, ou apenas arroz com abóbora para amenizar os flagelos da fome que persiste em corroer as entranhas de seus corpos esqueléticos.

Essas pessoas são as mesmas descendentes dos desafortunados de outrora, de um passado ininterrupto, que hoje vivem em um mar de miséria, desassistidas, as mesmas que,

com as vozes falhas e roucas, sempre gritaram por um pouco de clemência e poucas foram ouvidas, sendo lembrados apenas em determinados momentos nos quais a própria elite regional e nacional deseja usá-las.

E nossos pequenos? Hoje, segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) citado pelo jornal *AF Notícias* (2003), no Tocantins, de 100 adolescentes e crianças, 83 sobrevivem no mar da pobreza tocantinense, sem educação, moradia, saneamento e informação. Essa pobreza e a desigualdade regional vão compondo um quadro dessa triste federação, forjando mais um elemento cultural, social, econômico e político de nosso estado do Tocantins e da nação.

Os problemas atuais são resultado do medonho passado que insiste em bater à nossa porta, em andar ao nosso lado no dia-a-dia. Um passado vil, abominável, sórdido e tenebroso que, infelizmente, está tão vivo no presente em que o brasileiro é um eterno herói ambulante, nômade desconhecido, anônimo, que faz das entranhas o coração para sobreviver e pela sorte vai seguindo a sina de sua vida. Eis as identidades das sobrevivências brasileira, sobretudo tocantinense.

Em meio a todas essas mazelas sociais, históricas, regionais e geográficas, surgiu, em um curto período, a extração do cristal de rocha no sertão do norte goiano em lugares jamais pensados e em lugares jamais pisados. Assim foram sendo desvendando lugares, abrindo novas possibilidades.

O garimpo de cristal de rocha foi, para muitos, um meio de sair da pobreza, um alimentador de (des)ilusões sociais, pois só pela sorte e o desejo de enriquecimento fácil as pessoas poderiam sair daquele quadro de pobreza, de miserabilidade, pois políticas públicas e o próprio Estado não lhes davam oportunidade e não cogitavam amenizar o mal maior. Esses personagens foram os verdadeiros heróis anônimos e heroínas anônimas.

De fato, o garimpo transformou o espaço humano. Alguns, agraciados pela sorte, logo encontraram cristais que proporcionaram melhores condições socioeconômicas; mantiveram-nas em investimos em fazendas, gado, comércios. Outros, na mesma velocidade em que acumularam fortunas, dissiparam tudo da noite para o dia em bares e cabarés, não só da cidade, mas de outros estados, e terminaram seus dias afundados no lamaçal da miséria.

Houve também aqueles que, faisqueiros por vocação ou necessidade, prosperaram e adentraram a seara política, alcançando cargos municipais como vereadores e prefeitos, e até mesmo postos estaduais, como o ex-governador Siqueira Campos, e nacionais, como o ex-deputado federal Osvaldo Reis, chamado por muitos de Rei do Bico. Foram frutos do garimpo

de cristal de rocha e, por um momento, contribuíram para o desenvolvimento local, ajudando a fortalecer ainda mais a política estadual.

De fato, o cristal (re)povoou, (re)modelou e intensificou povoados, vilas e cidades no antigo norte goiano, metamorfoseando as relações humanas, algumas ganhando novas roupagens e outras reforçando ainda mais as já existentes. O cristal também foi fazendo com que o sertão ganhasse mais uma forma de participação na economia mundial.

E foi pela sorte que inúmeras pessoas de diversos lugares do país e do mundo adentraram o "nortão" goiano, desenvolvendo redes socioculturais, intensificando as relações econômicas, políticas e culturais, ajudando a desenvolver — ainda mais — a identidade tocantinense, (des)formando famílias, algumas construídas através do bamburro, da riqueza, e castas sociais, outras mergulhando em poderes econômicos ligados ao mundo campestre, originando um mundo com desigualdades próximas e extremas.

Desigualdades próximas em decorrência da riqueza que andava sempre próxima à pobreza, e distantes porque, nesse lugar onde muitos construíram seus impérios, outros sequer construíram suas moradas de taipas em lugares insalubres. O sertão do antigo norte goiano era um lugar de terra rica, o celeiro do mundo com gente quase absolutamente pobre e famélica na porta, usada e jogada ao acaso, vivendo intensamente o salve-se quem puder.

Esses elementos sociais, cultuais, econômicos e geográficos são oriundos da extração do cristal de rocha ajudaram o estado do Tocantins a ganhar sua formação geopolítica, tanto nacional quanto internacional. De maneira nacional, a extração do minério, com a intensificação das ocupações das terras, proporcionou o desenvolvimento de estradas que cortavam o Brasil no centro, como a construção da BR-153 ou, como é conhecida, Belém-Brasília. Como já narrado, ajudou a impulsionar o crescimento de cidades do atual Estado.

Por meio da extração do cristal, um choque profundo se fez entre o mundo rural e os anseios da modernidade que se insinuavam, trazendo consigo o tráfego aéreo. Aviões cortavam os céus, carregando objetos da então capital, do Rio de Janeiro, e do próspero estado de São Paulo: CDs reluzentes, revistas repletas de novidades de um mundo que antes era quase inexistente, joias cintilantes. No sertão garimpeiro, a chegada do telégrafo, que se instalou primeiro nas cidades mais estruturadas, como Araguaína e Araguatins, e, com o tempo, avançou até os garimpos de Xambioá, Dueré e Pium, abalou as estruturas políticas e sociais.

O algodão áspero de outrora que pinicava a pele, cedeu espaço à leveza da chita e ao requinte da seda; os sapatos de couro cru foram trocados pelos elegantes bicos finos, moldando os modos de vestir. Antes, apenas óleo de mamona no cabelo; depois, a

especialização da maquiagem nos rostos femininos. A modernidade se infiltrava nos detalhes: geladeiras movidas a gás, motores a diesel rasgando os barrancos, a luz elétrica tremeluzindo tímida nas casas dos mais abastados, como um vislumbre do futuro que, embora lento, finalmente chegava aos sertões.

Em meio a tudo isso, a exploração do homem pelo homem se intensifica, diminuindo-o à mera mão de obra, nada além disso; a morte sem rito fúnebre, sem adeus, corpos lançados à terra como indigentes — apenas números em barrancos. Para o sertanejo, a quebra desses rituais representa uma mudança profunda, um passo rumo à desumanidade de um capital selvagem, pois as transformações trazidas pelo garimpo dilaceravam um rito quase secular, rompendo laços sagrados entre os vivos e os mortos.

Na geopolítica internacional, a extração do minério ganhou fama além dos limites territoriais brasileiros, tendo sua contribuição para o mercado industrial na confecção de objetos como taças, lentes de óculos, rádio, televisão, e colaborando para instituir, no dizer de Eric Hobsbawm, a era do ouro. O cristal de rocha ajudou na luta contra os fascistas na Segunda Guerra Mundial, com países, como a Inglaterra, importando o minério brasileiro para uso na indústria bélica.

Todos esses aspectos culturais, econômicos e políticos se agregaram no grande sertão garimpeiro, o “nortão goiano”, embutidos na modificação do espaço geográfico em sua amplitude e na formação do atual estado do Tocantins na consequência, constituindo elementos das identidades tocantinenses.

Todas essas representações de aspectos históricos, sociais, econômicos, políticos e culturais ajudam a entender o Tocantins, que nasceu sendo o mais novo estado da federação. Seu parto se fez em numa manjedoura tão arcaica quando as dos seus estados irmãos. Por fim, todos esses elementos das epistemologias citadas teceram, de maneira mais complexa, as relações e redes de poderes sociais no sertão cristalífero e que, consequentemente, estão presentes nas identidades tocantinenses, ajudando a formar e a compor — mais uma vez — as identidades de uma República chamada Brasil.

REFERÊNCIAS

Livros

ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de história colonial & os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. 2. ed. Brasília: Universidade Nacional de Brasília, 1963.
ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado (ensaios de teoria da história). Curitiba: Appris, 2019.

ALCÂNTARA, Lúcio. A vida na ponta da língua. *In*: PESSOA Roberto; SOUSA, Erivelto de. **Ditados populares**: a verdade que o povo consagrou. 2. ed. São Paulo: Dialética, 2022. (ebook)

ALENCAR, José de. **O sertanejo**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

ALMEIDA, Josias de. **Do Araguaya ás Indias Inglezas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

AMORIM, Eduardo Guedes de. **Aruanã**. Goiânia: Oriente, 1973.

ANDRADE, Mário de. **As melodias de boi e outras peças**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1987.

ARENDT, João Claudio. Notas sobre regionalismo e literatura regional: perspectivas conceituais. **Todas as Letras Z**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 110-126, 2015.

ASSIS JÚNIOR. **Encontro de ilusões**. Palmas: Kelps. 2010.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2011.

AUDRIN, José Maria. **Entre sertanejos e índios do Norte**. São Paulo: Edições Púgil, 1946.

AUDRIN, José Maria. **Os sertanejos que eu conheci**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

AZEVEDO, Cordolino de. **Terra distante**: impressões de Goyaz. [S. l.] [s. n.], 1925.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENÍCIO, Manoel. **O rei dos jagunços**: crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos. Brasília: Senado Federal, 1997.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERNARDES, Carmo. **A ressurreição de um caçador de gatos**. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

BERNARDES, Carmo. **Areia branca**. Goiânia: Livraria e Editora Cultura Goiana, 1975.

BERNARDES, Carmo. **Força da Nova**: relembranças. Goiânia: Secretaria de Educação do Estado de Goiás, 1981.

BERNARDES, Carmo. **Idas e vindas**: contos e causos. Rio de Janeiro: Codecri, 1977.

BERNARDES, Carmo. **Jângala**: complexo Araguaia. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

BERNARDES, Carmo. **Jurubatuba**. 3. ed. Goiânia: Editora da UFG, 1994.

BERNARDES, Carmo. **Memórias do vento**. São Paulo: Marco Zero, 1986.

BERNARDES, Carmo. **Nunila**. Rio de Janeiro: Record, 1984.

BERNARDES, Carmo. **Quadra da cheia**: textos de Goiás. Goiânia: Ed. do Autor, 1995.

BERNARDES, Carmo. **Quarto crescente**: relembranças. 2. ed. Goiânia: Editora da UFG, 1986.

BERNARDES, Carmo. **Regaça**: contos. Goiânia: Livraria e Editora Araújo, 1972.

BERNARDES, Carmo. **Rememórias II**. Goiânia: Livraria e Editora Araújo, 1969.

BERNARDES, Carmo. **Rememórias**. Goiânia: Livraria e Editora Araújo, 1968.

BERNARDES, Carmo. **Santa Rita**. Goiânia: Editora da UFG, 1995.

BERNARDES, Carmo. **Selva, bichos e gente**. Goiânia: Agepel, 2001.

BERNARDES, Carmo. **Vida mundo**. Goiânia: Livraria Brasil Central Editora,1966.

BERNARDES, Carmo. **Xambioá**: paz e guerra. Goiânia: Agência Goiânia de Cultura, 2005.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORGES, Durval Rosa. **Rio Araguaia corpo e alma**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1987.

BORGES, Mauro. **O golpe em Goiás**: história de uma grande traição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

BRASILIENSE, Eli. **A cidade sem sol e sem lua**. Brasília: Dom Bosco, 1977.

BRASILIENSE, Eli. **A morte do homem eterno**. 2. ed. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1971.

BRASILIENSE, Eli. **Chão vermelho**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1993.

BRASILIENSE, Eli. **O Perereca**. Goiânia: P. D. Araújo, 1973.

BRASILIENSE, Eli. **Pium**: nos garimpos de Goiás. 2. ed. Goiânia: Edigraf, 1960.

BRASILIENSE, Eli. **Rio Turuna**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1964.

BRASILIENSE, Eli. **Uma sombra no fundo do rio**. 2. ed. São Paulo: José Olympio, 1977.

BRASILIENSE, Eli. **Um grão de mostarda**. Rio de Janeiro, Oriente, 1972.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: o uso de imagens como evidência histórica. Tradução: Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: Unesp, 2017.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural.** Tradução: Álvaro Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CABRAL, Maria do Socorro Coelho. **Caminhos do gado**: conquista e ocupação do Sul do Maranhão. São Luís: SECM, 1992.

CAIADO, Leolídio Di Ramos. **Arapoema**. Goiânia: Oriente, 1975.

CAIADO, Leonídio Di Ramos. **Curichão da saudade**. Goiânia: Imprensa da Universidade Federal de Goiás. 1963.

CAIADO, Leolídio Di Ramos. **Curichão da saudade**. Goiânia: Imprensa da Universidade Federal de Goiás, 1969.

CAIADO, Leolídio Di Ramos. **Dramas do Oeste**: história de uma excursão nas regiões da Ilha do Bananal, em 1950. 5. ed. Goiânia: Gráfica do Livro Goiano, 1974.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. 2. ed. Tradução: Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMPOS, Francisco Itami. **Coronelismo em Goiás**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1987.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e história do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

CARONE, Edgar. **A República Velha**: introduções e classes sociais. 4. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Difel, 1978.

CARR, Edward Hallett. **O que é história?** Tradução: Lúcia Maurício de Alverga. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

CARVALHO, Carlota. **O sertão**: subsídios para história e a geografia do Brasil. 2. ed. Imperatriz: Ética, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 12. ed. São Paulo: Global, 2012.

CASCUDO, Luís da Câmara. **O tempo e eu**: confidências e proposições. São Paulo: Impressa Universitária, 1968.

CASTRO, Gomes de. **O garimpo**. São Paulo: Gráfica Souza, 1949.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. 6. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Brasiliense, 1959.

CASTRO, Josué de. **Homens e caranguejos**. São Paulo: Brasiliense, 1967.

CASTRO, Josué de. **O livro negro da fome**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966.

CASTRO, Josué de. **Sete palmos de terra e um caixão**: ensaio sobre o Nordeste, área explosiva. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1976.

CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. **O discurso autonomista do Tocantins**. São Paulo: Edusp, 2003.

CAVALCANTI, Klester. **O nome da morte**: a história real de Júlio Santana, o homem que já matou 429 pessoas. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2018.

CHAUL Nasr Fayad (org.). **Coronelismo em Goiás**: estudos de casos e famílias. 2. ed. Goiânia: Kelps, 1998.

COSTA, Lena Castello Branco Ferreira. **Arraial e coronel**: dois estudos de história social. São Paulo: Cultrix, 1978.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**: Campanha de Canudos. 33. ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

DINO, Sálvio. **Nas barrancas do Tocantins**. São Luís, 1981.

ÉLIS, Bernardo. **André louco**: contos. São Paulo: José. Olympio, 1978.

ÉLIS, Bernardo. **Ermos e gerais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ÉLIS, Bernardo. **O tronco**. 3.ed. São Paulo: José Olympio; Civilização Brasileira; Três, 1974.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos**: gênesis e luta. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2004. p. 241-277.

FAORO, Raymond. **Os donos do poder**: formação do patronato político brasileiro. 3. ed. São Paulo: O Globo, 2001.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. **O mistério do ouro dos Martírios**. Rio de Janeiro: Conquista, 1960.

FLORES, Kátia Maia. **Caminhos que andam**: o rio Tocantins e a navegação fluvial nos sertões do Brasil. Goiânia: Editora UFG, 2009.

FORTES SOBRINHO, Assis. **Breve história de Xambioá**: a terra em que nascemos deve ser venerada e enaltecida por seus filhos. 3. ed. São Paulo: Produções Artísticas Ltda, 2006.

GARDNER, George **Viagens no Brasil**: principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841. Tradução: Albertino Pinheiro. São Paulo: Editora Nacional, 1942.

GAY, Peter. **O estilo da história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso e fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

GROTZINGER, John; JORDAN, Tom. **Para entender a Terra**. Tradução: Iuri Duquia Abreu. 6 ed. Porto Alegre: Bookman, 2013.

GUIMARÃES, Bernardo. **O garimpeiro**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1951.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 10. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2014.

HOBSBAWM, Eric. **Bandidos**. 3. ed. Tradução de Sónia Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-199. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JADÃO, Paulo Bosco Rodrigues. **Marabá**: a história de uma parte da Amazonia, da gente que nela vivia e da gente que desbravou e dominou, fazendo-a emergir para a civilização. De 1892 até os nossos dias. Marabá, 1984.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. **O coronelismo**: uma política de compromissos. São Paulo: Brasiliense, 1992.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

KOTSCHO, Ricardo. **O massacre dos posseiros**: conflito de terras no Araguaia-Tocantins. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

KOTSCHO, Ricardo. **Serra Pelada**: uma ferida aberta na selva. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LAMBERT, Jacques. **Os dois Brasis**. 12. ed. São Paulo: Brasiliana, 1984.

LEAL, Nunes Victor. **Coronelismo, enxada e voto**: o munícipio e o regime representativo no Brasil. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LIMA, Herman. **Garimpos**. 5. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1977.

LIMA, Herman. **Negro d'Água**: mitos e lendas do Tocantins. Gurupi: Cometa. 2003.

LIMA, Moura. **Chão das carabinas**: coronéis, peões e boiadas. Gurupi: Cometa, 2002.

LIMA, Moura. **Serra dos pilões**: jagunços e tropeiros - romance nos sertões do Jalapão. 4. ed. Gurupi: Cometa, 2011.

LIMA, Moura. **Veredão**. Gurupi: Cometa. 2012.

LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Iuoperj, 1998.

MARANHÃO, Othon. **Setentrião goiano**. 2. ed. Pedro Afonso: Centro Gráfico do Senado Federal, 1990.

MENDES, Adriano Caçula. **Aboio no sertão paraibano**: um canto no trabalho, um trabalho no canto. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

MOREIRA FILHO, Juarez. **À sombra do ipê**. Goiânia: Bandeirante, 2011.

MOREIRA FILHO, Juarez. **Cristal de rocha**: pelos garimpos de Dueré. Goiânia: Pé de Letra, 2020.

MOREIRA FILHO, Juarez. **Infância e travessuras de um sertanejo**. 2. ed. Goiânia: Bandeirante, 2009.

MOREIRA FILHO, Juarez. **Mangaratiba**: peões, boiadas, tropas & bruacas. Goiânia: Cartográfica, 1994.

MOREIRA FILHO, Juarez. **Patronos da Academia Tocantinense de Letras**. Goiânia: Bandeirante, 2006.

MOREIRA FILHO, Juarez. **Perfil da Academia Tocantinense de Letras**. Goiânia: Bandeirante, 2005.

MOREIRA FILHO, Juarez. **Oco do mundo**. 3. ed. Goiânia: Bandeirante, 2010.

MOREIRA FILHO, Juarez. **Rancho Alegre**. 3. ed. Goiânia: Memórias, 2012.

MOREIRA FILHO, Juarez. **Risos & lágrimas**. Goiânia: Bandeirante, 2004.

MOREIRA FILHO, Juarez. **Tipos de rua**: **13 contos**. 3. ed. Goiânia: Bandeirante, 2011.

MOREIRA FILHO, Juarez. **Tipos pitorescos**: folclore político. 2. ed. Goiânia: Bandeirante, 2013.

MOREIRA FILHO, Juarez. **Tipos populares**: 13 contos. Goiânia: Pé de Letras, 2017.

MORSE, Antônio de Pádua. **Minha vida nos garimpos**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

NEIVA, Artur; PENA, Belisário. **Viagem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás**. 2. ed. Edição fac-similar. Brasília: Senado Federal, 1999.

NUNES, Luzia Bezerra. **Jalapão Rio Sono** – Lizarda. 1ª Ed. Goiânia. Editora: Sem Editora. 2014.

OLIVEIRA, Nilton Marques de. **Desenvolvimento regional e territorial do Tocantins**. Palmas: Universidade Federal do Tocantins, 2019.

PALACÍN, Luís Gomez. **Coronelismo no extremo norte de Goiás**. São Paulo: Loyola, 1990.

PALMÉRIO, Mário. **Vila dos Confins**. 3. ed. São Paulo: José Olympio, 1957.

PATERNOSTRO, Júlio. **Viagem do Tocantins**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In*: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-56.

PEREGRINO, Umberto. **Imagens do Tocantins e da Amazônia**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1942.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura: uma velha-nova história. *In*: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz (org.). **História & literatura**: identidades e fronteiras. Uberlândia: Edufu, 2006. p. 11-25.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O cotidiano da república**: elite e povo na virada do século. 3. ed. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma outra cidade**: o mundo dos excluídos no final do século XIX. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano. Rio Porto Alegre: UFRGS, 1999.

PRADO JÚNIOR, Caio. **A revolução brasileira**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O mandonismo local na vida política brasileira:** da Colônia à Primeira República - Ensaio de Sociologia Política. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros. 1969.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. São Paulo: Ática, 2012.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, Hugo de Carvalho. **Tropas e boiadas**. 22. ed. Goiânia: Cultura Goiânia, 1984.

RANGEL, Alberto. **O inferno verde**. 2. ed. São Paulo: Typographia Arrault & Cia, 1920.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RIBEIRO, Luís Sabóia. **Caçadores de diamantes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Melso, 1959.

ROCHA, Hélio. **Tu és Pedro**: uma biografia de Pedro Ludovico Texeira. Goiânia: Kelps, 2016.

RODRIGUES, Lysias Augusto. **O rio dos Tocantins**. 2. ed. Palmas: Alexandre Acampora, 2001.

RODRIGUES, Lysias Augusto. **Roteiro do Tocantins**. 3. ed. Rio de Janeiro: Revista Aeronáutica, 1987.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. São Paulo: Nova Fronteira, 2017.

SALES, Herberto **Cascalho**. 4. ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

SANTOS, Amilcar Salgado dos. **Nos sertões do Araguaia**: índios de Goiás e outras notas sobre a terra goiana. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1940.

SCHUMANN, Walter. **Gemas do mundo**. Tradução: Rui Ribeiro Franco; Mário Del. Rey. 3. ed. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1985.

SCHMIDT, Carlos Borges. **O pão da terra**. 1ª Ed. Editora: P. M. S. P. São Paulo. 1959.

SERRA, Astolfo. **A Balaiada**. Rio de Janeiro: Bedeschi, 1946.

SILVA, Hermano Ribeiro da. **Garimpos do Mato Grosso**: viagens ao Sul do Estado e o lendário Rio das Garças. Rio de Janeiro: Saraiva, 1954.

SILVA, Hermano Ribeiro da. **Nos sertões do Araguaia**. Rio de Janeiro: Saraiva, 1948.

SILVA, Hiram Reis. **Desafiando o rio-mar**: descendo o Solimões. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

SILVA, Ignacio Xavier da. **O crime do coronel Leitão**: sedição na comarca de Bôa Vista do Tocantins, do Estado de Goiaz (1892-1895). Goiânia: Oficina Gráfica Popular, 1935.

SILVA, Otávio Barros da. **A nova história do Tocantins**. Palmas: Didática: 2008.

SILVA, Otávio Barros e. **Breve história do Tocantins e de sua gente**: uma luta secular. 2. ed. Brasília: Solo Editores, 1997.

SILVA, Raylinn Barros da. **Os orionitas no extremo norte de Goiás**: fé, amor & intrigas. Curitiba: CRV, 2021.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Oeste**: ensaios sobre a grande propriedade pastoral. Rio de Janeiro: Graphia, 1990.

WOODWARD, Katlyn. Identidade e diferença: uma introdução teórica conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.

SOUSA FILHO, Eduardo Henrique de. **As reminiscências de um juiz (Porto Nacional - Natividade - Tocantins)**. Goiânia, 1980.

SOUZA, Candice Vidal. 1997. **A pátria geográfica**: sertão e litoral no pensamento social brasileiro. Goiânia: Editora UFG, 1997.

STEDILE, João Pedro. **A questão agrária no Brasil**: o debate na esquerda. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre cultura popular tradicional. Tradução: Rosaura Eichenberg. 12. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2011.

TOCANTINS, Leandro. **Amazônia**: natureza, homem e tempo – uma planificação ecológica. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

TONINI, Quinto. **Dom Orione**: entre diamantes e cristais - cenas vividas pelos missionários de Dom Orione nas matas do norte de Goiás-Brasil. Tradução: Terezinha de J. Nóbrega Foli. Fortaleza: Expressão Gráfica, 1959.

TOURNIER, Reginaldo **Lá longe, no Araguaia**. Tradução: Soares de Azevedo. Prelazia Dominicana de Conceição do Araguaia, 1942.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Teses, dissertações e trabalhos acadêmicos

CHULES, Juliana Sousa Ferreira. **O mineral que ganhou a guerra**: a exploração de cristal de rocha na cidade de Cristalina (GO). Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

CORMINEIRO, Olivia Macedo Miranda. **Trilhas, veredas e ribeiras**: os modos de viver dos sertanejos pobres nos vales dos rios Araguaia e Tocantins (séculos XIX e XX). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

FAVORO, Tereza Cristina Pires. **O governo Mauro Borges (1961-1964)**: o planejamento tecnocrático e os limites do personalismo populista. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

LUNCKES, Mariseti Cristina Soares. **A 4ª Companhia Isolada de Pedro Afonso e o cotidiano dos policiais militares**: um projeto de policiamento e "ordem" para os sertões do antigo norte goiano (1930-1964). Tese (Doutorado em História Social) − Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MACHADO, Rafaella Miranda. **Autoatenção de raizeiros e raizeiras no sertão pernambucano**: uma observação participante do encontro de saberes da Caatinga. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Saúde Pública) - Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2022.

MEDEIROS, Euclides Antunes de. **Encontros de sangue**: cultura da violência na região dos Vales dos Rios Araguaia e Tocantins 1830/1930. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

RIMUALDO, Brendon Husley. **As representações literárias do sertão garimpeiro e sua geograficidade no antigo norte goiano (1940-1940) nas obras Oco do Mundo, Tipos de Rua e Tipos populares, de Juarez Moreira Filho**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território) - Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2021.

ROGÉRIO JÚNIOR, Teodório **O cotidiano do garimpo de diamantes no sul do Piauí - Brasi (1940 - 1970)**: migração, relações sociais de produção, política e gêneros nos municípios de Gilbués e Monte Alegre. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

SANTOS, Juscelino Laurindo dos. **As filhas das palmeiras do coco babaçu**: memórias e resistências nos modos de vida de quebradeiras de coco de São Miguel do Tocantins (TO). Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2021.

SILVA, Maria Aparecida Daniel da. **Terra "sem lei, nem rei"**: Goiás (1922-1850). Dissertação (Mestrado em História) − Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2000.

SILVA, Moisés Pereira da. **O trabalho escravo contemporâneo e a atuação da CPT no campo (1970-1995)**. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

Artigos

AGUSTINI, Carmén Lúcia Hernandes. Dobras interdiscursivas: o movimento do sujeito na construção enunciativa dos sentidos. **Sínteses**, Campinas, v. 5, p. 9-17, 2000.

ALVES, Denise de Fátima Lessa. A jagunçagem em algumas obras regionslistas. **Versalete**, Curitiba, v. 9, n. 16, p. 115-132, 2021.

AMADO, Janaína. Região, sertão e nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 145-151, 1995.

BERNARDES, Carmo. (1995). O gado e as larguezas dos Gerais. Estudos Avançados, 9(23), 33-58. https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8846

CARVALHO, Francisquinha Laranjeira; CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. Rio Araguaia: o caminho dos sertões. **História revista**, v. 14, n. 2, p. 1-17, 2009.

CHIAPPINI. Ligia. Literatura e história: notas sobre as relações entre os estudos literários e os estudos historiográficos. **Literatura e Sociedade**, v. 5, n. 5, p. 18-28, 2000.

FUNDAÇÃO MÉDICO-CULTURAL DE GASTROENTEROLOGIA E NUTRIÇÃO DE SÃO PAULO. **Curso de Nutrição – 1999**. Disponível em: <http://www.fugesp.org.br/nutricao_e_saude_conteudo.asp?id_publicacao=3&edicao_numero=2&menu_ordem=5>. Acesso em: 22 jun. 2024.

GARRONE NETO, Domingos; HADDAD JUNIOR, Vital. Arraias em rios da região Sudeste do Brasil: locais de ocorrência e impactos sobre a população. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 43, n. 1, p. 82-88, 2010.

MARTINS. Mário Ribeiro. O crime do coronel Leitão. **Usina de Letras**, 14 abr. 2005. Disponível em: <https://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=35964&cat=Artigos&vinda=S>. Acesso em: 15 maio 2024.

MENEZES, Marcos Antonio de. O poeta Baudelaire e a cidade de Paris. **Coletâneas do Nosso Tempo**, Rondonópolis, v. 7, n. 8, p. 113-128, 2008.

MEDEIROS, E. A. D. (2013). Guerrilha do Araguaia: memórias à margem da historia. Outros Tempos: **Pesquisa Em Foco** - História, 10(16). https://doi.org/10.18817/ot.v10i16.289

PAULA, Reverson Nascimento; GOMES, Maria Adaiza Lima. Possibilidades no fazer historiográfico: memorialistas e periódicos na pesquisa das classes abastadas fortalezenses da década de 40. *In*: II ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, MEMÓRIA, CULTURAS E ORALIDADE, 2. 2014, Fortaleza. Disponível em: <https://www.uece.br/anais/trabalhos_completos>. Acesso em: 18 jul.2024.

SANTOS, Manoel Antônio dos; LIMA-SANTOS, André Villela de Souza; ARAÚJO, Jeferson Santos; OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de. Construção das masculinidades rurais em Grande sertão: veredas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 31, n. 1, p. 1-2, 2023.

SENA, Custódia Selma. A categoria sertão: um exercício de imaginação antropológica. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 19-28, 1998.

SILVA, Keila Ferreira Cardoso Costa. A arte da sússia: a criança no processo de fortalecimento e preservação de uma tradição. **Humanidades e Inovação**, v. 5, n. 7, p. 250-254, 2018.

SILVA, Sandro Dutra e; BANDEIRA, Aurea Marchetti; TAVARES, Giovana Galvão; MURARI, Luciana. O cerrado goiano na literatura de Bernardo Élis sob o olhar da história ambiental. **História, Ciências, Saúde**, v. 24, n.1, p. 93-110, 2017.

SOARES, Eliane Veras**. Literatura e estruturas de sentimento**: fluxos entre Brasil e África. **Sociedade e Estado**, v. 26, n. 2, p. 95-112, 2012.

SOUSA, Ferdinando de. **Os seringueiros da Amazônia, ou seguindo o canto das sereias** [13 set. 2019]. Disponível em: <ferdinandodesousa.com/2019/09/13/os-seringueiros-da-amazonia-ou-seguindo-o-canto-das-sereia>. Acesso em: 06 dez. 2024.

TAVARES, Francisco Edval Leite *et al*. **Plantas de uso medicinal no alto sertão paraibano**: uma visão dos raizeiros. CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA. 60. Feira de Santana, 2009. Disponível em: <https://dtihost.sfo2.digitaloceanspaces.com/sbotanicab/60CNBot/ResumoSimples2009_1011_02.pdf>. Acesso em: 13 maio 2024.

Periódicos

Jornais consultados na Hemeroteca Digital do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG)

Folha de Goiaz, edições de 1943, 1944,1945, 1947 e 1948

Lavoura e Commercio, edição de 1944

Outras fontes

NO TOCANTINS, 83 em cada 100 crianças e adolescentes vivem na pobreza, alerta Unicef. **AF Notícias**, 14 fev. 2023. Disponível em: <https://afnoticias.com.br/estado/no-tocantins-83-em-cada-100-criancas-e-adolescentes-vivem-na-pobreza-alerta-unicef >. Acesso em: 12 dez. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades e estados**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/go.html>. Aceso em: 12 jan. 2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (Unicamp). Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação. **Tabela brasileira de composição de alimentos**. 4. ed. ampliada e revisada Campinas: Unicamp, 2011.